



**DOUTORADO MULTI-INSTITUCIONAL E MULTIDISCIPLINAR EM DIFUSÃO
DO CONHECIMENTO**

**LINHA DE PESQUISA 2: DIFUSÃO DO CONHECIMENTO: Informação,
Comunicação e Gestão**

ÁLVARO PINTO DANTAS DE CARVALHO JÚNIOR

**MUSEU VIRTUAL EM FOTO E VÍDEO DA VILA DE ITAPICURU, FAZENDA
ENGENHO CAMUCIATÁ E POVADO DO MANCO, COM UMA ABORDAGEM
SOCIOCONSTRUTIVISA ORIENTADA PARA À PRÁTICA DO TURISMO DE
BASE COMUNITÁRIA.**

Salvador-Bahia

2023

ÁLVARO PINTO DANTAS DE CARVALHO JÚNIOR

MUSEU VIRTUAL EM FOTO E VÍDEO DA VILA DE ITAPICURU, FAZENDA ENGENHO CAMUCIATÁ E POVADO DO MANCO, COM UMA ABORDAGEM SOCIOCONSTRUTIVISA ORIENTADA PARA À PRÁTICA DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Difusão Social do Conhecimento.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Eurico Rodrigues Matta.
Coorientadora: Prof.^a Dra. Francisca de Paula Santos da Silva

Salvador - Bahia
Fevereiro de 2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Carvalho Júnior, Álvaro Pinto Dantas de.

Museu virtual em foto e vídeo da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciatá e Povoado do Manco, com uma abordagem socioconstrutivista orientada para a prática do turismo de base comunitária / Álvaro Pinto Dantas de Carvalho Júnior. – Salvador, 2023.

539 f.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Eurico Rodrigues Matta.

Coorientador: Prof.^a Dra Francisca de Paula Santos da Silva

Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, 2023.

1. Itapicuru (BA) - História - Séc. XVIII-XX. 2. Cidades e vilas - Bahia. 3. Cultura e turismo. 4. Memória coletiva. I. Título. II. Matta, Alfredo Eurico Rodrigues. III. Silva, Francisca de Paula Santos da IV. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação.

CDD 981.42



Universidade Federal da Bahia

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIFUSÃO DO
CONHECIMENTO (DMMDC)

ATA Nº 61

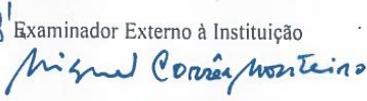
Atada sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIFUSÃO DO CONHECIMENTO (DMMDC), realizada em 23/02/2023 para procedimento de defesa da Tese de DOUTORADO EM DIFUSÃO DO CONHECIMENTO No. 61, área de concentração MODELAGEM DA GERAÇÃO EM DIFUSÃO DO CONHECIMENTO - DIFUSÃO DO CONHECIMENTO: INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E GESTÃO, do(a) candidato(a) ALVARO PINTO DANTAS DE C JUNIOR, de matrícula 216123008, intitulada Museu Virtual da Vila de Itapicurú, Fazenda Engenho Camuciá e Povoado do Manco. Às 14:00 do citado dia, Fazenda Camuciá - Itapicurú, Bahia, foi aberta a sessão pelo(a) presidente da banca examinadora Prof. Dr. ALFREDO EURICO RODRIGUES MATTA que apresentou os outros membros da banca: Prof.ª Dra. FRANCISCA DE PAULA SANTOS DA SILVA, Prof.ª Dra. URANIA AUXILIADORA SANTOS MAIA DE OLIVEIRA, Prof. Dr. DANTE AUGUSTO GALEFFI, Prof. Dr. LUIS PAULO ALMEIDA NEIVA, Prof. Dr. MIGUEL MARIA SANTOS CORREIA MONTEIRO e Prof.ª Dra. MANUELA ROSA COELHO MENDONÇA DE MATOS FERNANDES. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo(a) presidente que passou a palavra ao(à) examinado(a) para apresentação do trabalho de Doutorado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo candidato, tendo a banca examinadora aprovado o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo(a) presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.


Dr. LUIS PAULO ALMEIDA NEIVA, UNEB

Examinador Externo à Instituição


Dr. MIGUEL MARIA SANTOS CORREIA MONTEIRO

Examinador Externo à Instituição


Dra. MANUELA ROSA COELHO MENDONÇA DE MATOS FERNANDES

Examinadora Externa à Instituição


Dra. URANIA AUXILIADORA SANTOS MAIA DE OLIVEIRA, UFBA

Examinadora Interna



Universidade Federal da Bahia

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIFUSÃO DO
CONHECIMENTO (DMMDC)

Dante Augusto Galeffi
Dr. DANTE AUGUSTO GALEFFI, UFBA

Examinador Interno

Paula S. Silva
Dra. FRANCISCA DE PAULA SANTOS DA SILVA

Coorientadora

Alfredo Eurico Rodrigues Matta
ALFREDO EURICO RODRIGUES MATTÁ, UNEB

Presidente

Alvaro Pinto Dantas de C. Junior
ALVARO PINTO DANTAS DE C JUNIOR

Doutorando(a)

AGRADECIMENTOS

Agradecer uma tese de doutorado não é uma tarefa fácil. Após quatro anos de intensa pesquisa e trabalho muitas pessoas colaboraram de uma forma direta ou indireta para que eu chegasse ao final. Corro o risco de cometer alguma injustiça, mas vou deixar ouvir a voz do coração e com gratidão tentar expressar o meu reconhecimento a todos pela presença durante essa caminhada. Em primeiro lugar a Deus, na pessoa de Jesus de Nazaré. Ele que melhor personificou o amor e a sabedoria divina me acompanhou em todos os momentos dessa trajetória, me dando força, coragem, paz e sabedoria para seguir adiante, mesmo em momentos de desafio que tive que enfrentar. A Jesus, meu reconhecimento, louvor e eterna gratidão. Graças a ele combati o bom combate!!

Agradeço a minha família, sem o apoio dela não teria finalizado este trabalho. A minha mãe Marlene, com o amor dispensado e seus cuidados e atenção de sempre me deu o suporte psicológico para ter força para seguir em frente. Ao meu pai Álvaro, uma palavra especial, pois grande parte da minha trajetória profissional me foi influenciado por ele. Desde criança acompanhei-o cuidando do sobrado do Camuciatá e dos documentos históricos da família. Através de seu amor e dedicação a preservação do patrimônio histórico o rico acervo da fazenda e engenho proveniente do século XVIII foi preservado. Essa convivência me inspirou a fazer o curso de História e chegar até a esse doutorado. Fico muito feliz por esse legado material, mas principalmente espiritual.

Aos meus avós Jesuína, Anibal Carmelita e Anfilófilo, no convívio com eles tive uma infância feliz nas fazendas Camuciatá e Pau Ferro. Também a eles agradeço as muitas histórias e “causos” que ouvi nas varandas das casas grandes sobre o tempo em que viveram no sobrado do Camuciatá. As prosas eram sempre muito boas e quase intermináveis parecendo com “longos serões do campo”. Muitas saudades do convívio com eles!!

Aos meus filhos Mariana, Leticia e Álvaro Neto, que na alegria e espontaneidade de crianças e da juventude renovam minhas energias e me motivam a seguir em frente. A eles, na varanda do Camuciatá, algum dia quero contar as histórias que ouvi dos meus pais, avós e moradores para que através da memória eles possam transmitir a meus descendentes.

Não posso deixar de agradecer a duas pessoas especiais: Alice Maria Catarino Ribeiro dos Santos e José Gabriel Calmon da Costa Pinto. A primeira, minha “dindinha” que no sentido cristão de ser madrinha foi uma segunda mãe, sempre dispensando carinho e atenção na minha vida pessoal e profissional. O segundo,

depois de meu pai foi outro grande inspirador da minha escolha profissional. Historiador e pesquisador do Arquivo Nacional me levaram a conhecer e pesquisar nas mais importantes instituições culturais do país. Além do mais, descendente que era de uma família aristocrática do Recôncavo baiano, me contou muito do cotidiano da vida nos antigos engenhos de açúcar.

A minha grande família, nas pessoas daqueles que convivi mais de perto, como meus tios avós Mariana, Adelaide, Antônio. No convívio no Camuciata ou em Salvador, além do carinho familiar ecoaram também as vozes dos meus antepassados através de suas memórias.

Ainda na minha grande família tenho muitos a agradecer, mas me detenho aos que ajudaram de forma mais direta na construção processual desse trabalho porque através de anos de convivência me foram transmitindo aos poucos tudo que sabiam através da memória e das vivências sobre a história de Itapicuru, do Camuciata e do Manco. Meus agradecimentos aos tios João Carlos, Angelina, Otávio, Maurício, Mercedinha, Joãozinho, Celeste Maria e Ana Adelaide, Nibinha, Clara, João Alfredo, Zelito e Sônia.

Ao primo José Augusto Tourinho Dantas Júnior (Guga), filho de tio Gute e tia Izabel, que com sua sensibilidade e consciência da importância da preservação do patrimônio material conseguiu o patrocínio, através do grupo Bemisa para a construção do Museu Virtual da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciata e Povoado do Manco e sua instalação na internet. Graças a ele o museu foi viabilizado.

Agradeço aos primos da família “Dantas” a quem chamo de “primalhada” por compreenderem a importância da preservação da história do sobrado do Camuciata e da região e se fazerem presentes nos eventos que organizo anualmente unindo a família e a comunidade do Manco (ex-moradores do Camuciata), no entorno da capela de Santo Antônio, mantendo vivo, dessa forma a vida nos antiga fazenda dos tempos coloniais. Nesse contexto, agradeço especialmente a Sergio Tourinho Dantas e a Flavia Garcia Rosa, o primeiro pelo apoio na luta pela preservação do patrimônio material, a segunda pela ajuda no desenvolvimento dessa tese, com indicações de profissionais para me ajudar a alcançar meus objetivos.

Ao amigo Celso Hiroshi Hayashi, proprietário da empresa “Ivento Geosoluções”, que fez as filmagens aéreas com drones dos principais ambientes que compuseram o museu virtual, a saber: a Vila Velha, Itapicuru, Serra Velha, Camuciata e povoado do Manco. Hiro, passou três dias na região e pessoalmente com sua equipe realizou o trabalho sem custos nenhum para o projeto do museu virtual.

Quero agradecer de forma muito especial ao amigo prof. José Nilton Carvalho Pereira. Ser humano que traduz na sua essência o verdadeiro sentido da palavra

“amigo”. Muito tem me ajudado na minha trajetória profissional com informações, indicações bibliográficas e documentos, mas sobretudo com sua solidariedade e coração generoso.

Agradeço também aos amigos Eduardo Morais de Castro e Rozendo Ferreira Neto que sempre apoiaram minhas iniciativas profissionais e foram parceiros importantes na construção do meu currículo.

Aos colegas historiadores Carlos Alberto Bahia Rodrigues e Luciana Martins. O primeiro colega e amigo de faculdade, nos começos da década de 1990, com quem a 30 anos converso sobre os desafios de nossa profissão. A segunda, colega da Universidade Católica a quem sempre tenho recorrido pedindo ajuda e colaboração.

Muitos colaboraram com desenvolvimento dessa tese. No final, quando precisei da colaboração para analisar o layout, acervo do museu e eficácia dentro da proposta de ser um instrumento de mediação quero destacar as participações de Osmar Barreto Borges, geógrafo e de Zenaide de Oliveira Novaes Carneiro, professora da Universidade Estadual de Feira de Santana e linguística. Ambos contribuíram exaustivamente e atenderam as minhas muitas solicitações no sentido de aperfeiçoar o museu virtual.

Ao professor Ubiratan Castro de Araújo (in memoriam), meu professor de graduação do curso de História da Universidade Federal da Bahia e meu orientador do mestrado na mesma instituição. Ele foi o primeiro docente que me despertou sobre a riqueza documental histórica que eu tinha em mãos e me incentivou a me tornar pesquisador realizando o mestrado a partir das cartas manuscritas do Barão de Jeremoabo.

A equipe técnica que participou da construção do museu virtual. O fotógrafo André Fernandes, da empresa “BocadosOlhos” e o webdesign Everton Paixão. O primeiro realizou as fotografias e filmagens do acervo do museu e o segundo montou a página na internet.

Aos colegas do grupo de pesquisa Sociedade em Rede e do doutorado. A todos muito obrigado pelo companheirismo e parceria na construção do museu virtual dando contribuições, fazendo críticas construtivas e sugestões para seu aperfeiçoamento.

Um agradecimento mais do que especial aos moradores da fazenda Camuciata e do povoado do Manco, os que já se foram para o plano espiritual e os que estão aqui: Sinha Joana Casussú, Sinha Naninha, Gaida, Mariquinha, João de Naninha, Ângelo, Agapito, Manelão, Vitalina, Marta, Badu, Dobe, Arnaldo, Jovem, Paulinho, Zé Castigo, compadre Zé Maria, comadre Isabel, comadre Marizete, Mário, Zé de Ângelo, Zé Santana, Roseno, Celso, Andira, Dea, Zé Marcos, Paulo Giovanni e Juarez. Alguns

desses conheci e conheço, outros são sujeitos do passado que moraram nas casas no entorno do sobrado do Camuciata e espalhados pelos pastos da propriedade que conheci através das lembranças de meus pais e avós e dos próprios moradores do Camuciata. Todos eles, através de suas histórias de vida, seus saberes e fazeres são coautores desse trabalho e sem eles nada poderia ter sido feito. A eles meu reconhecimento e minhas homenagens.

Aos professores doutores que fizeram parte da banca da defesa de minha tese: Dante Augusto Galeffi, Urânia Auxiliadora Santos Maia de Oliveira, Miguel Maria S. Côrrea Monteiro, Manoela Rosa Coelho Mendonça de Matos Fernandes, Luiz Paulo Almeida Neiva, pela disponibilidade, atenção e paciência em ler e examinar esse trabalho.

A minha coorientadora Profa. Dra. Francisca de Paula Santos da Silva, que em todo o processo de construção dessa tese sempre trouxe uma orientação segura, precisa e no momento certo. O convívio com ela e o exemplo de sua postura acadêmica e profissional são também motivos de minha gratidão.

Finalizando expresso o meu profundo agradecimento ao meu orientador, o prof. dr. Alfredo Eurico Rodrigues Matta. Do começo ao término dessa tese lhe sou grato. Primeiro pelo incentivo de realizar, em seguida, durante a caminhada, pela presença profissional do orientador competente e seguro, mas sobretudo pela amizade que compartilhou, que aproximou, que me deu autonomia para construir e criar em parceria e de forma coletiva esse trabalho que não é meu, mas como o prof. Alfredo sempre pontuou é de todos os sujeitos históricos que participaram de sua construção. Minha gratidão por me apresentar essa forma de pesquisar e escrever a História.

CARVALHO JÚNIOR, Alvaro Pinto Dantas de. *Museu virtual em foto e vídeo da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciatá e Povoado do Manco, com uma abordagem socioconstrutivista orientada para à prática do Turismo de Base Comunitária*. 452f. il. 2023. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

RESUMO

A tese intitulada Museu Virtual em foto e vídeo da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciatá e Povoado do Manco, com uma abordagem socioconstrutivista orientada para a prática do turismo base comunitária teve como objetivo desenvolver uma solução mediadora dialógica através da contextualização histórica dos territórios que foram selecionados para esse estudo e das práxis concretas da vida dos grupos e sujeitos históricos de ontem e de hoje inseridos na região. A partir do complexo epistemológico do socio construtivismo outros princípios foram utilizados e formaram a base teórica dessa tese e do museu virtual que traz em si o dialogismo e a polifonia e a perspectiva de autonomia dos sujeitos. Fez parte também do escopo desse trabalho construir o conhecimento, em especial, do povoado do Manco, tendo como referência os pressupostos da história pública integrado à proposta de mobilização do turismo de base comunitária. Trata-se de uma pesquisa que agrega a) o engajamento e colaboração dos sujeitos envolvidos em todas as etapas do trabalho; b) o reconhecimento da memória coletiva na busca das interconexões entre o passado e o presente resultando em elaboração de interpretação própria do contexto trabalhado; c) valorização dos saberes locais e seu compartilhamento; d) tecnologia da informação e comunicação, através do desenvolvimento de um museu virtual que se torna um elemento mediador do conhecimento. A metodologia utilizada foi o Design Based Reseach – DBR, que tem como características priorizar os sujeitos históricos como colaboradores essenciais para a compreensão e resolução dos problemas sociais, unir pesquisador e participantes do contexto histórico estudado, direcionar a pesquisa para as ações concretas da práxis humana. Os resultados socializados, como o contexto produzido em coautoria, os quadros das peças de acervo, o projeto museográfico e o design cognitivo, a construção do museu virtual e a análise e validação dos ciclos de aplicação, respaldam a tese apresentada de que o museu virtual em foto e vídeo, baseado na abordagem socioconstrutivista e focado na busca por soluções práticas cuja pesquisa aplicada procura apresentar no decorrer do processo de construção e análise, contribui para construir, difundir e mediar o conhecimento entre públicos diversos com uma proposta colaborativa e coletiva envolvendo todos os membros da comunidade.

Palavras-chave: Camuciatá, povoado do Manco, Museu Virtual, Socioconstrutivismo, História Pública, Turismo de Base Comutária.

CARVALHO JUNIOR, Alvaro Pinto Dantas de. *Virtual museum in photo and video of Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciatá and Povoado do Manco, with a socio-constructivist approach oriented towards the practice of Community Based Tourism*. 452f. il. 2023. Thesis (Doctorate) – Faculty of Education, Federal University of Bahia, Salvador, 2023.

ABSTRACT

The thesis entitled Virtual Museum in photo and video of Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciatá and Povoado do Manco, with a socio-constructivist approach oriented towards the practice of Community Based Tourism, aimed to develop a dialogic mediating solution through the historical contextualization of the territories that were selected for this study and the concrete praxis of the life of historical groups and subjects from yesterday and today inserted in the region. From the epistemological complex of socio-constructivism, other principles were used and formed the theoretical basis of this thesis and of the virtual museum that brings dialogism and polyphony and the perspective of autonomy of the subjects. It was also part of the scope of this work to build knowledge, in particular, of the village of Manco, having as a reference the assumptions of public history integrated into the proposal for mobilization of Community Based Tourism. It is a research that aggregates a) the engagement and collaboration of the subjects involved in all stages of the work; b) the acknowledgment of collective memory in the search for interconnections between the past and the present, resulting in the elaboration of a proper interpretation of the worked context; c) valorization of local knowledge and its sharing; d) information and communication technology, through the development of a virtual museum that becomes a mediating element of knowledge. The methodology used was the Design Based Research - DBR, which has the characteristics of prioritizing historical subjects as essential collaborators for the understanding and resolution of social problems, uniting researchers, and participants in the studied historical context, directing research towards concrete actions of human praxis. The socialized results, such as the context produced in co-authorship, the pictures of the collection pieces, the museography project and the cognitive design, the construction of the virtual museum and the analysis and validation of the application cycles, support the presented thesis that the virtual museum in photo and video, based on the socio-constructivist approach and focused on the search for practical solutions whose applied research seeks to present during the construction and analysis process, contributes to building, disseminating and mediating knowledge among diverse audiences with a collaborative and collective proposal involving all the community members.

Keywords: Camuciatá, Manco village, Virtual Museum, Socioconstructivism, Public History, Community Based Tourism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura	1	Capela do convento dos franciscanos e igreja de Itapicuru.....	42
Figura	2	Mapa da trilha da Estrada do Barão.....	73
Figura	3	Imagem do caminho romano de Braga a Tui e da Estrada do Barão.....	74
Figura	4	Mapa localizando Itapicuru no estado da Bahia.....	80
Figura	5	Mapa do reino dos Visigodos na península Ibérica.....	85
Figura	6	Curral de madeira de candeia do engenho Juá. Itapicuru-Ba.....	89
Figura	7	Carro de boi e carreiro.....	90
Figura	8	Mapa situando a Casa da Torre e suas fazendas no entorno do rio Itapicuru, onde localizava-se o Camuciata-século XVII.....	91
Figura	9	Objetos de couro do acervo do sobrado do Camuciata. Itapicuru-Bahia.....	92
Figura	10	Vaqueiros conduzindo o gado na fazenda Camuciata.....	93
Figura	11	Vaqueiros encourados em frente ao engenho Camuciata.....	95
Figura	12	Engenho de açúcar do Camuciata -1940.....	98
Figura	13	Mapa da província do Minho onde está situada a aldeia de Antas, em Portugal.....	101
Figura	14	Paço dos Dantas, no Conselho de Paredes de Coura na aldeia de Antas, Portugal.....	102
Figura	15	Mapa de localização das sesmarias de Francisco Gonçalves Leite e Baltazar dos Reis Porto.....	103
Figura	16	Coronel João Dantas dos Reis, pai do Barão de Jeremoabo -1869.....	105
Figura	17	João da Costa Pinto Dantas com seus filhos Artur e Anibal a cavalo-1939.....	106
Figura	18	Políticos, fazendeiros e coronéis em frente ao sobrado do	

		Camuciatá -1900.....	107
Figura	19	Os Dantas a cavalo pelas estradas do sertão da Bahia - 1900.....	109
Figura	20	Barão e baronesa de Jeremoabo com seus filhos.....	109
Figura	21	Sobrado do engenho Camuciatá (Itapicuru-Ba).....	111
Figura	22	Capela do sobrado do engenho Camuciatá.....	114
Figura	23	Salão de banquetes do sobrado do engenho Camuciatá.....	115
Figura	24	Vinho do batizado do filho caçula do barão de Jeremoabo (1874) e vinho “Barão de Jeremoabo” (2014).....	116
Figura	25	Salão de festas do sobrado do engenho Camuciatá.....	117
Figura	26	Escada social do sobrado do engenho Camuciatá.....	117
Figura	27	Escada de uso doméstico do sobrado do engenho Camuciatá.....	118
Figura	28	Cabideiro em madeira e espelho com chapéus, bengalas e outros objetos de couro.....	120
Figura	29	Sala da cachaça.....	121
Figura	30	Mesa de trabalho do barão de Jeremoabo, no seu escritório.....	122
Figura	31	Estantes de jacarandá com livros da biblioteca do Barão de Jeremoabo.....	123
Figura	32	Galos e galinhas ciscando no terreiro de uma casa do povoado do Manco.....	126
Figura	33	Carne e costela sendo assadas na brasa no fogo no chão.....	126
Figura	34	Doceira Adelina fazendo doce de goiaba em tacho de cobre com colher de pau.....	128
Figura	35	Umbuzeiro centenário no chamado pasto dos Umbuzeiros.....	131
Figura	36	Licurizeiro, palmeira nativa do bioma caatinga.....	132
Figura	37	Canavial plantado no brejo.....	133
Figura	38	Trabalhadores limpando uma plantação de milho e feijão.....	134

Figura	39	Pé de mandioca.....	135
Figura	40	Jurubeba, planta típica do agreste e sertão da Bahia.....	136
Figura	41	Galinhas comendo miolo de coco.....	137
Figura	42	Senhoras pescando de aiol na aguada do Camuciatá....	138
Figura	43	Rio Itapicuru visto do pasto do Camuciatá.....	139
Figura	44	Casa de Baixo, vizinha ao jardim do sobrado, onde os vaqueiros se hospedavam.....	142
Figura	45	Antiga senzala do Camuciatá.....	142
Figura	46	Alicerce e ruínas do engenho Camuciatá.....	143
Figura	47	Cobocó, canal de pedra que escoava água do engenho.....	143
Figura	48	Rapadura feita nos engenhos e engenhocas.....	144
Figura	49	Levada conduzindo as águas do riacho Camuciatá.....	145
Figura	50	Quixabeira, árvore da beira do rio do Camuciatá.....	146
Figura	51	Mandacaru.....	147
Figura	52	Juazeiro.....	147
Figura	53	Barriguda, planta típica do agreste e sertão da Bahia....	148
Figura	54	João Ângelo de Souza (Bisuga), produtor de mel do povoado do Manco.....	149
Figura	55	José Claro da Gama (Zé Grilo), sentado na porta da casa de farinha, no povoado do Manco.....	150
Figura	56	Casa construída com adobo.....	151
Figura	57	Telha de barro fabricada na olaria do Camuciatá.....	151
Figura	58	Cômodo de uma casa de taipa no povoado do Manco....	153
Figura	59	Ex-moradores do Camuciatá reunidos para trabalhar em mutirão na casa de farinha.....	153
Figura	60	Casa de farinha do povoado do Manco.....	154
Figura	61	Banco de madeira de peça única usado nos alpendres das casas do Camuciatá e Manco.....	155
Figura	62	Artesã Marizete Santos Batista tecendo uma rede de Crauá.....	156
Figura	63	Oratório de madeira.....	158
Figura	64	Fogão a lenha.....	158

Figura	65	Pote de barro.....	159
Figura	66	Tigelas e pratos de barro.....	160
Figura	67	Mochila de aiol para transportar mantimentos.....	160
Figura	68	Pilão de madeira para torrar café.....	161
Figura	69	Trabalhadores da roça assando carne embaixo de um juazeiro.....	163
Figura	70	Aio de pescaria pendurados na cerca.....	163
Figura	71	Galinhas de Angola no pasto.....	164
Figura	72	Fifós usados para iluminar as casas dos moradores da região.....	166
Figura	73	Mulheres lavando roupa no riacho do Camuciatá.....	167
Figura	74	Carro de boi na estrada do povoado do Manco.....	168
Figura	75	Adelson Bento Batista, aboiador e repentista.....	169
Figura	76	Parelhas de boi castanhos atrelados com cangas.....	170
Figura	77	Carros de boi ao lado do engenho de açúcar.....	171
Figura	78	Carreiro conduzindo o carro de boi.....	173
Figura	79	Trabalhadores rurais arando a terra puxado por um burro.....	174
Figura	80	Chapéu de couro.....	175
Figura	81	Bornal de couro.....	176
Figura	82	Roça de milho e feijão.....	178
Figura	83	Trabalhadores na roça embaixo de um juazeiro assando carne seca para almoçar.....	178
Figura	84	Pé de mandioca plantada na roça.....	179
Figura	85	Paisagem do Camuciatá com nuvens carregadas de água.....	180
Figura	86	Marizete Santos Batista, fazendo rede em tear manual.....	181
Figura	87	Zabumbeiros tocando na varanda da fazenda Santana do Camuciatá.....	182

Figura	88	Fogueira de São João acessa em frente ao sobrado e das casas dos moradores.....	184
Figura	89	Moradores do povoado do Manco descendentes dos moradores do Camuciatá.....	187
Figura	90	Senhora Madalena Bento Batista (Mãe Nena) rezando sua trineta contra mau olhado.....	189
Figura	91	Cemitério da fazenda engenho Camuciatá.....	190
Figura	92	Senhora Madalena Bento Batista (mãe Nena) parteira do Camuciatá e povoado do Manco.....	192
Figura	93	Escrava Martinha, ama de leite.....	191
Figura	94	Artur da Costa Pinto Dantas, neto do barão, carregando o andor de Nossa Senhora de Nazaré de Itapicuru de Cima.....	194
Figura	95	Senhor tocando pandeiro em samba de roda.....	195
Figura	96	Samba de roda acompanhado da zabumba e do pandeiro.....	196
Figura	97	Instrumentos musicais tocados na casa de santo da ialorixá Durvalina.....	198
Figura	98	Casa Grande da fazenda engenho Pau Ferro.....	204
Figura	99	Povoado do Manco.....	204
Figura	100	Joaquim Borges de Santana e Francisca Dantas dos Reis com filhos e netos.....	206
Figura Claro	101	Roça típica do povoado do Manco pertencente a José da Gama (Zé Grilo).....	209
Figura	102	Senhoras pegando água no riacho com pote de barro....	210
Figura	103	Cisterna de água.....	211
Figura	104	Trabalhadores rurais na roça.....	211
Figura	105	Profa. Arlete Souza Silva com sua família na porta de sua casa.....	212
Figura	106	Antônio Rozeno Bento Batista, morador do povoado do Manco.....	212

Figura	107	José Santana, ex-morador do Camuciatá, contador de histórias de Trancoso.....	213
Figura	108	Senhora Marizete Santos Batista com a matéria prima de fazer a rede de crauá.....	214
Figura	109	Casa de morador do povoado do Manco.....	216
Figura	110	Casa típica do povoado do manco com uma porta e uma Janela.....	216
Figura	111	Casa do povoado do Manco, uma das primeiras que foram construídas.....	216
Figura	112	Rua do povoado do Manco com roças e casas no entorno.....	217
Figura	113	Carlos Augusto de Jesus Souza (Cacá) montado em um burro embaixo de um cajueiro.....	220
Figura	114	Tacho de cobre sobre lenha para fabricar doce de Goiaba.....	221
Figura	115	Sacos de farinha, feijão e milho sendo comercializados na feira de Itapicuru.....	224
Figura	116	Fachada da Casa de Farinha no povoado do Manco.....	226
Figura	117	Vassoura de Velandinho.....	227
Quadro	01	Design cognitivo e projeto museográfico do Museu Virtual da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciatá e Povoado do Manco.....	278
Figura	118	Câmara Canon 6D Mark II.....	288
Figura	119	Drone do tipo multirrotor modelo quadcopter.....	290
Figura	120	Interface do software de planejamento de voo, Q Ground Control.....	291
Figura	121	Drone Multirrotor modelo Quantom Spider 700 em operação de campo.....	295
Figura	122	Câmera embarcada no RPA.....	296
Figura	123	Geotag utilizando o software Mission Planner.....	297
Figura	124	Extração automática da nuvem de pontos do Sobrado do Camuciatá.....	298
Figura	125	Modelagem 3D- Casa do Barão de Jeremoabo.....	300

Figura	126	Quality Report pós processamento de dados no software Pix 4D.....	300
Figura	127	Mapa cognitivo das características do método DBR.....	308
Quadro	02	Categorias de análise de pesquisa.....	312
Figura	128	Mostra de etapas do instrumento de avaliação/validação “Dialogue com o Museu”	324
Figura	129	Instrumento de Avaliação/ Validação “Contato-colabore: Deixe-nos uma mensagem”	341
Figura	130	Modelo de ficha do servidor próprio criado para coletar dados da participação do visitante.....	342
Quadro	03	Indicadores de análise das ações do Museu Virtual da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciatá, Povoado do Manco (MVICM).....	344
Gráfico	01	Perfil dos visitantes do MVICM-profissões que exercem.	351
Gráfico	02	Perfil dos visitantes do MVICM-faixa etária dos visitantes.....	353
Gráfico	03	Problemas de usabilidade no MVICM.....	357
Gráfico	04	Sugestões para a qualidade na representação digital do MVICM.....	360
Figura	131	Layout 01 do site do MVICM pelo celular.....	384
Figura	132	Layout 02 do site do MVICM pelo celular.....	384
Figura	133	Mudança na usabilidade do MVICM – Inserção do tutorial – 1ª versão – sem tutoria.....	385
Figura	134	Mudança na usabilidade do MVICM – Inserção do tutorial – 2ª versão – com tutorial.....	386
Figura	135	Mudanças para melhorar a qualidade da representação digital do MVICM – Inserção de mapas: primeira versão - cenário sem mapas.....	387
Figura	136	Mudanças para melhorar a qualidade da representação digital do MVICM – inserção de mapas: segunda versão - cenário com mapas do Brasil e da Bahia situando o MVICM.....	387
Figura	137	Mudanças para melhorar a qualidade da representação digital do MVICM - inserção de mapas: terceira versão -	

		cenário com mapas da região do agreste e sertão da Bahia e da área territorial do MVICM.....	388
Figura	138	Mudança no layout do MVICM – com a foto do Camuciatá: primeira versão.....	389
Figura	139	Mudança do layout do MVICM – com a foto dos principais ambientes do museu: segunda versão.....	389
Figura	140	Mudança do layout do MVICM – Identificação do persona - gem: primeira versão, sem identificação.....	390
Figura	141	Mudança do layout do MVICM – Identificação do persona - gem: segunda versão, com identificação.....	391
Figura	142	Qualidade de Representação Digital – Inserção de ficha técnica: segunda versão.....	392
Gráfico	05	Perfil dos visitantes por faixa etária (segundo ciclo)	396
Quadro	04	Redesigne do MVICM após análise dos ciclos de aplicação.....	409

LISTA DE TABELAS

Tabela	01	Perfil dos visitantes do MVICM - Profissões/atividades que exercem.....	350
Tabela	02	Perfil dos visitantes do MVICM - Faixa etária dos Visitantes.....	352
Tabela	03	Segundo ciclo de aplicação - perfil dos visitantes do MVICM: profissões que exercem.....	395
Tabela	04	Segundo ciclo de aplicação-perfil dos visitantes do MVICM: faixa etária.....	395
Tabela	05	Segundo ciclo - qualidade da representação digital.....	397

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABJ	Arquivo Barão de Jeremoabo.
AHU	Arquivo Histórico Ultramarino.
AHFEC	Arquivo Histórico da Fazenda Engenho Camuciatá.
AN	Arquivo Nacional.
APEB	Arquivo público do Estado da Bahia.
AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem.
BN	Biblioteca Nacional.
DBR	Desing Based Research.
DMMDC	Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento.
HP	História Pública.
IGB	Instituto Genealógico da Bahia.
IGHB	Instituto Geográfico Histórico da Bahia.
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.
IHS	Instituto Histórico de Sergipe.
IMNBJ	Instituto Museu do Nordeste Barão de Jeremoabo
IPAC	Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia
MVICM	Museu Virtual de Itapicuru, Camuciatá e Manco.
SCTI	Secretária de Cultura e Turismo de Itapicuru.
SSEETU	Sociedade Espaço Educação e Turismo.
TBC	Turismo de Base Comunitária.
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação.
UFBA	Universidade Federal da Bahia.
UNEB	Universidade do Estado da Bahia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	25
2 Na estrada da Casa da Torre e nos caminhos das boiadas com seus currais, o encontro com índios e missionários na formação da vila de Nossa Senhora de Nazaré de Itapicuru de Cima	37
2.1 O legado dos povos que habitaram a vila de Itapicuru, o engenho fazenda Camuciatá a partir do século XVIII ao XX e suas representações socioculturais e regionais que irão compor o museu a partir da convergência das etnias.....	39
3. Os índios que habitavam a região: contexto da localização da missão da Saúde e a origem da vila de Itapicuru	39
3.1 Tensão, resistência indígena e um exemplo de articulação contra o formato de distribuição de terras que estava sendo imposto.....	42
4. Nos primórdios da colonização a chegada do sangue africano no agreste e sertão da Bahia	53
4.1 Territórios de resistência: mucambos efêmeros.....	55
4.2. Cultura e cotidiano: expressões de luta e resistência.....	57
5. O contexto histórico, político, social e cultural da vila de Nossa Senhora de Nazaré de Itapicuru de Cima do século XVIII ao XX	64
5.1 A vila de Nossa Senhora de Nazaré de Itapicuru de Cima.....	66
5.2. Ambiência no século XVIII e XIX: o sítio da cidade.....	70
5.3 Itapicuru na atualidade e os reflexos de sua historicidade.....	80
6. Das sesmarias implantadas pelos portugueses as fazendas e engenhos: o Camuciatá como centro aglutinador do poderio dos grandes proprietários de terra e da força do coronel	84
6.1 Os portugueses.....	84
6.2 Herdeiros do poder: sesmeiros, capitães, fazendeiros, senhores de engenho e coronéis.....	87
6.3 A genealogia do poder cuja árvore nasce no período medieval, em Portugal, transporta-se para o Brasil no período colonial para a vila de Itapicuru e fazenda engenho Camuciatá e os galhos se espalham de lá para todo império e depois república brasileira, chegando aos dias atuais.....	98
7. O contexto sócio-histórico da fazenda engenho Santo Antônio do Camuciatá: situando a fazenda e o complexo da economia agro açucareira	110
7.1O Sobrado do Camuciatá: arquitetura e construção.....	110
7.2 A localização territorial e as permanências no espaço geográfico.....	112
7.3 O patrimônio material: símbolos que contam uma história, se resignificam e contextualizam aspectos do presente.....	113

8. Entre a fazenda engenho Camuciatá e o povoado do Manco: o cotidiano material fruto da dinâmica das relações sociais do encontro das diferentes etnias e suas práxis de vida.....	129
8.1 Cultura imaterial e diversidade: o contexto do sobrado fazendo as interconexões entre tempos, sujeitos e espaços diferentes.....	182
9.Surgimento e crescimento do povoado do Manco após a desagregação da fazenda engenho Camuciatá: em busca da construção coletiva da História.....	199
9.1 Mudanças e permanências das práticas culturais dos habitantes que moram na comunidade do Manco: sistematização de acervos.....	202
10. Um museu virtual com uma abordagem socioconstrutivista, embasado no contexto sócio-histórico e construído de acordo com a memória coletiva a partir da interconexão entre sujeitos de diferentes épocas inseridos nos pressupostos da dimensão da história pública e articulado ao turismo de base comunitária.....	229
10.1 A abordagem socioconstrutivista no museu virtual em foto e vídeo: interatividade e colaboração.....	229
10.1.1 O sujeito social pensando historicamente – historiadores de si mesmo.....	235
10.2 O dialogismo e a polifonia de Bakhtin aplicada ao desenvolvimento do museu virtual da vila de Itapicuru, fazenda engenho Camuciatá e povoado do Manco.....	239
10.3 O conceito da História Pública vinculado a memória coletiva e ao Turismo de Base Comunitária.....	244
10.4 A memória coletiva: elemento fundamental para a utilização da história pública na vila de Itapicuru, fazenda engenho Camuciatá e povoado do Manco.....	251
10.5 O turismo de base comunitária: campo privilegiado de se pensar e projetar a história pública.....	253
11. O processo de construção do museu virtual em foto e vídeo: conceito, características, embasamento contextual e princípios adotados.....	258
11.1 O conceito e características do Museu Virtual.....	259
11.2 O contexto do Museu do Museu Virtual da vila de Itapicuru, fazenda engenho Camuciatá e povoado do Manco e sua construção coletiva através da pluralidade de vozes que o compõem.....	270
11.3 O projeto museológico do museu virtual da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciatá e Povoado do Manco a partir do design do museu.....	277
12. O uso das tecnologias na pesquisa histórica: suporte em fotos e vídeos com câmera DSLR full frame Canon 6D Mark II e Drones DJI Mavic Mini e Multirotor, Quanam Spider 700.....	284
12.1 Registros com câmera Canon 6D Mark II.....	287
12.2 Registros com Drones: DJI Mavic Mini e Multirotor, Quanam Spider 700.....	289

13. Abordagem metodológica	301
13.1 A essência da pesquisa aplicada na área da História.....	302
13.2 Método DBR e a abordagem da pesquisa.....	306
13.3. Características da metodologia DBR e as fases de desenvolvimento da pesquisa com o dialogismo de Bakhtin presente nelas.....	307
13.3.1 Etapas da construção	310
13.3.2 Validação externa: percursos para os ciclos de Aplicação	311
13.3.3 Ciclo de aplicação e suas categorias de análise de pesquisa	312
13.3.3.1 Sujeitos históricos colaboradores da pesquisa e o campo empírico (Quem e onde)	316
13.3.3.2 Percursos para o primeiro ciclo de aplicação:(como) ..	322
14. Análise cognitiva dos ciclos de aplicação no Museu Virtual com metodologia DBR	349
14.1 Análise do primeiro ciclo de aplicação.	349
14.1.1 Museu Virtual X Rede Virtual	355
14.1.2 Museu Virtual X História Pública	364
14.1.3 Museu Virtual X Turismo de Base Comunitária (TBC)	375
14.1.4 Museu Virtual X Sociostrutivismo	380
14.1.5 Resultado do Primeiro Ciclo de Aplicação	383
14.2 Análise do segundo ciclo de aplicação.....	394
14.2.1 Sistematização das colaborações para a categoria Rede Virtual	396
14.2.2 Sistematização das colaborações para a categoria História Pública	403
14.2.3 Sistematização das colaborações para a categoria TBC	406
14.2.4 Resultados do Segundo Ciclo da Aplicação	408
14.3. Algumas considerações sobre aplicação do Museu Virtual com metodologia DBR.....	411
CONSIDERAÇÕES FINAIS	412
REFERÊNCIAS	430
ANEXO A	453
ANEXO B	524

INTRODUÇÃO

Estudos sobre a preservação da memória, história regional, patrimônio material e imaterial, têm evidenciado a necessidade da busca por estratégias metodológicas que garantam a construção do conhecimento sócio-histórico, bem como de produções que possibilitem o acesso de públicos mais ampliados a conhecimentos científicos, antes restritos ao meio acadêmico. Nessa vertente, o interesse em desenvolver esta pesquisa teve início quando passei a cursar o mestrado em História Social da Universidade Federal da Bahia desenvolvendo um projeto de pesquisa sobre a história de vida de Cícero Dantas Martins (Barão de Jeremoabo) com o objetivo de escrever uma biografia contextualizada inserindo esse sujeito histórico no tempo e espaço em que viveu.

O projeto acima citado permitiu conhecer o cotidiano e a forma de agir e pensar daquele personagem, mas para além disso despertou o desejo de ampliar o conhecimento a respeito do local onde ele viveu e dos demais sujeitos históricos que conviveram na mesma época inseridos em um mesmo contexto social. Para atender essa proposta percebi que tinha que ampliar meus referenciais teóricos rompendo com as regras da historiografia tradicional e não me limitando apenas aos princípios que defendem uma nova forma de se escrever uma biografia (REMOND, 1996) e os pressupostos da Nova História.

A pesquisa desenvolvida no mestrado para escrever a biografia do barão de Jeremoabo me trouxe elementos concretos da história da Bahia que esse personagem e seus antepassados estiveram inseridos, como: a colonização, o povoamento, as sesmarias e os currais, os aldeamentos indígenas e as missões, o gado e os engenhos, o coronelismo, a política, entre outros elementos. Diante da vastidão de temas percebemos a existência de uma enorme lacuna pois ao estudar o personagem histórico barão de Jeremoabo não demos conta de conhecer e analisar em uma perspectiva maior os territórios que ele viveu e a diversidade de atores sociais, oriundos de outros grupos sociais que nas suas práxis de vida construíram a história da região da vila de Nossa Senhora de Nazaré de Itapicuru de Cima e seu entorno.

Para esse entendimento mais amplo o melhor caminho seria a realização de uma pesquisa baseada em contexto a partir das ideias de Vygotsky (2007, 2008, 2009), com uma abordagem socioconstrutivista que iria proporcionar uma imersão nos aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos da região de Itapicuru com um olhar atento para os diferentes grupos étnicos que para lá convergiram e nas suas relações dialéticas construíram de forma coletiva e processual a história da região.

Consciente dessa realidade buscamos um caminho para desenvolver esse trabalho. A partir do momento em que fui integrado no grupo de pesquisa 'Sociedade em Rede' passei a conhecer melhor as possibilidades de uso das tecnologias na pesquisa histórica. Alguns jogos e museus virtuais já tinham sido produzido por pesquisadores que utilizaram esses instrumentos como ferramentas mediadoras do conhecimento sobre as mais diversas temáticas. Visto o exposto, constatei a inexistência de uma solução mediadora na modalidade museu virtual para uma vila da Bahia colonial, uma antiga fazenda e engenho de açúcar e um povoado rural.

Motivado a iniciar esse novo trabalho me voltei para a experiência da produção de um museu virtual com abordagem socioconstrutivista sobre a vila colonial de Itapicuru, a antiga fazenda engenho Camuciatá e o povoado do Manco, marco e reflexo da dinâmica das relações sociais que contribuíram para a formação dos primeiros povoados e vilas da Bahia colonial, bem como de uma propriedade que era o principal centro produtor da região. O surgimento da vila de Nossa Senhora de Nazaré de Itapicuru de Cima se deu com a chegada dos primeiros colonizadores da poderosa Casa da Torre e foram substituídos pela família Dantas que atingiu seu ápice de poder no século XIX com a figura do barão de Jeremoabo e sua emblemática Casa Grande do Camuciatá. O povoado do Manco congrega toda essa história porque nele é que habitam hoje parte dos descendentes dos índios, portugueses e negros que viveram na fazenda engenho e em Itapicuru e no seu cotidiano continuam fazendo a interconexão entre os sujeitos históricos do passado e do presente, na dialética da práxis da vida cotidiana.

Muito dos aspectos do patrimônio material existente, principalmente em Itapicuru e no Camuciatá, não existem mais. Essa ausência é sentida também

em relação a cultura imaterial que com o passar do tempo foi dispersando e em alguns casos desapareceram. Por conseguinte, para analisar e compreender essas ausências e contextualizar a importância da vila de Itapicuru, do Camuciatá e do povoado do Manco na Bahia dos séculos XVIII, XIX e XX como polo irradiador da nossa cultura, fez-se necessário investigar, aplicar, compartilhar não só o sobrado do Camuciatá fisicamente, mas também o seu legado para a contemporaneidade. Assim, construiu-se o problema que norteia esta tese: a inexistência de um modelo dialógico de Museu Virtual para a vila de Itapicuru, a fazenda engenho Camuciatá e o povoado do Manco com uma abordagem socioconstrutivista; modelo no sentido de que se possa colocar em evidência e ser mediado, que seja capaz de solucionar a ausência atual de parte do patrimônio material e imaterial dos territórios acima citados, tão importante para se conhecer a história da Bahia em sua época e que reverbera na atualidade.

Este problema nos remete a uma pesquisa aplicada direcionada para a construção de ambiente educacional, um software Museu Virtual desses espaços, dentro de uma abordagem socioconstrutivista como parâmetro de realização desse ambiente de aprendizagem e que se desenha na condição interativa de museu virtual. Essa implicação, para se compreenderem os contextos, ora em contradição, ora em tensão, é possibilitada e concebida não através de uma narrativa linear em que o sujeito é contemplado como se não tivesse história, tradição e memória, ou seja, como se fosse tábula rasa, mas um sujeito que, antes de tudo, é reflexo e resultado das suas relações sociais, portanto, único na sua inteireza, mas plural quando da sua coletividade.

Neste sentido, como este doutorado se construiu a partir deste sujeito autônomo, plural, foi necessário buscar, no seu contexto, respostas para o delineamento e a elaboração do museu virtual proposto. Dessa maneira, para nós, o contexto pesquisado encontra embasamento nas ideias de Bakhtin (2010), de Gramsci (1989), o outro como referência na condição dialógica; de Vygotsky (2007, 2008, 2009), quando defende a autonomia do sujeito através da mediação, o sistema em colaboração; e de Martineau (1997), com o sujeito historiador de si mesmo, o problema na História. Tomamos ainda, como ponte interativa, o pensar de Williams (2011) para o qual, a cultura e a tradição só se

tornam dinâmicas e ricas quando cada povo, cada população, a partir das suas particularidades, consegue formar teias, redes colaborativas resvalando, assim, em práxis sociais, numa coletividade autotransformadora e, acima de tudo, na emancipação da produção do conhecimento.

Também serviram de embasamento teórico o pensar desta produção do conhecimento em rede, de Casttels (2003, 2009), além de tantos outros autores, que dialogam com o contexto histórico e tecnológico. Essas coexistências, adotadas por esta pesquisa científica, tornam-se condição ímpar para termos uma visão do ocorrido, da simultaneidade, do conjunto, dos seus contrários, pois, como entender o que somos hoje, se não formos buscar respostas em nossas tensões e nos conflitos vividos pela sociedade, sempre em constante movimento? E, por mais complexas que sejam, mesmo que seja desafiadora e incompleta a tentativa de entender o conjunto dialético das relações sociais na forma de um contexto histórico defensável, assumindo-se, nesta pesquisa, todos os erros, os riscos e as possibilidades de correções futuras, as quais serão sempre bem-vindas. Mas, ao se definir essa ambiência virtual como contexto de relações sociais, tornam-se possíveis não somente o engajamento do pesquisador na concretude da investigação científica, como também a realização da proposta como prática de solução defendida pelos caminhos adotados (GOMES, 2017).

Dessa forma, para que esses contextos se concretizem em um AVA mediador e em constante transformação, são necessários abordagens, metodologia e método que ancorem e viabilizem nosso pensar dialético e com este se coadunem, o que implica, entre outras possibilidades, a solução e as práticas aplicadas. Com esse propósito, adotamos as vertentes epistemológicas encontradas em Gramsci (1989), isto é, a praxiológica, por acreditarmos que o homem é reflexo das suas ações, autônomo na construção do seu conhecimento, nada é suprimido e negado, mas coexistido numa imbricação de opostos. Não existem hierarquias no conhecimento e, em contraposição, o que há são acumulações e transformações desses saberes.

Como abordagem de pesquisa e do método, escolhemos a Design Basic Research (DBR), que, além de interagir e integrar-se com os nexos praxiológicos, possibilita-nos a retroalimentação intermitente do contexto

investigado e permite: a) o intercâmbio da autonomia dos sujeitos implicados nesta busca científica; b) a partir da colaboração, de intervenções, a troca de experiências e a solução aplicada através de um design cognitivo, viabilizando suas continuidades e simultaneidades; c) e, por se ancorar na superação da dualidade qualitativo x quantitativo e também no encontro epistemológico dessas práxis, a compreensão de que nada pode ser negado, desprezado, mas tudo está sendo dialogado através das tecnologias da informação e comunicação digitais que a contemporaneidade nos oferece, pois, sem elas, não seria possível, tecnicamente, a simulação deste AVA.

As novas linguagens se encontram na vida do homem e, em particular, no meio educacional e educativo. Tangenciando para as ciências humanas, neste caso História e Educação, a História se constitui como forma de abordagens, como meio de investigar o contexto em questão e a educação como campo que perpassa não apenas pelo já construído, como também pela potencialidade de se constituir através das relações humanas. Nesse aspecto, esta tese se desenvolve também a partir das dinâmicas que se ancoram nos historiadores com os quais aqui dialogamos e nos estudiosos que dissertam sobre a relação do homem e a educação.

Paralelamente a esta concepção epistemológica que toda pesquisa científica requer, reiteramos que os sujeitos presentes nesta pesquisa, por serem considerados autônomos não nos contam uma história, mas respondem, na medida do possível, aos nossos questionamentos na atualidade, em função de serem considerados aqui polifônicos e dialógicos. Para chegarmos a resultados próximos em resposta a esses questionamentos que a contemporaneidade nos faz, partimos para investigar a tradição que nos foi legada respaldando-nos nos personagens que emergiram dos contextos investigados e que consideramos como primeiros validadores e autenticadores desta tese, através das percepções das produções referenciadas em História da Bahia e do Brasil, em fontes primárias e secundárias, escritas em meios físicos e disponíveis em meio digital (virtual), sequenciando em uma ampla pesquisa referente à iconografia, bem como a uma extensa referência bibliográfica. Também intercambiamos conhecimentos com áreas afins como a Geografia, Antropologia, Arquitetura, Biologia, Arqueologia, Museologia,

Webdesign, Fotografo e operador de drone por se aproximarem dos contextos investigados. Dessa forma, precisamos da orientação da museóloga Simone Trindade, mestre em museologia pela Universidade Federal da Bahia, que, tem uma longa experiência de trabalho na área em museus presenciais e virtuais; da colaboração do geografo Osmar Barreto Borges que forneceu informações fundamentais para o conhecimento do espaço físico e geográfico que o museu pretendeu retratar, bem como o compartilhamento de mapas da região inseridos no contexto histórico trabalhado; do web design Everton Paixão, que, com seus conhecimentos conseguiu fazer o desenho do museu a partir da proposta do contexto, dos quadros de acervo e de todo o material coletado para fazer parte do ambiente virtual de aprendizagem.

Além deles ressaltamos a presença e importância de profissionais da área de fotografia e filmagem com câmera e vídeo, além dos registros feitos com Drone. O fotografo André Fernandes e o engenheiro e operador de Drone Hiro Hawaski foram fundamentais no processo de coleta de todo o acervo do museu a partir da seleção e roteiro feito por esse pesquisador.

Na coleta de fontes para a construção do museu muitos caminhos foram percorridos: no Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB); na Biblioteca Pública do Estado da Bahia (BPEB); no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB); nas bibliotecas das Instituições de Ensino: UFBA, Universidade do Estado da Bahia (UNEB); nas fundações e seus acervos particulares; no Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC); e, no Rio de Janeiro: na Biblioteca Nacional (BN); no Arquivo Nacional (AN); no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS); no Arquivo Histórico da Fazenda Engenho Camuciatá (AHFEC), no arquivo do Barão de Jeremoabo (ABJ); no Arquivo Histórico Ultramarino (AHU); no Arquivo do Instituto Genealógico da Bahia, entre outros. Todos esses espaços que resguardam as fontes de pesquisa nos retornaram possibilidades sem igual para dialogar com a tese agora concluída. Neste sentido, através de seus acervos, fomos capazes, às vezes, de forma ampla, outras vezes, de maneira mais restrita, de formular hipóteses sobre o que era e como ocorria a dinâmica da vida em Itapicuru no Camuciatá e seu contexto.

A proposta deste trabalho não foi o de ver a vila de Itapicuru como uma das maiores e mais poderosas da Bahia no século XVIII e XIX, nem privilegiar a análise sob a ótica de ter sido a fazenda engenho Camuciatá uma das mais ricas e grandiosas da Bahia, que foi fundada em 1754. O importante é que esses espaços sejam vistos como meios que influenciaram e modificaram, no seu processo histórico e dialético natural, os costumes, os hábitos e a tradição na Bahia rural dos séculos XVIII ao XX e se coadunou com eles, além de que está vila e essa fazenda são o reflexo de uma parte do agreste e sertão da Bahia.

Nesse entremeio, a vila de Itapicuru, a fazenda engenho Camuciatá e o povoado do Manco nos revelaram não apenas várias nuances de uma história local ainda pouco estudada, mas também como as práxis se imbricam, mesmo quando são ocultadas ou relegadas a um segundo plano pelos que buscam hierarquizar o conhecimento e a diversidade de culturas e saberes. Dessa forma, apesar da cidade de Itapicuru ter perdido totalmente o poder político que tinha na época dos Dantas e a fazenda Camuciatá que tinha a dimensão de uma sesmaria está reduzida hoje área de uma pequena propriedade e está praticamente desabitada pesquisamos um espaço ainda vivo, com seus conflitos e tensões.

Nos debruçamos sobre um território que nos leva as questões políticas da época com a presença dos fazendeiros, chefes políticos e coronéis, a formação dos partidos políticos da Bahia no alvorecer da República e as tensões políticas e sociais oriundas do avanço de Antônio Conselheiro e seu séquito sendo discutidos e avaliados no escritório do barão de Jeremoabo no sobrado do Camuciatá; bem como a estratégia para defender a propriedade do grupo de Lampião. Para além desses aspectos temos as vivências que se traduzem também na cultura e saberes populares presentes no corpo e na alma dos moradores do povoado do Manco (ex-moradores da fazenda Camuciatá). Através deles a história continua sendo construída no cotidiano e práticas culturais seculares que reverberam nos sujeitos do presente.

Tornava-se, assim, necessário construir um museu virtual em foto e vídeo desses espaços para que as gerações atuais e as futuras consigam interagir com esse patrimônio que em parte materialmente não existe mais,

mas muitas práticas, saberes e fazeres continuam a acontecer nas comunidades locais o que reforça e justifica o desenvolvimento da presente pesquisa. Por isso, para atingirmos todos esses nexos acima descritos e encontrarmos respostas aos questionamentos que a contemporaneidade nos faz foi concretizado como objeto final desta investigação um Museu Virtual com uma abordagem socioconstrutivista.

Nesse contexto, surgiu a questão: qual o modelo de museu virtual em foto e vídeo para a vila de Itapicuru, a fazenda engenho Camuciatá e o povoado do Manco, que apresente relações sócio-históricas e culturais da região e localidades em sua época e que se coadune com este sujeito dialético da contemporaneidade? A resposta a essa indagação se materializou na construção desta tese que assim se estrutura: A INTRODUÇÃO contém a apresentação geral do desenvolvimento da tese com os caminhos e diálogos.

Os capítulos do contexto vem em seguida e foram construídos em coautoria com os sujeitos do presente, público-alvo deste trabalho, que vão fornecer dados para a elaboração dos quadros de acervo e do roteiro e montagem do design propriamente dito do ambiente virtual de aprendizagem, divididos da seguinte forma, o capítulo 2 - **Na estrada da Casa da Torre e nos caminhos das boiadas com seus currais, o encontro com índios e missionários na formação da vila de Nossa Senhora de Nazaré de Itapicuru de Cima**; o capítulo 3 - **Os índios que habitavam a região: contexto da localização da missão da Saúde e a origem da vila de Itapicuru**; o capítulo 4 - **Nos primórdios da colonização a chegada do sangue africano no agreste e sertão da Bahia** e o capítulo 6 - **Das sesmarias implantadas pelos portugueses as fazendas e engenhos: o Camuciatá como centro aglutinador do poderio dos grandes proprietários de terra e da força do coronel** foram construídos a partir do contexto investigado da região de Itapicuru ao longo dos séculos correlacionando a ocupação e povoamento da vila, dos povoados e fazendas, através dos povos que a compuseram e que também estiveram presentes no Camuciatá e no povoado do Manco. Foram traçados como objetivos destes capítulos, compreender e aprender a tradição, os hábitos e costumes dos povos que se imbricaram no vale do Itapicuru ao longo do tempo e se perpetuam no século

XX, em paralelo com o que acreditamos reverberar na contemporaneidade. Para contextualizar as dinâmicas das relações sócio-históricas da região de Itapicuru e seu entorno ao longo dos séculos foi necessário compreender as principais etnias locais como a tupinambá, a ibérica e a africana e, assim, termos pontos em interação para compor o Museu Virtual.

Os capítulos 5 -. **O contexto histórico, político, social e cultural da vila de Nossa Senhora de Nazaré de Itapicuru de Cima do século XVIII ao XX**; capítulo 7 - **O contexto sócio-histórico da fazenda engenho Santo Antônio do Camuciatá: situando a fazenda e o complexo da economia açucareira**; capítulo 8 - **Entre a fazenda engenho Camuciatá e o povoado do Manco: o cotidiano material fruto da dinâmica das relações sociais do encontro das diferentes etnias e suas práxis de vida** e o capítulo 9 - **Surgimento e crescimento do povoado do Manco após a desagregação da fazenda engenho Camuciatá: em busca da construção coletiva da História**, continuam sendo contexto na medida em que situam territorialmente e trazem elementos da história e da cultura das principais etnias que chegaram e se fixaram na região, bem como os reflexos das dinâmicas sociais ocorridas em função da nossa ancestralidade e já presentes na rotina da vila, da fazenda engenho e posteriormente no povoado, conseqüentemente, no conjunto do MVICM.

Definiram-se como objetivos compreender o contexto do qual resultou e onde estava inserido o MVICM e pinçar os objetos humanos e físicos, isto é, o acervo que emergiu dos sujeitos mediados e que foi contemplado na construção do museu em foto e vídeo. Também houve resposta a um dos nossos questionamentos: o MVICM é de fato reflexo da tradição, da memória, das práxis da vila de Itapicuru, da fazenda engenho Camuciatá e povoado do Manco que se desenvolveu ao longo dos séculos?

Já no capítulo 10, discorreremos sobre **um museu virtual com uma abordagem socioconstrutivista, embasado no contexto sócio-histórico e construído de acordo com a memória coletiva a partir da interconexão entre sujeitos de diferentes épocas inseridos nos pressupostos da dimensão da história pública e articulado ao turismo de base comunitária**. Nesse capítulo dialogamos com um dos pontos fundamentais desta pesquisa – o socioconstrutivismo, através do dialogismo, da polifonia, da mediação, da

colaboração, interatividade e do pensar Histórico, com a definição dos aspectos de contextualização sobre ambiente virtual de aprendizagem (AVA) - MVICM. Outro objetivo delineado neste capítulo 10 foi compreender, de uma maneira mais concisa, o conceito de História Pública e como seus princípios se coadunam com a prática do Turismo de Base Comunitária (TBC). Todos esses parâmetros foram utilizados e se articularam com os princípios do complexo epistemológico do socioconstrutivismo que deram forma e fundamento à construção do Museu Virtual, bem como ao design cognitivo. Também continuar a se responder à indagação se de fato: o MVICM é reflexo da tradição, da memória, das práxis da vila de Itapicuru e seu entorno, da fazenda engenho Camuciatá e do povoado do Manco, que se desenvolveu ao longo dos séculos?

No Capítulo 11 apresenta-se **O processo de construção do museu virtual em foto e vídeo: conceito, características, embasamento contextual e princípios adotados**, que se constitui na explicação de como foi construído coletivamente levando-se em consideração a pluralidade de vozes dos sujeitos históricos envolvidos através de todo o contexto dialogado e pesquisado. Esse capítulo tem, também, como foco central apresentar os conceitos e características do museu virtual. Já o capítulo 12 traz uma discussão sobre a importância do uso das tecnologias na História e a apresentação e explicação dos recursos tecnológicos utilizados na construção do MVICM.

No capítulo 13, apresentamos a **Abordagem metodológica** em que, embora se tenha iniciado desde o pensar desta tese, estão detalhados de forma mais ampla os caminhos que o Museu Virtual percorreu a fim de obter sua autenticação macro diante da comunidade externa. Discorreremos sobre o método DBR, suas características e fases de desenvolvimento. Em seguida, discutimos os ciclos de aplicação que significam a validação externa do museu virtual de acordo com as categorias de análise pré-estabelecidas. Ainda como conteúdo desse capítulo relacionamos os campos de aplicação (onde será aplicada a pesquisa), o público-alvo (quem são) e os instrumentos que serão disponibilizados para que possa haver a participação, interação e validação que em última instância comprovam que nossa tese é defensável de acordo com a mediação estabelecida entre sujeitos históricos e o museu permeado

pelas categorias de análise que vão confirmar a presença dos princípios adotados nesta tese e que fazem parte do arcabouço teórico da construção do Museu Virtual da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciatá e Povoado do Manco.

Já o Capítulo 14 apresenta a **Análise cognitiva dos ciclos de aplicação no Museu Virtual com metodologia DBR**, sendo o arremate da escrita e de todo o caminhar e construção desta tese, ressaltando o objetivo de a) aplicação da DBR e da praxiologia no contexto e na construção do Museu Virtual da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciatá e Povoado do Manco; b) responder até que ponto o modelo efetivou-se dentro dos parâmetros dos dois ciclos de aplicação e autenticações externas e interação e interatividade apresentados nesta tese e c) responder à questão: de que maneira se pode construir um modelo socioconstrutivista, no formato de museu virtual, para uma vila colonial, uma antiga fazenda engenho e um povoado na sua contemporaneidade? Para tanto utilizamos através de dois ciclos de aplicação, tendo como parâmetros 04 (quatro) categorias de análise, o retorno dos visitantes através do acesso ao link <http://museubaraodejeremoabo.com.br/museu-virtual.php> onde tiveram a sua disposição instrumentos de diálogo que possibilitaram o engajamento, a interação e colaboração, mais uma vez confirmando o caráter mediador do museu construído a partir de uma abordagem socioconstrutivista.

Em seguida estão as **Considerações finais**, onde fazemos um breve diálogo sobre os caminhos percorridos, as certezas e incertezas que os resultados e os nexos futuros da tese (Museu Virtual) possibilitaram e possibilitarão. Por fim, Referências e Anexos completam a estrutura que normatizou esta pesquisa científica. Os anexos, dado a extensão dos mesmos, constam em outro arquivo separado do corpo da tese.

Portanto, esta pesquisa, com aderência à linha de pesquisa 2 – Difusão do Conhecimento: Informação, Comunicação e Gestão que faz parte do Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento (PPGDC) do doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento, com o tema da tese o Museu virtual em foto e vídeo da vila de Itapicuru, fazenda engenho Camuciatá e povoado do Manco, com uma abordagem

socioconstrutivista orientada para à prática do Turismo de Base Comunitária se torna uma solução mediadora na medida em que passa a ser um instrumento de diálogo entre os sujeitos históricos do presente com os do passado formando conexões e levando a reflexões que motivam a construção coletiva da história abrindo possibilidades para a prática do Turismo de Base Comunitária em uma comunidade repleta de práticas culturais, como o povoado do Manco.

2 Na estrada da Casa da Torre e nos caminhos das boiadas com seus currais, o encontro com índios e missionários na formação da vila de Nossa Senhora de Nazaré de Itapicuru de Cima.

Essa tese de doutorado tem como objetivo construir interconexões entre diferentes períodos da história que vão dialogando entre si e ajudando a dar sentido e significado ao tempo presente. A partir dessa opção é importante apresentar o contexto histórico da Bahia colonial e imperial, períodos em que a vila de Itapicuru foi criada e se desenvolveu e a fazenda engenho Camuciatá se formou e se consolidou, tendo na República originado o povoado do Manco. Antes, porém, será necessário trazer elementos da península Ibérica que vão atravessar o oceano Atlântico e chegar até os rincões do Nordeste da Bahia. A motivação econômica do português que aqui chegou vai interferir no modo de produção local indígena com a inserção da escravidão como forma de trabalho e posteriormente com a chegada do negro da África. Esses são os povos que ocuparam o Brasil e a mescla de seus costumes e práticas moldaram a cultura do povo brasileiro. Uma das facetas dessa cultura está fortemente presente em dois pilares da econômica colonial e imperial: a pecuária e o açúcar. A primeira representada materialmente pelos currais e a segunda pelo complexo da economia açucareira que é o engenho de açúcar, onde o Camuciatá é um modelo exponencial que vai nos trazer elementos da Bahia da época estudada com marcas presentes no mundo em que vivemos. Esse entendimento norteou o roteiro para a produção do museu que construímos.

Para se chegar ao estudo propriamente dito da fazenda de gado e do engenho de açúcar com suas características e particularidades é necessário analisar as circunstâncias de sua formação e que o acompanharam ao longo de sua trajetória. Daí a importância do contexto histórico, que na verdade não se configura como uma descrição ou arrolamento dos fatos que se sucederam ao longo de dois séculos da nossa história, mas sim como um exercício de buscar no passado elementos que estão presentes no mundo em que vivemos e que foram sobrevivendo através de processos históricos que se desenrolaram ao longo do tempo. Esse entendimento só foi possível na medida em que estivemos atentos para os diálogos estabelecidos entre os diferentes

tempos, minimizando a linearidade para melhor compreender a realidade estudada.

O aprofundamento do contexto histórico será possível com a delimitação do espaço territorial a ser estudado. O local onde está inserido a vila de Itapicuru, a fazenda engenho Camuciatá e o povoado do Manco é a Bahia rural, especificamente a região do Nordeste: Agreste e Sertão. Entender a estrutura administrativa e as relações sociais será de fundamental importância para situar nosso objeto de estudo. Em seguida, buscar-se-á compreender dentro da relação metrópole e colônia quais os interesses que levaram o investimento na circulação das boiadas e no complexo da economia açucareira, que vai levar a exploração das terras, o surgimento das vilas, a construção dos engenhos de açúcar, especificamente o Camuciatá. Na sequência, vamos analisar a economia da Bahia colonial e imperial como um todo para situar a vila de Itapicuru, a fazenda engenho Camuciatá e em seguida a comunidade do Manco e de que forma os dois primeiros se integraram e se fizeram presentes como um polo econômico plural, apesar de suas especificidades. No final do capítulo e buscando sua sistematização serão construídos quadros que irão conter os elementos selecionados, como objetos, personagens, conteúdos, ambientes, que retratam a civilização do gado e a sociedade açucareira no Nordeste e que serão as peças do acervo retiradas do contexto a serem expostas no design cognitivo do museu virtual da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciatá e Povoado do Manco.

Com tudo isso, é importante conhecer e estudar os sujeitos históricos que estiveram presentes no espaço da vila, da fazenda engenho e povoado do Manco. Basicamente eles representam as três principais etnias formadoras do povo brasileiro: o índio, o português e o negro que com a miscigenação darão o perfil da nossa sociedade plural e multiétnica e serão atores/ personagens que comporão o ambiente do museu virtual.

2.1 O legado dos povos que habitaram a vila de Itapicuru, o engenho fazenda Camuciatá a partir do século XVIII ao XX e suas representações socioculturais e regionais que irão compor o museu a partir da convergência das etnias.

Com a chegada dos portugueses ao Brasil houve uma simbiose com as etnias indígenas que aqui se encontravam e com os diferentes povos africanos que para aqui vieram. É fato que a miscigenação aconteceu, mas vale ressaltar que ela não se deu sem conflitos pois a chegada do português já traz em si a proposta de uma sociedade de classes consolidada na Europa com o surgimento da burguesia entre os séculos XII e XIII e que vai gerar tensões sociais a partir dos contatos estabelecidos com os índios e depois com os negros. O sentimento de superioridade que o colonizador traz em si em relação aos outros povos é, por exemplo, uma das causas da mestiçagem pois se achavam no direito de se apropriar das índias e das africanas como se fossem suas propriedades, como da mesma forma fizeram com as terras.

A sociedade brasileira na sua gênese nasce plural e os reflexos dessa pluralidade vão estar presente de uma maneira mais ou menos expressiva a depender da região. No Nordeste da Bahia rural a presença das três principais etnias é significativa na medida em que todos deram grandes contribuições, como deixaram suas marcas. Nos capítulos e subcapítulos seguintes iremos contextualizar o legado cultural, social e econômico desses povos que desde o início estiveram presentes em Itapicuru e no Camuciatá e atualmente nos seus descendentes que moram no Manco.

3 Os índios que habitavam a região: contexto da localização da missão da Saúde e a origem da vila de Itapicuru.

No decorrer de três séculos e meio o espaço que corresponde ao atual Estado da Bahia foi gradualmente ocupado pelo europeu e o africano, que se encontraram com o índio que já estava na terra quando da chegada desses outros povos.

Focando no Estado da Bahia, estudiosos afirmam que podemos identificar três grupos linguísticos principais: Tupi, Jê e Kiriri. Os Tupis

ocupavam o litoral baiano e os Jê, o interior. Os Kiriri, eram o grupo mais importante espalhados pelo Sertão nordestino, localizados na vasta região do São Francisco, na Bahia, Sergipe, Alagoas, chegando a Pernambuco. A eles se juntaram algumas tribos Jês (SENA, 1979).

É nosso objetivo identificar os grupos linguísticos e aldeias que se localizavam na vila de Itapicuru e no entorno do engenho Camuciatá para que possamos perceber a influência desses povos nos aspectos sociais, econômicos e culturais no cotidiano da região que está sendo estudada e suas permanências que chegaram até os dias atuais. Na época em que o Camuciatá se tornou uma fazenda de gado e logo em seguida também engenho eram cinco aldeias existentes: Saco dos Morcegos, Canabrava, Natuba, Itapicuru de Cima, Massacará. A primeira e a segunda pertenciam respectivamente às freguesias de Santana dos Tucanos e São João de Jeremoabo e as três últimas a freguesia de Nossa Senhora de Nazaré.¹ Os jesuítas foram os missionários das três primeiras e os franciscanos das duas últimas. (EDELWEISS, 1947).

Os esforços conjuntos dos poderes públicos e dos missionários para levar os índios a assumirem uma nova forma de vida social que fosse radicada ao solo encontraram sua atuação prática no aldeamento, local criado unicamente para os indígenas sob a direção de um missionário ou de um administrador leigo. José Dantas Itapicuru, irmão do capitão-mor João Dantas dos Imperiais Itapicuru, dono do Camuciatá, foi diretor-geral dos índios da comarca, de 31 de julho de 1847 a 1862. (DANTAS JR, 1969. p. 30.).

Para o missionário, o sistema de aldeamento constituía uma exigência preliminar para um trabalho de evangelização que seria impossível entre uma gente nômade e espalhada nas intermináveis regiões do Sertão ao longo dos grandes rios. A missão de Itapicuru, é fruto da política de aldeamento que nasceu do contexto histórico do Brasil colonial e perdurou até o século XIX, permitindo um contato mais próximo do índio com o colonizador, o que favoreceu o encontro das diferentes culturas que se mesclaram e continuam presentes em práticas e costumes atualmente. O aldeamento da missão da Saúde é fruto da recomendação de El Rei Dom João III (1521-1557) ao

¹ Atualmente a aldeia de Saco dos Morcegos se situa no município de Banzãe, a de Canabrava em Ribeira do Pombal, a de Natabua em Nova Soure e a de Massacará em Euclides da Cunha.

governador geral Tomé de Souza de usar de todos os meios para a evangelização dos índios, pela grande utilidade que disto podia advir para o serviço de Deus e o interesse da Coroa. (DANTAS, 2007).

Os missionários foram úteis tanto a Coroa portuguesa como aos sesmeiros e donos de boiadas. O sucesso da penetração no interior e a fixação do colonizador na terra dependia da aculturação dos índios e ninguém melhor que os missionários com a catequese para atingir esse objetivo. Na região estudada os franciscanos foram os que mais marcaram presença, a partir de 1689, quando foi criada a missão de Itapicuru de Cima, tendo como padroeiro Nossa Senhora da Saúde, daí ficar conhecida como Missão da Saúde.² Até hoje os moradores mais velhos do Camuciatá e do Manco quando querem dizer que vão para Itapicuru fazer feira dizem “eu vou para Missão”. Tendo se passado 332 anos a missão dos franciscanos continua presente na memória dos atuais moradores, influenciando tanto na questão dos hábitos da população local, como na preservação da memória do nome do referido aldeamento usado até praticamente os dias atuais.³ A primeira missão franciscana criada em 1689 encontrou os Tupinambá de Itapicuru de Cima.

A localização do aldeamento da missão da Saúde que vai dar origem a sede da atual cidade de Itapicuru foi escolhida respeitando a concentração original dos índios que estavam situados próximo ao rio de mesmo nome, no entorno de terras férteis e boas para o cultivo e com uma altitude de 155 m do nível do mar. A missão ficava a aproximadamente uma légua de distância do arraial⁴ que ainda hoje é conhecido por Vila Velha e onde foi erigida uma capela em 1648, que passou a freguesia curada em 1698, com o nome de Nossa Senhora de Nazaré de Itapicuru de Cima⁵ e só elevado a vila em 28 de abril de 1728.⁶ De sobrevivência do tempo das missões temos o formato da praça quadrilátera que rememorava em seu espaço o formato dos antigos aldeamentos espalhados pelo Brasil colonial.

² CALDAS, 1951, p. 60.

³ Depoimento oral da senhora Dobe, moradora do Camuciatá, em 1981.

⁴ Uma légua corresponde a 6 km de distância.

⁵ Antes disso a Missão da Saúde tinha como orago Nossa Senhora da Conceição da Saúde da Missão.

⁶ Conselho Ultramarino – *Parecer sobre a criação da vila de Itapicuru*. Lisboa Ocidental, 1º de junho de 1726 (Cópia do Manuscrito existente no Arquivo da Marinha e Ultramar de Lisboa).



Figura 01 - Ao lado da igreja matriz de Itapicuru uma pequena capela do que restou do convento dos franciscanos destruído por um incêndio em 1848. Fonte: AHFEC1

3.1 Tensão, resistência indígena e um exemplo de articulação contra o formato de distribuição de terras que estava sendo imposto.

Em todo Brasil e não foi diferente na Bahia, na região de Itapicuru, gradativamente os índios foram perdendo espaço. A perda da terra dos “muitos

potes”⁷ gerou um impacto muito negativo para eles e durante aproximadamente um século ficaram vagando pelo seu território, vendo outras terras serem ocupadas e muitos de seus irmãos sendo mortos por resistirem. Foi nesse contexto que os Jesuítas, os primeiros a chegar, enfrentaram a poderosa Casa da Torre na tentativa de implantar aldeamentos para preservar a vida dos índios e catequizá-los e depois os franciscanos vão substituí-los nessa tarefa com a fundação da Missão de Nossa Senhora da Saúde em 1689 (BANDEIRA, 2000). Vamos aprofundar um pouco esse contexto nesse subcapítulo.

As missões religiosas que aculturavam os índios nas suas crenças, na língua e no seu modo de viver, de qualquer forma preservavam áreas para sua sobrevivência e vida em comum. Entretanto, a expansão e consolidação da estrutura administrativa da Coroa portuguesa na Colônia aliada aos interesses econômicos dos sesmeiros e criadores de gado vão tornando a situação dos índios cada vez mais difícil. Um exemplo dessa realidade foi quando se deu a transferência da sede da vila de Itapicuru em 1831 da Vila Velha para o sítio onde hoje se encontra a cidade, exatamente no mesmo local onde se situava o aldeamento dos franciscanos. Essa mudança política-administrativa foi a gota d'água para a dispersão dos índios do entorno do Camuciatá e o aceleração da extinção definitiva do seu modo de produção comunal. A Missão da Saúde foi extinta três anos depois, em 1834, certamente por conta da incompatibilidade da vizinhança com a nova sede administrativa da vila (CARVALHO, 2021). Com isso os índios foram gradativamente se afastando do território original da missão, perdendo cada vez mais espaço e sua identidade.

Além do mais, no século XIX, as terras das aldeias de Itapicuru já estavam quase todas ocupadas pelos grandes fazendeiros da região, sendo os maiores proprietários os membros da família Dantas. Para exemplificar a ação dos fazendeiros contra os índios com o objetivo de se apossar de suas terras e nos ajudar a analisar e compreender os interesses da classe proprietária transcrevemos alguns trechos de um documento feito pelos índios da aldeia da Missão de Nossa Senhora da Saúde contra o capitão-mor João Dantas dos Imperiais Itapicuru:

⁷ Tradução do nome Camuciatá, de origem indígena, que se tornou uma das maiores fazenda e engenho de açúcar do Nordeste da Bahia, In SENA, 1979.

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor,

Dizem Joao Cardoso e Bernardo Pereira, com os demais índios da Missão de Santo Antônio da Saúde, termo da vila de Itapicuru de Cima, que eles, suplicantes, se acham em consternação e total desamparo da proteção imperial, porque os dois homens que lhe deviam dar por suas autoridades são os mesmos que lhe tiram e reduzem aquela vossa missão a flagelo: são eles o doutor corregedor da comarca Francisco Aires de Almeida Freitas e o capitão-mor João Dantas dos Imperiais de Itapicuru (...).

Entre os infinitos males que sofrem os índios daquela missão, exacerba o fato público, e odioso, com que aquele ministro, unido ao capitão-mor Dantas, fizeram convocar ao índio Florêncio Barbosa e o investiram do posto de capitão-mor dos suplicantes por um meio e forma inaudita, isto a fim de expulsarem do mesmo posto a Eleutério do Espírito Santo, que o exercia, por este obstar ao furto de terras pertencentes a essa missão e o do possessório dos suplicantes, terras que eles possuem há quase cem anos e lhes foram cedidas pela Casa da Torre e demarcadas em 28 de junho de 1729 a requerimento do coronel Garcia d'Avila Pereira, como mostra o primeiro documento junto, porquanto, tendo antes o capitão-mor Dantas mandado por seu filho, coronel Inácio Dantas, com seus escravos, arrancar um dos marcos daquela terra, que dividem com outras do mesmo Dantas denominadas Flexas, em um dos primeiros dias de dezembro do ano passado de 1826 (...)

(...) Dantas passou a fazer uma medição abrupta nas ditas terras da missão, das que tirou, e uniu às suas, o melhor de seiscentas braças de largura, e três mil e tantas de comprimento, incluindo nestas todos os brejos e roças plantadas dos índios, ficando para estes os altos e agrestes, descravando para isso dois marcos, e autorizando-o o mesmo corregedor a estes despotismos, apesar de, no dia 15 de junho do corrente ano, requererem os suplicantes já por escrito que lhe mandasse proceder a corpo de delito nos lugares do arranchamento dos marcos, e

*tiveram por despacho que já se havia tirado devassa a requerimento dos suplicantes (...)*⁸

Esse documento está inserido no contexto do interesse dos proprietários rurais de irem se apossando cada vez mais das terras no entorno de suas sesmarias. Já não bastava a radical redução das terras indígenas em aldeamentos delimitados pela Coroa portuguesa em área de uma légua em quadrado, ⁹ os índios além da delimitação espacial impostam estavam sujeitos a muitas invasões dos próprios vizinhos e dos próprios representantes da Coroa nomeados para administrar esses aldeamentos. É inserido nessa estrutura de poder que o capitão mor João d'Antas buscou colocar em prática o projeto de expansão de suas terras, solicitando a demarcação do aldeamento da Missão de Nossa Senhora da Saúde, cujos índios se sentiram lesados em seu território. Seu trineto, João da Costa Pinto Dantas Jr, descreve o que motivou o pedido de delimitação:

*“(...) desejando o capitão mor João d'Antas, que havia adquirido as terras da fazenda Oiteiro e Coqueiro, que reuniu e onde fundou o engenho São João do Catu, saber até onde iriam os respectivos limites, dirigiu-se em 1827, à Coroa, requerendo que mandasse demarcá-la. Atendido, fez-se a demarcação, fincando-se quatro marcas de pedra com as iniciais S.A (Santo Antônio), dos quais, ao que me consta, somente existe o do rumo Oeste. Os índios foram se reduzindo com o tempo e afinal, foi extinto o aldeamento passando o respectivo território ao domínio da Coroa, depois do Estado, e que hoje pertence ao município.”*¹⁰

A problemática narrada no documento escrito no ano de 1827, portanto tendo se passado 196 anos, é extremamente atual. A prática de invasão de terras indígenas por grandes fazendeiros, empresários e comerciantes, principalmente na região Norte do país é ainda frequente. Em busca de

⁸Arquivo Público do Estado da Bahia, Seção Colonial, *Carta ao Governo*, 1802-1815, Pacote 227 – s/d). Conclui-se, pelo texto, que o documento é de 1827 e está incorretamente classificado.

⁹ Alvará de 27 de setembro de 1700.

¹⁰ DANTAS JR, João da Costa Pinto. “Caderno de notas e pesquisa”. In: CARVALHO, André. *O velho Itapicuru. A História de um passado de glórias. (Edição comemorativa -280 anos)*. Alagoínhas: Graf Collor, 2021.

pastagens para criar gado, áreas férteis para o plantio, ou de matas para extração de madeira as estratégias dos latifundiários atuais para alcançarem seus objetivos eram as mesmas daqueles que viveram no século XIX e daí a importância da transcrição desse documento.

Olhando para contexto atual da região do entorno da cidade de Itapicuru e do Camuciatá conseguimos entender a realidade da posse das terras na região. De uma área sem limites que lhes pertencia os índios viram suas terras serem reduzidas pela família d'Avila, em seguida viram sua liberdade ser diminuída quando foram colocados matematicamente em um quadrado de léguas na Missão da Saúde. No começo do XIX perceberam que estavam sendo pressionados dentro da própria área que foi destinada para viverem. Dentro desse contexto de opressão foram vencidos física e psicologicamente, não tendo outra saída a não ser fugir ou se adaptar definitivamente ao novo formato de civilização que estava lhes sendo imposto. A pedra de Santo Antônio, que serviu para sinalizar o limite das terras indígenas com as das fazendas e engenho que iam se expandindo ainda hoje se encontra no mesmo local em que o capitão mor Dantas relata no documento se tornando testemunha material da ambição dos grandes proprietários de terra (DANTAS JR, 1967).

Feito esse contexto do encontro entre o colonizador e os índios, destacando as tensões e resistências fruto dos interesses antagônicos entre o dominador e o dominado passamos a aprofundar um pouco mais quem eram os índios que habitavam a região para melhor conhecer sua cultura e as marcas que deixaram nos seus descendentes que se misturaram com os brancos e negros e que são os atuais moradores de Itapicuru, povoados da Serra Velha e do Manco e do entorno. A aldeia de Itapicuru de Cima tinha uma quantidade razoável de índios. Parte deles era tupinambá, representando a grande família linguística Tupi-Guarani. Os outros grupos que habitavam a região faziam parte da família Kariri (SENA, 1979). A partir da constatação, através das fontes documentais e bibliografia sobre o tema, da grande presença dos índios nessa região vai ser possível acompanhar os rastros deixados por eles e segui-los na nossa busca por melhor conhecer as contribuições culturais que esses povos deixaram e que permanecem vivas

atualmente, através do modo de ser e viver dos seus descendentes, atuais moradores de Itapicuru, do Camuciatá e do Manco.

É importante ressaltar que o destino dos povos indígenas não foi o escolhido ou traçados por eles. As circunstâncias do processo colonizador os conduziram a uma nova forma de vida que desestrutura totalmente a forma como esses povos se relacionavam com a natureza, as práticas de sobrevivência material e a localização no espaço geográfico. A clara presença do sangue dos índios nos antigos moradores do Camuciatá que estão espalhados pelas comunidades do Manco e da Serra Velha é fruto da sua presença nas atividades trazidas pelo novo modo de produção implantando pelo colonizador como à atividade do pastoreio, sem deixar de lado também o trabalho cotidiano em pequenas roças que se tornou o principal meio de sobrevivência. A medida em que iam tendo suas terras invadidas pelos sesmeiros e fazendeiros os índios iam perdendo a liberdade de circular livremente pelas terras e iam se confinando nas pequenas áreas que lhes eram destinadas. Fica claro mais uma vez as influências negativas da estrutura de uma sociedade de classes trazida pelo colonizador que vai desorganizar o modo de produção coletivo dos povos indígenas que habitavam o Nordeste da Bahia. Essa realidade é exemplificada nas falas dos presidentes da província quando dizem: “*os mais deles trabalham por salário, alguns plantão milho (...)*”.

11

Em 1875, portanto já no último quartel do século XIX, época em que o engenho Camuciatá atingiu o seu ápice, ainda temos duas aldeias na comarca de Itapicuru: Nossa Senhora da Saúde e Soure.¹² A de Nossa Senhora da Saúde já estava a essa época circunscrita a uma área bem diminuta, pois em 1831 a vila de Itapicuru tinha transferido sua sede da “antiga Vila Velha” para onde se situava a Missão da Saúde, ou de Santo Antônio, fundada pelos franciscanos.¹³ Ela praticamente ficou circunscrita à área da atual Serra Velha, que limita com as terras da fazenda Mamão e do Camuciatá, onde temos residindo grande parte de descendentes dos antigos escravos e agregados das referidas propriedades, a maioria deles com ascendência indígena.

¹¹ Fala do presidente da Província Luís Antônio da Silva Nunes (1875-1877).

¹² Relatório apresentado por Antônio da Costa Pinto, Visconde de Sergimirim, Diretor Geral das Aldeias de índios da Província da Bahia, em 07 de fevereiro de 1875.

¹³ SENNA, 1979, P. 100.

João da Costa Pinto Dantas Jr (1967) transcreve o Alvará de confirmação de sesmaria concedida a Baltazar dos Reis Porto, trisavô do barão de Jeremoabo concedida por D. José, rei de Portugal, feita pelo vice-rei e capitão general de mar e terra do Estado do Brasil, André de Mello de Castro, conde das Galvêas, que vai confirmar a preocupação da coroa portuguesa em salvaguardar o direito da propriedade dos índios em terras ocupadas por eles, mas que praticamente nunca foi respeitado:

(...) Faço saber aos que esta minha carta virem que, sendo respeito a se me representar a petição cujo teor é o seguinte – dizem Balthazar Reis Porto, Francisco Xavier dos Reis e Ignacio dos Reis Leite, moradores no termo da vila de Itapicuru de Cima, que eles suplicantes querem haver por sesmarias três léguas de terra de cumprido e uma de largo para cada um, para nelas cultivarem seus gados vacum, e cavalar, as quais se acham despovoadas, e devolutas, no sertão do Tiiuiu,(...) Hey por bem conceder e dar de sesmaria em nome de S. majestade (...), e havendo nas ditas terras alguma aldeia não ficará sendo senhor dela, nem das que os aldeados ocuparem (...). Lisboa, 19 de junho de 1752. ¹⁴

O documento de concessão de sesmaria além de trazer informações importantes da relação com os índios, é um dos principais documentos que atestam o surgimento dos grandes latifúndios que estão presentes na estrutura fundiária do Brasil atual em pleno século XXI e, portanto, importante de fazer parte do acervo do museu virtual que será construído a partir desse contexto.

Visto o exposto, quando Cícero Dantas Martins, futuro barão de Jeremoabo, assume o comando da herança de terra e poder político de seus antepassados a maior parte dos índios já estão integrados compulsoriamente a estrutura montada pelo governo imperial. A miscigenação continuava se dando no contexto de um processo de práticas sociais introduzidas pelo colonizador que se realizaram com as estratégias de controle impostas aos índios e que

¹⁴ DANTAS JR, João da Costa Pinto. “Capitão-mor João d’Antas dos Imperiais Itapicuru” In: *Revista do Instituto Genealógico da Bahia*. Nº 15. Salvador: Editora Mensageiro da Fé, Ltda, 1967, p. 171.

apesar de ter havido transformações oriundas dos conflitos provocados pela dominação de um povo sobre o outro muitos aspectos foram preservados ao longo do tempo como por exemplo a política indigenista adotada pelo governo brasileiro em toda sua história. A marca dos índios que permanece na cor da pele da população local, na textura do cabelo, nos costumes e hábitos dos moradores do Camuciatá e no entorno de Itapicuru não são simplesmente marcas oriundas de traços culturais, mas estão inseridas em um processo social onde grupos sociais conviveram e manifestaram seus interesses antagônicos e que conseqüentemente entraram em conflito levando a classe dominante a usar de artifícios para cada vez mais diminuir o espaço de ação das populações indígenas, tanto que em 1879 o governo geral já recomendava a extinção dos aldeamentos de Itapicuru, Pombal e Jeremoabo.¹⁵

Identificando os Kariris como a nação principal que habitava o vale do Itapicuru, nas proximidades da sua vila, já que quatro dentre as cinco aldeias indígenas da região eram habitadas por eles, vamos ressaltar algumas características culturais desse povo que vão estar presentes na vila do século XVIII e se mantem vivas pelo século XIX e XX influenciando as práticas e vivencias dos moradores que habitaram e habitam os engenhos, fazendas, povoados e roças da enorme área territorial de Itapicuru de Cima.

Como todas as nações indígenas sua economia era de subsistência e viviam em uma sociedade sem classes sociais, mas para muito além dessa estrutura geral vamos identificar diversos elementos vindos da ancestralidade dos índios e que vão reverberar na vila de Itapicuru, Camuciatá, Serra Velha, Manco, chegando até os dias atuais. O aldeamento dos índios com os colonizadores contribuiu para a efetiva ocupação do Sertão tendo revelado no processo de ocupação humana a largueza da participação indígena, que além de necessária, foi indispensável para a formação dos traços culturais da população do Nordeste da Bahia. Como conhecedores da terra, ninguém melhor do que eles para facilitar o seu uso. Suas técnicas e ensinamentos serão utilizados pelos colonizadores e serão em parte responsáveis pelo sucesso das suas empreitadas.

¹⁵ OTT, Carlos. *Formação e evolução étnica da cidade do Salvador*. Bahia, 1957. V. 2, p. 72.

Muitos exemplos podemos apresentar como elementos da cultura material indígena que se fizeram presentes desde o primeiro momento de contato entre os dois povos e que passaram a fazer parte do cotidiano do local, das vivências das comunidades sertanejas e chegaram até os dias de hoje, inclusive em Itapicuru, nas terras do Camuciatá, nos povoados da Serra Velha e do Manco e em outros do entorno. No decorrer dos capítulos do contexto dessa tese e a medida em que, na narrativa, esses elementos forem aparecendo e se entrelaçando com outros da cultura dos outros povos eles serão mencionados e contextualizados.

Um ponto importante a destacar é a miscigenação ocorrida. Desde o início da chegada dos portugueses essa foi uma realidade que moldou o perfil físico do povo brasileiro e aconteceu de uma forma espontânea, a partir do contato entre os povos, mas sobretudo é explicada dentro do contexto de dominação que o colonizador impôs aos colonizados. O casal Diogo Alvares, Caramuru, e a índia Catarina Paraguaçu é um exemplo emblemático dessa miscigenação que se deu historicamente pela ausência de mulheres brancas no começo da colonização e pelas alianças estabelecidas entre o representante europeu e os principais chefes indígenas locais na busca da negociação pela implantação dos interesses da Coroa portuguesa (BANDEIRA, 2000). Esse casal, antepassado dos proprietários do Camuciatá, quando as terras ainda pertenciam a família de Garcia d'Avila, foram um dos primeiros a colorir a epiderme da futura nação brasileira. A partir deles e concomitante a eles as relações aconteceram a partir da práxis cultural estabelecida que na maior parte das vezes se deu a partir da imposição da vontade do colonizador se tornando uma prática social que perpassou a colônia, o império e chega até o período republicano.

A partir da compreensão do contexto acima interpretado, dos Kiriris descendem grande parte da população nordeste da Bahia e da vila de Itapicuru misturados com os descendentes da Casa da Torre e depois com os membros da família Dantas que possuem muitos descendentes habitando ainda hoje a região. O típico físico encontrado em Itapicuru tem muita semelhança com a descrição abaixo, mostrando como eles contribuíram para a criação do biotipo do sertanejo nordestino.

(...) a cabeça é grande e espessa; sua cor natural é atrigueirada, o cabelo é preto (...) tem o cabelo muito grosso e áspero. (...) As mulheres são indiscutivelmente pequenas e mais baixas de estatura do que os homens... (SIQUEIRA, 1978).

A linguagem é outro aspecto da cultura indígena que se misturou com a língua portuguesa logo nos primeiros contatos Inter étnicos e se faz presente atualmente através de expressões linguísticas que são usadas no cotidiano das pessoas da região e na toponímia utilizada. A língua Kariri tinha traços muito comuns com a língua chamada “língua geral”, derivada do Tupi, que em determinado momento passou a ser utilizada por dois terços da população e passou a ser o principal instrumento de transmissão dos saberes e fazeres indígenas (FERRARI, 1957). Apesar de o português ter prevalecido como língua oficial, o contato com a língua geral dos índios ou dialetos de cada região vão dar um toque característico ao português no Brasil e na Bahia, perdendo este a formalidade, dureza e frieza da língua, tornando-se mais leve e cadenciada.

Apesar da multiplicidade de dialetos, da forte presença dos Kiriris, observa-se uma prevalência de topônimos de origem Tupi na região de Itapicuru e no Camuciatá cujos significados desses territórios citados se traduzem respectivamente em “laje caroçuda” ¹⁶e “muitos potes”, além de mais de três dezenas de expressões linguísticas que estão presentes ainda hoje no cotidiano dos moradores da comunidade local e da cidade, seja nomeando localidades, elementos da fauna e da flora e elementos do cotidiano da cultura material e imaterial. Os estudiosos divergem se a língua Kariri é um dialeto da língua geral ou se tem uma característica própria como um grupo linguístico independente. Ambas têm muitos traços em comum. Na verdade a “língua geral” deriva do tupi e por isso vamos encontrar na região forte presença de nomes que tem origem nesse grande grupo (CUNHA, 1992).

No próprio cotidiano da casa grande os índios não vão estar presentes fisicamente, mas vão deixar suas marcas até os dias atuais através de sua cultura. No capítulo que vai contextualizar o Camuciatá e seu sobrado

¹⁶ Significado do topônimo Itapicuru na língua portuguesa.

mediando dialogicamente a pluralidade cultural a partir da dinâmica das relações sociais do encontro das diferentes etnias vamos poder observar diversos elementos da cultura indígena presentes. Entre as camas de jacarandá do sobrado, quase todos os quartos tinham armadores e redes para o descanso depois do almoço ou até mesmo para passarem a noite. Nas varandas do fundo do sobrado ou na sala da cachaça redes eram penduradas para os familiares e convidados se refastelarem após as refeições. Seja nas casas grandes dos herdeiros do barão ou em qualquer casa da comunidade do Manco difícil não ter uma rede no alpendre ou ao lado da mesa de refeições. Testemunho vivo da cultura indígena se misturando aos elementos portugueses e africanos.

A forma de tomar banho é outra forte permanência de elementos da cultura indígena ainda presentes nos moradores do Manco. Apenas a Casa Grande tinha uma estrutura de água encanada, mesmo assim o banho de “cuiá” era muito usado e apreciado pelos moradores.¹⁷ Os índios usavam o recipiente do coco vazado ou de outras plantas nativas para se molharem, instrumentos esses que os portugueses aperfeiçoaram transformando nas cuias (SAMPAIO, 1955). Apesar de já encontramos água encanada em muitas casas o que está presente ainda hoje no cotidiano dos moradores do Manco é o banho de riacho. É comum se vê no entardecer de cada dia pessoas se dirigindo para o riacho com sabão e toalha para fazer sua higiene pessoal. Costume milenar, os banhos nos rios e riachos eram uma prática indígena que foi absorvida pelos portugueses e pelos brasileiros já frutos da miscigenação e que reverberam atualmente.

Nos capítulos seguintes, veremos no decorrer da contextualização outras representações indígenas que deixaram marcas até os dias de hoje e fazem parte da cultural local e que dentro do contexto da presença e influência do índio farão parte dos quadros de acervo que irão compor o design do Museu Virtual da Vila de Itapicuru, Fazenda-Engenho Camuciatá e Povoado do Manco.

Antes de prosseguir é importante elencar em quadros os elementos que representam a presença dos índios em Itapicuru e o relacionamento que

¹⁷ Dantas, Alvito. Depoimento em junho de 2020.

travaram com os portugueses e africanos e as consequências advindas expressas nas mais variadas manifestações culturais. É do contexto do texto que vem da página 37 a 52 que estou retirando e destacando o que fará parte dos quadros de acervo e serão inseridos como peças do museu. Os quadros se encontram no Anexo A “Quadros do design do acervo do Museu Virtual em Foto e Vídeo da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciatá e Povoado do Manco (MVICM), distribuídos nos 07 (sete) principais ambientes que irão compor a estrutura do museu.

Esse primeiro capítulo do contexto trouxe a presença dos primeiros elementos do acervo que serão registrados em foto e vídeo a partir da aldeia dos índios Kiriris que se encontravam em Itapicuru e a missão organizada pelos franciscanos. A origem da vila de Itapicuru estará presente também a partir dos primeiros colonizadores que fundaram a Vila Velha. No próximo capítulo optamos por contextualizar logo a presença do negro que vai através do seu trabalho e modo de vida transmitir heranças importantes que também se tornarão acervo do museu. Apesar de cronologicamente eles chegarem logo após os portugueses na região, por uma questão de opção epistemológica da organização da narrativa do contexto vamos inseri-los em seguida aos índios e deixar o colonizador para o final porque na sequência iremos aprofundar o desenvolvimento da vila de Itapicuru e a formação da fazenda engenho Camuciatá. Essa disposição da apresentação dos contextos está coerente com a abordagem socioconstrutivista dessa tese que não segue a lógica da história tradicional que entende a narrativa histórica como uma sucessão linear de fatos e suas respectivas datas, buscando construir a compreensão da história a partir da dialética das relações sociais que acontecem em tempos que se conectam e dialogam entre si e fazem da história uma caminhada de permanências, rupturas e mudanças que só podem ser entendidas a partir de uma leitura processual da mesma.

4. Nos primórdios da colonização a chegada do sangue africano no Agreste e Sertão da Bahia.

Logo no início da colonização o africano chegou a Bahia. Isso se deu logo que os primeiros engenhos de açúcar foram estabelecidos

aproximadamente no final da década de 1540 e começo da seguinte. Além da necessidade de mão-de-obra o português vislumbrou o escravo como uma 'mercadoria' lucrativa a ser comercializada (CARDOSO, 1990). Essa realidade o levou a ir à busca de novos mercados que incluía a sua maior e mais nova colônia - o Brasil.

Na Bahia, principalmente em Salvador e seu Recôncavo, o número de escravos foi crescendo no último quartel do século XVI e começo do XVII na medida em que os senhores de engenhos foram se capitalizando (SCHWARTZ, 1988). Logo o negro passou a estar em todos os lugares, tanto no mundo rural, como urbano.

As terras do Camuciatá desde o século XVI, por volta de 1573, já não pertenciam mais aos índios por já estarem integradas a doação de sesmarias recebidas pelos Garcia d'Avila que tinham emendado sesmarias que começavam em Tatuapara rumo ao norte e já dominavam as terras que margeavam o rio Jacuípe, rio Real e Itapicuru, (BANDEIRA, 2000). Não temos registro documental do período exato em que começaram a chegar os primeiros negros na região do agreste baiano. Os estudiosos afirmam que nos dois primeiros séculos da colonização à medida que foram chegando, seja fugindo da região do Recôncavo baiano ou sendo trazidos pelos colonizadores, eles se aliaram aos chamados 'negros da terra' ¹⁸por não conhecerem a fauna, a flora e os caminhos do imenso território brasileiro. Essa aliança teve como fruto a miscigenação, gerando os cafuzos, e facilitou que ambos os grupos, oprimidos pelos colonizadores encontrassem possibilidade de fazer resistência ao sistema colonial e manter viva as suas práticas culturais. (MONTEIRO, 1994).

A constatação da união dos grupos dominados contra o colonizador é uma tentativa de avançar nos estudos sobre escravidão aprofundando a questão de classes presente nesse tema. Afora João José Reis que em sua linha de investigação estuda a questão de classes da sociedade senhorial tomando como ponto de partida e análise os conflitos e tensões oriundos das práticas sociais que emergem das práxis dos atores sociais que fazem parte dessa sociedade, mas principalmente analisando como os povos que

¹⁸ Negros da terra era como era como os portugueses chamavam os índios nos primeiros séculos da colonização.

chegavam conseguiram colocar em prática estratégias de resistência e negociação mesmo com todo o sistema e aparato governamental contra, poucos historiadores que pesquisam escravidão tem estudado o tema sob essa ótica. Existe uma carência de estudos com essa abordagem o que faz muita falta para o entendimento das contradições internas oriundas do contato entre os povos e nesse trabalho eu tento trazer a questão de classes sociais presentes na região de Itapicuru, no engenho Camuciatá e no povoado do Manco. Nos próximos subcapítulos vamos aprofundar essas tensões a partir do contexto histórico da região e a atuação dos sujeitos históricos que nele viveram.

4.1 Territórios de resistência: mucambos efêmeros.

Uma das formas de resistência, entre muitas outras estudadas pela historiografia da presença escrava no Brasil, é a formação dos quilombos. Até o século XVII, um local que abrigasse negros fugidos e que ali se estabelecessem era também chamados de mucambos, palavra de origem quimbunda. A partir daí esses espaços passaram a ser denominados de quilombos, que em banto significa “acampamento” ou “fortaleza”. (GOMES, 2015). É exatamente o registro desses mucambos e depois quilombos que vão nos dar pistas da chegada dos primeiros negros nas margens do rio Itapicuru, a princípio nas terras dos Garcia d’Avila.

Em 1602, temos a notícia de um dos primeiros grandes mucambos formado na Bahia estabelecido exatamente em Itapicuru. O então décimo primeiro governador geral do Brasil Diogo Botelho (1602-1607), contou com a ajuda de Zorobabé, chefe dos Potiguares, para destruir o ajuntamento e atacar os negros. Em 1636, o governo exterminou outro quilombo em Itapicuru e quatro anos depois em Rio Real. Essa presença demonstra que apesar da maior parte dos africanos ter se concentrado em Salvador e no Recôncavo, já no começo da colonização eles buscaram o interior em busca de refúgio. (NUNES, 2018).

Não sabemos exatamente onde se situavam esses mocambos, mas para constar no Museu Virtual temos uma hipótese factível da localização geográfica de um deles cujas terras estão no entorno do Camuciatá. É

exatamente onde está localizada a atual cidade de Olindina, que até a década de 1980 os moradores mais antigos da região a chamavam de Mocambo. Essa denominação se refere à fazenda que deu origem ao município e que pertenceu ao médico dr. Pedro Ribeiro de Araújo, falecido em 1912. Assim como o Camuciatá, essa propriedade pertenceu à Casa da Torre, fazendo parte das sesmarias doadas a partir do final do século XVI e em 1776, vinte dois anos depois que foi comprado o Camuciatá foi adquirido pela tia trisavó do barão de Jeremoabo, Maria Leite de Souza e seu marido Manoel Alves Aranha,¹⁹ já com o nome de fazenda Mocambo (DANTAS JR, 1967). Como podemos observar pelo histórico acima traçado o território do “Mocambo” como ajuntamento de escravos existiu até a primeira metade do século XVII. Depois disso voltou a posse da Casa da Torre com a dispersão dos negros fugidos e no último quartel do século XVIII se tornou um engenho de açúcar mantendo o nome de “Mocambo”.

O nome mocambo em uma região que era povoada em sua maior parte pelos índios tupinambás e Kiriris e que tinha uma prevalência de inúmeros topônimos de origem Tupi é um indício concreto da presença do africano desde o final do século XVI. O importante é notar nesse contexto que não só os portugueses chegaram ao vale do Itapicuru no alvorecer de uma nova civilização que se formava, mas que os africanos já estavam lá presentes a partir de 1590 fugindo das agruras dos trabalhos dos primeiros engenhos do Recôncavo e lá se estabelecendo e dando origem a um mocambo que os moradores mais antigos da região ainda hoje usam a terminologia para denominar o local.

A partir do século XVIII o processo de ocupação e povoamento já está consolidado com o aumento do número de currais; as áreas das grandes sesmarias, muitas delas já se tornaram fazendas de gado e as missões já tinham conseguido ‘civilizar’ a maior parte dos indígenas. Essa realidade e a distância dos grandes engenhos do Recôncavo para a região termina enfraquecendo a região como área de ajuntamentos de negros fugidos que como fizemos referência chegaram a formar alguns mocambos no vale do Itapicuru e adjacências, no século XVII (NUNES, 2018).

¹⁹ Esse casal era antepassado do médico Pedro Ribeiro de Araújo, último proprietário da fazenda antes de começar a se tornar um povoado a partir de 1912.

4.2. Cultura e cotidiano: expressões de luta e resistência

Em uma abordagem dialética iremos tecer o mosaico do nosso contexto que vai fornecer dados concretos para os quadros de acervo que vão ser a base para a composição do museu virtual nos diferentes ambientes e coleções que serão propostos. A partir do contato dos povos africanos com a classe senhorial, iremos em uma perspectiva de relação causal na história, procurar identificar os pontos de tensões sociais existentes na sociedade colonial brasileira considerando no decorrer da análise do processo histórico as transformações e permanências em relação ao modo de vida da população, as manifestações culturais, mas também as contradições oriundas dos diferentes interesses das classes e grupos sociais inseridos no contexto histórico da época.

A primeira constatação que fazemos é que seja qual for a origem étnica dos escravos que chegaram na região do vale do Itapicuru esses grupos refletem a pluralidade cultural vinda do continente africano e, portanto, vão contribuir de forma heterogênea na formação e consolidação das práticas culturais do negro em Itapicuru, no Camuciatá e no Manco. Os escravos após chegarem ao porto de Salvador eram vendidos de uma forma aleatória, inclusive havia uma estratégia por parte dos senhores de não levarem para os engenhos negros de uma mesma nação e que falassem a mesma língua para evitar a comunicação e possíveis rebeliões (SCHWARTZ, 1995). Como os mocambos formados em Itapicuru foram compostos de escravos fugidos de engenhos do Recôncavo eles, provavelmente, eram de nações diferentes, não formando, portanto, um grupo homogêneo quanto à origem na região do entorno do Camuciatá. Desse modo a influência africana na região se dá de uma forma heterogênea com marcas deixadas pelos sujeitos que vão chegando no local e transmitindo suas práticas, costumes, valores e crenças.

Apesar de nosso estudo está focado em um engenho de açúcar que mesmo situado no Sertão tinha o mesmo perfil dos grandes engenhos do Recôncavo açucareiro, tirando apenas a distância dos grandes centros de distribuição e circulação como os rios Paraguaçu, Jaguaripe que desaguavam na Baía de Todos os Santos não podemos desconsiderar as especificidades da realidade do escravo no sertão em um contexto econômico diferente. Apesar

do engenho Camuciatá localizado no vale do Itapicuru, pelas suas dimensões, qualidade de terra e posses de seus proprietários está inserido nos paradigmas do sistema colonial mercantilista sendo uma das mais importantes unidades da agromanufatura açucareira do Nordeste da Bahia não podemos deixar de abordar nesse trabalho as relações escravistas e de produção que estavam a margem da estrutura produtiva dominante e dos grandes ciclos econômicos, mesmo porque afora o Camuciatá, as demais propriedades dos Dantas e outros poucos grandes fazendeiros no entorno de Itapicuru os demais eram donos de médias e pequenas propriedades que possuíam poucos escravos.

Erivaldo Fagundes Neves afirma que,

(...) longe das regiões monocultoras litorâneas, desenvolveram-se a partir do século XVIII policulturas de subsistência que fizeram surgir um pequeno comércio regional (...). O escravismo foi desenvolvido no sertão, simultânea e articuladamente com a meação. Confundiam-se choupanas de agregados e casebres de escravos (...) (NEVES, 1994, p.1)

Para a região de Itapicuru como um todo, um dos maiores municípios do Nordeste da Bahia, os dados são insuficientes para uma amostragem de uma possível predominância de uma determinada nação africana em relação a outra e os grupos linguísticos que faziam parte. Buscar essas informações seria um esforço que foge ao objetivo principal desse trabalho nesse momento. O mais importante é atentarmos para os resquícios da cultura material e imaterial deixada por esses povos e de posse dessas informações selecionar as peças do acervo que irão compor o ambiente do museu virtual referente a cultura africana.

Importante ressaltar que o Camuciatá foi uma propriedade que até a década da abolição da escravatura estava recebendo escravos de outras regiões, que apesar de não serem mais africanos, eram oriundos de grupos linguísticos diferentes e, portanto, trazendo com suas práticas e costumes uma pluralidade cultural para as terras da fazenda-engenho e seu entorno. Essa realidade foi possível porque apesar da decadência econômica do nordeste açucareiro e a concorrência das províncias produtoras de café do sudeste do

país, alguns proprietários abastados como Cícero Dantas continuaram a adquirir escravos.²⁰ Essa realidade vem reforçar nossa tese a respeito da dificuldade de se identificar com facilidade possíveis grupos étnicos majoritários que chegaram na região.

No ano de 1872 o censo geral constatou que população escrava de Itapicuru e do seu entorno estava em torno de 16%, incluindo o município do Soure, média bem abaixo dos 40% registrado em Santo Amaro (MATTOSO, 1988). O engenho Camuciatá do barão manteve uma posição de destaque mantendo a presença dessa mão-de-obra em um nível elevado para a região o que demonstra uma especificidade dessa propriedade que está no nível das do recôncavo açucareiro. Essa realidade proporcionou uma confluência de diferentes grupos étnicos na região criando um ambiente multicultural no entorno de sua casa grande que reverbera atualmente nos descendentes dessa comunidade.

Seja com uma predominância de alguma característica dos grupos linguísticos lorubá/ nagôs ou dos Bantos (angolanos), seja com a multiplicidade de elementos culturais fruto da diversidade de escravos que chegaram a Itapicuru e no Camuciatá oriundos de grupos diferentes e já misturados com outras etnias, o fato é que a presença dos negros deixou marcas importantes que estão presentes no cotidiano, nos costumes, no modo de ser e de viver dos habitantes das comunidades do Manco e da Serra Velha.

Na música e na dança, no vocabulário utilizado para nomear objetos, logradouros e pessoas; nas relações sociais, na religião, especificamente no Candomblé; na alimentação, no uso de ervas e folhas, na tradição oral oriunda da África, nos contos e histórias; nas maneiras de vestir, tudo isso foi transportado pelos africanos para o Brasil quando vieram como mercadoria, mas, sobretudo, trazendo dentro de si o modo de ser e de viver dos vários povos que habitavam o continente africano. Todas essas facetas vão ser encontradas de uma forma ou de outra nos registros e documentação histórica do Camuciatá, bem como nas mais diversas expressões culturais refletidas no modo de ser, de falar, e de conviver das comunidades locais que no seu cotidiano continuam a reproduzir práticas de seus antepassados que viveram

²⁰ DANTAS, 2007, p. 197.

há duzentos anos, mas que estão vivos em seus descendentes através do legado que deixaram. Essa preservação se deu também como forma de resistência de um povo que lutava para manter suas identidades e práticas culturais em uma realidade nova que lhes foi imposta e totalmente adversa do que eles conheciam.

Essa realidade faz aflorar uma multiplicidade de aspectos culturais que se misturam e se transformam dentro da própria dinâmica do encontro de culturas diferentes, gerando uma circularidade cultural que através do conceito a ela atribuído pode nos ajudar a compreender melhor os encontros de culturas diferentes. Trazemos a reflexão de Leonardo Santana da Silva que diz que podemos,

(...)utilizar o conceito de circularidade cultural como mais uma das ferramentas apropriadas para se analisar realidades históricas similares, que são constituídas de uma forma ou de outra por diferenças culturais e, conseqüentemente, pela tramitação de elementos culturais comuns existentes no ambiente das diferentes classes sociais que fazem parte de qualquer sociedade.²¹

E mais adiante associa esse conceito aos utilizados por Bakhtin ²² defendendo uma comunicação dialógica que perpassa pela circularidade cultural gerando uma reciprocidade entre as culturas diferentes que se misturam, se fundem e se mantem vivas em tempos e espaços futuros:

(...)o termo circularidade bastante presente nas obras de Mikhail Bakhtin e seu Círculo serviu para que o historiador Carlo Ginzburg corroborasse a presença de uma comunicabilidade que transcorria de maneira dialógica, circular e, por conseguinte, de forma mútua e recíproca – para utilizarmos mais especificamente os termos originais bakhtinianos – entre a cultura das classes subalternas e das dominantes (...)²³

Visto o exposto a fazenda engenho Camuciatá no que tange a cultura africana traz do período colonial e imperial elementos que vão influenciar a

²¹ SILVA, P.73, 2017.

²² BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 20

²³ SILVA, *ibid*.

cultura afro-brasileira do século XXI oriundos das áreas da África mais ligadas ao comércio de escravos para as terras do Brasil e da Bahia.

Devido a essa diversidade não identificamos uma predominância de costumes, de saberes e fazeres de uma determinada nação na região do Itapicuru e no Camuciatá, mais uma mistura de contribuições fruto do próprio processo de integração do negro na nossa sociedade. Nesse sentido, a variedade de elementos das culturas africanas que chegam ao Brasil expressas nos falares, na alimentação, nos costumes, marca a presença e contribuição do negro na formação do contexto da região de Itapicuru, do Camuciatá e posteriormente do Manco. Como sujeitos históricos eles serão colaboradores da construção do museu e as práticas que mais sobressaem e continuam vivas ainda hoje farão parte do acervo.

Entre tantas práticas culturais, para exemplificar, destacamos o candomblé, que segundo Tavares (2001) “*é um conjunto de cerimônias religiosas animistas que diferem nos rituais, conforme seja ijexá, ewe (jeje), aussá, kêtú, cabinda, congo*”.²⁴ Nessa manifestação cultural o primeiro ponto a destacar e que continua presente nos dias de hoje é a musicalidade e a dança, que também farão parte do acervo do Museu Virtual. Desde o século XIX, até a década 1950, no silêncio das noites de lua cheia, a quilômetros de distância se ouvia o som dos atabaques vindos do candomblé da Ialorixá Laurinda, na fazenda Tijuco, que fazia rumo, pelo Norte, com o Camuciatá.²⁵ No começo do século XXI a margem da rodovia BR 349, praticamente na entrada da cidade de Itapicuru o candomblé da Ialorixá Durvalina ainda faz ecoar os tambores da África fazendo jus a própria etimologia da palavra candomblé que significa “casa da dança com atabaques”.²⁶

De acordo com a forma dada aos ancestrais endeusados, que simbolizam as forças da natureza personificadas, podemos saber de qual nação esses candomblés se originam e que características estão presentes nos dias de hoje e que reverberam nas crenças e religiosidade dos moradores do Manco e da Serra Velha. É um estudo a ser feito e que dará continuidade ao aprofundamento do contexto histórico-cultural da presença do negro na região

²⁴ TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. São Paulo: Editora UNESP; Salvador, BA: EDUFBA, 2001. P. 59.

²⁵ Depoimento oral de Sonia Pinto Dantas Guimarães e Maria de Mania, em janeiro de 1980.

²⁶ Ibid. p. 59.

e que a posteriori poderá trazer novos elementos para compor o museu virtual que será construído.

Dada essa explicação, em outro momento, e não na construção do contexto do museu virtual que está sendo produzido no desenvolvimento dessa tese nos aprofundaremos na tentativa de nos aproximarmos um pouco mais da origem desses candomblés. De antemão registramos mais uma vez que a maioria dos escravos que chegaram à região de Itapicuru e ao Camuciata vieram de diversas regiões e depois se misturam ainda mais com o tráfico interprovincial e, portanto, suas religiosidades vão ser fruto de muitas tradições, que são chamadas nações do Candomblé.²⁷

. Dentro do propósito de destacar o contexto da fazenda engenho Camuciata, de Itapicuru e seu entorno registramos que no candomblé da região já podemos observar a influência da presença de traços culturais do Sertão da Bahia nos adereços utilizados, onde muitas vezes o caboclo usa o chapéu de couro, o mesmo utilizado pelos vaqueiros e carreiros da fazenda Camuciata que muitas vezes eram os mesmos atores sociais que frequentavam tanto a missa na capela do sobrado aos domingos, como o terreiro das ialorixás Laurinda e Durvalina.

A presença dos adereços de couro nos ritos religiosos de influência africana é forte na região de Itapicuru. Isso se dá não só pelo contexto da civilização do gado, mas também pelo fato dessa matéria prima já ser conhecida e utilizada em algumas regiões da África (NIANE, 2010) e trazida também para cá com o tráfico na medida em que as culturas africanas já chegaram no Brasil miscigenadas. Com a proximidade desses povos com a cultura do gado essas práticas e seus elementos se tornam mais presentes ainda, como podemos constatar no entorno de Itapicuru e do engenho Camuciata.

Não só negros e índios se integraram aos cultos religiosos africanos que marcaram presença na região. Os bisnetos do barão demonstravam interesse em assistir o rito e dele participavam. Alvito Dantas dá o seguinte depoimento a esse respeito:

²⁷ VASCONCELOS MAIA, Carlos. *ABC do Candomblé*. Bahia: Carlito Ed, 1978.

Em noite de lua cheia saíamos a cavalo do Camuciatá para assistir o candomblé de Laurinda. O terreiro era no Tijuco. Ficava aproximadamente uns 10 km do engenho. Ia eu, Sônia, Marlene, Nibinha e outros companheiros. No silêncio da noite de longe ouvíamos o som dos tambores e atabaques. Ao nos aproximarmos víamos a luz dos candeeiros acessos refletindo no terreiro em frente à casa. Saltávamos dos cavalos e sem fazermos alardes íamos entrando no salão onde estava acontecendo o ritual. No momento em que um de nós entrava no recinto ouvíamos um dos participantes puxar o coro "(...) é da Costa Dantas, é da Costa Dantas, é da Costa Dantas (...)", os tambores acompanhavam a melodia e todos os participantes continuavam a dançar. ²⁸

Assim como os escravos, agregados, roceiros participavam dos cultos religiosos católicos puxados por Jesuína Dantas, sinhazinha do Camuciatá, ²⁹na capela do sobrado; os bisnetos do barão frequentavam o candomblé da ialorixá Laurinda, em uma demonstração de trocas e aproximações culturais das diferentes etnias que se erradicaram na região.

Em relação ao contexto da influência da língua na região o grupo linguístico Banto ou congo-angolano vai influenciar os falares dos descendentes dos escravos que para lá foram no século XVIII e que foram também incorporados pelos brancos e índios. Até hoje diversas expressões são usadas pelos moradores do Manco demonstrando as permanências culturais que se perpetuam pelos séculos e farão parte do vocabulário do museu virtual a ser construído a medida em que ouviremos através dos vídeos gravados a linguagem dos afrodescendentes que habitam no povoado do Manco.

O outro grupo linguístico forte que vai influenciar a cultura trazida pelos negros para o entorno de Itapicuru e Camuciatá é o Iorubá, denominado no Brasil de Nagô, que no século XVIII irá substituir a considerada língua dominante banto e vai se tornar a língua mais falada na Bahia. Vinham da parte ocidental da Nigéria, zona delimitada a leste e ao norte pelo rio Níger e a oeste pela fronteira oriental do Daomé-Benin (CASTRO, 1980). Considerando as características gerais de cada grupo e analisando as particularidades das permanências culturais nos saberes, fazeres, crenças e falares podemos traçar o perfil de uma rede que liga o interior e agreste da Bahia com o interior e litoral

²⁸ Depoimento de Alvito Dantas na fazenda engenho Camuciatá, em junho de 2015.

²⁹ Bisneta do barão de Jeremoabo.

da África. Apesar de três séculos terem se passado essa rede continua se fazendo presente nos ecos das vozes da África angolana, nagô e das diversas outras regiões que se fazem presente através dos falares dos descendentes dos escravos que hoje habitam a comunidade do Manco e Serra Velha.

Este capítulo, como o anterior, servirá para a elaboração dos quadros que se encontram no Anexo A “Quadros do designe do acervo do Museu Virtual, em foto e vídeo, da vila de Itapicuru, fazenda engenho Camuciatá e povoado do Manco (MVICM)” onde estão as informações sistematizadas extraídas do texto dissertativo interpretativo acima construído, retirados das páginas 53 a 64, onde a partir delas iremos selecionar os elementos que irão ser as peças de acervos a serem expostas no museu virtual.

No próximo capítulo iremos contextualizar o surgimento da vila de Nossa Senhora de Nazaré de Itapicuru de Cima, local onde habitavam os índios e que se tornou uma missão franciscana, que recebeu os africanos que foram chegando para trabalhar nos engenhos e fazendas do entorno e sede do poder político dos sesmeiros, depois fazendeiros e senhores de engenho da família Dantas. Considerando a abordagem socioconstrutivista adotada nessa tese seguiremos na construção de um texto dissertativo interpretativo utilizando as características dos conceitos do dialogismo e polifonia de Bakhtin no momento das interconexões dos atores sociais do passado e do presente, sempre considerando e respeitando a diversidade cultural oriunda da presença das diferentes etnias que atuaram no espaço da antiga vila do agreste e sertão da Bahia. No final do texto teremos mais subsídios para continuar na construção dos quadros de acervo inserindo novos elementos que serão selecionados para compor o museu a ser construído.

5.0 CONTEXTO HISTÓRICO, POLÍTICO, SOCIAL E CULTURAL DA VILA DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ DE ITAPICURU DE CIMA DO SÉCULO XVIII AO XX.

A importância desse capítulo é muito mais contextualizar os processos históricos que se desenrolaram no espaço geográfico de Itapicuru do que fazer uma cronologia histórica. Trata-se de ver os currais, caminhos e estradas, aldeamentos, missões, fazendas e engenhos, povoados e vilas como

elementos de um conjunto articulado que surgiram fruto de um processo histórico impulsionado pelos interesses econômicos mercantilistas da Europa ocidental, permeado por uma mentalidade e cultura judaica cristã que foram sendo flexibilizadas pela força e presença dos elementos da cultura do índio e do negro. A compreensão do movimento dos diferentes grupos sociais que transitaram por três séculos nesse território, através do labor cotidiano, das suas conquistas, das lutas e conflitos vai nos ajudar a entender melhor a atual configuração sociopolítica da cidade de Itapicuru e como os seus habitantes vivem na região. Essa realidade vai contribuir para que os sujeitos históricos do presente tenham uma melhor compreensão do seu papel e lugar na sociedade, tanto nos aspectos sociais, como nos econômicos, levando a possibilidade do desenvolvimento de uma reflexão crítica a respeito de possibilidades de mudanças.

Para se estudar a origem da vila de Nossa Senhora de Nazaré de Itapicuru de Cima é necessário traçar um breve panorama da Bahia colonial. A Bahia como as demais capitâneas surgiram a partir do desejo de Portugal colonizar o Brasil. Como a metrópole não tinha recursos econômicos para investir na colonização implantou uma administração em parceria com a iniciativa particular. Desse modo a primeira divisão geográfica e administrativa do Brasil se deu com as Capitâneas Hereditárias, onde a área do atual estado ficou repartida inicialmente entre três donatários e depois com cinco donatários (TEIXEIRA DA SILVA, 1990).³⁰ Concomitantemente a essa estrutura inaugurou-se o sistema de sesmarias que já era utilizado na Roma antiga, como uma forma de ocupação das terras, e depois na área que seria Portugal no tempo do império romano e no próprio reino a partir do século XIV (RUCQUOI, 1995).

No Brasil e no sertão da Bahia, território onde está inserido o nosso objeto de estudo e espaço do museu virtual a ser construído, a instituição da sesmaria vai dividir as áreas internas da capitania com os beneficiados pelas doações, formando grandes latifúndios que vão ser a base do poder político, econômico e social dos Garcia d'Avila e depois dos Dantas na Bahia colonial, poderio esse que chegará até a fase republicana (CALMON, 1983). Nesse ponto, é bom frisar que os Dantas substituíram a família da Casa da Torre no

³⁰ Francisco Pereira Coutinho (Bahia), Jorge de Figueiredo Correa (Ilhéus), Pero de Campos Tourinho (Porto Seguro), Antônio de Athayde (Itaparica), Álvaro da Costa (Paraguaçu).

nordeste da Bahia e, portanto, foram os responsáveis pela perpetuação do poder dos senhores de terra até o século XXI.

Apesar de ter sido extinta juridicamente no século XVIII a sesmaria continua viva em sua essência na presença das enormes propriedades rurais existentes e concentradas na mão de poucos. A área onde se formou o município de Itapicuru foi pouco a pouco tomada dos índios e dividida pelas sesmarias dos Garcia d'Ávila, depois dos Dantas e outros sesmeiros que para lá foram no começo do século XVII. Esse era o cenário de Itapicuru quando o Camuciatá foi comprado, em 1754, pelos Dantas aos d'Ávila, uma pequena vila cercada por uma vastidão de terras com alguns sesmeiros e suas famílias e índios aldeados nas missões franciscanas. Uma visão aérea da vila e seu entorno será disponibilizada no museu virtual para a melhor compreensão do ambiente descrito.

5.1. A vila de Nossa Senhora de Nazaré de Itapicuru de Cima

As vilas passam a ser o núcleo político-administrativo por excelência da colônia. A capitania da Bahia no século XVIII já tinha algumas vilas espalhadas por seu imenso território. Itapicuru se torna vila oficialmente em 28 de abril de 1728 e como as demais toma como modelo a estrutura político-administrativa implantada pela metrópole (CARVALHO, 2021).

Apesar da distância das terras d'além mar a coroa portuguesa acompanhava de perto, através dos vice-reis a administração de sua colônia e tinha uma preocupação constante na formação das vilas que seriam o centro administrativo que iria concentrar o poder régio e da justiça, através dos potentados locais. É nesse contexto que surge a necessidade das formações das vilas, a partir do número de habitantes, possibilidades econômicas e necessidade de controle (PEREIRA DE QUEIROZ, 1957). Assim foi fundada, na localidade denominada pelos índios - de Itapicuru - a vila que vai levar o seu nome. Já era ponto de passagem das boiadas e nela já tinha sido assentada em 1648, pelos homens da Casa da Torre, em um dos locais mais altos da região, distante cerca de uma légua e meia do rio, uma pequena capela de taipa, coberta de palha, sob o orago da santíssima virgem de Nazaré. Essa localidade passou a se chamar Vila Velha (CARVALHO, 2021). A capelinha

será inserida no quadro de acervo que reúne os elementos que foram contextualizados sobre os índios e a criação da referida vila e fará parte do museu virtual.

Itapicuru nasce a partir da confluência de três pilares da colonização brasileira: os currais e sesmarias, a igreja e os aldeamentos e que vão ser o ponto de partida para o surgimento de quase todos os povoados e vilas do nordeste da Bahia e do Brasil. A capelinha acima citada foi o centro aglutinador da formação de uma povoação que 32 anos depois da sua edificação justificava ser elevada a freguesia curada, passando a ser denominada como de Nossa Senhora de Nazaré de Itapicuru de Cima, vindo a ter vigário definitivo em 1698.³¹ As capelas que se tornaram igrejas são contexto, pois continuam a ser a principal construção em mais de 95% das cidades do interior da Bahia, estando quase sempre situadas na praça principal da cidade. Assim foi na Vila Velha, onde nasce Itapicuru, depois nas terras da antiga missão de Nossa Senhora da Saúde e Santo Antônio e ainda hoje na atual cidade.

O patrimonialismo do estado português que se faz presente na Colônia, perpassa o império e deixa marcas na política de estado brasileira e na mentalidade dos seus governantes (URICOECHEA, 1978), explica também a lógica da criação do município de Itapicuru a partir das circunstâncias favoráveis e das necessidades de controle das finanças da ordem pública e dos colonos. O Conde de Sabugosa, vice-rei do Brasil faz cumprir a função do estado patrimonial português e solicita ao rei D. João V – o Magnânimo, a criação da vila. Aceitando o pedido do seu súdito e após aprovação do Conselho Ultramarino, baixou a Carta Régia, escrita em Lisboa Ocidental, em 24 de abril de 1727, que passou a ser considerada a certidão de nascimento da vila de Nossa Senhora de Nazaré de Itapicuru de Cima (CARVALHO, 2021). Por ser um documento modelo que simboliza o nascimento das principais vilas e municípios da Bahia e nele constar a essência da relação metrópole-colônia que deixa resquícios na vida pública brasileira, transcrevemos na íntegra para conhecimento do visitante do museu virtual e dos pesquisadores:

³¹ O primeiro pároco de Itapicuru foi o padre Giraldo Correia de Lima, investido em 1698.

Dom João V, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, daquém e d'além mar em África, senhor da Guiné, da Conquista, navegação e comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia. Faço saber a vós, Vasco Fernandes César de Menezes, vice rei e capitão general de Mar e Terra do Estado do Brasil, que havendo visto o que me representando em carta de 19 de fevereiro do ano passado, de se compor o lugar Itapicuru de mais de 300 vizinhos, distante da Vila da Cachoeira trinta e cinco léguas, quarenta dessa cidade, e trinta e seis de Sergipe d'El Rey, fazendo preciso que nela erija uma vila para que nela se evitasse insultos que acontecem naquela parte, pelas dificuldades que há em tirar ali devassa o juiz de Cachoeira: hey por bem, por resolução de vinte e três deste presente mês e ano, em consulta do meu Conselho Ultramarino de que se erija no dito lugar de Itapicuru, uma vila, pela grande utilidade que se há de seguir assim ao meu serviço como também pelo grande benefício que podem receber os meus vassallos continentes naquelas partes, porque terão por este meio civil e política e quem lhe administre justiça e evitem os insultos, que na falta dela se experimentam, vivendo em paz e quietação. El Rei Nosso Senhor mandou por Antônio Rodrigues Costa e o Dr. José de Carvalho Abreu do seu Conselho Ultramarino se passassem em duas vias. Bernardo Felix da Silva a fez em Lisboa Ocidental a vinte e quatro de abril de 1727. O secretário Antônio Lopes de lavre a fez escrever. Antônio Rodrigues Costa, José de Carvalho Abreu". ³²

Esse importante documento histórico se tornará elemento do museu virtual porque é contexto na medida em que demonstra as regras da política patrimonialista da coroa portuguesa que reverbera no Brasil após a sua independência e atravessa a República como marca fundante da política clientelista brasileira (FAORO, 1991). As palavras do rei D. João V também demonstram a força que seus súditos sesmeiros e depois fazendeiros e

³²Sessão de Manuscritos da Biblioteca Nacional. 1886.

senhores de engenho passam a ter, na medida em que são identificados como “vassalos”, em uma alusão aos cavaleiros medievais, aprendizes dos caudilhos bárbaros, que se metamorfoseiam nos “coronéis itapicuruenses”, baianos e brasileiros.

Quando em 25 de outubro de 1831, através da solicitação feita pelos habitantes, aconteceu à transferência da sede da vila de Itapicuru localizada na antiga vila Velha para o sítio onde hoje se encontra a cidade, a estrutura espacial da pequena vila já estava mais ou menos delimitada. Os franciscanos como eram de costume adotaram o traçado das aldeias e cidades portuguesas que tinha a igreja ou capela no centro, uma rua paralela e o um grande terreiro se expandindo na frente arrodado de casas (WILLEKE, 1974). Com o fim do aldeamento indígena essa estrutura espacial se manteve, com acréscimo de construções funcionais para a administração da recém-transferida vila, como por exemplo, a sede onde se reuniam os vereadores e que existe até os dias atuais.³³ Visitar a cidade de Itapicuru nos dias de hoje é como se estivéssemos visualizando a vila que para lá se mudou na primeira metade do século XIX. O registro desse espaço através de fotos e vídeo irá nos permitir constatar as permanências do traçado das vilas portuguesas que estiveram presente na fundação da cidade de Salvador e na maior parte das vilas do Nordeste da Bahia.

Em relação a sua área territorial a vila de Itapicuru era muita extensa no século XVIII, umas das maiores da província, tanto que se estendia para o norte abrangendo Tucano³⁴ e Jeremoabo e para o sul fazia limite com Inhambupe. Particularmente, nesse estudo, nos interessa a área da freguesia de Nossa Senhora de Nazaré de Itapicuru de Cima, por ser o espaço geográfico onde se localizava a fazenda-engenho Camuciatá. Visto o exposto vamos nos limitar as informações que se circunscrevem a essa área e que nos

³³ No regime monárquico o presidente da câmara municipal, que seria o vereador mais votado, exercia funções executivas independentemente das do vereador. Na ocasião da transferência da sede da vila para o local atual exercia essa função o tenente coronel, depois coronel comandante superior da Guarda Nacional de Jeremoabo e Monte Santo, João Dantas dos Reis.

³⁴ Só em 1837 é que o município de Tucano foi desmembrado de Itapicuru. A instalação do novo município ocorreu a 26 de maio do referido ano que foi elevado de arraial a categoria de vila com o título de “Imperial Vila de Tucano”. Para empossar a primeira câmara de vereadores da nova vila o sargento mor e presidente da câmara da vila de Itapicuru, José Dantas Itapicuru partiu do engenho Camuciatá rumo a Tucano, percorrendo a cavalo aproximadamente 20 léguas ou 120 km.

dará subsídios para coletar dados que se tornarão peças de acervo do museu virtual que será construído através da compreensão do contexto da época.

5.2. Ambiência no século XVIII e XIX: o sítio da cidade.

No século XVIII a capitania da Bahia era formada pelas comarcas de Sergipe, Bahia, Jacobina, comarca central, ilhéus, Porto Seguro e Espírito Santo. Nessa época a região mais rica continuava sendo o Recôncavo, apesar da decadência da economia açucareira. Com a descoberta do ouro alguns polos floresceram na região de Jacobina, na cabeceira do rio Itapicuru (TAVARES, 2001). É nessa comarca de Jacobina que nasce o rio que margeia a fazenda engenho Camuciatá. Vilhena (1802), em sua *Recopilação de notícias soteropolitanas e brasílicas (...)* assim se refere ao Itapicuru:

“(...) aqueles porém, que vão fazer barra na costa do mar, e começando pelo Norte, são o rio Itapicuru Grande que tem a sua nascentça acima do arraial da Jacobina Nova (...) passa este a pouca distância da vila da Jacobina, e não muito longe dela se incorporam, tendo corrido por entre serras, e recebido diversos ribeiros, riachos, e córregos passam por S. Antônio das Queimadas (...) e tendo assim cortado parte da Jacobina e toda a comarca de Sergipe del Rei vai entrar no mar com nome de rio Real ou Itapicuru (...)³⁵

Importante destacar no nosso contexto histórico o mais importante acidente geográfico do agreste e sertão nordestino da Bahia que é o rio Itapicuru. Sem ele a região seria certamente uma das mais secas do país e talvez se tornasse inviável a construção do engenho Camuciatá por Baltazar dos Reis Porto quando adquiriu a propriedade da Casa da Torre. Eram acompanhando a sua margem rumo à desembocadura na região do Conde que os produtores locais escoavam os produtos cultivados nas suas planícies, como o arroz, farinha, legumes e o açúcar. Também a penetração pelo sertão

³⁵ VILHENA, 1969, p. 562.

com a marcha do gado foi favorecida pela fertilidade das terras do vale do Itapicuru, permitindo a instalação de fazendas de gado.

Esse curso d'água é o maior do nordeste da Bahia ³⁶ e foi de fundamental importância para o crescimento da economia do engenho Camuciatá. Junto com o riacho ³⁷ que leva o mesmo nome fizeram da maior propriedade da região um oásis que permitiu o florescimento econômico dos seus proprietários os tornando os maiores latifundiários do Nordeste da Bahia a partir do século XVIII. A penetração e fixação do homem na região se deve a esse importante fluxo de água, beneficiando a ocupação feita pela Casa da Torre, a escolha de terras para solicitar sesmarias feita por Francisco Gonçalves Leite (trisavô do Barão de Jeremoabo) e outros que vão ser testemunhas da importância desse rio.

Poucos registros existem sobre a região de Itapicuru antes de 1850. Por ser uma região pobre em termos macroeconômico e por ter poucos atrativos naturais, não foi uma região muito visitada por viajantes e cronistas, se compararmos com outras regiões do país. Os naturalistas alemães Spix e Martius por lá passaram na década de 1830³⁸ rumo ao sertão para conhecer o meteorito de Bendegó. No Camuciatá estiveram com o coronel João Dantas dos Reis, pai do barão de Jeremoabo, se abasteceram de mantimentos, trocaram as animálias e receberam um guia para os acompanhar na viagem. Devido a importância desses sujeitos históricos como fonte fidedigna na descrição da região o relato deles será incluído na cronologia histórica do museu virtual da vila de Itapicuru, fazenda engenho Camuciatá e povoado do Manco. Afora eles a literatura não registra a passagem de outros viajantes estrangeiros. Visto o exposto a maior parte dos registros vai ser encontrada em cronistas, historiadores e nos dicionários geográficos.

As referências mais antigas sobre Itapicuru descrevem sucintamente a vila. Aproveitaremos esses relatos para conhecer melhor a ambiência da vila

³⁶ Da sua nascente até a foz no Conde o rio percorre aproximadamente 455 km.

³⁷ O riacho se chamava Camuciatá, que na língua Tupi significa “pote qualquer – camuci, e – “muito ou muita sem número- Cetâ. Cetâcatu. Cetacatunhe. Cetatecatunhe. Anãgatû. Ele vai dar nome a propriedade pelo fato de percorrê-la em toda sua extensão. Nasce na localidade chamada “Nascença”, passa pelo Periperi, desce pelos pastos da fazenda Manco e Umbuzeiro, entrando na fazenda Passagem e depois nas terras do Camuciatá onde vai desaguar no Rio Itapicuru, no pasto do Brejão que faz limite com a fazenda Mamão.

³⁸ SPIX & MARTIUS, 1928, 190.

de Itapicuru e baseada nela selecionar as peças que serão registradas para compor o cenário do museu virtual. A primeira é do começo do século XIX escrita pelo padre Aires do Casal:

“Itapicuru é vila pequena em distância de vinte e duas léguas longe do mar, e pouco mais duma milha afastada da margem esquerda do rio que lhe empresta o nome. A sua matriz é da invocação de Nossa Senhora de Nazaré; o gado riqueza de seus habitantes: nada lhe promete aumento considerável, sendo o rio inavegável, e o terreno agreste”. ³⁹

A segunda, já em 1845, assinalada no Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Império do Brasil, traz alguns complementos a mais que nos ajudará na seleção das peças do acervo a serem registradas e que irão compor o museu virtual:

“(...) No princípio do século corrente instalou-se nesta vila uma escola de primeiras letras. (...) Seu distrito é agreste e pedregoso, e apenas permite os habitantes cultivarem os víveres necessários para sua subsistência. O rio Itapicuru que o rega, é semeado de arrecifes e de cachoeiras que dificultam a sua navegação, e nenhuma estrada imperial lhe facilita as comunicações. Tais são as causas que impedem o aumento da população dessa vila, cujo comércio consiste em algum gado que se cria nos montes e matas, e que se vende na Bahia. ⁴⁰

Conforme o depoimento, as estradas existentes eram escassas e a vila de Itapicuru não era de acesso fácil. No Brasil colônia e no império o governo não abriu estradas oficiais. A princípio o que existia era a estrada aberta pelas boiadas trazidas pela Casa da Torre que vinham de Alagoinhas e que passavam por Itapicuru e Rio Real subindo até o alcançar o Piauí. Depois, para o escoamento dos produtos agrícolas locais e até para a venda de gado,

³⁹ CASAL, 1943, p. 92.

⁴⁰ SAINT-ADOLPHE, J.C.R, 1845, p.498.

surgiram às estradas reais, que cortavam as terras do Camuciatá e iam até a Vila de Nossa Senhora do Bom Conselho dos Montes do Bouqueirão.

O próprio Cícero Dantas Martins, barão de Jeremoabo, trineto do primeiro proprietário do Camuciatá sentindo necessidade de ter mais vias de acesso e comunicação abriu uma estrada por conta própria que ligava o seu engenho de açúcar a estação de trem de Timbó, no município de Esplanada. Esse caminho atravessava o rio Itapicuru, margeava a fazenda Mucambo (atual cidade de Olindina), passando pelo povoado de Buril, antiga Vila Rica (atual Crisópolis), Cajueiro (atual Acajutiba), até chegar ao ramal de Timbó que com sua inauguração em 1887 passou a ser o local onde descia com a família vindo da Estação de São Francisco em Alagoinhas e de lá rumava pela estrada que foi batizada com seu nome a cavalo e carro de boi para o Camuciatá. O percurso dessa rota é de aproximadamente 57 km. Essa estrada ainda existe atualmente e faz parte do contexto da colonização, ocupação e povoamento do nordeste da Bahia, pois era paralela a uma das ramificações da segunda rota da Estrada Real das Boiadas e continua funcionando como trilhas de cavaleiros e percurso de cavalgadas.



Figura 02 - Mapa mostrando a trilha da "Estrada do Barão" do Camuciatá até a Estação de trem em Timbó (Esplanada), aberta por volta de 1888. Elaboração de Osmar Barreto Borges, em 2022.

Muitas dessas estradas e picadas já existiam na região e viam da torre de Garcia d'Avila até o vale do Itapicuru e Rio Real dando acesso ao gado que na sua passagem contribuíram para a formação de muitos currais, povoados e vilas do nordeste da Bahia. A mais importante delas foi a chamada Estrada das Boiadas que teve suas ramificações a medida em que encontrava água e pastagem com mais abundância. Muitas dessas estradas se entrecruzaram depois com as estradas reais, uma alusão ao domínio da metrópole portuguesa sob sua colônia como existiram as “vias romanas” no território da península Ibérica no auge do poderio do império romano, cujos caminhos continuam a existir no território de Portugal e de outros países da Europa ocidental (FRANCO JÚNIOR, 2001).



Figura 03 - Na primeira imagem caminho romano de Braga a Tui que margeia o solar das Antas. (1a.C-4d.C). Na segunda imagem da estrada do Barão que se cruza com a estrada real no entorno do engenho Camuciatá (século XVIII). Fonte: arquivo privado do geógrafo Osmar Barreto Borges, 2022.

As referências a Itapicuru na segunda metade do século XIX são maiores, mas não tão abundantes. Como uma das principais fontes para a coleta e organização do nosso acervo referente a vila de Itapicuru vale a pena registrar alguns pontos da descrição detalhada do município datada de 17 de maio de 1886.⁴¹ Em relação a população em 1886, o referido manuscrito registra a população de Itapicuru em torno de 11.000 almas e a partir daí o crescimento demográfico segue em ritmo lento pelo século XX afora.⁴² Os atores sociais que habitavam essa região eram na sua maioria pessoas livres

⁴¹ BIBLIOTECA NACIONAL – Manuscrito de 17 de maio de 1886.

⁴² A nossa pesquisa foi “quali-quantitativa”. No capítulo da metodologia iremos explicar o método utilizado e também a importância da presença dos dados quantitativos para ajudar na contextualização e seleção das peças do acervo.

pobres, forros, escravos e índios. Os sesmeiros, grandes proprietários de terra e senhores de engenho faziam parte da minoria privilegiada. Vale registrar que atualmente o município tem aproximadamente 36.000 habitantes.⁴³

O documento é bastante sucinto em relação à descrição dos edifícios públicos existentes no século XIX. Fala apenas da igreja que está sendo reconstruída, de uma casa que servia de quartel e o barracão da feira. Fomos em outras fontes com o objetivo de reconstituir o cenário da antiga vila que era semelhante à das demais do sertão da Bahia e será registrada no nosso Museu Virtual. Não temos registros fotográficos da primeira sede da vila de Itapicuru, na antiga Vila Velha. Os registros que temos é quando essa foi transferida para a missão da saúde, sede atual da vila, em 1831.

O traçado da vila seguia a influência das cidades portuguesas medievais que foi o modelo implantando em Salvador e influenciou a formação das vilas mais antigas da Bahia e do Brasil colonial. Na praça quadrilátera estava no centro a igreja matriz ou a capela (COELHO FILHO, 2004). No século XVIII, quando a sede atual ainda não era vila, mas sim um aldeamento indígena da Missão da Saúde tinha neste local o convento dos franciscanos contíguo a capela, onde eles ficavam instalados. Um incêndio destruiu a edificação (WILLLEKE, 1974). Mais tarde, já no século XIX, quando a sede da vila é transferida para a antiga Missão ao lado da igreja é construída a prefeitura, onde passou a funcionar também a câmara municipal e o judiciário. A casa do quartel e cadeia ficava fora da praça principal, no final da rua paralela a igreja e fechando o conjunto de construções da vila o correr de casas de uma porta e duas janelas de cada lado, nas maiores, e uma única nas menores, acompanhando e delimitando o traçado da praça principal. Entre uma casa e outra, às vezes, surgiam algumas com uma área maior, com uma varanda na frente que servia de passagem para o corpo da casa e ao lado um pequeno jardim. No final do século XIX foi construída praticamente ao lado da igreja uma casa em estilo Chalet pelo barão de Jeremoabo, maior liderança política do Nordeste da Bahia e maior proprietário rural da região.

No século XIX, também na praça acontecia a feira semanal, sobrevivência das feiras medievais, onde os agricultores levavam seus

⁴³ IBGE (10 de outubro de 2002). «[Área territorial oficial](#)». Resolução da Presidência do IBGE de nº 5 (R.PR-5/02). Consultado em 25 de outubro de 2022

produtos para serem comercializados (CARVALHO, 2021). Permanece até o hoje como um remanescente da cultura colonial oriunda da Europa medieval, daí a importância de fazer parte do acervo do museu. O ponto central dela era um grande barracão que ficava na praça principal do lado oposto a prefeitura e igreja, quase chegando ao começo da rua que dava acesso a entrada da cidade pelo lado sul. Desse barracão a feira se espelhava pela ladeira abaixo, com suas inúmeras barracas menores e esteiras espalhadas no chão onde os produtos eram expostos a venda.⁴⁴

Com a expansão da cidade, no século XX, a feira foi transferida para uma praça já na ladeira que dar acesso a saída da cidade. As poucas ruas que saem da praça principal são estreitas e entre elas estão as vias de saída da cidade sentido sul, em direção ao rio Itapicuru, ou sentido norte em direção a Sergipe. Como no século XVIII os ex-moradores do Camuciatá, do Manco e Serra Velha e outros povoados da região, continuam fazendo da feira semanal um local privilegiado de encontro, vivências e permanências das práticas culturais que se reproduzem através dos tempos e, cujos elementos extraídos dela serão importantes peças do acervo do Museu Virtual.

Em 1829, com a ordem do governo para criar um estabelecimento para banhos públicos aproveitando as fontes da Missão da Saúde, como já foi dito constrói-se o Fervente e abre-se uma rua que depois vai se tornar, ainda hoje, a única avenida em direção ao balneário⁴⁵termal de Itapicurú que será muito utilizado pela população local e por pessoas vindas de outras cidades por conta das propriedades medicinais das águas. Essa edificação na época estava fora do perímetro urbano e havia poucas casas na avenida de barro.

Para continuar nos ajudando a reconstituir o cenário de Itapicuru descrito pela memória oral vamos ver a narrativa feita por Francisco Vicente Vianna em 1893:

Itapicuru – situada num plano elevado à margem esquerda do rio de que tem nome, (...), composta de casas de taipa e telha de péssima edificação formando seis ruas e uma praça, onde se acham a matriz de Nossa Senhora

⁴⁴ Depoimento de Alvito Dantas em janeiro de 2017.

⁴⁵ O nome antigo do balneário chamava-se fervente, devido à alta temperatura das águas termais.

*de Nazaré de Itapicuru de Cima, única da vila, em bom estado, e um barracão onde tem lugar às feiras semanais. Possui uma espaçosa casa do Conselho, duas escolas, além de uma em cada um dos arraiais de Bom Jesus, Nambis, Mocambo, Tapera de Cima e Sambaiba. Tem um bom cemitério com capela. (...).*⁴⁶

O cemitério de Itapicuru fica ao fundo da igreja matriz. Não temos a data exata de sua construção. O principal registro dele é quando da passagem de Antônio Conselheiro pela região. Esse município foi o portal de entrada do Conselheiro na Bahia, no ano de 1874 e em 1882 ele reformou o muro do cemitério que estava quase em ruína. A memória de sua presença está viva atualmente e suas práticas religiosas, como rezas e ofícios, estavam de acordo com os costumes da igreja católica e estão enraizados na cultura popular. Os cantos, ladainhas e orações faziam parte do cotidiano da população e essas práticas sobreviveram por todo o século XX, devendo fazer parte do acervo sonoro do museu virtual.

Nesse contexto é válido ressaltar a influência e força da igreja católica, através do vigário local cônego Agripino da Silva Borges, personagem emblemático, que apoiou Antônio Conselheiro logo de sua chegada graças à liderança que o beato demonstrou junto ao povo e se colocou a serviço dos bens da igreja. Como registro material construiu a igreja de Vila Rica, atual Crisópolis, em 1872, na época pertencente ao município de Itapicuru; restaurou a capela antiga do arraial da Rainha dos Anjos, em 1874 e na sede da freguesia ajudou na construção do muro do cemitério, em 1882 e nesse ano edificou uma capela na fazenda Mucambo, sob a invocação de São João Batista (SILVA, 1950). O primeiro e penúltimo monumento ainda existem e estarão presentes no museu representando a cultura material religiosa e integrando Itapicuru na saga de Canudos, como o portal onde começou a caminhada de Antônio Conselheiro na Bahia até o fim trágico em Belo Monte.

A presença do beato e seu séquito em Itapicuru são de máxima importância, pois foi lá que ele começou a crescer, arregimentar seguidores e

⁴⁶ VIANNA, Francisco Vicente. *Memória sobre o Estado da Bahia*. Salvador: Diário da Bahia, 1893. P.515-516.

elaborar seu sonho de criar uma comunidade fora dos padrões tradicionais da sociedade da época. O primeiro local que começou a concretizar seu projeto foi nas proximidades da antiga vila, onde fundou o arraial de Bom Jesus, tendo levantado casas, uma praça, construiu um barracão para abrigar romeiros e começou a construir uma capela, erguendo um cruzeiro em frente, por volta de 1892 (MONIZ, 1978). Talvez se a passagem do peregrino, como as vezes se autodenominava, tivesse sido tranquila em Itapicuru ele por lá ficasse, mas a realidade foi outra, foi preso, perseguido pelas autoridades e fazendeiros locais e terminou em 1893 fundando o arraial de Belo Monte, onde ampliou o modelo que tinha instalado em Itapicuru e no ano de sua destruição contava com 5.200 casebres, igreja, praça, pequenos estabelecimentos comerciais, tendo abrigado aproximadamente 25.000 pessoas.

A fazenda engenho Camuciatá tem ligações com Canudos e Antônio Conselheiro. Seu proprietário na época, o barão de Jeremoabo, era um forte opositor do beato pois sentiu na pele a influência dele quando viu seus trabalhadores deixarem suas fazendas para segui-lo (SAMPAIO, 1999). Assim se manifestou o barão

*O povo em massa abandonava as suas casas e afazeres para acompanhar Antônio Conselheiro. A população vivia como se estivesse em êxtase (...) nem os proprietários, nem os fazendeiros podem contar com os agregados e vaqueiros. (...) Assim, foi escasseando o trabalho agrícola e é atualmente com suma dificuldade que uma ou outra propriedade funciona, embora sem a precisa regularidade.*⁴⁷

Essa realidade descrita pelo barão a respeito do êxodo do sertanejo das suas fazendas e das demais propriedades da região em busca de melhores condições de vida, apesar de se referir ao contexto específico de Canudos é extremamente atual, pois traz uma conjuntura que é a origem da saída dos trabalhadores rurais dos municípios do interior para as grandes cidades em busca de trabalho e melhores condições de vida. A partir de meados do século XX quando a fazenda engenho Camuciatá começa a decair economicamente essa realidade se intensifica e muitos descendentes dos que migraram para

⁴⁷ Barão de Jeremoabo, *Jornal de Notícias*, Bahia, 4 de março de 1897.

Canudos começam a migrar para cidades como Salvador e principalmente São Paulo.

A memória popular registra pequenos versos da época da passagem do Conselheiro que retratam a continuidade do poder dos Dantas mesmo já tendo passado 150 anos de domínio. Fizeram a pequena quadrinha referente à nomeação do delegado que prendeu o líder religioso em Itapicuru:

A sorte quem dá é Deus, e depois dele o Barão, seu Boa foi nomeado delegado da Missão. ⁴⁸

O barão apesar de todo o seu poderio, reconhecido inclusive pelo povo, não conseguiu deter o Conselheiro. Esteve com ele pessoalmente em Bom Jesus e tentou convencê-lo a deixar a sua peregrinação e no fundo queria que ele desfizesse o seu arraial e deixasse de influenciar a população local, mas não obteve êxito (CARVALHO JR, 1999).

Registrar no Museu Virtual o cenário do arraial do Bom Jesus em Itapicuru é inserir esse estudo em um projeto maior que abrange todo o sertão da Bahia e está na pauta para ser incluída na estrutura do museu a ser realizada após a defesa dessa tese, pois exige um tempo maior de planejamento sob a coordenação da Universidade Estadual da Bahia que abriga o Campus Avançado de Canudos. O Museu Virtual poderá se tornar mais um espaço de reflexão que retrata facetas importantes da região: a desigualdade social, a pobreza, a falta de trabalho, que atingia o sertanejo no século XIX e cuja realidade está presente nos dias de hoje. O arraial do Bom Jesus é um retrato aproximado de muitos povoados de Itapicuru e outras cidades do sertão, como o próprio Canudos, Jeremoabo, Tucano, Cícero Dantas, Nova Soure, entre outros que reproduzem um longo processo histórico de exclusão social e falta de políticas públicas sérias que busquem trazer melhorias de qualidade de vida para a população local.

Esse é o cenário de Itapicuru que será ilustrado pelo museu e que terá como sujeitos desse espaço os grandes proprietários rurais, o pároco da freguesia, vereadores e intendentess, pequenos comerciantes e poucos

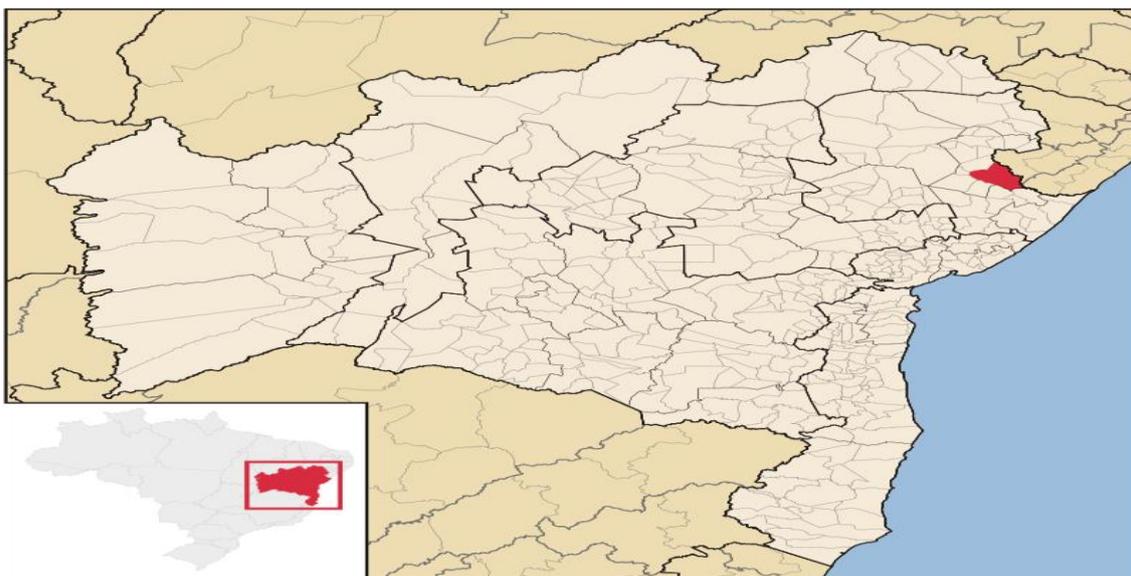
⁴⁸ Depoimento do prof. José Calazans Brandão da Silva, em maio de 1990.

profissionais liberais. Além desse grupo social circulavam pela vila os agricultores em dia de feira, carregadores de água e prestadores de outros serviços, escravos, vaqueiros, marchantes, agregados, entre outros.

5.3 Itapicuru na atualidade e os reflexos de sua historicidade.

Buscando compreender melhor o contexto de uma das mais antigas vilas da Bahia colonial que fará parte do museu virtual proposto é necessário apresentar e refletir sobre alguns aspectos de sua realidade contemporânea que são reflexo de sua historicidade e que poderão estabelecer uma constante dialogicidade entre o passado e o presente através da mediação dos sujeitos históricos envolvidos no processo, onde vamos observar a confirmação da teoria de Bakhtin que defende que nada morre, mas que continua se fazendo presente em determinados momentos nos múltiplos aspectos da vida na contemporaneidade.

Figura 04 - Mapa localizando Itapicuru, no século XXI, no Brasil e no Estado da Bahia.



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Itapicuru_\(Bahia\)#/media/Ficheiro:Bahia_Municip_Itapicuru.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Itapicuru_(Bahia)#/media/Ficheiro:Bahia_Municip_Itapicuru.svg). Em 04 de maio de 2021.

O contexto socioeconômico de Itapicuru dos séculos XVIII e XIX reverbera na contemporaneidade. O fato de 79% da população ainda habitar na zona rural é uma realidade que vem da colônia e império e chega até a república. A divisão da maior parte das terras em sesmarias e depois em grandes fazendas atrela a maior parte da população a terra de uma forma

subordinada aos grandes proprietários e sem uma alternativa de modo de vida. Essa realidade se encontra presente atualmente com a diferença apenas da multiplicação da existência de pequenas roças que pertencem a descendentes de escravos, índios e agregados das antigas fazendas espalhados no povoado do Manco e em outros do município.

Esse contexto se agrava através de um problema estrutural que começou com a colonização e se prolongou até os dias atuais: a falta de acesso à terra pela maior parte da população e quando possuem são de baixa qualidade, aliado a falta de condições de uso de tecnologias e insumos agrícolas que possam ajudar na produção. Essa realidade será aprofundada no capítulo do povoado do Manco através da interpretação do contexto da formação sócio-histórica da comunidade. Concretizados em práticas que vão significar as manifestações de luta pela sobrevivência material da população local poderão depois ser transformados em peças do acervo que integrarão o museu virtual.

Além dos aspectos socioeconômicos destacamos a cultura popular da região que estão presentes em Itapicuru na atualidade e que traz marcas da influência dos povos formadores da antiga vila colonial disseminados por toda sua circunvizinhança. A cultura, seja ela material ou imaterial, se torna a principal matéria prima para a construção do museu virtual aqui proposto. Embasada e articulada com o contexto histórico construído através das múltiplas pesquisas, tanto em fontes primárias e secundárias, como no diálogo com os atores sociais contemporâneos apresenta elementos e revela processos históricos importantes que vem de um passado longínquo, mas que permanecem vivos através dos costumes, tradições, saberes e fazeres dos itapicuruenses e moradores da vila do Manco. Elementos como o samba de roda, de origem africana; a zabumba, vinda dos índios; quadrilhas, de Portugal; um artesanato rico em artefatos de couro, fruto da civilização do couro introduzida pela Casa da Torre com suas boiadas; palha e barro, matérias primas nativas; renda, bordados, redes, instrumentos de pesca como aiô, munzuá, entre outros e eventos que remetem a idade média como cavalgadas e vaquejadas. A comida que tem como base o coco, o milho, o feijão, a tapioca, a carne de boi, que misturados se tornam os ingredientes do caldeirão cultural da culinária sertaneja e do agreste do Nordeste da Bahia. Toda essa

diversidade vai estar registrada no Museu Virtual, onde o acervo será garimpado em cada capítulo do contexto sendo inserido em quadros que serão elaborados e disponibilizados no anexo “Quadros do designe do acervo do Museu Virtual da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciatá, Povoado do Manco (MVICM)”. Será a partir deles que iremos construir o roteiro dos ambientes do museu virtual e os objetos que farão parte de cada um deles.

No Itapicuru atual vemos uma concentração das atividades produtivas na sede e nos dois maiores distritos. No demais povoados, incluindo a comunidade do Manco temos apenas uma agricultura e pecuária de subsistência. Nesse sentido os produtos oriundos da cultura local e as riquezas naturais passam a ser elementos importantes para a elaboração de projetos que possam contribuir com o desenvolvimento sustentável da comunidade do Manco, onde o turismo de base comunitária, incentivado pelo museu virtual e por outros instrumentos, passa a ser importante para a transformação e desenvolvimento da realidade da vida dos moradores locais.

O museu virtual oriundo do contexto dessa tese, que está sendo construído em parceria com a comunidade local, passa a ser o ponto inicial para uma reflexão junto com a população de Itapicuru e especificamente povoado do Manco para que se encontrem caminhos que possam contribuir para que se deixe de lado a inércia que assola a região durante décadas, de uma forma endêmica. A construção do contexto que faz parte da construção do museu virtual e seu acervo suscitou o levantamento de histórias, tradições, costumes, práticas culturais, algumas esquecidas, outras ainda vivenciadas como eram ou com uma nova roupagem. A percepção da falta de políticas públicas que contemplem a maioria dos povoados locais, seja no campo educacional, no turismo ou na indústria de transformação nos motiva a ir buscar, em parceria com a comunidade, alternativas para fomentar o desenvolvimento autossustentável e proporcionar para as mais jovens possibilidades de renda e trabalho. Nesse sentido esse trabalho, com os instrumentos aqui apresentados passa a ser um ponto de partida e ao mesmo tempo de abertura de horizontes para se planejar novas etapas, como a implantação do turismo de base comunitária aliado a uma educação de base, plural e construída a partir da participação de todos os atores envolvidos no

processo educacional, como defende Paulo Freire em toda a sua obra.⁴⁹ A busca pela constante valorização da identidade local é uma das principais metas desse projeto.

Finalizando a análise de alguns aspectos da conjuntura socioeconômica e cultural da cidade de Itapicuru na contemporaneidade a partir de dados concretos que são o reflexo de sua historicidade onde observamos a presença de elementos do passado que reverberam no presente, vamos colocar no quadro de acervo da vila de Nossa Senhora de Nazaré de Itapicuru de Cima o que considero como importante para constar como objetos, ambientes, personagens e edificações. Esse acervo foi selecionado a partir da página 64 até a 83. Com a finalização desse capítulo temos mais um texto construído na sequência dos capítulos de contexto apresentados em função da composição dos quadros e seus elementos (acervo) que serão utilizados para a construção do museu virtual. O quadro se encontra no Anexo A “Quadros do Design do acervo do museu virtual, em foto e vídeo, da vila de Itapicuru, fazenda engenho Camuciatá e povoado do Manco (MVICM).

Com o objetivo de continuar contextualizando o ambiente do nosso museu com seus personagens, objetos e outros elementos seguimos no próximo capítulo situando a vila de Itapicuru, a fazenda engenho Camuciatá e o povoado do Manco a partir do legado dos povos que habitaram esses espaços e de suas representações socioculturais que irão compor o museu levando em consideração o encontro e conexão dessas etnias, onde estão presentes os índios, africanos e portugueses.

Após a contextualização da vila de Itapicuru é a vez de trazer os portugueses com seus currais, sesmarias, fazendas e engenhos. No próximo capítulo continuamos a narrativa interpretativa a partir da abordagem socioconstrutivista onde estão inseridos o pensar de Vygotsky, Bakhtin, Gramsci, Martineau e a presença de alguns dos princípios trazidos por eles, como o dialogismo, a polifonia, interação, colaboração, pensar histórico, entre outros.

⁴⁹ FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

6. Das sesmarias implantadas pelos portugueses as fazendas e engenhos: o Camuciatá como centro aglutinador do poderio dos grandes proprietários de terra e da força do coronel.

6.1 Os portugueses.

Para conhecer e entender o contexto dos portugueses que chegaram ao Brasil em 1500 é necessário se debruçar na história da Península Ibérica, habitada por povos de diferentes regiões desde a pré-história. Não se tem dúvidas que a área que vai formar o futuro território português foi local de confluência de diferentes etnias que terminaram por se misturar formando um povo pluriétnico. A população portuguesa é fruto de um longo e secular processo de miscigenação, com a consequente justaposição de culturas. (SERRÃO, 1978).

Herdeiro do Império romano que o tornou província no século II a.C. Portugal permaneceu com uma sociedade heterogênea, com formações sociais diversificadas, porém encaixada em uma matriz cultural comum. Durante aproximadamente cinco séculos o projeto de colonização romana prevaleceu no território da Península, até final do século IV d.C. (ARAÚJO, 1980)

O ano de 409 d.C. é a data escolhida como a mais provável pelos historiadores como a do começo da história medieval na Península Ibérica. É o período das primeiras invasões bárbaras quando chegaram os Vândalos, Alanos, Suevos e Visigodos que não anularam a cultura romana, mas muito pelo contrário absorveram elementos dela, realizando uma troca cultural (OLIVEIRA, 1988). É importante destacar no processo de fixação no território da península os Visigodos que foram os que deixaram marcas mais profundas na aculturação dos povos que ali habitavam e vão estar presente no processo de formação do Estado português e elementos de sua cultura serão transportados para o Brasil colonial e imperial.



Figura 05 - Mapa do reino dos Visigodos na península Ibérica.

Fonte: <https://www.mundolusiada.com.br/columnas/opiniaio-luso-descendente/visigodos-um-povo-guerreiro-da-era-lusitana-de-portugal/>

Consulta em 26 de outubro de 2022.

Com a migração desses povos, que inicialmente organizavam-se em tribos e falavam múltiplos dialetos a diversidade no território da península Ibérica se intensifica e um componente cultural se faz presente de forma mais intensa: a arte da guerra. Com isso passa a se fortalecer a figura do guerreiro que geralmente eram os chefes das tribos que tinham grande poder e até a atribuição de aplicar a justiça, prestígio esse muitas vezes herdado de seus antepassados (OLIVEIRA, 1988).

A presença de uma sociedade com uma organização social onde o nível de romanização ainda não alcançou a todos induz a população oriunda dos bárbaros, arraigada aos costumes tribais a ver o senhor feudal como um guerreiro, com poderes absolutos. As marcas da sociedade visigótica se fortalecem e se perpetuam com a dominação desse povo durante quase três séculos no território ibérico até a invasão dos mouros em 711 (SERRÃO, 1978).

As invasões bárbaras contribuíram para o enfraquecimento do poder central do antigo império romano reforçando o poder dos chefes locais, que se tornaram os únicos capazes de levantar exércitos nos seus domínios ou até interferir na defesa das cidades do seu entorno. Esse poder que está associado à posse da terra, vai se intensificando quando os Visigodos alargaram seu

domínio na Península e introduziram a figura do chefe guerreiro, o caudilho como o grande líder local, cujos senhores de engenhos e coronéis da Bahia colonial e imperial vão absorver muitas de suas características. A força do poder de quem tinha terra se transferiu para o Brasil nos primórdios da colonização, permanecendo até a República Velha e se tornou visível na estrutura do imenso patrimônio fundiário que possuíam os membros da oligarquia.

Observa-se que muito do modelo da evolução social e econômica da Península Ibérica romana e medieval com suas peculiaridades vão ser transportadas para o Brasil Colônia. No campo socioeconômico as enormes dimensões dos grandes latifúndios e os laços jurídicos de proteção/dependência entre o proprietário e os que trabalhavam suas terras na época do feudalismo vão influenciar fortemente as relações sociais entre os potentados locais do Brasil e da Bahia rural e seus escravos e depois agregados. Nesse contexto destacamos a força da aristocracia visigótica que tinha nascido da função militar fortalecendo a figura do caudilho que era seguido por um grupo de guerreiros livres ligados a si por juramento, o que mais de um milênio depois vai ter reflexos no Brasil através dos laços de dependência pessoal que uniram progressivamente a maior parte dos trabalhadores rurais aos proprietários de terra, que através de diversos tipos de relações, como o compadrio e as trocas de favores estabelecidas, criavam vínculos e obrigações principalmente por parte da grande mão de obra que se aglutinava nos engenhos e fazendas do Nordeste do Brasil.

Os capitães donatários, sesmeiros e depois senhores de engenho vindos de Portugal deviam obediência ao monarca, mas quando aqui chegaram encontraram condições de fortalecer um poder local amparado no poder econômico da terra e no domínio que tinham sobre seus subalternos. Implantar e manter essa estrutura não lhes foi difícil pois foi herdada da gênese da própria formação do povo português desde o século IV d.C. com a chegada dos Visigodos e o fortalecimento dos caudilhos, chefes guerreiros, donos de terras e comandantes de forças particulares.

Apesar de, após a Guerra da Reconquista contra os mouros não ter ficado uma casta específica que se apropriasse da função militar, a essência do guerreiro caudilho dos visigodos e depois as relações sociais e de poder do

mundo medieval vão permanecer em Portugal (RUCQUOI, 1995) e ser transportados para o Brasil na figura dos senhores de engenhos e coronéis com seus jagunços, que ao exercer uma espécie de “função guerreira” no seu espaço de mando fortaleciam o poder local.

Esses senhores, assim chamados, passam a dominar politicamente e economicamente a colônia brasileira, fundamentando seu poder principalmente nas terras que foram ocupadas e tomadas das populações indígenas, agregando as terras doadas pelo rei de Portugal através do sistema de capitâneas hereditárias e sesmarias (WEHLING, 1999). Com isso se tornam verdadeiros potentados econômicos que vai ser o lastro do seu poder político e social.

Interessante observar nos primórdios do Brasil, mesmo já estando inserido no contexto de uma Europa que vai consolidando seus estados nacionais, resquícios do modelo milenar de estrutura política e social vinda do império romano e da época medieval, onde o fortalecimento dos poderes locais terminava se distanciando do controle que o longínquo Estado português tentava exercer na sua colônia. Em pouco tempo de colonização passou a se firmar pela força do poder dos potentados locais que poderia se assemelhar a dos guerreiros caudilhos dos reinos bárbaros. Essas permanências explicam o fortalecimento dos poderes dos sesmeiros, senhores de engenho e proprietários rurais que vão dominando gradativamente todo o interior da Bahia e do Brasil.

6.2 Herdeiros do poder: sesmeiros, capitães, fazendeiros, senhores de engenho e coronéis.

É nesse contexto que surge a família de Garcia d'Avila e depois a família Dantas. A ocupação do interior baiano deu-se por um duplo processo: a conquista da terra e seu posterior povoamento. Antes de colonizar, foi preciso derrotar ou “civilizar” os tupis, cariris e Jês que povoaram grande parte da Bahia. Tendo derrotado e aculturado os índios e depois desestruturado o modo de vida das tribos, os recém-chegados colonos fixavam-se para plantar algodão, mandioca e, sobretudo, cana-de açúcar (HOLANDA, 1969).

A exploração do interior baiano iniciou-se de forma sistemática desde que o primeiro governador geral Tomé de Souza passou a doar sesmarias, inclusive ao fidalgo companheiro de expedição Garcia d'Ávila que com ele aportou no litoral baiano a 25 de março de 1549 (BANDEIRA, 2000). Uma parcela das sesmarias doadas a Garcia d'Ávila vão ser a origem das terras do Camuciatá. Inicialmente as doações ocuparam as terras litorâneas do nordeste da Bahia e gradativamente foram se espalhando pelo interior, chegando seus donatários além do São Francisco.

Apesar da sesmaria de Garcia d'Ávila ocupar inicialmente a faixa litorânea do nordeste do Estado, graças à ambição de seus descendentes, foi se expandido através de novos pedidos de terras. Para ocupar efetivamente esses domínios o gado foi o elemento fundamental nesse processo. Funcionava tanto como instrumento de abertura dos caminhos dos sertões, que passaram a ficar conhecidas como a estrada das boiadas e em alguns locais como “estrada da Torre”,⁵⁰ cujas rotas, como já dissemos, estão presentes até os dias de hoje, juntamente com as estradas reais, que margeavam o Camuciatá e serviam de rota para entradistas, viajantes e tropeiros que seguiam Sertão acima.

Não só os caminhos abertos com suas patas largas e pesadas deixaram as boiadas na paisagem inóspita dos sertões. Os currais, por menores que fossem, eram o local onde eram reunidos, passavam a noite para não serem abatidos por onças na região do São Francisco passando também a compor o cenário das imensas e longínquas terras dos Garcia d'Ávilas (CALMON, 1939) e depois dos Dantas. Currais, onde no seu entorno era construída uma casa para o responsável em cuidar e tomar conta do gado, o futuro vaqueiro, onde uma capela dos missionários Jesuítas e depois franciscanos era erguida e pouco a pouco outras casinhas iam surgindo. Era o embrião de um povoado, que depois se tornava vila e finalmente uma cidade.

João Antonil, já registra a presença dos currais: “(...) *E nestas terras, parte dos donos delas tem currais próprios (...)*”⁵¹ Tanto nas terras do Camuciatá, como nas fazendas vizinhas, como Juá, Caraíba, Mosquete,

⁵⁰ A denominação de “Estrada da Torre” se refere a principal família desbravadora do nordeste do Brasil, a Garcia d'Ávila, que construiu uma residência em estilo medieval no município de Mata de São João, atual Praia do Forte

⁵¹ ANTONIL, João Antônio. *Cultura e opulência do Brasil*. São Paulo, Ed. Nacional, s.d. p. 309.

Mamão, Pau Ferro, Umbuzeiro, entre outras, pequenos e grandes currais se espalhavam a depender da posse dos proprietários. Esses currais ainda estão presentes nos dias de hoje.



Figura 06 - Curral de madeira de Candeia do engenho Juá (Itapicuru-Bahia). Foto 2022.

No normal, nas propriedades médias e menores, cada uma tinha um curral que era uma herança dos pioneiros desbravadores que plantaram essa cultura a partir das terras de Tatuapara, chegando até o São Francisco e subindo pelo Nordeste do Brasil. Percorrendo as terras no entorno do Camuciatá podemos nos deparar com vários currais que permanecem como local de trabalho dos vaqueiros.

O boi talvez seja o animal mais representativo da cultura do vale do Itapicuru e das fazendas e engenhos da região. Estará presente no quadro do acervo que comporá o museu pelas suas múltiplas funções e importância que já esteve e continua a ter no presente. Além de ter facilitado a interiorização dos colonizadores, serviu como meio de transporte, puxando o carro de bois; força de trabalho no arado e no engenho onde os primeiros ficaram conhecidos como “bois de carro” e os últimos como “bois de engenho” (SOUZA, 1958). No Camuciatá esses tinham um tratamento especial. Havia um pasto especial na

fazenda, chamado “Brejão” fechado e com muito capim só para alimentar esses bois. ⁵²



Figura 07 - Carro de boi e carreiro. Foto 2022.

Além dos currais que estão presentes nos dias de hoje, voltemos aos caminhos que serviram de roteiro para a abertura das estradas que ligam muitas das cidades do nordeste da Bahia e que tem suas origens nas picadas abertas para a passagem dos bois. No entorno do Camuciatá, por exemplo, temos várias trilhas de barro que são testemunhas das andanças dos colonizadores e vaqueiros tangendo as suas boiadas.

Vale registrar o pioneirismo de duas famílias nesse processo de expansão, posse e ocupação da região do agreste da Bahia e que representa o movimento de muitas outras em diversos rincões. Os Guedes de Brito e os Garcia d’Avila são protagonistas desse movimento. Nesse trabalho são os últimos que nos interessa, pois foram os donos do Camuciatá antes da chegada dos Dantas na região de Itapicuru. Felisbelo Freire respalda essa constatação:

“Vemos que toda a extensão territorial de Urubu até 10 léguas abaixo do rio Salitre, pelo São Francisco, passando pelas cabeceiras dos rios Real, Itapicuru e Inhambupe, pertencia quase

⁵² Depoimento de Alvito Dantas, julho de 2018.

que exclusivamente a duas famílias – Garcia d’Ávila e Antônio Guedes”.⁵³

É muito importante esse registro porque a primeira linha de expansão e ocupação do território brasileiro se deu a partir da Bahia, pela sua faixa litorânea, chegando até o Rio Real e progressivamente acompanhando as bacias dos principais rios da região como Subaúma, Inhambupe, Itapicuru entre outros (BANDEIRA, 2000). É nesse caminho que pouco a pouco vai ser ocupado por pequenos e grandes currais, capelas e igrejas, engenhos e engenhocas, casas senhoriais e pequenos casebres que as terras do Camuciatá vão ser descobertas e pela sua riqueza e abundância de águas vai atrair a atenção do colonizador.



Figura 08 - Mapa do século XVII situando a Casa da Torre de Garcia d’Ávila e as fazendas do clã dos d’Ávila no entorno do rio Itapicuru onde se localizava-se as terras do Camuciatá, na linguagem indígena terras dos “Muitos Potes”, que em 1754 foi comprada pela família Dantas.

⁵³ FREIRE, Felisbela. *História Territorial do Brasil*. Rio de Janeiro, J.Comm, 1906, p.28, nota 2

Utilizando a denominação “Ciclo do Couro” adotada por Capistrano de Abreu (1930), podemos dizer que a passagem dos Garcia d’Avila pelo Camuciatá inicia esse contexto na região. A criação do gado vai proporcionar a expansão e ocupação, bem como uma dinâmica de uma economia baseada nos produtos oferecidos pela pecuária, como a carne e o couro. Esse produto passou a ser um importante elemento da cultura do nordeste da Bahia, na medida em que tanto a indumentária do trabalho do vaqueiro como o jaleco, as perneiras, luvas, chapéu passam a ser de uso imprescindível para o trato com o gado, bem como objetos de uso do cotidiano como bornais, carteiras, bolsas, porta facão e peixeira, ⁵⁴entre outros, estão presentes na vida do sertanejo. O artesanato de couro passou a ser comercializados nas feiras das vilas que foram surgindo e continua presente atualmente. A casa grande do Camuciatá está recheada de produtos de couro que mostram a importância do gado, tão valoriza por Capistrano de Abreu:

“(...)a força da criação começava da ponta de Santo Antônio para o Norte; no tempo em que Gabriel escrevia já alcançava o rio Itapicuru, e avultavam como criadores os jesuítas e Garcia d’Avila, o fundador dessa casa da Torre que mais tarde devia tornar-se tão opulenta” ⁵⁵



Figura 09 - Objetos de couro do acervo do sobrado do Camuciatá. (2022).

⁵⁴ Peixeira é uma faca mais larga e mais comprida do que a chamada faca de mesa. No sertão ainda hoje é usada para cortar boi no açougue e era a faca usada pelos jagunços e cangaceiros.

⁵⁵ ABREU, Capistrano de. *Caminhos antigos e povoados do Brasil*. Rio de Janeiro, Briguiet, 1930, p. 80.

Interessante observar que para além dos registros deixados pelos sesmeiros e fazendeiros que capitanearam a marcha das boiadas pelo Sertão a chamada civilização do couro permeou o cotidiano dos homens e mulheres que para ali se deslocaram e que anonimamente construíram uma cultura original na história do Brasil e que está presente nos dias de hoje e deixou sua marca que serão registradas nos quadros de acervo e no Museu a ser construído.

Apesar das agruras do clima e da vegetação inóspita do agreste e do sertão isso não foi fator impeditivo para a criação e expansão do gado, numerosos rebanhos se espalharam pelo agreste e sertão e os vaqueiros encourados semelhantes a cavaleiros medievais na sua indumentária e coragem passam a se adaptar a vida da caatinga e a conviver com ela em uma simbiose que se reflete no homem sertanejo e na sua cultura peculiar que vai ser retratada no ambiente do museu virtual construído. Sampaio (1899), assim descreve a força do vaqueiro, “(...) o bruto com o seu instinto rasga horizontes e vai ao seu alvo distinto sem vacilar (...)”. O alvo distinto é o boi que percorre as veredas do sertão, abrindo caminhos e facilitando a fixação do homem na terra.



Figura 10 - Vaqueiros conduzindo o gado. Fazenda Camuciatá, Itapicuru-Ba. Foto 2022.

No Camuciatá conviveram durante cento e oitenta e seis anos duas das principais atividades econômicas da Bahia colonial e imperial: a açucareira e a pecuária. A pecuária teve precedência, mais estabilidade e foi a que conseguiu

chegar até os dias atuais. Na verdade, a presença dos engenhos no Nordeste não era muito comum, já que eles se estabeleceram desde o início na faixa litorânea e no Recôncavo, portanto o Camuciatá foi uma exceção que deu certo. Entretanto, as boiadas foram fundamentais para o seu apogeu econômico. O crescimento do número de cabeças de gado exigia uma maior quantidade de terras motivando os sesmeiros e fazendeiros a continuarem o processo de expansão de suas propriedades. Essa realidade pode ser constatada quando Inácio dos Reis Leite, neto do fundador do Camuciatá, procurava arrendar terras a Casa da Torre no final do século XVIII.⁵⁶ No começo do século XX as 61 fazendas do Barão de Jeremoabo é a consequência desse contexto de expansão territorial na posse dos descendentes dos sesmeiros.

A atividade criatória abre espaço para o uso do couro que vai fornecer a matéria prima para a produção de diversos elementos do uso do cotidiano do homem sertanejo. Destaca-se a indumentária do vaqueiro que apesar do material utilizado para fabricação das vestimentas ser o couro do gado e não o metal, a sua disposição e formato tem a influência das armaduras medievais utilizadas pelos cavaleiros portugueses e que é transportado para o Brasil colonial.

A figura desses “guerreiros encourados” vai estar presente nas terras da fazenda Camuciatá. À medida que as propriedades dos Dantas vão se expandindo, assim como os Garcia d’Avila tinham procuradores que ficavam responsável por cada região, eles tinham um vaqueiro para tomar conta da propriedade e do gado. Já na época do Barão de Jeremoabo, chegaram a formar um grupo de 60 pessoas que anualmente se reuniam no Camuciatá para prestar contas dos trabalhos desenvolvidos nas fazendas.⁵⁷ Essa tradição se perpetuou e chegou até o século XX. Apesar de não vermos mais o uso da indumentária completa, ainda podemos observar o vaqueiro do século XXI usando a calça jeans, combinando com o jaleco e chapéu de couro.

⁵⁶ Documento de arrendamento de terra a Casa da Torre, 1797, Arquivo do Barão de Jeremoabo.

⁵⁷ Depoimento de Anibal Dantas em janeiro de 2000.



Figura 11 - Vaqueiros encourados das fazendas do sertão do Barão de Jeremoabo em frente ao engenho Camuciá - década de 1900. Fonte: Arquivo do Barão de Jeremoabo.

Essa indumentária não era restrita apenas ao nordeste da Bahia, mas a diversas outras regiões. Licurgo Santos Filho (1956) em seu trabalho a descreve “O jaleco era um casaco curto, que não ultrapassava a cintura. Feito de couro, geralmente usados pelos vaqueiros, desde o Brasil colonial permanecendo até os dias atuais”. Além da roupa, vários objetos de uso pessoal se utilizam dessa matéria prima, como recipientes para alimentação e bebida, para transporte, para guardar objetos, entre outros. Todos esses elementos estavam e estão presentes no cotidiano do Camuciá, em Itapicuru e no povoado do Manco e reverberam atualmente, sendo, portanto, importante que façam parte do acervo do museu que será construído.

Em relação aos aspectos socioeconômicos as terras do Camuciá além de terem sido utilizadas para alimentar as boiadas que foram penetrando pelas margens do rio Itapicuru, tendo sido essa sua primeira forma de exploração comercial, na segunda metade do século XVIII foi beneficiada pela montagem do seu primeiro engenho de açúcar. Com o acúmulo de riqueza advindo dessas atividades econômicas os capitães, sesmeiros e senhores de engenho passaram a ter um poder local muito grande facilitado pela distância da metrópole e a forma como a administração da colônia foi implantada impregnada com os resquícios da mentalidade medieval e da força do poder do “senhor” vinda dos chefes guerreiros dos Visigodos. Vale ressaltar que a coroa portuguesa procurou manter a centralização do poder e o controle efetivo dos súditos na colônia com a nomeação dos chamados “olhos e ouvidos do rei” (PRADO JR, 1948).

O controle dessa imensidão de terras era impossível ser feito apenas pelos proprietários e é diante dessa necessidade que surge a figura do procurador. Pedro Calmon em seu livro sobre a Casa da Torre, tece alguns comentários a respeito das relações entre os seus senhores e os procuradores, assim discorrendo:

*(...) para governar tão largas terras os senhores da Torre usavam o sistema de se associarem aos régulos ou capitães, que nomeavam procuradores, dando-lhes autoridade, apoio e força. Em troca davam sujeição, tributo e homenagem (...)*⁵⁸

Mais adiante Calmon descreve o tipo legendário do procurador onipotente que pelas características citadas tinha resquícios de um caudilho visigodo, que vai perpetuar suas marcas em um criador, senhor de engenho e nos poderosos coronéis:

Falava por um proprietário que ninguém conhecia; mostrava os instrumentos de procuração; e em nome desse vago direito reinava sobre um trato do país (...) com o mandatário, partilhava o grão-senhor o poderio, ratinhava o domínio, subdividia a responsabilidade, abarcava o deserto. Tinha os tenentes, os válidos, as ordenanças. A torre parecia a capital rústica de províncias solitárias que paxás do sertão, sargento-mores de índios mansos, vaqueiros-procuradores administravam por sua lei, por sua vontade, por seu capricho, dispondo da vida e dos bens dos clientes segundo as conveniências desse governo. Despoticamente, às vezes patriarcalmente, chefes e donos numa fronteira sem juízes, que acudissem às queixas, sem soldados, que velassem pela paz, sem funcionários que impusessem uma ordem qualquer. De sabre e clavinote,

⁵⁸ CALMON, Pedro. *História da Casa da Torre: uma dinastia de pioneiros*. Salvador: Fundação Cultural da Bahia. 3ª ed., 1983, p. 121.

*com tropa de agregados, 'caibras' ou arregimentados caboclos atrás deles. Monarcas das regiões vazias onde, de légua em légua, um racho de boiadeiros esboçava na planície arensa um núcleo de população morena (...)*⁵⁹

Sendo procurador da Casa da Torre ligado a família d'Avila, Baltazar dos Reis Porto comprou em 15 de outubro de 1754 a d. Inácia de Araújo Pereira, viúva do coronel Garcia d'Avila Pereira, pentaneto do primeiro d'Avila que chegou a Bahia com Tomé de Souza, pela quantia de 400\$000 o sítio Camuciatá,⁶⁰ situado no município de Itapicuru. Uma das funções do cargo que exercia era de tomar conta da imensa quantidade do gado da família que trabalhava. Com o tempo foi se tornando também proprietário, através de compra de suas próprias cabeças de gado. Em seguida, na mesma lógica da economia implantada pelos portugueses quando aqui chegaram entrou no ramo açucareiro e montou um engenho de moer cana, que passou a levar o nome do santo de sua devoção associado ao topônimo indígena local – Santo Antônio do Camuciatá (CARVALHO JR, 2006).

Apesar de não existir mais fisicamente o engenho será registrado no museu virtual, pois junto com os currais compõem a representação dos dois principais polos da economia do nordeste brasileiro, na colônia e parte do império. O primeiro engenho foi construído por Baltazar, depois João Dantas dos Reis Portátil, seu neto, o modernizou, em seguida João Dantas dos Reis (seu bisneto) e o barão de Jeremoabo o mantiveram e depois seu filho João da Costa Pinto Dantas trocou o maquinário. Durante 265 anos tivemos 04 engenhos no Camuciatá. Alguns foram melhorados e outros construídos com maquinário totalmente novo. O último deixou de existir na década de 1940, quando foi desativado.

⁵⁹ CALMON, op.cit., p.123.

⁶⁰ Escritura de compra e venda do sítio do Camuciatá, em 15 de outubro de 1754, passado entre Inácia de Araújo Pereira, viúva de Garcia d'Avila Pereira e Baltazar dos Reis Porto. Arquivo do Barão de Jeremoabo.



Figura 12 - Engenho de açúcar do Camuciatá, construído pelo coronel João Dantas dos Reis. Na década de 1940 foi desativado. Fonte: Arquivo do Barão de Jeremoabo.

6.3 A genealogia do poder cuja árvore nasce no período medieval, em Portugal, transporta-se para o Brasil no período colonial para a vila de Itapicuru e fazenda engenho Camuciatá e os galhos se espalham de lá para todo império e depois república brasileira, chegando aos dias atuais.

Baltazar dos Reis Porto casou-se com Leandra Sancha Leite que através do casamento vêm agregar terras as posses do marido pois era filha de Francisco Gonçalves Leite e Joana Vitória de Souza, casal que chegou em Itapicuru no começo do século XVIII e dentro da política da coroa portuguesa recebeu sesmarias nessa região (DANTAS JR, 1967). O Baltazar era trisavô de Cícero Dantas Martins, Barão de Jeremoabo, que edificou em 10 de março de 1894 a atual Casa Grande existente nas terras da fazenda engenho.

Até chegar ao nascimento do construtor do sobrado do Camuciatá se faz necessário percorrer a trajetória de vida de 03 gerações que lhe antecederam e que vão lhe legar uma longa tradição de exercício de mando, poder político e social no nordeste da Bahia e uma imensidão de terras. Não só características físicas o barão herdará deles, mas também traços da personalidade, bem como as influências culturais que lhes foram transmitidas de geração em geração e

foram se consolidando em sua personalidade. Essa retrospectiva, através dos seus ancestrais, além de nos dar uma melhor compreensão do contexto cultural de cada época vivida vai contribuir para uma melhor compreensão a respeito da mentalidade e do modo de vida dos descendentes dos primeiros membros da família Dantas que povoaram a região e que ainda hoje são os proprietários do Camuciatá.

Partindo do seu bisavô, Inácio dos Reis Leite, vemos a figura do sesmeiro que em meados do século XVIII continuavam recebendo terras da coroa portuguesa por alvarás de el-rei de Portugal. Depois de trezentos anos de início da política de distribuição de terras a prática continuava presente, pois essa foi a maneira encontrada e mais eficiente para estruturar a ocupação das terras no Brasil. A sesmaria de uma légua de largo e três de comprido recebida por Inácio Leite, no entorno da vila de Itapicuru de Cima, no Sertão do Tijuco, ⁶¹esteve dentro do padrão das sesmarias concedidas que chegavam até quatro léguas de frente. Décadas depois essas terras iam se incorporar a área do Camuciatá de propriedade do sesmeiro, depois passando para seus descendentes até chegar aos dias atuais. Essa realidade é confirmada por Arno Wehling, quando diz que “Foi ela (a sesmaria), (...), a base do regime de propriedade no Brasil até o século XIX, legalizando a ocupação de terras”. ⁶² Apesar de alguns historiadores divergirem, comungo da ideia de que as sesmarias, como instituto jurídico aplicado no Brasil deu origem ao latifúndio nas fazendas e nos engenhos, tendo respaldado uma prática econômica e contribuído fortemente para a expansão das propriedades rurais no período colonial e imperial.

Entre os imigrantes portugueses que vieram para o vale do Itapicuru no século XVII e XVIII temos vários ramos familiares a serem analisados na genealogia que chamamos do “poder”, mas para o contexto dessa tese que tem o objetivo de reunir elementos socioculturais para compor os quadros do acervo com o intuito de construir o museu virtual a origem da família Dantas é a que está mais inserida, pelas fontes que temos, no processo de colonização do

⁶¹ FREIRE, Felisbela. *História Territorial do Brasil*. Ed. Fac-similar. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo; Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 1998. P. 124.

⁶² WEHLING, Arno; WEHLING, Maria José C.M. *Formação do Brasil Colonial*. 2ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Brasil, de acordo com os contextos pesquisados em Portugal até chegar nas terras além mar, especificamente no sertão da Bahia.

O patronímico Dantas entra na família dos senhores do Camuciá pelo lado materno através do casamento de Inácio dos Reis Leite, filho mais velho de Baltazar, que comprou a propriedade. Ele foi casado com Maria Francisca de Souza Dantas, filha do português Manoel Alves Martins, familiar do Santo Ofício e Teodosia Maria de Souza Dantas, proprietários da fazenda Catu (DANTAS JR, 1967). O sobrenome Dantas, como de costume em Portugal e no Brasil, vindo do lado feminino fica registrado como primeiro sobrenome dos filhos e termina se perdendo à medida que as gerações vão se sucedendo. No caso do apelido “d’Antas” apesar de ter entrado no clã por esse viés é o sobrenome que se perpetua e, portanto, se torna contexto na medida em que junto com os “d’Avilas” fazem parte de um grupo social que domina economicamente e politicamente a região cuja influência ainda se faz presente na atualidade.

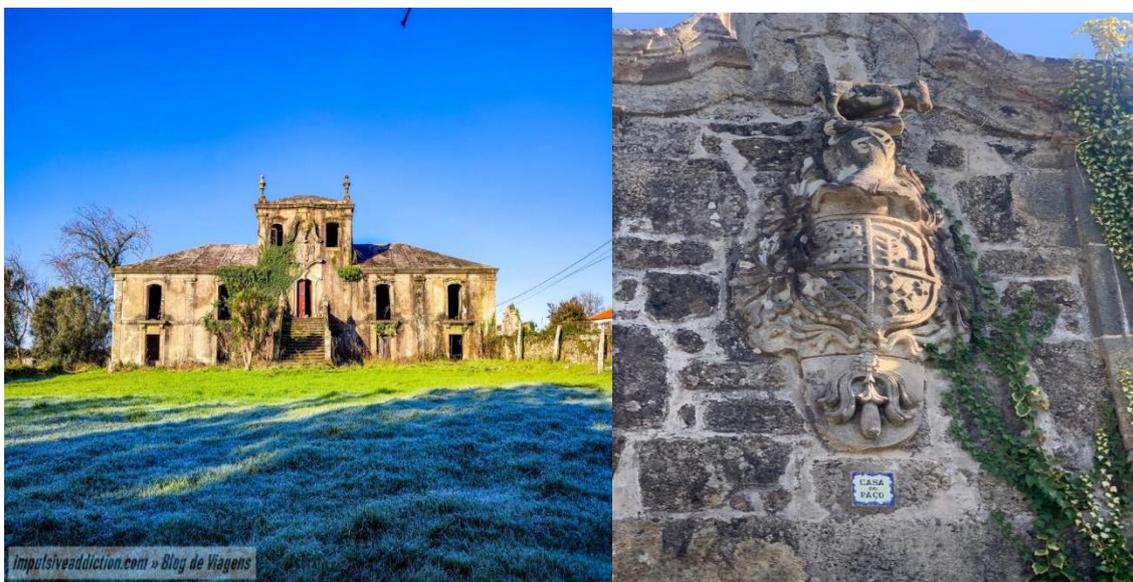
A supremacia dos Dantas em relação a outros sobrenomes, vindos de Portugal, que conseguimos levantar, como Leite, Gonçalves, Souza, Porto, Reis, Alves, Silveira, Martins, Fontes vem do poder social e econômico que esses trouxeram do norte de Portugal, província do Minho, distrito de Viana do Castelo, no Conselho (município) de Paredes de Coura, na freguesia de Rubiães, especificamente da aldeia de Antas.⁶³A origem do poder da família está representando pela casa senhorial que ainda existe e é reconhecida como a 1ª casa da família Dantas, edificada no século XIV (cerca de 1300). (DANTAS JR, 1967). A construção tem o nome original de “Paço de Antas” e a partir da família que lá habitou vão se originar os “d’Antas” que vieram para o nordeste do Brasil, a princípio se fixando entre o Rio Grande do Norte e à Bahia. Na colônia o patronímico se tornou Dantas.⁶⁴

⁶³ A aldeia de Antas atualmente tem 2000 habitantes. Por ela passa a via romana chamada de Bracara Augusta, datada aproximadamente do século 1a.C a 4d.C. Essa via vai de Braga a Tui que margeia a Vila de Antas e o Paço de Antas. O Caminho de Santiago, de Portugal, passa pela vila de Antas.

⁶⁴ Ainda não pesquisei a cadeia genealógica que liga a primeira Dantas que se tem notícia presente na vila de Itapicuru (Bahia) que foi Teodosia Maria de Souza Dantas com seus antepassados da aldeia de Antas, no Conselho de Paredes de Coura. As informações trazidas pelos genealogistas são divergentes. João da Costa Pinto Dantas Jr, no seu trabalho sobre a descendência do capitão-mor João d’Antas dos Imperiais Itapicuru afirma que Mem Afonso de Antas, segundo o genealogista português Armando de Matos, foi a primeira pessoa a usar o sobrenome Dantas. (DANTAS JR, 1967, p. 15). Outros pesquisadores já colocam o Estevão Vasques de Antas como o primeiro a usar o referido sobrenome.



Figura 13 - Mapa da província do Minho onde se localiza a vila de Paredes de Coura, onde está situada a aldeia de Antas e o “Paço de Antas”, na freguesia de Rubiães. Fonte: <https://www.nacionalidadeportuguesa.com.br/regiao-do-minho-em-portugal/>. Consultado em 28 de outubro de 2022



Desse descende José Dantas Correia Góes (português) que veio no século XVII para o Brasil e casou-se com Josefa, filha do dono do Engenho Fragoso em Pernambuco. O neto dele, Antônio Dantas Correia de Góes, já foi para a Paraíba e lá ficou conhecido como Capitão Anta, tendo fundado a vila do Teixeira e deixado um filho de nome Manoel Dantas Correia de Góes. O genealogista Francisco Cesar Lins Santana levanta a hipótese que José Dantas Correia de Góes, construtor do Paço de Antas pode ser o avo de Teodosia Maria de Souza Dantas (trisavó de Cícero Dantas Martins, barão de Jeremoabo). Desenvolver essa pesquisa para fazer o elo entre os Dantas do engenho Camuciata e a aldeia de Antas, analisando o contexto social, cultural, político e econômico da trajetória das gerações que se sucederam através dos séculos, é um dos objetivos do projeto de pós-doutorado que pretendo desenvolver, em uma perspectiva de um Projeto de Ancestralidade.



Figura 14 - 1ª Casa da família dos Dantas no norte de Portugal, região do Minho, no Conselho de Paredes de Coura, na localidade chamada Rubiães, na aldeia de Antas, conhecida como Paço dos Antas. O torreão é do século XIV (1.300). No centro da torre observa-se o brasão da família. Fonte: <http://www.portoenorte.pt/pt/o-que-fazer/casa-de-antas/>. Consultado em 28 de outubro de 2022.

Nesse subcapítulo do contexto retrocedemos ao século XIV (1300) para traçar a genealogia dos Dantas que vindos para o Brasil já eram proprietários de terra em Portugal e donos de um imponente solar que lhes situavam como membros da elite senhorial que carregavam na sua genética e herança cultural a diversidade do povo português advinda da presença dos visigodos, que transmitia a força dos chefes guerreiros locais e dos romanos com suas residenciais autônomas e senhoriais. Essa cultura foi transportada para o Brasil, no nosso estudo específico para Itapicuru, onde os sesmeiros da família Dantas e depois senhores de engenho e coronéis reproduziram esse contexto fazendo reverberar nos séculos XVIII e XIX e deixando resquícios de suas práticas atualmente.

Pensando e analisando historicamente a compra do Camuciatá pelos Dantas a família se consolida como a representante, mas poderosa da elite colonial e imperial no vale do Itapicuru e de todo o nordeste da Bahia exatamente por conta do contexto das sesmarias que mais tarde serão extintas, mas permanecem vivas na essência da formação dos grandes latifúndios. Sendo mais preciso, os tetravós do barão de Jeremoabo, o casal de portugueses Francisco Gonçalves Leite e sua mulher Joana Vitória de Souza receberam sesmarias no Salgado e no Poço Grande, sertão de Tucano, na

época integrado na vila de Nossa Senhora de Nazaré do Itapicuru de Cima, ao qual pertencia a freguesia de Santana e Santo Antônio dos Tucanos.⁶⁵ Logo em seguida, em 1753, seu genro Baltazar dos Reis Porto recebeu sesmarias no sertão de Tiuiu, as margens do rio do Peixe, braço do rio Itapicuru. Como vemos já no começo do século XVIII o clã se fixou no território de Itapicuru, mais ao norte, na altura da atual cidade de Tucano e depois foi descendo o curso do rio até chegar a missão da Saúde, onde se encontram com os franciscanos e lá se estabelecem definitivamente por encontrarem um ambiente propício para a expansão econômica dos seus bens e negócios (CARVALHO JR, 2006). Índios aldeados na Missão e as terras férteis a beira de rio Itapicuru era um local privilegiado para a fixação de currais e montagem de engenho. A expansão dos latifúndios que é uma realidade até os dias atuais é fruto de um processo histórico secular que se reproduziu e se atualizou constantemente durante mais de 400 anos da história do Brasil chegando ao século XX.

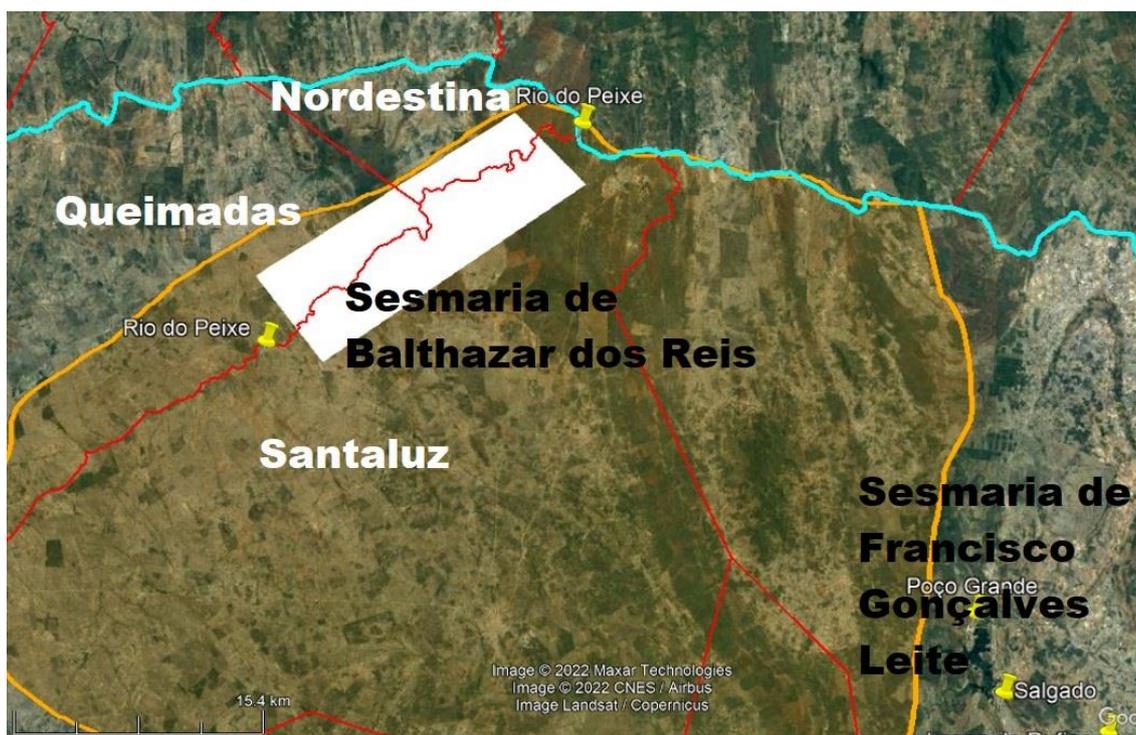


Figura 15 - Localização das sesmarias de Francisco Gonçalves Leite e Baltazar dos Reis Porto, tetravô e trisavô do Barão de Jeremoabo. O último foi o comprador da fazenda Camuciata nas mãos da Família de Garcia d'Avila. (Casa da Torre). Fonte: mapa elaborado pelo geógrafo Osmar Barreto Borges a partir do Google Earth. 2022.

⁶⁵ DANTAS JR, João da Costa Pinto. "O Capitão-mor João d'Antas e sua descendência". In: *Revista do Instituto Genealógico da Bahia*, nº 15, 1967.

A figura do Capitão Mor, outro título importantíssimo na composição da engrenagem do poder que vai se avolumando até chegar ao Barão de Jeremoabo, vem com o nascimento de João d'Antas dos Reis Portátil, sétimo filho de Inácio, que nasce no Camuciatá, aos 08 de março de 1773. O avô do barão, o capitão-mor, assumiu um cargo que era considerado a autoridade máxima nas vilas e tinha poderes e funções abrangentes, como inspecionar as tropas e os armamentos, assegurar o bom funcionamento das instâncias civis, fazendárias e judiciárias, e elaborar as listas dos cidadãos aptos a serem recrutados para a tropa regular ou das milícias (MATTOSO, 1992). A condição para João d'Antas ser escolhido já vinha do seu bisavô Francisco Gonçalves Leite, que tinha sido sesmeiro, depois do seu avô Baltazar Reis do Porto, grande proprietário de gado bovino acompanhando a trajetória da família de Garcia D'Avila e seu pai Inácio Gonçalves Leite que ampliou o engenho Camuciatá e se tornou um importante senhor de engenho e primeiro da família a ingressar na política de Itapicuru. (DANTAS JR, 1967).

Seguindo na contextualização da história de vida dos membros da família Dantas passemos para João Dantas dos Reis, quinto filho do capitão-mor e pai do Barão de Jeremoabo. Seguindo a tradição familiar de quatro gerações que lhe antecederam assumiu cargos políticos, foi chefe do regimento de milícias oriundo da Colônia, ocupou postos no poder judiciário, foi vereador e presidente da câmara, além de fazendeiro e senhor de engenho (DANTAS JR, 1967). Entretanto, na genealogia do poder que estamos traçando, que recebe a influência milenar dos chefes guerreiros caudilhos, passa por Portugal medieval até atravessar o Atlântico e chegar nas terras longínquas do Sertão da Bahia, queremos focar na figura do 'coronel' personificada nesse personagem.



Figura 16 - João Dantas dos Reis, coronel da Guarda Nacional e pai do barão de Jeremoabo. Foto: Arquivo Histórico do Barão de Jeremoabo. 1869.

Apesar da origem do coronelismo brasileiro estar no período colonial, essa forma de poder político alcançou o ápice entre 1850 e 1950 (PANG, 1978), período em que João Dantas dos Reis assumiu com força total as prerrogativas do título e seus filhos, netos e bisnetos, em uma espécie de simbiose que confirma a teoria de Bakhtin (2005) que diz que “a história como um processo, nos permite compreender que seus múltiplos atores não findam, mas continuam se fazendo presentes no cotidiano que se reproduz”. Ele foi nomeado para coronel-chefe da 2ª legião da Guarda Nacional em Itapicuru, a 26 de maio de 1840, e foi promovido a coronel comandante superior nas comarcas de Jeremoabo e Monte Santo, já na década de 1860 (DANTAS JR, 1967). Tendo se passados 161 anos, em pleno século XXI Anibal da Costa Pinto Dantas Filho, trineto do João Dantas dos Reis, eternizado na tradição oral como “O velho coronel”, continua sendo chamado pela população local descendente do Camuciatá, bem como na cidade de Itapicuru e Olindina, de ‘Coronel’.

Na memória oral também continua presente no imaginário dos moradores dos povoados do Manco e Serra Velha a imagem da autoridade moral e social, além da política, dos bisnetos do “velho coronel” João Dantas nas pessoas de seus bisnetos Artur e Anibal da Costa Pinto Dantas. Anibal,

bisneto caçula, morou no Camuciatá e o primeiro na fazenda Mamão. Ambos, através de seu modo de pensar deram continuidade ao poder do seu bisavô. A mentalidade e a forma de agir de ambos é um exemplo de que em muitas realidades os antepassados se mantem vivos nos seus descendentes. Através deles o coronelismo se perpetua, se adaptando aos tempos mais mantendo a sua essência principal de paternalismo, autoridade moral e social.



Figura 17 - João da Costa Pinto Dantas ladeado por seus filhos Arthur e Aníbal (herdeiros da política dos antepassados) indo a cavalo para Itapicuru. Foto do Arquivo do Barão de Jeremoabo - 1939

O poder e prestígio que Artur e Anibal tiveram tem sua origem também na Guarda Nacional, criada em 18 de agosto de 1831, com o objetivo de manter a ordem pública, prisão de criminosos, repressão a revolta armada, entre outras funções. Os seus membros eram recrutados entre os grandes fazendeiros e membros da elite local que acumularam o poder econômico com o poder advindo das funções inerentes ao cargo e se tornaram grandes potentados rurais (PANG, 1979. Mesmo a instituição “Guarda Nacional” tendo perdido importância a partir da década de 1870, os chefes locais e seus aliados continuaram a ditar leis por conta própria. ⁶⁶Em 7 de agosto de 1872 faleceu o João Dantas dos Reis, chamado de “velho coronel” e deixou a seus seis filhos varões, inclusive o barão de Jeremoabo, o prestígio e a influência dos todopoderosos “coronéis”, que assim continuaram a ser chamados, mesmo com a extinção dos postos da guarda nacional, e que até o final do século XX continuaram a dominar a política regional, onde ainda nos dias de hoje os seus

⁶⁶ BRASIL BANDECCHI, “O município no Brasil e sua formação política”. In: *Revista de História*, nº 93, p. 136-138.

descendentes estão envolvidos nas lides políticas de Itapicuru e outras cidades (CARVALHO JR, 2006).



Figura 18 - Políticos, fazendeiros e coronéis em frente ao sobrado do Camuciatá - década de 1900. Fonte: Arquivo do Barão de Jeremoabo.

Mantendo o poder da família João Alfredo Monteiro Pinto Dantas foi prefeito de Itapicuru ⁶⁷ em pleno século XXI, dando continuidade a uma sucessão que vinha do século XVIII onde a maioria dos grandes proprietários rurais da colônia e do império assumiram postos na administração pública da antiga vila de Nossa Senhora de Nazaré de Itapicuru de Cima e se envolviam nos negócios político administrativos. De Inácio dos Reis Leite, filho de Baltazar dos Reis Porto, que comprou o Camuciatá, até João Alfredo Dantas sete gerações e 237 anos (duzentos e trinta e sete anos) se passaram. Nesse

⁶⁷ João Alfredo Monteiro Pinto Dantas foi prefeito de Itapicuru no período de 2005 a 2008.

período de mais de dois séculos, ininterruptamente, todos os senhores do Camuciatá assumiram cargos públicos e postos de mando em Itapicuru e outros municípios do nordeste da Bahia. Essa continuidade prova como ainda hoje a força do coronel e proprietário de terras ainda está viva, guardada as devidas proporções dos diferentes contextos históricos.

O poder político dos Dantas é contexto do museu virtual pois faz parte de uma realidade que vem da Bahia colonial, oriunda de Portugal medieval e dos tempos do domínio dos Visigodos, cresce no império e se mantém estável na república até a década de 1980, quando a partir daí começa a perder força, mas se faz presente na contemporaneidade. Não se trata de aprofundar o estudo da genealogia política dos Dantas em Itapicuru. O importante é registrar a passagem de sete gerações ininterruptas que assumiram cargos públicos na região e que se torna dessa forma contexto em uma perspectiva Bakhtiniana.

Desde Inácio dos Reis Leite que foi vereador em Itapicuru no final do século XVIII, passando pelo barão que já crescera na política, como o pai, o avô e o bisavô, até Arthur e depois João Alfredo a família manteve a supremacia do poder na região, embora não mais com a mesma força que teve, até a década de 1980. Essa perpetuação no poder ao longo dos séculos levou a Luís da Câmara Cascudo fazer a seguinte afirmação:

(...) Os Dantas baianos nascem políticos como os pássaros voam e os peixes nadam (...) No Sertão da Bahia eram senhores. Até Inhambupe estendia-se seu prestígio, de fio a fio, de parente a parente, como uma imensa teia que se articulava aos seus dedos e cobria léguas e léguas, numa sucessão de engenhos, fazendas, sítios e povoados de eleitores vibrantes e fiéis (...). ⁶⁸

⁶⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. *A Tarde*, 01.08.1939.



Figura 19 - Os Dantas a cavalo pelas estradas do sertão da Bahia percorrendo léguas e léguas, em uma sucessão de fazendas, sítios, povoados e vilas indo de encontro aos “eleitores vibrantes e fiéis”. Fonte: Arquivo Histórico do Barão de Jeremoabo (Década de 1900).

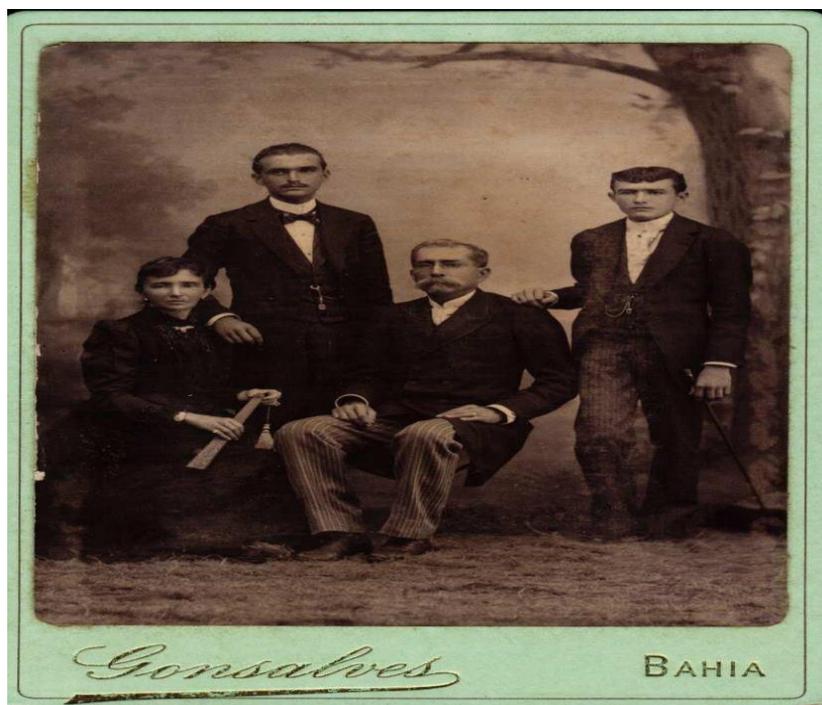


Figura 20 - Cícero Dantas Martins e Mariana da Costa Pinto Dantas (Barões de Jeremoabo) com seus dois filhos. Da esquerda para a direita João e Antônio da Costa Pinto Dantas, herdeiros políticos dos primeiros sesmeiros que chegaram a Itapicuru. Fonte: Arquivo do Barão de Jeremoabo (1892).

Optamos por trazer essas informações e dados estatísticos porque são reveladores de uma genealogia do poder que tem seu começo no século XVIII, onde seus representantes, no decorrer dos séculos, assumem vários papéis, que alguns casos se extinguem, mas vão deixando suas marcas para os seguintes: como o do caudilho, o sesmeiro, o procurador, o fazendeiro, o senhor de engenho, o coronel, o vereador e intendente, todos trazendo no seu DNA e passando adiante um método de fazer política que vem da colônia, trazido pelos portugueses e que ainda sobrevive no Brasil contemporâneo.

Como podemos concluir a partir do texto dissertativo interpretativo que vem sendo desenvolvido nesse capítulo, da página 84 a 110, é importante colocar no nosso museu virtual os elementos extraídos do contexto político em que os Dantas estavam inseridos para que façam parte do acervo. Serão inseridos nos quadros do acervo da “Vila de Nossa Senhora de Nazaré de Itapicuru de Cima” e da “Fazenda engenho Camuciatá através da estrada real”. Esses quadros se encontram no anexo “Quadros do Designe do acervo do museu virtual, em foto e vídeo, da vila de Itapicuru, fazenda engenho Camuciatá, povoado do Manco (MVICM)”, onde estão as informações sistematizadas no referido texto.

7. O contexto sócio-histórico da fazenda engenho Santo Antônio do Camuciatá: situando a fazenda e o complexo da economia agro açucareira.

7.1 O Sobrado do Camuciatá: arquitetura e construção.

Trazendo em si as características socioculturais dos seus antepassados brasileiros e dos ancestrais portugueses o barão de Jeremoabo, que se tornou líder incontestado da família Dantas no Nordeste da Bahia e substituto do poderio econômico e social dos Garcia d'Ávila, como todo conservador, desejou ter uma Casa Grande e para isso começou a construir em 1888 a sua, tendo finalizado e inaugurado a obra em 1894. A casa é um típico exemplar de construção da nobreza da terra que a partir do final do século XVI passa a adotar o estilo assobradado nos grandes centros da Colônia onde alguns

chegavam a possuir até quatro ou cinco andares (SILVA, 1993), como no Pelourinho, na Bahia.

Nos engenhos do Recôncavo a maior parte das casas eram de quatro águas cercadas por varandas, no estilo colonial português. O barão estando no auge da sua condição econômica e em um momento de muita prosperidade, após ter construído o engenho central do Bom Jardim, resolveu fugir à regra e no meio da pobreza do agreste e sertão construiu um imponente sobrado de dois andares que passou a ser considerado na sua região o ápice da riqueza e o símbolo de poder político e social.



Figura 21 - Sobrado do engenho Camuciatá construído em 1894. Foto 2022.

Nascido em um ambiente de uma família senhorial e após o casamento com Mariana da Costa Pinto ter convivido vinte e três anos no seio de um clã aristocrático de Santo Amaro cultivou o sonho de construir um palacete que simbolizasse o status e o poder dos seus antepassados portugueses e que fosse a altura dos parentes de sua esposa. Edificou no mesmo lugar que existiu o sobrado levantado pelo seu avô, o capitão-mor João d'Antas dos Imperiais Itapicuru e será registrado no Museu Virtual como uma das construções que compõem o conjunto arquitetônico de um engenho de açúcar do Brasil colonial e imperial e que sobrevive ao tempo se encontrando em

perfeito estado de conservação na fazenda Camuciatá, podendo ser visitado, inclusive presencialmente, por pesquisadores, estudantes, turistas e o público em geral.

7.2 A localização territorial e as permanências no espaço geográfico

O espaço territorial que a casa foi construída deve também ser contextualizado e registrado, pois continua abrigando e emoldurando o sobrado do Camuciatá. Considerando a geografia e o meio ambiente dentro de uma perspectiva de análise de “longa duração” (BRAUDEL, 1981) e dialogando com a concepção bakhtiniana do nosso estudo que tudo permanece vivo mesmo que a história vá se redimensionando, com suas transformações e permanências é interessante descrever esse espaço analisando a sua historicidade e importância para a vida dos atores sociais que nele viveram no seu cotidiano, com suas lutas e contradições internas da própria sociedade.

O sobrado do Camuciatá foi construído de sorte a poderem seus moradores aproveitar o frescor dos riachos e brejos que passavam atrás da casa grande. A posição estratégica da residência, em zona intermediária do sertão baiano, foi providencial. Os terrenos situados aproximadamente a 500 m em frente da casa não eram beneficiados por fontes ou riachos, sendo secos e arenosos. A escolha do local da construção foi, exatamente, para livrar-se das pastagens secas. A casa assobradada ficou envolta por brejos e ramificações do riacho Camuciatá. Aliás as terras do engenho na sua parte de baixo, no fundo da casa-grande eram muito férteis. O próprio nome da propriedade sugeria fertilidade. Camuciatá é uma palavra indígena cuja etimologia é “Camussi – pote, vaso; etá – muitos”; riacho da região que nasce na localidade chamada Nascimento, atravessa a fazenda Periperi e o povoado do Manco e percorre as terras de baixo do Camuciatá, desaguando no rio Itapicuru (SAMPAIO, 1955).

A escolha do local da construção da casa remete a questão do clima, da escassez de chuvas e de água em grande parte dos terrenos no entorno da propriedade. Apesar de estar inserida no vale do Itapicuru, margeada pelo rio de mesmo nome as terras mais altas eram arenosas e, portanto, muito secas e inapropriadas para o cultivo de leguminosas ou de capim. Essa realidade se faz

presente atualmente onde grande parte da população do Manco mora nas terras mais distantes daquelas onde fica situado o sobrado e, portanto, não são beneficiados pelas águas dos riachos naturais.

7.3 O patrimônio material: símbolos que contam uma história, se ressignificam e contextualizam aspectos do presente.

Tendo a construção física do sobrado se mantida em pé até os dias atuais e transformada em uma instituição cultural - Instituto Museu do Nordeste Barão de Jeremoabo ⁶⁹— destacamos as peças do acervo que estão no sobrado que remetem a cultura, a símbolos e a práxis de uma época, que nos ajudam a refletir sobre o contexto e as relações de existência dos grupos sociais envolvidos. Esses elementos que farão parte do quadro de acervo nos ajudam a compreender os gostos e a cultura material dos homens daquela época, se tornando instrumentos de diálogo, interação e fazendo a ponte entre os sujeitos históricos do presente e do passado.

É rico e abundante o mobiliário do sobrado do Camuciatá. Espalha-se por um hall de entrada, cinco salas, uma saleta, dez quartos, escritório, capela, uma cozinha no andar superior e uma cozinha externa, um banheiro, três varandas. É literalmente uma casa grande, uma das maiores do sertão da Bahia e que ainda hoje sugere no visitante admirado, curiosidades e perguntas, o transportando a contextos históricos que o antecederam, mas que podem estar de alguma forma presentes em seu cotidiano.

Passamos a destacar os cômodos e peças do acervo que através da inserção no contexto da época e podem dialogar com os sujeitos históricos do presente. Começamos com a capela cujo padroeiro é Santo Antônio. A localização dela no sobrado é estratégica porque traduz a importância da religião católica para a sociedade brasileira colonial e imperial e funcionava como um forte instrumento de evangelização. Ela fica situada no segundo andar, no centro da casa de modo que de todos os cômodos e ambientes o morador ou visitante veja os santos expostos no altar. ⁷⁰Quem subir a escada

⁶⁹ O Instituto Museu do Nordeste Barão de Jeremoabo foi fundado em 2009.

⁷⁰ Depoimento de D. Emanuel d'Able do Amaral, abade do mosteiro de São Bento da Bahia, em 2015, na ocasião em que celebrou missa na capela.

social ou a escada de uso privado se depara com a capela. Também do salão de banquetes, bem como do salão de recepções e visitas, todas as portas dão para o altar.

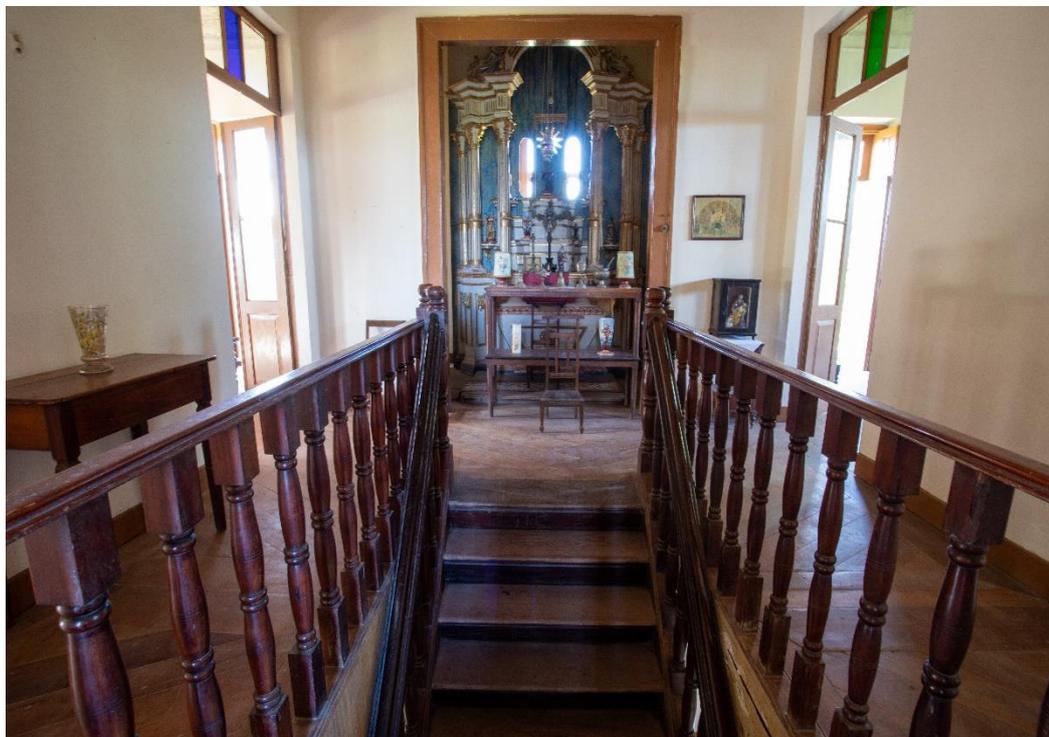


Figura 22 - Capela do Engenho Santo Antônio do Camuciatá. Foto 2022.

Em estilo neoclássico, dourada de fios de ouro, cuja imagem principal é a do padroeiro do engenho Santo Antônio, além dele as mais antigas são as de Senhora Santana e de São João Batista. Sob os olhares e bençãos desses santos várias gerações foram batizadas, casadas, ouviram missas e cantaram o ofício a Nossa Senhora.⁷¹Essas devoções e práticas se fazem presentes e reverberam atualmente sendo, portanto, a capela um espaço muito importante a ser registrado no museu virtual. Anualmente os membros da família Dantas e os moradores do Manco se reúnem na capela para assistir uma missa em louvor a Santo Antônio, repetindo um gesto que acontece a 128 anos.

As missas dominicais ou em dias santos sempre foram uma constante na capela do sobrado do Camuciatá. Hoje em dia não acontecem mais nos domingos, apenas em datas especiais, praticamente uma a duas vezes ao ano como já foi dito. Como eram frequentes no período imperial e até a década de

⁷¹ A maior parte da descrição dos cômodos e dos ambientes do sobrado do engenho Santo Antônio do Camuciatá foram feitos por Jesuína da Costa Pinto Dantas (1906-2001) neta do barão de Jeremoabo.

1960 a população local absorveu muito da doutrina da igreja que foi transmitida juntamente com as regras da convivência social entre senhores, escravos e agregados e que são usadas até os dias de hoje.

A capela do sobrado continua sendo um símbolo de permanência da religiosidade da população colonial e imperial brasileira, dos proprietários do Camuciatá e dos seus moradores que hoje estão no povoado do Manco. Os atos religiosos continuam funcionando como continuidade da estratégia de evangelização implantada pelos primeiros colonizadores e como testemunho das permanências que ficaram do catolicismo brasileiro, que apesar de enfraquecido continua sendo a maior religião do país.⁷²

Continuando a descrição dos cômodos do sobrado destacamos os dois salões principais do segundo andar. O visitante subindo a escada social de jacarandá se depara com a imponente capela, virando à esquerda entra no salão de banquetes, virando à direita entra no salão de recepções e visitas. Uma enorme mesa de jacarandá com 24 cadeiras austríacas domina o ambiente. Nela o barão de Jeremoabo oferecia almoços a políticos, correligionários e visitantes ilustres.



Figura 23 - Salão de Banquetes do sobrado do engenho Camuciatá. Foto 2022.

⁷² Como exemplo, na capela do sobrado, na primeira metade da década de 1960, casaram José Maria Bento Batista e Isabel Batista. Depois da cerimônia os noivos pousavam para fotografia no salão de visitas do sobrado.

Ao sair do salão de banquetes em direção a varanda do fundo passa-se por uma grande sala que dava apoio nos momentos em que eram servidas as refeições, funcionando como uma espécie de sala do buffet, onde os pratos quentes trazidos da cozinha eram colocados até o momento de serem levados para a mesa principal. Do lado direito dessa sala tinha uma dispensa/adega que estava sempre cheia, não só de gêneros da terra, como também de produtos importados, como bebidas, enlatados etc. ⁷³ Optamos por fazer referência a esse ambiente por existir nas casas grandes dos engenhos e, portanto, importante que seja registrado como parte da cultura daquela sociedade.



Figura 24 - Vinho do batizado do filho caçula do Barão, de 1874 e “Vinho Barão de Jeremoabo”, de 2017.

Do lado oposto ao salão de banquetes, na mesma disposição e dimensões, fica o salão de recepção, onde ficava o piano alemão Schiedmayer e havia sempre saraus onde Ana Adelaide Ribeiro dos Santos Dantas, nora do barão, tocava músicas clássicas, mas também músicas populares regionais, ao gosto dos moradores da fazenda. Muitas vezes a melodia do piano se entrecruzava com o som da sanfona ou o batuque da zabumba e do pandeiro do samba de roda tocado nas casas dos moradores no entorno do sobrado. Para um observador mais atento o movimento dos corpos na hora da dança no

⁷³ Os itens da dispensa e adega do barão foram listados pela baronesa de Jeremoabo e vamos transcrever na sessão de documentos do museu virtual.

salão de festas iria revelar também a origem étnica e social dos dançarinos. Os mais comedidos e com passos mais curtos eram os membros da família proprietária e convidados, os mais ousados e que acompanhavam o ritmo com mais intensidade e liberdade eram os negros e mestiços que davam mais movimento as festas e encontros. (GUIMARÃES, 2001). A mistura dos sons e ritmos expressava a pluralidade das culturas, fruto da diversidade de etnias que habitavam o Camuciatá. O som do piano silenciou, mas é comum ouvirmos em noites de lua em algumas casas do Manco o sonoro batuque da caixa e do bumbo da zabumba misturado com os acordes da sanfona. Mistura de sons, de ritmos, de danças, que passadas de geração em geração alegrem os festejos da comunidade local atualmente. Essas práticas culturais, transmitidas pelos antepassados dos moradores do Camuciatá e do Manco, estão enraizadas no modo de ser e viver desses sujeitos históricos do presente



Figura 25 - Salão de festas do Sobrado do engenho Camuciatá Foto 2022.



Figura 26 – Escada social do sobrado do camuciatá. Foto 2022.

Se reportar aos espaços da casa grande e suas funções é olhar para o cotidiano dos moradores da sociedade rural da Bahia colonial e imperial e entender como viviam. Ao mesmo tempo é perceber que muito da mentalidade, costumes, saberes e fazeres daquela época continuam vivos nos sujeitos históricos do século XXI. Se a sala de almoço do andar de baixo, onde o barão e seus filhos recebiam os vaqueiros de suas fazendas para a refeição, ⁷⁴era o espaço do encontro de indivíduos de diferentes classes sociais confraternizando, as duas escadas que davam acesso ao andar superior revelavam e delineavam as diferenças entre senhores e agregados. Pela escada principal que ligava o hall ao segundo pavimento só subia os membros da família e visitantes. A escada mais estreita que dava acesso a varanda do fundo e a cozinha era utilizada pelos empregados domésticos e serviçais. (PINHO, 1982) Funcionava como se fosse o elevador social e o de serviço que estão presentes nos edifícios das grandes cidades brasileiras nos tempos de hoje, onde cada um sabia o seu lugar criando uma disciplina que era passada de avós, para pais até os netos. Permanências do tempo da mentalidade da sociedade escravocrata.



Figura 27 - Escada de uso doméstico do sobrado do engenho Camuciatá. Foto 2022.

⁷⁴ Depoimento de Anibal Dantas em junho de 1999, na fazenda Pau Ferro (Itapicuru-Ba).

Finalizando a contextualização dos cômodos do 2º andar analisamos a disposição espacial dos dois salões com a escadaria principal e a capela entre os dois. Esse espaço reflete a visão de mundo do barão de Jeremoabo e sua consciência de classe. Como grande proprietário de terras, senhor de engenho, escravocrata e membro da nobreza rural projetou um espaço que refletisse seu status quo. A grandeza e o luxo do salão de banquete e do de recepção “abençoados” por Santo Antônio e os demais santos da capela mostrava a todos simbolicamente quem era o barão. As permanências dessa mentalidade e das práticas concretas de poder são bem reduzidas no Camuciatá nos tempos de hoje, mas encontramos resquícios na forma das relações estabelecidas e no respeito dos moradores do Manco e do próprio povo de Itapicuru em relação aos descendentes do barão. No dia 31 de outubro de 2019 a câmara municipal de Itapicuru transferiu sua sede para o sobrado e fez uma sessão histórica especial para conceder o título de cidadão de Itapicuru a André Monteiro Pinto Dantas de Carvalho, trineto do barão de Jeremoabo. A solenidade aconteceu exatamente no salão de banquetes do Barão de Jeremoabo, onde na mesa de 24 cadeiras se sentaram governadores, senadores, deputados estaduais e federais, prefeitos e vereadores das cidades de Itapicuru e circunvizinhas. Além das autoridades estiveram presentes pessoas do povo da cidade e do povoado do Manco. Todos demonstraram grande respeito e admiração pelo patrimônio histórico e pela família do barão, revivendo dessa forma, guardando as devidas proporções, os eventos sociais que aconteciam no referido recinto e demonstrando que o prestígio do barão continua de alguma maneira vivo no imaginário dos moradores de Itapicuru.

No andar térreo do hall de entrada tem um móvel logo ao lado da porta principal que revela também uma mentalidade senhorial que gera comportamentos que na perspectiva sociológica explicam as relações sociais do século XIX, bem como suas permanências atualmente. É o móvel usado para pendurar chapéus e bengalas, conhecido como chapeleira. Qualquer pessoa que adentrasse o hall do sobrado a primeira coisa que fazia era se dirigir a esse móvel e pendurar seu chapéu. Essa atitude revela um gesto respeitoso e educado perante o ambiente da casa, bem como com a família do proprietário. Aqueles mais humildes como os trabalhadores da fazenda que andavam com o facão pendurado na cintura já deixavam o objeto encostado ao

lado da escada da varanda que dá acesso a porta principal. Nem de longe se aproximavam do hall portando esse instrumento. (DANTAS, Mariana, 1998). Essa preocupação mais uma vez vem revelar uma respeitabilidade típica da sociedade senhorial e patriarcal, que apesar dos laços estarem afrouxados atualmente se faz presente através da relação dos moradores do Manco com os descendentes do barão ou de outras pessoas visitantes de classes econômicas mais elevadas.



Figura 28 - Cabideiro em madeira e espelho com chapéus, bengalas e outros objetos de couro. Foto 2022.

A direita do hall o visitante vai dar na chamada sala da cachaça. Esse espaço é também emblemático em muitos sentidos. Primeiro pelo nome que o define, trazendo a lembrança da bebida que durante 400 anos foi a preferência nacional. Derivada da cana de açúcar, matéria prima do chamado “ouro branco” que foi responsável por enriquecer a metrópole portuguesa durante séculos e foi junto com o gado um dos produtos responsáveis pela riqueza dos senhores de engenho, inclusive de sete gerações da família Dantas. Não podia ser diferente que na casa grande de um engenho de açúcar deixasse de ter um espaço homenageando esse produto agrícola.



Figura 29 - Sala da Cachaça, vendo-se na mesa a caixa de jogos e o garrafão verde onde se colocava cachaça. Foto 2022.

Na sala da cachaça do sobrado do Camuciatá o visitante sempre encontrava um garrafão de vidro cheio de cachaça acompanhado de pequenos cálices de cristal para que a bebida pudesse ser degustada. Nesse ambiente o barão e filhos se sentavam para conversar, fumar charuto e jogar gamão, dourada, bisca ou outros jogos da época. (DANTAS, Antônio, 1998). O que interessa para o Museu Virtual da vila de Itapicuru, fazenda engenho fazenda Camuciatá e povoado do Manco, muito mais do que aspectos particularizados da cultura da época é o que podemos identificar como elementos que estão presentes na cultura dos habitantes do Manco, nos descendentes do barão e nos itapicuruenses atualmente. Por exemplo, o hábito de beber cachaça que vem da colônia continua atraindo apreciadores nas gerações que se sucedem. Apesar da cerveja ter se popularizado e tenha superado o gosto pela cachaça, esse produto continua sendo consumido nos botecos espalhados pela comunidade do Manco e nos caminhos da antiga estrada real e de tropa, mantendo vivo um hábito que vem dos primórdios da produção da cana de açúcar no Brasil.

Do lado esquerdo do hall de entrada, oposto a sala da Cachaça, está o escritório do barão de Jeremoabo. Se encontra exatamente como ele deixou.

Objetos de uso pessoal, material de trabalho, ferramentas para uso na fazenda, utensílios de couro, papel de carta, tinteiro e pena e os livros da biblioteca. Tudo o que se encontra nesse espaço revela a pluralidade cultural da sociedade do nordeste do Brasil e está presente na cultura material e imaterial dos indivíduos que vivem na região no entorno do Camuciatá, em Itapicuru e em cidades do nordeste da Bahia. Os utensílios de couro, por exemplo, são a marca e o registro da importância do gado na construção da sociedade brasileira naqueles rincões. Passados quatro séculos e meio aproximadamente da chegada das primeiras espécies de gado na Bahia a sua importância foi tão grande que ainda hoje encontramos na feira de Itapicuru e de outras cidades o chapéu de couro, o jaleco, perneiras, alforjes, malas, sacolas, bainhas para guardar armas, entre outros itens. Esses elementos fazem parte da cultura material e estão inseridos no cotidiano da população do Manco compondo sua indumentária e se transformando na matéria prima dos principais objetos do uso diário.



Figura 30 - Mesa de trabalho do barão de Jeremoabo no seu escritório. Foto 2022.

Os livros que se encontram na biblioteca do barão são outros elementos que reverberam nos dias de hoje pelas ideias que transmitiram, o estilo de vida que influenciaram e os conceitos e ensinamentos que propagaram. Ajudaram a moldar a mentalidade dos senhores do Camuciatá e influenciar atitudes que

podemos perceber no comportamento dos descendentes e membros do mesmo círculo social atualmente. Katia Carvalho (2018), em seu trabalho sobre as bibliotecas particulares dos senhores de engenho do Recôncavo, no período de 1800-1850, revela as preferências de leitura dessa elite cujas obras vinham da Europa, França e Portugal. O hábito de formar bibliotecas particulares revela o desejo de conhecimento dos senhores de engenho, mas sobretudo nos ajuda a compreender o que pensavam, o que acreditavam, o ideal de mundo, enfim a mentalidade de um determinado grupo social.

Em uma perspectiva histórica, recuperam-se vivências passadas fortalecidas pela reprodutibilidade técnica e, como se fossem hipertextos, presente e passado se unem e produzem sentidos. (CARVALHO, 2018, pp.227-242).



Figura 31 - Estantes de jacarandá com livros da biblioteca do Barão de Jeremoabo. Foto de 2022.

As ideias iluministas do final do século XVIII e primeiras décadas do XIX vão influenciar a elite brasileira, inclusive o barão de Jeremoabo. A busca pela ciência e pela organização do conhecimento está presente na biblioteca do

engenho Camuciatá. Além dos livros que lá estão tubos de ensaio, vasilhames, pipetas, fórmulas medicinais, enfim um desejo de reunir o conhecimento e a tecnologia existente da época para que estivesse a disposição da família proprietária e dos agregados e trabalhadores da fazenda. O acervo de livros da biblioteca comporá o acervo do museu virtual onde o pesquisador poderá através do acesso aos títulos das obras conhecer o que era lido naquela época, mas sobretudo perceber aquilo que ainda se faz presente na mentalidade dos indivíduos atualmente.

Outro ponto a destacar e que reforça a importância de que o espaço da biblioteca do Camuciatá seja registrado no museu virtual é que em todo o estado da Bahia não existe nenhuma biblioteca de um senhor de engenho composta por quase todos os seus livros e organizada exatamente como era na época. Na maior parte dos casos o que se sabe dos espaços das bibliotecas era através dos inventários e testamentos. (CARVALHO, 2018).

Vamos destacar do espaço do escritório do barão e do seu acervo apenas as peças que tiveram uma influência mais forte no modo de ser dos que viveram e frequentaram aquele espaço, mostrando mais uma vez que nada morre, mas que se reproduz e reinventa no tempo e nas pessoas que herdaram a cultura e o contexto de uma época (BAKHTIN, 2013).

O destaque dado ao espaço do escritório e da biblioteca do barão no museu virtual é importante na medida em que o livro remete a memória e é capaz de se tornar o elo entre épocas distintas, sejam longínquas ou mais próximas, e ser instrumento de diálogo entre sujeitos históricos de tempos diferentes. A coleção particular do barão, um fazendeiro e senhor de engenho, nos dar pistas do modo de pensar e conseqüentemente de atuar do indivíduo e sua classe, bem como nos permite identificar aquilo que permanece e que se transforma na mentalidade dos sujeitos da contemporaneidade.

O visitante do museu entrando na sala de refeições do primeiro andar poderá perceber aspectos da sociedade patriarcal e da educação formal da Bahia colonial e imperial. O horário das refeições era diferente dos dias atuais, aconteciam em função das necessidades práticas da vida no campo.⁷⁵ A rigidez

⁷⁵ Os horários das refeições eram estabelecidos de acordo com as necessidades laborais da vida do campo, ou seja, o horário da saída a cavalo para acompanhamento e fiscalização do serviço da lavoura; a contagem do gado; o atendimento ao administrador, empregados e amigos, entre outros. A título de

na educação, onde os filhos de João da Costa Pinto Dantas, netos do barão, só poderiam levantar da mesa depois que ele desse a terceira baforada do charuto e onde também o patriarca não permitia que sentasse número ímpar na mesa e com isso o caçula, que era o nono filho, sempre tinha que ficar de fora, também já afrouxou (DANTAS, Anibal, 2001). Alguns resquícios ficaram dessas atitudes comportamentais, como gestos de respeito como tomar a benção ou dar o lugar aos mais velhos, ainda estão presentes na família do barão e nos moradores do povoado do manco.

A dieta alimentar da fazenda engenho Camuciatá é fruto da herança das três etnias formadoras do povo brasileiro e permanece com o mesmo perfil até os dias atuais. A carne era muito valorizada e sempre estava presente na mesa. (CARVALHO, 2019). Esse gosto vinha da forte presença do gado na região que desde o século XVI já deixava seu rastro nos campos e caminhos do agreste de Itapicuru. O próprio sobrado do Camuciatá tinha um açougue para abastecer os proprietários, moradores e trabalhadores. Esse açougue ficava ao lado da cozinha de fogão a lenha onde se pendurava as carnes frescas que iam ser consumidas de imediato, as que sobravam eram salgadas com sal grosso. A dispensa que tinha ao lado já tinha um espaço reservado para estocar a carne seca que ia ser consumida durante a semana até o domingo seguinte, dia habitual que se abatia os animais para abastecer a propriedade. Não só de carne de boi se alimentavam os moradores da fazenda, a carne de carneiro tinha também forte presença e as carnes de criação, principalmente galinha e peru, que em quase todos os quintais passavam o dia ciscando e cacarejando.

registrar os costumes da época o desjejum ficava na mesa até 8 horas da manhã com café, ovos, aipim, mingau, queijos, requeijão etc.; o almoço era servido às 09 horas; ao meio-dia, mesa posta com merenda (bolos, doces, licores etc.) e às 20 horas, café, chá e sopa, com biscoitos, torradas e bolos. (DANTAS, Anibal, 2001).



Figura 32 - Galos e galinhas ciscando no terreiro de uma casa do povoado do Manco. Foto de 2022

Nesses itens a forma de preparo variava entre a influência indígena e a portuguesa. A carne colocada ao sol para secar e depois esticada em forquilhas de cipó ou candeia, ou as costeletas assadas na brasa no chão é uma herança indígena.



Figura 33 - Carne e costela sendo assadas na brasa no fogo no chão. Foto 2022.

A partir daí as variações já com toque português nos assados de carneiro, guisados de boi, ensopado de galinha e outras iguarias eram apreciados por todos (DANTAS, Carmelita, 2002). Percorrendo as ruelas do Manco e passando nas proximidades das casas vamos sentir o aroma desses pratos sendo preparados no fogão a lenha e a fumaça subindo pelas chaminés pretas de carvão. Permanências que estarão representadas no nosso museu por serem elos de um contexto cultural do passado que permanece no presente.

Dos portugueses ainda temos a doceria que chegou nas embarcações e foi para os conventos, mosteiros e cozinhas dos sobrados e casas grandes dos engenhos (BITTENCOURT, 1992). Nesse quesito o passadio no sobrado do Camuciatá era farto, como de costumes nas casas-grandes senhoriais. Servidos em compoteiras de cristal davam o tom aristocrático e refastelavam os donos da casa e convivas. Esses doces ⁷⁶eram feitos em tachos de cobre e cozinhados em um fogo feito no chão, onde durante horas a doceira Isablenga com uma colher de pau mexia o caldo até chegar ao ponto desejado (CARVALHO, Marlene, 2019). Os doces, de origem portuguesa, mas já abrasileirados com o uso de frutas da terra são feitos hoje por algumas senhoras da comunidade do Manco que fazem para vender e aumentar a renda familiar. ⁷⁷Pela qualidade, tradição e originalidade são apreciados por pessoas que vem de todo o país para conhecer o sobrado do Camuciatá e podem ser usados como produtos típicos da região dentro da proposta do turismo de base comunitária, fortalecendo desse modo os saberes e fazeres da população local.

⁷⁶ Os doces eram os mais variados possíveis, mas os mais comuns eram de leite, banana, goiaba, ambrosia, carocinho, cocada de coco, cumbuquinha, cocada branca, mamão verde, caju, umbu, batata, entre outros.

⁷⁷ Hoje, na comunidade do Manco, existem três senhoras que fazem doces: Adelina e Selma que aprenderam a fazer doces com ex-doceiras da fazenda Pau Ferro e Maria José Bento Batista que aprendeu na fazenda Santana do Camuciatá. As doceiras do sobrado já são falecidas, mas transmitiram seu saber para as gerações mais novas.



Figura 34 - Doceira Adelina fazendo doce de goiaba em tacho de cobre com colher de pau. Foto 2022.

Diante de toda essa riqueza cultural que vem sendo transcrita nesse capítulo e nos anteriores é importante distinguir as categorias sociais que habitavam esses espaços e que estão sendo contextualizadas. A proposta não é a de criar hierarquias entre elas, mas identificá-las através da presença e contribuição dada por cada uma delas, seja de forma isolada ou em conjunto com as demais nas relações sociais que estabeleceram no cotidiano da vida. Tanto os portugueses, representados pelos proprietários do Camuciatá, como os índios da missão da Saúde e os negros presentes no engenho e na senzala deixaram na população que habita a região atualmente traços de sua cultura material e imaterial.

Aqui mais uma vez no quadro no Anexo A “Quadro do Designe do Acervo do Museu Virtual, em foto e vídeo, da vila de Itapicuru, fazenda engenho Camuciatá e povoado do Manco (MVICM)”, inserimos as informações sistematizadas no capítulo sete da página 110 a 128, onde destacamos os elementos do contexto que se tornarão peças do acervo do museu em uma abordagem socioconstrutivista, dialógica e polifônica.

Finalizada a montagem do quadro do acervo do contexto da presença e influência portuguesa em Itapicuru e no Camuciatá retratando como o poder dos colonizadores reverberam nos dias atuais através de aspectos da cultura material do sobrado da fazenda engenho e do comportamento dos seus proprietários, vamos no capítulo seguinte continuar aprofundando o contexto do Camuciatá com o objetivo de possibilitar uma maior imersão na realidade da época e ampliar o diálogo com os sujeitos históricos descendentes das três principais etnias presentes na região estudada e que habitavam o engenho e seu entorno. Vamos focar na cultura material e imaterial que são práxis que representam as permanências e ao mesmo tempo são o reflexo dos encontros e desencontros dos atores sociais no desenrolar do processo histórico vivido e que chega até a contemporaneidade.

8. Entre a fazenda engenho Camuciatá e o povoado do Manco: o cotidiano material fruto da dinâmica das relações sociais do encontro das diferentes etnias e suas práxis de vida.

A cultura material, fruto de uma economia de subsistência, oriunda de uma grande fazenda engenho supria as necessidades básicas dos que ali habitavam, bem como no seu entorno. Como em um feudo medieval, considerando as características do mercantilismo moderno e da agro exportação, o contexto econômico da Bahia colonial e imperial era de uma economia agrária. Nesse sentido a produção era direcionada para a comercialização de produtos que mantinham os negócios da propriedade, bem como para a subsistência dos seus proprietários e trabalhadores que ali habitavam.

Falar em economia de subsistência é falar em estradas, caminhos e rotas que permitissem a circulação de tudo que era produzido e consumido,

cujos roteiros ainda estão presentes nos dias de hoje. Como já sinalizamos nos capítulos anteriores essas estradas no entorno do Camuciatá serão registradas no museu virtual, através de fotos, vídeos e mapas, como caminhos da expansão e povoamento do nordeste da Bahia. Também iremos representar no museu virtual as estradas reais, assim chamadas por serem originárias do Brasil Colônia. Por elas passavam viajantes, cientistas, tropeiros e eram as principais vias de ligação entre as vilas da Bahia colonial. Ao lado norte do Camuciatá, bem em frente à atual Casa Grande passava uma estrada real que seguia até Bom Conselho, atual cidade de Cícero Dantas, Monte Santo e outras cidades do sertão da Bahia.

No percurso dessa estrada aproveitamos para transcrever o registro feito pelos viajantes estrangeiros Spix e Martius (2016) sobre o meio ambiente e a flora da fazenda engenho Camuciatá que retrata a mesma paisagem de quando os primeiros colonizadores chegaram e traz uma realidade cultural que está presente na atualidade. Se refere a presença de umbuzeiros na região e de como os sertanejos aproveitavam o fruto dessa árvore para sua alimentação.

(...) encontramos diversos trechos da caatinga, onde havia abundância de imbuzeiros (Spandias Tuberosa, Arr.), carregados de frutos que lembram as ameixas (Rainha Claudia). Os moradores deram-nos, como refresco, a umbuzada, espécie de sopa agridoce, preparada do suco desta fruta com leite quente e açúcar mascavado. ⁷⁸

No pasto vizinho a entrada do sobrado do Camuciatá temos vários umbuzeiros centenários emoldurando a paisagem da rota da antiga estrada real. Os atuais moradores do Camuciatá e do Manco continuam a fazer a umbuzada nos meses de janeiro, fevereiro e março, época em que o fruto da “árvore sagrada do sertão” ⁷⁹ começa a crescer no meio das folhagens do umbuzeiro. Como nos tempos de Spix e Martius o visitante que passar em alguma casa sertaneja poderá ser obsequiado com uma umbuzada feita na hora.

⁷⁸ SPIX E MARTIUS, P. 238.

⁷⁹ CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. 1953.



Figura 35 - Umbuzeiro centenário no chamado pasto dos umbuzeiros, quase em frente ao pasto da Porta do Sobrado. Foto 2022.

Ainda aproveitando a descrição dos alemães sobre a cultura material da região quando passaram no entorno do Camuciatá trazemos outro elemento descrito por eles que ainda está presente entre os atuais moradores. É o hábito de comer licuri, que os cientistas chamam de “alicuri”.

(...) Os habitantes (...) a preparar da medula dos espigues da palmeira alicuri (Cocos coronata, Mart.) uma espécie de broa, que não é mais rica em princípios nutritivos do que o pão dos normandos, feito de cascas de pinheiro. Os velhos caule são rachados longitudinalmente e, depois de batidas e sacudida as fibras lenhosas, extrai-se o amido entre elas existentes. Esta farinha, naturalmente misturada de muito fragmentos de fibras, em seguida reduzida a bolas e cozidas em água, é comida assim, ou depois de seca ao sol.”⁸⁰

Nas conversas realizadas com os moradores do Camuciatá e do Manco constatamos que o licuri ainda hoje faz parte da dieta alimentar deles. Não só fazem a broa, como comem o fruto que se assemelha a um minúsculo coquinho amarronzado que é retirado de dentro da casca quando o licuri está

⁸⁰ SPIX E MARTIUS. OP. Cit. P. 238.

maduro. Esse produto é vendido na feira de Itapicuru e para atrair os consumidores eles fazem colares e pulseira com os coquinhos da palmeira. É a permanência da secular “simbiose patente entre a catinga e o catingueiro” (BOAVENTURA, 1989) que lhes serve de sombra, de matéria prima para construção e até para alimento,

Cercam-lhe relações antigas. Todas aquelas árvores são para eles velhas companheiras. Conhece-as todas. Nasceram juntos, cresceram irmãmente, cresceram através das mesmas dificuldades, lutando as mesmas agruras, sócios dos mesmos dias remansados. ⁸¹



Figura 36 - Licorizeiro, palmeira nativa do bioma caatinga. Foto 2022.

Voltando aos produtos que eram produzidos na região e comercializados pelas referidas estradas tomamos como referência o manuscrito do século XIX ⁸²que cita os produtos da lavoura cultivados na região, bem como as frutas, principalmente aquelas típicas do semiárido e sertão que estavam espalhadas pelos pastos do Camuciata. Apesar de estarmos em uma região intermediária entre o litoral, o recôncavo e o sertão, a cultura da cana de açúcar estava presente. Era plantada nas áreas próximas aos brejos, onde havia água em

⁸¹ CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. 5ª ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1926. P. 244.

⁸² Manuscrito do século XIX. Biblioteca Nacional, 1886.

abundância. No Camuciatá, o canavial era plantado no fundo do engenho, começando no chamado brejo da cana e seguia em linha reta pelas terras da fazenda chegando até as terras da fazenda Pau Ferro, perfazendo aproximadamente uns três km de largura por quinhentos metros de comprimento de área plantada.⁸³Em direção ao rio Itapicuru a plantação se estendia um pouco já pegando o terreno massapê muito apropriado para o cultivo da cana.



Figura 37 - Canavial plantado no brejo ao lado do curso de água chamado na região de levada ou rego. Foto 2022.

O feijão, o milho e a mandioca eram os três principais elementos da dieta alimentar dos moradores do Camuciatá. Os dois primeiros eram plantados em março, geralmente no dia 19 de março, dia de São José, para aproveitar o começo das chuvas e para que no São João já estivessem prontos. Eram plantados em sistema de meia. Observamos com essa prática as permanências das formas e das relações de trabalho oriundas da Idade Média e que sobreviveram a séculos de existência e vão se fazer presentes em um antigo engenho da Bahia colonial. Retrocedendo um pouco mais observamos que muitas instituições feudais são oriundas de elementos

⁸³ Depoimento de Mário de Ângelo, em junho de 2021.

romanos. Em relação ao “sistema de meia”, o que o caracterizava era a obrigação do servo de entregar parte da produção agrícola ao senhor feudal (LE GOFF, 2017). Da mesma forma o trabalhador rural quando plantava seu milho ou feijão nas terras do engenho tinha que entregar parte da sua produção para o proprietário, em compensação ao uso da terra.



Figura 38 - Trabalhadores limpando uma plantação de milho e feijão. Foto 2022.

Da mandioca se produz um dos principais ingredientes da dieta alimentar, a farinha que era comida com rapadura, misturada com o feijão e com a carne seca. Diante da quantidade de moradores que habitavam nas terras do engenho, existiram aproximadamente 06 casas de farinha ⁸⁴, espalhadas em diferentes pastos da propriedade. A distribuição da farinha produzida entre a família do proprietário e os moradores era intercalada da seguinte forma: ora dividia-se com o proprietário, no sistema de meia, ora a produção ficava integralmente para a família do produtor. Atualmente na comunidade do Manco existe uma casa de farinha na roça do agricultor José

⁸⁴ Eram os seguintes pastos do Camuciata que tiveram casa de farinha: do Umbuzeiro, do Cemitério, de Jovem (ao lado do cajueiro grande), da Lagoa Cumprida, no raso de d. Jesú e no Pastinho. Depoimento de José Santana Batista, junho de 2020.

Claro, que produz para sua família e empresta o local para que outras famílias vizinhas possam utilizar.



Figura 39 - Pé de mandioca de onde se faz a farinha, um dos principais alimentos da cultura do vale do Itapicuru. Foto 2022.

Entremeada com o capim e os arbustos rasteiros cobrem as terras da fazenda engenho plantas comestíveis nativas tanto para o gado e cavalo, como para seres humanos e estão presente na flora local: a língua de vaca, o maxixe, o bambão⁸⁵, o papouco⁸⁶, entre outras. Todas são utilizadas pelos moradores locais para complementar a dieta alimentar. Com a construção do museu virtual no quadro de acervo referente a fazenda engenho Camuciatá o visitante poderá conhecer a vegetação que existiu e ainda faz parte do dia a dia da cultura alimentar da comunidade local, por estar presente em toda a região.

⁸⁵ Frutinha redonda que se come crua.

⁸⁶ Fruta de planta rasteira que enrama no chão. É adocicada.



Figura 40 - Jurubeba, planta típica do agreste e sertão da Bahia. (2022).

As criações da fazenda engenho e das outras propriedades do entorno da vila de Itapicuru e suas comunidades se resumia a gado, cavalos, carneiros, cabras e suínos, além de aves para uso doméstico, como galinhas, guinés, patos e perus. O gado faz parte do contexto da colonização, como um dos grandes responsáveis pela formação dos currais e surgimento das fazendas e vilas do nordeste do Brasil. Os primeiros cavalos, carneiros e suínos foram chegando aos poucos, a medida em que os primeiros colonos foram se consolidando na região. O criatório de aves, principalmente de galinhas, era o principal entre os moradores do Camuciatá. Fossem escravos ou livres, todos tinham em seu terreiro alguns desses animais que ajudavam na alimentação diária com a carne e com os ovos. Trazidas do sudeste da Ásia, do Mediterrâneo e do sul da Europa foram se espalhando nos quintais das fazendas e sítios e com a miscigenação originaram a galinha da colônia/ crioula ou galinha caipira, de terreiro ou capoeira (BOAVENTURA, 1989). Essas três últimas terminologias continuam atuais e são usados pelos moradores da comunidade do Manco e da Serra Velha, sendo que a “caipira” torna viva a

presença indígena na região, já que é de origem tupi e a tradução literal é habitante do mato.⁸⁷



Figura 41 - Galinhas comendo miolo de coco. (2022).

A fauna aquática também era rica, peixes como traíra, caboje, jundiá, cumbá, lampreia, xirá, piau, corró, eiu, eram e são encontrados em abundância no rio Itapicuru e nas inúmeras lagoas espalhadas pelo Camuciatá. Mais uma vez vão estar vivas as seculares técnicas de pesca indígenas que foram transmitidas pelos antepassados dos moradores e continuam presentes na oralidade e usadas para pegar os peixes. No dia a dia fazia parte do cotidiano dos homens e mulheres, nos dias de domingos, ou no final da tarde após voltarem da roça a ida as lagoas e riachos para a pesca. Usavam o anzol, preso em uma linha amarrada em uma vara de bambu, ou outra madeira leve. Também o aiol, feito de uma linha trançada com pontos bem próximos um ao outro e presa em um arco de madeira em circunferência. O munzuá e o Jequi, feitos de cipó de catengue⁸⁸ ou cipó da beira do rio também eram utilizados.

⁸⁷ CASCUDO, op.cit. p. 223.

⁸⁸ O cipó é parecido com umas unhas de catengue (espécie de lagartixa). Depoimento de José Maria Bento Batista em janeiro de 2019.



Figura 42 - Senhoras pescando de aíol na aguada do Camuciatá. Foto 2022.

Aprofundando a contextualização do Camuciatá no tocante a sua cultura material continuamos trazendo o cenário do ambiente geográfico e elementos da natureza que através da intervenção humana se transformaram em cultura material. Na fazenda engenho Camuciatá o rio Itapicuru passa intermitente e nunca secou, mas no seu percurso, desde a sua nascente em Jacobina até a foz na cidade do Conde, principalmente nos municípios do Sertão da Bahia onde os períodos de estiagem são maiores, tem trechos que ele seca totalmente. Um fenômeno que afetava os moradores da fazenda engenho são suas cheias, que apesar de não serem constantes, quando chegavam mudavam a rotina e até a economia de subsistência. Elas acontecem quando chove na cabeceira do rio, geralmente no período das trovoadas de dezembro e janeiro. Hart (1941) descreve as consequências de uma grande cheia:

“Este rio, que em seu estado ordinário é vadeável, e mesmo a pé, torna-se com as enchentes caudaloso, arrancando e arrastando árvores extraordinárias, derribando casas, talando os campos, e deixando após as suas inundações a fome e a miséria”.

No cotidiano dos moradores do Camuciatá essas enchentes tinham um impacto na sua rotina e inclusive na economia doméstica. Esse último aspecto reverbera até os dias atuais. A enchente do rio tomava a maior parte das terras produtivas da propriedade, inclusive destruindo a lavoura do feijão e matando capim das pastagens. Isso gerava certo desequilíbrio na cadeia alimentar e nos produtos utilizados para a subsistência. Em contrapartida os moradores se beneficiavam com os peixes deixados nas enormes lagoas da propriedade.



Figura 43 - Rio Itapicuru visto do pasto do Camuciatá. Foto 2022.

A paisagem se transformava e a profecia de Antônio Conselheiro se concretizava, era como se as terras do sertão virassem mar devido a abundância da quantidade de águas que se espalhava pela propriedade. O gado e outros animais tinham que ser retirados dos pastos e jogados para o raso que ficava nos terrenos mais altos da propriedade. Alguns moradores tinham que se mudar com receio de terem suas casinhas invadidas pelas águas. O cordelista José da Cruz faz alguns registros de uma grande enchente que aconteceu em dezembro de 1989. Transcrevo alguns trechos referentes a passagem do rio por várias localidades, desde sua nascente na cidade de Jacobina até passar pelas terras do Camuciatá:

Vamos tratar da enchente, trazendo as águas que mina, as chuvas estragaram muito, mas é Deus que determina a mão do onipotente, vamos saber da enchente, que desceu de Jacobina.

De Jacobina para a praia, tem bastante corrombó, não procuro companheiro que eu gosto de andar só, fazendo minhas belezas, quero pegar de surpresa a cidade de Cipó.

Eu vou sair de Cipó um dia madrugadinha (...), mas eu vou pegar o Pumbo, o Mosquete e a Varzinha. Quando eu sair da Varginha sai com cara para “riba”, andando de passo curto para não cair na biriba, para ver se posso chegar no Camuciatá para visitar seu Aniba.⁸⁹

Ali eu pude encontrar a casa dum coronel, quando ele abriu as portas me disse já sei quem é(...)

No pasto não achei nada, dessa vez perdi a fé, de raiva vou derrubando tudo que achar em pé, antes de dar meio-dia me encontro com Messia, vaqueiro de seu Migué.

Não achando o que fazer vou sair com toda calma, passei por dona Jizu, travessei por seu Djalma, vou procurar minhas tocas, passei por dona Geloca.

Disseram que a roça grande pertence a dr. Artur, eu trago lembrança para ele que um povo mandou do Sul, para eu entrar pela cozinha para ver se ele ainda tinha um cortiço de Uruçu.⁹⁰

No ano dessa enchente a Sociedade Anônima Camuciatá já tinha acabado e a propriedade já tinha sido dividida em 09 lotes pelos netos do Barão. Nos seus versos o cordelista cita seis proprietários desses lotes e o vaqueiro de um deles, por onde o rio ia passando e deixando suas marcas. A enchente do rio sempre fez parte do cotidiano dos moradores e está na memória coletiva dos mais velhos e mais jovens, que hoje moram na comunidade do Manco e dos antigos proprietários da fazenda. O rio fará parte do acervo do museu pela sua importância para a região.

Seguimos contextualizando o cotidiano da fazenda engenho Camuciatá e a cultura material produzida a partir das práxis concretas e da dinâmica das relações sociais do encontro das diferentes etnias. O manuscrito já citado nos leva a conhecer dados da indústria da região em 1886 e de uma conjuntura econômica que mostra uma realidade que vem do século XVIII e que

⁸⁹ Anibal da Costa Pinto Dantas era o neto caçula do Barão de Jeremoabo e foi quem assumiu a administração da fazenda a partir de 1940, após a morte de seu pai, João da Costa Pinto Dantas.

⁹⁰ CRUZ, José da. *A enchente do rio Itapicuru*. Itapicuru, 1989. (Literatura de cordel).

permanece praticamente inalterada até os dias atuais. A fabricação de açúcar, raspaduras, aguardente, farinha de mandioca, produtos da olaria, como telhas, tijolos e pisos faziam parte da cultura material dos moradores do Camuciatá desde os setecentos e reverberam no cotidiano dos moradores da comunidade do Manco atualmente.

A partir desses produtos reconstituímos suas respectivas unidades de produção que serão registradas como peças do acervo do museu, pois representam o trabalho cotidiano, os saberes e fazeres dos moradores que perpetuaram essas práticas e algumas estão vivas até os dias de hoje. Começamos com a fabricação do açúcar. Apesar da região agreste da Bahia não ser tão propícia como o Recôncavo para o desenvolvimento desse produto os grandes proprietários de terra cultivaram a cana e se tornaram senhores de engenho. Desde a compra do Camuciatá em 1754, Baltazar dos Reis Porto montou engenho de moer cana (DANTAS JR, 1967). Além do lucro que podia ter essa atividade impulsionava outras, como: o fumo para o escambo de negro, pecuária para o provimento de tração e alimento, olaria produtoras de telhas e de formas, lenha para fornalha e madeira para construções. O censo de 1857 relacionou em um livro de matrículas diversos engenhos e fazendas do interior da Bahia, no qual se encontra o Camuciatá e outros da região. ⁹¹

O conjunto arquitetônico do engenho de açúcar e sua estrutura não existe mais em torno do sobrado do Camuciatá. Para reconstituir este ambiente e validar um contexto de quase trezentos anos recorreremos aos depoimentos de José Santana (88), José Maria Romano Bento (78) e Alvito Dantas (89). ⁹²Os três reunidos foram, através das lembranças, montando uma espécie de maquete, confirmada também por fotografias do acervo do barão de Jeremoabo: no entorno do sobrado, a casa de baixo, as casinhas e senzalas, a olaria, a venda, o curral dos bois, a fábrica de fazer requeijão e manteiga, a caixaria, o cobocó com a roda de água, o engenho, o curral das vacas. Dessas construções citadas só resta o sobrado e uma única casinha, das mais de vinte que existiam. Algumas fotografias e imagens tiradas de livros que tratam de engenhos de açúcar e fazendas de gado (BOAVENTURA, 1989; PINHO,

⁹¹ Livro de matrícula de engenhos. Arquivo Público do Estado da Bahia, 1857.

⁹² Os dois primeiros moraram no Camuciatá e são descendentes de índios e negros. O último é bisneto do barão de Jeremoabo.

1982), nos ajudou também a reconstituir o ambiente da época, facilitando a escolha das peças do acervo que irão compor o museu. Ressaltamos que tudo que está sendo registrado teve que passar pelo crivo e validação da memória dos antigos moradores e proprietários que lá viveram, que são coautores desse contexto.



Figura 44 - Casa dos trabalhadores do Camuciatá. Vizinha ao muro do jardim a chamada “Casa de Baixo” onde os vaqueiros do sertão ficavam hospedados. Foto 1985.



Figura 45 - Antiga senzala do Camuciatá e depois casas dos trabalhadores. Foto 1985.



Figura 46 - Alicerce do engenho de açúcar com as bicentenárias pedras do piso da Casa de Purgar, da Casa das Caldeiras, fornalhas e dos galpões. Foto 2022.



Figura 47 - Saída do Cobocó, antigo canal de pedra e tijolo que escoava água do engenho de roda de água do Pasto da Porta até o Brejo da Cana. Foto 2022.

Na região do entorno da cidade de Itapicuru o Camuciatá foi o último engenho a ficar de fogo morto. A partir daí as engenhocas se tornaram as únicas unidades de fabrico dos produtos oriundos da cana de açúcar. Nas

terras do Camuciatá se estabeleceram duas: uma no pasto do Outeiro, no fundo do antigo engenho, que será registrada no museu, e outra no pasto dos Umbuzeiros, um pouco mais distante, mas também dentro da propriedade.⁹³ Nessas pequenas unidades produtoras se fabricava a rapadura e o mel. A produção era dividida no sistema de meia, onde os produtos eram divididos entre o trabalhador e o dono do meio de produção. Resquícios das obrigações medievais na era capitalista.



Figura 48 - Rapadura feita no engenho e depois nas engenhocas que foram surgindo no Camuciatá, Manco e outras fazendas. Foto 2022.

Continuando a descrever o cenário geográfico e ambiental da fazenda engenho que fará parte de um dos ambientes (coleções) do museu virtual temos uma infinidade de lagoas que estão espalhadas nas terras do Camuciatá e que tinham uma função muito importante para os proprietários e moradores, pois suas águas eram utilizadas para as atividades domésticas, irrigação de plantações, para o gado, cavalos e ovelhas matar a sede, além de fornecer peixes para ajudar na alimentação diária, realidade presente nos dias atuais.

Apesar de situado no agreste as terras do Camuciatá e a vila de Itapicuru era cercado de nascentes e fontes naturais. O próprio nome

⁹³ No entorno do Camuciatá registramos a existência de algumas engenhocas, como a de Antipas Dantas de Almeida (Dantinhas) e a de Lusiquinho, no Juá. No Manco tinha a de João Borges, mas conhecido como Joãozinho Borges.

“Camuciatá”⁹⁴, de origem Tupi, significava “muitos potes”, traduzindo a quantidade de água em abundância que tinha naquela localidade (SAMPAIO, 1955). Quando a família de Garcia d’Avila chegou à região já encontrou essa denominação. Ela foi dada em função do enorme riacho que nasce na localidade da Nasçença, onde seu minante surge de uma pequena serra chamada de Pedra d’água, depois da comunidade do Manco. Esse riacho se origina da junção de várias fontes naturais que brotam no meio da pastagem e formam o filete de água que vai se avolumando e atravessa o Manco, descendo o pequeno declive até chegar as terras do Camuciatá atravessando-o de ponta a ponta até se juntar com o riacho da Água Preta na altura do pasto do Brejão e desagua no rio Itapicuru já no final da propriedade. Devido a essa abundância de água os índios apelidaram essa faixa de terra com essa denominação que para eles era como se tivesse cheia de potes que transbordavam de água. Esse riacho será representado no Museu Virtual como sendo um dos principais responsáveis pela riqueza natural da região e como fonte de sobrevivência dos que habitavam no seu entorno.



Figura 49 - Levada conduzindo às águas do riacho Camuciatá e irrigando os pastos de toda a fazenda. Foto 2022.

⁹⁴ Teodoro Sampaio em *o Tupi na Geografia Nacional* propõe a seguinte etimologia: “corr. Camucyetá, os potes, os cântaros. Lemos Barbosa refere: “Camussi – pote, vaso, bem assim etá = muitos. *O vocabulário na língua brasileira*, assinala “pote qualquer – Camuci, e – “muito ou muitas em número – Cetâ. O mais antigo registro da língua Tupi cita as duas expressões, que se juntaram e formaram o nome composto Camuciatá. Portanto Camuciatá é originário dos dois vocábulos que se juntaram, sendo que até é uma corruptela de etá.

Apesar da bacia do Itapicuru ser considerada por Milton Santos um oásis⁹⁵ a coloração da paisagem do entorno e até a flora vai variar de acordo com a proximidade da margem do rio e o regime pluviométrico. Na beira do rio temos árvores de porte médio a grande, com copas largas e folhagem densa, algumas produzem frutos comestíveis por animais e por seres humanos, como a Quixabeira. Afastando-se uns dois quilômetros da margem do rio a vegetação já começa a mudar, tanto em tamanho, como em coloração, como as próprias espécies são outras. Passamos a visualizar plantas do agreste e sertão como, mandacaru, jurema, unha de gato, arbustos pequenos com poucas folhas e algumas até com muitos espinhos. No aspecto ambiental o contexto descrito nesse parágrafo será registrado no museu virtual buscando registrar uma paisagem descrita por muitos geógrafos, viajante e escritores que percorreram o agreste e o sertão nos séculos XVIII e XIX e que continua atual.



Figura 50 - Quixabeira, árvore da Beira do Rio da fazenda engenho Camuciatá. Foto 2022.

⁹⁵ TRICART, J. SANTOS, M. (1958), p. 113.



Figura 51 - Mandacaru no meio da vegetação típica do sertão. Foto 2022.



Figura 52 - Juazeiro cuja sombra serve para o descanso do gado. Foto 2022.



Figura 53 - Barriguda, planta típica do agreste e sertão da Bahia. Foto 2022.

Como fonte documental, o já muitas vezes referido manuscrito de 1886 se torna um dos mais completos registros sobre Itapicuru do século XIX pela sua riqueza de detalhes e nos fornece um panorama amplo da região em toda sua diversidade. Aliado a memória oral dos membros da família Dantas e dos moradores do povoado do Manco se torna um importante instrumento para registramos o ecossistema da fazenda engenho e seu entorno que será um dos ambientes do museu. Outro elemento importante da fauna e que está associado a práticas culturais existentes e que continuam presente atualmente é presença dos variados tipos de abelhas a saber: Uruçu, Mandaçaia, Tubi, Arapuá, Enxu, ⁹⁶Europa, Africana. Elas produzem mel e os moradores do Camuciatá usavam como fonte alimentar. Fazia parte do cotidiano dos homens matar as abelhas para recolher o mel fabricado nas colmeias. Na labuta do trabalho na roça estavam sempre atentos para ver algum enxame de abelhas que geralmente se instalava embaixo de um juazeiro frondoso ou de outra árvore de maior porte. Identificado algum agrupamento de abelhas continuavam o trabalho e no começo da noite retornavam para capturar a colmeia. Aproveitando a escuridão se aproximavam silenciosamente do local e tocavam fogo no enxame da forma mais rápida possível. Depois que o fogo

⁹⁶ *Dicionário dos animais do Brasil*, de Rodolpho Von Ihering, 1968.

queimava a maior parte delas, se aproximavam e pegavam a colmeia onde extraíam o mel. Esse método é utilizado ainda hoje pelos moradores do Manco.

97

Alguns moradores utilizavam as cortiças que eram uma espécie de barris abertos por orifícios de um lado e do outro e pendurados nas peças do telhado do alpendre das casas. Colocavam abelhas nesse local e ali elas ficavam e produziam o mel. O vaqueiro Manezinho tinha muitas delas penduradas na varanda de sua casa ao fundo do sobrado e Bisuga, ex-morador do Camuciatá, atualmente residente no Manco, continua a coletar o mel das duas formas acima citadas.⁹⁸



Figura 54 - João Ângelo de Souza (Bisuga), produtor rural do povoado do Manco, com placa do favo de mel tirada do cortiço e o que foi coletado já na garrafa. Foto 2022.

Para além da alimentação existia uma estrutura econômica que necessitava de apoio de uma mão de obra especializada de onde vinham ofícios como os mestres e pedreiros das olarias, os carpinteiros que faziam os carros de bois, fabricavam e consertavam móveis, davam manutenção ao engenho, as enghocas, aos currais da fazenda. Muitos ofícios surgiram e foram se aperfeiçoando a partir da prática desses atores sociais e seus saberes e fazeres continuam vivos e presentes na comunidade do Manco onde os moradores continuam reproduzindo essa cultura e se reinventando para sobreviverem. As habilidades para ofícios manuais foram passando de geração

⁹⁷ Depoimento de Bizuga, 72 anos, ex-morador do Camuciatá e atualmente morando no Manco. Em janeiro de 2019.

⁹⁸ Depoimento de Alvito Dantas, janeiro de 2020.

em geração e algumas delas foram trazidas pelos escravos angolanos que o capitão-mor João d'Antas dos Imperiais Itapicuru trouxe no século XVIII para o Camuciatá. e no entorno de Itapicuru. (SENA, 1989). Pesquisando as profissões dos atuais moradores, descendentes do Camuciatá, vamos encontrar o pedreiro nas pessoas de José Claro, mais conhecido pela alcunha de Zé Grilo e de Nivaldo Bento. Ambos quase octogenários aprenderam o ofício dos seus antepassados e continuam reparando casas, fazendo casas de farinha e outras pequenas construções. Personagens que reproduzem o cotidiano dos seus pais e avós que ainda viveram no Camuciatá nos tempos do império e por isso farão parte do acervo que comporá o museu, pois através deles a cultura material da região permanece viva.



Figura 55 - José Claro da Gama, conhecido como Zé Grilo, sentado na porta da casa de farinha no povoado do Manco construída por ele. Foto 2023.

Também no Museu virtual iremos registrar a presença das casas de taipa que representam a típica morada dos escravos que habitaram a fazenda engenho. A técnica de construção ainda é utilizada por alguns habitantes. Além das riquezas da região como minerais, pedra de construção e de cal, destacamos o barro como um elemento que se fez presente no cotidiano da fazenda engenho e entorno e que se tornou parte da cultura material dos moradores da região. O barro utilizado nas olarias fazia telha e tijolo que era

usado nas construções mais sólidas da própria fazenda. Além desse barro que era vermelho tinha também um acinzentado que se chamava “Adobo”. Era tirado de um barreiro que se situava no começo do Pasto da Porta assim chamado por nele está localizado a Casa Grande do engenho. Esse material era utilizado para construção de casas por grande parte dos moradores da fazenda por ser mais simples e mais acessível a todos.



Figura 56 - Casa rural construída com adobo, espécie de tijolo feito com barro escuro existente no Camuciatá desde o tempo do Império. Foto 2022.



Figura 57 - Telha de barro fabricada na olaria da fazenda engenho Camuciatá. Foto 2022

Voltando as “Casas de Taipa” elas se tornaram um tipo de construção muito comum nas terras da propriedade e depois na comunidade do Manco e da Serra Velha. Por serem típicas da cultura local farão parte do acervo do museu virtual e serão registradas. Haja visto serem feitas com uma técnica muito peculiar e ainda fazerem parte dos saberes da comunidade local achamos interessante descrever de forma resumida o processo de construção cujo produto será visualizado no próprio Museu Virtual:

Armavam-se os esteios de Braúna para fazer a planta da casa. Depois para preencher os espaços e fazer a parede se fazia o enchimento com o pau do Outeiro. Para sustentar a armação amarrava-se com cipó que íamos buscar na beira do rio Itapicuru. Depois íamos preparar o barro, molhando o barro e os homens machucavam com o pé (em um ritmo cadenciado),⁹⁹ até dá à liga. Pronto o barro ficava duas pessoas por fora da casa e duas por dentro. Os que estavam fora jogavam o barro de sopapo na parede feita de pau de Outeiro e os que estavam dentro iam ajeitando a massa de modo que fosse ficando lisa e uniforme. Arrodeada a casa toda, passava-se para o piso que também era feito na hora com o mesmo barro, jogando a massa no chão e aterrando com o batedor de cepa. As casas mais pobres eram cobertas com palhas de pindoba, de licori, que também era usada para fazer as portas. Quando tudo terminava, lá pelas tantas da madrugada se fazia um samba de pandeiro e tamborim. O pessoal comia tira gosto de galinha assada e passarinho e outros tipos de criação e os homens bebiam cachaça.¹⁰⁰

⁹⁹ Grifo do autor.

¹⁰⁰ Depoimento de José Santana Batista e José Maria Bento Romano Bento, em janeiro de 2019.



Figura 58 - Cômodo de uma casa de taipa no povoado do Manco. Foto 2022.

A construção das casas de taipa de forma coletiva nos remete a forma de cooperação mútua de trabalho realizada pelos índios e depois pelos sertanejos para amenizar os poucos recursos econômicos que possuíam. A reunião de várias pessoas da comunidade para realização de um trabalho, seja construção de uma casa ou até a produção de farinha se chama mutirão. Em Itapicuru, temos ainda outros nomes que identificam essa prática como, adjutório ou batalhão. Essa forma de divisão de trabalho espontânea é ainda usual na contemporaneidade, revelando um aspecto de uma economia solidária que vem da época dos índios, passa pelo regime da escravidão e chega viva até os dias atuais, como exemplo e modelo de resistência e luta pela sobrevivência.



Figura 59 - Ex-moradores do Camuciatá reunidos para trabalhar em mutirão na Casa de Farinha no povoado do Manco. Foto 2022.

Compondo ainda o cenário da fazenda engenho temos as casas de farinha e as olarias que já foram citadas como presenças certas nesse tipo de propriedade e retratam a cultura material que reverbera nas práticas de sobrevivência dos moradores do Manco na atualidade. A produção da farinha de mandioca é passada e ensinada de geração em geração como produto básico da subsistência.



Figura 60 - Casa de farinha típica que existiu na fazenda engenho Camuciatá e atualmente presente no povoado do Manco. Foto 2022. Esse pertence ao produtor João Batista de Jesus Souza.

O cotidiano dos moradores da fazenda engenho revela as práticas, os costumes, os saberes e fazeres desses sujeitos históricos. A descrição do ambiente interno das casas dos moradores é um dos principais ambientes que retratam esse cotidiano. Ninguém melhor que ex-moradores do Camuciatá para fazer a reconstituição desses espaços e trazer à tona outros elementos da cultura material ¹⁰¹provenientes das senzalas, alguns trazidos pela memória e outros ainda de uso comum no cotidiano dos moradores do Manco. Enriquecendo o contexto e os quadros de acervo com a memória e com a vivência José Maria Romano Bento (78) e José Santana (88) pontuam que em quase todos os alpendres das casas dos moradores tinha um banco comprido

¹⁰¹ Cultura material é usado aqui como definição da materialidade das produções humanas em relação a objetos, artefatos, utensílios, entre outros, fazendo aqui o contraponto com cultura imaterial para definir toda a produção humana que diz respeito a religiosidade, a música, representações artísticas, entre outras manifestações intangíveis.

de uma peça única de madeira ¹⁰²com os pés encaixados através de furos feitos na tábua em cada ponta.



Figura 61 - Banco de madeira cumprido, de peça única, com 04 pés de sustentação muito usado nos alpendres das casas do Camuciatá e do Manco. Foto 2022.

Nesses mesmos alpendres, ou na sala dos fundos que davam para o quintal, as senhoras após a jornada de trabalho ou nos dias de domingos ficavam fazendo redes. Uma herança indígena que continua presente no trabalho de algumas descendentes das referidas senhoras que hoje moram na comunidade do Manco. As mais típicas são as redes de Imbé, uma palha encontrada na vegetação nativa e daí se faz a cordinha que fabrica a rede. A outra matéria prima é o Caroá, de onde se tira o fio e se produz a rede. Como mais um exemplo da mistura interétnica e a natural junção das culturas a rede de caroá estava presente tanto nos luxuosos quartos da casa grande e nas suas espaçosas varandas, bem como nos pequenos cubículos das senzalas e varandas de terra batida. Também no sobrado, no chamado quarto de Romana ¹⁰³eram armadas redes para pessoas de menos idade dormirem. Em cada casa do povoado do manco o lugar do descanso é a rede de Imbé ou caroá.

¹⁰² O banco era feito de madeira encontrada na região como, Jatobá, Itapicuru, Cajueiro, entre outras. Teremos fotos de algumas dessas árvores no museu para que o visitante conheça essas espécies.

¹⁰³ Romana Batista foi ama de leite de Artur da Costa Pinto Dantas e depois tomou conta dele enquanto criança. Quando ficou com a idade avançada ele passou a dormir em um dos quartos térreos do Sobrado e esse aposento ficou conhecido como “quarto de Romana”.

Também João e Anibal, netos do barão, só se deitavam nas varandas de suas fazendas Mamão e Pau Ferro, ¹⁰⁴respectivamente, em redes de Caroá, bem como Marlene, bisneta do barão, até hoje usa a rede que foi do seu pai Anibal, na fazenda Santana do Camuciata. Esse costume que veio dos índios está presente na contemporaneidade, tanto entre os descendentes dos portugueses, como dos africanos.



Rede de Crauá ao lado de um toco de madeira utilizado para assento. Foto 2022.



Figura 62 - Artesã Marizete Santos Batista tecendo uma rede de crauá. Ao fundo o tear manual. Foto 2022.

¹⁰⁴ Depoimento de Maria Mercedes Tourinho Dantas Guerra, em março de 2020.

Saindo dos terreiros e dos alpendres das casas do entorno do sobrado adentramos o interior de uma casa de um morador do Camuciatá a partir da descrição feita por José Santana (88), antigo morador, complementando o contexto e trazendo mais peças para o quadro do acervo do museu virtual a ser construído. Resumo aqui o ambiente interno de uma dessas casinhas que me foi descrita pelo referido morador: no canto da sala principal tinha um pequeno altar feito de tijolo e cal com os santos de devoção colocados soltos ou dentro de um pequeno nicho de madeira. No quarto, não havia armários. Era um vão com uma certa profundidade na parede onde se pendurava as poucas roupas em varas feitas com madeira local ou em uma cordinha. Os que tinham mais recursos compravam uma mala de couro e madeira para arrumar as roupas. As camas eram feitas de forma artesanal. Armava-se uma estrutura retangular com quatro forquilhas e em cima se estendia um girau de madeira de candeia trançada onde se colocava o colchão em cima. O colchão era de palha de bananeira ou de capins nativos chamados de Burro ou Babá de Bode. Seguindo a descrição da casinha de um morador, José Mária Romano Bento (78), confirma que o fogão a lenha e os potes de barro eram utensílios que não faltavam nas cozinhas. Encaixados em uma peça de madeira furada em dois lugares ficavam ao lado do fogão um pote para beber água e outro para lavar os “trens”. Chamamos a atenção para o linguajar usado por um descendente de escravo que no seu vocabulário se utiliza de palavras do português arcaico que permanece ainda hoje em zonas rurais do Brasil. “Trens” significam qualquer tipo de utensílios usados no cotidiano de uma família. Essa realidade revela dois aspectos importantes: a permanência de um vocábulo que vem do Portugal medieval e a apropriação e o uso de palavras por pessoas oriundas de etnias diferentes.



Figura 63 - Oratório de madeira, também chamado de nicho, presente em quase todas as casas dos moradores do engenho Camuciatá. Foto 2022.



Figura 64 - Fogão a lenha muito comum nas casas dos moradores do Camuciatá e no povoado do Manco. Foto 2022.

Seguindo no contexto da descrição do interior de uma antiga casa de morador no entorno do Sobrado do Camuciatá, os potes de água eram fechados com um pano amarrado na boca. Os “trens” ou utensílios da cozinha eram colocados em cima de uma pequena mesa de madeira ou pendurados na parede por uma cordinha de palha de li Couri. Geralmente as paredes de barro ao lado do fogão de lenha eram pretas por conta da fumaça e o cheiro da fumaça misturado com o alimento dava o toque do aroma do ambiente. As panelas eram de barro. As mais fundas para cozinhar feijão e arroz e as mais

largas para cozinhar carne. Não faltava também a colher de pau ¹⁰⁵para mexer o feijão ou fazer doce. O bule e pratos eram também de barro e ninguém tinha pia. Tudo era lavado nos aribés, espécie de bacia de barro onde se lavava carne, peixe e os pratos. Existiam dois aribés, uma para lavar a comida e o outro para lavar a louça para não ficar com o gosto da comida. Às vezes se tinha uma minúscula dispensa para guardar mantimentos e farinha, feijão, carne seca e rapadura. Pendurado na parede cestos para carregar qualquer tipo de objeto.¹⁰⁶ Era a cultura indígena se fazendo presente no caçua, feito de cipó; o balaio, também de cipó; o bocapiu, feito de pindoba; a pequena mochila de Aió, feita de caroá, para levar a comida para a roça e não faltava a velha cabaça,¹⁰⁷ espécie de garrafa de cortiça, larga na base e afunilada na extremidade, que era usada para levar água para roça ou em viagens a pé ou cavalo mais longas. Era o cantil do sertanejo. No canto do chão da dispensa era comum também um feixe de lenha de candeia cortada no raso e trazida na cabeça ou nos caçuás pendurados no burro pelos moradores.



Figura 65 - Pote de barro utilizado para armazenar água de beber. Continua presente em quase todas as casas do Camuciatá e do povoado do Manco. Foto 2022.

¹⁰⁵ A madeira da colher de pau era o Trapiá ou a Mutamba.

¹⁰⁶ Descrição feita pelo morador Mário Ângelo de Souza, 72, em depoimento no dia 21 de junho de 2022.

¹⁰⁷ O museu na sua “Coleção Cultura Material irá” mostrar a imagem da cabaça e como era preparada para o uso: enche-a de água e deixa por cinco dias imersa até ficar bem higienizada. Em seguida se coloca mais água por várias vezes até tirar o gosto amargo próprio dela. Em seguida está pronta para usar e beber a água. (Depoimento de Isabel Batista. Junho de 2020).



Figura 66 - Tigela e pratos de barro. Foto 2022.



Figura 67 - Mochila de Aió para transportar mantimentos. Foto 2022.

Ao mesmo tempo em que vamos complementando o contexto com a participação dos membros da comunidade do povoado do Manco, ex-moradores do Camuciatá, membros da família Dantas e itapicuruenses já

começamos a criar, nesse subcapítulo, de forma mais sistemática o roteiro do museu a ser construído a partir do texto escrito e das peças a serem elencadas nos quadros de acervo. A partir daqui nosso texto adota um estilo mais dissertativo descritivo e ganha mais movimento com a inserção de pequenos trechos dos diálogos estabelecidos com os coautores do contexto do museu com o objetivo de ir delineando cenários, selecionando objetos, falas e manifestações culturais, mas sem perder o foco nas análises feitas de acordo com as participações dos nossos interlocutores, sujeitos da história pública (ALBIERI, 2011). Dando prosseguimento a nossa proposta, após descrevermos o alpendre da frente da casa e o seu interior, através da memória dos seus ex-moradores, passemos para a saída da residência, geralmente pela porta do fundo da cozinha onde o visitante do museu virtual poderá através do registro postado conhecer o instrumento de torrar café quando se deparar com o velho pilão de torrar café. Ao lado dele a descrição da senhora Dobe explicando como se dá o processo de fabricação:

“torra o café no caco, espécie de aribé de barro, em cima de um pequeno fogo a lenha feito no chão. Quando ele dá o ponto retira-se, se coloca no pilão e se pisa até virar pó. Depois peneirava e se colocava nas latas”¹⁰⁸



Figura 68 - Pilão de madeira para torrar café. Foto 2022.

¹⁰⁸ Depoimento da senhora Dobe, em junho de 1995.

A fala dos ex-moradores foi fundamental para a descrição do interior dos cômodos das “casinhas” do Camuciatá e o conhecimento da cultura material dos descendentes dos escravos que continua presente no povoado do Manco. Ao finalizar a visita a esta edificação chega-se à conclusão que é uma típica casa brasileira, onde visualizamos elementos da cultura material do português, do índio e do negro. Nela encontramos características da senzala, das ocas indígenas e da casa grande do senhor de engenho. Cada uma contribui de alguma forma com um elemento e retrata o cotidiano da maioria da população sertaneja presente atualmente na comunidade do Manco, senão na totalidade de todos os seus aspectos, mas em muitos deles.

Os saberes, fazeres e costumes na fazenda engenho Camuciatá eram fruto da mistura da cultura do português, do negro e do índio e essas práticas continuam vivas até hoje apesar de algumas em menores proporções. Serão objetos do acervo do museu virtual a ser construído pois tem um significado importante por fazerem parte do cotidiano dos homens e mulheres que moram atualmente na região. O registro de homens e mulheres indo trabalhar na roça levando como recipiente para carregar água de beber uma cabaça¹⁰⁹ tampada com capuco de milho¹¹⁰ ao invés de uma garrafa térmica plástica retrata de uma prática que é oriunda dos povos indígenas que habitaram na região e que permanece viva séculos depois, tendo ainda utilidade atualmente.

¹⁰⁹ “A cabaça foi uma das primeiras plantas cultivadas no mundo, não apenas para uso na alimentação, mas para ser utilizada como um recipiente de água. A cabaça pode ter sido levada da África para a Ásia, Europa e Américas no curso da [migração humana](#), ou por sementes que flutuaram através dos oceanos dentro da cabaça. Provou-se que estava no [Novo Mundo](#) antes da chegada de [Cristóvão Colombo](#) ao mesmo, em 1492” <https://pt.wikipedia.org/wiki/Caba%C3%A7a>, em 25/07/2019.

¹¹⁰ Capuco de milho é a espiga de milho depois de tirados os grãos. Também chamado de sabugo de milho.



Figura 69 - Trabalhadores da roça assando carne embaixo de um juazeiro. Ao lado cabaça com água. Foto 2022.

As formas de sobrevivência dos atuais moradores do Manco são semelhantes a práticas exercidas a trezentos anos atrás. Os instrumentos utilizados para a pesca nas lagoas do Camuciatá, bem como no rio Itapicuru são usados até hoje e as técnicas são passadas de geração em geração. Passear pelas lagoas do Camuciatá e do rio Itapicuru é ter a possibilidade de ver mulheres e homens com aiós, munzuás, jequis e três maios, todos instrumentos de utilização indígena que foram absorvidos pelos descendentes da miscigenação dos Tupinambás e dos Kiriris com portugueses e negros.



Figura 70 - Aiós de pescaria feito de cordão amarrados em arco de madeira pendurados na cerca ao lado da lagoa. Foto 2022.

Outra realidade da cultura material a ser modelada é a permanência dos quintais que também é uma herança portuguesa. Tanto na Casa Grande, como nas chamadas casinhas, por menor que fossem todas tinham um cercado de madeira, muitas vezes de madeira de Candeia colocadas enfileiradas uma junta a outra de modo que formava uma espécie de muro que protegia e delimitava o espaço. Dentro desses quintais eram plantadas árvores frutíferas, ervas com propriedades medicinais, como Erva Cidreira, Capim Santo, entre outros. Alguns faziam pequenas leiras¹¹¹ para plantar verduras, como tomate, alface, cebolinha e se o terreno fosse mais molhado até aipim e batata. Também os quintais eram o lugar para as criações miúdas, onde encontrávamos galinhas, perus, guinés, patos, entre outros. O tamanho do quintal variava de acordo com a posse das famílias. Na vila de Itapicuru, quase todas as casas tinham também os seus quintais. Aqueles mais remediados o tinham cercado por um muro de tijolo de adobe e geralmente tinham o formato retangular. Permanecem presentes nas casas dos moradores do Manco e nas casas mais antigas de Itapicuru os quintais como sinais de sobrevivência de uma cultura portuguesa que se tornou brasileira na Colônia e Império até chegar aos dias atuais.



Figura 71 - Galinhas de Angola, também conhecidas como Guiné. Vindas na época do tráfico de escravos são uma das aves de criação encontradas nos quintais do Camuciata e do povoado do Manco. Foto 2022.

¹¹¹ Elevação de terra entre dois sulcos para plantar sementes e cultivar leguminosas, verduras etc.

Como podemos observar na pesquisa do contexto que estamos desenvolvendo temos muitos elementos da cultura material que podem ser inseridos nos quadros de acervo que estão sendo construídos após o final de cada capítulo e agrupados no anexo para serem registrados como peças do museu virtual. Selecionamos os mais expressivos e principalmente aqueles que continuam fazendo parte do cotidiano dos moradores atuais de Itapicuru e seu entorno. Continuando a trazer exemplos dessas permanências registramos a cozinha de fogão a lenha que estava presente em quase todas as casas do Camuciatá e depois no povoado do Manco. Nela, geralmente uma senhora octogenária sentava-se em frente a um tacho de cobre em cima de uma trempe de pedras com uma enorme colher de pau fazendo doces com receitas centenárias. Nesse momento a tradição portuguesa é que dá o toque e adocica o cotidiano da senzala e da casa grande. São doces de leite, banana, goiaba, caju, umbu, ambrosia, entre outros que eram servidos nas compoteiras de cristal do sobrado do Camuciatá, bem como em folhas de bananeira ou cacos simples usados para tirar a raspa que ficava no fundo do tacho. Caminhando pelas ruas de barro do manco podemos sentir o aroma desses doces misturado ao cheiro da fumaça do fogo no chão queimando a candeia, como prova da continuidade dessa cultura na localidade. A velha Isabelenga, contava que tinha cuidado de fechar a porta do quintal murado do sobrado por conta do mal olhado, porque caso acontecesse corria-se o risco de o doce desandar ou não render.¹¹²

Muitas vezes a fabricação desses doces entravam pela noite. Para além do clarão do fogo da lenha embaixo do tacho a doceira tinha ao lado um “Fifó” para ajudar na iluminação da cozinha, lembrou o sr. José Castigo, já falecido. Era uma espécie de candieiro fabricado artesanalmente. Pretendemos inserir uma caixa de texto no museu virtual para explicar ao visitante como era feito esse artefato.¹¹³ Ainda hoje circulando a noite pelas casas do Manco, mesmo com luz elétrica, encontramos moradores usando o velho “Fifó”.

¹¹² Isabel, cujo apelido era Isabelenga, descendente de africanos, cozinhava e fazia doces para o sobrado do Camuciatá. Morreu com quase 100 anos na fazenda Pau Ferro.

¹¹³ Com flandres se faziam pequenas latas mais ou menos da altura de meio copo de 300 ml. Fazia-se um bico de onde se inseria um pavio de algodão que ia até o fundo da lata. Em seguida enchia o recipiente de gás e acendia o pavio. As senhoras mais idosas do Manco ainda sabem fazer o fifó e ensinam a técnica as mais jovens dizendo que nos tempos de juventude delas a moça só estava pronta para casar se soubesse fazer um pavio de algodão. D. Isabel relata o passo a passo: “Colhia o algodão no pé.



Figura 72 - Fifós usados para iluminar as casas dos moradores do Camuciatá e povoado do Manco. (2022).

A vida simples e baseada em uma economia de subsistência da comunidade do Manco no século XXI sempre foi uma realidade da população desde o tempo em que ainda viviam no Camuciatá. Sobreviviam pelo pagamento dos serviços prestados em jornadas diárias e semanais e do pouco que conseguiam plantar e colher. A principal fonte de renda deles era a Casa Grande e essa realidade se traduzia nos vários ofícios existentes e que estavam a serviço dela. O das lavadeiras merece registro porque continuam presentes no cotidiano das moradoras da comunidade. Vamos registrar no museu virtual três jovens lavando roupa no riacho do Camuciatá que atravessa o pasto da “Porta”. Elas são descendentes de antigas moradoras da fazenda e das lavadeiras que lavavam roupa para o sobrado e para suas famílias. No curso do riacho ainda existe uma frondosa mangueira que faz sombra as águas que vinham do pasto do “Oiteiro” para o referido pasto da “Porta”. Essas jovens lavadeiras fazem memória de duas senhoras: uma chamada Margarida, cujo apelido era Gaida e a outra Isabelenga rememorando uma tradição e ao

Descaroçava o algodão, abria ele, estirava e depois ia enrolando e torcendo. Faz duas pernas. Quando tiver as duas pernas, está pronto para usar. Uma é usada para acender e ficar na ponta do pavio e a outra para ficar no fundo da lata de flandres, dentro do gás para alimentar o fogo”. Quando não tinha gás colocava-se água em um copo e depois azeite de mamona, que não mistura com a água e em seguida se acendia o pavio”. Depoimento de Isabel Bento (74 anos).

mesmo tempo práticas de sobrevivência que vem da Bahia colonial. A senhora Gaida e Isabelenga ficaram na memória, mas certamente não eram as únicas. Muitas outras mulheres saiam da casa grande ou das casinhas com as bacias cheias de roupas em cima da cabeça acomodadas em uma rodilha feita de pano enrolada na cabeça.¹¹⁴ A quantidade de roupa levada era enorme o que certamente representava um grande peso, mas o passo cadenciado e firme das lavadeiras conseguia equilibrar a carga até chegar o riacho. Chegavam cedo, por volta das 06:00 da manhã para voltar antes do meio-dia com a roupa lavada, batida,¹¹⁵ e enxaguada. Percorrendo as margens do riacho Camuciatá que atravessa o Manco podemos nos deparar com algumas senhoras descendentes das lavadeiras do Camuciatá lavando roupa e usando a mesma técnica de lavagem. Em pleno século XXI as lavadeiras elétricas ainda não chegaram em muitas das residências na comunidade do Manco.



Figura 73 - Mulheres lavando roupa no riacho do Camuciatá e batendo a roupa na pedra para secar. Ao fundo da segunda mulher se vê as galhas da centenária mangueira da velha Gaida que lavava roupa para o sobrado. Foto 2022.

¹¹⁴ Depoimento de Alvito Dantas em janeiro de 2021.

¹¹⁵ Segundo a Senhora Dobe, em depoimento tomado em junho de 1990, bater a roupa era uma técnica usada pelas lavadeiras fruto da sabedoria popular. Antes de ensaboar a roupa se estendia e sacudia ela aberta no veio da água do riacho para tirar a poeira e o grosso da sujeira.

Seguindo o estudo da contextualização do cotidiano material em Itapicuru, na fazenda engenho Camuciatá e povoado do Manco, a partir da dinâmica das relações sociais do encontro das diferentes etnias que se deu na região trazemos agora os meios de transporte utilizados pelos moradores do Camuciatá. Além da canoa para a travessia, quando o rio não estava tão cheio utilizava-se o carro de boi, que puxado por bois fortes davam a segurança da travessia. A partir desse meio de transporte e instrumento de trabalho podemos começar a ressaltar a forte ligação afetiva e de dependência do homem para com o boi que começou com a chegada das primeiras cabeças trazidas por Tomé de Souza (BOAVENTURA, 1989) e até hoje está presente nas propriedades de Itapicuru, sejam elas grandes ou pequenas. O meio de transporte acima citado sobreviveu durante quase três séculos e continua presente no cotidiano dos moradores antigos do Camuciatá.

Continuemos a aprofundar o contexto da presença do carro de boi na região porque foi um instrumento que teve várias funções dentro das necessidades da sociedade da época e ainda é utilizado. Ele foi essencial para o funcionamento dos principais meios de produção da Bahia colonial: os engenhos e engenhocas, portanto, além de meio de transporte foi um dos principais equipamentos de trabalho que fazia parte da engrenagem da produção do açúcar e muito útil na rotina do trabalho de uma fazenda (SOUZA, 1958). Com funções limitadas ao trabalho agrícola ele continua presente na região de Itapicuru. Nesse sentido é importante que seja inserido no quadro de acervo para ser registrado no museu virtual ilustrando um contexto secular que se faz presente na vida das comunidades local.



Figura 74 - Carro de boi na estrada do povoado do Manco. Foto 2022.

Aprofundemos nosso olhar para a relação entre o homem e o boi que é própria da cultura sertaneja dentro do secular ciclo do gado que estamos analisando. A simbiose era tanta que os animais eram nomeados como se fossem pessoas. Fazia parte da cultura da fazenda e do homem do sertão. Escolher o nome de um boi era essencial para facilitar a doma e o manejo dele no carro de boi, mas também, era como se fosse uma forma de reconhecimento pelos serviços prestados. Isso está presente na cantoria popular e nos aboios dos vaqueiros que relacionavam e chamavam os nomes de seus bois na lida solitária nos pastos ou então em volta de uma fogueira nas noites enluaradas do vale do Itapicuru (SOUZA, 1958). Ainda hoje esse traço cultural está presente na voz dos atuais moradores que nos seus momentos de folga contam históricas de tal ou qual boi, ou cantam seus parceiros de trabalho em seus versos e quadrinhas.



Figura 75 - Jovem aboiador e repentista com chapéu de couro, jaleco e facão com bainha de couro. Foto 2022.

Pela sua importância, na economia e na vida social dos habitantes da região, o carro de boi é peça fundamental do acervo do museu virtual a ser construído já que é um elemento do cotidiano dos sujeitos históricos que ali viveram, ainda está presente na vida deles e reverbera na memória dos moradores da comunidade do Manco e dos atuais proprietários da fazenda.



Figura 76 - Parelha de bois castanhos atrelados com cangas para puxar o carro de bois. Foto 2022.

O imaginário popular é o reflexo de como ainda hoje a presença do carro de boi é forte nas comunidades cujos moradores descendem do Camuciatá. Seja nos aboios, nas rimas, nos versos e trovas estão presentes a cultura do carro de boi. Rifões como, *o carro só canta carregado, andam carro diante dos bois*,¹¹⁶ entre outros, demonstram a influência que esse meio de transporte deixou na população dessas localidades. O carro de bois reverbera não só em tudo que simboliza culturalmente para a comunidade do Manco, mas continua se fazendo presente como um forte instrumento de luta pela vida, na utilidade que continua a ter no trabalho diário do homem sertanejo.

Trazer o carro de boi à tona é dar a devida importância a esse meio de transporte que facilitou e ajudou na construção das primeiras vilas do Brasil colonial, bem como na fundação dos engenhos e fazendas nas mais longínquas paragens. Como já dissemos todo o material da casa grande do Camuciatá foi transportado na mesa do carro de boi, bem como de muitas outras construções fossem elas senhoriais ou dos escravos. A cana, do canavial para o engenho, a semente de capim para ser semeada, a lenha para a fornalha e para o uso doméstico na cozinha, a madeira, palhas ou telhas para a construção das casas de taipa, tudo era transportado pelo velho carro de bois. Avançando no tempo o velho carro continua a transportar móveis, utensílios pessoais, sacos de farinha, de milho e feijão dos moradores da

¹¹⁶ Depoimento de Antônio da Costa Pinto Dantas em junho de 1995.

comunidade do Manco já com a presença reduzida, mas se fazendo presente com seu ritmo vagaroso, mas sempre constante, desafiando as mudanças temporais e continuando a ser útil a comunidade local contemporânea. Até o advento do caminhão, durante quatro séculos esse meio de transporte reinou absoluto como o mais útil, generalizado, seguro e adaptado veículo as condições naturais do Brasil rural.



Figura 77 - Carro de bois ao lado do engenho de açúcar depois do transporte das canas do canavial. Foto arquivo do Barão de Jeremoabo.

Apesar da drástica diminuição do seu uso por conta da evolução da tecnologia que aos poucos foi trazendo a modernidade para os meios de transporte no Brasil se mantém vivo e presente nos caminhos das boiadas, das tropas, dos carros de bois e das estradas reais que são a base para o traçado das modernas rodovias de asfalto que cortam a vila de Itapicuru e as estradas vicinais que passam em frente à fazenda Camuciatá ligando as demais cidades do sertão. Sua presença se restringe cada vez mais, apesar de na área interna das pequenas e médias propriedades ele continua a ser o instrumento de trabalho mais desejado pelo seu próprio custo, como também pela facilidade de penetrar em terrenos onde só um meio de transporte muito caro seria possível,

o que fica inviável na realidade econômica da maior parte dos proprietários rurais da região de Itapicuru e adjacências.

Peça fundamental do nosso Museu Virtual, o carro de bois presente no Camuciatá desde os séculos XVIII continua a entoar o seu canto nas estradas da comunidade do Manco, carregado de farinha, mandioca, milho, feijão, lenha e capim, mas sobretudo carregando práticas culturais do passado para o presente, fazendo parte, desse modo, do patrimônio material e imaterial da região estudada. ¹¹⁷

Falar no ciclo do gado e no carro de boi é falar no carreiro, sujeito histórico da máxima importância para o funcionamento da vida de um engenho de açúcar e de uma fazenda de gado. O Camuciatá por ser uma grande fazenda tinha nove carros de bois. Cada um dele tinha um carreiro e um chamador. O carreiro tinha a função de conduzir o carro e o chamador, que geralmente era um menino, era um auxiliar do carreiro que no momento de fazer uma manobra ia para frente dos bois para indicar o caminho. ¹¹⁸ Cada carreiro tinha sua junta de boi formada por seis peças e eram responsáveis por elas.

Hoje há poucos fazendeiros com seus próprios carros de bois. Na atualidade estão presentes na comunidade alguns carreiros que são donos dos seus próprios carros e alugam ou fazem viagens pagas para sobreviver. São os pequenos roceiros carregando lenha, gêneros alimentícios ou alguma carga mais pesada. Resquícios da divisão de trabalho de outrora.

¹¹⁷ Em média um carro de bois carregado percorria 24 a 30 quilômetros em 24 horas.

¹¹⁸ Através da memória oral conseguimos recuperar o nome de 08 dos carreiros do Camuciatá, todos já falecidos. São eles: Eusébio, Rozendo, Mercê, Manezinho, João Moura, Paulino, Jones, Cirilo Moura e Virgílio.



Figura 78 - Carreiro conduzindo o carro de boi nas estradas de povoados vizinhos a fazenda engenho Camuciatá. Foto 2022.

Mesmo ainda presente atualmente na comunidade do Manco e em outros povoados de Itapicuru o ofício de carreiro é exercido em menor proporção. Sua presença, que será registrada no museu virtual, retrata uma cultura milenar que sobrevive no entorno do Camuciatá.

Apesar da fazenda engenho Camuciatá ter sido uma referência no nordeste da Bahia em termos de dimensões ¹¹⁹ e de produção econômica¹²⁰, tirando o engenho a vapor que foi instalado na década de 1920 como um grande avanço tecnológico para a propriedade e para a região, não houve um investimento na propriedade em termos de maquinário agrícola que acompanhasse o começo da industrialização no sudeste do Brasil no final do século XIX. Até a década de 1960 o único meio de arar a terra era o milenar arado oriundo das primeiras civilizações da humanidade, que surgiu por volta de 6.500 a.c, tendo sido considerado um dos marcos da revolução agrícola e foi o principal instrumento, por mais de dois séculos, usado na preparação da terra no Camuciatá. Esse instrumento agrícola usado pela primeira vez com a

¹¹⁹ O Camuciatá, que era uma das 61 fazendas do Barão de Jeremoabo, tinha aproximadamente 25.000 tarefas de terra.

¹²⁰ Na área de Itapicuru o engenho Camuciatá foi um dos pioneiros e mais produtivos do nordeste da Bahia a partir de meados do século XVIII sobrevivendo até meados do século XX. Está registrado no livro de matrículas dos engenhos da Bahia que se encontra no Arquivo Público do Estado da Bahia.

tração animal pelos Sumérios continua vivo e útil na comunidade do Manco em pleno século XXI (ANDERSON, 1982). A partir dos meses de março até junho é comum vermos jovens conduzindo os cavalos ou bois na trilha formada na terra com a passagem do arado. Mais uma peça a ser inserida no quadro de acervo para fazer parte do museu virtual, como responsável pela sobrevivência material dos moradores locais. Lado a lado, o carro de bois e o arado faziam parte da paisagem e da cultura material dos fazendeiros e trabalhadores do entorno da cidade de Itapicuru, chegando até os dias atuais como indícios de culturas milenares que atravessaram o Atlântico, se fixaram em novas paragens e atravessam os séculos sem perspectiva de findar. O trator só chegou no Camuciatá na década de 1970 e pelo alto custo do seu maquinário se tornou inacessível para os pequenos produtores rurais e roceiros do entorno.



Figura 79 - Trabalhadores rurais arando a terra puxado por um burro. Foto 2022.

Trabalhando com o contexto do ciclo do boi não podemos deixar de destacar as diversas peças de couro que estão presentes nos diferentes ambientes da região e que sempre foram utilizados nas mais diversas funções pelos habitantes do entorno de Itapicuru. Serão inseridas nos quadros de acervo para serem registradas no museu virtual. Vários atores sociais como os

carreiros, vaqueiros e até roceiros as utilizaram e fazia parte da cultura material do seu dia a dia. Estudar os trajes e instrumentos de trabalho dos carreiros e vaqueiros é buscar entender peças e objetos que ainda podem ser vistos se circulamos pelas roças dos moradores da comunidade local do Manco e pelas ruas de Itapicuru revelando uma permanência na moda e costumes.

As peças de couro são um elemento cultural fruto do meio e da presença forte do boi na região. Na cabeça o chapéu de couro, nos pés alpercatas ou botas para proteger das pedras e espinhos na hora da descida do carro ou do cavalo e para proteger o peito um jaleco de couro curtido. Dessa forma se trajava o carreiro e o vaqueiro e com esse figurino encontramos muitos sertanejos em suas andanças na comunidade do Manco.



Figura 80 - Chapéu de couro. Foto 2022.

O jaleco ou gibão de couro, elemento fundamental da civilização do couro, tem semelhança com as armaduras medievais feitas de ferro que tinham a função de proteger das lanças dos guerreiros. Mudaram apenas os objetos de risco. A proteção se faz necessária agora para os espinhos e garranchos das catingas do agreste e do sertão, bem como dos animais peçonhentos e do impacto do chifre de algum boi mais afoito.



Figura 81 - Bornal de couro. Foto 2022.

O ritmo da vida cotidiana se mantém quase o mesmo em muitos aspectos na quase tricentenária fazenda Camuciatá e na comunidade do Manco apesar de 268 anos terem se passado da fundação do engenho. A Bahia colonial e imperial era essencialmente rural. A maior parte da sua população morava no campo e a sobrevivência material era tirada dos produtos da terra. Para bem realizá-los a população seguia o ritmo da natureza para melhor aproveitar o clima e o tempo. Nesse sentido o horário do sol, as fases da lua e as estações do ano eram referências fundamentais que ditavam o labor diário desses homens e mulheres. Durante aproximadamente um milênio o homem europeu ocidental, na idade média, pautou seu cotidiano de acordo com o ritmo da natureza. Essa prática cultural só foi mudando com o advento da idade moderna e a necessidade de se adequar a um tempo mais relacionado ao ritmo do comércio e da vida nas cidades que iam surgindo. Dentro do contexto da relação metrópole e colônia não houve um acompanhamento das transformações do modo de produção que começaram a se modificar no velho continente e o que observamos é a semelhança, na colônia, de estilos de vida que vinham do medievo.¹²¹ Apesar de não podermos

¹²¹FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: nascimento do ocidente*. 2ª ed. rev. e ampliada. São Paulo: Brasiliense, 2001.

dizer que houve um “feudalismo” no Brasil, muito da cultura material e imaterial do período medieval vai se implantar na colônia, império e chegar até a velha República. É revelador constatar que o ritmo de vida dos moradores do Manco e do Camuciatá em pleno século XXI guardam resquícios do mundo medieval europeu que foram transportados para a Bahia colonial. Basta um olhar mais atento antropologicamente falando e uma conversa com os mais antigos para se detectar elementos que sobrevivem aos séculos e as distâncias e devem ser inseridos no quadro de acervo e registrados nas suas práticas no museu virtual.

O tempo de plantar e o tempo de colher é passado de geração em geração. Geralmente está associado ao ciclo de datas da igreja católica. 19 de março, dia de São José, era a época de plantar feijão e milho. O milho para ficar pronto para o São João e o feijão também por essa época. Se planta em março porque os ensinamentos transmitidos pelos mais velhos e a própria vivência mostra que as chuvas chegam com mais intensidade a partir da segunda quinzena de abril, época em que o broto do feijão e do milho já precisam de água para se desenvolver. Muitas vezes já se planta o capim junto com essas leguminosas, na esperança de que as chuvas sejam boas e ele se desenvolva também, porque depois de colhido os cereais o pasto já era aproveitado para o gado. No caso de se optar por plantar o capim sozinho geralmente o plantio só acontecia no final de abril, em maio e até junho, onde o clima ia se tornando cada vez mais ameno com a proximidade do inverno. Do meado de março até julho as famílias dos trabalhadores rurais tinham trabalho para todos os seus membros. De crianças a idosos todos participavam da lida diária. O ritmo do tempo era marcado pelo horário do sol. Seja para monda do pasto, plantar as sementes ou a limpa do feijão se saía de casa logo aos primeiros raios do sol. Se trabalhava até às 11:00, ocasião em que se procurava uma árvore frondosa para almoçar e descansar. Às 14:00 h se retornava e se trabalhava até às 16:00/ 16:30, horário que o sol começava a baixar e com isso se tinha a preocupação de chegar em casa antes do escurecer, principalmente nas noites que não eram de lua cheia.



Figura 82 - Roça de milho e feijão. Foto 2022.



Figura 83 - Trabalhadores na roça embaixo de um Juazeiro assando carne seca para almoço. Foto 2022.

Pode-se elencar muitos exemplos dos meios de subsistência que fazem parte da economia doméstica dos atuais moradores e que são fruto de uma sobrevivência de práticas e costumes de uma cultura material que continua viva em plena era do capitalismo financeiro e da revolução cibernética. Por exemplo, o saber o tempo certo de se plantar a mandioca associado ao saber do ritmo da natureza. Quando o internauta visualizar uma plantação de mandioca no museu virtual saberá que ela foi plantada no mês de setembro assim que a primavera começa e as chuvas do inverno diminuem, pois dessa forma não corre o risco delas se “embebedarem”¹²² com a quantidade de água em excesso que caem no período.



Figura 84 - Pé de mandioca plantada na roça. Foto 2022.

A plantação, a colheita, a quantidade ou carência de trabalho, o horário de sair ou chegar em casa, tudo depende do ritmo da natureza. As trovoadas de dezembro deixam todos durante dias praticamente ociosos por conta da quantidade de água e o respeito que os raios e os trovões impõem a comunidade, resquícios também de uma mentalidade medieval e colonial que

¹²² Na linguagem do homem sertanejo “embebedar” significa ficar encharcada. Depoimento de Celso Santana, em novembro de 2019.

consideravam as manifestações da natureza como algo quase que divino. Nesse aspecto, além da influência do catolicismo temos também marcas da religiosidade indígena presentes onde os elementos da natureza eram considerados forças sobrenaturais, portanto o respeito a natureza que o homem sertanejo tem deve muito a cultura dos seus ancestrais índios.

O ritmo do trabalho diário descrito acima continua pautando a existência e sobrevivência dos trabalhadores rurais do manco e do Camuciatá, onde o relógio não tem uma função prática, mas os elementos da natureza é que orientam e influenciam o cotidiano humano. Na paisagem a ser registrada no museu virtual os aspectos geográficos e naturais deverão ser bem delineados pois eles formarão os ambientes onde estarão inseridos os personagens históricos de ontem e de hoje que pautam as suas existências a partir do meio em que vivem.



Figura 85 - Paisagem do Camuciatá com nuvens carregadas determinando o ritmo de vida dos moradores da localidade a quase 300 anos. Foto 2022.

Em relação aos afazeres cotidianos das mulheres encontramos uma ruptura principalmente das práticas relacionadas a rigidez da educação da época, no entanto, principalmente as mulheres descendentes das senzalas mantem viva a tradição do trabalho manual e artesanal. Não vemos mais no Camuciatá mulheres fazendo crochê, bordados ou tapeçarias, no entanto se

formos visitar as casas de algumas senhoras moradoras do Manco poderemos vê-las, como já registramos anteriormente, fazendo redes, esteiras, aiol e rendas. Nessas práticas encontramos a mistura de costumes indígenas e portugueses que se mesclam moldando os saberes e fazeres das mulheres, personagens históricas, que serão representadas no museu virtual a ser construído.



Figura 86 - Artesã Marizete Santos Batista, do povoado do Manco, fazendo rede em tear manual. Foto 2022.

Nos quadros no Anexo A “Quadros do Designe do Acervo do Museu Virtual, em foto e vídeo, da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciatá e Povoado do Manco (MVICM)” estão as informações sistematizadas no presente capítulo. É desse texto que vem da página 129 até a 181 que selecionei o que acho mais importante de elementos para os quadros. Esses elementos se tornarão acervo do museu servindo como elo e de diálogo entre o visitante, a comunidade e os sujeitos históricos contextualizados e registrados em uma perspectiva socioconstrutivista.

Finalizado a seleção das peças de acervo que comporão o quadro que traz os elementos do capítulo 08 que reúne o contexto da fazenda engenho Camuciatá integrada na paisagem do agreste de Itapicuru levando em conta a pluralidade cultural fruto da dinâmica das relações sociais priorizando o contexto da cultura material, vamos no próximo subcapítulo continuar a construção do contexto considerando essa mesma diversidade focando desta vez nos elementos da cultura imaterial que no final do texto serão destacado para compor mais um quadro que trará os elementos de acervo que ajudarão a formar o museu virtual em uma perspectiva socioconstrutivista, levando em conta o dialogismo de Bakhtin.

8.1 Cultura imaterial e diversidade: o contexto do sobrado fazendo as interconexões entre tempos, sujeitos e espaços diferentes.

Estabelecendo do diálogo entre a cultura material com a imaterial as festas de zabumba que aconteciam desde o século XIX na fazenda engenho Camuciatá continuam sendo realizadas no povoado do Manco, portanto a mistura do som das flautas, com o batuque da caixa e do tambor ressoam por mais de dois séculos e o ritmo cadenciado do bumbo vai fazer parte do acervo sonoro do museu virtual. Personagens como Manoel Lão, Floro, José Castigo e Manelão antigos tocadores da zabumba que já faleceram estão vivos através dos seus netos e bisnetos Cacá, Tinho, Joilson e Zé Alvino que em algumas festas da comunidade do Manco e da Serra Velha continuam mantendo a tradição tocando os instrumentos. Todos esses sujeitos históricos são descendentes de índios com negros e fazendo parte dos quadros de acervo levarão para o museu virtual o ritmo da senzala, misturado com a cadência compassada das ocas indígenas.



Figura 87 - Zabumbeiros tocando na varanda da fazenda Santana do Camuciatá. Foto 2022.

Tradições seculares e até milenares vindas da península Ibérica que chegaram a vários recantos do Brasil, também chegaram ao Camuciatá e de lá

se espalharam com a saída dos seus moradores para os povoados do entorno. A festa de São João tem seu marco simbólico com a prática de se acender a fogueira na véspera do São João, no dia 23 de junho. Essa festividade tem origem europeia e está inserida no contexto da milenar tradição pagã de comemorar o solstício de verão. Gradativamente, após a invasão dos povos bárbaros no território do então império romano essa tradição vai se cristianizando durante todo o período medieval e o ritual de acender a fogueira passa a ser definitivamente vinculado a festa de São João Batista (GOFF, 2011). Em Portugal ela se fortalece unindo-se as tradições dos outros santos juninos e fica conhecida como “festas dos santos populares”.¹²³ Chega ao Brasil trazida pelos colonizadores e se enraíza pelo interior adentro chegando nos rincões mais longínquos das terras além-mar.

Na véspera do São João se via uma grande fogueira acesa na porta do Sobrado e aproximadamente mais 25 outras fogueiras em frente a cada casinha. O chamado “pasto da porta” ficava iluminado pelas faíscas incandescentes das labaredas do fogo que balançava de acordo com a direção do vento. Essa prática reverbera nos tempos atuais pois cada morador do Manco acende em sua porta uma pequena fogueira de São João fazendo reviver uma tradição e celebração milenar que vem do medievo, atravessou o atlântico e chegou aos séculos XX e XXI fazendo parte do cotidiano dos antigos moradores do Camuciatá. Em cada fogueirinha acesa na porta de um morador do Manco, estar presente a celebração do Deus romano Summanus¹²⁴ que já não é mais lembrado na memória, mas cuja presença está naqueles que repetem as mesmas práticas milenares que foram trazidas da Roma antiga e transmitidas de geração em geração até serem transformadas em ritos católicos.

¹²³ Santo Antônio no dia 13 de junho, São João no dia 24 de junho e São Pedro no dia 29 de junho.

¹²⁴ Sumano (em [latim](#): *Summānus*), na [religião romana antiga](#), era o deus do [trovão](#) noturno. A cada 20 de junho, um dia antes do [solstício de verão](#), bolos redondos chamados de sumanália, feitos de [farinha](#), [leite](#) e [mel](#) e em forma de rodas,¹ eram oferecidos ao deus como um símbolo de propiciação: a roda pode ser um símbolo solar. Consultado em 24 de maio de 2021. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sumano#:~:text=Sumano%20>



Figura 88 - Fogueira típica de São João que era acesa na frente do Sobrado e das senzalas e atualmente nas casas do povoado do Manco. Foto 2022.

As comemorações do São João na fazenda Camuciatá nos ajuda a perceber a integração dos grupos sociais existentes na fazenda engenho, bem como conhecer as diferenças socioeconômicas de acordo com a ocupação de trabalho e suas respectivas hierarquizações e a importância que cada segmento tinha a partir da ótica dos proprietários. A família do barão todos os anos organizava uma novena para festejar o santo precursor ao nascimento de Cristo. Para cada noite eram escolhidos os mordomos da festa, que eram agrupados de acordo com as funções que ocupavam no engenho de açúcar e nos trabalhos da fazenda. Eram, portanto, nove grupos que davam nomes as nove noites da novena. A hierarquização se dava de forma progressiva, como se fosse uma pirâmide social, da primeira noite para a nona noite de acordo

com a importância na escala de trabalho e a representação social que esses grupos tinham na estrutura do funcionamento da fazenda engenho.¹²⁵

As cinco primeiras noites eram dedicadas aos trabalhadores da roça. Eram exatamente os que tinham a remuneração mais baixa, tinham o trabalho mais pesado e conseqüentemente um prestígio menor na escala de valores da sociedade da época. Nesse rol se incluem: os trabalhadores da roça propriamente dito, como os roceiros, mondeiros, cerqueiros; os cortadores de cana; os que trabalhavam nas olarias ou fazendo farinha, os que fabricavam açúcar, mel, rapadura e cachaça, os plantadores de arroz, entre outros. A partir da sexta noite vamos observar a referida progressão social. Essa noite era ocupada pelos carreiros. Trabalhadores que tinha grande importância, tanto para a produção, pois eram responsáveis pelo transporte da matéria prima do açúcar para a fábrica, bem como dos produtos que seriam comercializados nas feiras das cidades do entorno. Além disso eles conduziam a família do proprietário nos passeios, nas idas para as missas e festas religiosas e nas viagens até a estação de trem.

A sétima noite era dedicada aos vaqueiros, aqueles que eram responsáveis em tomar conta do boi, animal que colaborou com a colonização e povoamento do nordeste da Bahia e do Brasil. A carne bovina fazia parte da dieta alimentar e era um dos produtos que davam mais lucro aos grandes fazendeiros. Daí a importância e valor que se dava aos vaqueiros pois terminavam sendo uma espécie de administradores dos enormes latifúndios substituindo a figura dos procuradores da Casa da Torre de Garcia d'Avila que no começo da colonização e época da compra do Camuciata ainda atuavam.

Na oitava noite os empregados da casa, que além de cuidarem do conforto da família dos proprietários e das suas necessidades mais básicas, como a higiene da casa grande e alimentação, terminavam criando laços de amizade e desenvolvendo sentimento de afeto na medida em que davam de mamar aos filhos das senhoras que não tinha leite, passando a serem chamadas de amas de leite; cuidavam dos filhos dos senhores, fazendo o papel das atuais babás; faziam companhia para as senhoras nos dias monótonos da casa grande, e seus filhos terminavam se tornando companheiro

¹²⁵ Análise elaborada a partir da lista feita por João da Costa Pinto Dantas (filho do barão de Jeremoabo) organizando a novena de São João. (AHFEC)

de brincadeiras, piculas e outras estripulias, dos filhos dos senhores, no quintal e terreiro ao entorno das varandas da casa grande.

Finalmente a nona noite dedicada a família do Barão e outras convidadas. O registro desse contexto social das três primeiras décadas do século XX é importante na medida em que ele continua presente na comunidade do Manco. Os vínculos de dependência e solidariedade se afrouxaram, mas as ocupações continuam as mesmas e sua escala de importância continua com os mesmos parâmetros de valores. Continuamos a ter trabalhadores da roça, carreiros, vaqueiros, babás, cozinheiras, lavadeiras e outros ofícios, cujos alguns sujeitos históricos que precederam os atuais estamos inserindo no quadro de acervo do Museu Virtual, de acordo com o contexto social pesquisado, como um registro histórico porque suas vozes, a luta pela sobrevivência e sua cultura continuam ecoando nos seus descendentes espalhados pelo Manco.

Novena de São João no Camuciá

MORDOMOS

TRABALHADORES DA ROÇA

PRIMEIRA NOITE

Daniel, Concordio, João Lourenço, Luiz Mania, Alcides, Crispiniano, Joaquim Grande, Floro, Antônio Moura, José Isabel, José Bolo.

SEGUNDA NOITE

Victório, Ceciliano, Francisco Bento, Lourenço, José Batista, João Epifanio, Georgino, Grigório, Astéria, Maria Isidoria, Joséfa Moura, Maria Asteria.

TERCEIRA NOITE

João de Mié, João Rosa, Candido, Febronio, Dionizio, José Joaquim, José Anselmo, Rosa e filhas, André e família, Rozenda, Argemiro e irmãos, Rufino, Ângelo, Antonio Justino, Antônio de José Rozendo, João Branco, Martiliano.

QUARTA NOITE

Serafim, José Lão, José Epifanio, Arnaldo, João Moura, Olegário, Chiquinha, Isabel, Maria Grande, Maria Pequena, José Rozendo, Maria Epifanio e filhos, Miguel.

QUINTA NOITE

José Gaudêncio, Clarinda, Maria Simão, José Mariquinhas, Artur Mariquinhas, José Rufino, Ana de Rozendo, João Teodoro, Degas, Claudemiro, Maria de José Cândido, Chica Bite, José dos Santos, João de Souza, Francisco de Martinho, José Simão.

SEXTA NOITE – NOITE DOS CARREIROS

Rozendo e menino, Marcelino e menino, Eusébio e menino, Pedro e menino, Paulino e menino, Jonas e menino, José Victório e menino, Dão Moura, Ramiro e menino, Desinho e menino.

SÉTIMA NOITE – NOITE DOS VAQUEIROS

Silvano, Manuelzinho, Julio, João Rodrigues, Januário, João Periperi, Gabriel, Luiz da Lagoa, Antônio Vieira, Batista, Oscar, Higino.

OITAVA NOITE – NOITE DOS EMPREGADOS DA CASA GRANDE

José Mania, Cassange, Rumana, Cabocla, Martinha, Brígida, João Martinha, José Pequeno, João Veloso, Antônio Rodrigues, Natanael, João de Clarinda, Manuel Lão, Mariquinhas, Marinho Lão, Andreлина, Isabel, Manuel Venâncio, Margarida, Roza, Felismina, João Bento, Antônio Bento, Preto.

São 115 (Cento e quinze) nomes de sujeitos que viveram do final do século XIX e muitos sobreviveram até a década de 1980 do século XX. Sujeitos históricos, frutos da mestiçagem do negro, do índio e do português que através dos seus saberes e fazeres transmitiram para as gerações atuais, habitantes de Itapicuru, das comunidades do Manco e da Serra Velha, suas práticas e costumes e por isso continuam vivos neles, reverberando de alguma forma em suas vidas cotidianas.



Figura 89 - Moradores do povoado do Manco descendentes dos moradores do Camuciata citados na novena de São João. Foto 2022.

O que fica de permanência de práticas culturais do cotidiano nos descendentes dos moradores do Camuciatá está presente tanto no viver como na hora do morrer. O processo da morte no Brasil colônia, como no império era vivenciado inteiramente no ambiente doméstico. Desde o momento que as pessoas adoeciam até a cura ou falecimento eram tratadas em suas residências. Os médicos eram quase inexistentes no interior do Brasil (SILVA, 1993). O tratamento era feito pelos chamados “entendidos” ou “práticos” que estudavam na literatura da medicina da época ¹²⁶ou então pela prática usual de plantas medicinais herdadas das tradições dos índios do local.

Também se recorria aos curandeiros ou rezadeiras que traziam nos seus conhecimentos a cultura do índio que conheciam as plantas e ervas e a utilizavam para fins terapêuticos, bem como a cultura do português onde as rezas e benditos eram entremeadas por invocações a santos católicos e estrofes com traços de elementos africanos ou indígenas. Essas práticas, apesar de em menor escala continuam presentes em Itapicuru, nas comunidades do Manco e Serra Velha. Os ensinamentos do curandeiro Antônio Quebra Pau, da rezadeira Maria de Anisio, d. Conceição, José Castigo e Madalena Bento Batista (Mãe Nena) continuam vivos nas senhoras que fazem chás e infusões para curar certos tipos de mal-estar, bem como aquelas que rezam para proteger de “mal olhado”, “cair os bichos” (vermes) ou curar de veneno de cobra.

¹²⁶ Fazia parte da biblioteca do Barão de Jeremoabo, no sobrado do Camuciatá, o *Dicionário de medicina popular e das ciências acessórias para o uso das famílias*, lançado em 1842, de Pedro Luís Napoleão Chernoviz, médico francês radicado no Brasil.



Figura 90 - A senhora Madalena Bento Batista (Mãe Nena), 99 anos, rezando sua trineta Alice contra mau olhado, no povoado do Manco. Foto 2022.

No desenrolar do tratamento os doentes ou ficavam bons ou faleciam. Nas fazendas e paragens longínquas o convívio com contexto dos ritos de passagem da morte era intenso. Não só as pessoas morriam em suas casas como eram sepultadas em cemitérios dentro das propriedades. Em 1855, por razões sanitárias, os enterros nas igrejas foram definitivamente proibidos, por conta da epidemia de cólera que fez muitas vítimas em Salvador, recôncavo e até no sertão (REIS, 1991). Tanto em Jeremoabo, como em Itapicuru o coronel João Dantas dos Reis registrou em seu caderno de notas a morte de escravos por conta da epidemia.¹²⁷ É desse período que existia no Camuciatá um antigo cemitério que terminou sendo fechado por conta do número de pessoas que foram contaminadas pela cólera e lá sepultadas. A partir daí os moradores passaram-se a sepultar no cemitério da Caraíba e em 1945 foi feito um novo cemitério para receber os corpos dos moradores da fazenda. Apesar da existência do cemitério da cidade de Itapicuru, os descendentes do Camuciatá continuam fazendo a opção de serem enterrados no antigo cemitério da propriedade demonstrando o vínculo que até hoje possuem com a fazenda engenho que seus antepassados nasceram, cresceram e morreram. Por ser um elemento que em pleno século XXI funciona como um elo de costumes

¹²⁷ Caderno manuscrito de notas do coronel João Dantas dos Reis. 1850.

oriundos do século XIX com práticas que ainda se fazem presentes ele fará parte do quadro de acervo e será registrado no acervo do museu.



Figura 91 - Parede de pedra e adobo e portão de ferro do cemitério da fazenda engenho Camuciatá onde eram sepultados os moradores da propriedade. Ainda hoje, em 2022, continua em funcionamento. Foto 2022.

Como dissemos, assim como o morrer acontecia em casa o nascer também. Até a década de 1980 do século XX poucas mulheres da fazenda Camuciatá e até da comunidade do Manco buscavam hospitais para terem seus filhos. Da família do barão, Anibal, neto caçula do barão nasceu na casa grande e Artur da Costa Pinto Dantas Filho, um dos bisnetos, veio ao mundo na fazenda Mamão. O primeiro teve como parteira “mãe Nena”, moradora do Camuciatá e o segundo veio ao mundo pelas mãos de “Sinha Naninha”, que dá o nome ainda hoje a uma enorme lagoa que existe na fazenda por ter morado em sua proximidade. Era uma infinidade de filhos de consideração que essas senhoras tinham, pois ontem como hoje, todos os que viam ao mundo pelas mãos delas as chamavam de mãe. Os antigos moradores relembram algumas, “mãe Dobe”, “mãe Nena”, “mãe Clarinda”, “mãe Naninha de Vitória”, “mãe Rosa”. Todas essas ainda hoje são consideradas como uma segunda mãe. Atualmente, apesar da facilidade do acesso rápido a Itapicuru e da presença de médicos com mais frequência na cidade ainda vive no Manco “mãe Nena” que tantas vidas ajudou a chegar ao mundo. Em caso de necessidade e de mais urgência, as senhoras mais velhas da comunidade ainda possuem habilidades para realizarem um parto, mantendo vivo os conhecimentos passados

transmitidos de geração em geração, sendo importante elas se tornarem personagens do acervo do museu.

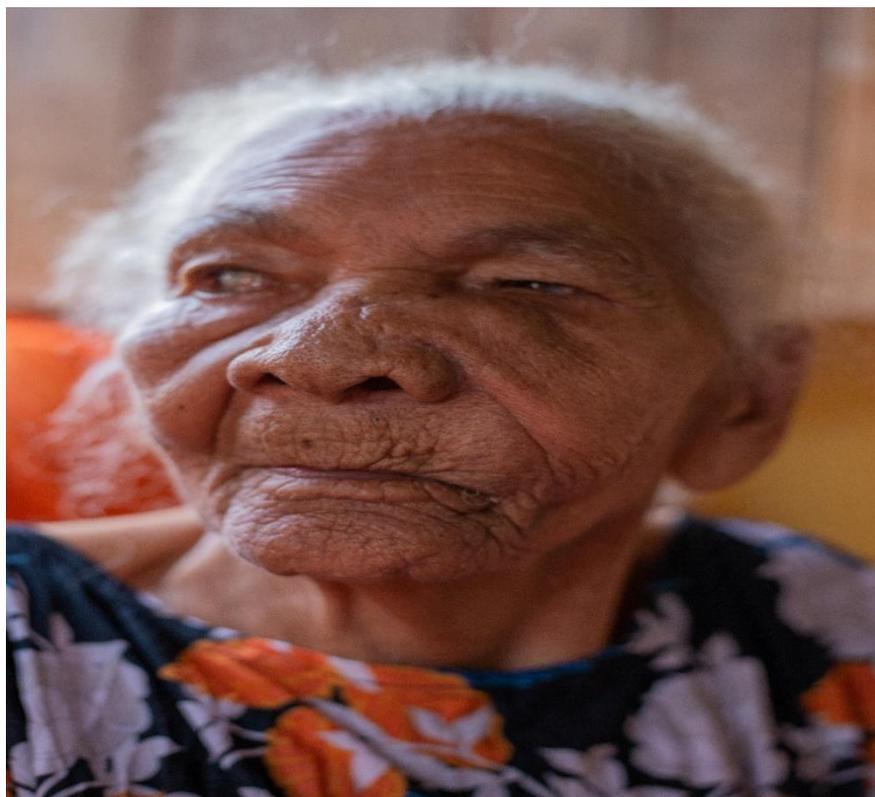


Figura 92 - Senhora Madalena Bento Batista conhecida como Mãe Nena é a parteira mais antiga viva do Camuciatá. Atualmente tem 99 anos e mora no povoado do Manco. Foto 2022.

A propósito, através do contexto construído coletivamente e do acervo que está sendo selecionado para compor o museu virtual, temos como um dos objetivos deste trabalho valorizar sujeitos históricos anônimos que por sua posição subalterna na hierarquia social da época pouca voz tiveram, mas que através do seu labor transmitiram traços de sua cultura que se misturaram com outras e estão presentes atualmente. As amas de leite e depois babás, por exemplo, ensinaram as cantigas de ninar que estão presentes no cancionário popular e vão fazer parte do acervo sonoro do museu virtual e cujas letras e melodias podemos ouvir ressoando das janelas e alpendres das casas dos atuais moradores do Manco.

É importante ressaltar que as funções das amas de leite e de companhia tem continuidade no trabalho das atuais babás e empregadas domésticas que são recrutadas entre as jovens moradoras das comunidades de Itapicuru que por não encontrarem oportunidade de trabalho deixam suas casas e rumam

para a capital em busca de melhores condições de vida. No século XIX e até a década de 1960 a própria casa grande da fazenda engenho Camuciatá era o espaço de trabalho dessa mão de obra.

Personagens como Justina do Amor Divino, chamada de “Instim” e também de “vó Tiná” ¹²⁸que foi alforriada aos 17 anos pelo barão de Jeremoabo em 1874 para ser ama de leite de seu filho mais velho, bem como Mariquinha de Otília, Felismina Borges (Bia), Romana Maria de Jesus, Martinha, Cabocla, entre outras, estão vivas nas suas netas e bisnetas que vivem nas comunidades do Manco e da Serra Velha continuando a reproduzir seus saberes e fazeres e apesar de em outras circunstâncias e com adaptações atuam em atividades laborais semelhantes a das suas antepassadas.



Figura 93 - Escrava Martinha com Antônio da Costa Pinto Jr (Visconde da Oliveira), irmão da baronesa de Jeremoabo, representando as amas de leite e babás cujas funções, em outras formas, estão presente até os dias atuais. (Foto de 1840, Acervo do Barão de Jeremoabo).

Assim como encontramos elementos da religiosidade do índio e do negro em Itapicuru e na fazenda engenho Camuciatá a fé cristã é uma das marcas deixadas pelo português. Já falamos da capela do sobrado como centro aglutinador dos habitantes em torno dos símbolos católicos que

¹²⁸ Os netos e bisnetos do barão chamavam Justina de vó Tiná pelo fato dela ter amamentado o seu primogênito, João da Costa Pinto Dantas.

funcionavam como elementos importantes para a catequese e aculturação da população do engenho. Estendendo para a vila de Itapicuru, registramos mais uma vez a presença da festa de Nossa Senhora de Nazaré de Itapicurú de Cima, invocação escolhida para ser a padroeira da cidade, desde o tempo da fundação da vila. Sua festa vem desde o século XVIII e, como já dissemos, sempre nos meses de janeiro continua a atrair a presença da população rural e urbana e até de filhos da terra que não mais habitam na cidade, mas que continuam a prestigiar o evento. Fruto da religiosidade trazida pelo colonizador português a procissão continua reproduzindo as crenças e a mentalidade introduzida pela igreja católica há 500 anos atrás. Carvalho Jr, 2006, registra a participação da família do barão na festa da padroeira, cuja realidade é fruto de um contexto que se repete há 268 anos.

(...) Passeios mais longos eram menos frequentes. Somente quando iam dormir em Itapicuru, para assistir as festas de Natal, reis e da padroeira da cidade, Nossa Senhora de Nazaré. Lá ficavam todos na residência em estilo Chalet que o barão começou a construir e seu filho concluiu. Quando o carro de boi e os cavaleiros chegavam na cidade com a família do barão era um acontecimento em Itapicuru. ¹²⁹

¹²⁹ CARVALHO JR, 2006, p. 281.



Figura 94 - Artur da Costa Pinto Dantas, neto do barão de Jeremoabo, carregando o andor de Nossa Senhora de Nazaré de Itapicuru, na festa da padroeira. (Arquivo de Ana Adelaide Dantas, 1970).

No decorrer do desenvolvimento do contexto, a partir da coleta das informações fruto da pesquisa em fontes da historiografia e também na memória oral dos antigos moradores da região vamos inserido no quadro de acervo os sons das manifestações culturais que estão presente na comunidade para que possam compor o acervo sonoro do museu virtual nos seus respectivos ambientes e coleções a serem apresentados. A dança que permanece até os dias atuais vem da senzala. O minueto e a gavota de origem francesa e o solo inglês dançado pelas damas e senhoras de engenho na melodia do piano alemão *Schidmaier* tocado por Ana Adelaide Ribeiro dos Santos Dantas, nora do barão, não é mais praticado. O batuque da senzala e das casinhas, junto com o forró que a partir da década de 1860 se faz presente com a sanfona atraem os senhores que desciam do salão de festa de assoalho de jacarandá e vão dançar no chão de barro batido ou nos alpendres de tijolo das casinhas do Camuciatá. O samba de roda trazido da África, onde os participantes se colocavam em círculo e começavam a sambar com a presença de um sambista no meio que ia puxando uma pessoa de cada vez para o meio da roda para que todos pudessem dançar se mostrava mais divertido e

espontâneo. O batuque do pandeiro se juntava ao batuque da zabumba, de tradição indígena, que nas festas de sanfona capitaneadas pelos sanfoneiros João Gaito, Natanael ou Zé de Mié, puxavam o fole até o amanhecer.



Figura 95 - Senhor tocando pandeiro em samba de roda (2022).

A dança que permanece viva entre os moradores da comunidade do Manco é uma mistura do lundu com o samba. Ambas trazidas pelos africanos, sendo o primeiro de origem banto e o segundo tinha sua etimologia oriunda da língua angolosa significando “semba”, “umbigada” (LOPES, 2006). Foi espalhado por toda colônia em todas as regiões onde os negros penetraram, tendo chegado também ao Camuciatá e lá foi praticado e perpetuado até os dias atuais. Ambas as danças, pela forma de seus movimentos cadenciados e ágeis tinham uma certa sensualidade terminando induzir a sociedade branca da época a compreensão por um apelo sexual. O Comerciante francês L.F. Tollenare registra, em 1817, uma apresentação do lundu na Bahia, que quem ler visualiza o samba e o lundu dançados por alguns moradores do Manco:

Essa dança, a mais cínica que se possa imaginar, não é nada mais nada menos do que a representação a mais crua do ato de amor carnal. A dançarina excita o seu cavaleiro com movimentos os menos equívocos; esse responde-lhe da mesma

maneira; a bela se entrega à paixão lúbrica; o demônico da volúpia dela se apodera; os tremores precipitados das suas cadeiras indicam o ardor do fogo que a abrasa; o seu delírio torna-se convulsivo, a crise do amor parece operar-se, e ela cai desfalecida nos braços do seu par, fingindo ocultar com o lenço o rubor da vergonha e do prazer. (Notas dominicais, p. 290).



Figura 96 - Samba de roda acompanhado da zabumba e do pandeiro por ex-moradores do Camuciatá. Foto 2022.

O movimento dos quadris no lundu, misturado com a umbigada do samba de roda são característicos do ritmo africano dando o toque de animação e do ritmo da dança africana. Essa dança estará presente no acervo do museu virtual pois é através dela que os moradores atuais extravasam sua música e sua arte. Batuque significativo e que fará parte do acervo sonoro do museu virtual, através dos sons do pandeiro, da caixa, zambumba e atabaques e que até hoje são ouvidos nas noites de lua da comunidade do Manco. Esses sons e as dança que o acompanham são oriundos também do samba de pandeiro. Os atuais moradores assim o descrevem:

Nas noites de lua cheia juntávamos um grupo para pegar o dono de casa de surpresa. Levávamos cachaça e café. Esperávamos a noite cair e já altas horas partíamos para a casa do escolhido na certeza de ele já estar dormindo. O grupo formado por homens e mulheres se aproximavam em silêncio total para não acordarem os moradores antes da hora. Chegando na porta da casa começavam a cantar, tocar e sambar. A música entoada para acordar os donos da casa era o reisado de São José até hoje cantado:

*Ô de casa, ô de fora
Ô de casa, ô de fora
Maria vai ver quem é
Maria vai ver quem é
São os cantadores de Reis
São os cantadores de Reis
Quem mandou foi São José
Quem mandou foi São José
Canta Reis não é pecado
Canta Reis não é pecado
São José também cantou
São José também cantou
São José também cantou
Neste dia de alegria
Mas depois de muito tempo
São José também chorou
Porque viu seu filho moço
Pregado numa cruz por tanto amor¹³⁰*

¹³⁰ Depoimento oral de José Maria Romano Bento em janeiro de 2019.



Figura 97 - Instrumentos musicais tocados na casa de santo da lalorixá Durvalina nos sambas de roda na região de Itapicuru. Foto 2022.

Muitos outros exemplos de cultura imaterial poderiam ser trazidos dentro do contexto da época. No entanto foge ao objetivo desse trabalho exaurir todo o contexto social e cultural vivido pelos moradores do Camuciatá, povoado do Manco e seu entorno. Focamos naquelas cujas manifestações se fazem presentes e continuam vivos no modo de vida dos moradores do Manco, nos descendentes da família do Barão e nos itapicuruenes. Com o propósito de construir o quadro de acervo fiz o texto desse subcapítulo, da página 182 a 198 destacando os elementos que se tornarão acervo do museu virtual em uma perspectiva socioconstrutivista. O quadro se encontra no Anexo A “Quadros do Design do acervo do museu virtual, em foto e vídeo, da vila de Itapicuru, fazenda engenho Camuciatá e povoado do Manco (MVICM)”.

Finalizando o contexto da fazenda engenho Camuciatá o último local que foi pesquisado e teve seu contexto interpretado foi o povoado do Manco onde a maior parte dos elementos encontrados são remanescentes da fazenda engenho. No capítulo que segue desenvolveremos o contexto da formação da referida comunidade e a partir dele iremos sistematizar o acervo que será destacado em mais um

quadro que será disponibilizado no já referido Anexo A “Quadros do Designe do acervo do museu virtual, em foto e vídeo, da vila de Itapicuru, fazenda engenho Camuciatá e povoado do Manco (MVICM)”

9. Surgimento e crescimento do povoado do Manco após a desagregação da fazenda engenho Camuciatá: em busca da construção coletiva da História.

Para construir e interpretar o contexto da comunidade do Manco é válido fazer uma breve introdução sobre algumas das causas da decadência da fazenda engenho Camuciatá e a conseqüente saída dos moradores para as terras da antiga fazenda Manco. Comprado da Casa da Torre no auge da expansão dos latifúndios em meados do século XVIII, a fazenda engenho atingiu o auge do seu poderio econômico no século XIX quando seus três mais poderosos proprietários ali viveram e “reinaram” quase que como senhores feudais, em ordem de sucessão, o capitão mor João Dantas dos Imperiais Itapicuru, o coronel e comendador da Ordem da Rosa e do Hábito de Cristo João Dantas dos Reis e o barão de Jeremoabo. Nesse século a propriedade foi uma das maiores do nordeste da Bahia em extensão de terras, teve o maior número de escravos da região de Itapicuru, inúmeras cabeças de gado, muitas oriundas do plantel da Casa da Torre, exportava açúcar e comercializava outros produtos agrícolas que dinamizavam a economia do vale de Itapicuru.

Com o falecimento do barão em 1903 o herdeiro João da Costa Pinto Dantas, apesar das transformações políticas e econômicas da sociedade brasileira após a Revolução de 1930 com o fim da Velha República, a diminuição dos poderes dos grandes fazendeiros e o crescimento da burguesia nos principais centros urbanos conseguiu manter o poderio da bicentenária propriedade. Com sua morte em 1940 a fazenda virou uma sociedade anônima, onde a viúva Ana Adelaide Ribeiro dos Santos Dantas e seus nove filhos se tornaram os proprietários.¹³¹A partir daí o Camuciatá deixou de ser

¹³¹ Por ordem cronológica eram os seguintes os filhos de Ana Adelaide e João da Costa Pinto Dantas, netos do barão: Cícero Dantas Martins (Senador), João da Costa Pinto Dantas Jr (Deputado Federal), José da Costa Pinto Dantas (prefeito de Belmonte), Mariana da Costa Pinto Dantas (Secretária Geral da Ordem das Ursulinas, em Roma); Jesuína da Costa Pinto Dantas (administradora do sobrado após o envelhecimento de sua genitora), Artur da Costa Pinto Dantas (prefeito de Itapicuru), Ana Adelaide da

engenho, pois em pouco tempo foi desativado (CARVALHO JR, 2006). A Bahia tinha deixado de ser o foco da economia açucareira. Poucos estados do nordeste continuaram a produzir de uma forma lucrativa e São Paulo passou a liderar a produção. O boi, o velho desbravador das trilhas do sertão, desde o começo da colonização, responsável pelo povoamento e surgimento de currais e vilas passou a ser o principal produto econômico da antiga propriedade. Por consequências naturais da vida o falecimento da matriarca Ana Adelaide, em 1959, foi o marco para o declínio definitivo da velha fazenda dos tempos da Bahia colonial. Em 1964 a sociedade Anônima foi extinta e a propriedade de mais de 25.000 tarefas foi dividida em 09 lotes perdendo as características que lhe davam uma feição de uma sesmaria.¹³² Com a divisão das terras, que coincide com o avanço da urbanização de Salvador, o surgimento de empresas no entorno da região metropolitana, a migração da população rural para as grandes cidades, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo e a progressiva decadência da economia rural das propriedades do nordeste da Bahia (MATTA, 2013), pouco a pouco o trabalho vai escasseando nas terras do Camuciatá e os moradores vão buscando alternativas de sobrevivência.

A partir desse contexto é que o Manco vai deixando de ser uma antiga fazenda com uma população rarefeita e gradativamente vão se formando pequenas roças compradas pelos ex-moradores do Camuciatá. Até a década de 1970 as casinhas e a antiga senzala ainda estavam todas povoadas, a partir da década de 1980 a saída de um morador começou a influenciar a ida de outros. As Casinhas, assim chamadas na tradição local, espalhadas pelas terras do Camuciatá foram sendo derrubadas por não terem mais serventia. A partir de 1990, o Camuciatá que teve em determinada época um contingente populacional maior que a vila de Itapicuru (SENA, 1979) tinha uma população de aproximadamente apenas 50 habitantes. No começo do século XXI, praticamente todos os moradores já tinha ido embora. Ficaram apenas 02 ou 03 famílias em cada lote. Atualmente nos dois lotes que ainda são propriedade dos descendentes do barão de Jeremoabo e no Pasto da Porta temos apenas

Costa Pinto Dantas Guimarães (casada com o deputado federal José Gomes de Oliveira Guimarães), Antônio da Costa Pinto Dantas (prefeito de Esplanada e de Ituberá), Anibal da Costa Pinto Dantas (prefeito de Itapicuru).

¹³² 25.000 tarefas de terra correspondem aproximadamente a 12.000 hectares de terra o que correspondia ao tamanho padrão de uma sesmaria que tinha 06 km de largura e 18 km de comprimento. (SCHWARTZ, 1988).

três casas, totalizando três famílias e doze pessoas aproximadamente que habitam nas terras da velha fazenda, todas descendentes de moradores que lá habitaram desde o século XVIII.¹³³

O último fator que estimulou a migração quase que completa dos moradores (99%) foi a venda gradual pelos netos, bisnetos e trinotos do barão de Jeremoabo dos 09 lotes que compunham a velha fazenda engenho Camuciatá. Entre o ano 2000 e 2019 foram vendidos 07 lotes, ficando apenas 02¹³⁴ e o chamado Pasto da Porta onde foi construído em 1894 e existe até hoje o sobrado de Cícero Dantas Martins, trinoto do procurador da Casa da Torre, Baltazar dos Reis Porto, comprador da propriedade.

É nesse contexto que as comunidades do Manco e da Serra Velha se formaram e hoje se tornaram povoados com uma população aproximada de 300 habitantes e umas 100 roças no primeiro e umas 100 pessoas e 50 roças no segundo.¹³⁵ O Manco foi concebido enquanto localidade a partir de um processo de ocupação espontânea e irregular, e se consolidou definitivamente após a dissolução da fazenda Camuciatá. Sua população é formada por descendentes de negros, índios e portugueses que habitaram o Camuciatá e com o passar dos séculos formaram um rico caldeamento cultural que se expressa no cotidiano, e nos saberes e fazeres da população atual.

Estudar o contexto da comunidade do Manco é fazer um exercício de retorno ao que já foi contextualizado e registrado na pesquisa sobre a fazenda engenho Camuciatá buscando destacar as práticas culturais, os saberes e fazeres que são oriundos da antiga fazenda e que continuam vivos no cotidiano dos atuais moradores do povoado. São esses elementos que serão destacados no anexo “Quadros do designer do acervo do museu virtual da vila de Itapicuru,

¹³³ São as seguintes famílias que ainda habitam nas terras da família Dantas, no Camuciatá: família de Celso Ricardo Alves de Santana e Andira, família de João Moura Batista e Ana e família de Agnaldo e Rosália.

¹³⁴ Todas as propriedades que foram criadas a partir da dissolução da Sociedade Anônima do Camuciatá foram batizadas pelos netos do barão com um nome novo acrescido “do Camuciatá”, para que a identidade não fosse perdida. Vindo de Itapicuru no sentido de Cipó eram as seguintes: São João do Camuciatá, São José do Camuciatá, Santana do Camuciatá, Passagem do Camuciatá, Pau Ferro do Camuciatá, Camuciatá Mirim. Dessas nove propriedades, no ano de 2022, tendo se passado 268 anos de que a propriedade foi comprada pelos Dantas aos Garcia d’Avila, restam apenas dois lotes: Santana do Camuciatá e Pau Ferro do Camuciatá, além da área onde está construído o sobrado e onde existia toda a estrutura do complexo da economia açucareira. Apesar da desagregação ainda continua sendo um fato raro no Brasil uma mesma família manter ininterruptamente por quase três séculos a sede de uma fazenda nas mãos do mesmo clã.

¹³⁵ Informações prestadas por José Maria Romano Bento, 78, morador do povoado do Manco.

fazenda engenho Camucitá, povoado do Manco (MVICM)”. Com um olhar mais atento o leitor e o depois o futuro visitante do museu virtual perceberá a similaridade desse contexto narrado com o que foi visto no contexto da fazenda engenho e que apesar de vivenciado em outra época continua mantendo muitas características de décadas e séculos passados no dia a dia dos atuais moradores do Manco.

9.1 Mudanças e permanências das práticas culturais dos habitantes que moram na comunidade do Manco: sistematização de acervos.

Como fizemos para Itapicuru e o Camuciatá, os dois primeiros espaços territoriais do museu virtual, é de fundamental importância conhecer e estudar junto com a comunidade local o processo histórico de formação do povoado do Manco. Fizemos uma breve introdução do contexto dos primórdios da formação da comunidade e agora vamos dar continuidade nos aprofundando no contexto histórico da antiga fazenda Manco até chegar ao povoado, destacando aspectos sociais, culturais e econômicos que irão compor o quadro de acervo referente ao local e se tornarão peças do museu virtual aqui proposto.

Essa ação irá também contribuir para o despertar dos moradores locais para a importância de sua história. Além do mais, a pesquisa sobre a localidade nos dará subsídio para a construção de um projeto educacional através do museu, bem como o levantamento de outros recursos e possibilidades em prol do desenvolvimento da comunidade, como a sugestão da elaboração de um planejamento de turismo comunitário realizado pelos próprios moradores incentivando dessa forma a conhecerem e valorizarem a sua história.

Com o objetivo de aprofundar o contexto histórico para montagem do quadro final do acervo do Manco que fará parte do museu virtual seguimos na construção do texto dissertativo e interpretativo sobre o povoado que faz limite com as terras da fazenda Camuciatá.¹³⁶ Não conseguimos registros

¹³⁶ A fazenda Pau Ferro pertencia a Antônio Felix de Souza, que era compadre de João da Costa Pinto Dantas, que o chamava de compadre Totônio. Esse tinha sua casa grande ao lado do engenho, no chamado pasto do engenho, praticamente as margens do rio Itapicuru. Na ocasião da cheia de 1911, uma das maiores do século XX registradas pela tradição oral dos moradores locais o rio invadiu o casarão do proprietário e esse teve que construir outro. Escolheu um local mais distante e em um pequeno elevado do terreno construiu outra casa que está de pé até os dias atuais completando 112 anos em 2023. A casa apesar de construída já no começo do século XX mantém as mesmas

documentais do porquê essa localidade leva o nome de Manco, mas a tradição oral nos fornece uma pista da origem desse topônimo. Segundo Andreia Souza Silva, sua avó Madalena Bento Batista, 99 anos, lhe contava a seguinte história:

Então, o nome Manco foi dado por conta que aqui era uma terra cheia de altos e baixos. Quando chovia ficavam as poças de água. Então o povo para fazer a travessia tinha que suspender a calça até o joelho. A calça levava o nome de “Cobó”. Então os colegas para brincar com os outros falavam você tá manco...e daí ficou manco.

O Manco era uma antiga fazenda situada a 11 km de Itapicuru com uma área aproximada de 100 hectares. Sua delimitação atual é a mesma do século XIX e continua igual até os dias atuais. Ao Sul com os terrenos da antiga fazenda Pau Ferro, ao norte com a localidade do Periperi, a oeste com terras do condomínio Camuciatá, e a Leste com a fazenda Juá. O que mudou foi o crescimento populacional na região que a partir da década de 1970 começou gradativamente a aumentar. Antes disso era uma área praticamente desabitada, apenas com a casa grande do proprietário ¹³⁷e pouquíssimas casas de trabalhadores. Apesar do aumento da densidade demográfica sua paisagem e estrutura não mudou, mantendo as características de uma antiga fazenda da Bahia colonial até os dias de hoje.

características arquitetônicas das casas rurais portuguesas, reverberando um modo de morar do mundo rural trazido pelos colonizadores desde quando chegaram ao Brasil. Em telhado de quatro águas, tendo na frente o alpendre principal e depois acrescida de varandas laterais. Corredor com pequena sala de estar na frente e dois quartos de um lado e dois do outro. A sala de refeições ao fundo e a cozinha logo em seguida, mas fora do corpo da casa demonstrando a funcionalidade dela, ao mesmo tempo indicando a privacidade e separação necessária entre os senhores e serviçais. Completando as características peculiares de uma casa rural portuguesa uma varanda, como uma se fosse uma espécie de uma puxada do corpo da casa que dar suporte a cozinha principal, acompanhada de dispensa, quarto de empregada e no final a cozinha com fogão a lenha. Essa casa por manter viva símbolos que se perpetuam e estão presentes na comunidade local estará presente no museu virtual. Pouco tempo depois da enchente João Dantas comprou a seu compadre a fazenda e anexou ao Camuciatá. Conta a tradição oral, através do depoimento de Ângelo, antigo morador do Pau Ferro, que a esposa do proprietário teve um sonho que indicou uma localidade da fazenda onde ela iria achar um tesouro em um baú enterrado. Acreditando no sonho acordou na madrugada e foi com um morador para o referido local. Lá cavaram e encontraram moedas de ouro e prata. De acordo com a tradição, por ter enriquecido, convenceu o marido a vender a propriedade para comprar uma maior em outro local. Assim fizeram, por volta de 1914 e nunca mais voltaram a região.

¹³⁷ O proprietário do Manco na época era João Borges de Santana, filho de Joaquim Borges de Sant'Anna e Francisca Dantas dos Reis, filha do coronel João Dantas dos Reis e irmã do Barão de Jeremoabo.



Figura 98 - Casa Grande do Engenho Pau Ferro que faz limite com as terras do povoado do Manco. Foto 2022.

O crescimento populacional se deu de forma lenta. A população que foi se transferindo para o local era composta de mulatos, caboclos, negros e foram se misturando com os proprietários e seus descendentes que cada vez mais foram se tornando mestiços. Em linhas gerais, o contexto que explica essa mudança, que iremos aprofundando no decorrer desse subcapítulo está dentro da falta de terras para serem cultivadas e da diminuição de trabalho, que vai gerar um êxodo interno com pequenos deslocamentos na própria região.



Figura 99 - Povoado do Manco. Foto 2022.

O Manco, durante toda a sua história, apesar de ser uma fazenda a parte, era considerada no imaginário da população local como se fosse um anexo do Camuciata. No século XIX pertenceu ao Coronel João Dantas dos

Reis, pai do barão de Jeremoabo, que herdou do seu genitor o capitão-mor João d'Antas dos Imperiais Itapicuru (DANTAS JR, 1967). O primeiro, após o falecimento de sua esposa em 1846 teve vários filhos na região. Na ocasião de sua morte em 1872 deixou o Manco para sua filha Francisca Dantas dos Reis (Maninha).¹³⁸ Como era costume na época, seu irmão, o barão de Jeremoabo, tratou de arranjar um casamento para ela para que fosse amparada e não ficasse sozinha. Trouxe de Bom Conselho,¹³⁹ um senhor amigo chamado Joaquim Borges de Santana, conhecido como Joaquim Borges e proporcionou o consórcio de ambos. O casal construiu casa, montou uma engenhoca, uma das mais importantes da região e fez um curral para criar gado e carneiros (BORGES, 2019). Esse casal teve vários filhos que se tornaram os donos da propriedade durante várias décadas, tanto que até hoje na memória dos mais antigos o Manco era dos “Borges”.¹⁴⁰ Por essa ramificação dos Dantas terem sido considerados pela família do Barão como “filhos naturais”.¹⁴¹ não eram registrados nas publicações da genealogia oficial das famílias tradicionais, tanto que João da Costa Pinto Dantas Júnior, neto do barão de Jeremoabo, no seu trabalho sobre a descendência do capitão-mor João d'Antas dos Imperiais Itapicuru¹⁴² não inclui a referida filha do coronel João Dantas, futura proprietária do Manco por não ter sido fruto do seu casamento e, portanto, considerada uma filha “natural”. Esta história está presente na memória dos moradores mais antigos da região e de membros da família Borges, por ser um exemplo significativo da miscigenação que ocorreu na Bahia desde os tempos coloniais e que se reflete no típico físico dos atuais moradores do povoado, pelo fato de alguns dos descendentes desse casal ainda hoje morarem em roças vizinhas aos demais ex - trabalhadores do Camuciatá.

¹³⁸ Ela era filha da união com Ana Francisca Lubarino (Nenem), moradora da região de Itapicuru ou de Jeremoabo.

¹³⁹ A vila de Nossa Senhora do Bom Conselho dos Montes do Boqueirão é a atual cidade de Cícero Dantas, no nordeste da Bahia.

¹⁴⁰ O casal teve 09 filhos, que eram netos do coronel João Dantas Martins dos Reis e se tornaram os donos do Manco com a morte dos pais.

¹⁴¹ Os filhos naturais no Brasil colônia e império eram aqueles que eram oriundos de uniões consideradas instáveis, ou seja, fora do casamento, sem as bênçãos da igreja católica apostólica romana.

¹⁴² DANTAS JR, 1967, p. 30.



Figura 100 - Joaquim Borges de Santana e Francisca Dantas dos Reis com seus filhos e netos. Foram os primeiros proprietários da fazenda Manco após a doação de João Dantas dos Reis (pai do barão de Jeremoabo e de Francisca). Foto 1920.

Essa realidade mostra um exemplo concreto, como um estudo de caso, da mestiçagem da sociedade brasileira, onde João Dantas dos Reis, bisneto do português Baltazar dos Reis Porto teve filhos com seis mulheres descendentes de índios e africanos (DANTAS JR,2010) e com isso participou do povoamento de mais um rincão do Brasil contribuindo para a pluralidade cultural da nação brasileira. Não sabemos exatamente a origem étnica de cada mulher que o coronel se relacionou. Com certeza todas afrodescendentes e com sangue indígena. Não é objetivo desse trabalho analisar como essas relações se deram, entretanto por estarmos tratando desse contexto é válido lembrar que a historiografia sobre a escravidão na Bahia e no Brasil registra que muitos desses relacionamentos entre senhores brancos e escravas ou índias se davam através de atos impositivos e violentos, como também aconteciam relacionamentos fruto de uma afetividade espontânea que surgia entre a convivência entre homens e mulheres da época e que terminou se tornando

uma forma de resistência afetiva aos padrões impostos pela igreja e pela sociedade patriarcal.¹⁴³

Apesar do coronel João Dantas dos Reis ter batizado todos os seus filhos chamados “naturais” e inclusive deixou bens para eles, como é o caso da fazenda Manco deixada para sua filha Francisca Dantas dos Reis a maior parte dos descendentes oriundos das uniões extra conjugais por terem nascidos fora dos padrões morais estabelecidos pela igreja e pela estrutura e status quo montado pela elite senhorial não foram aceitos dentro da família patriarcal colonial e a nível econômico e social ficaram no mesmo patamar dos demais descendentes dos índios e africanos, morando na atualidade em pequenas roças do Manco como todos os descendentes dos escravos e trabalhadores do Camuciatá.

Imersos nesse contexto histórico, cultural e até familiar não podia ser diferente que a princípio os primeiros moradores que foram migrando para o Manco fossem vistos ainda como agregados do Camuciatá e eles próprios tinham suas identidades ligadas a antiga fazenda, ou seja, não se viam ou se identificavam como se estivessem presentes em outra localidade. A fala de José Maria Romano Bento é reveladora disso:

*Não me esqueço do Camuciatá. Estou aqui no Manco, mas lá que foi minha vida. Tínhamos tudo e nada nos faltava. Sou filho do Camuciatá, nascido e criado com meus pais e irmãos.*¹⁴⁴

A realidade do surgimento do povoado se dar totalmente atrelado ao contexto histórico do Camuciatá, tanto a nível econômico, como social e cultural. Os primeiros moradores por muito tempo não tiveram autonomia para sobreviver com seu próprio trabalho. Com raras exceções a maioria deles

¹⁴³ Para quem quiser aprofundar a leitura sobre o tema temos uma vasta bibliografia, entre as quais citamos: FREITAS, Marcel de Almeida. “O cotidiano afetivo-sexual no Brasil colônia e suas consequências psicológicas e culturais nos dias de hoje”. *Revista Ponta de Lança*, ano 05, nº 09; MOTT, Luiz. *Escravidão, homossexualidade e democracia*. São Paulo: Ícone, 1988. POMER, L. *América: história, delírios e outras magias*, São Paulo: Brasiliense, 1980.

¹⁴⁴ Entrevista concedida por José Maria Romano Bento, 78 anos, no Camuciatá, no dia 03 de maio de 2020.

continuavam trabalhando em um dos nove lotes do Camuciatá utilizando o sistema de meia para ter a o feijão e o milho ¹⁴⁵e a grande fonte de alimentos e de subsistência continuava sendo as terras da velha fazenda onde pediam permissão para pescar, caçar, tirar lenha, colocar seu cavalo ou burro para pastar, pois as roças que habitavam não tinham água e as terras eram em grande parte arenosas e de pequena extensão. Apesar de alguns avanços já terem acontecido em relação a autonomia dos moradores para gerirem de forma independente sua subsistência essa realidade se faz presente atualmente como uma forma de permanência dos laços de dependência entre senhores e escravos e da mentalidade escravista. Em uma roda de conversa realizada em setembro de 2019 com alguns moradores do Manco, uma ex-moradora do Camuciatá, repete a mensagem do primo José Maria dizendo que sentia saudades do tempo que vivia no Camuciatá porque lá ela tinha tudo e hoje mesmo morando em sua terra tem dificuldades para sustentar sua família e ter acesso aos bens materiais que a terra oferece. ¹⁴⁶

A falta de terra da população afrodescendente e indígena ainda é uma continuidade oriunda da realidade socioeconômica do Brasil escravista e da política de ocupação de terras implantada pelos colonizadores. Sendo o escravo uma propriedade ele não tinha direito a ter terras e quando aconteceu a abolição da escravatura não tinha condições financeiras de comprar. Essa realidade perdurou durante toda a República e quando conseguiam comprar alguma terra eram sempre de péssima qualidade e sem acesso ao bem maior para sua produtividade – a água. Em relação aos índios foram sendo expulsos de suas terras e muitos deles dizimados. A realidade das populações indígenas atuais é uma continuidade do processo da política da colônia em relação a esses povos. Foram cerceados em sua liberdade e colocados em aldeamentos

¹⁴⁵ O sistema de meia até hoje utilizado, é uma das permanências de forma de parceria de trabalho e prestação de serviços, que atravessaram os séculos vindo de Portugal e remontam a Idade Média, com seus vários tipos de serviços e contratos estabelecidos entre senhores e servos, reverberando atualmente (FRANCO JÚNIOR, 2001). O fazendeiro cede a terra para que o trabalhador na condição de meeiro cultive seu milho e feijão e em troca plante capim no meio da cultura para que quando os cereais forem colhidos o gado possa se alimentar. Dessa forma o plantador tira seu sustento e garante a engorda da boiada do fazendeiro.

¹⁴⁶ Depoimento de Marizete Santos Batista, 67, em uma roda de conversa no salão da igreja do Manco em setembro de 2019.

para que se enquadrassem no contexto da estruturada propriedade privada onde as terras tinham que ser estritamente cercadas e delimitadas.

Na realidade o Manco continuava se assemelhando em sua estrutura a uma velha fazenda da Bahia colonial e imperial. A maior diferença é que com a migração dos moradores os grandes pastos que possuía foram divididos e repartidos em pequenos pedaços que foram se transformando em roças.¹⁴⁷ Inexistiram projetos rurais ou mesmo urbanos na região. O que observamos são pequenas e tímidas ações pontuais que trouxeram algumas pequenas melhorias para o povoado.



Figura 101 - Roça típica do povoado do Manco pertencente a José Claro da Gama, conhecido na comunidade como Zé Grilo. Foto 2022.

O Manco apesar de contar com um contingente população que lhe dá status de povoado tem em sua realidade permanências que se fazem presente em sua estrutura atual onde os moradores vivem em um contexto totalmente rural como se ainda vivessem no ambiente da fazenda engenho Camuciata.

¹⁴⁷ A terminologia roça no nordeste da Bahia é utilizada para caracterizar pequeníssimos lotes de terra. Os proprietários eram chamados de roceiros e eles próprios cultivavam suas terras. Na região citada geralmente eram terras de baixa qualidade, com baixa fertilidade e muitas delas sem água corrente.

Durante muitos anos não existiam estradas, muitas das casas não tinha água encanada e nem um sistema de esgoto sanitário e serviços públicos de limpeza. As únicas melhorias em termos de infraestrutura que chegaram ao local foram: luz elétrica, no ano de 1991, água encanada em 2005 e estradas vicinais de terra que apesar de precárias permitem que os ônibus transportem a população no dia das feiras e peguem as crianças em dias de escola nas portas de suas casas. ¹⁴⁸ Apesar da existência de duas caixas de água de 40.000 litros que abastecem toda a localidade ainda hoje algumas moradoras ainda vão ao riacho que margeia o Manco, com o pote na cabeça para pegar água fresca, ou então lavam roupa no próprio riacho. ¹⁴⁹



Figura 102 - Senhoras pegando água no riacho para beber e lavar os utensílios domésticos com pote de barro. Foto 2022.

O visitante do museu que percorrer às estreitas estradas de barro do Manco encontrará vários elementos que remetem a vivência dos moradores da antiga fazenda Camuciatá, no século XIX. Mesmo existindo em algumas roças tanques de tijolo e cimento, arrodado com bicas para receber a água da chuva para o uso da população local para lavar roupa, utensílios domésticos e beber água no fundo de muitas casas, ao lado desses recipientes, pode ser visto os milenares modelos de cisternas e cacimbas feitas de barro que já existiam na zona rural da Europa e do Oriente médio desde a antiguidade (ANDERSON, 1982). Nelas se cavavam o solo até encontrar água, muitas vezes com mais de

¹⁴⁸ Depoimento de Andira Souza Silva, 42, Professora. Janeiro de 2020.

¹⁴⁹ Depoimento de Arlete Souza Silva, 64, Professora. Janeiro de 2020.

10 metros de profundidade e na entrada um tripé armado com uma roldana com um balde amarrado com uma corda para tirar a água.



Figura 103 - Cisterna de água. No fundo da cisterna observa-se o minante da fonte. 2022.

Na área da agricultura o cenário é o mesmo das roças dos séculos XVIII e XIX. Plantações de mandioca, milho e feijão dominam a paisagem nas pequenas glebas. Cana de açúcar, tão presente no maior engenho do nordeste da Bahia praticamente deixou de existir. Apenas nas propriedades situadas na margem do riacho ainda pode ser ver em um brejo ou outro com algumas mudas plantadas. Naquelas situadas em partes mais altas e secas conta-se de dedo a existência de hortas plantadas. A cultura agrícola dos moradores do Manco permanece a mesma dos seus antepassados, onde no labor do plantio e colheita cantam e recitam versos que revelam a permanência de uma cultura pluriétnica.



Figura 104 - Trabalhadores rurais na roça. Foto 2022.

São apenas três ruas existentes do povoado do Manco que o visitante do museu virtual construído irá visualizar. Como nos primeiros povoados e vilas do final da Idade Média eram e são identificados por nomes de acidentes geográficos ou de pessoas mais idosas e com certa influência na comunidade. A rua de Madelana Bento Batista, conhecida como mãe Nena, que tem 99 anos e é muito respeitada por ter sido parteira de quase todas as mulheres que tiveram filhos na localidade desde quando moravam no Camuciatá. A segunda rua pode ser identificada no seu começo pela casa da profa Arlete Souza Silva e finaliza com a residência do sr. Antônio Roseno Bento Batista. A primeira é a profa mais antiga da comunidade tendo ensinado várias gerações e o segundo é o mais antigo morador, contanto com 92 anos de idade e, portanto, sendo muito respeitado pelos mais jovens.



Figura 105 - A profa. Arlete Souza Silva com sua família na porta de sua casa. Foto 2022.



Figura 106 - Antônio Roseno Bento Batista, um dos moradores mais idosos do povoado, com 92 anos. Foto 2022.

A esse respeito observamos como nas comunidades tradicionais e mais isoladas ainda existe uma veneração muito grande pelas pessoas mais idosas que não observamos mais nos grandes centros urbanos onde impera a lógica capitalista (BARBOSA DE SOUZA, 2002). Os mais jovens, sejam crianças ou adolescentes, ainda tomam a “benção”, não só aos pais, mas a qualquer outro idoso que tenham contato. A saudação ao invés de ser “bom dia” ou “boa tarde”, é o pedido respeitoso de “benção”. Essa forma de se relacionar e de valorizar o mais idoso foi trazida, em parte, pelos escravos que na África, nas suas comunidades, tinham uma relação muito próxima com seus idosos que eram considerados sábios e aqueles que conheciam tudo sobre os antepassados e a história da localidade. A prática dos griots continua presente em parte com as histórias de “Trancoso” que os mais velhos ainda contam. É como ainda se vê em noites de lua cheia crianças sentadas nas esteiras de palha de Taboa ou no batente do alpendre das casas ouvindo José Santana (88), contar estórias. Práticas trazidas das casinhas do Camuciatá, que vem das antigas senzalas e que apesar de reduzidas ainda estão presentes atualmente.



Figura 107 - José Santana, 89 anos, ex-morador do Camuciatá e contador de histórias de Trancoso. Foto 2019.

Na terceira e última rua temos D. Marizete Santos Batista (67), que apesar de um pouco mais jovem é a guardiã de muitas práticas da cultura material e imaterial dos antigos moradores. Com grande habilidade manual continua produzindo o artesanato que aprendeu com seus pais e avós.



Figura 108 - Senhora Marizete Santos Batista em frente à sua casa com a matéria prima de fazer a rede de crauá. Foto 2022.

Chegamos ao século XXI e as mudanças no povoado continuam acontecendo, em uma perspectiva braudeliana,¹⁵⁰ em um ritmo de lenta duração. Mudanças e permanências se intercalam trazendo pouquíssima modernização. As marcas dos séculos passados continuam forte, mantendo vivo os costumes e as tradições da cultura local. Enquanto o caminhão “Pau de Arara” do sr. Horácio perdeu sua funcionalidade de levar a população nos dias de feira para Itapicuru, o cavalo se manteve como meio de transporte, ao lado dos ônibus que surgiam. Entretanto, cada vez mais o relinchar dos cavalos são abafados pelo ronco ensurdecido das motos, onde seus condutores passam trajados com roupas contemporâneas e na cabeça ao invés do chapéu de couro um boné ou um capacete. Os vaqueiros eram os que tinham um maior status social dentro da comunidade local. Apesar de terem passado por diversas transformações culturais, inclusive na sua forma de trajar, continuam carregando dentro de si a herança que lhes foi transmitida pelos primeiros aboiadores, pelos procuradores da Casa da Torre e pelos encourados que andavam dias e dias procurando o gado perdido nas veredas do sertão. Eles

¹⁵⁰ BRAUDEL, Fernand. *Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II*, 1949.

continuam tendo um poder simbólico muito grande dentro da comunidade por conta de sua função.

A distribuição socioespacial dos moradores do povoado do Manco é um reflexo das funções laborais e condições econômicas que seus antepassados tinham na fazenda engenho Camuciatá. A divisão social do trabalho dentro do próprio grupo e o que conseguiram acumular, mesmo que minimamente, possibilitou uma diferenciação, por exemplo na arquitetura de suas residências existentes na comunidade. Aqueles que descendiam dos trabalhadores que desenvolviam na fazenda ofícios mais importantes (Feitores, no tempo da escravidão; administradores, vaqueiros e carreiros) conseguiam, por exemplo, construir uma varanda mais larga na frente de sua casa, cômodos maiores e uma cozinha mais ampla. Já nas casas dos filhos e netos dos roceiros, cerqueiros, mondeiros, o alpendre construído mal dava para acomodar cadeiras e o morador para ter acesso a cozinha tinha que se curvar para não se esbarrar na porta de entrada de tão baixa que era. Andar por dentro dessas residências para um homem de estatura hoje considerada mediana era dificultoso também. Tinha-se que ficar curvado para não encostar a cabeça na telha. A herança genética dos índios era forte nos moradores do Camuciatá, eles eram em sua maioria homens baixos, com no máximo até 1,65m de altura (BANDEIRA, 1973). Isso se refletia na altura das “casinhas” que também por conta da pobreza dos seus moradores não tinham condições de terem um pé direito alto. Essa realidade material da arquitetura das habitações, espaços, material utilizado, serve de base para analisarmos não só a cultura material da região, bem como as contradições internas da comunidade que são fruto de realidades concretas que vieram sendo transmitidas de geração em geração desde os tempos em que os antepassados dos atuais moradores do Manco habitavam o Camuciatá.



Figura 109 - Casa de morador do povoado do Manco com varanda na frente e na lateral e um pequeno banheiro. Foto 2022.



Figura 110 - Casa típica do povoado do Manco. Pertenceu a senhora Gertrudes e depois a sua filha Soledade. Com uma porta e uma janela foi uma das primeiras casas que foi construída na formação do povoado. Foto 2022.



Figura 111 - Casa típica do povoado do Manco, em ruínas, uma das primeiras que foram construídas na ocasião do povoamento. Foto 2022.

A reconfiguração do Manco na perspectiva de ser visto com as características de um povoado é muito lenta e fluída. A herança social e econômica oriunda das contradições de classe e dos grupos de moradores da fazenda engenho Camuciatá estão presentes na sua formação e organização territorial. Um observador mais atento logo perceberá que as modificações a nível de cultura material e divisão espacial são pouco perceptíveis. Em uma análise mais crítica e aprofundada se percebe que as casas dos moradores do Manco são na sua essência e características uma espécie de continuidade das senzalas que arroteavam o sobrado, das casinhas espalhadas pelos pastos do Camuciatá e no entorno das casas grandes dos descendentes do barão. Da mesma forma que as habitações surgiram na beira das lagoas e aguadas da fazenda engenho de forma espontânea e desordenada, assim foram sendo construídas as casas do Manco, se diferenciando apenas de acordo com as pequenas diferenças econômicas oriundas dos trabalhadores do Camuciatá.



Figura 112 - Rua do Povoado do Manco com roças e casas no entorno. Foto 2022.

Na atualidade ao analisarmos o contexto dos moradores do Manco podemos observar claramente um vínculo com uma certa ordem social de origem: escravos e trabalhadores livres, na qual exerceram uma condição de

classe que vem do século XVIII e na contemporaneidade estão inseridos em outra realidade, com permanências, mas também com lentas transformações. Apesar de ter chegado à condição de povoado e sua estrutura atual ser a de uma comunidade composta de casas dentro de suas respectivas roças, sendo divididas por cercas, as permanências dos hábitos, costumes, saberes e fazeres, principalmente dos moradores com mais de 50 anos oriundos da fazenda engenho são tão fortes, que apesar do deslocamento geográfico, muitas vezes, guardando-se algumas peculiaridades, se tem a impressão de que ainda vivem nas terras do Camuciatá.

Mário Ângelo de Souza (76) com seu depoimento complementa e enriquece o contexto histórico que será a base do museu virtual e seus quadros de acervo descrevendo o cenário ao entorno das casas do povoado do Manco no começo de sua formação e muitas delas, independente da condição econômica do seu proprietário, mantêm traços de uma cultura material que reverbera através dos séculos. Ele afirma que quase todas elas eram arrodoadas por um quintal de cerca de madeira de candeia dispostas na vertical, juntas e paralelas uma à outra, de modo que não desse para entrar ou sair nem um animal. Era uma espécie de muro que servia as necessidades do mundo rural. Complementando Mário, sua irmã Ana de Agapito (86 anos) lembra que não faltava no fundo de cada casa um pequeno poleiro, espécie de galinheiro, feito com toras grossas de madeira, que ficava próximo a uma árvore onde as galinhas dormiam. Servia para se prender as que estavam pondo ovos e chocando para que a raposa não comesse os pintinhos.¹⁵¹ Durante o dia, soltas dentro do quintal com perus, galinhas d'angola e patos eram e são ainda hoje um dos principais alimentos da dieta da população local. Por lembrança do senhor Arnaldo Moura (80), os que tinham um pouco mais de recurso tinham também um pequeno "chiqueiro", local onde se criava os porcos, mais uma contribuição dos portugueses que após a implantação dos currais vão trazendo sua tecnologia rural para a criação de animais de pequeno porte para reforçar a alimentação (BOAVENTURA, 1989). Ainda hoje, em algumas casas no Manco encontramos os velhos chiqueiros. Seus proprietários abatem porcos em dias de domingo e vendem aos vizinhos. No local em que

¹⁵¹ Depoimento de Mário Ângelo de Souza, 76, em 22 de junho de 2022.

corta a carne se reúnem os moradores, funcionando como uma espécie de pequena feira. Esse costume mais uma vez é uma permanência do hábito dos moradores se reunirem na antiga fazenda Camuciatá em dia de domingo, embaixo de um centenário tamarineiro. Existia um enorme banco de madeira onde se cortava carne de gado de acordo com a quantidade que cada um solicitava.¹⁵² A vida rural tinha e tem poucas distrações e esse costume terminava sendo mais um espaço de socialização e de oportunidade para expressão das práticas culturais.

Apesar de diluídas e muitas vezes descaracterizadas, são muitas as práticas culturais encontradas na comunidade, que muitas vezes para um observador menos atento pode passar despercebidas em relação a sua origem e importância para se conhecer a história da região e fortalecer sua identidade. Apesar do uso do cavalo para o trabalho, para o transporte ou mesmo para o lazer ter diminuído significativamente está presente na memória coletiva. Atualmente pouco se usa o cavalo, por exemplo, para ir a feira de Itapicuru. Esse meio de transporte era no século XIX um privilégio dos fazendeiros e daqueles que serviam diretamente na casa grande do senhor. José Maria Romano Bento (78) relata esse cotidiano:

*A maior parte do povo ia a pé para a feira e um ou outro que tinha um cavalo ou burrinho ia montado. O velho Cazuza, Lourenço, Zé Vitório, Ozébio iam a pé. Serafim tinha um cavalo que ele colocava a cangalha e na volta da feira ajudava os demais pendurando suas mochilas e bocapios com as compras. No meio do caminho, depois que atravessavam a areia gorda, na altura da saída da Serra Velha tinha um cajueiro grande que era o ponto de descanso dos que iam andando e dos cavaleiros para depois continuar a caminhada pela estrada de tropa até chegar em casa.*¹⁵³

O uso do cavalo além de uma necessidade prática era o que se tinha em termos de transporte, além do carro de boi. Fora isso ninguém tinha carro, a

¹⁵² Depoimento de José Maria Bento (78), em 22 de junho de 2020 e de Marlene Monteiro Pinto Dantas de Carvalho, em 22 de junho de 2020.

¹⁵³ Depoimento de José Maria Romano Bento Batista, 78, em abril de 2020.

não ser João da Costa Pinto Dantas, filho do barão, que levou também um caminhão para sua fazenda no começo da década de 1920. Atualmente, apesar de forma diminuta, o cavalo continua sendo um elemento presente no trabalho e lazer dos itapicuruenses e dos moradores do Manco graças a herança de um contexto colonial.



Figura 113 - Carlos Augusto de Jesus Souza, morador do povoado do Manco montando em um burro embaixo de um cajueiro. Foto 2022.

Continuando a imergir no contexto da cultura local passemos para a culinária, onde o visitante do museu virtual ou aquele que preferir ir pessoalmente ao povoado irá encontrar Maria José Alves Santana Batista, 54, conhecida como Bize sentada no quintal de sua casa em um tamborete de madeira ao lado de um tacho de cobre em cima de três pedras com o fogo acesso embaixo fazendo várias espécies de doce. Nessa prática cotidiana ela atualiza um aprendizado adquirido e transmitido pela sua mãe e avó quando eram doceiras do sobrado do Camuciatá e aprenderam de Ana Adelaide, que aprendeu da baronesa de Jeremoabo. Essas transmitiram a técnica da doceria portuguesa utilizando como ingredientes as frutas locais, matéria prima indígena. Após o aprendizado a produção continuou através das mãos negras e depois mulatas das descendentes das africanas. Nesse exemplo observamos a realização de uma prática cultural pluriétnica no Manco, que vem do Camuciatá e é vivenciada através das gerações em uma dinâmica que retrata a realidade da vida na comunidade e das trocas culturais nela existente. Nesse

sentido, a doceira Bizé, não deixou de ser negra e índia, mas continua carregando em si um pouco de cada das heranças culturais herdadas, na medida em que traz no corpo e na alma expressões desses povos. Dentro da proposta de interatividade do museu a ser construído o visitante poderá clicar em uma caixa de diálogo onde verá a personagem Bizé dizer que sua bisavó aprendeu essas receitas quando trabalhava no sobrado e que essa ensinou a sua avó e a sua mãe. Em seguida informará os tipos de doce que ela faz. Será disponibilizado também um tópico com algumas receitas centenárias dos doces produzidos no Manco que são originários da cozinha do sobrado do Camuciatá.¹⁵⁴



Figura 114 - Tacho de cobre sobre lenha entre pedras no processo de fabricação de um doce de goiaba. Foto 2022.

Com mais esse exemplo mostramos como o povoado do Manco se torna o local mais concreto e atualizado da práxis vivida há quase trezentos anos no Camuciatá. Poderemos ter a impressão de que muitos dos exemplos citados nesse subcapítulo são ipis literis os que foram citados no capítulo do contexto da fazenda engenho. Eles são os mesmos, mas com adaptações e pequenas transformações que dentro da proposta dessa tese valem a pena serem citados

¹⁵⁴ Doce de: Leite, goiaba, banana, umbu, ambrosia, carocinho, mamão verde, cumбуquinha, cocada branca, cocada preta, jaca, groselha, batata, caju, entre outros.

e novamente analisados. O museu virtual planejado em uma dimensão de construção coletiva com a comunidade permitirá através do dialogismo bakhtiniano trazer à tona contextos do passado que se atualizam no presente e se projetam para o futuro (BAKHTIN, 2013). Hoje, com a venda de 90% das terras da fazenda e o afastamento da maioria dos descendentes do barão da região ¹⁵⁵os moradores do Manco falam pelo índio e pelo negro, mas também pelo branco, pois são a memória viva do convívio com a família do barão e, portanto, absorveram elementos da cultura portuguesa que se abasileiraram, mas não se perderam no tempo e no espaço. Tomaram uma nova feição ganhando cores e ritmos que lhes ressignificam pois abre espaços para outras práxis e lhe dão uma dimensão maior se tornando pluriétnica e diversificada se tornando a mais pura expressão do ser brasileiro. É nosso objetivo retratar no museu virtual essa realidade plural e polifônica.

Visto o exposto, o último grande espaço do museu a ser construído - o povoado do Manco - contou com as contribuições dos moradores na fase inicial da pesquisa e de construção do contexto e do quadro de acervo. Essa participação se deu através do diálogo constante entre o pesquisador e os habitantes locais. Graças a eles e a memória coletiva podemos inserir no rol de sujeitos históricos que irão compor nosso museu personagens esquecidos que não tinham mais voz e no entanto foram e são protagonistas dessa história: Madalena Bento Batista (99 anos), parteira; Antônio Roseno Bento Batista (92 anos), roceiro; José Santana (falecido com 89 anos), zabumbeiro e trabalhador em várias funções; José Claro da Gama (76), produtor de farinha; Marizete Santos Batista (67 anos), artesã; Maria José Alves Santana Batista (54), doceira; João Batista de Jesus Souza (50 anos), carreiro; Adelson Bento de Santana, aboiador; Mario Ângelo de Souza (72), contador de histórias. Todos

¹⁵⁵ Em 2011 o autor desse trabalho organizou o primeiro encontro da família Dantas e descendentes do barão de Jeremoabo no sobrado da fazenda Camuciatá. O objetivo desse encontro foi proporcionar o retorno da família a sua origem. Os mais velhos puderam rememorar tudo que viveram quando a propriedade ainda era um engenho de açúcar e reencontrar antigos moradores que conviveram com eles a mais de 70 anos atrás. A iniciativa permitiu também que muitos descendentes do barão nascidos após a década de 1970 e que nunca tinham ido ao Camuciatá tivessem a oportunidade de conhecer a fazenda, suas histórias e tradições. O evento permitiu o reencontro dos descendentes do sesmeiro Francisco Gonçalves Leite e do procurador da Casa da Torre Baltazar dos Reis Porto com os descendentes dos escravos do capitão mor João d'Antas dos Imperiais Itapicuru e com os trinetos dos índios Quiriris. Em 2021 o evento aconteceu na sua 10 edição já reunindo não só membros da família e moradores do Manco, como também pessoas residentes em Itapicuru, se tornando e se consolidando como um evento cultural da região.

eles nasceram e foram criados no Camuciatá e carregam dentro de si três séculos de história e um pouco da influência dos Kiriris, da missão de Nossa Senhora da Saúde; dos negros escravizados do engenho e do sangue do português presente no projeto de colonização e povoamento.

Espalhados apenas pelas três ruas do Manco formam uma comunidade pluriétnica que é o retrato da sociedade do agreste e vale do Itapicuru, bem como de todo o nordeste da Bahia. Casa de farinha, plantações de mandioca, milho e feijão, terreiro para bater o feijão, cortiços de mel, mulheres fazendo redes, esteiras, bocapios, aiós, colchas de retalho, fifós, potes de barro, bordados, tudo isso são elementos que fazem parte da cultura local e são vivenciados pelos personagens através de um aprendizado que foi lhes transmitido pelos seus avós e bisavós, mas que continuam fazendo parte dos saberes e fazeres domésticos dessa comunidade. Essa riqueza e diversidade de práticas culturais foi relacionada pelos que contribuíram com a pesquisa e que com orgulho fizeram questão de expor e pedir para que fossem inseridos nos quadros do acervo do museu.

O engajamento da comunidade foi tão grande na fase da construção do contexto que antes de finalizar esse capítulo vale apenas compartilhar mais alguns elementos presentes na vida dos comunitários e que foram destacados espontaneamente por eles. Ressaltamos a produção econômica que é baseada na agricultura de subsistência e em produtos que são cultivados desde o Brasil Colônia como a farinha, o feijão e o milho, alimentos básicos da dieta alimentar da população rural do país. Assim se expressa o sr. José Santana, 88 anos, confirmando essa realidade:

Tendo farinha e feijão nós passamos. Se Deus mandar um inverno bom é garantido. Carne é mais difícil, a carestia é grande e fica cara para comprar toda feira. A mistura é com a farinha mesmo e quando podemos compramos rapadura que ajuda na mistura (...)



Figura 115 - Sacos de farinha, feijão e milho sendo comercializados na feira de Itapicuru. Foto 2022.

Aproveitando a fala do sr. José Santana trazemos o contexto da produção da farinha que foi baseado em relatos detalhados transmitidos pelos atuais moradores. No Manco, atualmente, existem 04 casas de farinha,¹⁵⁷ das mais de 10 que existiam no Camuciatá. Espalhadas estrategicamente pelo espaço geográfico da comunidade atendem as necessidades da população local. Apesar de funcionarem nos moldes de uma indústria de transformação são bem artesanais, sendo todas as etapas da produção feitas de forma manual. A partir dos diálogos estabelecidos com os moradores e da observação da produção percebe-se no processo uma prática que traz em si características de uma divisão social do trabalho comunitária e da chamada “economia solidária”. Os moradores do Manco para produzirem a farinha se organizam para se ajudarem mutuamente. Fazem os chamados “Batalhões” que eram feitos desde os tempos antigos da fazenda engenho Camuciatá, bem como em toda a região de Itapicuru.¹⁵⁸ Hoje esta prática cultural está presente no calendário de eventos culturais de Itapicuru e é conhecida como “Cantadores de Batalhão”. Rita Brito, Secretária de Lazer, Esporte e Cultura explica o que significa essa manifestação multissecular:

¹⁵⁷ As casas pertencem a João Ângelo de Souza (Bisuga), José Claro da Gama (Zé Grilo), Conceição de Zé de Ângelo e Valdenira e seu neto Jorge. Depoimento de José Maria Romano Batista, em maio de 2020.

¹⁵⁸ Depoimento de José Claro da Gama, 76, em maio de 2020.

Durante os batalhões, hoje conhecido como mutirões em atividades rurais existiam pessoas incentivadoras que levavam a cachaça e distribuía entre os adjitadores cantarolando versos e prosas, o que dava incentivo aos mesmos. ¹⁵⁹

José Maria Romano Bento (78) descreve detalhadamente o plantio, a produção da mandioca e alguns detalhes práticos de como acontecia o batalhão:

Planta a mandioca a partir de maio ou junho. Agosto já tá grandinha. Setembro e outubro arrancam, e já está pronta para fazer a farinha. É a época melhor porque ela já está mais seca. Primeiro arranca a mandioca. Junta muita gente para rapar, até 40 a 50 pessoas. Para arrancar e rapar todo mundo ajuda reunido em batalhão. Vai de uma casa de farinha para a outra para ajudar. Para fazer a farinha mesmo só fica umas 03 ou 04 pessoas. Duas pessoas para ralar e depois tirar a massa. Depois a massa vai para prensa e já saí enxuta, depois peneira e vai para o forno redondo para torrar e ensacar.

O batalhão mesmo é para arrancar e rapar a mandioca. As vezes raspa três ou quatro carroças de mandioca. Depois o dono da casa de farinha serve para o pessoal do batalhão café, bolo, biscoito, suco. ¹⁶⁰

¹⁵⁹ Depoimento de Rita Brito Fonseca, secretária de Lazer, Esporte e Cultura de Itapicuru, em junho de 2020.

¹⁶⁰ Depoimento de José Maria Bento Batista (78), em maio de 2020.



Figura 116 - Fachada da Casa de Farinha do povoado do Manco. Foto 2022.

José Claro da Gama, 76 anos, o morador do Manco que tem a casa de farinha mais antiga da comunidade explica que apesar da divisão das tarefas envolver toda a comunidade, através dos batalhões, a produção nas casas de farinha são uma forma de se obter uma renda a mais para a família do proprietário:

O morador que vai fazer farinha paga o débito. Em cada saco de farinha de 80 litros o morador paga 20 litros por saco. 60 litros é do dono da mandioca e 20 litros é o da casa de farinha. Em cada 04 sacos a casa tem um completo. ¹⁶¹

Os batalhões acontecem também no plantio do feijão, do milho, do capim, nas roças e até na construção de casas. No labor do trabalho cotidiano a produção econômica é permeada com práticas culturais. Em todo o processo os participantes recitam e cantam versos e músicas que retratam a cultura da população que mais uma vez se mostra como plural, pois contém elementos das etnias do índio, do negro e do português. A letra e a melodia comprovam

¹⁶¹ Depoimento de José Claro da Gama (76), em junho de 2020.

essa diversidade que durante séculos vem ressoando nos ouvidos dos moradores, sendo transmitidos de geração em geração:

A partir da convivência e do diálogo estabelecido com a população local muitos outros elementos foram percebidos e acrescentados como importantes para comporem o quadro de acervo do museu já que fazem parte do cotidiano e das práticas culturais vindas dos seus antepassados. Andrea Souza Silva, 45 anos, conta que ainda usa vassoura de Velandinho para varrer o terreiro, que era utilizada por sua avó Madalena e segundo ela acredita-se ser legado dos índios que tinham os terreiros em frente as ocas mais limpas e bem varridos do que muitas casas atijoladas da região. ¹⁶² Também Andrea ainda faz bonequinhas de pano, uma imitação das bonecas de louça que as filhas das sinhazinhas brincavam na casa grande do Camuciatá. Sua avó Madalena aprendeu fazer e adaptou para um material mais barato, de pano de chita, para reproduzir para suas filhas e netas. Legado português sendo reinventado e reverberando em mãos afro-brasileiras no Manco do século XXI.



Figura 117 - Vassoura de Velandinho utilizado para varrer o chão das casas do povoado do Manco. Foto 2022.

Em um contexto com tanta cultura, de mais permanências do que rupturas é que a comunidade do Manco começa a reconhecer a importância do aprofundamento do conhecimento e ressignificação de sua história para que as gerações mais novas que já nasceram no povoado se apropriem deste legado

¹⁶² Depoimento de Andrea Souza Silva, em junho de 2020

de vida e tomem consciência de que seus pais e avós foram corresponsáveis pela construção dela e de que a práxis de novos processos históricos depende deles na medida em que se reconheçam como sujeitos de sua própria história e assumam seus papéis como agentes transformadores da realidade.

Nesse sentido, a construção do Museu Virtual da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciatá e Povoado do Manco só pode ser pensado em uma perspectiva dialógica e de construção coletiva e colaborativa que envolva os moradores do Manco, pois eles são as principais vozes dessa cultura pluriétnica que foi moldada como um grande mosaico desde os tempos da antiga fazenda engenho e transferida para o seu entorno na medida em que eles foram migrando para as terras do futuro povoado. As vivências traduzidas em práticas concretas de vida e outras reveladas pela memória foram fontes essenciais para respaldar a pesquisa e o contexto histórico desenvolvido nessa tese e dando vida e sentido as mesmas.

Na perspectiva de contexto que estamos construindo, seguindo o roteiro dos espaços do museu a ser construído, ao chegar no momento da contextualização do povoado do Manco escrevemos o texto acima como resultado da pesquisa empreendida com o objetivo de coletar as peças de acervo que foram citadas nas páginas 199 a 228 e serão relacionadas no quadro de acervo do povoado do Manco. O quadro se encontra no Anexo A “Quadros do designer do acervo do museu virtual, em foto e vídeo, da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciatá e Povoado do Manco (MVICM)”.

Tendo finalizado a elaboração do contexto e dos quadros de acervo contendo as peças sugeridas para compor o museu virtual aqui proposto, no próximo capítulo vamos desenvolver os princípios teóricos e o conceito do museu virtual trazendo os pressupostos que irão fundamentar nossa abordagem. Ressaltamos que apesar de já ter apresentado diversos elementos que farão parte do museu eles não são definitivos pois ainda está em processo de construção o designe cognitivo que será elaborado a partir dos princípios teóricos adotados nessa tese, a saber o socio construtivismo, o dialogismo, a polifonia bakhtiniana, o sujeito historiador de si mesmo, aliados a dimensão da história pública.

10. Um museu virtual com uma abordagem socioconstrutivista, embasado no contexto sócio-histórico e construído de acordo com a memória coletiva a partir da interconexão entre sujeitos de diferentes épocas inseridos nos pressupostos da dimensão da história pública e articulado ao turismo de base comunitária.

10.1 A abordagem socioconstrutivista no museu virtual em foto e vídeo: interatividade e colaboração.

Com a realização da pesquisa do contexto durante três anos de trabalho nos aprofundamos no conhecimento e nas práxis vivenciadas pelos comunitários e moradores da região que vão estar presentes nos quadros de acervo que irão formar o museu virtual em foto e vídeo construído a partir de uma abordagem socioconstrutivista que é a base teórica da realização da pesquisa, a escrita do contexto e a posterior montagem da proposta do software educacional.

É válido fazer algumas considerações sobre as características gerais do sócio construtivismo e de como a abordagem fundamentou as etapas que antecederam a elaboração do nosso museu virtual, considerando que os ambientes digitais educacionais são instrumentos de mediação e interatividade. Em primeiro lugar lembramos que os referenciais teóricos do sócio construtivismo estão fundamentados nas reflexões de Vygotsky (VYGOTSKY, 2009) e Bakhtin (BAKHTIN, 2003). O primeiro ponto a ressaltar no que diz respeito a utilização da abordagem aqui considerada na construção do contexto, quadros de acervo até o designer do museu virtual é que a produção do conhecimento foi feita levando-se em conta as múltiplas interações que se deram entre cada indivíduo com o meio e realidade social que estão inseridos através do incentivo de um diálogo constante que conduzisse a busca de descobertas e redescobertas e na conclusão pudesse levar a reflexões a respeito de soluções práticas para as dificuldades e problemas da vida cotidiana que vieram à tona com as discussões suscitadas. Nesse sentido, o contexto, os quadros elaborados e o designer foram construídos passo a passo levando-se em consideração que o ser humano é em sua essência colaborativo e que através de sua vivência social, com suas experiências e práticas,

fortalece sua comunidade e pode fornecer subsídios para que ela seja estudada, analisada e pesquisada.

Aprofundando um pouco mais o entendimento dessa abordagem na construção do contexto, quadros até o designer do museu entendemos que ela proporciona um engajamento entre o conhecimento representado pelo museu e o mundo concreto e cotidiano dos sujeitos que com ele interagem. Com isso não se espera encontrar no museu elaborado ambientes e situações pré-estabelecidas e impostas de uma forma estática, muito pelo contrário o espaço foi delineado através das discussões trazidas pelas trocas e experiências de vida dos sujeitos envolvidos no processo, por isso mesmo como lembra Matta, “a proposta sócio construtiva parte do princípio da construção e reconstrução contínua das propostas e modelos, já que tudo depende dos sujeitos envolvidos e do contexto” (MATTA, 2011, p. 9).

A escolha pela abordagem socioconstrutivista pressupôs adotar alguns aspectos que estão presentes na sua filosofia de construção do conhecimento e que foram utilizados na elaboração do designer desse museu. Destacamos nesse subcapítulo os que usamos de acordo com as necessidades surgidas a partir da prática concreta do estudo, da pesquisa, da troca com a comunidade e da própria construção do designer do museu. Ao ter acesso ao equipamento museológico o visitante estará inserido naturalmente nos aspectos e características que moldaram essa caminhada.

Ressaltando-as aqui, ao mesmo tempo resumiremos as principais características presentes na abordagem socioconstrutivista adotadas nessa pesquisa contextualizada e aplicada. A primeira delas foi a interdisciplinaridade. A construção desse museu necessitou da presença, da troca e do diálogo de diferentes áreas do conhecimento. Foram envolvidos no processo profissionais da área de história, museologia, turismo, arquitetura, arqueologia, tecnologia da informação, pedagogia, artes visuais, entre outros. Cada um na sua área específica deu sua contribuição para a construção do designer do museu e graças a essa troca temos um modelo que é capaz de abrigar as diferentes demandas trazidas tanto pelo autor/pesquisador, como pelos sujeitos coautores e usuários. Apenas um profissional de História ou de outra área não iria dar conta de responder aos questionamentos, elaborar perguntas, suscitar

problematizações e até soluções compartilhadas se estivesse trabalhando de uma forma isolada.

Outra característica importante dentro da abordagem socioconstrutivista presente na construção do museu foi a interação. A interação social (CARVALHO; MATTA, 2008), é um aspecto que deve ser levado em conta tanto na escrita e nos elementos do contexto selecionados, como também por parte do designer no momento da construção do museu. Nesse sentido, a estratégia principal como pesquisador foi estar atento as relações entre o ex-morador do engenho Camuciatá e atual residente no povoado do Manco, com o seu labor cotidiano, suas relações concretas de reprodução da existência considerando contradições, expectativas e interesses, transformando o fruto desse conjunto de interações em elementos do contexto que vão sendo construídos gradativamente a partir dessa proposta. Esse formato reflete as interações sociais estabelecidas no designer do museu.

O aspecto da interatividade também está presente. Nesse momento é válido lembrar que a proposta da construção do espaço do museu virtual se configura dentro de uma perspectiva dialética. Para clarear o entendimento trazemos o conceito de zona de desenvolvimento imediato (ZDI) (VIGOTSKY, 2009) adotado na construção desse museu. Explicamos essa característica com o exemplo que segue: quando o morador do povoado do Manco fabrica a sua farinha e o beiju, prática de sua vida concreta e leva esse produto para ser consumido na casa grande da fazenda ele está compartilhando a experiência de sua prática social com outros sujeitos que possuem uma cultura e modo de reproduzir sua existência diferentes, mas nessa troca estabelece-se um momento de compartilhamento e um instante de encontro (MATTA, 2009). Acontece a práxis coletiva através da troca de experiências dos sujeitos da comunidade com os descendentes dos proprietários do engenho, criando condições para a construção de conhecimento e reflexões sobre problemas vindos à tona a partir do diálogos estabelecidos.

Outra característica importante da abordagem socioconstrutivista é a preocupação com a contextualização do objeto de estudo que será a base para a elaboração dos quadros de acervo e o designer do museu. Esse aspecto cria uma rede relacional de conhecimento que coloca o nosso objeto conectado a

história do mundo, de Portugal especificamente, do Brasil, da Bahia e da região onde está inserido. A abordagem dialética na perspectiva de Vygotsky está presente em todas as etapas de construção dessa tese. Em relação a contextualização ela é fundamental porque “torna essencial ao socio construtivismo localizar a base concreta da cognição”. (MATTA, 2011, p. 10). Nesse sentido, o desenho deste museu virtual foi pensado e desenvolvido a partir do ambiente real, do contexto histórico e das práticas sociais concretas dos sujeitos que estão inseridos e envolvidos no meio estudado e analisado.

De acordo com os pressupostos da abordagem socioconstrutivista a mediação é outro aporte conceitual que contribuiu para o desenvolvimento deste trabalho. Para isso, de uma forma consciente e pensada e através de um método sistemático foram se elaborando estratégias para que a mediação fosse possível de ser efetivada (GRAMSCI, 1978). Quando colocamos no designer do museu a possibilidade do sujeito/usuário, afrodescendentes, visitar e conhecer as coleções de fotos e vídeos referentes ao antigo engenho de açúcar ele se verá inserido em um contexto histórico e social mais amplo que era o da escravidão e que havia imposto a seus antepassados uma condição de existência. Ao mesmo tempo o sujeito será capaz, graças ao ambiente de mediação criado, de trazer para aquele contato com a realidade de seus antepassados, que se reflete no seu contexto de vida atual, o seu conhecimento próprio advindo de suas experiências e vivências sedimentadas na sua práxis social. Nesse sentido, ao visualizar no museu os registros referentes a cultura africana como um batuque feito por negros no alpendre de uma senzala vai perceber e sentir viva sua cultura, que apesar de estar condicionada as práticas coletivas do contexto social externo está presente e traz em si todo significado e representatividade da sua própria existência. Nesse momento acontece o encontro, o engajamento na chamada Zona de Desenvolvimento Imediato que vimos presente no conceito da interatividade e que propicia o encontro de conhecimento comuns que apesar de situados em tempos históricos diferentes chama a atenção para a permanência de uma identidade que se traduz na cultura e nas formas de resistência do negro através dos seus batuques que continuam acontecendo nos dias atuais e interage e reage com as práticas coletivas de um contexto social mais

abrangente, na qual está incluído. Matta diz que “projetar os momentos e situações de mediação é o momento que vai se construir a arquitetura do encontro” (MATTA, 2009, p. 12).

Os princípios do socio construtivismo interagem entre si e se complementam na medida em que estão encadeados em uma lógica conceitual que irão facilitar a abordagem de uma metodologia aplicada que foi proposta para ser utilizada nesta tese. Nesse sentido estão interligados, sendo a colaboração também uma das características importantes dessa abordagem adotada. O museu virtual a ser construído não se propõe a ser um modelo estático. Muito pelo contrário o seu projeto foi pensando de uma forma dinâmica e colaborativa. O contexto que o fundamenta e os elementos que o compõem foram selecionados através das pesquisas realizadas pelo autor/pesquisador e de acordo com a contribuição de todos os sujeitos envolvidos no processo histórico e social que estão inseridos. Nele estarão refletidas as contradições da vida presente próprias das condições concretas da luta pela sobrevivência. Os sujeitos/usuários que irão visitá-lo vão se deparar com conteúdo, imagens, vídeos que traduzem realidades que poderão levar a reflexões sobre suas condições de existência e isso levará a questionamentos que buscam respostas a problemas e situações que a interação com o museu poderá ajudar a solucionar através da conscientização da importância de se conhecer a história de vida dos sujeitos históricos envolvidos e da comunidade de prática. Isso é uma tarefa colaborativa.

O museu virtual da vila de Itapicuru, fazenda engenho Camuciatá e povoado do Manco elaborado, nas suas etapas de construção buscou envolver a coletividade presente do espaço territorial em que foi projetado. Para isso, na construção do seu contexto, levou em consideração os princípios da abordagem socioconstrutivista já apresentados nesse subcapítulo e que facilitaram a realização do desafio de considerar os múltiplos aspectos do coletivo no produto. Nesse sentido, o museu foi construído, desde a sua concepção até a fase em que foi disponibilizado para o público em uma perspectiva interdisciplinar e envolvendo os grupos, o que se configura como uma construção social. É claro que um trabalho que se pressupõe coletivo e levou em conta a presença social teve que enfrentar os desafios das diferentes

formas de pensar, de conceber a realidade e de atuar no mundo em que vive. Essa realidade levou a necessidade de criar meios de dialogar com o complexo mundo da coletividade na sua dinâmica, considerado no museu. Como um instrumento de aprendizagem colaborativa o museu a ser construído foi projetado e é capaz de reproduzir os possíveis conflitos surgidos da multiplicidade dos conhecimentos contemplados e os choques de interesses afetivos, emocionais, oriundos da riqueza da dinâmica coletiva. Essas considerações indicam a presença da colaboração como aporte importante na dinâmica do museu.

Chegando à conclusão desse subcapítulo onde trouxemos a reflexão sobre a utilização da abordagem socioconstrutivista e seus princípios na construção desta tese, um museu virtual a ser projetado através de foto e vídeos contendo filmagens, documentários, depoimentos, onde todos os recursos e produtos apresentados foram pensados e materializados sob a ótica da perspectiva socioconstrutivista, o seu designer cognitivo foi perpassado por essa influência e apresenta esse padrão de uma forma evidente.

Em cada etapa do designer do museu construído, nos seus recursos, elementos visuais, metodologia adotada, personagens ativos e dialogantes, encontramos as características da referida abordagem como interação, interatividade, contexto, metacognição e colaboração. Todas utilizadas na construção do contexto, dos quadros de acervo e no designer cognitivo de uma forma rigorosa e científica onde a produção da pesquisa, a escrita e outros produtos que foram surgindo foram realizados desde o nascedouro do projeto de uma forma coletiva, colaborativa e interdisciplinar.

Tudo que está presente no contexto que fundamentou a elaboração dos quadros de acervo e o designer do museu foram construídos através dos parâmetros desses princípios que contribuíram para trazer representações de soluções socioconstrutivistas que ao nosso ver são de extrema importância para a eficácia das soluções sugeridas como a possibilidade de se tornarem instrumentos de aprendizagens e de difusão do conhecimento que não seria possível de serem encontradas em outras abordagens teóricas.

10.1.1 O sujeito social pensando historicamente – historiadores de si mesmo.

O pensar histórico é mais um dos princípios que foi utilizado para a construção deste museu virtual. Composto a base epistemológica desse instrumento tecnológico dialoga com a abordagem socioconstrutivista que é a principal base teórica desse trabalho. O conceito foi desenvolvido pelo canadense Robert Martineau (1997), que em sua tese de doutorado traz importantes reflexões a respeito deste princípio na utilização do ensino de História.¹⁶³ Ampliamos o uso desse conceito para elaboração de instrumentos didático-pedagógicos como no presente trabalho, que podem ser utilizados também no processo de ensino e aprendizagem.

Para aprofundar um pouco mais a questão do pensar histórico e consciência histórica (BARCA, 2010) que cada sujeito pode desenvolver acreditamos que qualquer ser humano tem algo para aprender, mas também a ensinar. Podemos dizer, que essa característica está presente em todos os homens, porque segundo Gramsci (1989), todos são intelectuais na medida em que de alguma forma dão sua contribuição através da cultural ao mundo que o rodeia.

Nessa perspectiva consideramos o morador do povoado do manco, personagem desse museu, no mesmo nível de conhecimento, por exemplo, de outros intelectuais acadêmicos que contribuíram com essa tese, mudando apenas o contexto em que cada um está inserido. Afastamos assim a noção de superioridade, advinda muitas vezes de questões de classe e que terminam interferindo no modo como se considera as fontes e o processo de construção do conhecimento.

A aproximação, através do diálogo, com os sujeitos coparticipantes da construção desta solução tecnológica permitiu que despertássemos neles a consciência das suas possibilidades em conhecer a sua própria história, bem como da comunidade e do contexto que o envolve. Com isso eles vão

¹⁶³ MARTINEAU, R. L'Echec de l'apprentissage de la pensée historique à l'école secondaire. Contribution à l'élaboration de fondements didactiques pour enseigner l'Histoire. 1997. Tese (Dout. em Educação)-U. Laval.Quebec.

apreendendo a dar significado e valor a sua própria história, a seus saberes e fazeres. Para isso, a concepção de saber, de conhecer e de cultura foi democratizada e igualada, por exemplo, naquilo que se convencionou chamar de cultura erudita e cultura popular, deixando de existir essa categorização como parâmetro para critérios de escolha dos elementos que compõem o museu virtual.

No desenvolvimento do próprio conhecimento, os sujeitos do presente precisam estar conscientes de outro princípio socioconstrutivista, inerente ao ser humano, que é “a capacidade de autogestão mental de sentirmos os êxitos e as dificuldades do processo cognitivo” (Souza, 2016), que é a metacognição. Esse princípio socioconstrutivista vigotskiniano complementa e dialoga com a definição de Gramsci (1989), de “intelectual orgânico” e o pensar histórico de Martineau (1997).

Consciente da possibilidade de se pensar historicamente e de produzir seu próprio conhecimento consideramos que a singularidade de cada sujeito é que deu significado as contribuições e elementos trazidos pelos mesmos para compor o designer cognitivo do museu. No entanto, essa singularidade não significa individualidade, pois os conhecimentos foram trabalhados levando em conta o coletivo. (GOMES, 2017, p. 210). Nesse sentido, é a partir da forma como a solução mediadora do museu da vila de Itapicuru, fazenda engenho Camuciatá e povoado do Manco foi construída é que podemos observar, através das relações estabelecidas entre o sujeito/personagem e os atores históricos do presente a presença dos princípios que defendem o “autoconhecimento” de cada indivíduo e sua elaboração a partir das redes que vão estabelecendo e criando nexos, baseado no contexto da vivência individual que formam uma coletividade.

O engajamento oriundo dessa realidade traz em si diferenças e contradições próprias das singularidades de cada sujeito. Apesar da percepção da importância da coletividade, elas foram consideradas dentro do todo no presente museu permitindo que cada sujeito se perceba como colaborativo e diferente e que contribui para o mosaico do designer cognitivo através de sua historicidade, das heranças que recebeu através das gerações que lhe antecederam e que contribuem para o aprendizado do outro. (GOMES, 2017, p. 211).

Esse autoconhecimento do sujeito, seja ele o personagem ou o ator do presente, está de acordo com o que Vygotsky (2009) teoriza, que o sujeito possui autonomia, ou seja, ele não é fruto de uma realidade que lhe é imposta de cima para baixo, mais a sua existência e seu aprendizado são construídos a partir da rede de colaboração que estabelece com o outro e com o ambiente que o cerca, portanto, apesar do autor/pesquisador ter sido aquele que sugeriu o designer e sua arquitetura, essa foi constantemente modificada e adaptada a partir da colaboração dos sujeitos envolvidos no processo.

Como em alguns trabalhos já feitos por componentes do grupo de pesquisa,¹⁶⁴ sob a liderança e orientação do prof. Alfredo Matta adotamos nessa tese os princípios socioconstrutivistas, que Maria Antônia Lima Gomes (2017), resume com muita propriedade,

(...) optamos, pelos princípios encontrados em Vygotsky (2007, 2008, 2009), que considera o homem como ser social e nos dá o respaldo para a conexão com o dialogismo em Bakhtin (2005, 2010), com o problema histórico e o sujeito historiador de si mesmo no Pensar Histórico de Martineau (1997), considerando que todos esses princípios estão apoiados pela materialidade histórica (práxis)” (GOMES, 2017, p. 213).

Nesse sentido, a influência da abordagem socioconstrutivista, o dialogismo de Bakhtin e a consciência de ser um sujeito historiador de si mesmo, juntamente com todos os envolvidos e coparticipantes na solução do software, nos levou a conduzir o designer sob a ótica do pensar histórico de Martineau (1997). Adotamos os aspectos principais dessa teoria que passou também a ser mais uma entre os princípios que embasam o museu, que apesar de autônomos, estão fortemente ligadas entre si. Desse modo, podemos dizer que o pensar histórico dialoga com todos os princípios adotados nessa tese e em consonância com os demais tem no fundo uma abordagem materialista histórica e dialética.

Para entender esse conceito desenvolvido por Martineau (1997) e como ele foi utilizado nesse trabalho se faz necessário acompanhar a pesquisa que

¹⁶⁴ Grupo de pesquisa Sociedade em Rede – Pluralidade Cultural e Conteúdos Digitais Educacionais. (Universidade do Estado da Bahia).

ele desenvolveu no Canadá para sua tese de doutoramento na área de educação e história em seguida ver sua importância na solução de construção da unidade de aprendizagem aqui desenvolvida.

O cerne da questão foi o de inserir nos sujeitos/personagens e principalmente os sujeitos do presente uma nova forma de entender a sua própria História. Foi preciso se fazer uma inversão radical na forma de compreensão da História, onde a partir dessa ótica as respostas deveriam partir dos questionamentos e problemas do presente e não mais através dos fatos e acontecimentos do passado. É uma nova forma de abordagem que se contrapõem a historiografia tradicional e que Lucien Lefebvre foi um dos pioneiros a discutir esse novo entendimento. Maria Antônia Gomes, resume essa compreensão inovadora da história que começou a partir da segunda metade do século XX,

Para que o indivíduo desenvolva o raciocínio histórico, é necessário levantar questões a partir do presente para responder as questões do passado, e não como estava estabelecido até então, a partir do passado para responder ao presente. (GOMES, 2017, p. 223).

O levantamento de questões a partir do presente certamente surgirão a partir do cotidiano de cada indivíduo, com suas dificuldades e contradições e portanto oriunda dos problemas concretos. Dessa forma adotamos o pensamento de Lefebvre que diz que sem problema não há História. Na última década do século XX Martineau (1997) adota essa perspectiva da problematização da história e a partir daí fundamenta o conceito do Pensar Histórico.

A aplicabilidade desse princípio nas soluções práticas apresentadas no museu reflete em uma unidade de aprendizagem onde a História não é apresentada de uma forma pronta e acabada, muito pelo contrário ela é processual e os elementos presentes são fruto do engajamento dos sujeitos históricos envolvidos e suas problematizações levantadas, a partir da conscientização de que são atores da sua própria trajetória de vida e de sua comunidade.

Através da relação dialógica e desenvolvendo a autonomia dos sujeitos adotamos os princípios utilizados na tese de Martineau ¹⁶⁵para que os atores presentes no museu se transformassem em historiadores de si mesmo. Desse modo, as suas contribuições para o presente museu são fruto da interpretação que fazem de sua realidade, graças a liberdade que são dotados e o engajamento na construção da solução de modelagem, se tornando efetivamente, mais uma vez repetindo, historiadores de si mesmo.

Concluimos que os moradores do povoado do Manco, descendentes da antiga fazenda de gado e engenho de açúcar foram coautores e coparticipantes da solução de construção desse museu, pois a partir do momento em que foram capazes de se perceber como atores de sua própria história se viram no presente como um reflexo dos que lhe antecederam nos séculos XVIII e XIX e a partir daí se sentiram envolvidos e motivados a investigar sua historicidade, colocando as questões problemas das suas realidades atuais e buscando respostas e apresentando soluções no contexto e elementos apresentados no museu, como, por exemplo, na senzala ao lado do sobrado, na própria casa grande, na casa de farinha, nas suas roças e plantações, no samba de roda, na falta de trabalho, no candomblé e em tantas outras realidades que sendo problematizadas o ajudaram a entender o seu papel no mundo que o cerca e com isso os capacitando a criticar, interpretar e trazer novas soluções para sua vida concreta. Imbuído dessa proposta e aberto a essas possibilidades se construiu esse instrumento de ensino e aprendizagem – o museu virtual da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciatá e Povoado do Manco.

10.2 O dialogismo e a polifonia de Bakhtin aplicada ao desenvolvimento do museu virtual da vila de Itapicuru, fazenda engenho Camuciatá e povoado do Manco.

Os princípios socioconstrutivistas, com suas características, estão em consonância com o entendimento de uma dinâmica dialógica presente no contexto elaborado, nos quadros de acervo e no designe cognitivo do museu

¹⁶⁵ 1) formular hipóteses a partir de questões problemas; 2) criticar fontes de informação; 3) interpretar informações e tirar conclusões e 4) elaborar síntese interpretativa (MATTA, 2006).

construído, principalmente através dos conceitos de colaboração e interatividade vistos no subcapítulo anterior. Neste momento vamos apresentar um pouco dos referenciais teóricos do dialogismo e da polifonia Bakhtiniana e como eles estiveram presentes em todas as etapas do desenvolvimento do museu virtual.

Mikhail Bakhtin, filósofo e pensador russo, se tornou um clássico do pensamento filosófico no que diz respeito ao discurso literário, no entanto foi grande a sua colaboração no que se refere ao entendimento da importância da interdisciplinaridade na caminhada da construção do conhecimento. Se debruçando nas obras de Dostoiévski desenvolve uma interpretação onde a polifonia passa a ser a principal característica dos seus romances.¹⁶⁶

O próprio Bakhtin, em 1961, faz um artigo sobre os Problemas da poética de Dostoiévski.¹⁶⁷ Nesse trabalho ele deixa mais claro os conceitos que desenvolve a partir da leitura dos romances do escritor russo. No nosso trabalho vamos aprofundar a polifonia e o dialogismo e seus desdobramentos na construção do contexto, dos quadros de acervo e no designer cognitivo do museu virtual.

Antes de explicitar como aplicamos a abordagem polifônica na arquitetura da construção do museu, que abrange as etapas do contexto, quadros de acervo e designe do software propriamente dito, trazemos um pouco da teoria de Bakhtin para que o entendimento da aplicabilidade dos conceitos fique bem claros. Um primeiro ponto a destacar diz respeito a essência do seu pensamento onde defende o entendimento do significado dos diálogos estabelecidos pelos personagens envolvidos no processo. Para que essa percepção seja possível é necessário a realização da interação dialógica, afastando o monologismo, que reflete a visão de um único pensamento e adotar a polifonia, onde o pesquisador, o escritor, o autor estabelece diálogos constantes com os personagens do presente e do passado. Nesse sentido, diante da necessidade da continuidade do ouvir as múltiplas vozes e nos seus diferentes tempos, o autor, “ausculta as vozes desse universo social como um

¹⁶⁶ Fiodor Mikhailovitch Dostoiévski (1821 – 1881) escreveu inúmeros romances, entre os quais *Gente Pobre*, *Crime e Castigo*, *O Idiota*, *Os Irmãos Karamazov*, *O Adolescente*, entre outros.

¹⁶⁷ BAKHTHIN, M.M. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 5ª ed. RJ: Forense Universitária, 2013.

diálogo sem fim, no qual vozes do passado se cruzam com vozes do presente e fazem seus ecos se propagarem no sentido do futuro. Daí a impossibilidade do acabamento, daí o discurso polifônico ser sempre o discurso em aberto” (BAKHTIN, 2013, p. XII).

Os conceitos da abordagem polifônica são imbricados e se concretizam em uma perspectiva de inacabamento, singularidade, autonomia dos personagens, independência interior, respeito a individualidade, consciência própria e plural, liberdade e sobretudo dialogismo (BAKHTIN, 2013). Veremos agora como adequamos essa teoria a construção do presente equipamento museológico.

Um primeiro ponto que foi considerado desde a concepção do museu, passando pelo seu desenvolvimento até o momento de sua abertura ao público foi o de escutar as diferentes vozes que se fizeram presentes nos discursos dialógicos criados no processo de construção do museu. Na medida em que abrimos a possibilidade de ouvir múltiplas vozes que expressam diferentes visões de mundo e de pensar, tivemos a preocupação de não estabelecer hierarquias entre elas e o próprio pesquisador/autor desse trabalho, nesse sentido, independente de funções e papéis, as vozes foram sempre consideradas como iguais. Mesmo porque o museu criado em uma abordagem socioconstrutivista não pode ser estático e tem que considerar a colaboração e interação entre todos os envolvidos, isso significa, a inclusão das múltiplas consciências envolvidas, nos seus diferentes tempos. No decorrer da caminhada o encontro se deu através da relação dialógica possível e incentivada, de acordo com o princípio da polifonia.

A medida em que fomos nos apropriando da referida abordagem e descobrindo suas possibilidades percebemos que a construção do museu ficaria muito limitada se ficasse restrita apenas a pesquisa nas fontes documentais, na bibliografia relativa aos temas correlatos ou mesmo com o contexto elaborado. Na medida em que naturalmente foram emergindo os sujeitos históricos oriundos do contexto as suas histórias de vida foram compondo e enriquecendo o cenário do designer do conhecimento e com isso um cenário plural foi se delineando com personagens dotados de visões de mundo diferente. Diante dessa realidade foi necessário reforçar o diálogo com

os moradores da comunidade que representavam a realidade dos sujeitos do contexto, quadros de acervo e museu que estava sendo criado para que se pudesse cotejar as informações, burilar os dados e construir e recriar o contexto. Concluiu-se que mais do que qualquer elemento, o outro era o ponto chave para que o diálogo se estabelecesse. Isso é polifonia e dialogismo que permearam a escrita dos capítulos de contexto.

Ouvir a pluralidade das “vozes” que refletem as múltiplas consciências passou a ser fundamental. O nosso trabalho é interdisciplinar e reúne várias áreas do conhecimento, onde o tempo histórico se faz presente, não em uma perspectiva meramente linear e cronológica, mas dentro de um contexto processual em que as vozes se comunicam nas suas diferentes temporalidades, promovendo os princípios socioconstrutivistas da interação e colaboração

Cabe uma explicação de como consideramos os personagens/sujeitos históricos presentes no museu. Eles não foram inseridos ou impostos de uma forma pronta e acabada pois de acordo com Bakhtin (2013) se assim fosse

Tornariam esses personagens simples marionetes e objeto cego da ação do autor, carentes de iniciativa própria no plano da linguagem, surda a vozes que não fossem mera irradiação da voz e consciência do autor. (BAKHTIN, 2013, p. X).

A minha função como pesquisador/autor foi a de construir o contexto histórico e social articulando com as fontes, os dados e todas as informações possíveis para compor o cenário de onde emergiu os personagens. Esses surgiram não a partir da vontade própria do autor/pesquisador, mas de acordo com as necessidades que o próprio contexto apresentou. A partir daí, adotando uma abordagem bakhtiniana os personagens surgem naturalmente trazendo em si sua versão do contexto que lhes é própria e resignificando para a realidade. (MARTINS, 2017). Nesse sentido, podemos dizer que os personagens surgiram de forma autônoma, independente e de acordo com sua consciência individual, apenas sendo organizados pelo autor/pesquisador no sentido de sua inserção no universo da arquitetura do museu em construção.

Nessa perspectiva, os sujeitos históricos se fazem presente, se colocando com personalidade própria, no mesmo nível de igualdade que o autor desse trabalho.

Muitos dos elementos que fazem parte do museu em construção, sejam objetos das coleções, personagens ou manifestações socioculturais estão presentes de acordo com a vontade e a consciência dos sujeitos históricos da comunidade do Manco. Consideramos que as representações e escolhas feitas para compor o designe do museu são o reflexo da comunidade de prática porque se considerou a visão dos moradores da região, descendentes da antiga fazenda e engenho que enxergam coisas que no meu caso como pesquisador/autor não seria capaz de perceber se não fosse a colaboração deles.

O museu virtual construído é em sua concepção plural e por conta dessa diversidade é complexo. Cada ambiente que retrata tem sua função e seu significado, mas ao mesmo tempo se complementam e são projetados a partir de um processo social e histórico baseado em contexto. Nesse sentido todos os envolvidos têm a mesma importância e não existe hierarquização nas suas participações e colaborações, pois suas vozes são consideradas de forma igual, em uma perspectiva dialógica. A mim como autor/pesquisador coube apenas o papel de ordenar o conjunto do designer cognitivo que formou a arquitetura do museu. Essa função foi desafiadora e por demais trabalhosa porque implicou em situar as diferentes vozes oriundas de múltiplas consciências presentes no universo da unidade de aprendizagem, sem se impor a elas. Bezerra ajuda a entender o papel do autor na abordagem dialógica,

Também participa do diálogo, mas é ao mesmo tempo seu organizador. É o regente de um grande coro de vozes (...), mas mantendo a própria individualidade. Portanto, por maiores que sejam a liberdade e a independência dos personagens, serão sempre relativas, e nunca se situam fora do plano do autor, que sendo “a consciência das consciências”, promove-as como estratégia de construção (...), em que as múltiplas vozes dão o tom de toda sua arquitetura. (BEZERRA, 2013, p. X).

Adotar e colocar em prática o princípio do dialogismo foi algo realmente desafiador, pois sua complexidade residiu exatamente em colocar em contato e sintonia dentro do universo arquitetônico do museu virtual o “sujeito/personagem” com o visitante/participante”. (MARTINS, 2017, p.150) No papel de organizador do designe cognitivo incentivamos e criamos oportunidades de interação com o museu arquitetado, recriando situações, personagens e objetos, mas sobretudo atento a individualidade, o conhecimento nato e a historicidade de todos os envolvidos. Com isso deixamos claros que sejam os sujeitos que reverberam as vozes do passado, sejam os participantes do presente, são todos ativos e coparticipantes da construção do museu e de sua dinâmica, tornando-se um instrumento vivo de troca de experiências e aprendizagem. Concluímos que a polifonia adotada em todo o processo de construção do presente objeto informacional esta intrinsecamente relacionada aos princípios socioconstrutivistas que foram apresentados nos subcapítulos anteriores.

10.3 O Conceito da História Pública vinculado a memória coletiva e ao Turismo de Base Comunitária.

Tendo visto a abordagem socioconstrutivista que é a base teórica principal da construção do museu virtual da vila de Itapicuru, fazenda engenho Camuciatá e povoado do Manco e os princípios do dialogismo e a polifonia de Bakhtin que se articulam com este referencial teórico, considerando o pensar histórico, vamos desenvolver um pouco nesse subcapítulo o conceito de História Pública que acreditamos apropriado para ser utilizado nesse trabalho.

A importância da ciência passa a ser reconhecida a partir do iluminismo no século XVIII quando a explicação do mundo pela religião começa a perder força. No princípio, até como um momento de afirmação defendeu-se que a ciência poderia explicar tudo e por si se bastava. Com a evolução da sociedade tanto a nível intelectual como a nível técnico, com o advento da Revolução Industrial e as contradições oriundas do acirramento da divisão de classes, os

pensadores perceberam a necessidade de colocar a ciência a serviço das questões práticas e como resposta as demandas sociais (HOBBSAWM, 2007).

Com o avanço do desenvolvimento da tecnologia nos Estados Unidos e na Europa após a segunda guerra mundial e o crescimento desse setor com áreas de estudo voltadas para as tecnologias da informação e comunicação (TIC), as exigências da sociedade fazem com que a ciência se volte cada vez mais para as questões práticas e que tenham o objetivo de atender as suas carências e anseios. A ciência vai evoluindo e cada vez mais os pesquisadores se dão conta que a produção científica só atinge seu objetivo maior se aquilo que foi construído esteja a serviço da sociedade (CASTELLS, 1999). Atinge-se um grau de conscientização em que pesquisadores percebem que as informações não podem ser mais oriundas de fontes unilaterais, mas pelo contrário é crescente o número de cientistas sociais que estão apostando na parceria entre a academia e as comunidades pesquisadas que pode gerar bons frutos e onde todos só tem a ganhar.

Diante da tendência acima descrita e trazendo para a área da história se impõe a seguinte reflexão: pouco adianta fazer estudos grandiosos tendo como produto construções biográficas no estilo das escritas a partir da segunda metade do século XIX e até a década de 1960 no Brasil, de acordo com a concepção positivista, se o grande público não tem acesso a elas, mas apenas um pequeno grupo que deseja se auto afirmar através das ideais ou comportamentos vividos por tal ou qual personagem histórico. Da mesma forma o alcance será superficial se forem escritos compêndios sobre a história do Brasil ou de qualquer temática que seja, se não houver nos objetivos desses trabalhos uma perspectiva concreta de retorno para a sociedade ou as comunidades descritas (BARROS, 2017). Uma história escrita dessa forma tende a produzir dissertações, teses, livros que permanecerão enfileirados nas prateleiras das bibliotecas, mas cujo alcance social será mínimo e, portanto, pouca serventia terá para o avanço da sociedade.

A ciência histórica apesar de ter avançado muito em diversos aspectos e por parte de alguns profissionais da área continua sendo influenciada por pressupostos teóricos antigos. Nesse sentido precisa se atualizar, se abrir as novas correntes de pensamento e descobrir/redescobrir que a coletividade,

através de sua memória, tem muito mais a contribuir do que as individualidades. Com isso não se quer dizer que se deve desprezar as contribuições das personalidades para a compreensão dos estudos históricos, mas sobretudo perceber que é o conjunto das ações coletivas que vão moldar o tecido social e que é através delas que seremos capazes de entender os significados que nos levarão a melhor compreender as problemáticas do mundo atual. A organização da memória pelo historiador a partir dessa perspectiva vai atingir um maior número de pessoas, tanto na sua investigação, como no despertar de interesses por determinado estudo, seja pelos que foram objetos da pesquisa, ou mesmo por outros que foram atraídos pela temática investigada (BARROS, 2000). Para dar conta dessa forma de fazer e escrever a história as tecnologias da informação e comunicação são instrumentos essenciais na medida em que através de suas ferramentas permitem construções mais abrangentes e que permitem um alcance maior por parte dos pesquisadores, estudantes e o público em geral, através das possibilidades e potencialidades de difusão do conhecimento.

Para fundamentar o raciocínio que venho apresentando a História Pública, com suas características, se torna uma abordagem apropriada para este trabalho na medida em que seu olhar se amplia para valorizar os conteúdos e as fontes oriundas de um conhecimento que não seja estritamente acadêmico, embora não despreze este. Ambos são valorizados e levados em conta na construção do conhecimento. De acordo com essa visão, traz-se o pensamento de Juniele Rabelo de Almeida, quando diz que:

Num esforço colaborativo, ela pode valorizar o passado para além da academia; pode democratizar a história sem perder a seriedade ou o poder de análise. Nesse sentido, a história pública pode ser definida com um ato de “abrir as portas e não construir muros”, nas palavras de Benjamin Filene. (ALMEIDA, [et.al], 2011, p.7).

Falar em história pública é valorizar o diálogo, uma possibilidade não muito utilizada até a década de 1970 de uma forma tão recorrente como pelos que passaram a adotar os pressupostos dessa nova abordagem historiográfica. A historiografia tradicional e mesmo outras correntes dentro da Nova História

apresentam narrativas, versões, análises a partir de um olhar, de uma fala. O caráter dialógico trazido pela HP abre a possibilidade para se ouvir e considerar uma multiplicidade de vozes que juntas ajudam o historiador a produzir o conhecimento histórico na medida em que diferentes formas de saberes, fazeres, símbolos e linguagens que antes eram desprezados passam a ser considerados relevantes para o estudioso que amplia seu olhar para além do conhecimento acadêmico. Essa forma de usar a história traz um novo entendimento sobre ela, bem como revisa e amplia o papel do historiador. Mais uma vez se desmorona a ideia de uma história para reconstruir e valorizar determinados “passados”, mas uma ciência que se preocupa em estabelecer os múltiplos diálogos entre o passado e o presente, levando em conta os diferentes contextos de cada região, de cada comunidade e de cada período histórico. Reforçando essa concepção Juniele de Almeida complementa,

É um novo caminho de conhecimento e prática, de como se fazer história, não só pensando na preservação da cultura material, mas como colaboração para a reflexão da comunidade sobre sua própria história, a relação entre passado e presente. Enfim, como tornar o passado útil para o presente. (ALMEIDA, [et.al], 2011, p.7).

Dando continuidade a essa linha de pensamento a História deve se preocupar em estudar a vida no seu cotidiano, se aprofundando na interpretação dos problemas concretos do dia a dia e buscar soluções para eles, já que ela pode e deve usar uma abordagem que permitam a aplicação de suas análises e reflexões em busca dessas soluções. Chamamos a atenção que não se trata de descartar os métodos tradicionais, pelo contrário deve-se utilizar o que ele tem de bom, como por exemplo, os muitos dados, informações e resultados colhidos ao longo do tempo e que poderão também ser fonte para novas formas de concepção da História. A proposta é incluir nos pressupostos da história princípios e valores que estejam associados as questões e tensões sociais que emergem das comunidades e a partir deles se pensar a produção do conhecimento.

Com o objetivo de seguir essa proposta o historiador tem que mudar a forma de ver sua ciência e de como trabalha com ela. Não pode mais ser apenas o pesquisador que reproduz as investigações das bibliotecas, dos livros e das fontes primárias, mas tem que incluir no seu ofício metodologias que deem conta da realização de um trabalho de inclusão de um público mais amplo que faça parte da história pesquisada ou não. Essa nova forma de trabalhar exige uma mudança de paradigma e de aceitação de que a construção histórica não pode ser feita de uma forma unilateral. Pelo contrário, para alcançar todos os aspectos da dimensão humana tem que considerar e incluir a participação dos múltiplos atores sociais das comunidades estudadas elevando-os a condição de coautores. Percebe-se assim, um grande avanço em relação a forma e métodos de trabalho do historiador tradicional para aquele que trabalha com história pública. Este amplia o leque de interlocutores que podem contribuir para a construção do conhecimento histórico. Os especialistas podem e devem ser considerados como possíveis participantes no processo, mas para além deles é o público de uma determinada comunidade estudada que será o principal interlocutor e parceiro de trabalho. Entre os tópicos levantados relativos à discussão sobre a História Pública, Jurandir Marbela, sintetiza:

É imperiosa a necessidade de os historiadores acadêmicos assumirem a importância da dimensão pública de sua atividade, ultrapassando os muros da academia para cada vez mais tomar parte, como especialistas, nos debates de interesse público. (MARBELA, 2014, p. 43).

Na medida em que o historiador passa a dialogar com o grande público ele começa a ter contato com uma diversidade de fontes, saberes, fazeres que antes estavam fora da sua área de interesse ou alcance. É a partir daí que a forma da construção da história ganha outras possibilidades de ser moldada. Deixa de ser individual e passa a ser coletiva, levando em conta a interação com os múltiplos atores. O papel do historiador inserido no campo da História

Pública, segundo Juliene Almeida é o de “atuar em favor do conhecimento histórico para amplas audiências” (ALMEIDA, 2011, P. 10).

O avanço é notável e as transformações estruturais são significativas tanto a nível de atitudes, como de perspectivas, na medida em que o uso da história pública passa a ser adotada. Amplia-se os espaços de atuação como os sujeitos que fazem parte dele. Com isso o historiador deixa de ser um mero reproduzidor passivo do conhecimento para assumir uma postura ativa no meio social que atua, entendendo a ciência histórica como portadora de um enorme potencial de transformação. Com tudo isso, observa-se que a concepção da história pública é diferenciada e não se enquadra nos cânones da historiografia consagrada. No entanto ressalta-se que essa condição não a faz menos científica, nem a coloca em segundo plano, pois como lembra Malerba,

Qualquer um pode escrever história, o que não significa que toda história tenha o mesmo valor e qualidade. Há bons historiadores e historiadores ruins dentro e fora da academia, mas, aqui dentro, faz parte do ofício o processo permanente da metodização racional dos procedimentos e exposição dos argumentos e a crítica (das fontes, dos procedimentos de coleta e sistematização dessas fontes, de problematização temática e perspectivação teórica, de produção textual). Esses mesmos protocolos, esse mesmo padrão de exigência deve ser aplicado a toda historiografia, acadêmica ou não.” (MALERBA, 2011, p.44).

Não se trata de avaliar qual é a melhor ou a pior corrente, nem a sua validade científica é o principal ponto a ser considerado nessa discussão. O que se propõem é um olhar atento para a importância de se considerar as experiências vivenciadas pelos sujeitos históricos que não agem apenas de forma individual, mas na coletividade e que são essas vivências é que vão dar a real dimensão da realidade histórica, na medida em que reconstroem os processos históricos em uma dimensão maior e com mais profundidade. Essa problematização traz à tona o pensamento de Gramsci (1978) que defende que

as ações históricas são moldadas pelo homem nas suas interseções com os seus semelhantes, ou seja, na coletividade. Essa realidade desnuda uma heterogeneidade de pensamentos, linguagens e comportamentos fruto das contradições próprias das vivências humanas que retratam um cotidiano de tensões próprias do convívio humano que vão corroborar com as elaborações das concepções de mundo.

Adotando essa visão sobre a história conclui-se que ela não é imparcial, simples e linear, mas na medida em que considera as contradições dos indivíduos que atuam de uma forma plural e dinâmica, percebe-se o alto grau de complexidade que traz em si e a consciência de que é uma ciência carregada de intencionalidade. Essa realidade não limita o campo de possibilidades do historiador, muito pelo contrário, amplia e o conduz a assumir posturas que passam a ter um compromisso com a realidade pesquisada no sentido de dar um retorno a sociedade, do que foi analisado, interpretado, criticado e produzido em termos de conhecimento histórico, de acordo com as práticas sociais. Se o historiador assume compromissos perante a realidade social ele se posiciona politicamente e ideologicamente, portanto sua narrativa, seu discurso e suas abordagens são pré-selecionadas de acordo com as tendências historiográficas que cada intelectual segue.

A história pública apesar de todas as propostas inovadoras, para ser considerada como uma possível teoria histórica e não ser taxada de amadora ou que faz uma história de baixa qualidade tem que também estar respaldada na filosofia da história. Atenta aos anseios da contemporaneidade e buscando atendê-los traz como pressupostos o diálogo com as múltiplas vozes, parcerias com as TICs, planejamento para resolver problemáticas do cotidiano inseridas nas práticas sociais, compreensão das tensões e busca de soluções, socialização do conhecimento, sentido de praticidade, multidisciplinaridade, mas tudo isso sem desprezar a essência dos estudos históricos-filosóficos em tudo aquilo que contribui para o seu fortalecimento como corrente historiográfica.

A pesquisa, a construção do contexto e quadros de acervo e a proposta do designe do museu desenvolvidos nesta tese foram embasados nos pressupostos teóricos-metodológicos da história pública voltada para a

realidade social aliada a perspectiva do materialismo histórico-dialético, que permitiu um olhar mais atento para as tensões e contradições oriundas dos espaços e sujeitos históricos estudados. Para além da característica de difusão e socialização do conhecimento histórico para o grande público, na sua essência, a história pública se coloca como um estudo específico que torna a historiografia social interlocutora dos movimentos sociais e da sociedade como um todo. Parafraseando Luciana Martins, “em síntese, é uma dimensão de construção coletiva da história, que se adequa aos estudos sobre memória e a proposta do turismo de base comunitária (TBC). (MARTINS, 2017, p. 113).

10.4 A memória coletiva: elemento fundamental para a utilização da história pública na vila de Itapicuru, fazenda engenho Camuciata e comunidade do Manco.

Nesse trabalho será imprescindível a utilização da memória como elemento fundamental para a construção da História. Por fazermos a opção de trabalharmos com a história pública essa memória será sempre a coletiva na medida em que a construção do conhecimento histórico será dada a partir do eco das múltiplas vozes. Apesar da historiografia positivista não diferenciar o limiar entre memória e história, seus significados são diferentes, apesar da forte complementariedade existente entre ambas. A história é escrita baseada no diálogo estabelecido entre o tempo presente e o passado, de acordo com as fontes coletadas e de como o historiador organiza e interpreta as informações, dados e contextos que teve acesso e a partir daí faz as suas análises e interpretações escrevendo e reescrevendo a história. Já a memória ela é fruto das vivências e capacidade de preservação das lembranças das experiências vividas. Ela tem como função dar sentido ao passado, através do que é narrado, trazendo informações a serem interpretadas pela história.

Dada a importância da memória para a história cada vez mais os estudiosos vão aumentando a lista de recursos e métodos que podem ser utilizados para trazer à tona a memória como, a arte, a história oral, padrões de comportamento, narrativas, descrições textuais, rituais, expressões musicais, filmagens, fotos, autobiografias e a própria subjetividade dos sujeitos. A

utilização dessas ferramentas tem o objetivo de complementar, ampliar as possibilidades do trabalho acadêmico, serem colaboradores com a escrita da história, de modo que o uso de um ou outro recurso podem influenciar na visão que temos do passado. A utilização das diversas estratégias da memória são fundamentais para elaboração do conhecimento histórico e, em algumas situações chegam a ser coautoras. Mesmo sendo reconhecida pela maior parte das correntes historiográficas contemporâneas como essencial para o enriquecimento da produção histórica, é fundamental que o historiador seja o balizador das múltiplas memórias coletadas e as organize de acordo com os métodos da ciência histórica.

De acordo com esse entendimento, constatei que para organizar e formar o acervo do museu virtual não seria suficiente as fontes primárias e bibliográficas. Apesar de serem muito abundantes, pois o arquivo deixado pelo barão de Jeremoabo é rico em fontes primárias, como cartas, memorandos, cadernos de notas, listas, entre outros documentos, eles não são suficientes para construir um museu que represente a diversidade cultural dos povos e da região estudada. Mesmo se complementassem o estudo com a farta bibliografia existente sobre Itapicuru, o sertão da Bahia e o próprio engenho Camuciatá faltariam elementos essenciais para o conhecimento e compreensão da atuação dos múltiplos sujeitos históricos e de suas heranças culturais, nas suas práxis concretas de existência material. Para complementar essas fontes é necessário a utilização de outros recursos, como:

- Entrevistas com ex-moradores da fazenda engenho Camuciatá, do Manco, da vila de Itapicuru e dos proprietários da fazenda, atento aos significados que dão ao presente através de suas memórias.
- Utilização de imagens do século XIX e primeira metade do século XX da vila de Itapicuru e do Camuciatá.
- A imersão nas tradições trazidas pela memória, tentando entender os seus sentidos dentro do contexto em que estavam inseridas, de acordo com o modo de viver dos diferentes grupos sociais que formavam a comunidade da época.
- A leitura de anotações feitas em cadernos, que revelam o modo de pensar e ser dos antigos senhores do Camuciatá.

A opção de trazer a memória à tona com a devida filtragem feita pelo historiador ajuda a identificação e entendimento dos elementos da cultura material e imaterial de uma determinada época. Aliado a essa perspectiva, o museu virtual da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciatá e Povoado do Manco (MVICM), no que tange a formação do seu acervo foi pensado a partir da contextualização das peças que irão compor o seu acervo. Elas deverão ser vistas como um conjunto que reúne elementos que ressignificam o passado e representam uma existência que muitas vezes está situada em um tempo mais distante, mas se faz atual nos sujeitos históricos que a vivenciam, fundamentadas nas narrativas da memória, nas representações das imagens, que também refletem um aspecto da memória e no cotejamento de tudo que foi coletado na documentação histórica que se refere ao período, sujeitos e territórios estudados. Tudo isso se coaduna com a chamada história pública.

O MVICM se torna, dessa forma, um legítimo instrumento de difusão do conhecimento e da memória coletiva local, que poderá ser utilizado em diferentes campos de atuação como escolas de ensino médio e em instituições de ensino superior, na esfera do Turismo de Base Comunitária, nas comunidades em que se alimentou e retroalimentou; no próprio Museu do Nordeste Barão de Jeremoabo, museu físico cuja sede é a casa grande da fazenda engenho Camuciatá. Para além de tudo isso pode funcionar como um centro de estudos que seja portador do contexto histórico do espaço que representa e do seu entorno, podendo ser um instrumento de socialização das diferentes vozes que colaboraram com a formação do acervo do museu através das suas memórias. Atinge dessa forma sua função social, educativa e de difusão da cultura local.

10.5 O turismo de base comunitária: campo privilegiado de se pensar e projetar a história pública.

O Turismo de Base Comunitária (TBC) tem nos pressupostos da história pública um espaço privilegiado para sua implantação e propagação. Pensando esse modelo como sendo uma organização de atividade turística que foge dos padrões do turismo tradicional, identifica-se no conceito apresentado por

estudiosos da área três elementos que são fundamentais para entender as suas características. No TBC é a própria comunidade que é a detentora dos atrativos turísticos que planeja, administra e termina acompanhando todo o processo de gestão da atividade. Nela também, os rendimentos auferidos são controlados pelos próprios agentes da comunidade, e conseqüentemente não tem intervenção e influência do chamado cluster turístico, formado por agências, donos de hotéis e empresários da área. O conceito trazido por Francisca de Paula Silva amplia a compreensão (SILVA, et al, 2012, p.11),

Entendemos o turismo de base comunitária como uma forma de planejamento, organização e autogestão e controle participativo, colaborativo, cooperativo e solidário da atividade turística por parte das comunidades, que deverão estar articuladas em diálogo com os setores público e privado, do terceiro setor e outros elos da cadeia produtiva do turismo, primando pelo benefício social, cultural ambiental, econômico e político das próprias comunidades.

Neste sentido, os três elementos principais presentes em um espaço turístico que se proponha a ser de base comunitária podem ser os moradores de determinada localidade, aqueles que os visitam e os pesquisadores, que além da atividade turística propriamente dita estão exercendo a função de mediadores do conhecimento investigado em um determinado território. Para que isso aconteça, na perspectiva do TBC, o diálogo é fundamental e a comunicação tem que existir entre os referidos agentes de modo que estejam atentos aos parâmetros que caracterizam essa modalidade de turismo, ou seja, a autossustentabilidade, a colaboração, a gestão participativa, o planejamento coletivo e a ideia de uma atividade que na sua concepção seja solidária. Essa filosofia vem sendo adotada em grande parte do mundo por aqueles que buscam viajar. Cada vez mais eles vão trocando o turismo tradicional, que canaliza grandes públicos para roteiros já consagrados trocando por locais, regiões, comunidades que não estão nas programações das empresas de turismo. É a busca pelas especificidades regionais e o que se pode trocar com elas. Nessa linha de pensamento Marta Irving, afirma que o TBC é,

a proposta de desenvolvimento local, através da cultura e da identidade, dos modos de vida, respeitando as dimensões de uma sociedade em seus aspectos sociais, políticos, culturais e humanos. (IRVING, 2009, p. 113).

Nosso museu virtual tem como pano de fundo principal uma comunidade rural. Apesar da vila de Itapicuru ter sido também retratada por ser importante para o entendimento do contexto, o foco principal do museu é uma fazenda engenho e um pequeno povoado de aproximadamente 400 habitantes composto na maioria por ex-moradores e descendentes da referida propriedade. Apesar do TBC poder ser utilizado também em centros urbanos, “é possível o desenvolvimento do TBC no meio urbano, como no caso específico do Cabula e entorno” (MARTINS, 2017, P.117), é proveitoso a sua aplicação em meios rurais, por ainda mantêm na sua essência elementos das práticas tradicionais de suas comunidades. A forma de organizar essa atividade turística vai levar em consideração o contexto histórico, social e cultural. Destaca-se como mais importante as experiências de vida, os costumes, as crenças, os saberes e fazeres, a cultura material da população que habita determinada comunidade. Tudo isso faz parte da vida dessas pessoas, cujo cotidiano, na sua riqueza e peculiaridades, passa a ser o atrativo principal a ser conhecido, experimentado e visitado (SILVA, 2013). Ele é o foco principal a serviço da atividade turística, cujas atrações principais são os homens e mulheres no seu labor diário, no seu lazer, nas suas manifestações simbólicas e representativas.

Na região de Itapicuru não existe ainda um projeto de TBC implantado. Aliás, em todo o sertão da Bahia, o único estudo e proposta apresentada nessa perspectiva foi feito por Juliana Martins, no povoado Alto, município de Tucano.
¹⁶⁸Muitos estudos e pesquisas já foram feitos sobre a região de Itapicuru e a maior parte deles dentro de uma perspectiva da historiografia tradicional. ¹⁶⁹O

¹⁶⁸ MARTINS, Juliana Andrade do Carmo. *Educação para o turismo de base comunitária: construindo caminhos para o desenvolvimento local do povoado Alto, Tucano, Bahia*. 2020. Dissertação de mestrado inédita.

¹⁶⁹ Um trabalho que foge essa linha e tem uma abordagem crítica e analítica da região é o livro da historiadora Mônica Duarte Dantas, *Fronteiras movediças: relações sociais na Bahia do século XIX: (a comarca de Itapicuru e a formação do arraial de Canudos)*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild: Fapesp, 2007.

presente trabalho é pioneiro nas localidades focadas e a sua proposta e formato está suscitando reflexões que podem conduzir a implantação dessa forma de turismo na região. Desde o começo do projeto se pensou na ideia de utilizar o museu virtual construído para motivar e facilitar a implantação do TBC no povoado do Manco. Apropriando-se dos princípios da história pública e com uma abordagem socioconstrutivista iniciamos o diálogo com os moradores locais apresentando a proposta do TBC como uma possibilidade deles próprios construírem os caminhos para o desenvolvimento da comunidade. Os quadros de acervo construídos em parceria com eles passaram a ser o roteiro inicial para se pensar e discutir as possibilidades.

O material bibliográfico existente, junto aos elementos selecionados da cultura material e imaterial da região que a tempo já vinha despertando o interesse e a curiosidade da população local e estudiosos da Bahia, do Brasil e a nível internacional, somados ao presente trabalho, demonstram que Itapicuru, o Camuciatá e o Manco são regiões com forte apelo histórico, dotados de uma riqueza cultural plural muito grande e portanto campo propício para o desenvolvimento das mais diferentes modalidades de turismo, inclusive do TBC. Visto o exposto achamos importante destacar algumas dessas características e atrações que ilustram nossa afirmação:

- Palco de inúmeros processos históricos que permitem estudos, pesquisas e interpretações sobre diversos aspectos da história da Bahia colonial, imperial e republicana, a saber: a formação dos currais e os aldeamentos indígenas; a colonização, povoamento e fundação das primeiras vilas e cidades do sertão da Bahia; a unidade produtora da economia da colônia: o engenho de açúcar; a guerra da independência da Bahia; a escravidão; Antônio Conselheiro e seu projeto; coronelismo, Lampião, entre outras passagens históricas.

- A fauna e a flora do agreste e sertão da Bahia em sua originalidade compoem o ambiente ecológico da região: o rio Itapicuru, o riacho Camuciatá e as inúmeras lagoas e afluentes, a vegetação da caatinga e da beira do rio, os animais, peixes e pássaros já com indícios de extinção, mas ainda com uma presença significativa na fazenda e entorno; que se organizados tem um grande potencial para o desenvolvimento do ecoturismo.

- Ambientes de lazer, como o “Fervente”, atual “Balneário termal de Itapicuru”, com suas águas medicinais; a fonte termal do Cobocó no Camuciatá, botecos que servem comidas típicas e caças, a feira semanal bisseccular que atraem visitantes e turistas.
- Construções representativas do patrimônio cultural material, como: a casa grande do Camuciatá, a senzala, alicerces do engenho, a engenhoca, a casa de farinha, a olaria, a casa de taipa, as casinhas de moradores, a igreja de Itapicuru, o chalé do barão de Jeremoabo, o cemitério e igreja construídos por Antônio Conselheiro.
- Dois terreiros de candomblé criados originalmente na região, sem ter nenhuma ligação com sedes maiores de outras regiões, nascidos do desejo e das crenças dos negros que lá se instalaram.

Diante da riqueza de características históricas e culturais presentes na região, observa-se que qualquer modalidade de turismo pode ser implantada. Do turismo convencional, ao turismo histórico e cultural, passando pelo turismo ecológico, para todos se tem espaço, entretanto um dos objetivos dessa tese, através do museu virtual construído, é incentivar a implantação do TBC na localidade que a partir de rodas de conversa com os comunitários ganha força e se torna uma possibilidade de desenvolvimento e de alternativas para a superação das dificuldades econômicas da população local. De posse de elementos do contexto histórico e cultural de Itapicuru, do Camuciatá e do Manco é possível se pensar também uma proposta educacional adequada que possa ser utilizada como matéria prima para o Turismo de Base Comunitária no povoado. Haja visto os inúmeros elementos do acervo do museu identificamos que o potencial da região é muito grande, tanto para o aprofundamento da história pública, como para o desenvolvimento do TBC.

Nesse trabalho a utilização dos pressupostos da história pública que considerou o conhecimento dos sujeitos históricos da região estudada como fonte importante para a elaboração do contexto histórico foi fundamental, pois para que haja uma legítima construção histórica no sentido de que o conhecimento produzido permita que se tenha uma compreensão dos processos, dos elementos e objetos contextualizados é preciso que os atores

sociais se sintam responsáveis pelo que está sendo transmitido e se reconheçam como coautores do que está sendo produzido.

Conclui-se que sem a participação dos sujeitos da comunidade na construção do conhecimento histórico o museu virtual perde o caráter de parte integrante dela. Desse modo, a opção é que a construção seja coletiva, pois nessa perspectiva está alinhada com a abordagem socioconstrutivista e se encaixa nos princípios da história pública, podendo fornecer subsídios para a implantação do TBC. Com isso queremos dizer que o Museu Virtual foi pensado, planejado e construído processualmente levando em conta a participação gradual dos sujeitos que são parte integrante dele e que com suas memórias ajudaram a montar cenários, contar histórias e recriar fatos a partir de suas interpretações que são fruto do diálogo entre o presente e o passado, reverberando tudo isso no ambiente virtual do museu de uma forma dinâmica, coletiva, dialogada e participativa. O MVICM em foto e vídeo será o eco das múltiplas vozes que se expressaram e foram consideradas como instrumentos importantes na sua construção, na medida em que sem elas a representação da história e da cultura das comunidades estudadas seriam apenas o reflexo da influência e desejos subjetivos do pesquisador.

11. O processo de construção do museu virtual em foto e vídeo: conceito, características, embasamento contextual e princípios adotados.

Esse capítulo nos ajudará a entender como o museu virtual foi construído a partir do contexto e princípios teóricos que o embasaram e com a utilização das tecnologias de informação e comunicação. Nesse sentido, buscamos as referências epistemológicas e revisitamos o embasamento teórico utilizado na construção do museu virtual pensado nessa tese, elaborado a partir da construção de um contexto com uma abordagem socioconstrutivista e pressupostos da História Pública. Ressaltamos a importância do dialogismo e da polifonia Bakhtiniana associado a colaboração e interatividade, tudo isso envolvido na perspectiva de uma sociedade em rede onde o pesquisador faz parte dela em parceria com seus interlocutores, abrindo espaço, dessa forma, para que o museu virtual seja uma solução mediadora do conhecimento para a

comunidade e para a construção colaborativa de procedimentos e soluções, tudo isso através da metodologia da pesquisa aplicada.

11.1 O conceito e características do Museu Virtual.

Antes de seguir na explanação sobre a forma como o Museu Virtual foi construído é importante trazer o conceito do objeto de estudo dessa tese que é o próprio museu virtual, mas antes é necessário se fazer uma retrospectiva das definições já trabalhados e a importância de um museu, em um sentido mais amplo, na contemporaneidade. O espaço museológico tornou-se uma referência no sentido de abrigar e transmitir conhecimentos históricos, culturais, sociais, religiosos, étnicos, de uma determinada sociedade. De acordo com o International Council of Museums (ICOM, 2001), qualquer museu é,

Uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para a educação e deleite da sociedade.¹⁷⁰

Na atualidade, o papel dos museus é muito importante pois como instrumentos de comunicação de massa se tornam agentes de socialização de diferentes costumes, hábitos, contextos históricos, patrimônios plurais e diferenciados (MENEZES, 1992). Nesse sentido podem levar a uma reflexão a respeito do conceito de cultura ampliando e revisando definições ultrapassadas e engessadas. Mesmo com a conscientização da sua importância se constata que no Brasil não se tem o hábito de visitar museus. O público maior se restringe a estudantes levados pelas escolas e turistas vindo de fora. Os moradores das nossas cidades ainda não valorizam esse instrumento como uma possibilidade de aprendizado sociocultural e até mesmo de lazer.

Diante dessa realidade e sabendo também de como o museu é mal explorado como instrumento didático pedagógico por nossas escolas e até universidades me sentir provocado a trazer algumas reflexões e produzir algo de concreto que possa contribuir para a ressignificação do uso do museu e

¹⁷⁰ Definição do Conselho Internacional de Museus, criado em 1946.

com isso se tornar um meio de socialização da história sociocultural da Bahia. A proposta dessa tese tem também esse objetivo, o de difundir a história da Bahia em sua pluralidade e diversidade. Definido o tema e o espaço passamos para a consulta a comunidade e os sujeitos históricos que foram coparticipantes da construção do instrumento. Nesse viés, apesar de ser um trabalho acadêmico não se limita a ele, pois foi feito em parceria com comunidade que está inserida no espaço projetado. A construção dessa caminhada teve o propósito de que o museu virtual construído se tornasse um canal de difusão de uma história coletiva, multifacetada e pluriétnica.

Para atender a finalidade acima apresentada temos que considerar passo a passo alguns aspectos que foram levados em conta na construção do museu. Em primeiro lugar registrar que museus não são apenas um local ou repositório para guardar objetos, coleções ou qualquer elemento material. Em cima disso aprofundar a reflexão a respeito das novas concepções de museu seja presencial ou virtual. Isso passa pelo reconhecimento que ele é também um instrumento capaz de representar a dialética presente na história e a colaborar, através dos símbolos, objetos, imagens que expõe no entendimento dos problemas surgidos das relações concretas oriundas da dinâmica da vida social e cultural dos povos e civilizações. Na sua concepção e no seu formato é um agente colaborativo para a sublimação da memória, tanto individual, como coletiva, considerando a delimitação territorial e cronológica da temática estudada a ser representada. (MARTINS, 2017, p. 144).

Nesse sentido, um museu, em linhas gerais, continua sendo um instrumento de transmissão do pensamento ideológico de grupos, da preservação de tradições transmitidas genealogicamente por várias gerações, bem como também da cultura de diferentes etnias. (MENEZES, 2020). Contudo, o advento da produção do museu virtual fez surgir uma nova forma de se conceber museus na medida em que está instalado em uma rede de internet, onde o seu raio de ação se amplia e seu espaço extrapola os muros físicos da estrutura de um museu presencial. Diante dessa realidade possibilidades e significados múltiplos poderão ser explorados.

A partir de 1994, com o advento da Internet, a museologia passou a verificar um possível espaço para

exposições, pesquisa e divulgação: o ciberespaço. Com isso, surgiu um novo conceito de museu que “decorre do nascimento de uma nova sociedade: a sociedade da informação, e da sua cultura. Estas se definem por uma mudança contínua que afeta todas as esferas da vida e, decorrente, também a uma mudança contínua do sentido e do valor” (LLUSSÀ, 2002). Além disso, levando em conta essa mudança sócio comunicacional, na “sociedade em rede é o espaço, não mais físico, mas de fluxos de informação, que passa a organizar o tempo” (LEMOS, 2001, p.17).

Continuamos destacando diferenças de um museu virtual para um museu tradicional e convencional. Uma variedade de pontuações caracteriza essas diferenças. Começamos a registrar que o museu tradicional e convencional tem sua origem praticamente nas primeiras civilizações da humanidade quando os homens começaram a desenvolver o costume de colecionar objetos, artefatos, que tinham um determinado significado, seja cultural, religioso, afetivo e que foram depositados em determinados espaços específicos se tornando o embrião dos museus atuais. No entanto, a museologia considera que o museu nos moldes convencionais como conhecemos hoje surgiu no século XVII a partir da doação de coleções particulares.¹⁷¹ Durante três séculos essa tipologia prevaleceu e foi se espalhando pelo mundo inteiro com características bem definidas e reconhecidas pelos profissionais da área. Nessa perspectiva, a literatura especializada traz elementos que o definem como um espaço físico construído ou direcionado para o fim de abrigar coleções, uns com a preocupação de inseri-las em um contexto, outros simplesmente com os objetos expostos de uma forma aleatória; com peças do seu acervo palpáveis que traduzem um determinado período histórico e a depender de sua organização com a preocupação de dar um sentido temporal e lógico as informações transmitidas (MENEZES, 1992). Dentro desse escopo é perceptível em muitos ambientes museológicos convencionais lacunas oriundas da necessidade de um

¹⁷¹ Museu Ashmolean, fundado em 1683, considerado o primeiro dos museus modernos, formado a partir da doação da coleção de John Tradescant, feita por Elias Ashmole, à Universidade de Oxford. Em, <https://pt.wikipedia.org/wiki/Museu> consultado em 30 de julho de 2020.

aprofundamento crítico para o conhecimento e compreensão do acervo exposto.

Passemos agora para a tipologia do museu virtual que cada vez mais ganha espaço no meio acadêmico, nos espaços escolares e entre os estudiosos de um modo geral. Segundo Lima (2009) o MV é,

Um modelo decorrente dos processos ou melhor dos desafios impostos pelas atuais tecnologias da informação e da comunicação surgidos a partir dos anos 90 do século XX. (LIMA, 2009, p. 1).

Esse MV junto com outras novas tecnologias vem ocupando o seu espaço, tanto que organismos internacionais da museologia vêm recomendando um olhar especial para as suas potencialidades. Mais uma vez Lima registra que

Por ocasião do encontro do Comitê Regional do ICOFOM para América Latina e Caribe, ICOFOM LAM (2004), o documento final Antígua- Carta de Guatemala (recomendações); apontava para análise e inclusão “no campo da Museologia” das “experiências virtuais” que estavam ocorrendo. Estas práticas representam os sentidos expressos nas três Categorias conceituais para Museu Virtual construídas (...) (LIMA, 2009, p. 2).

De acordo com a abordagem socioconstrutivista dessa pesquisa essa nova tipologia facilita o aprofundamento na compreensão dos contextos históricos elaboradores que servem de roteiro para a construção do museu. Entre as muitas diferenças entre as duas principais tipologias de museu trabalhadas uma que é considerada fundamental no tocante ao museu virtual são as múltiplas possibilidades de socializar e difundir o conhecimento de forma mais ampla e democrática (AZEVEDO, 2017). Isso significa que o acervo por si só não é o mais importante se na forma com que é apresentado não conseguir comunicar e fazer compreender o contexto histórico em que foi produzido.

Visto o exposto o museu virtual é por excelência um espaço de mediação. Instalado na rede ele possibilita a um público ilimitado o acesso a

acervos e coleções que de acordo com a perspectiva deste estudo devem estar contextualizados, de modo que permita ao visitante uma compreensão das vivências e experiências dos personagens inseridos no ambiente, e o conhecimento dos costumes e práticas culturais dos grupos sociais estudados (HENRIQUES, 2004). Nessa perspectiva observa-se uma interação entre o ambiente virtual criado e o público que o acessa, de tal modo que o visitante se percebe mais do que um simples observador se tornando um sujeito ativo, participativo e que pode se sentir imerso, de acordo com sua história de vida, no contexto retratado no museu.

A concepção de museu virtual está intrinsecamente ligada a compreensão do conceito e recursos oferecidos pelas tecnologias relacionadas a informação e a comunicação. Constata-se que a virtualização de um espaço e de um acervo é possível na medida em que os recursos tecnológicos são utilizados de forma sincronizada para atender a proposta do museu a ser modelado. O uso das tecnologias no acervo coletado, pensado e organizado de acordo com os princípios da mediação e interatividade permite o acesso ao museu de um público maior e mais variado. (LIMA, 2009).

Buscando aprofundar a discussão é necessário se ter certos cuidados em relação a identificação do que podemos considerar realmente um museu virtual na concepção, por exemplo de Rosali Henriques (2004), onde

“O museu virtual é um espaço virtual de mediação e de relação do patrimônio com os utilizadores. É um museu paralelo e complementar que privilegia a comunicação como forma de envolver e dar a conhecer determinado patrimônio”.

Com isso observa-se uma preocupação pertinente em diferenciar museu virtual das outras possibilidades de armazenamentos de informações na rede da internet. Com a comercialização e popularização dessa a partir de 1994 uma enorme variedade de possibilidades para se instalar e divulgar museus foram surgindo. Rosali Henriques lembra que, *em relação ao uso da Internet pelos museus, os primeiros debates surgiram em 1997 quando se realizou em*

Los Angeles, na Califórnia, a primeira conferência sobre museus e Internet (2004, p.2). A partir daí uma infinidade de possibilidades de museus na rede surgiram, como os museus eletrônicos, museus digitais, museus online, museu hipermídia, museu cibernético, cibermuseu e os sites criados para apresentar a estrutura de funcionamento do espaço museológico e o inventário do seu acervo. Visto o exposto, é preciso estar atento para não confundir museu virtual com os diversos outros suportes que estão abrigados na rede. A maior parte deles são instrumentos de marketing dos museus ou se enquadram dentro de uma perspectiva meramente informativa, e, portanto, não podem ser considerados como tal.

Uma diferença importante entre o museu virtual e tantos outros recursos que estão na rede é destacada a partir do estudo que Diana Lima fez, levando em consideração o entendimento conceitual e a criação de categorias definidas que ajudam a caracterizar com mais precisão diferentes tipos de museu virtual. Desse modo, ela diz

O museu virtual é utilizado tanto para indicar o que se cria por meio do computador sem existir o referente no mundo físico, como também para o que existe no mundo real (mundo físico) e sofre processo de digitalização (LIMA, 2009, p. 246)

Luciana Martins em sua tese de doutorado (2017) apresenta os estudos coordenados pela museóloga e doutora em Ciência da Informação Diana Lima, no seu grupo de pesquisa, onde ela define três tipos de museus virtuais (2009) que se encontram na rede. Por minha tese ter proposta semelhante ao trabalho realizado por Martins (2017), é pertinente apresentar aqui adequando a minha proposta de trabalho. O primeiro deles é o que só existe virtualmente. Não se tem um espaço físico correspondente, nenhuma coleção ou acervo material pré-existente. Ele só existe na sua versão digital, único meio de proporcionar ao visitante um diálogo, uma interação com o acervo e o patrimônio estudado. Esse primeiro modelo traz uma característica marcante do museu virtual que o diferencia do museu convencional, ou seja, para ele não é o mais importante ter um acervo físico organizado e catalogado para ser visto pelo visitante, o foco agora é ser instrumento de interatividade com o público onde ele possa

dialogar, participar e colaborar com a formação do patrimônio do museu. (Henriques, 2004).

O segundo modelo é aquele museu virtual cuja estrutura física e acervo/coleção tem correspondente no mundo físico. Esse patrimônio existente será digitalizado e projetado como matéria prima da construção do museu. Portanto sua representação virtual será baseada em elementos concretos da realidade física existente. Neste caso o visitante terá duas possibilidades de conhecimento do museu, tanto o espaço físico do mesmo, como a sua representação na rede, através da internet. Esse modelo por ser transformado através da virtualidade é chamado de “museu virtual conversão digital. (LIMA, 2009). A literatura afirma que esse formato foi a proposta dos primeiros museus virtuais. A partir da existência de um museu físico e seu acervo foram se criando similares virtuais com o objetivo de divulgar o patrimônio e socializar o conhecimento para um público mais amplo. Na prática eles não surgiram com a proposta de substituir o museu físico, mas como complementar.

O terceiro e último modelo citado por Martins (2017), de acordo com a definição tipológica feita por Diana Lima (2009), é o denominado museu virtual de composição mista. Nesse caso não existe um museu físico, mas ele é criado a partir da existência de acervos, coleções, objetos que podem ser da propriedade de colecionadores particulares, famílias, entre outros, que são colocados na rede através de recursos como vídeos, entrevistas, fotografias, entre outras possibilidades que são os instrumentos de difusão desse acervo.

Feito essa apresentação do estudo dos modelos de museus virtuais encontrados na rede a partir dos autores citados, vamos enquadrar em qual tipologia o museu virtual da vila de Itapicuru, fazenda engenho Camuciatá e povoado do Manco (MVICM) se encaixa e como se deu o seu desenvolvimento.

Dentro das características apresentadas o nosso modelo é o segundo, no qual nos baseamos em uma estrutura física e em acervos e coleções que tem correspondente no mundo físico, sendo, portanto, na classificação estabelecida por Lima (2009), o museu virtual conversão digital. Para realizar essa virtualização de espaços físicos já existentes o designer foi construído a partir de registros feitos com foto e vídeo, também com utilização de drone. Definido

o suporte tecnológico, que será pormenorizado no capítulo seguinte, estabelecemos o que queremos representar com esse designer virtual, a saber: registros dos contextos da vila de Itapicuru, da fazenda engenho nos séculos XVIII e XIX e da comunidade do Manco no século XXI; as contribuições das três principais etnias presentes na formação cultural da região; os conflitos e contradições oriundos das relações sociais dos sujeitos históricos inseridos no contexto social e econômico de uma fazenda engenho de açúcar; as características e o modo de vida da comunidade do Manco, destacando os elementos que são identificados como marcas de permanências de práxis transmitidas por gerações passadas. Tudo isso são peças do acervo do museu virtual proposto registradas através dos instrumentos tecnológicos que foram utilizados.

Definido o que será projetado e representado o importante foi importante dar espaço para que a comunidade local participasse em parceria com estudiosos das diferentes áreas do conhecimento envolvidas na construção do museu. Todos podem ser considerados visitantes do museu virtual, mas sobretudo deverão estar aptos e motivados a participar e colaborar com a elaboração do museu desde a sua concepção, passando pelo desenvolvimento até o reconhecimento de sua legitimidade como instrumento que representa a história e o conhecimento da região retratada. Esse envolvimento permitirá que uma multiplicidade de pensamentos e vozes possam ser contemplados no designer do museu virtual. Nesse sentido, o nosso instrumento tecnológico construído está fundamentado no socio construtivismo vigostkyano e no dialogismo de Bakhtin. Feita essa relação entre o que foi projetado e os princípios teóricos que irão respaldá-lo podemos elencar algumas características inerentes ao museu virtual que foi criado:

- ✓ Potencialidade de inserir as representações culturais nas suas mais variadas manifestações simbólicas;
- ✓ Ser um agente de socialização de processos e conteúdos históricos fundamentados em acervos. O espaço do museu virtual é favorável ao registro de histórias vividas com um certo grau de proximidade das experiências passadas, a representação de práticas culturais, a projeção de espaços, monumentos e objetos dos grupos envolvidos, bem como a

representação do cotidiano de momentos e experiências de sujeitos que não mais estão presentes. Essa característica se respalda no pensamento de polifonia de Bakhtin, onde os ecos dos falares dos personagens de vidas passadas e suas experiências vividas não morreram, mas se fazem presentes no desenrolar dos processos históricos que são vivenciados na atualidade que vem à tona graças ao dialogismo que cria um vínculo entre o pensamento e as ações dos sujeitos históricos de ontem e de hoje (BAKHTIN, 2013).

- ✓ Possibilidade de promover experiências de sujeitos da atualidade com espaços, realidades, objetos materiais, cultura imaterial, contextos e com personagens que não mais existem. Os recursos utilizados para contribuir para a troca entre os visitantes com os personagens, objetos e espaços retratados no museu foi o uso da tecnologia com foto e vídeo, onde os contextos, falas, experiências foram registrados e intermediam o diálogo entre o passado e o presente.
- ✓ Disponibiliza um acervo que facilita a interatividade, gerando ambientes favoráveis para ações coletivas que podem incentivar a criação de vínculos e parcerias entre os membros da comunidade e visitantes que individualmente ou em grupos procurem se aprofundar na busca de conhecer a sua própria história de vida e familiar. Essa característica constata uma realidade que desde a década de 1990 vem se consolidando. O museu virtual na medida em que incentiva e promove a interação, a colaboração, a troca, permite que o membro da comunidade estudada e o seu visitante sejam corresponsáveis pela construção do seu acervo, implantando uma nova forma de se pensar museus. Com isso, o museu físico que tradicionalmente tinha como missão ser um agente de transmissão de conhecimento começa a gradativamente repensar suas propostas de ação (HUHTAMO, 2002). O velho modelo “positivista” perde espaço e deixa de ser atrativo diante das múltiplas possibilidades do museu virtual. O visitante ávido por conhecimento passa a ser agente de produção do saber, na medida em que colabora, interage, contribui para a construção do acervo, bem como para seu aperfeiçoamento. Nesse sentido, o instrumento tecnológico se consolida

como meio de se chegar ao conhecimento, trabalhando com o processo mental de percepção e de memória.

Cresce o grau de alcance do museu virtual. Enquanto o museu físico, sem a utilização de recursos tecnológicos só pode ser conhecido em lócus, o primeiro rompe todas as fronteiras e passa a ter uma dimensão planetária. Com isso não só ganha o visitante, mas também o próprio museu na medida em que possibilita que o seu conhecimento seja enriquecido com a interconectividade proporcionada pelo diálogo com outras fontes de saber, tudo isso potencializado com a utilização de uma pluralidade de multimídias, como aplicativos, sites, hiperlinks, jogos tridimensionais, sons, imagens e até mesmo as fontes clássicas (HENRIQUES, 2004). Essa nova forma de concepção e todo o aparato que contribui para seu aperfeiçoamento e aplicabilidade está à disposição de todos. Fica agora a critério de como o profissional das diversas áreas do conhecimento, o designer e o visitante irão utilizar. A criatividade, o senso crítico e lógica serão habilidades importantes no momento do diálogo colaborativo e interativo.

- ✓ Amplia o leque de possibilidades do visitante em relação a questão do tempo e espaço. Concede uma liberdade de escolha em relação à quando irá visitar o museu, quantas vezes quiser e permite o seu acesso no local que mais lhe aprouver. Com a flexibilização proporcionada pela virtualidade o visitante vai ao espaço físico se assim desejar, pois não mais existem fronteiras que o impeçam a acessar o museu (HUHTAMO). Com isso, a sua função de colaborar e de interagir se torna mais fácil na medida em que pode controlar o seu próprio tempo a ser utilizado para esse fim.

Finalizando o rol de características do museu virtual aqui pensado ressalta-se a sua preocupação com a salvaguarda do patrimônio material e imaterial, bem como com o cuidado com a preservação da memória coletiva (LIMA, 2009). Escolhemos a História pública como a dimensão que mais se adequa a proposta dessa tese. Sua abordagem é múltipla, contempla no contexto pesquisado e construído tanto a classe popular e subalterna, como os representantes da classe hegemônica

(SCHITTINO, 2016). Para contemplar e ouvir todas essas vozes várias fontes foram consultadas, tanto nos acervos físicos dos chamados “donos do poder” e que em torno deles circulam, como no patrimônio material e imaterial dos escravos, dos roceiros, dos moradores das casinhas do engenho e do povoado do Manco, das doceiras, das rezadeiras, dos vaqueiros e carreiros, entre tanto outros, que através de seus costumes e práticas reafirmam sua cultura e lutam pela sua sobrevivência. Buscamos integrar no museu os diferentes sujeitos históricos, em suas mais variadas posições e funções na tentativa de captar e dar possibilidades de expressão aos mesmos na perspectiva de Gramsci (1989), historiador de si mesmo, que constrói seus próprios conhecimentos através de uma abordagem significativa. Adotando o pensamento praxiológico gramsciano onde não existem hierarquias no conhecimento, mas sim uma convivência em uma rede de saberes contrários e que são acumulados e transformados, o presente museu virtual foi pensado levando-se em consideração o contexto da realidade entre os pares de diferentes grupos e classes e as relações contraditórias que estabeleceram nas suas existências e convivências (GRAMSCI, 1978).

A base teórica da construção de um museu virtual em foto e vídeo com o uso dos principais recursos tecnológicos disponíveis, se diferencia não só dos pressupostos da historiografia tradicional, mas também de outras concepções de história que foram surgindo ao longo do tempo. Exige-se um diálogo mais amplo e crítico que direciona para novas abordagens historiográficas e reflexões sobre o sentido da história na área do conhecimento. Diante dessa complexidade e novas abordagens é necessário que o museu esteja conectado com os princípios teóricos já apresentados e que o fundamentam.

11.2 O contexto do Museu do Museu Virtual da vila de Itapicuru, fazenda engenho Camuciatá e povoado do Manco e sua construção coletiva através da pluralidade de vozes que o compõem

Sendo o tema deste museu virtual a vila de Itapicuru, a fazenda engenho Camuciatá e o povoado do Manco a partir da produção de conhecimento baseado em contexto histórico é necessário compreender seu significado e como ele foi construído. O que norteia a pesquisa deste trabalho é a busca pelo contexto histórico no qual o espaço, os atores, os objetos, as vivências estão inseridos e emergem. Seguimos o referencial adotado por MATTA (2020), que leva em conta a

(...) compreensão sobre como ainda no século XIX, Karl Marx se utilizava do conhecimento em História. Para nós esta forma de utilização é o princípio precursor de nossa abordagem, pois representa a emergência da interpretação materialista-dialética da história, que nos norteia.

Realizando uma pesquisa de campo rigorosa e apurada, também feita em fontes primárias e secundárias adotamos uma abordagem socioconstrutivista que vai fazer a leitura e análise do contexto que será representado no museu virtual. Este conhecimento, fruto do contexto pesquisado, será compartilhado a partir da percepção das tensões sociais oriundas das relações dos sujeitos históricos que conviveram em um determinado período histórico. Acrescenta-se que nessa perspectiva deve-se considerar o avanço dos processos históricos e sociais que se dão a partir dos grupos e classes sociais envolvidos em suas práxis cotidianas, que nessa dinâmica vão impulsionando a História.

Nesse ponto já podemos definir o que é e como foi delineado esse contexto histórico que embasa o museu virtual que foi construído. O primeiro ponto a destacar é a compreensão da História a partir de múltiplos olhares, dos sujeitos históricos do passado aos do presente, todos podem apresentar suas versões em uma perspectiva de diálogo e com isso engajados em uma prática

de construção coletiva a partir de uma interpretação dialética. Nesse sentido, o objeto de estudo, da pesquisa e seu produto tem que ser do interesse de todos, pensado por todos e construído a partir da pluralidade de vozes que o compõem. Matta (2020), conclui que até os que pensam diferente podem e devem estar incluídos nesse processo, através do diálogo e das trocas estabelecidas nessa interseção.

Adotamos a perspectiva de um contexto histórico que leva em conta o entendimento dos processos sociais de acordo com as questões problematizadoras do estudo em foco. Nesse sentido as cronologias históricas e as narrativas factuais servem apenas para situar o pesquisador e visitante no tempo e no espaço. A discussão se amplia quando passamos a refletir a respeito da finalidade do museu aqui construído, que pode ser considerado como uma quebra de paradigma. Ao invés da metodologia adotada por grande parte dos museus presenciais durante dezenas de anos, o presente museu virtual pretende sair da linearidade da exposição dos fatos históricos e apresenta um designer inovador, na medida em que a seleção e disposição dos objetos, personagens, ambientes e experiências de vida retratadas estão dispostas a partir da lógica de questionamentos que buscam levar a respostas e soluções que expliquem os processos históricos e sociais e atendam as demandas da sociedade

Matta (2020), relaciona a elaboração do contexto histórico a abrangência que Marx dar a questão da produção da existência humana. Considerando que o ser humano na sua individualidade é complexo e que na sua coletividade isso se amplia, pensar em contexto é considerar a pluralidade dos diferentes modos de produzir do homem na sua totalidade. Nesse bojo, se inclui o cultural, o social, o religioso, o econômico e o político. Desse modo, o museu virtual construído irá refletir essa complexidade.

A compreensão do contexto histórico aqui pensado se aprofunda adotando-se o entendimento de Gramsci (1978). Ele reafirma a complexidade das ações humanas, ou seja, a práxis, que engloba os saberes e fazeres das práticas culturais, a produção econômica, o engajamento político e social, em uma perspectiva de transformação. Tudo isso são peças do mosaico do que se

compreende como contexto que reproduz o modo de pensar e agir dos sujeitos históricos na sua coletividade.

Para reforçar o conceito de contexto aqui trabalhado, trazemos a definição de Gramsci (1982) que afirma que todo o sujeito é filósofo de si mesmo, ou seja, procura refletir e entender sua existência a partir dos processos sociais que está envolvido com os outros seres humanos com quem se relaciona. Nesse sentido observa-se a valorização do pensamento e ações da coletividade para se compreender uma realidade e elaborar um contexto.

Seguindo a linha de pensamento de Marx e Gramsci, Matta (2020, p. 3) conclui que a legitimidade de um contexto se dá a partir da elaboração “de forma compartilhada das diferentes concepções”. Nesse sentido o contexto do museu só foi possível considerando a participação dos interlocutores que ajudaram na sua construção e colaboraram dialogicamente como sujeitos oriundos dos processos históricos pesquisados.

A compreensão do conceito de contexto histórico trabalhado nessa tese vai se consolidando em diálogo com pensadores trazidos por Matta (2020). Adotando essa abordagem a compreensão da construção do conhecimento histórico é possível a partir da análise das relações travadas entre os sujeitos históricos, considerando suas contradições e tensões produzidas entre si e com o ambiente em que estão inseridos (CARVALHO, 2008). A partir daí podemos observar o que foi construído no processo de luta pela sobrevivência em busca da estabilidade da preservação da vida como um todo.

O contexto histórico na concepção aqui adotada permite e é elaborado a partir da consideração dos questionamentos feitos baseado nos problemas concretos da vida humana em sociedade investigados. Na complexidade que engloba permite um entendimento mais amplo da História na medida em que a concebe como oriunda de várias relações complexas e ao mesmo tempo contraditórias, considerando as relações sociais humanas que moldam os processos Históricos.

Acompanhando a linha de pensamento de Matta (2020), que considera a concepção de Marx e Thompson (1981), agregando a criação de Gramsci, transcrevemos aqui o que ele entende por contexto histórico,

Ao fazer um contexto histórico, o investigador elabora sua questão e problematização, e busca construir o melhor conhecimento possível sobre a concretude de produção da existência de cada fenômeno social em seu foco de estudo. Busca elaborar uma compreensão defensável do fenômeno estudado, sendo rigoroso e exigente na elaboração das evidências que comprovem aquilo que defende. Feito isso, ele se encontra munido de uma concepção capaz de ser compartilhada, que agora pode entrar em novos questionamentos e avaliações, na medida do compartilhamento do que pensa com outras problemáticas e incompreensões, sempre existentes, mas também, e eu diria até principalmente, ao compartilhar com outros sujeitos pertencentes à comunidade de participantes e implicados no processo social e fenômeno que deseja investigar. Desta forma o conhecimento passa a ser dinâmico e de construção contínua, não mais para um sujeito individual, mas para toda uma comunidade implicada no estudo em construção. (MATTA, 2020, p. 5).

Finalizando a concepção de contexto histórico que é a base e roteiro para construção do museu virtual apresentado nessa tese trazemos Vygotsky (1991) que “tornou-se conhecido como o homem que percebeu a determinação histórica da consciência e do intelecto humano”, de acordo com Bruner (1961), na introdução que escreveu a obra em 1961 e presente na 3ª edição brasileira publicada em 1991.¹⁷² Sua contribuição é importante porque é baseada em suas reflexões que adotamos a concepção socioconstrutivista da História nesse trabalho, onde aceita-se (...) a construção coletiva do contexto como um trabalho do sujeito coletivo resultante da participação comunitária em questão” (MATTA, 2020, p. 5). Essa concepção aliada ao pensar histórico de Martineu (1999), legitima a construção coletiva, que é feita a partir do diálogo estabelecido pelos múltiplos sujeitos que interconectados entre si constroem uma interpretação da história mediada pelo diálogo e de acordo com as múltiplas visões dos envolvidos no processo.

Gradativamente percebe-se como os princípios teóricos que fundamentam este trabalho dialogam entre si e estão intrinsecamente ligados. O socio construtivismo e o pensar histórico são também a base para os

¹⁷² VIGOTSKY, L.S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. 3 ed.

recentes diálogos estabelecidos entre o mundo acadêmico e a chamada História Popular. Tudo isso facilitado pelo uso das novas tecnologias na História, a internet e suas múltiplas possibilidades, desembocando na História Pública que tem exatamente como uma de suas características usar o referencial da academia em diálogo e troca com a comunidade, ouvindo os sujeitos históricos concretos e coparticipantes da História, estando sempre aberta a novas possibilidades de produção e revisão dos conhecimentos (ALBIERI, 2011).

Os princípios que são utilizados nessa tese reforçam a importância da construção do contexto. Sem ele não teremos as possibilidades de realizar análises amplas e aprofundadas, nem será possível a validação das práticas concretas da existência humana. Nesse sentido o contexto tem um significado amplo e tem várias funções. Ele é o elemento que medeia o processo histórico estudado com a historicidade da contemporaneidade. Se torna o elemento de validação e o que permite a compreensão da tênue passagem do passado para o presente, principalmente nas suas permanências (CARVALHO; MATTA, 2008). O contexto se configura como o grande espaço que a coletividade nas suas múltiplas referências se faz presente e é representada. Apesar de ter sido o primeiro a ser construído nessa tese, sua funcionalidade está presente em todos os capítulos, até chegar o momento de ser legitimado, através dos quadros de acervo feitos a partir de elementos tirado dele e posteriormente convalidados nos ciclos de aplicação.

No capítulo referente a análise dos ciclos de aplicação, após a finalização da reflexão dos principais princípios teóricos utilizados nessa tese, poderemos constatar a importância e a validade do contexto e como serviu de mediação para a pesquisa aplicada. É importante relatar como foi usado, como fonte e matéria prima para a construção do presente museu virtual e de que forma contribuiu para o avanço das pesquisas realizadas e para validar os resultados apresentados. Com essas reflexões podemos perceber o vínculo existente entre cada etapa da construção dessa tese que começa com o contexto, de onde tiramos os elementos para compor os quadros do acervo e que se tornaram as peças apresentadas na composição do museu virtual

proposto a partir do designer elaborado através das tecnologias digitais da informação e comunicação.

No final desse subcapítulo de reflexão sobre a relevância da construção do contexto histórico em uma abordagem socioconstrutivista para a fundamentação dessa tese, trazemos ainda mais um conceito que está associado a ele e fortalece a sua importância nesse trabalho. Estamos falando da chamada comunidade de práxis, que segundo Matta (2020),

(...) são comunidades que tem em comum um contexto, e podem oferecer uma variedade de resultados e práticas de vida nos quais todos os participantes estão implicados, contribuindo, produzindo sentido, realizando vida. (MATTA, 2012 e BARAB; KLING; e GRAY, 2004).

Conclui-se que o processo de pesquisa deste trabalho teve como objetivo a construção do contexto. Vimos o contexto histórico da vila de Itapicuru, da fazenda engenho Camuciatá e do povoado do Manco que apresentou a compreensão e interpretação do autor/pesquisador sobre uma antiga vila da Bahia colonial e imperial, uma fazenda de gado e engenho de açúcar e um povoado com descendentes de portugueses, índios e escravos ressaltando a diversidade e as características dos sujeitos envolvidos e o reflexo nas suas práticas cotidianas, elaborado como um instrumento de intermediação para o diálogo e construção coletiva dos quadros de acervo com os envolvidos, que, através dele (contexto e quadros), despertaram o interesse em aprofundar o conhecimento sobre sua história, entender melhor a sua realidade de vida do presente e com isso buscar e construir juntos, em um sentimento de pertencimento comunitário, onde todos estão envolvidos, soluções para os problemas e questões suscitadas em um espírito de colaboração mútua, utilizando-se para isso de ferramentas acadêmicas e tecnológicas, mas também alimentadas pelo conhecimento popular e a autonomia de cada sujeito histórico, na sua individualidade e coletividade.

A conclusão da construção do contexto que vai embasar o museu virtual permite que o pesquisador tenha em mãos uma interpretação própria do objeto

de estudo, mas que não significa uma verdade absoluta e que deva ser imposta. Esse contexto se torna um instrumento de diálogo com a comunidade. Um ponto de partida e de abertura para se ouvir as vozes daqueles que queiram se envolver na busca em pensar as questões e problemas da região e que juntos, em uma perspectiva coletiva, possam buscar soluções através do retorno dado nos ciclos da pesquisa aplicada, mediada pelo contexto e pelo diálogo estabelecido.

O contexto da vila de Itapicuru, fazenda engenho Camuciatá, povoado do Manco foi feito a partir da constatação da inexistência de uma solução dialógica e mediadora do conhecimento, com uma abordagem socioconstrutivista para uma vila da Bahia colonial e imperial, incluindo os principais elementos do seu entorno, como fazendas, engenhos, roças e povoados. Nesse sentido ele passa a ser um instrumento que possibilita apresentar soluções práticas e que estejam de acordo com as necessidades concretas da comunidade, levando em conta seu perfil, interesses, desejos e anseios. Apresenta-se múltiplas possibilidades, como a utilização para aplicação em práticas educacionais, a dinamização da economia sustentável através do incentivo da revitalização dos meios de produção tradicionais, a exploração de um turismo de base comunitária gestado internamente pelos moradores locais e a utilização das novas tecnologias como possibilidade de crescimento da comunidade, como é o caso desse museu virtual que abre as portas para a concretização de amplas soluções que atendam as demandas locais e permitam o seu desenvolvimento seja econômico, educacional, social e tecnológico.

A produção do contexto não é concluída no desenvolvimento dos capítulos dessa tese, nem com sua conclusão. Após submetido a análise da comunidade todos os envolvidos continuam na busca de conhecer cada vez mais sua história para compreender melhor o que precisa ser melhorado ou modificado, de acordo com que os dados da pesquisa trouxeram e em um diálogo permanente em busca de soluções viáveis. Com essas considerações trouxemos nossas reflexões sobre a importância da construção do museu virtual baseado em contexto a partir de uma abordagem socioconstrutivista. No próximo subcapítulo, tendo visto o conceito de museu virtual e como ele foi

construído, vamos desenvolver o projeto museológico com o roteiro que foi pensado para a apresentação do designer cognitivo.

11.3 O projeto museológico do museu virtual da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciatá e Povoado do Manco a partir do design do museu

Após a finalização da primeira etapa da pesquisa, na condição de autor/pesquisador, em parceria com a participação da comunidade e o embasamento com os princípios teóricos que adotei é o momento do desenvolvimento do designe cognitivo que irá dar subsídios para a construção do projeto do museu. A elaboração do design está pautada pela resposta que demos a questão problema central que norteou essa tese, ou seja, a inexistência de uma solução mediadora para o conhecimento de uma vila do interior da Bahia, uma antiga fazenda de gado e engenho de açúcar e um povoado formado por descendentes de índios, negros e brancos. O design apontará para a solução, esse sistema informacional e de aprendizagem que traz elementos contextualizados em consonância com os princípios selecionados. O processo de construção e reconstrução que foi elaborado a partir da pesquisa do contexto e depois da pesquisa aplicada com seus ciclos de aplicação exigiu o desenho da arquitetura do museu virtual, solução mediadora escolhida para apresentar o contexto dos espaços, personagens e objetos selecionados.

A proposta da construção de um museu virtual em foto e vídeo vai para além de ser um simples instrumento informacional que traga dados e fatos de uma determinada época histórica. Sua proposta se amplia, na medida em que o que se espera alcançar está norteado pela investigação em História pública, cuja metodologia é a pesquisa aplicada (DBR)¹⁷³, embasada por uma abordagem socioconstrutivista e por princípios do dialogismo e da polifonia trazidos por Bakhtin. Nesse sentido, o presente MV é um software que se torna um instrumento de aprendizagem onde os visitantes/ sujeitos históricos do presente podem interagir, viver e compartilhar experiências, se transportar para espaços representados que se baseiam em um contexto construído

¹⁷³ No próximo capítulo iremos desenvolver a metodologia DBR utilizada neste trabalho.

coletivamente e de forma colaborativa, onde através do diálogo o passado pode ser revisitado e ao mesmo tempo podem apresentar soluções para as contradições percebidas a partir da possibilidade de interação com o acervo do museu na busca de soluções de problemas oriundos da sociedade brasileira colonial e imperial que era estratificada e altamente desigual na sua forma de divisão de trabalho, na questão da terra e na exploração da mão de obra dos índios e negros escravizados e que tem reflexos na sociedade contemporânea.

De acordo com essas reflexões, elaboramos um quadro que tem o intuito de apresentar os tópicos que serão usados como parâmetro para a construção do projeto museográfico e o design do museu virtual da Vila de Itapicuru, da Fazenda Engenho Camuciatá e do Povoado do Manco de acordo com os objetivos a serem alcançados pelo museu, a forma como os conteúdos serão abordados e o roteiro estabelecido a partir disso, as estratégias para garantir no design do museu a presença da abordagem socioconstrutivista, a partir da contextualização elaborada e os princípios básicos que embasam o trabalho, a saber: interdisciplinaridade, colaboração/interatividade, dialogismo, validação, todos em sintonia com a dimensão da História Pública. No projeto e design do museu buscamos alcançar também a proposta de apresentar soluções pedagógicas práticas a partir da visita, pesquisa e interação com o instrumento museológico. Em seguida o quadro apresenta as soluções técnicas do projeto do museu como as mídias e recursos disponíveis, os meios que o visitante dispõe para realizar a visita e finalmente como o museu será avaliado e socializado buscando a difusão do conhecimento, seu refinamento e aperfeiçoamento. Apresentamos a seguir esse quadro com a arquitetura sistematizada que já é parte da construção do projeto museológico pensado.

Quadro 01 - *Design* Cognitivo e projeto museográfico do museu em foto e vídeo da Vila de Itapicuru, Fazenda - Engenho Camuciatá e Povoado do Manco com uma abordagem socioconstrutivista.

SOLUÇÕES COGNITIVAS	
TEMA	- Solução de um museu virtual em foto e vídeo para a vila de Itapicuru, fazenda-engenho Camuciatá e povoado do Manco, com abordagem socioconstrutivista.
	- Disponibilizar um sistema informacional que seja difusor do conhecimento histórico pesquisado e ao mesmo tempo seja capaz de proporcionar a colaboração e interação

<p style="text-align: center;">OBJETIVOS</p> <p>(O que se pretende alcançar com o museu e qual o propósito para o sujeito histórico aprendiz?)</p>	<p>daqueles que o acessam. Para alcançar esse formato com essas múltiplas funções é necessário se levar em conta não só a produção acadêmica, os saberes oriundos das fontes documentais escritas e a produção historiográfica, mas também as contribuições advindas da comunidade envolvida, em diálogo com as possíveis práticas pedagógicas a serem trabalhadas.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Possibilitar a compreensão de que os saberes possuem o mesmo valor e não existe hierarquia entre eles, apenas são provenientes de origens diferentes. Nesse sentido, busca-se a integração entre as diferentes formas de conhecimento, sejam elas provenientes da ciência, ou da cultura popular. - Facilitar a aproximação entre os diferentes tempos históricos de modo que possibilite que sujeitos do século XXI possam interagir com personagens do XVIII/XIX e com isso dialoguem e possam recriar vivências e experiências. - Favorecer através dos princípios socioconstrutivistas e da pesquisa aplicada nessa tese a conscientização da comunidade a respeito de sua historicidade, contribuindo para a valorização da identidade e possibilitando, a partir do autoconhecimento e de novos conhecimentos a produção de velhos e novos saberes. Levar o aprendiz a se situar no seu contexto atual, de modo que seja capaz de perceber as permanências e transformações causadas pela passagem do tempo e pelos deslocamentos espaciais. - Permitir que o sujeito histórico aprendiz seja capaz de analisar e interpretar sua realidade sócio-histórica a partir do contexto apresentado no ambiente virtual e a interação que estabelece com ele, através do diálogo e da sua imersão nos espaços criados e recriados, sendo historiador de si mesmo. - Dar espaço a participação de todos os personagens que compõem e interagem com o museu, sejam eles dos séculos passados ou sujeitos históricos aprendizes da contemporaneidade, adotando a perspectiva da história pública social. O sentimento de pertencimento dos mais diversos atores sociais, provenientes das diferentes classes sociais que compõem o cenário do museu é importante porque levará a conscientização a respeito da importância da valorização da memória e da preservação do patrimônio histórico-cultural da região.
	<ul style="list-style-type: none"> - Os conteúdos do museu virtual foram selecionados a partir do contexto histórico, social e cultural da fazenda engenho Camuciatá, da vila de Itapicuru e do povoado do

<p>FORMA DE ABORDAGEM DOS CONTEÚDOS (roteiro estabelecido a partir da abordagem).</p>	<p>Manco entre os séculos XVIII e XXI. As informações surgem tanto do cenário interno de suas edificações, como a casa grande e senzalas, bem como do seu espaço externo composto de construções, acidentes geográficos e aspectos da natureza. Nesse sentido o conteúdo será elencado de acordo com o contexto construído e no ambiente dos espaços selecionados onde teremos objetos, personagens, edificações, vivências, fazeres e saberes, formas de trabalho, dança e musicalidade, tudo isso sendo registrado em foto e vídeo e compondo o acervo do museu. As fotos das peças do acervo serão agrupadas em “coleções” de acordo com a temática e o conteúdo. As características de cada uma delas serão registradas em “fichas técnicas”. O mesmo critério será seguido para estabelecer o roteiro dos documentários, filmagens, entrevistas, depoimentos sempre inseridos no contexto construído e pré-selecionados nos quadros de acervo presentes nessa tese.</p>
<p>CONTEXTUALIZAÇÃO (Qual estratégia para garantir no design do museu a presença da abordagem socioconstrutivista, a partir da contextualização e o universo sócio-histórico construído)</p>	<p>- As estratégias que irão garantir a contextualização estão pautadas nos princípios socioconstrutivistas que fundamentam essa tese. (Veremos na sequência abaixo). O contexto pesquisado e construído sobre Itapicuru, a fazenda engenho Camuciatá e o povoado do Manco da forma como foi elaborado permite ao sujeito do presente se transportar para os séculos XVIII e XIX se inserindo no universo sócio-histórico da época.</p>
<p>INTERDISCIPLINARIDADE (Qual estratégia para garantir no design do museu a presença do princípio da interdisciplinaridade?)</p>	<p><i>Dentro do contexto histórico social construído trouxemos diversos fatos, manifestações culturais, processos históricos que para serem pesquisados e analisados necessitavam do diálogo com outras áreas do conhecimento, para além da História, a saber: a geografia, a música, a arte, a antropologia, arquitetura e literatura, ecologia, meio ambiente, a pedagogia, entre outras ciências. Visto o exposto a própria diversidade de temas e vozes presentes no ambiente do museu construído conduziu a necessidade do uso da interdisciplinaridade para que pudéssemos contemplar a pluralidade cultural do objeto de estudo pesquisado. Com o isso, a abordagem socioconstrutivista adotada traz na sua aplicabilidade a interdisciplinaridade como presença essencial.</i></p>
<p>COLABORAÇÃO E</p>	<p>- A colaboração e a interatividade, princípios inerentes a abordagem socioconstrutivista, estarão presentes no design do museu na medida em que o contexto que servirá</p>

<p>INTERATIVIDADE</p> <p>(Quais estratégias para garantir no design do museu a presença dos princípios da colaboração e interatividade?)</p>	<p>como roteiro para a seleção das peças do acervo que irão compô-lo será construído com a participação ativa dos sujeitos históricos do presente que contribuem com seus conhecimentos, suas experiências de vida e com a práxis cotidiana. Nesse sentido o diálogo foi uma das estratégias principais inserido no projeto do museu de modo a garantir que o mesmo, em seu processo de construção, permitisse a participação ativa e a interação dos atores sociais envolvidos.</p> <ul style="list-style-type: none"> - O incentivo a adoção de uma prática dialógica buscando conscientizar a comunidade de práxis de que eles e seus antepassados são os principais responsáveis pela existência da cultura material e imaterial que reverbera na contemporaneidade, chamando-os a serem historiadores de si mesmo. - O autor/pesquisador atuando como mediador do conhecimento, mas sobretudo respeitando a autonomia dos que são parte do contexto estudado valorizando as experiências concretas de vida que dialogam com as vozes do passado que se fazem presentes no cotidiano existencial das comunidades. - A utilização da oralidade como fonte primordial para a construção coletiva do museu.
<p>VALIDAÇÃO</p> <p>(Quais estratégias de validação?)</p>	<p>De acordo com a proposta de construção coletiva do museu onde o pesquisador, os membros da comunidade de práxis e o visitante do museu são considerados como autores autônomos e dotados de capacidade de colaboração, que interagem entre si e expressão uma pluralidade de vozes através dos seus múltiplos olhares, as estratégias de validação foram divididas basicamente em duas fases:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Validação interna, onde o autor/pesquisador a partir de seu objeto de estudo, se debruça sobre o tema e busca estudar e conhecer tudo que foi produzido sobre ele. É o contato com a historiografia e as fontes documentais existentes sobre a temática. Esse foi o primeiro passo para a construção do contexto. - Validação externa, parte do pressuposto de que precisamos envolver o sujeito nesse processo de validação, na medida em que ele como historiador de si mesmo, engajado no contexto sócio-histórico em que vive é o que tem mais legitimidade para confirmar, acrescentar ou modificar o roteiro e as abordagens que foram construídas no capítulo do contexto. Visto o exposto, através do diálogo, buscando a colaboração e interação, mas sobretudo respeitando a autonomia dos sujeitos, projetamos realizar entrevistas, rodas de conversa em que incentivamos a reflexão sobre as histórias de vida dentro da comunidade levando em consideração o que foi dito para a reelaboração do contexto nos pontos específicos tratados. Também, apresentamos aos sujeitos situações e soluções propostas no museu com o objetivo de provocar a

	<p>construção de sentido para o contexto elaborado e assim levá-lo a se posicionar e validar ou não determinada solução prática de acordo com sua realidade de vida e de sua comunidade. Por último, a validação externa foi feita junto as redes colaborativas, dialogando com grupos de pesquisa, comunidades de prática que fazem parte do ambiente do museu construído e o público em geral, buscando refletir sobre tudo aquilo que foi colocado no contexto e através do diálogo aprofundando e problematizando as questões.</p> <p>A validação externa foi projetada para acontecer de forma processual, nos vários momentos da escrita da tese. Na fase dos ciclos de aplicação ela foi fundamental.</p>
<p>SOLUÇÕES PEDAGÓGICAS (Quais estratégias poderão atender às funções pedagógicas?)</p>	<p>- Como instrumento didático-pedagógico a ser utilizado no ensino de História e de outras áreas do conhecimento, elencamos algumas estratégias para atender às funções pedagógicas do museu:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Manual prático de como o sistema informacional poderá ser usado na sala de aula, no processo de ensino e aprendizagem; ✓ Tutorial de visita ao museu virtual. ✓ Exposição de fontes históricas documentais, orais, imagéticas, sonoras, para que o visitante possa ter acesso ao material utilizado na construção do museu. ✓ Relação e diferenciação do patrimônio histórico-cultural material e imaterial. ✓ Discriminação das grandes áreas do saber envolvidas no processo de construção do museu virtual e presentes no seu design chamando a atenção para a importância da interdisciplinaridade e de como o professor pode utiliza-lo como recurso didático para o estudo de diferentes áreas do conhecimento.
SOLUÇÕES TÉCNICAS	
<p>MÍDIAS (Quais mídias pretendidas no museu?)</p>	<p>As tecnologias da informação e comunicação, de um modo geral, especificamente a utilização de foto e vídeo e os recursos que esses instrumentos oferecem para construção do design do museu. As mídias principais escolhidas como suporte para construção do museu são câmera Canon 6D Mark II, gravador Zoom 4, microfone direcional Rode e Drone. Com esses equipamentos será permitido a captação de imagens e sons. Aliado a isso os diversos aportes que a internet oferece fazem parte do projeto de acordo com as necessidades de construção de um museu interativo.</p>
	<p>Sendo um museu construído a partir da abordagem socioconstrutivista o projeto foi elaborado procurando dar total autonomia ao internauta. Nesse sentido ele é autoexplicativo, permitindo que o visitante possa acessá-lo e percorrer seus espaços de acordo com seus interesses e</p>

<p style="text-align: center;">MOBILIDADE</p> <p>(Quais estratégias de mobilidade estarão disponíveis ao visitante?)</p>	<p>naquilo que lhe interessar. Para isso ele poderá utilizar os recursos do computador, notebook ou celular e acessar o ambiente virtual, utilizando os comandos que estarão disponíveis para sua incursão de acordo com o tutorial de visitação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Link de acesso: http://museubaraodejeremoabo.com.br/museu-virtual.php • Tutorial de acesso: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Clique no link do Museu Virtual da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciata e Povoado do Manco para ter acesso ao tutorial.
<p style="text-align: center;">MEIO DE SOCIALIZAÇÃO</p> <p>(Qual o veículo técnico de apresentação)</p>	<p>O Museu Virtual da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciata e Povoado do Manco está hospedado no site do Instituto Museu do Nordeste Barão de Jeremoabo. Segue os links abaixo:</p> <p>WEB - no portal do Instituto Museu do Nordeste Barão de Jeremoabo: http://museubaraodejeremoabo.com.br/nossa-historia.php</p> <p>Museu da vila de Itapicuru, Fazenda-Engenho Camuciata e Povoado do Manco: http://museubaraodejeremoabo.com.br/museu-virtual.php</p>
<p style="text-align: center;">PROPOSTA DE AVALIAÇÃO</p> <p>(Qual a proposta de avaliação inerente no projeto)</p>	<p>O museu virtual da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciata e Povoado do Manco construído dentro de uma abordagem socioconstrutivista poderá ser avaliado constantemente, desde a sua criação até as fases dos ciclos de aplicação e o redesigne. A avaliação se torna processual e, portanto, sugere constantes transformações. Para que o autor/ pesquisador possa acompanhar o processo de avaliação, como uma das propostas pedagógicas desse instrumento, ele poderá, por exemplo:</p> <p>1) através da tecnologia, criar espaços, através de ícones que seja apenas visualizado por ele ou a equipe dos profissionais envolvidos, onde possa acompanhar o perfil dos visitantes, quais as peças do acervo mais acessadas, o retorno que deram as perguntas e reflexões propostas e análise das participações feitas em “Contatos/ Construa Você Mesmo a História”. Com isso, o autor/pesquisador poderá ter acesso as respostas que foram dadas, os comentários registrados e o diálogo estabelecido entre os sujeitos do presente com o museu, seus objetos, ambientes e personagens. A ideia é que esse feedback seja compartilhado com a comunidade envolvida e a partir dele se faça uma autocritica do museu e o que precisa ser mudado ou aperfeiçoado.</p>

	2) Para além da avaliação mais pontual descrita acima será aberto um fórum de diálogo constante com as comunidades de prática e redes de colaboração surgidas no próprio processo de construção do museu e que juntos avaliaremos constantemente a funcionalidade e efetividade do software para as práticas educacionais dentro dos princípios que foi elaborado.
--	--

Fonte: Quadro adaptado de MATTA, Alfredo E. R. ,2012; MARTINS, Luciana, C.A, 2017; GOMES, Maria A. L, 2017.

Esse quadro do design cognitivo com as principais etapas do projeto museográfico foi elaborado em consonância com os princípios utilizados nessa tese de forma objetiva e sistemática fundamentado no contexto construído. A partir dele será elaborado um tutorial autoexplicativo para que o visitante, caso queira, possa utilizar para facilitar o percurso de sua visita ao museu. Esse tutorial estará postado no ambiente virtual de aprendizagem assim que o internauta o acessar.

12. O uso das tecnologias na pesquisa histórica: suporte em fotos e vídeos com câmera DSLR full frame Canon 6D Mark II e Drones DJI Mavic Mini e Multirotor, Qanum Spider 700.

Finalizado a apresentação do design do museu, projeto museográfico, roteiro contextualizado e posterior tutorial de visita baseados no contexto construído a partir do objeto de pesquisa e estudo e de acordo com a abordagem socioconstrutivista de Vygotsky utilizando os princípios do dialogismo de Bakhtin e da História Pública passamos a discorrer sobre a parte técnica do software, trazendo a discussão da importância do uso das tecnologias na pesquisa em História e como ela foi aplicada na prática como suporte para a construção do nosso museu virtual.

Essa tese está inserida no contexto do avanço das tecnologias que se acentuaram no final do século XX e começo do XXI em todas as áreas da vida humana, inclusive no campo da História. Nesse contexto surgiram as novas tecnologias e linguagens para o ensino e a pesquisa. São as chamadas tecnologias da informação e comunicação (TIC) que trouxeram muitas possibilidades para o uso na História.

O museu virtual da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciatá e Povoado do Manco é um recurso inovador montado a partir do contexto

histórico pesquisado e construído de acordo com as abordagens teóricas adotadas. A utilização da tecnologia na sua produção possibilita o diálogo do conhecimento histórico com um público mais amplo e plural se tornando uma possibilidade a mais para a difusão da História com uma importante área do conhecimento para o avanço da humanidade.

A construção desse museu virtual se tornou um instrumento para a investigação da História e difusão do conhecimento que envolve múltiplos saberes dos mais diversos campos de estudos possibilitando um entendimento mais amplo dos contextos apresentados na medida em que a utilização dos recursos tecnológicos necessitam da interdisciplinaridade para que possa construir um conhecimento que seja mais próximo da realidade estudada a partir da diversidade de fontes e saberes envolvidos no processo de elaboração do instrumento tecnológico.

O crescimento dos recursos tecnológicos só faz ampliar a possibilidade de utilização de novas fontes e abordagens da História. É a partir da década de 1990 que se ressalta a importância da fotografia, da captação de imagens através de vídeos, do cinema, da música, como instrumentos a serem utilizados na investigação histórica e nesse contexto as tecnologias digitais vão estar presente. Matta (2002),¹⁷⁴ em sua tese de doutoramento, contribuiu para essa reflexão chamando a atenção da importância das novas tecnologias para o aprofundamento dos estudos históricos e como elas dialogam com os princípios e abordagens históricas.

Em uma perspectiva mais ampla e reforçando a importância do uso das tecnologias a serviço da informação e comunicação, no campo educacional, seja para o ensino e para a pesquisa, trazemos o que Lévy (1988) pontua como importante, no sentido mais macro, da relação das TIC com a sociedade como um todo e seus benefícios e que Matta (2006) destaca algumas delas:

- a) Meios digitais que permitam o crescimento e amadurecimento da sociedade através do processo de ensino e aprendizagem e da troca dos saberes;

¹⁷⁴ MATTA, A. Procedimentos de autoria hipermídia em rede de computadores: um ambiente para o ensino aprendizagem de história. In: Grupo Gerdau; CNPQ; Fundação Roberto Matinho. (Org.). Prêmio jovem cientista e jovem cientista do futuro, novas metodologias para a educação. Brasília: CNPQ, 2002, v., pp. 69- 92.

- b) Tecnologias e seus múltiplos dispositivos capazes de captar e valorizar a diversidade, em contraposição a difusão de conhecimentos prontos e acabados na forma tradicional;
- c) Modelos informacionais que almejam a formação de cidadãos que possam desenvolver sua própria autonomia do saber, levando em conta exatamente a multiplicidade de saberes e fazeres.
- d) Sistemas que sejam capazes de coletar e armazenar informações de contextos vivenciados pela humanidade e que possam ser disponibilizados para o conhecimento da coletividade possibilitando estudos, análises, interpretações e conclusões.

Complementando a importância da relação da tecnologia com a sociedade globalizada trazemos o pensamento de Castells (1999) em seu já clássico *A sociedade em rede*, onde destaca que

Como tendência histórica, funções e processos dominantes na era da informação estão organizados, cada vez mais, em torno das redes (...) e que as redes constituem a nova morfologia social das atuais sociedades, e a difusão da lógica de rede modifica substantivamente a operação e o resultado dos processos produtivos, experiência, poder e cultura. (CASTELLS, 1999, p. 497).

A relação intrínseca da tecnologia da informação com a sociedade destacada pelo autor abrange tanto a cultura, como a educação em suas múltiplas possibilidades e abordagens estando a serviço das mais diferentes áreas do conhecimento fortalecendo a interdisciplinaridade. No nosso trabalho, o contexto histórico é a base que aliado a tecnologia se expande, dialoga e ganha novos significados em um processo de aprendizagem dinâmico e interativo que facilita a participação de múltiplos atores históricos de uma forma dialética e construtivista.

As novas linguagens estão unidas aos princípios socioconstrutivista e a abordagem Bakthiniana facilitando a construção de ambientes virtuais que se concretizam em novas dimensões e perspectivas tendo como pano de fundo

um contexto histórico processual que não se esgota em si, mas que é constantemente revisitado a partir da contribuição dos sujeitos históricos do presente que imersos em ambientes e espaços históricos reelaborados são capazes de si sentir imersos no contexto histórico registrado e com isso refletir sobre o seu papel naquela história, podendo com isso analisar e interpretar sua realidade e com isso trazer questões problemas a partir das dificuldades e necessidades detectadas de suas vidas concretas. O sistema informacional montado, no nosso caso o museu virtual, passa a permitir que se façam perguntas e se deem respostas e essas apontem para possíveis soluções fundamentadas na historicidade do sujeito do presente, se tornando, por excelência em uma solução mediadora e difusora do conhecimento.

Feita essa introdução da aproximação da história com as tecnologias e a contextualização da importância do uso dela para a pesquisa e a construção do conhecimento histórico de acordo com as abordagens e princípios da historiografia adotados nesse trabalho vamos objetivamente apresentar os instrumentos tecnológicos que foram utilizados na produção do museu virtual da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciata e Povoado do Manco e a metodologia utilizada, o seu planejamento, execução e como se chegou ao produto final.

O museu virtual, a partir do roteiro elaborado baseado no contexto construído e nas peças selecionadas nos quadros do acervo, teve seu design projetado através de fotografias e filmagens. O registro das fotos foi com câmera DSLR Full Frame Canon 6D Mark II. As filmagens terrenas com o mesmo equipamento e as áreas com dois tipos de drones: DJI Mavic Mini e Multirotor, Quanam Spider 700.

12.1 Registros com câmera Canon 6D Mark II

As fotografias e filmagens térreas tiveram a intenção de retratar a realidade local, privilegiando a luz natural. A orientação foi que o fotógrafo utilizasse a estratégia de interferir minimamente possível na cena, de modo a respeitar o ambiente natural que os objetos e personagens estavam inseridos e o contexto histórico, cultural e social do momento retratado, deixando, desse modo, os fotografados e/ou entrevistados à vontade. Com esse objetivo não

houve arrumação no cenário, nem sugestões de adoção de posturas e falas por parte dos atores históricos retratados ou filmados. Adotou-se uma postura de escuta de modo a considerar a opinião dos personagens em relação a construção do registro que estava sendo feito na medida em que o produto fosse fruto de um trabalho em parceria colaborativa e dialogada. Adotou-se também a captação de cenas inteiras, evitando cortes e montagens posteriormente na edição.

Para esse trabalho, realizado pelo fotografo André Fernandes, da empresa Boca dos Olhos, o equipamento utilizado foi a câmera DSLR full frame, lentes, estabilizador de imagem e microfone direcional e gravador, com especificações descritas abaixo:

- 01 câmera Canon 6D Mark II
- 01 câmera Canon 6D
- 01 lente Canon 70-200 f2.8
- 01 lente Canon 17-40 f4.0
- 01 lente Tokina 100mm Macro f2.8
- 01 lente Canon 50mm f1.8
- 01 Flash Canon 430x II
- 01 Led Yougnouo 600
- 01 Led Yougnouo 300
- 01 Gravador Zoon4
- 01 Microfone Direcional Rode



Figura 118 - Câmera Canon 6D Mark II

Com essa tecnologia fizemos fotos e filmagens que estão apresentados no museu virtual com o seguinte layout: no “Acervo de Fotos” distribuídas em 37 coleções e na “Galeria de Vídeos” em estilo de documentários, depoimentos

e tour virtual com vídeos com filmagens de “Aboio”, senhora ensinando fazer rede de crauá, senhor narrando a passagem de Lampião pelo Camuciátá, tocadores de zabumba e o tour virtual pelo interior do sobrado, entre outros.

12.2 Registros com Drones: DJI Mavic Mini e Multirotor, Qanum Spider 700.

As filmagens e fotos aéreas foram feitas com dois tipos de Drones com as seguintes especificações: DJI Mavic Mini e Multirotor, Qanum Spider 700. Utilizou-se a técnica da fotogrametria que surgiu na década de 60 na França e, foi evoluindo ao longo dos anos até os dias atuais, de acordo com o avanço tecnológico, partindo da fotogrametria analógica, analítica e atualmente a digital que se baseia na realização de medições e interpretações confiáveis por meio de fotografias aéreas, sendo possível mapear grandes áreas através de câmeras embarcadas em aeronaves.

Nos dias atuais dispõem-se da técnica de fotogrametria digital com o uso de drones, também conhecidos como VANT/RPA (Veículo aéreo não tripulado), ou RPA, do inglês Remotely Piloted Aircraft (Aeronave remotamente pilotada). O que no passado era feito com grandes câmeras embarcadas em aeronaves com pilotos, resultando em alto custo além da problemática das nuvens nas imagens, atualmente com o avanço tecnológico, este trabalho é realizado de forma autônoma, através do uso de drones com rotas pré-estabelecidas (piloto automático), devido ao GPS embarcado na aeronave (FONTES, 2005).

O VANT/RPA (Veículo aéreo não tripulado) pode ser dividido basicamente em três tipos principais, os de asa fixa, os multirotores, e o VTOL (do inglês Vertical Take-Off and Landing), além de recentes avanços na utilização de drones híbridos utilizando propulsão com eletricidade e gasolina ou etanol. Dentre estes os dois modelos mais utilizados são os multirotores e os de asa fixa, cada um com suas particularidades, vantagens e desvantagens.

O modelo multirotor foi o utilizado nas filmagens das paisagens, dos ambientes e edificações que foram registrados no museu virtual. É o mais comum para venda no mercado, e de fácil utilização, caracterizado por conter 3 ou mais motores, muito utilizados para aquisição de fotos aéreas e filmagens devido sua estabilidade durante o voo, tem a vantagem da decolagem e pouso

ocorrerem na vertical, versatilidade e operação, tendo como desvantagem sua baixa autonomia de voo, em comparação com drones de asa fixa e conseqüentemente menor área de cobertura (BRITO; COELHO, 2002).



Figura 119 - Drone do Tipo Multirotor modelo quadcopter (4 motores).

Com a utilização do Drone obtivemos para o museu virtual imagens com melhor relação temporal, sem problemas de nuvens e com altíssima resolução. Os produtos do imageamento forneceram informações detalhadas sobre as áreas-alvo e adjacências incluindo imagens coloridas, com excelente resolução, e ortorretificadas.

Os equipamentos utilizados são de propriedade da empresa “Invento GeoSoluções Ltda” e o trabalho realizado foi feito por Celso Hiro Hayashi, engenheiro (gestão industrial) e socio diretor da referida empresa e por José Natanael Santos Freire, funcionário da empresa, piloto de Drone e especialista em aerolevanteamento com RPA -Aeronave Remotamente Pilotadas dos tipos Asa fixa e multirrotor. Para a produção dos vídeos do museu foi utilizada a seguinte metodologia baseado no mapeamento aéreo ou aerofotogramétrico com drones que é subdividido em três etapas básicas:

- a) Planejamento de voo
- b) Levantamentos aéreo
 - b.1) Execução
- c) Processamento ou Tratamento dos dados obtidos e produto. (HAYASHI, 2022).

a) Planejamento de voo

O planejamento de voo é a primeira etapa do levantamento aerofotogramétrico com drones. Esta etapa foi realizada utilizando um *software* de planejamento de voo específico para tal atividade, atualmente existem diversos disponíveis no mercado. Acessando a base de mapas do software, identificou-se a região a ser mapeada, acessos, topografia do terreno, vegetação, o perímetro de interesse, local de lançamento e pouso, modelo de câmera utilizada, altitude, velocidade de voo, necessidade de pontos de controle (quando o produto for georreferenciado), o índice de sobreposição das imagens, entre outros parâmetros (TEMBA, 2000).

O *software* utilizado para o planejamento do voo realizado no Sobrado da fazenda engenho Camuciatá, casa do Barão de Jeremoabo, localizada no município de Itapicuru, Estado da Bahia, foi o *QGROUND CONTROL* versão V4.2.3.

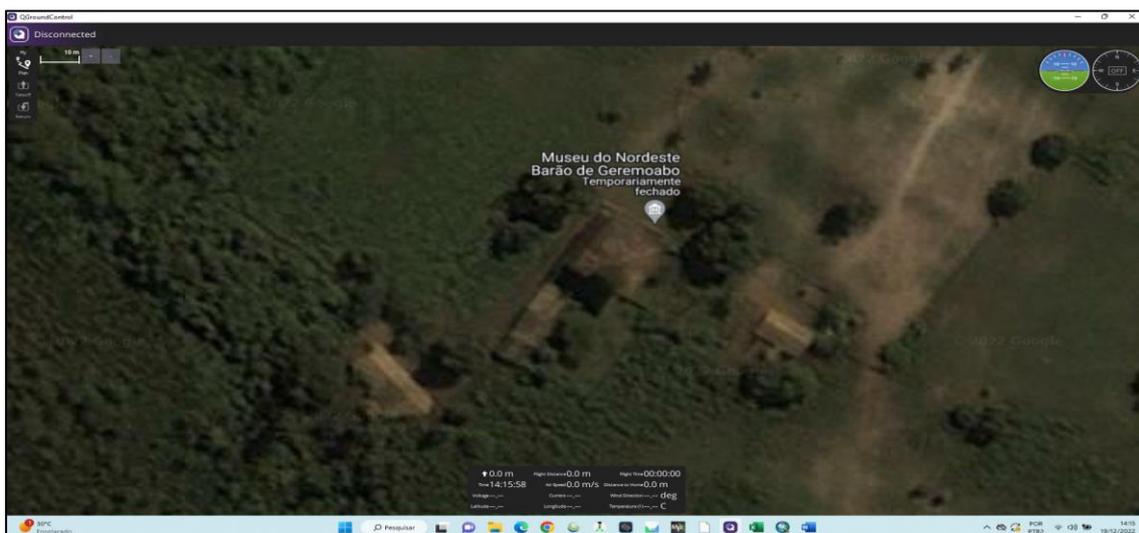


FIGURA 120 - INTERFACE DO SOFTWARE DE PLANEJAMENTO DE VOO, QGROUNDCONTROL.

Na etapa de planejamento de voo foi primordial a definição da resolução do levantamento, ou seja, qual o GSD (Ground Sample Distance) deverá ser

obtido para que a imagem aérea represente com detalhe o local de interesse da pesquisa.

Outro aspecto importante a ressaltar no planejamento do voo são os pontos de controle (*Ground Control Point* ou GCP) que são pontos foto identificáveis em solo obtidos com a utilização de um GNSS geodésico com o objetivo de melhorar a acurácia do levantamento aéreo e amarração das ortoimagens.

Eles permitem a identificação exata nas fotos adquiridas através do sobrevoo das marcações onde o GNSS de precisão geodésica coletou pontos em campo, demarcados com lonas plásticas pintadas, fixadas com um prego nas laterais ou tinta spray se o ponto for locado em superfícies que possibilitem este outro tipo de marcação, essas coordenadas serão posicionadas no centro da marcação, e com isso, o ortomosaico terá uma precisão centimétrica (TOMMASELLI, 2009).

No sobrevoo realizado na antiga casa do Barão de Jeremoabo, localizada no município de Itapicuru, Estado da Bahia, não foram utilizados pontos de controle no solo, contudo foram adquiridas medidas in loco de estruturas da casa para serem alimentadas no software de processamento das imagens Pix4DEnterprise, com o intuito de atribuir a escala correta ao projeto. (HAYASHI, 2022).



Coleta de medidas pontuais ao longo da casa, utilizando trena.

b) Levantamento aéreo

A segunda etapa da metodologia utilizada foi o “levantamento aéreo” que nada mais é do que a aplicação prática de todas as etapas citadas anteriormente. Sendo de suma importância realizar um bom plano de voo, ter o conhecimento da autonomia de voo da aeronave, tempo de bateria e o tipo de sensor da câmera embarcada na aeronave, todos estes fatores foram levados em consideração, para que o levantamento do sobrado do Camuciatá fosse executado com exatidão e sem causar transtornos ao drone. No levantamento aéreo foi primordial realizar o checklist pré-voo, certificou-se que todas as condições estavam favoráveis para execução desta etapa, como as condições climáticas, área de pouso e decolagem, pessoas e obstáculos.

O acompanhamento do voo foi feito pelo operador da aeronave que verificou os parâmetros de voo como: altitude, velocidade da aeronave, velocidade do vento e estabilidade para assegurar a qualidade das fotos durante o voo. (HAYASHI, 2022).

b.1) Execução

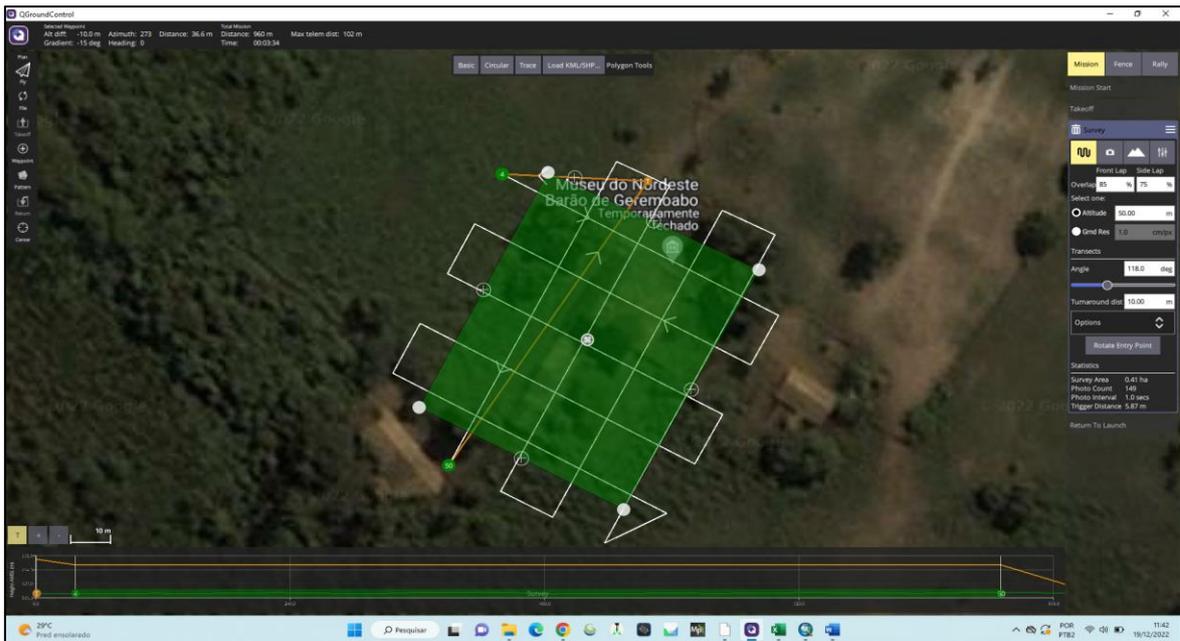
A última etapa foi a da execução onde definiu-se que as atividades iniciais seriam a aquisição de fotografias aéreas e filmagens nos locais previamente acordados devido ao seu grau de importância para o estudo do local. Assim, o VANT utilizado foi o modelo da fabricante chinesa DJI MAVIC MINI.



Drone utilizado para a realização das filmagens e fotografias aéreas do museu virtual da vila de Itapicuru, fazenda engenho Camuciatá e povoado do Manco. Foto 2022.

A etapa seguinte foi aquisição das imagens aéreas por VANT a partir de um sobrevoo na antiga casa do Barão de Jeremoabo, com o intuito de realizar uma modelagem 3D do local utilizando os princípios da aerofotogrametria. Os planos de voo foram gerados utilizando o software *QgroundControl*, um software livre disponível gratuitamente na internet de acompanhamento e planejamento de voo.

Neste caso em específico utilizou-se um voo do tipo Cross-Grid, o qual a aeronave faz linhas de voos com 90° graus entre elas, foi adotada uma sobreposição lateral de 75% e frontal de 85%, totalizando 4 minutos de voo, cobrindo uma área de aproximadamente 0,41 Hectares, contabilizando ao final um total de 149 fotos.



PLANEJAMENTO DE UM DOS VOOS PROGRAMADO PARA ÁREA DO LEVANTAMENTO TOPOGRÁFICO.

Foi utilizado Aeronave Remotamente Pilotada (RPA) do tipo Multirotor, Quantom Spider 700, do fabricante HobbyKing, com autonomia de voo de 20 minutos. GNSS embarcado Ublox (M8P) - L1/RTK, Placa controladora Pixhawk 4 Holybro, de fabricação própria da INVENTO GEOSOLUÇÕES.



FIGURA 121 - DRONE MULTIROTOR MODELO QUANTUM SPIDER 700 EM OPERAÇÃO DE CAMPO. FOTO 2022.

O voo foi realizado com 50m de altitude (em relação ao ponto mais elevado do terreno), seguindo as regulamentações da ANAC (Agência Nacional de Aviação) e velocidade de 6m/s. A câmera embarcada no RPA e do modelo

Sony Alpha A6000 com 24,3 Mega Pixels, sensor HD CMOS (23,5 x 15,6mm) tipo APS-C.



FIGURA 122 - CÂMERA EMBARCADA NO RPA.

Para maximizar o nível de detalhe e principalmente referente a sobreposição das imagens e recobrimento da estrutura, realizou-se um voo de toda fachada e entorno da casa de forma manual utilizando o DJI MAVIC MINI com tempo de disparo entre as fotos de 5 segundos. Todos os trabalhos seguiram as determinações da ANAC e ANATEL e foram operados por profissional experiente, habilitado e seguindo todos os procedimentos de segurança necessários. (HAYASHI, 2022).

c) Tratamento de dados

Finalizada a execução das fotos e filmagens de acordo com o processo acima descrito a primeira etapa para o tratamento dos dados obtidos no imageamento aéreo é o georreferenciamento das imagens (*geotag*), este processo consiste em obter as informações de latitude, longitude e cota nas fotos tiradas pelo RPA. Para este trabalho, o *geotag* foi realizado através do software Mission Planner, a partir dos logs de voo da aeronave, atualmente este procedimento pode ser realizado em outros *softwares*.

Após o Geotag, as imagens são processadas em softwares específicos para esta função, como exemplos disponíveis no mercado pode-se citar o Agisoft PhotoScan, Pix4D entre outros, nesta fase são geradas as bases

cartográficas, correspondendo as informações planimétricas e altimétricas da área sobrevoada e, os três principais produtos gerados são: Mosaico de ortofoto, Modelo Digital de Superfície e Modelo Digital de Terreno.

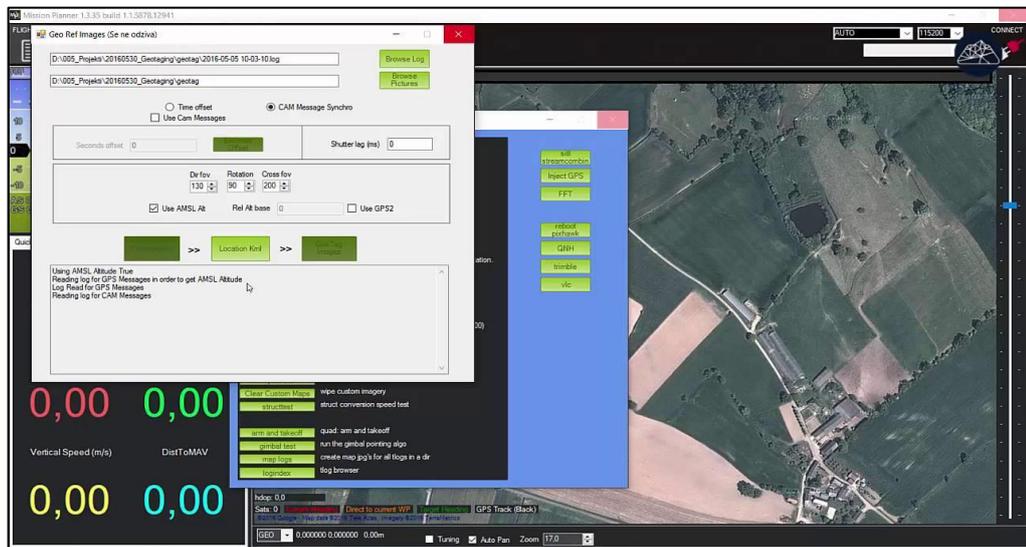


FIGURA 123:GEOTAG UTILIZANDO O SOFTWARE MISSION PLANNER. FONTE: DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=JB-8UIFRRK](https://www.youtube.com/watch?v=JB-8UIFRRK). ACESSO EM 19/12/22.

Inicialmente após o processamento das imagens, obtém-se a nuvem de pontos, que consiste em um conjunto de pontos 3D com sistema de coordenadas x, y, z definido, com o objetivo de representar os objetos superfície. A nuvem de pontos é calculada com base nos pontos homólogos por par de fotos, ou seja, pontos em comum nas fotos aéreas. (HAYASHI, 2022).

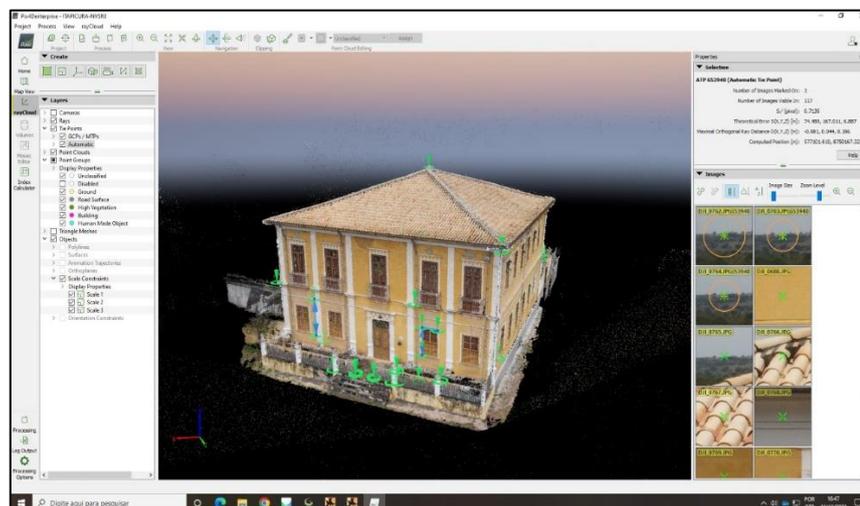
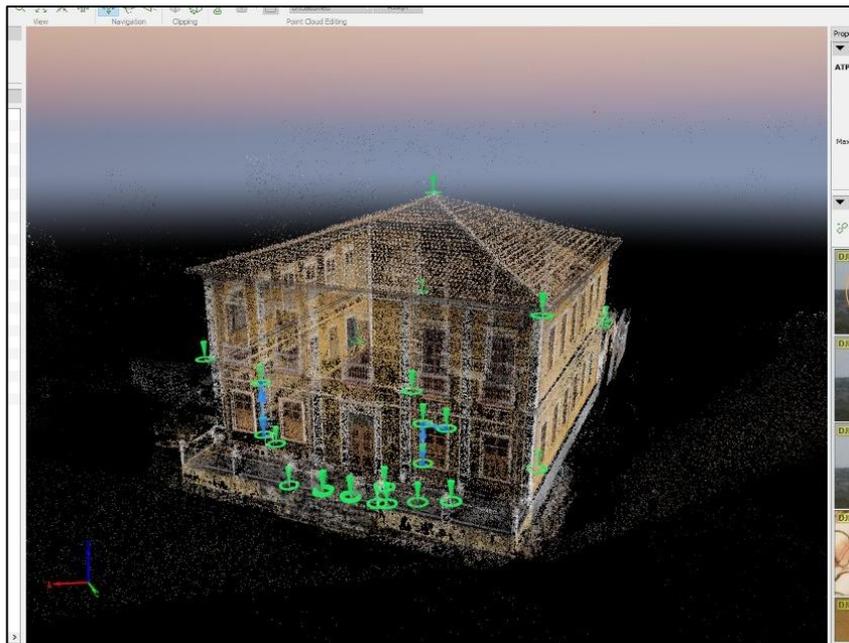


Figura 124 - Extração automática da nuvem de pontos, no *Pix4d*.

De posse dessas imagens é possível gerar diversos produtos cartográficos, como o modelo digital de superfície (MDS), modelo digital de terreno (MDT), curvas de nível do terreno, ortomosaico, entre outros citados a seguir:

A ortofoto é o produto gerado a partir da transformação de uma foto original em uma foto onde os deslocamentos devido ao relevo e a inclinação da fotografia são eliminados, ou seja, uma correção geométrica nas fotos, este processo é conhecido como ortorretificação. O mosaico é o agrupamento das fotos em relação a sobreposição. E o ortomosaico ou mosaico de ortofotos é

um mosaico constituído pelas fotos ortorretificadas em uma única imagem georreferenciada, ou seja, com coordenadas conhecidas.

O Modelo Digital de Superfície (MDS) é um modelo tridimensional do terreno, ou seja, a representação do terreno e dos objetos nele contidos, como casas, pessoas, vegetação e, a partir dele é possível fazer alguns tipos de medições como exemplo, cálculos de volume.

O Modelo Digital do Terreno (MDT) não representa os objetos acima do solo, através de algoritmos os softwares específicos para este tipo de trabalho, fazem uma filtragem deixando apenas a representação do terreno, a partir dele é possível extrair as curvas de nível do terreno.

A partir da modelagem da nuvem de pontos, ou seja, a classificação da nuvem de pontos, obtém-se o Modelo Digital de Superfície (MDS), uma representação planialtimétrica de todos os objetos acima do solo (vegetação, edificação), porém este produto não pode ser utilizado em projetos de altimetria, ou seja, na geração das curvas de nível é, necessário realizar uma filtragem manual na nuvem de pontos, neste processo remove-se todos os objetos acima do solo, deixando apenas os pontos pertencentes ao terreno. Após essa etapa é necessário gerar o Modelo Digital de Terreno (MDT) e, a partir deste modelo é possível extrair curvas de nível, realizar cálculos de volume, corte-aterro, projetos de estradas, entre outros. (TEMBA, 2000)

O objetivo do mapeamento aéreo foi a construção de uma modelagem tridimensional da edificação, baseado na medição direta realizada no local, o qual foi possível retratar toda a casa do Barão de Jeremoabo em escala e com altíssimo nível de detalhe.

d) Produto

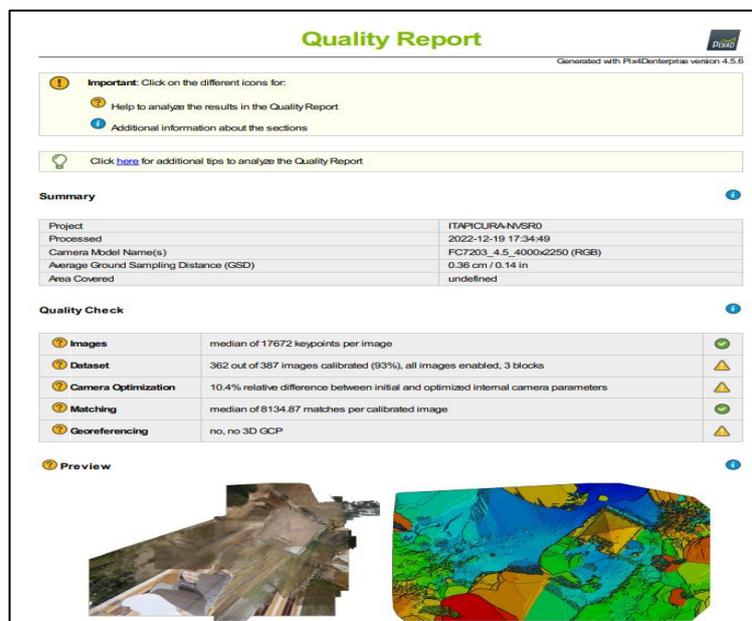
O produto, a modelagem 3D do sobrado da fazenda engenho Camuciatá, casa do Barão de Jeremoabo foi realizado após a geração da nuvem de pontos automática onde foi feito de forma manual a limpeza da nuvem de pontos, pixels do terreno e da estrutura, que por vezes se encontram como ruído no projeto ou em locais que atrapalhem a construção da nuvem densificada e por isso foram removidos e feito o reprocessamento do projeto.

Após a limpeza manual da nuvem de pontos o produto gerado no *Pix4DMapper* foi exportado para ser refinado no *software Blender* versão 3.4.



Figura 125 - Modelagem 3D Casa Barão de Jeremoabo.

O Ground Sample Distance (GSD) obtido foi entre 0,36 cm/pixel, sem a marcação de pontos de controle (GCP – *ground control points*). (HAYASHI, 2022).



The screenshot shows a 'Quality Report' interface from Pix4D. It includes a summary table with project details and a quality check table with various metrics and their status.

Summary	
Project	ITAPICURANVSR0
Processed	2022-12-19 17:34:49
Camera Model Name(s)	FC7203_4_5_4000x2250 (RGB)
Average Ground Sampling Distance (GSD)	0.36 cm / 0.14 in
Area Covered	undefined

Quality Check		
Images	median of 17672 keypoints per image	✓
Dataset	362 out of 387 images calibrated (93%), all images enabled, 3 blocks	⚠
Camera Optimization	10.4% relative difference between initial and optimized internal camera parameters	⚠
Matching	median of 8134.87 matches per calibrated image	✓
Georeferencing	no, no 3D GCP	⚠

Preview: Two images are shown side-by-side. The left one is a perspective view of a 3D model of a landscape, and the right one is a top-down view of a color-coded terrain map.

Figura 126 - Quality Report pós processamento dos dados no software Pix4D.

O uso das tecnologias para a concretização do design do museu virtual em foto e vídeo e a modelagem tridimensional (3D) do sobrado da fazenda engenho Camuciatá, casa do barão de Jeremoabo, teve como subsídios um contexto histórico elaborado de acordo com uma abordagem socioconstrutivista entremeado pela pesquisa e o diálogo, se caracterizando como um instrumento de mediação conceitual dos implicados, se tornando uma prática de História Pública onde o acervo registrado foi difundido a partir da conjunção dos conhecimentos e saberes compartilhados.

Finalmente, o uso das tecnologias, no caso desse trabalho o museu virtual, aliado ao conhecimento historiográfico e aos princípios e abordagens teóricas adotados, sua inserção nos ambientes escolares e o interesse que passa a despertar na sociedade como um todo, nos faz acompanhar o pensamento de Castells (1999), que caracteriza o mundo atual e as pessoas que nele habitam como uma sociedade em rede, trazendo uma importante afirmação sobre como,

“a tendência histórica, funções e processos dominantes na era da informação estão organizados, cada vez mais, em torno de redes” e continua ressaltando que “redes constituem a nova morfologia social das atuais sociedades, e a difusão da lógica de rede modifica substantivamente a operação e o resultado dos processos produtivos, experiência, poder e cultura”. (CASTELLS, 1999, p. 497)

13. Abordagem metodológica

A proposta desse capítulo é explicitar o método e a forma como o presente trabalho foi desenvolvido. Iremos detalhar como a pesquisa foi delineada nessa tese que tem como questão-problematizadora a inexistência de trabalhos de investigação e difusão de um museu virtual que aborde a história do conjunto de uma comunidade rural da Bahia colonial e imperial formada por uma vila - Itapicuru, uma fazenda engenho-Camuciatá e um povoado que surge a partir dela - o Manco. A ideia é possibilitar que esse estudo facilite e motive a aproximação dos sujeitos históricos da comunidade

com a prática do turismo de base comunitária a partir dos pressupostos da História Pública.

Nesse sentido, a proposta foi o de pensar e construir uma solução de mediação no modelo de um museu virtual em foto e vídeo de uma comunidade rural da Bahia colonial e imperial formada pela vila de Itapicuru, fazenda-engenho Camuciatá e povoado do Manco, de modo que seu conteúdo apresente a cultura e o cotidiano desse espaço sócio-histórico contemplando a contribuição das diferentes etnias que compõem esses ambientes, considerando também as relações dialéticas oriundas dos diferentes interesses de cada grupo social, além das tensões e resistências surgidas desse contexto.

A solução mediadora do museu virtual em foto e vídeo considerando a pluralidade cultural dos personagens históricos envolvidos, sua diversidade de saberes e fazeres e os variados ambientes registrados e projetados exigiram a construção de um trabalho interdisciplinar que está em consonância com a proposta do doutorado onde esta tese está inserida – o DMMDC (Multi-institucional e Multidisciplinar), com o objetivo de difundir e socializar o conhecimento. Para atingir esse objetivo a pesquisa realizada é natureza aplicada.

13.1 A essência da pesquisa aplicada na área da História.

Antes de fazer uma reflexão sobre o porquê da escolha da pesquisa aplicada na construção do presente sistema informacional digital de aprendizagem é importante trazer algumas características da metodologia dessa pesquisa e de como as TICs colaboram e potencializam a utilização desse método.

Os estudiosos da pesquisa aplicada chegam a um denominador comum em relação as principais características desse método. Nesse sentido, Van den Akker et al (2006, p. 5), destaca as mais relevantes, como ser intervencionista, iterativa, envolver os praticantes e ser orientada para o processo e a utilidade. Essa metodologia unida as Tecnologias da informação e Comunicação (TIC) é potencializada na medida em que constroem instrumentos que são capazes de estarem a serviço do coletivo e das reais necessidades dos sujeitos. O avanço

para o sistema educacional e de aprendizagem é que a TIC passa a ser um instrumento concreto de se colocar na prática as elaborações cognitivas dos seres humanos na medida em que apresenta ferramentas para esse desenvolvimento. Unida a metodologia da pesquisa aplicação ela facilita a “aproximação sucessiva de produtos práticos” (chamados de intervenções), conforme ressalta Wandeman (2005), dando importância a colaboração e integração dos múltiplos sujeitos históricos e suas diferentes práticas.

Apesar de constatarmos que as tecnologias da informação e comunicação estão dando uma enorme contribuição para o avanço do conhecimento científico, através de seus múltiplos instrumentos, canais e dispositivos como blogs, sites, jogos virtuais, museus, que se tornam ferramentas de divulgação do saber, ainda hoje, a maior parte da produção do conhecimento histórico é feita de forma unilateral por historiadores formados na academia ou por profissionais de ciências afins, mas todos certificados com títulos acadêmicos. Nesse sentido a construção do conhecimento prevalece sendo feita sem a colaboração e validação daqueles sujeitos históricos que são escolhidos para serem estudados e tem sua dinâmica social de vida analisada. O saber é produzido em uma perspectiva externa, sem nenhuma forma de engajamento, de cima para baixo, e sem levar em conta as falas e olhares dos homens e mulheres interpretados nas suas trajetórias de vida.

Com essa realidade posta, faz-se necessário a produção de trabalhos que levem em conta o engajamento dos sujeitos históricos na produção do conhecimento que será construído a partir de suas memórias, experiências e vivências, pois eles são os personagens que fazem a história. As interpretações que são feitas a partir de pesquisadores externos que não ouvem e nem levam em consideração a práxis concreta da vida dos sujeitos envolvidos nos processos históricos estudados excluem os seus protagonistas tornando sua produção superficial e com um viés extremamente tradicional. É preciso trabalhar e construir os contextos e estudar os temas levando em consideração os saberes e fazeres, as lutas e contradições inerentes de todos os processos sociais, dando um significado e sentido ao que está sendo produzido.

Passando a considerar a participação dos sujeitos históricos na construção da sua própria história o pesquisador sai de uma postura de

monologismo para o dialogismo. Nesse sentido ele não pode ficar mais preso somente aos conhecimentos teóricos da academia, mas tem que estar atento as pontuações feitas pelos atores sociais estudados. Isso significa incluir os pensamentos e ações desses sujeitos como elementos importantes para a escrita histórica. A pesquisa se torna voltada para as ações concretas da práxis humana, podendo ser considerada uma “pesquisa-ação”, já que leva em conta toda a concretude das vivências humanas que no seu bojo estão sempre buscando as transformações sociais fruto das contradições e conflitos que vivem em suas práticas do cotidiano (MATTA, A; SILVA, F; BOAVENTURA, E, 2014). O método de pesquisa adotado nessa tese, de caráter aplicado, busca exatamente as ações concretas da vida cotidiana unindo pesquisador e partícipes do contexto histórico estudado em uma simbiose que busca colocar em primeiro lugar as ações que envolvem as “tensões e contradições” fruto das diferenças das sociedades de classe. Nesse contexto os anseios de transformação social estão sempre presentes. Nessa perspectiva as características da colaboração e participação da pesquisa aplicada se fazem presente, conforme resume Matta (2014) dizendo que “o desenvolvimento e a busca por uma aplicação que seja solução concreta para problemas dados obrigam a colaboração de todos os envolvidos: investigador, comunidade e pessoas que se relacionam”.

Apesar desse método está crescendo principalmente com a adoção e crescimento da História Pública por muitos historiadores, ainda prevalece métodos mais tradicionais que supervalorizam teorias e tendências historiográficas já consagradas. A contribuição dessa tese é trazer uma abordagem mais ampla para os estudos históricos na medida em que os sujeitos, sejam na sua coletividade ou individualidade, é que são os responsáveis por parte da construção dos processos históricos. Quando essa metodologia é adotada os atores sociais são conscientizados e ficam cientes de sua importância e de suas práticas cidadãs, seja no passado, ou no presente em que vivem.

As abordagens meramente teóricas fazem sozinhas todo o processo de construção do conhecimento histórico. A partir da investigação em fontes primárias e secundárias, em referências bibliográficas realizam suas análises e chegam as suas conclusões. Os sujeitos históricos que fazem parte dos

eventos estudados não são considerados no sentido de que poderiam contribuir para a elaboração do processo histórico que estão inseridos.

Influenciados pelos seus estudos acadêmicos, envolvidos em discussões teóricas oriundas da participação e aderência em linhas de pesquisa e motivados por projetos da própria carreira acadêmica os historiadores teóricos veem os personagens históricos do passado e os atores do presente como meros espectadores do conhecimento produzido. Na narrativa deles são personagens passivos cuja vida e processos sociais são interpretados de uma forma unilateral, sem que tenham, muitas vezes, nenhuma vivência do que estão estudando.

A pesquisa aplicação traz um salto qualitativo no processo de construção do conhecimento. Além de levar em consideração os pressupostos das abordagens teóricas, o rigor nas pesquisas acadêmicas e preocupação com a fidedignidade das fontes, o método vai além na medida em que prioriza os sujeitos históricos como colaboradores essenciais para a verdadeira compreensão dos processos sociais estudados (PLOMP, 2018). A mola propulsora que motiva a pesquisa é dialética pois busca entender os problemas e as necessidades concretas dos eventos pesquisados. Essa busca acontece na academia, mas também na realidade concreta dos sujeitos históricos envolvidos que reverbera nas suas falas e ações. O olhar atento para os problemas induz a busca por soluções práticas cuja pesquisa aplicada procura apresentar no decorrer do processo da construção, bem como nos seus resultados. Martins (2017), traz a afirmação de Matta (2001) que reafirma esse caráter a pesquisa aplicação,

O conhecimento, portanto, não é composto somente por ideias, mas pela aplicação destas ideias aos problemas vivenciados pelo sujeito em seu ambiente. Apenas a convivência do sujeito com seu contexto específico, pode construir o significado daquilo que experimentou (MATTA, 2001, p.63).

O norte principal dessa metodologia está de acordo com as necessidades, problemas, questões detectadas e suscitadas em um determinado processo histórico levantadas pelos sujeitos do passado e do presente. Considerando as vozes dos sujeitos históricos estabelece-se um

diálogo colaborativo e uma interação que traz em si a dialética fruto dos naturais conflitos oriundos do grupo estudado. O perfil desse método é agregado a uma de suas características principais: a aplicabilidade (ATKINS, L; WALLACE, S, 2012). Na sua proposta ela se coloca na posição de trazer soluções que tenham uma praticidade real para os anseios de uma determinada comunidade, no que toca ao objeto de estudo investigado e interpretado.

Por ir mais além dos métodos meramente teóricos e pautar sua investigação na busca de problemas concretos das comunidades estudadas esta metodologia tem um grau maior de complexidade e se torna mais desafiadora. O Design Basead Reseacher (DBR) aos poucos vai crescendo e ganhando espaço nas pesquisas, trabalhos acadêmicos e obras publicadas.

13.2 Método DBR e a abordagem da pesquisa.

Definido o método de pesquisa que se torna o fio condutor da articulação da teoria com a prática considerada na concretude da vida dos sujeitos históricos envolvidos buscou-se uma abordagem ampla no sentido de aproveitar o potencial das diferentes formas de abordar a investigação. Nesse sentido adotou-se tanto a pesquisa qualitativa, como a quantitativa. A primeira possibilitando ressaltar a diversidade cultural oriunda da presença dos diferentes grupos étnicos que convivem no espaço do museu, considerando as tensões surgidas pela interatividade; a segunda considerando os dados mensuráveis de quantificação que serão computados a partir da colaboração dos múltiplos sujeitos na fase da validação externa.

Em um contexto mais amplo em que se pretende construir uma solução mediadora de aprendizagem baseada no diálogo entre o conhecimento historiográfico e os saberes e fazeres oriundos das práticas comunitárias que fazem parte do objeto de estudo, não podemos desconsiderar nem um dos métodos utilizados para mensurar os dados coletados. Cada um traz em si características importantes que irão contribuir para a compreensão deste software educacional. A depender do momento da pesquisa e da necessidade do desenvolvimento do museu virtual eles serão usadas e em muitos

momentos se complementam e interagem enriquecendo o projeto como um todo.

13.3. Características da metodologia DBR e as fases de desenvolvimento da pesquisa com o dialogismo de Bakhtin presente nelas.

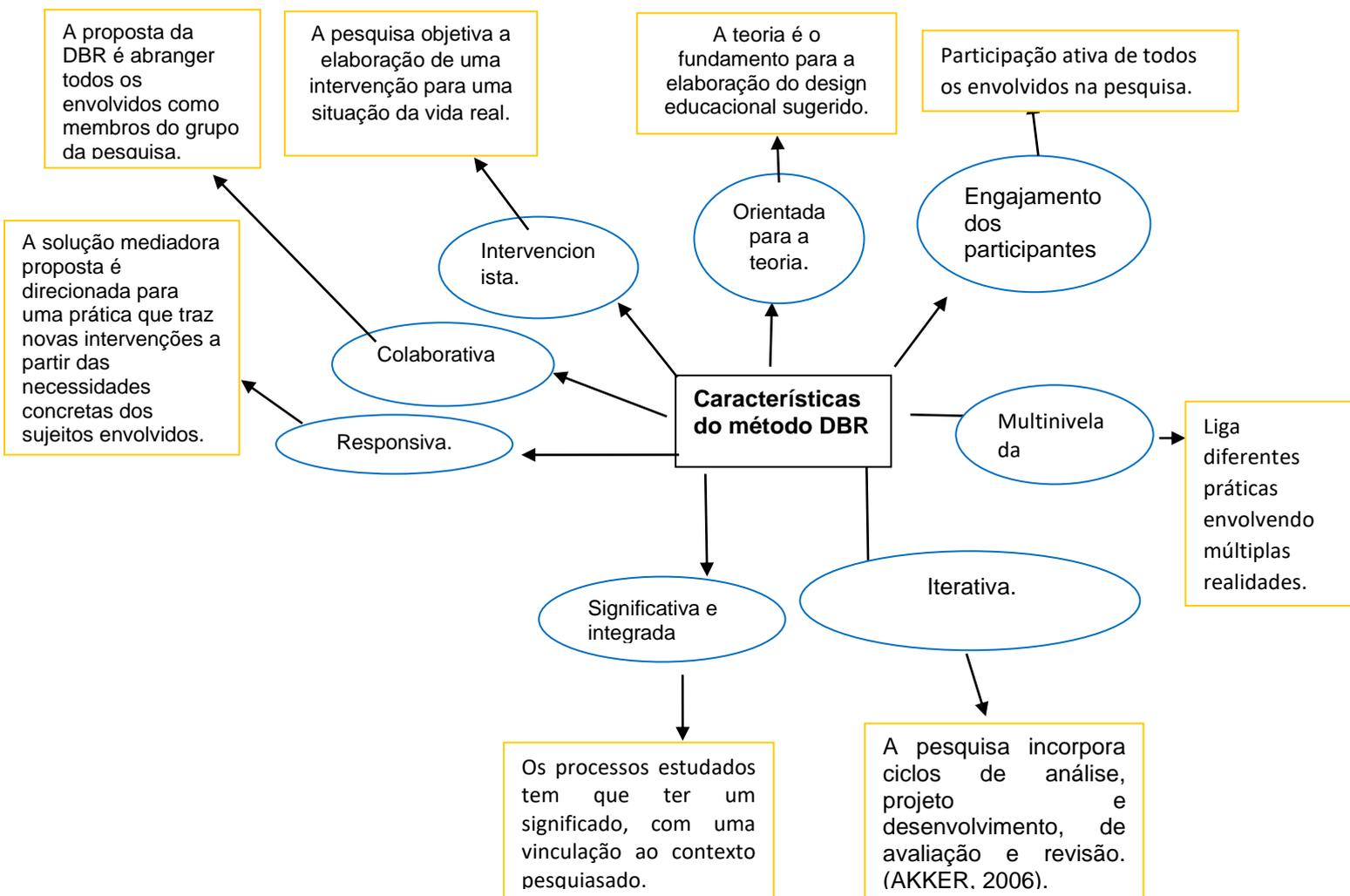
Diversas áreas do conhecimento humano estão utilizando a metodologia do Design Based Research (DBR), com o uso da pesquisa aplicação. Apesar de ser um método recente vem crescendo no meio acadêmico pelas possibilidades e resultados práticos que traz. No campo da educação muitos estudos estão sendo realizados e a mediação desse método através das tecnologias da informação e do conhecimento (TICs) tem sido muito proveitosas. Por considerar e trabalhar com a coletividade tem ganhado adeptos entre as ciências humanas (MOORE, M; KEARSLEY, G, 2007). Algumas das suas principais características facilitam o seu uso entre as mais diferentes áreas do saber. A interdisciplinaridade; a preocupação com o contexto real que será o ponto de partida para que a pesquisa desenvolvida realize uma aplicação que irá intervir diretamente na práxis e o diálogo com os problemas concretos de uma comunidade, intervindo no sentido de encontrar soluções para as dificuldades identificadas e validadas pela comunidade são a essência de sua atuação. Plomp (2018) resume de forma magistral a função da pesquisa-aplicação para o campo educacional como um todo,

Pesquisa-aplicação: projetar e desenvolver uma intervenção (tais como programas, estratégias, de ensino-aprendizagem, materiais, produtos ou sistemas) como solução para problemas educacionais complexos, bem como para aprofundar nosso conhecimento sobre as características dessas intervenções e os processos para projetá-las e desenvolvê-las ou, alternativamente, projetar e desenvolver intervenções educacionais acerca de processos de aprendizagem, ambientes de aprendizagem e assemelhados, por exemplo, com o propósito de desenvolver ou validar teorias. (PLOMP, 2018, p. 30).

A escolha e utilização dessa metodologia nesta tese não deixa de ser uma inovação. Apesar de já ter sido antecedido por muitos trabalhos acadêmicos a produção nesse sentido ainda é reduzida em relação a trabalhos

com outros tipos de metodologia. Não é uma tarefa fácil e requer um esforço intelectual apurado quando aliamos a pesquisa aplicada ao campo da história, considerando as teorias e os métodos próprios da ciência histórica de pesquisa e interpretação. Podemos dizer que é instigante e até mesmo um desafio utilizar essa proposta metodológica para buscar uma solução mediadora para socializar o conhecimento histórico de uma antiga vila, fazenda engenho de açúcar e povoado da Bahia colonial e imperial, chegando aos tempos republicanos. Se faz necessário, pontuar as características principais deste método que será o fio condutor desse trabalho.

Figura 127 - Mapa cognitivo das características do método DBR.



Fonte: Este mapa cognitivo sintético foi elaborado pelo pesquisador a partir da pesquisa e estudos realizados nos seguintes autores: AKKER (2006) MACKENNEY e REEVES (2012), MARTINS (2017), MATTÁ (2014) e NIEVEEN (1999).

Pelas características elencadas observa-se a complexidade do método para ser aplicado em uma área do conhecimento onde as abordagens teóricas sempre prevaleceram. No entanto, o avanço da ciência no mundo atual pede uma difusão do conhecimento que esteja voltado principalmente para as demandas sociais que buscam articular as teorias com as práticas comunitárias e suas necessidades, o que se traduz na socialização do saber. Nessa perspectiva a metodologia DBR possibilita que o estudo seja realizado em coautoria (MCKENNEY, S; REEVES, T, 2012). Para que isso aconteça duas etapas são necessárias: a validação interna e a externa.

Passemos a resumir aqui as principais características e as etapas de cada uma. A validação interna é a fase da pesquisa que está circunscrita ao autor/ pesquisador considerando que sua participação na construção do conhecimento é perfeitamente autêntica pois ele é parte integrante do processo estudado. Considerando essa interação entre o agente da pesquisa e seu objeto de estudo serão possíveis os seguintes resultados: a elaboração do capítulo do contexto e o desenvolvimento dos temas correlacionados. Este conteúdo produzido serão elementos que se transformarão em acervo do museu e serão elementos de diálogo com os interlocutores em um momento inicial.

A validação externa é a segunda fase do método que após a validação interna vai permear muitos momentos da construção do museu. Enquanto na primeira etapa o pesquisador é o principal interlocutor com o contexto estudado, fazendo uma pré-seleção dos elementos que irão entrar no museu, nessa segunda fase a comunidade estudada passa a se envolver no processo da construção do conhecimento e se torna também coautora. Ela é a peça-chave para a composição do museu a partir das informações que for transmitindo, bem como aquela que fará os ajustes necessários nos elementos que foram selecionados como possíveis peças do museu na validação interna. É nesse momento que o museu se torna objeto da coletividade e não pertence mais somente ao pesquisador (PLOMP, 2018).

Concluimos que a metodologia DBR permitirá a construção de uma modelagem ou uma solução concreta que terá a possibilidade de ser o instrumento mediador entre os conhecimentos adquiridos na pesquisa histórica

com aqueles oriundos dos saberes e fazeres da comunidade que são coletados de acordo com os pressupostos do método DBR também inspirados pelo princípio do dialogismo de Bakhtin. Todo esse processo embasado por uma abordagem socioconstrutivista onde se faz necessário traçar o design do conhecimento, desenhando as etapas que foram mediadas e construídas e os elementos nela incluídos.

13.3.1 Etapas da construção

Como vimos no subcapítulo anterior as duas etapas principais de desenvolvimento da metodologia DBR são: a validação interna e a externa. Na validação externa teremos os chamados ciclos de aplicação e o redesigne gradativo do museu virtual de acordo com as colaborações.

Aprofundemos as características de cada uma delas. A interna restrita ao âmbito do pesquisador que utiliza como fontes para montar o contexto e desenvolver os temas específicos da pesquisa fontes primárias e secundárias, referências bibliográficas de acordo com a orientação historiográfica, realizando interpretações e organizando o conhecimento coletado. Essa parte inicia o design do museu a partir dos elementos selecionados do contexto (NONTATO; MATTA, 2018). O primeiro desenho do museu, seu design cognitivo, é construído nesse momento e apresentando nos quadros de acervo, baseado nessa primeira fase da pesquisa com a validação interna.

Continuando a compreensão do desenvolvimento da fase da construção do museu todo o conhecimento que foi sistematizado deverá passar por uma validação externa buscando a legitimação do que foi produzido. É o momento em que o autor deixa de trabalhar sozinho e passa a dialogar com a comunidade aplicando os ciclos cujos resultados servirão de base para o refinamento do museu e seu aprimoramento de acordo com a legitimação por parte dos sujeitos históricos do presente que fazem parte das comunidades de práxis retratadas no museu ou não.

13.3.2 Validação externa: percursos para os ciclos de aplicação.

Antes de iniciarmos os ciclos de aplicação propriamente ditos no museu virtual em foto e vídeo submetemos ao público-alvo inicial o design cognitivo elaborado a partir das referências bibliográficas e fontes primárias e secundárias, que geraram o contexto e concomitantemente os quadros de acervo. A partir destes o sujeito colaborador pode ter uma visão geral das peças que irão compor o museu e de posse desses dados se posicionar a respeito de sua representatividade em relação a comunidade. Para um melhor entendimento do sentido da construção do MV e o desenvolvimento de um sentimento de pertencimento esclareceu-se que o objetivo é que cada um dos envolvidos sejam colaboradores e coautores do instrumento que está sendo desenvolvido. Com esse engajamento temos o primeiro resultado da validação externa que levou a inclusão de diversas peças de acervo e a elaboração e a reelaboração do design do museu, bem como acréscimos no conteúdo do contexto. Essa dinâmica se deu a partir de rodas de conversa e entrevistas onde a proposta do museu foi apresentada de forma dialogada. Neste processo a primeira versão do museu virtual foi gradativamente sendo construída a partir dos diálogos estabelecidos e as análises feitas a partir deles. Mesmo que a organização seja do autor/ pesquisador ela foi feita a partir das informações e sugestões dos membros da comunidade, na condição de coautores.

A escolha do público-alvo inicial para participar da mostra da validação externa se deu a partir da própria vivência do autor/ pesquisador que frequenta Itapicuru, o Camuciatá e Manco desde a infância, bem como a partir da indicação de membros da comunidade que conhecendo o contexto e a proposta do design cognitivo apresentado anteriormente, através dos quadros de acervo, sugeriram pessoas envolvidas e praticantes das manifestações culturais selecionadas e que poderiam validar ou sugerir alterações, bem como acrescentar. Observou-se a formação de uma rede de solidariedade entre os envolvidos que desenvolvendo o sentimento de pertencimento foram agregando outras pessoas que passam a se tornar também coautoras.

De acordo com a metodologia DBR conseguimos realizar dois ciclos de aplicação. O resultado do primeiro serviu de parâmetro para o refinamento do

museu e preparação para as interações realizadas no 2º ciclo. Não tivemos tempo hábil para a aplicação de um 3º ciclo antes da defesa da tese, mas o produto da participação do 2º servirá de base para os ajustes que foram sugeridos pelo público no museu a serem implantados no terceiro ciclo.

13.3.3 Ciclo de aplicação e suas categorias de análise de pesquisa.

Finalizado o ciclo de construção que no seu processo de elaboração passou pelas fases da validação interna e externa damos continuidade a aplicação da metodologia DBR entrando no momento dos ciclos de aplicação, onde destacam-se alguns procedimentos necessários para a sua projeção, como a escolha de categorias de análise de pesquisa, a definição do espaço empírico a ser retratado e filmado, a seleção do público – alvo (sujeitos participantes) e a forma como eles irão validar a solução mediadora.

Para se realizar a aplicação foi necessário definir as categorias de acompanhamento que serão analisadas de acordo com as categorias de análise e suas subcategorias que são os parâmetros para o que se pretende interpretar e validar através da solução mediadora museu virtual.

Quadro 02 – Categorias de análise da pesquisa

CATEGORIAS DE ACOMPANHAMENTO	
MUSEU VIRTUAL	<p>-Sala de Exposição Missão Nossa Senhora da Saúde e Estrada da Casa da Torre e das Boiadas rumo a Vila Velha.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Galeria de Vídeos: <ul style="list-style-type: none"> 📺 Videografia da Aldeia da Serra Velha 📺 Videografia do Acervo da Estrada da Casa da Torre rumo a Vila Velha: • Acervo de fotos: <ul style="list-style-type: none"> 📷 Coleção Documentos: 📷 Coleção Civilização do Gado. <p>- Sala de Exposição Aldeia da Serra Velha:</p>

- **Acervo de Fotos:**
 - ✚ Coleção Artefatos e Utensílios Indígenas;
 - ✚ Coleção Culinária Regional;
 - ✚ Coleção Cultura Indígena;
 - ✚ Coleção Documentos:

- **Galeria de Vídeos** - Videografia da Aldeia da Serra Velha:

- Sala de Exposição Caminho do Candomblé de Durvalina e do Mucambo.

- **Acervo de Fotos:**
 - ✚ Cultura Africana;
 - ✚ Utensílios em Barro e Cerâmica.
- **Galeria de Vídeos:**
 - ✚ Filmagens;
 - ✚ Videografia do Acervo do Caminho do Candomblé de Durvalina e do Mucambo:

- Sala de exposição Vila de Nossa Senhora de Nazaré de Itapicuru de Cima.

- **Acervo de Fotos:**
 - ✚ Coleção Acervo Fotográfico;
 - ✚ Coleção Material;
 - ✚ Coleção Documentos;
 - ✚ Coleção Utensílios em Couro e Corda;
 - ✚ Coleção Vila de Nossa Senhora de Nazaré de Itapicuru de Cima:
 - ❖ Coleção Arte Funéria;
 - ❖ Coleção Arte Sacra;
 - ❖ Coleção Feira de Itapicuru;
 - ❖ Coleção Patrimônio Material e Arquitetônico.
- **Galeria de Vídeo:**
 - ✚ Videografia da Vila de Nossa Senhora de Nazaré de Itapicuru de Cima.

- Sala de Exposição Fazenda Engenho Camuciatá Através da Estrada Real.

- **Galeria de Vídeo:**
 - ✚ Videografia da Fazenda Engenho Camuciatá através da Estrada Real;
 - ✚ Documentários.
 - ✚ Filmagem.

- **Acervo de Fotos:**

-  Coleção Documentos
-  Coleção Ecossistema e Flora.
-  Coleção Acervo Fotográfico:
-  Coleção Culinária Regional
-  Coleção Biblioteca do Barão.
-  Coleção Escritório do Barão de Jeremoabo.
-  Coleção Arte Sacra.
-  Coleção Interior do Sobrado do Camuciatá.
-  Coleção Mobiliário.
-  Coleção Arquitetura externa e espaço físico do pasto da Porta no entorno do sobrado da fazenda Santo Antônio do Camuciatá.
-  Coleção Instrumentos Musicais.
-  Coleção Artefatos e Utensílios Indígenas.
-  Coleção Objetos de Ferro e Metal.
-  Coleções Utensílios em Barro e Cerâmica.
-  Coleção Cultura Material.
-  Coleção Cultura Africana.
-  Coleção Utensílios e Artefatos de Uso Doméstico.
-  Coleção Civilização do Açúcar
-  Coleções Casas Rurais
-  Coleção Diversos
-  Coleção Fauna
-  Coleção Gradil de Ferro – Caixilho, Balcão, Portão.
-  Coleção Indumentária, Linho, Tecidos e Acessórios de Apoio.
-  Coleção Objetos de Uso Pessoal.
-  Coleção Objetos e Espaços Funcionais e Decorativos.
-  Coleção Pintura
-  Coleção Porcelana, Cristais e Vidros.
-  Coleção Portugal – Península Ibérica.
-  Coleção Prata.
-  Coleção Quadros.

- **Sala de Exposição Povoado do Manco.**

- **Acervo de Fotos:**

-  Coleção Povoado do Manco.

	<ul style="list-style-type: none"> ✚ Coleção Tipos Humanos ✚ Coleção Acervo Fotográfico ✚ Coleção Cultura Material ✚ Coleção Fauna ✚ Coleção utensílios e artefatos de uso doméstico ✚ Coleção Civilização do Gado. ✚ Coleção Utensílios em Couro e Corda. ✚ Coleção Frutas da Região ✚ Coleção Culinária Regional ✚ Coleção Utensílios em Barro e Cerâmica. ✚ Coleção Casas Rurais. ✚ Coleção Artefatos e Utensílios Indígenas. ✚ Coleção Cultura Indígena <ul style="list-style-type: none"> • Galeria de Vídeos. <ul style="list-style-type: none"> ✚ Videografia do riacho Camuciatá e Fazenda Engenho Pau Ferro. ✚ Videografia do “Povoado do Manco. ✚ Documentários.
CATEGORIAS DE ANÁLISE	SUBCATEGORIAS
REDE VIRTUAL	<ul style="list-style-type: none"> - Vínculo interativo WEB - Usabilidade - Qualidade da representação digital
HISTÓRIA PÚBLICA	<ul style="list-style-type: none"> - Relação entre conhecimento acadêmico/saber comunitário - Colaboração da memória Coletiva/ Interconexões entre os sujeitos do século XIX e XXI - Construção coletiva da história - Valorização e diálogo com os saberes locais. - Interdisciplinaridade e a possibilidade do uso das mais diferentes áreas do conhecimento.
TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA	<ul style="list-style-type: none"> - Participação comunitária dos habitantes de Itapicuru, ex-moradores do Camuciatá, do povoado do Manco e região na construção e aplicação - Valorização da vivência comunitária - Ativismo comunitário - Reconhecimento dos saberes e fazeres da comunidade. - Organização do turismo, voltado para consolidação dos processos históricos, sociais e culturais, considerando

	<p>principalmente as comunidades locais.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Incentivo a prática de atividades turísticas entre os membros da comunidade contando com a participação ativa deles. - Foco em ações de sustentabilidade pautadas em uma economia solidária. - Valorização da autogestão. - Colaborativo e coletivo, envolvendo todos os membros da comunidade.
SOCIOCONSTRUTIVISMO	<ul style="list-style-type: none"> - Contextualização (imersão) - Concretude. - Dialogismo/polifonia - Interseção do pensar - Conscientização. - Colaboração - Engajamento dos sujeitos. - Interatividade - Aproximação. - Mediação

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir do modelo apresentado por MARTINS (2017). Utilizamos como referências ALVES (2013), in SILVA (Org), (2013); ALMEIDA, ROVAI (Org), (2011).; MATTA (2006).

O objetivo do quadro acima é apresentar um roteiro da visita do museu, considerando seus principais espaços/ambientes, que são as categorias de acompanhamento. Em seguida temos as categorias de análise com suas subcategorias que são baseadas nos princípios que foram utilizados para a construção do museu de acordo com uma abordagem socioconstrutivista e os pressupostos da História Pública que servirão de parâmetro para análise dos ambientes do museu.

13.3.3.1 Sujeitos históricos colaboradores da pesquisa e o campo empírico (Quem e onde).

A construção do museu virtual que pretende ser um sistema digital informacional e de aprendizagem para fins didáticos e práticos considerando os pressupostos da História Pública se torna também um instrumento motivador

das práticas do turismo de base comunitária almejando alcançar o maior número de pessoas levando em conta seus múltiplos olhares e lugares de fala. Levamos em consideração tanto os membros da academia envolvidos no processo de construção do contexto histórico, bem como a comunidade que habita a área estudada e representada. A plurirreferencialidade foi considerada como suporte teórico necessário já que defende a inclusão da diversidade de sujeitos envolvidos, bem como ótica de referência que cada grupo traz em si. (MARTINS, 2004, 2017).

Na primeira fase, a da construção, tivemos a participação dos moradores da comunidade que estão presentes fisicamente no espaço do museu – Itapicuru, Vila Velha, Serra Velha, Mucambo, Camuciatá, Manco – se tornado coautores juntamente com os membros da academia, através de grupos de pesquisa, que colaboraram com o autor/pesquisador de forma interdisciplinar a partir dos conteúdos pesquisados e do contexto que foi sendo elaborado para servir de base a construção do design cognitivo do museu. Na segunda fase, a da aplicação, o objetivo é analisar e conhecer a função social desse software de aprendizagem de acordo com as possibilidades de sua utilização prática. Tudo isso a partir da imersão dos sujeitos envolvidos que são motivados a participar dos diálogos sugeridos e estreitar as aproximações com o contexto e as práxis humanas pluriculturais registradas e representadas no museu virtual. É o momento de validação externa. Escolhemos alguns grupos para serem os responsáveis pela aplicação e avaliação da funcionalidade e usos do museu virtual com uma abordagem socioconstrutivista:

a) Moradores e/ou ex-moradores de territórios de identidade do Estado da Bahia.

Os moradores de diferentes territórios de identidade do estado da Bahia são importantes para avaliar a solução mediadora pois buscarão conhecer as características do espaço representado preocupados em encontrar no acervo projetado traços da identidade cultural e étnica da região que o museu virtual abrange e que possam se assemelhar aos de sua região. A partir do contexto histórico do território que estão inseridos poderão analisar a pesquisa realizada para a elaboração dos quadros de acervo e montagem do design observando

se o museu contribui para a preservação e fortalecimento da identidade cultural dos territórios projetados. Podem ser moradores ou ex-moradores de localidades que por estarem preocupados com a preservação da memória de suas regiões, cidades e povoados veem em um museu que retrata o contexto de uma vila, uma antiga fazenda e um povoado um espaço importante para se encontrar e compartilhar estratégias de preservação do patrimônio local, bem como a manutenção dos saberes e fazeres da população. A possibilidade do diálogo e interação é grande pois sendo o presente museu uma solução medidora de contextos de territórios de identidade é um ambiente propício ao público que tem este mesmo perfil e, portanto, se tornam um grupo importante para avaliar as experiências e vivências representadas no museu.

b) Estudantes do curso de História da Uneb-Ead (Polo de Itapicuru).

Esse grupo de aplicação é fundamental pois ele é composto por sujeitos que reúne duas características importantes que o legitimam como interlocutores da solução mediadora. A primeira é que são moradores de Itapicuru, portanto, são descendentes de atores históricos que estão presentes no museu; a segunda é que como estudantes de história poderão analisar os conteúdos, temas apresentados, discussões propostas e avaliar de que forma elas contribuem para a difusão do conhecimento e a interconexão dos sujeitos do passado com o presente.

c) Docentes e alunos da Universidade Católica do Salvador.

Será de fundamental importância a socialização do museu com os docentes e alunos da Universidade Católica do Salvador e Universidade do Estado da Bahia. Como professores e discentes que estudam, pesquisam e trabalham com diversas temáticas de história são interlocutores importantes. Disponibilizando o ambiente virtual para este grupo se possibilita que ele seja avaliado em sua função de instrumento digital para fins didáticos e pedagógicos. Com a abertura desse diálogo a validação pode ser efetuada. Eles poderão também sugerir novas fontes, conteúdos e discussões historiográficas que contribuirão para refinamento do software.

d) Profissionais de museologia, geografia, meio ambiente, ciência da computação e outros profissionais de áreas afins.

Considerando a abordagem socioconstrutivista adotada e suas características, destacamos no momento a interdisciplinaridade que dá conta da pluralidade de temáticas que são abordadas no museu. Nesse sentido é importante convidar profissionais de áreas afins, como museólogos, arquitetos, tecnólogos, geógrafos e ambientalistas para que possam avaliar os aspectos conteudistas e técnicos do software e sua utilização prática nas respectivas áreas do conhecimento, levando em consideração a proposta interativa do sistema digital e qualidade de representação dele.

e) Moradores antigos do Camuciatá e do povoado do Manco que participaram do processo de construção.

Esses interlocutores são da máxima importância porque eles participaram diretamente do ciclo da construção do museu e colaboraram diretamente com seu design. Eles poderão analisar se o que foi projetado realmente representa a práxis concreta da vida deles e se foi pautado no saber comunitário. Para realizarmos o ciclo de aplicação com eles vamos reunir todos os que colaboraram de forma mais direta no salão da igreja do povoado do Manco, apresentá-los o museu virtual e através de uma roda de conversa ouvir as considerações, sugestões e críticas do grupo para o refinamento do museu.

f) Membros da família Dantas que viveram em Itapicuru e na fazenda engenho Camuciatá e participaram do processo de construção.

Esse grupo de aplicação tem o mesmo nível de importância do anterior pois fazem parte do público-alvo principal que participaram do processo de construção do museu e são descendentes de muitos sujeitos históricos que são personagens do museu. A partir da vivência que tiveram na cidade de Itapicuru,

na fazenda engenho Camuciatá e no povoado do manco serão aqueles que poderão avaliar a existência das interconexões entre os sujeitos do passado e do presente através da memória coletiva apontando as permanências e identificando os significados. A metodologia da validação será semelhante à do grupo anterior. Como são pessoas na faixa de 80 anos para cima muitos deles não se interessam mais pelo acesso as tecnologias. Com isso apresentamos o museu virtual individualmente a alguns deles e outros fizemos pequenos grupos para socializar o ambiente virtual. A partir daí fomos coletando as considerações feitas nos ciclos de aplicação para serem utilizadas no redesigne do MVICM.

g) Pesquisadores que trabalharam com museu virtual.

Escolhemos para fazer parte dos grupos de aplicação alguns pesquisadores que trabalharam diretamente com museu virtual. O trabalho anterior deles, com a utilização dos mesmos princípios teóricos e metodologia por mim adotados, será importante para troca de experiências e também para ouvir o parecer de especialistas que pelo saber adquirido na prática da construção do instrumento tecnológico são avaliadores balizados para analisar a solução mediadora do MVICM e apresentar suas contribuições.

h) Grupos de pesquisa dos projetos Sociedade em Rede – Pluralidade Cultural e Conteúdos Digitais Educacionais, do Rede e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC-Uneb).

A socialização do MVICM nesses grupos para que seus componentes possam analisar e validar a solução mediadora através de suas considerações é legítima pois contribuíram no processo de construção do contexto do museu e por trabalharem com uma variedade de soluções tecnológicas de aprendizagem que tem o mesmo perfil do ambiente virtual produzido, como jogos, rpg, mídia de história, áudios e vídeos WEB, memória digital e outros

formatos. Essa gama de softwares que são utilizados como ambientes virtuais de aprendizagem traz conteúdos digitais educacionais que servem de base para que os componentes desses grupos possam contribuir para analisar o design do nosso museu, dentro dos parâmetros de qualidade de representação digital, vínculo interativo, entre outros.

Por serem grupos que trabalham essencialmente com a perspectiva de uma sociedade em rede vamos disponibilizar o link para download do museu para que os pesquisadores possam fazer suas análises e apresentarem suas considerações. Os resultados serão observados com atenção para serem utilizados no processo de aplicação e refinamento do MVICM

Ainda com esse público-alvo objetivou-se incentivar os seus membros, de outros grupos e o público em geral a conhecerem o museu virtual, apresentando o processo de produção do seu contexto, elaboração dos quadros de acervo e a construção propriamente dita da solução mediadora em foto e vídeo, a partir da realização de eventos culturais e acadêmicos, como o 1º Encontro de Museus Virtuais do Estado da Bahia realizado no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia em setembro de 2018. O objetivo desse encontro foi o de reunir os pesquisadores que estavam trabalhando com esta solução mediadora do conhecimento histórico a partir de modelagens, de fotos, vídeos e outros suportes tecnológicos. O evento reuniu também professores e alunos do ensino básico e superior, além de pessoas interessadas na temática apresentada.

No espaço acadêmico da Universidade Católica do Salvador promovemos, através da coordenação do curso de História dessa instituição, eventos culturais que tiveram em sua programação a temática dos museus virtuais, como o “Ciclo de palestras e debates com mestres e doutores”, com uma comunicação que aconteceu no dia 05 de outubro de 2016 com a fala da profa Luciana Martins, que apresentou a “História Social do Quilombo do Cabula: representações de resistências em museu virtual 3D aplicada à mobilização do turismo de base comunitária”. Durante todo o período da realização do doutorado houve um acompanhamento e troca de ideias sobre a construção e aplicação dos elementos do museu com a comunidade acadêmica. (MARTINS, 2017). Todo este aparato de informações, realizado de

forma dialógica, contribuiu para o aprimoramento das discussões nos ciclos de construção e aplicação.

Ainda na perspectiva de socialização do museu virtual aconteceu a apresentação do museu para um grupo de professores do ensino básico de Itapicuru, em março de 2020. O evento teve como objetivo apresentar o museu, ouvir sugestões e provocar reflexões sobre a possibilidade de sua utilização como instrumento didático pedagógico.

13.3.3.2 Percursos para o primeiro ciclo de aplicação: (Como)

Estamos no momento de apresentar como iremos realizar o primeiro ciclo de aplicação. O planejamento organizado para a concretização da aplicação da solução mediadora do Museu Virtual foi dividido em duas etapas: através da modalidade a distância e presencialmente. Em relação a modalidade a distância será o instrumento usado com a maioria dos grupos identificados no subcapítulo anterior pelas letras A, B, C, D, G, H. Todos eles comporão grupos de Internautas/ visitantes que irão navegar pelo ambiente do museu e a partir da visita terão espaços adequados para expressar suas análises, comentários e avaliações, estabelecendo uma interação com o instrumento educacional. Diante da diversidade de ambientes e conteúdos expostos no museu o internauta terá autonomia para se expressar através do instrumento que optar e neste espaço poderá realizar sua observação/ avaliação, gerando um diálogo entre ele, o museu e o autor/pesquisador para que depois possamos avaliar e utilizar no propósito da aplicação.

No que diz respeito a forma presencial será utilizada para os grupos representados pelas letras E, F. Ambos, por terem o mesmo perfil, composto por pessoas de idade avançada, muitos não possuem habilidades com as tecnologias. Por esse motivo iremos apresentar todos os ambientes do MVICM a este público-alvo porque eles são os sujeitos históricos mais próximos em termos de vivência da realidade concreta da cultura material e imaterial do espaço do museu, portanto o envolvimento deles é essencial para que validem a proposta pois são os legítimos descendentes dos personagens dos séculos XVIII e XIX que reverberam neles através de suas práticas, saberes e fazeres.

No percurso da visita ao museu o internauta irá se deparar com os instrumentos que vão possibilitar a interação e o diálogo com o museu. Eles serão da máxima importância porque será através deles que poderemos sistematizar os dados transmitidos pelos interlocutores na fase da aplicação e reavaliar o processo de construção do design do museu. Para concretizar esse propósito temos duas abas que são os referidos instrumentos para a coleta de dados: “Dialogue com o Museu” e “Contatos e Colabore: Deixe-nos uma Mensagem”.

Em algumas fotos das coleções do “Acervo de Fotos” distribuídas nas “Salas de Exposições” temos a aba “Dialogue com o Museu”. O acesso poderá acontecer em cada ambiente do museu que o visitante acessar respeitando a sua autonomia. No percurso que estiver fazendo sua visita o internauta poderá seguir, por exemplo, o seguinte caminho:

- Sala de Exposição Caminho do Candomblé de Durvalina e Mucambo.
- Acervo de Fotos.
 - Coleção Cultura Africana
 - Zabumbeiros tocando e filhos de santo dançando na varanda (...)
 - # **Dialogue com o Museu**
 -  Pergunta/reflexão
 -  Nome, email.
 -  Sua mensagem
 -  Enviar.

Figura 128 – Mostra de etapas do Instrumento de Avaliação/Validação “Dialogue com o Museu”.



Fonte: Museu Virtual da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciata e Povoado do Manco. 2022

Esta aba abre a possibilidade de o internauta interagir e dialogar com o museu respondendo à pergunta/reflexão proposta contribuindo desta forma para o aperfeiçoamento do museu. A proposta é que possa através de sua resposta e reflexão expressar seu conhecimento ou opinião, mas sobretudo se expressar criticamente sobre o contexto histórico representando na foto ou filmagem do acervo que está sendo exposta. As críticas serão sempre bem-vindas e levadas em consideração.

Ao clicar em “Dialogue com o Museu” o visitante é incentivado a pesquisar sobre o tema trabalhado, bem como, a partir da reflexão proposta desenvolver seu senso crítico e se torna consciente que é Co responsável pela construção do museu. Neste ponto estamos validando às categorias de análise “História Pública”, “Turismos de Base Comunitária” e o “Socio construtivismo”. (MARTINS, 2017).

No instrumento de coleta de dados “Dialogue com o Museu” elencamos as questões-problemas que irão incentivar a interação e reflexão dos visitantes, atores da história do presente que dialogam com os processos históricos que moldam a sua identidade e o contexto da vida atual. Procuramos seguir a sequência em que estão distribuídas nas Salas de Acervo e nas Coleções projetadas no museu de acordo com o roteiro de visitaçãõ.

- **Sala de Exposição Missão de Nossa Senhora da Saúde e Estrada da Casa da Torre e das Boiadas rumo a Vila Velha – Coleção Civilização do Gado:**

- 1) Com a foto do carreiro conduzindo o carro de boi podemos lembrar que a profissão de carreiro durante três séculos e meio teve uma importância fundamental na sociedade brasileira. Responsável por conduzir o principal meio de transporte do Brasil ele tinha um status especial dentro da classe trabalhadora e trazia uma cultura peculiar influenciada pela convivência com o boi. Com o surgimento das ferrovias e depois do automóvel gradativamente o carreiro foi perdendo a sua importância e aos poucos esse ofício foi se tornando desvalorizado no mundo rural. Em uma perspectiva de não deixar morrer as antigas

práticas culturais e valorizar uma profissão que foi tão importante na história do Brasil que soluções concretas podemos sugerir para evitar que o carreiro desapareça de uma vez por todas das estradas do interior do nordeste? (Categoria HP, Socioconstrutivismo e TBC).

- **Sala de Exposição Aldeia da Serra Velha – Coleção Artefatos e Utensílios Indígenas:**

2) Na gamela e cuia de madeira observamos a cultura material que é produzida de acordo com os valores intrínsecos aos hábitos e costumes de um povo e com os recursos materiais que tem disponível. Os índios fabricavam recipientes em forma oval chamados de cuia para tomar banho dentro de uma espécie de recipiente chamado de gamela. Será se podemos identificar em algum recurso que o homem contemporâneo utiliza para o banho diário algum resquício de práticas herdada da cultura indígena? (Categoria HP e Socioconstrutivismo).

3) Seja na pequena sala da casa de um morador do engenho ao lado de um tamborete ou pendurada em um torno ao lado de uma cama de jacarandá em um dos quartos do sobrado a rede fazia parte do cotidiano de todos independente da classe social. Aproveitando esse exemplo apresente outros exemplos de produtos culturais que estão presentes na vida cotidiana e que são oriundos das trocas culturais dos povos formadores da identidade brasileira. (Socioconstrutivismo, HP e TBC).

- **Sala de Exposição Caminho do Candomblé de Durvalina e do Mucambo – Coleção Cultura Africana:**

4) Os zabumbeiros tocando e filhos de santo dançando mostram a bicentenária zabumbado Camuciatá. Pertenceu a moradores que viveram no engenho em meados do século XIX e de lá até hoje os descendentes dos tocadores vem mantendo a tradição de tocar os instrumentos nas festas religiosas e profanas. Você acha importante a manutenção das práticas culturais? Em um mundo cada vez mais globalizado de que forma você acha que podemos incentivar, sobretudo nos mais jovens, a valorizar a cultura de sua terra, de sua família, de

seus antepassados? O que acha de apreender tocar zabumba ao invés de um violão ou teclado? (Socioconstrutivismo, HP e TBC).

- 5) Em uma região como o vale do rio Itapicuru onde tivemos a presença da mão de obra escrava desde o começo do século XVII porque só tivemos o registro de uma única casa de santo, a da lalorixá Durvalina, que sobreviveu até os dias atuais, enquanto a presença de construções e símbolos da religião trazida pelos portugueses está espalhada em vários povoados da região? (Socioconstrutivismo e HP).

- **Sala de Exposição Vila de Nossa Senhora de Nazaré de Itapicuru de Cima:**

Coleção Patrimônio Material e Arquitetônico:

- 6) A disposição da praça principal da vila de Nossa Senhora de Nazaré de Itapicuru mostra a igreja matriz no centro ladeada pela casa do Barão de Jeremoabo e pela câmara dos vereadores. Essa arrumação não era por acaso, demonstrando a força e a aliança estabelecida entre a igreja católica e os grandes fazendeiros. No Brasil contemporâneo o poder mudou de mão ou temos novos “donos do poder”? (Socioconstrutivismo e HP).

Coleção Acervo Fotográfico:

- 7) Chefes políticos de Itapicuru, fazendeiros e coronéis reunidos na câmara de vereadores de Itapicuru, centro do poder no Brasil colônia e império. Observando a fotografia só temos pessoas brancas na foto em uma região onde temos a forte presença do negro e do índio. Quais os motivos dessa exclusão e de forma esse contexto reverbera atualmente? (Socioconstrutivismo e HP).

Coleção Feira de Itapicuru:

- 8) A presença de produtos de couro nas feiras das cidades do nordeste da Bahia, como Itapicuru, tem presença marcante. Nas lojas de grife dos shopping centers das grandes cidades as peças de couro são vendidas

a preços muito altos, entretanto nas barracas das feiras você encontra vários produtos feitos dessa matéria prima com valores acessíveis até para pessoas de renda mais baixo. Na lógica capitalista os produtos são comprados nesses locais para serem vendidos pelo dobro ou triplo do valor original adquirido na mão do produtor. Se tivéssemos estratégias para pelo menos possibilitar um lucro maior para as famílias produtoras daria uma condição de vida mais digna a população rural que vive muitas vezes com uma renda muito baixa para o seu sustento. Caso tenha ideias para sugerir poste aqui. (Socioconstrutivismo, HP e TBC).

9) As feiras têm origens ibéricas e vem do período medieval. À medida que a colonização foi avançando com a caminhada das boiadas, a formação dos currais e a presença das ordens religiosas construindo capelas e estruturando aldeamentos indígenas as feiras foram surgindo no entorno dos agrupamentos humanos que iam se formando. Em Itapicuru a feira semanal acontece na sexta-feira. Nela encontramos uma variedade de produtos que reflete a pluralidade cultural da região que tem a influência de povos indígenas, negros e portugueses. Sugerimos que visite a feira de Itapicuru ou de outra cidade com um olhar atencioso para a diversidade presente e depois descreva de forma espontânea o que viu, ouviu e sentiu na sua experiência. (Socioconstrutivismo, HP e TBC).

- [Sala de Exposição Fazenda Engenho Camuciatá através da Estrada Real:](#)

Coleção Ecossistema e Flora:

10)A tradição oral conta que na beira do rio Itapicuru, em uma árvore chamada Murtaíba, escravos se enforcaram e por esse motivo ela ficou conhecida até os dias atuais como “Árvore dos Enforcados”. Qual será o motivo que levou esses escravos a atentarem contra a própria vida? Seria uma forma de fugir da dura realidade do sistema escravocrata ou uma forma de protestar contra o estilo de vida que levavam? (Socioconstrutivismo, HP).

Coleção Acervo Fotográfico:

- 11) A indumentária dos vaqueiros era originária da civilização do gado. Os homens se trajavam com jaleco, perneiras, luvas, botas e chapéu, tudo de couro e assim passavam o dia na lida e no trabalho no campo. E hoje, os atuais vaqueiros continuam se vestindo de couro? (Socioconstrutivismo, HP).
- 12) Nos encontros de políticos e fazendeiros em frente ao Sobrado praticamente não vemos mulheres. Como podemos explicar essa ausência? (Socioconstrutivismo, HP).
- 13) No Brasil colônia e império era comum que as famílias de classes mais abastadas tivessem suas amas de leite para amamentar os filhos recém-nascidos e cuidar dos mesmos. No século XXI essa prática continua? Quem cuida dos filhos das famílias que tem mais posses financeiras? (Socioconstrutivismo, HP).
- 14) O Carro de Boi foi o principal meio de transporte no Brasil durante quase quatro séculos. Além de transporte tinha muitas outras funções entre as quais transportar cargas e pessoas pelas estradas reais que cortavam as veredas do Sertão. As estradas atuais foram construídas seguindo a mesma rota desses antigos caminhos. Você já andou de carro de boi? (Socioconstrutivismo, HP).
- 15) Os trajes utilizados revelam a mentalidade de uma época. Nessa imagem vemos todos vestidos de preto, até as crianças, com exceção do caçula. Por que todos usam a mesma cor? Existe algum significado para explicar essa preferência? (Socioconstrutivismo, HP).
- 16) No século XIX e até princípios do século XX as mulheres da elite andavam a cavalo de uma forma diferenciada dos homens: sentavam-se nas chamadas “selas de banda”, com as pernas viradas para um lado diferente dos homens que montavam na forma tradicional. Essa diferença de postura apesar de parecer uma questão de moda da época revela uma diferença de olhar em relação a posição do homem e da mulher na sociedade. Que diferença é essa e quais as consequências para a mulher desse comportamento diferenciado? (Socioconstrutivismo, HP).

Coleção Escritório Barão de Jeremoabo:

- 17) Em uma época em que a medicina ainda era pouco avançada o uso de medicação se restringia a medicações caseiras, remédios naturais a base de ervas, plantas e fórmulas. Esses recursos eram utilizados no sobrado do Camuciatá tanto pela família do proprietário, como pelos moradores e seus familiares. Atualmente com todo o avanço da medicina vemos um retorno a medicina natural também chamada de homeopática, entre outras denominações. Você é adepto da medicina natural cuja filosofia tem muito a ver com o conhecimento e sabedoria popular, ou só utiliza a farmacopeia oriunda dos laboratórios científicos? (Socioconstrutivismo, HP).
- 18) Os livros nos ajudam a entender a mentalidade de uma determinada época, de um grupo social e em uma escala menor de uma família ou um indivíduo. A biblioteca do Barão de Jeremoabo e de sua família revela o modo de pensar e agir desses sujeitos históricos. Que tipo de livros você acha que o barão, sua esposa, filhos e netos liam? Se quiser cite exemplos. (Socioconstrutivismo, HP).

Coleção Arte Sacra

- 19) As formas de comunicação estão associadas a tecnologia de cada época. O sino era um instrumento utilizado no período medieval para convocar a população para os grandes eventos da sociedade da época como as missas dominicais, as procissões realizadas pela igreja, o anúncio de algum grande acontecimento. Esse hábito foi transportado no período da colonização para o Brasil pela igreja católica e suas ordens religiosas chegando as paragens mais longínquas como as fazendas e engenhos nos rincões mais distantes do interior, como o Camuciatá. Nessa propriedade a função dele era a mesma de um milênio atrás: convocar os moradores para a missa e ofícios religiosos, bem como para chamá-los para o pagamento da remuneração mensal pelas atividades laborais. O avanço da tecnologia na era da informação coloca o velho sino de bronze em uma função meramente decorativa. Considerando as transformações culturais e da técnica e buscando refletir sobre as mudanças ocorridas na passagem do milênio

apresentem instrumentos da cultura da comunicação que fazem o papel do velho sino levando em conta os diferentes contextos em que estão inseridos. (Socioconstrutivismo, HP).

Coleção Interior do Sobrado do Camuciatá

20) Todos os domingos o vigário de Itapicuru, o português Antônio da Costa Gaitto, chegava para celebrar a missa na capela de Santo Antônio do Camuciatá. A baronesa de Jeremoabo e depois sua nora Ana Adelaide Ribeiro dos Santos Dantas tocavam o enorme sino de bronze para convocar os moradores das senzalas e casinhas para assistir o rito católico. Paralelo a isso os mesmos moradores se faziam presentes na casa de santo da Lalorixá Durvalina passando a frequentar dois tipos de religiões diferentes. Esse trânsito em religiões de práticas e ritos sagrados diferenciados é vivenciado atualmente, seja pelos católicos, como por aqueles que seguem as religiões de matrizes africanas. Como explicar essa prática que para os que frequentam é vivido de uma maneira harmoniosa? (Socioconstrutivismo, HP).

21) Na Casa Grande do Barão existem duas escadas de jacarandá. A escada do hall principal só era usada pelos donos da casa, familiares, amigos e visitantes. A escada do fundo que dava para a varanda íntima e para a cozinha era usada pelos serviçais para fazer a limpeza geral do segundo andar do sobrado. As permanências de mentalidade e práticas sociais se mantem vivas no contexto da nossa sociedade moderna oriunda de uma história marcada pela escravidão. Será se podemos comparar essa realidade do uso diferenciado das escadas de uma casa senhorial como a do barão com o uso dos elevadores sociais e serviço dos prédios de luxo das grandes cidades brasileiras? (Socioconstrutivismo, HP).

22) O piano fazia parte da cultura musical da elite europeia e foi transportado para o Brasil. Esse instrumento estava presente em muitos solares e engenhos da Bahia colonial e imperial. No Camuciatá a nora do barão tocava no salão de festas nos saraus organizados pela família. Além desse instrumento de influência da cultura europeia quais outros poderiam estar presentes no engenho já que tínhamos a presença do

negro e do índio inserido no mesmo ambiente? (Socioconstrutivismo, HP).

Coleção Mobiliário

23) A tecnologia indígena, através do uso da matéria prima do barro, estava presente nos salões requintados dos senhores de engenho. Qual a função dos recipientes de barro, chamados de Quartinha pendurados nesse móvel? (Socioconstrutivismo, HP).

24) Esse móvel era utilizado para que todas as pessoas que entrassem no sobrado do Camuciatá pendurassem seus chapéus para não entrarem na casa com esses adereços. A função desse móvel tinha um sentido social que demonstrava valores intrínsecos a moral da época. Que costumes eram esses e qual o significado que tinham para os sujeitos históricos da sociedade imperial? (Socioconstrutivismo, HP).

25) O móvel “Guarda Comida” era utilizado para guardar comidas já feitas para serem utilizadas com pouco tempo depois de consumidas. Por que esse móvel tão útil na época não tem nenhuma funcionalidade atualmente? (Socioconstrutivismo, HP).

Coleção de Objetos de Ferro e Metal:

26) A senhora Dobe passava horas na varanda do fundo da casa grande do Camuciatá balançando o ferro de passar roupa alimentado por brasa. Como não tinha energia elétrica nessa época esse movimento era feito durante horas para que o calor da brasa esquentasse o ferro e pudesse passar toda a roupa da família dos proprietários da fazenda. Qual era a posição dessa senhora na divisão social do trabalho da época? (Socioconstrutivismo, HP).

Coleção Cultura Material:

27) O trabalhador rural no sertão nordestino é submetido a uma carga horária exaustiva e exerce suas funções embaixo do sol sob condições adversas como as altas temperaturas. Aliado a essa realidade, na maior parte das vezes, ele não está protegido na legislação trabalhista do país e recebe uma remuneração muito baixa para o tipo de trabalho que

exerce. Você tem uma ideia da diária de um trabalhador rural na maior parte do sertão da Bahia? (Socioconstrutivismo, HP).

28) A pescaria de aió é uma tradição que vem da cultura indígena e continua presente no cotidiano dos moradores do Camuciatá e do povoado do Manco. E na sua região, você ainda consegue observar práticas culturais oriundas dos povos originários? Caso positivo cite exemplos. (Socioconstrutivismo, HP).

29) Lavar roupa no riacho ao som de antigas cantigas é uma tradição que vem dos tempos do Brasil colônia. Em pleno século XXI podemos ver mulheres lavando roupas nos riachos do Camuciatá e do povoado do Manco. Em sua opinião a ausência da tecnologia nas casas da comunidade, onde a maioria não tem máquina de lavar roupa, contribui para a manutenção desse costume? Quais os aspectos positivos e negativos da cena que observamos no museu. (Socioconstrutivismo, HP).

Coleção Civilização do Açúcar:

30) A preservação de um sítio arqueológico traz benefícios para toda uma comunidade. Significa a valorização de um patrimônio histórico material que nos ajuda a melhor compreender a nossa história. O alicerce do engenho de açúcar com as bicentenárias pedras do piso de diferentes ambientes da edificação é um exemplo concreto dessa preservação que incentiva a essas boas práticas. Dentro do contexto do nosso museu virtual apresente exemplos de locais, objetos, práticas culturais que você considere como patrimônio cultural da sua cidade e informe o seu grau de preservação e valorização pela comunidade local. (Socioconstrutivismo, HP).

Coleção Diversos:

31) Esta conversa vai para os apreciadores de vinho. Esse vinho é de 1874 e foi aberto no dia do batizado de Antônio da Costa Pinto Dantas, filho caçula do barão de Jeremoabo, no engenho Europa, em Santo Amaro, Bahia. Dizem os enólogos que o vinho quanto mais velho melhor e mais

saboroso. Será se esse conhecimento se aplica a essa garrafa?
(Socioconstrutivismo, HP).

Coleção Fauna:

32)A influência da cultura africana está presente em vários aspectos da sociedade brasileira, principalmente a baiana. Na culinária, na religião, na música, na fala, podemos identificar a marca do africano. Esse galináceo veio da África, especificamente de Angola daí o nome “Galinha de Angola”. Que outros animais ou plantas podemos citar como vindos na mesma época que os navios negreiros chegavam na costa da Bahia? (Socioconstrutivismo, HP).

Coleção Indumentária, linho, tecidos e acessórios de apoio:

33)Uma fazenda e engenho de açúcar na Bahia colonial e imperial era praticamente autossuficiente. Proprietários e moradores consumiam tudo que era produzido a partir dos recursos naturais como por exemplo colchões cujo recheio era um capim nativo dos pastos do Camuciatá chamado “Burrão”. Você já dormiu em um colchão de capim? Acha que é confortável? (Socioconstrutivismo, HP).

Coleção Porcelana, Cristais e Vidros:

34)Os doces feitos pelas mãos negras das senhoras no tacho de cobre em cima do fogo a lenha eram colocados nas compoteiras de cristal Bacarat para ser servido as sinhazinhas na mesa da Casa Grande. As primeiras ficavam horas no processo de fabricação do doce no calor do fogo que subia das labaredas das lenhas, as segundas se deliciavam da doceria portuguesa com o toque abrasileirado das frutas da região graças ao trabalho das mulheres descendentes das escravas. A partir do contexto desse cotidiano faça uma reflexão sobre o mito da democracia racial no Brasil, que Gilberto Freire em “Casa Grande e Senzala” é um dos defensores. (Socioconstrutivismo, HP e TBC).

35)Cada quarto do sobrado do Camuciatá tinha um urinol embaixo da cama. Esse era um hábito comum pois os quartos não tinham banheiro e o único da casa era distante e fora do corpo da casa. Quando

acordavam a primeira coisa que as pessoas faziam eram conduzir o urinol para o banheiro para fazer a limpeza. Você acha que essa afirmação é verdadeira? Justifique sua resposta. (Socioconstrutivismo, HP)

36) As escarradeiras eram utilizadas pelas pessoas que tinham o hábito de fumar e mascar o fumo. Após um certo tempo o fumante cuspiam nesse recipiente que ficava ao lado dos sofás e cadeiras de jacarandá. O que você acha desse hábito praticado pelos homens de todas as classes sociais no século XIX? (Socioconstrutivismo e HP)

Coleção Portugal – Península Ibérica:

37) Ao observarmos a primeira casa da família dos Dantas no norte de Portugal, na vila de Antas, do século XIV até chegar à casa do sobrado do Barão de Jeremoabo, no engenho Camuciatá, em Itapicuru Bahia-Brasil observamos continuidades não em relação a arquitetura, mas referente a uma mentalidade que atravessou os mares e os séculos. A partir da observação das duas construções você consegue perceber que permanências simbólicas são essas? (Socioconstrutivismo e HP)

38) Os mapas são excelentes instrumentos didáticos pedagógicos para se conhecer a história de um país, de um lugar, de um povo. Comparando o mapa de Portugal com o da Bahia comente qual a sua impressão em relação ao primeiro que representa uma das nações mais poderosas do mundo nos séculos XVI e XVII. (Socioconstrutivismo e HP)

39) Quais as semelhanças das Vias Romanas que margeavam o Solar dos Antas, na vila de Antas, por volta do século 1 a.c até o século 4 d.C. com as estradas reais, de boiadas e de tropas que passavam no entorno do engenho Camuciatá, na vila de Nossa Senhora de Nazaré de Itapicuru de Cima, nos séculos XVIII e XIX? (Socioconstrutivismo e HP)

- **Sala de Exposição do Povoado do Manco:**

Coleção Povoado do Manco:

40) Em sua opinião que características arquitetônicas dessa casa pode refletir as condições socioeconômicas dos moradores do povoado do

Manco? Será se ela traz alguma semelhança com as casas que existiam na fazenda engenho Camucaitá? (Socioconstrutivismo e HP).

41) É hora de apreciar a professora Arlete Souza Silva, do povoado do Manco, colocando lenha no fogão. Em sua casa tem um fogão a lenha? Você já cozinhou em um deles? (Socioconstrutivismo, HP e TBC).

42) O mel, como outros produtos típicos, seja da culinária rural, artesanatos, entre outros são produzidos pelos moradores do Manco a partir do aprendizado que receberam das gerações que lhe antecederam. Muito dessa produção é consumida internamente pela comunidade ou no máximo é levado para ser vendido na feira de Itapicuru. Qual a sua sugestão para ajudar essa comunidade a pensar de forma sistemática e organizada no sentido de conseguir ter uma renda maior a partir daquilo que eles produzem? (Socioconstrutivismo, HP e TBC).

43) No salão dessa casa de farinha, no povoado do Manco, podemos ver vários objetos da cultura indígena. Quais são eles? (Socioconstrutivismo, HP e TBC).

Coleção Tipos Humanos:

44) No povoado do Manco ainda vemos pessoas idosas ensinando seus saberes e fazeres para seus filhos, netos e bisnetos. Você se preocupa em ensinar para seus filhos aquilo que você sabe? Caso positivo compartilhe conosco o que já ensinou. (Socioconstrutivismo, HP e TBC).

45) Nas casas da fazenda Camuciatá, tanto dos proprietários, como dos moradores, quando ainda não havia televisão as pessoas ficavam a noite sentadas na varanda ou em noite de lua cheia na areia sentadas em uma esteira de taboa ouvindo casos e “estórias”. José Santana, trabalhador da roça, era um grande contador de histórias da região. Esse hábito tão importante para a manutenção dos vínculos familiares e para a perpetuação da memória, da história, das crenças e das tradições dos moradores do povoado do Manco está cada vez desaparecendo. E você onde mora tem o costume de contar histórias de sua vida, de sua

família, de seu bairro ou da comunidade que vive? (Socioconstrutivismo, HP e TBC).

46)Essa cena de senhoras idosas carregando feixe de lenha na cabeça é ainda comum nos povoados e roças no entorno da fazenda engenho Camuciatá. Você que mora nas grandes cidades já se imaginou carregando lenha para cozinhar, esquentar água e aquecer a casa? (Socioconstrutivismo, HP e TBC).

47)O idoso nas comunidades rurais é muito valorizado como na África e em muitos países orientais. No mundo ocidental, nas grandes cidades, não se valorizam as pessoas idosas que para a lógica do capitalismo não tem utilidade para o mercado de trabalho. No povoado do Manco ainda observamos a atenção especial que é dispensada as pessoas com idade mais avançada. Como você observa o relacionamento com os idosos na sua cidade, seu bairro ou comunidade? (Socioconstrutivismo, HP e TBC).

Coleção Cultura Material:

48)Observamos no povoado do Manco práticas comunitárias que são compatíveis com a filosofia de vida dos povos indígenas. Os moradores têm o hábito de se reunir em grupo para se ajudar mutuamente no momento da limpeza da roça do feijão, na hora de arrancar o milho e em outros contextos da cultura de subsistência. O trabalho é feito para ajudar o dono da roça e esse movimento é chamado de “Mutirão”. Você acha que esse trabalho é remunerado ou os participantes recebem algum tipo de compensação? (Socioconstrutivismo, HP e TBC).

49)No povoado do Manco e em outros do interior do nordeste da Bahia a pobreza e a ausência de recursos tecnológicos é muito grande. Até a pouco tempo não tinha luz elétrica nas casas da comunidade local. A cena representada nessa foto das mulheres retrata essa realidade, pois a lenha servia tanto para cozinhar como para fazer fogo para esquentar e iluminar a casa. Comente essa imagem e faça uma reflexão sobre as causas da realidade socioeconômica da população do nordeste da Bahia. (Socioconstrutivismo, HP).

50)A agricultura de subsistência prevalece no povoado do Manco. Apesar da produção pequena nas roças as hortaliças e raízes são produzidas sem agrotóxicos trazendo benefícios para a população local, entre os quais, por exemplo, a saúde e a alta expectativa de vida. A partir dessa realidade podemos refletir como, nesse quesito, a tecnologia prejudica o bem-estar humano. Poste sua reflexão sobre essa realidade e o que a população do Manco com suas práticas tradicionais tem a nos ensinar sobre essa questão. (Socioconstrutivismo, HP).

51)A tradição bicentenária de fazer doces artesanais continua presente nas práticas das doceiras do povoado do Manco. Em sua opinião como esse trabalho pode trazer algum tipo de renda para a comunidade local? (Socioconstrutivismo, HP e TBC).

Coleção Utensílios e Artefatos de Uso Doméstico:

52)Você já tomou um café quente após ser torrado em um pilão? (Socioconstrutivismo, HP e TBC).

Coleção Frutas da Região

53)A diversidade da flora no Brasil é muito grande. Existem muitas frutas no agreste e sertão da Bahia que são desconhecidas de grande parte das pessoas. Com o objetivo de colaborar para o conhecimento de frutas típicas da sua região cite alguns nomes como forma de contribuição. Começamos citando a fruta Capa Rosa, natural do raso de Itapicuru. Em breve postaremos uma imagem dela no museu. (Socioconstrutivismo, HP e TBC).

Coleção Culinária Regional:

54)A carne seca, a farinha de mandioca e a rapadura fizeram parte da dieta alimentar dos trabalhadores rurais durante séculos. Saíam de casa para trabalhar na roça quando o dia clareava as vezes com apenas um café preto tomando em uma caneca de barro e depois de alumínio. Às 11:00 paravam para descansar embaixo de alguma árvore frondosa e depois de uma jornada exaustiva de 05 horas de trabalho é que iam almoçar com uma refeição pobre em nutrientes e variação do cardápio. Essa

realidade presente no museu virtual nos leva a refletir sobre a qualidade da alimentação do trabalhador rural brasileiro atualmente. Compartilhe seu conhecimento sobre o assunto e expresse criticamente sua opinião sobre esse contexto. (Socioconstrutivismo, HP e TBC).

55)O trabalho manual feito pelos moradores do povoado do Manco é fruto de um aprendizado transmitido de geração em geração. A extração e preparo da castanha de caju é muito trabalhosa e toma horas de que está realizando esse ofício. Em uma perspectiva de se pensar em gerar uma renda para o produtor rural apresente sugestões que possam ajudá-lo a sistematizar o processo produtivo fazendo com que a atividade se torne lucrativa. (Socioconstrutivismo, HP e TBC).

Coleção Cultura Indígena:

56)As rezadeira e curandeiras são portadoras de uma sabedoria popular muito grande. Possuem um conhecimento da natureza, da flora e da fauna da região que os capacita, por meio da experiência de vida e das práticas cotidianas produzir remédios naturais que são eficazes no tratamento das doenças da maioria da população de sua comunidade. A sociedade moderna e capitalista discrimina esse tipo de tratamento hierarquizando e colocando o saber científico como superior. A partir do conhecimento transmitido por mãe Nena representando no museu virtual apresente sugestões para que possamos combater esse olhar preconceituoso a respeito da sabedoria popular? (Socioconstrutivismo, HP e TBC).

Instrumento de interação: “Contatos e colabore: deixe-nos uma mensagem”.

O próximo instrumento que irá contribuir para a coleta de dados a partir da interação dos visitantes é a aba “Contatos e Colabore – Deixe-nos uma mensagem”. Localizada no canto superior à direita da linha horizontal onde encontram-se outras abas de acesso o visitante pode acessá-la no final da

visita ao museu ou quando desejar interagir. A utilização do instrumento é objetiva e bem simples devendo o internauta seguir o seguinte passo a passo:

✚ Contatos e colabore – Deixe-nos uma mensagem.

- Deixe-nos uma mensagem.
 - # Fazer cadastro.
 - # Sua mensagem
 - # Enviar.

Este instrumento foi colocado de forma aberta, sem estabelecer um roteiro prévio de interação, de modo a incentivar a participação do visitante respeitando sua autonomia e ao mesmo tempo valorizando a sua capacidade de pensar livremente de acordo com seus próprios conhecimentos oriundos de sua experiência concreta de vida buscando despertar a consciência de que cada visitante é um sujeito histórico que de alguma forma pode fazer parte do contexto que foi registrado e está sendo projetado no Museu Virtual da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciatá e Povoado do Manco. (MVICM). Este recurso poderá possibilitar a interação com as 04 (quatro) principais categorias de análise escolhidas para servirem de parâmetros para a avaliação e validação do museu virtual, a saber: Rede Virtual, História Pública, Turismo de Base Comunitária e sócio construtivismo. (MARTINS,2017).

Figura 129 – Instrumento de Avaliação/Validação “Contato-Colabore: Deixe-nos uma Mensagem”

9:26 9:26 100% 100%

odejeremoabo.com.br

Instituto Museu do Nordeste
BARÃO DE JEREMOABO

DEIXE-NOS UMA MENSAGEM

EM BREVE RETORNAREMOS O SEU CONTATO.

NOME

EMAIL

TELEFONE

CELULAR

DATA DE NASCIMENTO

ASSUNTO

SUA MENSAGEM

CELULAR

DATA DE NASCIMENTO

ASSUNTO

SUA MENSAGEM

ENDEREÇO COMPLETO

SELECIONE UM ESTADO

ENVIAR

Fonte: Museu Virtual da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciata e Povoado do Manco e banco de dados do museu. 2022

O terceiro instrumento de coleta de dados serão fichas produzidas a partir das informações colhidas no instrumento “Contato-colabore: Deixe-nos uma Mensagem”. Serão utilizadas para produção de um relatório das visitas com a sistematização das informações e, pelo menos neste primeiro momento, não ficará disponível para os visitantes acompanharem. A ideia é que, através delas o pesquisador possa acompanhar o perfil do visitante que está acessando o museu, quais as salas de exposição, coleções e fotos e vídeos que mais chamou a atenção dele, o que motivou a sua interação e demais possíveis comentários oriundos da autonomia dos participantes e de seu desejo de colaboração. Esse banco de dados servirá para que o pesquisador possa fazer sua avaliação e perceber o comportamento do internauta no museu e quais foram os pontos que interessaram a ele ou não. Será uma análise tanto da qualidade de interação, como da quantidade de participações. Esses dados serão coletados a partir de um servidor próprio cujas informações serão enviadas diretamente pelo comando dado pelo visitante quando finalizar suas considerações no “Deixe-nos uma Mensagem”.

Figura 130 – Modelo da ficha do servidor próprio criado para coletar dados da participação dos visitantes.

from: **IMNBJ** <contato@museubaraodejeremoabo.com.br> via [srv514.main-hosting.eu](#)
to: IMNBJ <museudonordestebj@gmail.com>
date: Nov 19, 2022, 7:28 PM
subject: Contato através do site IMNBJ

Nome: Ednei santos
Email: edneisantos@gmail.com
Telefone:
Celular: (71) 98849-7978
Data de Nascimento: 10/12/1976
Endereço: Avenida Silveira Martins
Estado: BA
Cidade: Salvador
Assunto: Parabéns pelo museu virtual

Mensagem: Olá Álvaro. Antes de mais nada, parabéns pelo seu belo trabalho. Gostei muito da estética do site do museu e sobretudo da apresentação. O texto que apresenta o resumo do museu está muito bom e descreve bem o seu trabalho. Consigo perceber a difusão desse conhecimento sobre a história do Barão de Jeremoabo e do sobrado que construiu, preservado agora virtualmente com seu trabalho. A difusão dessa história é importante para futuras pesquisas sobre história do Brasil, do nordeste brasileiro, da Bahia, do local e sobre as

diversas ações que o Barão se enveredou, como empresário do ramo açucareiro, político e escritor, entre outros. O museu virtual possui uma visitação do tipo "museu digital de conteúdo", igual ao museu do terreiro de tumbeci, do Louvre e o "navegando nos mares da educação" do histedbr. É uma boa solução e está muito bem-organizada: a fototeca, as coleções do seu contexto. O seu museu avança em relação a estes modelos anteriores, trazendo tanto as informações do museu virtual quanto do presencial. Outra coisa que achei muito bom também as coleções de vídeos, bem filmados, inclusive as feitas com um drone. Muito legal. O arquivo histórico está muito bom também. Dentro do Programa Aldir Blanc Bahia está prevista a transcrição dos textos de cada um dos documentos históricos? Isso seria muito interessante de ter. A divulgação do índice da Biblioteca Joao da Costa Pinto Dantas Junior é fantástica. É uma grande ação para a difusão desse material. Como pontos para contribuir no seu percurso de doutoramento, apresento algumas ideias e perguntas a seguir: 1 - Seria interessante, mas sei que também seria trabalhoso, que assim que a gente abrisse uma foto, que aparecesse mais detalhes, em texto, sobre a foto, caso tenha. Do modo como está, a solução que você deu está muito boa, de qualquer maneira. 2 - Uma pergunta é: Você consegue realizar a estatística de acesso de cada documento acessado? Tipo, saber qual dos acervos é mais acessado e quantas vezes foi acessado e baixado? É uma informação estatística para ver qual o maior atrativo do museu para seus visitantes. Aliás, sugiro que nessa fase da pesquisa em que você se encontra, de aplicação do museu, que você já fizesse esse vendo o percurso que cada visitante faz ao acessar o site, qual página é mais acessada, qual é menos acessada, quais páginas atraem mais ou menos. Acredito que o google analytics ajuda nisso, caso seja previsto na metodologia e aplicabilidade do museu. 3 - Senti a falta de um mapa do site, isso facilita a navegação dentro do site. outra coisa também é um destaque para o mapa da região de Itapicuru, que está na primeira página. Apesar de já ter o "Localize o Museu" em todas as abas da navegação, poderia transformar o "localize o museu" num link para o mapa mostra para aqueles que não são da Bahia e queiram fazer uma visita presencial as distancias, um clique direto para o google maps. 4 - Outra coisa, quando clico no link do criador do site, evertonpaixao.com.br, seria mais legal abrir em uma outra aba, mantendo a visitação do site aberta. 5 - Os valores de R\$3 e R\$5 são para a visitação presencial correto? Quando leio o texto, ipsi literis, "Para visitar o museu é necessário"... é o museu presencial, lá em Camuciata correto? 6 - Uma sugestão para o futuro seria usar uma câmera panorâmica (a maioria dos celulares tem o modo panorama em fotos) e fazer um visita virtual tipo "passeio virtual" como as que tem no site do museu do Louvre (<https://www.louvre.fr/visites-en-ligne>). Acredito que deva ter um campo na sua tese chamada "futuros ciclos de aplicação" e isso seria bom de você escrever na sua tese. Para finalizar, eu sugiro colocar um tutorial de visita do site do museu. Eu senti muita facilidade em visitar cada uma das abas e links do museu, e acredito que nossos outros colegas devem ter sentido a mesma facilidade e tranquilidade. Mas, por mais intuitivo e fácil que está a visitação, um pequeno texto explicando cada um dos links do site traz uma nova dimensão a outros públicos que irão visitar, e imagino que a presença de um documento como esse é bom para sua tese acadêmica. Parabéns!

O quarto instrumento de coleta de dados surgiu a partir da colaboração espontânea do público-alvo que paralelamente aos instrumentos criados pelo autor/pesquisador se utilizou da ferramenta do WhatsApp para enviar suas considerações, críticas e sugestões sobre o museu virtual. Com o objetivo de não perder importantes contribuições para o aprimoramento do MVICM decidimos considerar e registrar as participações submetendo-as também as categorias de análise.

Para se coletar todas as participações e interações dos usuários vamos manter o servidor exclusivo com este objetivo e a partir de um banco de dados vamos coletando as respostas dadas. Através de um e-mail específico que foi

cadastrado diretamente com o museu o autor/pesquisador irá receber o retorno dos visitantes. Em um segundo ciclo de aplicação poderemos abrir o acesso das respostas e diálogos a outros visitantes. Nesse primeiro ciclo não procedemos dessa forma para que o pesquisador possa analisar de forma científica os dados coletadas, levando em conta a seriedade e envolvimento deles. Outro ponto para não se liberar ainda nesse momento para os demais visitantes é a análise da tecnologia do software, como ela está se desenvolvendo e como está atendendo a proposta e objetivos do museu. No final dessa primeira aplicação se faz necessário também uma análise geral da viabilidade ou não do compartilhamento para outros visitantes das contribuições. No próximo capítulo, para analisar e avaliar os instrumentos de coleta de dados criados pelo autor/pesquisador tomaremos como parâmetro o quadro “Indicadores de análise das ações de acordo com as categorias de análise no acervo do museu virtual da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciatá e Povoado do Manco”.

Quadro 03 – Indicadores de análise das ações no museu virtual da vila de Itapicuru, fazenda engenho Camuciatá, povoado do Manco (MVICM)

INDICADORES SOBRE A CATEGORIA DE REDE VIRTUAL		
OBJETIVOS	JUSTIFICATIVA	CRITÉRIOS DE ANÁLISE
<p>1) verificar os indícios de questionamentos e reclamações concernentes à funcionalidade e usabilidade do Museu em todo trajeto de visitação.</p> <p>2) Registrar, a partir dos instrumentos de coleta de dados, as salas de exposição, coleções, acervos de fotos e vídeos mais acessados, para computar os principais atrativos da solução museológica e sugestões de</p>	<p>-As observações relacionadas a categoria “rede virtual” foram elaboradas com o objetivo de analisar a qualidade da representação do Museu, bem como saber se o sistema respondeu satisfatoriamente às funcionalidades básicas de uma solução digital, como: funcionamento dos links, carregamento dos vídeos, imagens, textos e postagens. Serão analisadas as considerações feitas pelos</p>	<p>- A indicação de qualquer dificuldade referente a funcionalidade e usabilidade do sistema apontada por um visitante será levada em consideração e analisada sobre sua pertinência. Se houver indicações repetidas de um mesmo problema técnico, estas serão validadas e corrigidas.</p> <p>- Os visitantes que, através das observações feitas, demonstrarem que</p>

melhorias.	<p>visitantes de forma livre no instrumento “Deixe-nos uma Mensagem” e pelo WhatsApp.</p> <p>- Também realizaremos um acompanhamento do que mais chamou a atenção do visitante, a partir dos registros que ele manifestar em suas interações.</p>	<p>acessaram até 50% do acervo do museu, consideraremos com mais atenção as indicações feitas, pois conheceram uma parte significativa do museu.</p> <p>Obs.: os critérios acima mencionados não são rígidos e podem ser acrescidos de outros no momento da análise de acordo com o conteúdo da interação apresentada. Estes foram apenas parâmetros criados a partir de uma lógica de melhor possibilidade de compreensão do museu.</p>
------------	---	---

INDICADORES SOBRE A CATEGORIA HISTÓRIA PÚBLICA

OBJETIVOS	JUSTIFICATIVA	CRITÉRIOS DE ANÁLISE
<p>3) Identificar e analisar nas interações presentes nos instrumentos “Dialogue com o Museu”, marcados como “Categoria HP” que estão distribuídos nas salas de exposição e coleções do museu, se houve contribuições para a construção coletiva da História se considerando a valorização e o diálogo com os saberes locais, bem como a ampliação do contexto sócio-histórico dos séculos XVIII ao XX.</p> <p>4) identificar e analisar nas interações presentes nos instrumentos “Dialogue com o Museu”, marcados como “categoria HP”, ocorrências de coautoria dos visitantes ao</p>	<p>De acordo com os indicadores para a categoria “história pública”, busca-se analisar se houve a construção do pensar histórico por parte dos visitantes, que poderão ou não, pertencer ao grupo de especialistas e estudiosos acadêmicos. O intuito é identificar e analisar as ocorrências de consciência histórica, de experiências imersivas dos visitantes por meio do compartilhamento de informações e diálogos com as questões históricas levantadas pelos personagens e acervos do Museu. Em resumo, investigar se/como ocorreu interatividade com as</p>	<p>Os critérios de análise aqui apresentados serão aproveitados tanto para o objetivo nº 3 quanto 4. Assim, serão validadas as contribuições de ampliação do contexto, bem como ocorrências de coautorias para as interações que:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O visitante elaborar hipóteses relacionada ao museu apresentado; - Contribuírem com imagens coerentes com o contexto trabalhado na interação; - Contribuir com fontes históricas e analisá-las; - Apresentarem concepções críticas em sua reflexão textual

<p>pensar historicamente sobre a região de Itapicuru e as localidades do Camuciatá e Manco e seu contexto.</p>	<p>questões históricas.</p>	<p>- Construírem interpretações próprias relacionadas ao contexto apresentado.</p> <p>Obs.: Considerando a metodologia DBR com ciclos de aplicação cada participação nova e que seja pertinente de acordo com os parâmetros de análise será considerada um sucesso no respectivo critério, e deverá ser analisada. Na medida em que o número relativo de ocorrências se ampliarem, as análises deverão acompanhar e tentar interpretá-las, tendo em vista os princípios considerados.</p>
--	-----------------------------	--

INDICADORES SOBRE A CATEGORIA TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA (TBC)

<p>5) verificar se a visita provocou reflexões e criticidade sobre a comunidade em questão e/ou sobre a do visitante. Nesse caso, as reflexões que serão analisadas estarão presentes nas ferramentas de interação “Dialogue com o Museu” e “Colabore Deixe-nos uma mensagem” marcados como categoria TBC, distribuídas nas salas de exposição, em algumas coleções do acervo de foto nos diferentes ambientes do Museu. O segundo instrumento fica à disposição do internauta caso queira acessá-lo.</p> <p>6) Refletir se as contribuições fornecidas pelos visitantes nas ferramentas de interação “Dialogue com o Museu” e</p>	<p>O TBC oferece a possibilidade dialógica entre o dinamismo social, cultural, econômico e político de comunidades contemporâneas com seu histórico mais remoto. Nessa perspectiva, os objetivos elencados vislumbram subsidiar a reflexão sobre o teor de criticidade e indícios de atuação que o visitante possa apresentar tanto na sua comunidade, como em uma proposta de desenvolvimento do TBC.</p>	<p>Para validar as interações relacionadas à proposta do TBC, utilizaremos critérios para cada um dos objetivos elencados, assim:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Atende ao objetivo nº 5 <ul style="list-style-type: none"> - Se o visitante comparar o contexto remoto ao contemporâneo de forma crítica; - Se oferecer sugestões para valorização local; - Se apresentar projetos de estudo/ação sobre o saber, história, cultura e desenvolvimento local; ● Atende ao objetivo nº 6 <ul style="list-style-type: none"> - Se cria referências, atrativos, roteiros,
--	--	---

<p>“Colabore Deixe-nos uma mensagem”, marcados como categoria TBC, distribuídas nas salas de exposição, em algumas coleções do acervo de foto nos diferentes ambientes do museu, são possíveis à construção do Turismo de Base Comunitária da fazenda Camuciatá e localidade do Manco.</p> <p>7) Refletir se o publicizar da história local do Camuciatá/Manco ajudou a pensar e/ou atuar em outras comunidades.</p>		<p>possibilidade de receptivo, e outras situações ligadas ao turismo, valorização e autoestima comunitária.</p> <p>● Atende ao objetivo nº 7</p> <p>- Se houver comentários relativos a outras comunidades com princípios e historicidades próximas.</p> <p>Obs.: Considerando a metodologia DBR com ciclos de aplicação cada participação nova e que seja pertinente de acordo com os parâmetros de análise será considerada um sucesso no respectivo critério, e deverá ser analisada. Na medida em que o número relativo de ocorrências se ampliarem, as análises deverão acompanhar e tentar interpretá-las, tendo em vista os princípios considerados.</p>
--	--	--

INDICADORES SOBRE A CATEGORIA SOCIOCONSTRUTIVISMO

OBJETIVOS	JUSTIFICATIVA	CRITÉRIOS DE ANÁLISE
<p>8) Verificar nos momentos de interações do visitante, presentes nas ferramentas de interação “Dialogue com o Museu” e “Colabore Deixe-nos uma mensagem”, marcados com a categoria socioconstrutivismo, se houve indícios de conhecimentos prévios.</p> <p>9) Identificar nas interações</p>	<p>A premissa constitutiva deste Museu está alicerçada na concepção socioconstrutivista, logo, sua validação é permeada pela constatação da concretude dos sujeitos sociais, que mesmo imergindo na realidade contextual de uma vila colonial do século XVIII, uma fazenda de gado e um engenho de açúcar e um</p>	<p>Para validar as interações relacionadas a proposta do socioconstrutivismo, utilizaremos os seguintes critérios:</p> <p>● Atende ao objetivo nº 8 e 9</p> <p>- Se o visitante apresenta saberes específicos sobre o contexto do museu e a relação com o contexto</p>

<p>dos visitantes, presentes nas ferramentas de interação “Dialogue com o Museu” e “Colabore Deixe-nos uma mensagem”, marcados com a categoria socioconstrutivismo, se construíram elos entre as situações/acervos apresentados na solução museológica com seus contextos vivenciais.</p> <p>10) Identificar nas interações presentes nas ferramentas de interação “Dialogue com o Museu” e “Colabore Deixe-nos uma mensagem”, marcados com a categoria socioconstrutivismo, as estratégias utilizadas pelo visitante para resolução de problemas.</p>	<p>povoado habitado por descendentes de índios, negros e brancos, não desvincula da sua realidade, em um processo dialógico (presente – passado) e praxiológico (teoria – prática). Face ao exposto, não é demasiado supor que nas interações do visitante, pode-se identificar características inerentes à concepção, supracitada, como a tentativa de tomada de decisões, formulação de hipóteses ou questionamentos e expansão ou modificação do que foi apresentado no museu.</p>	<p>prévio de suas vidas;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Se o comentário do visitante remete a interpretar que ele se sente interlocutor válido e pertencente àquela localidade representada no museu. <p>● Atende ao objetivo nº 10</p> <ul style="list-style-type: none"> - Se o visitante constrói raciocínios hipotéticos e outras reflexões para explicar o que vive e percebe, na relação com o que entra no museu. <p>Obs: Considerando a metodologia DBR com ciclos de aplicação cada participação nova e que seja pertinente de acordo com os parâmetros de análise será considerada um sucesso no respectivo critério, e deverá ser analisada. Na medida em que o número relativo de ocorrências se ampliarem, as análises deverão acompanhar e tentar interpretá-las, tendo em vista os princípios considerados.</p>
--	---	---

Nota-se no quadro que as categorias de análises rede virtual, história pública, turismo de base comunitária, socioconstrutivismo e suas subcategorias, serão analisadas segundo os critérios elaborados e apresentados após a etapas dos ciclos de aplicação do Museu.

14. Análise cognitiva dos ciclos de aplicação no Museu Virtual com metodologia DBR

Neste capítulo de análise e validação foram definidos o passo a passo das aplicações, estratégias cognitivas e como os visitantes operaram e transitaram nas ferramentas do MVICM nos ciclos de aplicações. A proposta foi estabelecer a associação da categoria de análise dependente - Museu Virtual e suas características -, com cada categoria de análise independente, conforme visualizamos no quadro “Categorias de Análise de Pesquisa” dividido em categorias de acompanhamento e categoria de análise com suas subcategorias.

As associações estabelecidas e listadas no quadro categorias de análise de pesquisa iremos apresentar nas análises e validações dos ciclos de aplicação que realizamos. O primeiro ciclo contou com um período maior para aplicação, por isso forneceu à pesquisa mais dados para análise. O segundo ciclo, teve tempo reduzido devido ao prazo estabelecido pelo programa para defesa, contou apenas com vinte dias. Esse segundo momento iniciou quando a nova versão do MVQC foi atualizada, já com algumas contribuições dos visitantes na internet. A terceira versão do museu, com outras alterações, ficará para o 3º ciclo, após a defesa da tese. Ressaltamos que a fase maior de colaboração foi a partir do momento que abrimos o espaço para a realização dos ciclos de aplicação, entretanto, a análise a ser apresentada resulta da uma trajetória de desenvolvimento que buscou a participação em todas as etapas do trabalho de pesquisa, desde a construção, passando pelos quadros de acervo até a primeira versão do MVICM disponível na internet.

14.1 Análise do primeiro ciclo de aplicação.

A primeira versão do MVICM acessível no endereço eletrônico <http://museubaraodejeremoabo.com.br/museu-virtual.php> abriu o primeiro ciclo de aplicação. Após a socialização prévia da pesquisa e do museu enquanto solução mediadora da aprendizagem nos eventos acadêmicos e

comunitários no povoado do Manco iniciou-se a primeira aplicação que durou de novembro/2022 até meados da segunda quinzena de dezembro de 2022. O museu foi inaugurado na internet, com divulgação em redes sociais – WhatsApp e facebook. Nesse momento, iniciou-se o processo de aplicação e, no primeiro ciclo, contamos com o acesso de 46 (quarenta e seis) visitantes com perfis variados quanto a profissão/atuação, faixa etária e localidades onde residem, como mencionados nas tabelas e gráficos que seguem.

Tabela 01 – Perfil dos visitantes do MVICM - Profissões/atividades que exercem

	Total
Administrador de Empresas	01
Artesã	01
Bibliotecária	01
Direito	02
Pesquisador/Escritor	05
Estudante/ Estudante de História	05
Geografo	02
Gestor Educacional	01
Museólogo (a)	01
Pedagogo	01
Professor (Biologia, Educação Profissional, Letras, Pedagogia, Turismo)	05
Professor História	11
Produtor Cultural	02
Psicóloga	01
Servidora Pública	02
Trabalhador rural (a)	03

Gráfico 01: Perfil dos visitantes-profissões que exercem.



Fonte: Análise do MVICM, 2022.

De acordo com a tabela e gráfico, verifica-se que embora a proposta do museu tenha despertado interesse em pessoas com variadas profissões, a maioria dos acessos foram realizados por professores, estudantes e pesquisadores/escritores (com livros publicados). Do total de 16 professores, 11 declararam-se professores de história e/ou historiadores, 01 de biologia, 01 de letras, 01 de pedagogia, 01 de Educação Profissional e 01 de turismo. Isso reforça a ideia de que tanto os professores como os estudantes estão em busca de soluções inovadoras para o processo de aprendizagem. Essa assertiva pode ser comprovada com a reflexão de uma professora ao constatar uma realidade e depois fazer uma sugestão

A presença de uma rezadeira, quase centenária, do povoado do Manco no acervo do museu revela a influência da cultura dos povos originários que tinham uma relação muito próxima com a natureza. A partir deste contexto o professor tem uma excelente oportunidade para trabalhar em sala de aula com temáticas e equipe interdisciplinar ou multi, onde cada docente em sua área específica do

conhecimento, a saber geografia, biologia, ecologia, antropologia, entre outras, poderá desenvolver um trabalho bastante proveitoso com seus alunos. (professor universitário, 2019).¹⁷⁵

Ao definir o MVICM como um ambiente que acolhe e é favorável à ação de um grupo “interdisciplinar ou multi”, o docente nos leva a refletir que este instrumento não interessa apenas aos objetivos dos historiadores, mas, ressalta e caracteriza o museu como um importante canal de mediação do conhecimento que pode incentivar a união e realização de ações de comunidades na esfera da educação, da cultura e de práticas que podem fazer surgir atividades compatíveis com o TBC.

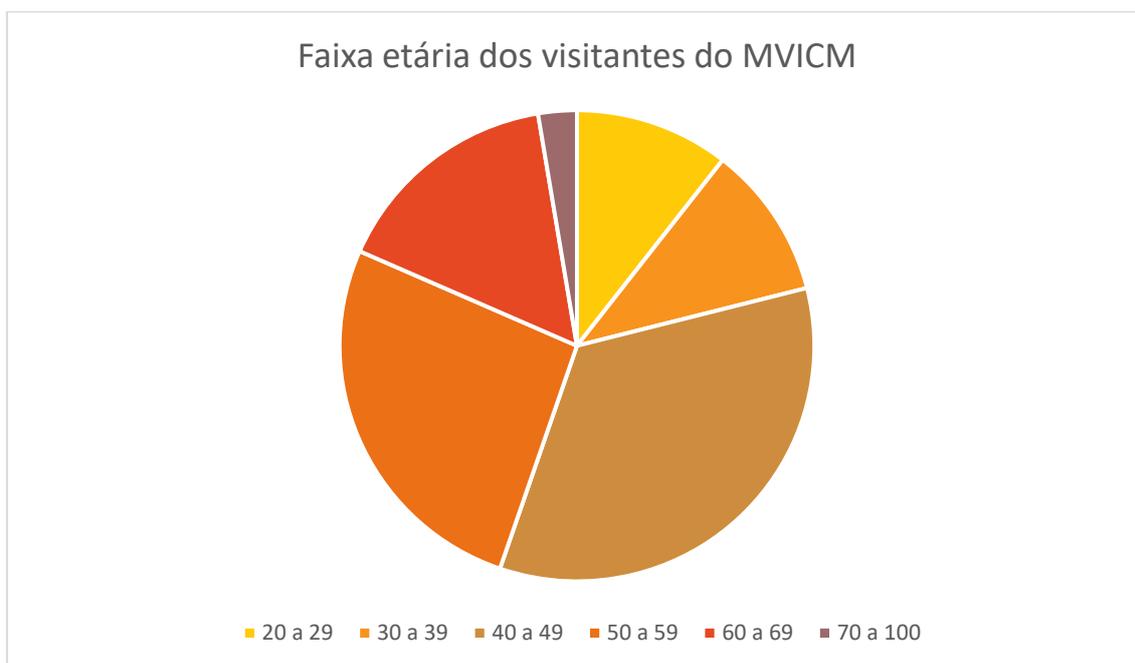
Outro critério utilizado para a percepção do interesse do público pelo acesso ao conhecimento através de meios digitais foi a medição da faixa etária dos que participaram do ciclo de aplicação. Constatamos que pessoas adultas e idosas participaram ativamente e com o mesmo interesse que os mais jovens. A tabela e gráfico abaixo vão demonstrar essa realidade:

Tabela 02 – Perfil dos visitantes do MVICM - faixa etária dos visitantes

Faixa etária	Quantidade de participantes
20 – 29 anos	04
30 – 39 anos	04
40 – 49 anos	13
50 – 59 anos	10
60 – 69 anos	06
70 – 100 anos	02

¹⁷⁵ O critério profissional está sendo utilizado para identificar o perfil de quem está participando para preservar a identidade dos colaboradores. Apenas para os membros da comunidade do povoado do Manco vamos registrar os nomes devidamente autorizados pela assinatura do termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Gráfico 02: Perfil dos visitantes do MVICM-faixa etária dos visitantes



Fonte: Análise do MVICM, 2022.

A estatística mostra que na primeira aplicação o público-alvo que mais participou eram adultos na faixa etária de 40 a 49 anos, e em seguida pelos internautas de 50 a 59 anos. Este diagnóstico pode ser explicado pela inserção da divulgação do MVICM no meio acadêmico englobando alunos estudantes de pós-graduação em cursos de especialização, mestrado e doutorado, integrantes de grupos de pesquisa com temáticas de estudos afins e professores do ensino básico e universitários. Outra associação a ser feita é a participação de profissionais das áreas mais diversas que viram no museu possibilidades de trocas de conhecimento e estabelecimento de parcerias.

A outra faixa etária mais participativa foi o grupo de terceira idade entre 60 - 69 e de 70 para cima. Esse grupo representa os moradores do povoado do Manco, que ainda moraram na antiga fazenda engenho Camuciatá e os membros da família Dantas que nesta faixa etária alcançaram o engenho funcionando, a fazenda habitada pelos descendentes dos escravos e índios e vivenciaram o cotidiano da vida de uma propriedade rural com resquícios do período colonial. Muitos dos usuários destes grupos não possuem habilidade com o uso de tecnologias e outros nem tem acesso mesmo. Para não perder a

oportunidade de registrar a participação desses sujeitos que foram coautores nas etapas anteriores de construção do museu fizemos visitas individuais e reunindo grupos para apresentar a versão do museu. Este momento foi da máxima importância para a realização da validação externa. Ao longo deste capítulo vamos registrando as contribuições dos moradores do povoado do Manco e dos membros da família Dantas para demonstrarmos as avaliações e análises feitas por eles referente ao museu.

Os últimos dados coletados referentes ao perfil dos visitantes diz respeito aos locais de origem. Constatamos pessoas oriundas de cidades diversas espalhadas por 05 (cinco) territórios baianos, a saber: Litoral norte e agreste baiano englobando os municípios de Itapicuru, Olindina, Cipó e Alagoinhas; Sertão do São Francisco, com a participação da cidade Paulo Afonso; Portal do Sertão, com Feira de Santana; Chapada Diamantina, com Lençóis; Metropolitano de Salvador, com Camaçari. Em Salvador, tivemos uma participação variada em termos de bairros abrangendo tanto os considerados “nobres”, como mais populares, demonstrando que o museu atingiu públicos variados independente de condição social e econômica. Destacamos a presença de visitantes de dois povoados, além do Manco (um dos lócus do museu). Foram os povoados da Comunidade Quilombola de Remanso, em Lençóis e o Borda da Mata, em Sergipe, trazendo a visita de usuários do estado de Sergipe, além das cidades de Aracaju e Tobias Barreto, vizinha de Itapicuru.

Esses 03 (três) principais dados referentes ao perfil do visitante foram coletados a partir da ficha cadastral que se encontra na aba “Contato – Colabore: Deixe-nos uma mensagem”. Só com o preenchimento desses dados o acesso ao museu é liberado. São informações importantes para conhecermos o perfil socioeconômico e cultural dos visitantes e com isso termos dados para melhor analisar as contribuições dentro da proposta apresentada da validação externa que se torna mais uma fase de construção colaborativa. Em seguida, vamos conhecer as relações entre as categorias de análises selecionadas como critérios de validação do MVCIM.

14.1.1 Museu Virtual X Rede Virtual

A categoria de análise rede virtual foi pensada para responder a avaliação associada a três subcategorias principais, a saber vínculo interativo WEB, a usabilidade do MVICM pelo visitante e a qualidade da representação digital. Em linhas gerais o museu oferece ao visitante recursos adequados para transitar em seu ambiente com facilidade, mas a partir da contribuição dos que participaram do 1º ciclo de aplicação percebemos que alguns ajustes precisam ser feitos para aperfeiçoar a visita ao museu, a movimentação do usuário na trajetória da visita, a interatividade e possibilidades de colaboração, dentre outras considerações referenciadas adiante.

I) Vínculo interativo WEB

Assim que o site do museu foi colocado à disposição do público para a realização do primeiro ciclo de aplicação alguns usuários que acessaram o instrumento pelo celular informaram, através dos seus feedbacks, que não conseguiam visualizar a página em sua totalidade. Assim se expressou uma das visitantes: “no celular, a informação que aparece do lado da imagem fica cortada.” (Professora). Outra usuária completou a constatação dizendo que: “não aparece na tela todas as abas do menu principal.” (Estudante). O problema está relacionado a configuração do museu que ficou incompatível para alguns modelos de celular. Buscando possibilitar o acesso para todos o web designer foi acionado para o ajuste no sistema e a questão foi solucionada podendo o usuário ter a flexibilização de visitar o museu utilizando o instrumento que estiver disponível para ele.

Poucas sinalizações foram feitas em relação ao vínculo interativo da Web o que demonstra que a operacionalidade do site está em sintonia com a rede e tem acesso direto pela internet, pois apesar de ter um acervo muito grande em fotos e filmagens, que torna o arquivo pesado, não apresenta problemas de vínculos, ficando dependendo apenas da conexão de cada usuário. A questão da infraestrutura das comunidades mais carentes é um

problema a ser considerado, ainda mais que um dos lócus do museu é o povoado do Manco, local onde a internet é limitada a sede da escola local e apenas os professores têm acesso ao wi-fi, portanto, para o 3º ciclo de aplicação (após a defesa), será pensada a possibilidade de baixar o museu via download, se tornando mais um facilitador para a democratização da ferramenta. A realização do download pode desestimular o acesso, no entanto é importante deixar mais esta possibilidade disponível.

A partir de uma interação de outro visitante que sugeriu “a modelagem do ambiente para plataformas Mobile” (Professor de história e estudante de pós-graduação, 2022), atentamos para outra possível limitação que diz respeito aos sistemas operacionais. Com este objetivo a segunda versão do MVICM já estará disponível em outros sistemas operacionais como o Linux e da Macintosh.

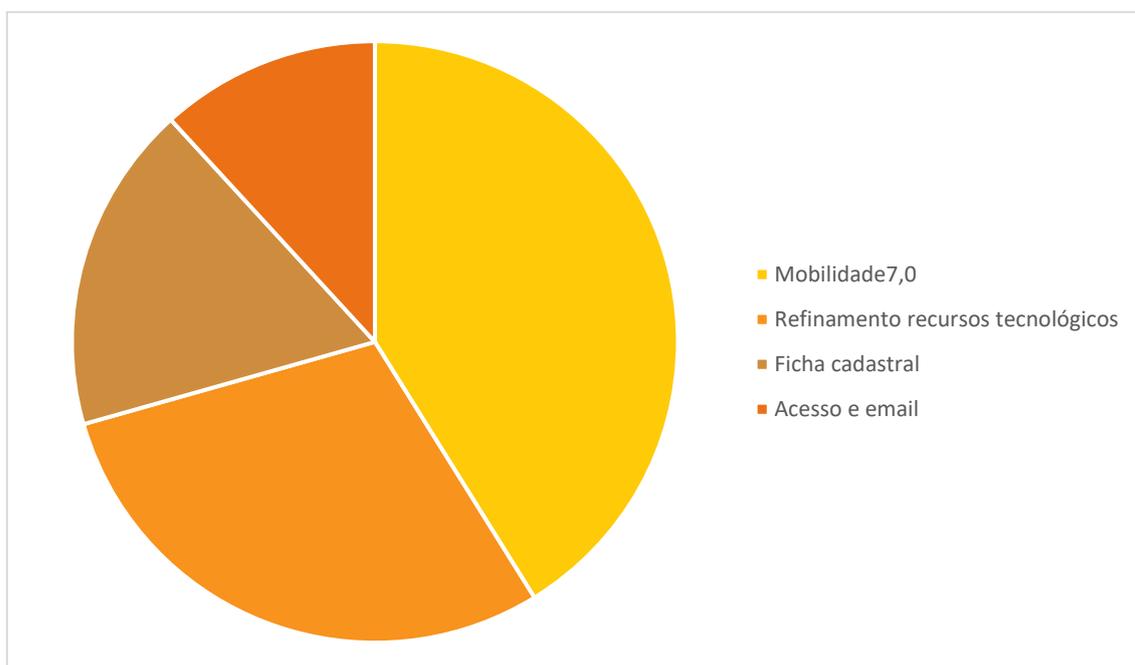
Os ajustes acima citados já serão feitos para a 2ª versão do museu e outros que possam surgir, a partir do aumento do acesso ao instrumento, serão feitos processualmente, até por conta da necessidade de captação de novos recursos.

II) Usabilidade no MVICM

Com o objetivo de avaliar a usabilidade no MVICM colocamos a disposição dos visitantes o instrumento de pesquisa “Colabore-Contatos: Deixe-nos uma Mensagem”. Além deste ficamos atentos para as contribuições em “Dialogue com a História”, que apesar de ser um espaço para as considerações do contexto histórico de um modo geral não desprezamos qualquer contribuição que se refira as características da usabilidade. Todas serão registradas no anexo 00. Dos 46 visitantes do museu, 16 acessaram o museu para sinalizar, de maneira crítica, suas reclamações e sugestões para aprimoramento do museu no que diz respeito a movimentação nos seus ambientes e no quesito eficiência do funcionamento dele. Desses visitantes quatro deram suas contribuições no espaço referente ao “Dialogue com o museu”, mas como dissemos anteriormente, como o assunto se refere a categoria rede virtual estamos levando em conta essas contribuições.

Independentemente do número de participantes para essa subcategoria de análise consideramos as contribuições importantes para a avaliação desta pesquisa já que a percepção individual de cada um reflete o conhecimento prévio e a autonomia dos visitantes. Elencamos abaixo alguns elementos que mais afetaram de forma negativa a mobilidade e o funcionamento do museu na visão dos internautas.

Gráfico 03: Problemas de usabilidade no MVICM



Fonte: Análise do MVICM, 2022.

No geral a mobilidade pelo museu foi considerada pela maioria dos visitantes como fácil. Entretanto, devido ao grande número de informações e de peças do acervo foi sugerido a presença de um tutorial para orientar os usuários. Vejamos a opinião de um dos internautas a este respeito: “Para finalizar, eu sugiro colocar um tutorial de visita do site do museu. Eu senti muita facilidade em visitar cada uma das abas e links do museu, e acredito que nossos outros colegas devem ter sentido a mesma facilidade e tranquilidade. Mas, por mais intuitivo e fácil que está a visitação, um pequeno texto explicando cada um dos links do site traz uma nova dimensão a outros públicos que irão visitar, e imagino que a presença de um documento como esse é bom

para sua tese acadêmica. Parabéns!” (Professor e educador, 2022). Para atender esta pertinente sugestão, inserimos um tutorial, para ser acessado na segunda versão do MVICM, que apresenta um passo a passo de acordo com os ambientes do museu que retratam o contexto histórico e quadros de acervo construídos em parceria com os sujeitos históricos que fizeram parte do processo de construção do museu.

Seguindo na avaliação do museu de acordo com as características das subcategorias de análise foi recomendado na navegabilidade a inserção de comandos que conduzam o usuário de forma direta aos espaços do MVICM. Assim se manifesta um usuário a este respeito: “acredito que seria interessante (e mais fluido) ao final de cada texto, ter hiperlinks que leve o visitante aos demais ambientes, no qual ele pode acessar de modo linear e livre, sem precisar voltar a página ou acessar o painel geral que fica ao superior da tela”. (Professor, 2022).

Um comentário semelhante foi feito por um historiador que sugeriu que “no final da página Resumo do Projeto e o Museu poderia ter um botão ‘Voltar’ para retornar à página anterior. No final da página ‘Museu Virtual – História’ poderia ter um botão ‘Voltar’ para retornar à página anterior” (Historiador, 2022). A lógica das contribuições nos leva a refletir sobre a importância do refinamento dos recursos tecnológicos de modo a potencializar a tour virtual e torná-lo mais dinâmico evitando possíveis desistências por parte dos visitantes.

As sinalizações restantes referentes as questões de usabilidade têm a ver com questões de ordem técnica pois dizem respeito a possibilidades de inserção ou exclusão de instrumentos de coleta de dados que são de caráter prático e foram apontados no começo da aplicação. Não foram muitas insatisfações neste sentido e algumas delas não foram acatadas, como a sugestão de que na ficha cadastral, a “data de nascimento e endereço completo sejam itens opcionais aqui nesse espaço.” (Professora e Historiadora, 2022). Esclarecemos que os dados estatísticos eram necessários de serem computados pois se tratando de um trabalho acadêmico tínhamos a necessidade de conhecer o perfil do visitante do museu para que pudessemos realizar nossas análises.

III) A qualidade de representação digital

Na categoria de análise “Rede Virtual” a subcategoria “qualidade de representação digital tem uma grande importância pois ela agrega aquilo que foi identificado como necessário ser ajustado nas subcategorias anteriores “vínculo interativo web” e “usabilidade”, além de outras pontuações trazidas pelos visitantes.

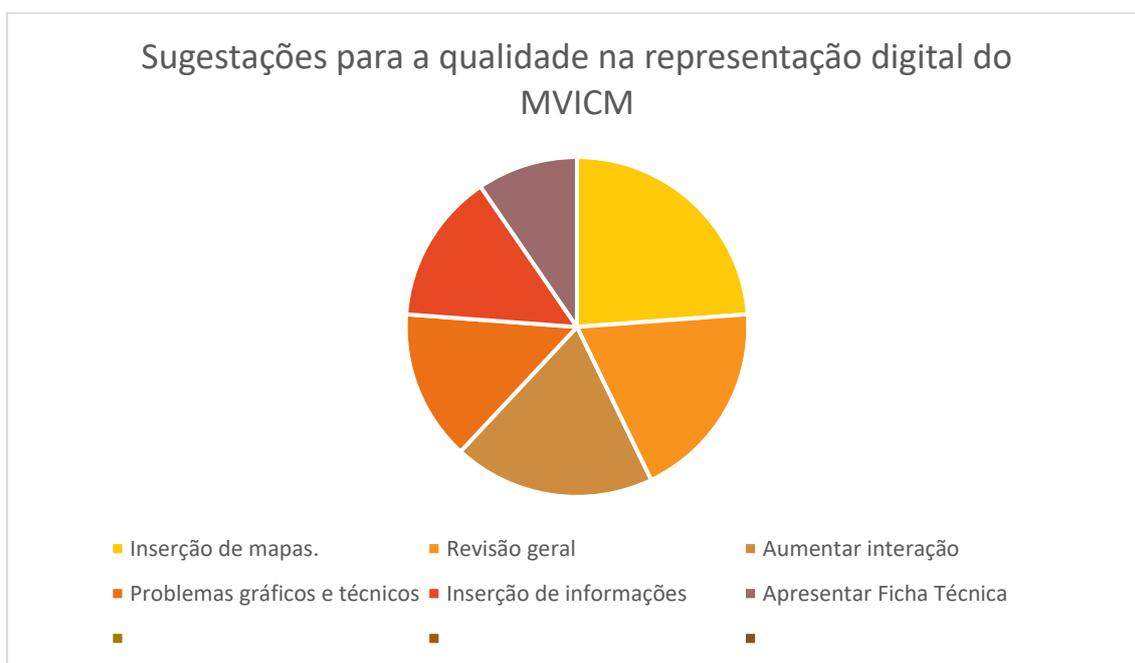
A proposta dela está diretamente relacionada com o objetivo geral da ferramenta construída que é de criar uma mediação no formato de museu virtual em foto e vídeo da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciatá e Povoado do Manco com uma abordagem socioconstrutivista, pautada nos princípios da História Pública com a possibilidade de orientar a prática do TBC. Se o instrumento consegue difundir o conhecimento e ser canal de diálogo entre os que participam e o contexto representando, levando em conta a mobilidade, o acesso fácil ao acervo, a compreensão do conhecimento projetado, as representações gráficas e a eficácia dos canais de comunicação, temos a certeza de que a qualidade da representação digital foi atingida.

É válido registrar que a proposta de diagnóstico dos principais pontos a serem ajustados para melhorarmos a qualidade da representação digital não busca abranger em sua totalidade tudo que precisa ser aperfeiçoado. O intuito neste momento é buscarmos solucionar as principais questões que os usuários registraram para melhorar os aspectos tecnológicos, de navegabilidade e referentes ao conhecimento aliado a capacidade da ferramenta de ser um instrumento de mediação entre o visitante e o contexto histórico projetado considerando as possibilidades de diálogo, intervenção e colaboração.

Para coletar a opinião dos participantes e buscar atendê-los usamos os dois tipos de canais de acesso que estão disponíveis no momento: “Contato-colabore: Deixe-nos uma mensagem” e “Dialogue com o museu”. A partir das subcategorias de análise anterior entendemos que esses canais são limitados e não dão conta de apresentar um panorama mais amplo dos comentários e sugestões de melhorias dos usuários, mas é o que temos no momento e dentro da proposta de refinamento do museu em breve teremos outros canais de comunicação que serão inseridos em pontos estratégicos para motivar a participação e reflexão crítica da forma como o conhecimento foi apresentado.

Da totalidade de 46 participantes, recebemos contribuições de 13 visitantes na categoria “Qualidade de Representação Digital” o que representa 28,26% dos usuários. A partir dos critérios da análise do quadro 00 (capítulo anterior), os comentários serão validados. Para efeito de visualização projetamos no gráfico abaixo os principais registros.

Gráfico 04: Sugestões para a qualidade na representação digital do MVICM



Fonte: Análise do MVICM, 2022

A coleta de dados da participação dos usuários mostra que o que mais chamou a atenção dos visitantes em relação a qualidade da representação digital foi a ausência de mapas e a necessidade de uma revisão geral incluindo ortografia, alinhamento de textos, gramática, entre outros. No que diz respeito a necessidade de inclusão de mapas de localização podemos ilustrar com as falas de visitantes que opinam: “senti falta de mapas que melhor representasse os locais Trabalhados. Um EXEMPLO, foi Quando aborda a linha do tempo e trabalha o contexto, no qual Trata dos caminhos das boiadas e chega a Itapicuru, CABERIAM ótimos mapas ou cartogramas (antigos) com legendas que pode nos ajudar na localização” (Professora e Historiadora, 2022). Pelo que percebi a partir dos comentários a ausência de mapas é uma lacuna muito

grande em relação a qualidade do MVICM, pois o visitante que é de fora fica sem saber onde se localiza o museu. A observação abaixo deixa bem claro essa questão,

Senti falta na página inicial de um mapa informando a localização e (...) a distância para Salvador e demais cidade importantes. É muito importante estes dois elementos para quem não conhece, daí facilita a interpretação de seu contexto. (Geógrafo, 2022).

As observações dos visitantes são da máxima importância porque mesmo sabendo que os recursos tecnológicos, como a busca no Google, facilitam a pesquisa e localização nos lugares, é pertinente que se coloque mapas de localização referente aos três principais ambientes do museu, a saber a cidade de Itapicuru, a fazenda engenho Camuciatá e o povoado do Manco. Além desses locais principais temos a Vila Velha, a cidade de Olindina (antigo Mucambo) e a antiga aldeia indígena da Serra Velha. Buscando atender as solicitações foram elaborados mapas dessas cidades e localidades e em uma perspectiva mais ampla do agreste e sertão da Bahia, do Estado e do Brasil com o objetivo de situar até o visitante estrangeiro.

Outro ponto bastante frisado foi o da necessidade de uma correção geral que inclui ortografia, concordância, objetividade e alinhamento de textos. Essa usuária dar uma visão geral da amplitude desta demanda dizendo que: “Revisão geral é preciso. No resumo do projeto, os dois primeiros parágrafos estão praticamente iguais. Nas fotos do curral de madeira, está escrito “colinização” ao invés de “colonização”. Nas fotos de objetos de móveis, há muitas fotos repetidas.” (Bacharel em Direito e Administradora de Empresa, 2022). A revisão geral sugerida já será feita para o 2º ciclo atentando para as questões principais apontadas. Em seguida continuará processualmente à medida que os ajustes da aplicação do 1º e 2º ciclo forem sendo inseridos.

É bem provável que com o aperfeiçoamento da qualidade da representação digital a participação vá aumentando e com isso a interação seja motivada. Este é outro aspecto registrado pelos visitantes como uma necessidade essencial para a proposta do museu virtual. Existe uma multiplicidade de possibilidades para melhorar a interação que iremos observar

e ir aplicando a medida em que o museu for sendo visitado. A princípio já para ser implantado na 2ª versão do museu fizemos uma reformulação completa no layout dele. Esta modificação foi provocada a partir da colaboração de uma visitante que sugeriu uma reforma estrutural: “Uma página de abertura com o logo do casarão, uma pré entrada mais interativa, com “vamos navegar”. (Professora e Linguística, 2022).

Esta sugestão nos levou a refletir sobre a importância da metodologia DBR com seus ciclos de aplicação pois através dela que vamos ter subsídios para aperfeiçoar o museu. Não desvalorizando as outras sugestões, esta foi muito importante. Na primeira versão o museu estava apresentado com o layout onde o acervo estava distribuído em coleções temáticas e na galeria de vídeos. A sugestão da visitante nos levou a refletir sobre a necessidade de estruturar a ferramenta em um formato mais didático e de acordo com o contexto construído. Nesse sentido incluímos para a 2ª versão a página de abertura sugerida e um designe que inclui 06 (seis salas de exposição) divididas de acordo com o contexto histórico em que o museu foi construído e funcionando também como um roteiro de visita para aqueles que desejarem seguir a linha do tempo estabelecida. Ainda nesta linha de pensamento a usuária sugere que se insira

uma aba “Sobre o Museu”, que vai falar do Museu Virtual, uma apresentação mais direta do museu que não vi. Não é sobre o projeto, mas o museu em si. (Professora e pós doutora em Letras, 2022).

Constatou-se que era preciso aumentar a interatividade do ambiente do museu com o público tornando seu layout mais dinâmico e inserindo informações que irão provocar a interação. Apesar de trabalhosa essa modificação no layout achamos importante já fazer para a 2ª versão pois nela está a essência da proposta de um instrumento de mediação com uma abordagem socioconstrutivista.

Seguindo na validação de acordo com o critério da qualidade da representação digital, ressaltamos alguns aspectos que foram mencionados e são importantes, como inserção de informações de um modo geral e problemas

gráficos e técnicos que prejudicam diretamente a qualidade do museu. Em relação a este último temos uma fala de uma internauta que esclarece a essência desses fatores apontados

A única dificuldade que tive (não vi o tutorial, fui direto...) foi que como abri no celular, ao clicar no item do acervo, não via que as fotos abriam lá embaixo já que o índice é grande. Parecia carregando, mas eu não via as fotos. Até que insistindo acabei clicando num dos últimos itens e aí percebi que a foto abria embaixo. A minha SUGESTÃO é que as FOTOS abram logo abaixo do TÍTULO. (Turismóloga, 2022).

Outros aspectos importantes foram o da inserção de informações e a apresentação de ficha técnica das peças do museu. O primeiro diz respeito não só a uma questão de reconhecimento ao público pelo trabalho, mas se trata sobretudo de uma postura ética em relação a referência aos sujeitos históricos do presente que são colaboradores do museu, mas principalmente coautores na medida em que seus saberes e fazeres compõem o acervo do MVICM. Nesse sentido a visitante demonstra uma ausência importante quando diz que “Falta a identificação das pessoas que prestaram depoimentos orais e participaram do museu.” (Bibliotecária e pesquisadora, 2022).

Fechando os comentários coletados para o 1º ciclo de aplicação citamos a ausência de fichas técnicas das peças do museu. Assim se manifestou um visitante sugerindo, “Acrescentar REGISTRO às fotos do museu, de forma que o museu fique mais propriamente apresentado conforme as teorias da arquivologia e museologia.” (Professor, historiador, escritor, 2022). Este é um trabalho que só será finalizado na 3ª versão do museu, mas devido a sua importância para colocar o museu dentro de um padrão de qualidade levando em conta os pressupostos das teorias museológicas fizemos 60 (sessenta fichas) já para serem apresentadas na 2ª versão. Todas as sugestões são importantes na medida em que são oriundas do conhecimento prévio das pessoas e do desejo de interação e colaboração que cada uma delas teve na medida em que se sentiram inseridas e representadas pelo MVICM.

14.1.2 Museu Virtual X História Pública

Entre as principais características da História Pública e que a diferencia na sua essência da historiografia tradicional é a possibilidade de aplicar o conhecimento histórico, uma metodologia que viabiliza a coautoria a partir da intervenção do outro, a troca de informações, análises e conclusões, compartilhando os resultados e a abertura para as múltiplas referências que servem de base para a construção do contexto pesquisado. Para Schittino (2016, p. 45), “tornar pública a história não é simplesmente tarefa de publicizar o conhecimento histórico. Como se o historiador público fosse uma espécie de divulgador, facilitador da produção acadêmica”. Tornar a história pública significa introjetar uma prática de colaboração, permitir e incentivar que o outro desenvolva a sua capacidade de se expressar com autonomia, se tornando uma espécie de espaço de troca e compartilhamentos de saberes e fazeres entre o pesquisador e seu público (visitantes/usuários).

Nesta tese, a avaliação e validação dessas características será feita tomando como referência os objetivos listados no quadro 00 nos “indicadores sobre a categoria de história pública” e nos critérios de análise, nos quais serão confirmados:

- Se o visitante elaborou hipóteses relacionadas às temáticas discutidas no museu;
- Se contribuiu com imagens ou fontes históricas e analisou-as;
- Se apresentou concepções críticas em sua reflexão textual;
- Se construiu interpretação própria relacionado ao contexto apresentado.

Esses critérios auxiliarão na compreensão sobre a relação entre conhecimento acadêmico/saber comunitário, valorização e diálogo com os saberes locais, as estratégias de difusão do conhecimento, saber se houve colaboração da memória coletiva/interconexões entre os sujeitos do século XIX e XXI, construção coletiva da história e qualidade historiográfica do Acervo/Patrimônio Histórico. Para começar, é necessário esclarecer que as ferramentas de coleta de dados utilizadas no MVICM para essa categoria de

análise foi o link “Contato-Colabore – Deixe-nos uma mensagem” e o link “Dialogue com o Museu”, inserido nas peças de acervo distribuídas nas coleções temáticas visualizadas quando o visitante for percorrendo o acervo de cada coleção. Para este momento só iremos levar em consideração somente as questões, problemas e reflexões relacionadas com personagens, objetos, manifestações culturais, representações simbólicas que estejam em consonância com a categoria história pública (HP).

Em um total de 46 visitantes desse primeiro ciclo todos acessaram o link “Contato-Colabore”, preencheram a ficha de cadastro e enviaram seus comentários, críticas e sugestões. Para a análise da categoria História Pública iremos considerar 09 participações desse canal de socialização, exatamente as que se inserem nos pressupostos da HP. Esse percentual foi de 19,56% do total de participações. Apesar de pequeno, quando formos juntar com as interações do “Dialogue com o Museu” teremos uma maior representatividade no tocante a relação Museu Virtual X História Pública.

Observamos nessa categoria, como na do Socio construtivismo e na do TBC que vamos analisar mais adiante uma participação muito elogiosa, onde sentimos a falta de comentários mais críticos e analíticos. Uma hipótese para esse comportamento é que parte das pessoas do público-alvo ainda tem uma visão da história muito positivista e não consideram as resistências, conflitos e problemas como partes integrantes dos processos históricos.

Já em relação a população do povoado do Manco a realidade é que principalmente os mais jovens desconhecem a sua própria história. As informações que têm são muito factuais e superficiais e desprovidas de uma análise mais aprofundada das práticas concretas da vida cotidiana, portanto muito da história que os comunitários conhecem provém das tradições da casa grande da fazenda engenho Camuciata. O enfoque maior da história local é dado a partir das práticas culturais passadas de geração em geração e que orgulham ainda muitos membros da comunidade. Este contexto se reflete no perfil das colaborações, sugestões e reflexões.

Com tudo isso, principalmente no link “Contatos-colabore” a maior parte dos visitantes que participaram foram membros da comunidade acadêmica que como já demonstramos anteriormente são professores da área de História e

estudantes dos mesmos ramos. Por terem conhecimento da historiografia, das teorias históricas e dos conteúdos deram contribuições significativas para o aperfeiçoamento do museu. Além deles, demonstrando o caráter interdisciplinar do MVICM, profissionais de outras áreas do conhecimento também participaram, apesar de que em uma forma mais superficial.

O conteúdo das contribuições foi diversificado no link “Contato-Colabore”. De forma proposital não colocamos nenhum questionamento prévio para não induzir o participante a nenhuma resposta, nem em seu conteúdo, nem em ordem pré-estabelecida. A ideia era que a partir da visita ao museu o usuário valorizasse a sua autonomia e desenvolvendo o senso de coautoria escrevesse a sua colaboração. E assim se deu. Já em relação ao link “Dialogue com o museu” elaboramos questões problematizadoras para provocar o sujeito histórico existente em cada visitante de modo que eles se sentissem motivados a participar, sugerir, complementar ou corrigir. Alguns enviaram fotos, documentos e até elaboram mapas para fazerem parte do MVICM. Essas contribuições reforçaram o caráter de História Pública como princípio fundante da construção do contexto e do museu e provocar mudanças importantes da primeira versão para a segunda tanto nos textos históricos como no próprio layout do ambiente virtual. Vamos agora apresentar a análise das subcategorias.

a) Relação entre conhecimento acadêmico/saber comunitário e colaboração da memória coletiva/ Interconexões entre os sujeitos do século XIX e XXI

Ao nos debruçarmos sobre o conteúdo histórico de algumas participações, observamos que o MVICM mediou a aproximação entre o conhecimento acadêmico e o saber comunitário na medida em que o conteúdo histórico oriundo do contexto construído e representado no museu levou os visitantes a se identificarem com personagens, objetos, ambientes, manifestações culturais criando interconexões entre eles e o que está projetado a partir das suas experiências e histórias de vida, mesmo diante de

temporalidades diferentes, como na reflexão feita pela artesã Marizete Santos Batista:

Este tear foi de minha trisavó, tem quase 200 anos. Nele ela trabalhava fazendo redes para a família e para vender. Eu continuo fazendo. É uma forma de ajudar no sustento da família, pois a carestia é muito grande. Minhas filhas e netas me ajudam e já aprenderam também a fazer redes de crauá e de tecido. (Artesã Marizete Batista, 2021).

Esta narrativa mostra a transmissão de saberes passada de geração em geração e a preocupação de manter viva essa prática cultural. É visível também a interconexão entre os sujeitos do século XIX e XXI quando ela fala da trisavó como se tivesse aprendido o ofício diretamente com ela. Se por um lado a personagem mostra seu ofício e expõem seu esforço na luta pela vida, uma visitante demonstra reconhecer o valor do trabalho artesanal e as dificuldades para comercializar em meio aos desafios da sociedade capitalista,

Este trabalho é maravilhoso e o preço que ela pedir eu pago, pois ninguém sabe quantas horas ela leva por dia realizando este ofício artesanal. Depois tem a matéria prima do crauá que ela vai buscar diretamente na natureza e fora o que tem que comprar para conseguir produzir. Se ela fosse vender isso na Praia do Forte, quanto não seria!! (Advogada, 2022)

Demonstrando consciência da importância do trabalho desenvolvido a visitante busca colaborar de forma prática na medida em que valoriza o trabalho a partir do seu depoimento e afirma que irá comprar o produto reconhecendo o seu valor. Com isso ela colabora incentivando a continuação da prática e movimenta a economia local.

Outras contribuições que demonstram a abertura do MVICM para o diálogo com o saber comunitário, se refere as práxis concretas de vida e a valorização da memória para melhorar e rever os resultados do que foi produzido. Nesse sentido, os ex-moradores da fazenda engenho Camuciatá e atuais residentes do povoado do Manco, tiveram uma visita guiada pelas salas

e coleções do museu e se manifestaram sobre a forma como a história deles, o cotidiano e as práticas culturais foram representados. Esses depoimentos foram gravados em áudio e iremos registrar alguns para exemplificar.

Nesse contexto, o sr. José Maria Romano Bento (2022), Zé Maria, trabalhador rural e dos serviços domésticos da Casa Grande da fazenda Santana do Camuciatá, nascido nas dependências das antigas senzalas, no entorno do sobrado e filho do Sr. Rozeno Bento (carreiro do engenho), nasceu em 1945 e morou na fazenda até a década de 1990, quando se mudou para o povoado do Manco. Através da visita monitorada assistiu os vídeos do pasto da Sobrado, viu as fotos das antigas senzalas, das ruínas do engenho, da engenhoca e se identificou com os trechos que foram registrados e as peças que compuseram o museu, afirmando corresponderem e representarem bem o local e a práxis de onde ele viveu.

Quando assistiu o vídeo que mostra o trecho que liga a vila de Itapicuru a fazenda engenho Camuciatá, passando pela estrada das Areias Gordas, aldeia da Serra Velha até chegar no antigo entroncamento da estrada real informou que, no local, havia um enorme e frondoso cajueiro, o maior da região e que este local era o ponto de parada para descanso daqueles que vinham da feira de Itapicuru, onde relembra que “a maioria andava muitas léguas a pé no caminho de volta para casa e apenas os fazendeiros ricos e alguns empregados da casa grande iam a cavalo.” (José Maria Bento, 2021). Os detalhes da fala mostram que toda a representação histórica, inclusive a descrição da vegetação típica do entorno, está de acordo com o contexto histórico pesquisado, tanto a nível das vivências, como o ambiente geográfico retratado.

Participando da construção da História a partir de sua própria experiência de vida e de sua memória o sr. José Santana, falecido em 2021 com 90 anos de idade, um dos moradores mais antigos do Manco, ao visualizar a foto das antigas casas de moradores ao fundo do sobrado identificou uma cancela de ferro ao lado da última casa e contou que “o único morador que morreu com o ataque de Lampião ao Camuciatá foi José Correia. Todos os moradores se esconderam no mato, mas era aniversário dele e ele saiu no descampado em frente a cancela que está nessa foto. Tinha tomado umas cachaças e ficou rodando no meio do fogo cruzado entre os cangaceiros e

alguns moradores da fazenda, até que foi baleado por Lampião.” (José Santana, 2020). No mais ratificou que as fotos e vídeos retratam com fidedignidade como era o engenho do Camuciatá em 1932, ano em que o grupo dos cangaceiros estiveram lá. Nesse caso, o Sr. Alvito Dantas bisneto do barão de Jeremoabo que também esteve presente na roda de conversa, sugeriu que seja colocado no local uma cruz para assinalar o lugar onde o administrador da fazenda foi morto e incluir no museu virtual como peça do acervo.

Ao longo das participações podemos observar o envolvimento dos visitantes que perceberam a proposta dialógica do museu e se sentiram à vontade para colaborar de uma forma livre e espontânea. Com isso muitos usuários desenvolveram o senso de coautoria e buscaram construir suas próprias interpretações diante do contexto representado. É o caso da sugestão de Carlos Alberto Bahia Rodrigues de que seja inserido um texto explicativo ao lado da foto da árvore Murtaíba, dentro da coleção “Ecossistema e Flora” também conhecida como “árvore dos enforcados”, em que escravos do Camuciatá se suicidaram. Por considerar que essa árvore é um símbolo da resistência negra em um antigo engenho de açúcar o referido usuário acha que ao lado do link “Dialogue com o museu” pode ser criado mais um link, e sugere

Devido a importância do símbolo, representado pela árvore, para a historiografia da resistência negra durante o período da escravidão penso ser da máxima importância a inclusão de um link com o título parecido como “Aprenda com a História” ou “Refleta com a História” onde se insira um texto de história que fale das estratégias de resistência nos negros para fugir das agruras do sistema escravocrata. Como sugestão trechos do livro de João José Reis, “Negociação e Conflito (...)”. (Carlos Rodrigues, 2022).

Essa árvore é pouco conhecida na região e a partir do museu pode se tornar um símbolo da resistência negra atualmente a partir da valorização da cultura africana. Com essa argumentação acolhemos a sugestão para que seja incluída na 3ª versão do MVICM.

Seguindo na análise da relação Museu Virtual X História Pública, a partir da participação dos visitantes, identificamos mais uma característica que valida a presença dessa abordagem no MVICM. Quando Andrea Souza Silva solicita

que seja inserida a letra da reza contra “mau olhado” e doenças que a avó dela recita quando está realizando o ritual, no íntimo ela reforça uma prática que está pautada e é difundida pela tradição local. Nesse sentido, como pondera a moradora

são tão bonitas essas rezas que se forem escritas no museu os mais jovens irão aprender e valorizar e irão sempre procurar minha avó e outras rezadeiras em busca de cura e proteção. (Andreia Silva, 2022).

A partir dessa reflexão feita pela moradora, vamos inserir outros textos que são importantes para a tradição e memória local, como a letra de uma história de Trancoso, os versos e quadras dos repentistas, as letras das músicas de aboio, as músicas cantadas nos batalhões, entre outras.

Nos pontos de interações sugeridos os visitantes deixaram suas contribuições que por sua diversidade podem ser vistas a partir de uma perspectiva plurirreferencial que se traduz em prática de construção coletiva da história. Essa constatação mostra que o MVICM está despertando nos visitantes a prática de mais um princípio presente na construção dessa tese que é o do “sujeito historiador de si mesmo” onde a busca pelo aprofundamento nos assuntos históricos se torna recorrente, conforme podemos ver exemplos na próxima subcategoria.

b) Construção coletiva da história

Os links que foram colocados a disposição para os visitantes interagirem mostram o senso de coautoria presente nas participações do museu seja nas considerações referentes as subcategorias qualidade de representação digital, usabilidade, vínculo interativo da web, na categoria rede virtual, passando pelas reflexões, problematizações e questionamentos sobre o contexto histórico e como foi representado. Chama a atenção o alto índice de participação tanto espontâneo como provocado por questões problemas no que diz respeito as peças de acervo que instigam o pensar e compreender os

processos históricos a partir da história pública. Todas as subcategorias de análise em determinados momentos vão estar presentes nas relações estabelecidas pelo visitante com o MVICM. Chamamos a atenção para o desejo de compartilhar e colaborar com o museu, como por exemplo socializando e cedendo informações sobre fontes históricas documentais, seus conteúdos e imagens para fazerem parte do acervo. Na fala do visitante Osmar Barreto Borges visualizamos essa dinâmica,

Uma possível contribuição geográfica-histórica: A sesmaria concedida a Balthazar dos Reis Porto (antepassado do Barão de Jeremoabo) localiza-se no antigo Sertão do Tiuiu entre os municípios de Santaluz e Queimadas. Sobe da margem direita do Rio Itapicuru pelo Rio do Peixe (ainda existe um povoado Rio do Peixe de Santaluz às margens deste rio intermitente, é cortado pela Ferrovia Centro Atlântica) com 6km de largura e 18 km de comprimento (cerca de 12.000 hectares) até as Serras das Três Irmãs (hoje Serra da Caraconha em Santaluz) próximo ao atual povoado Riacho da Onça (Queimadas). Nesta área atualmente encontramos a Fazenda Morrinhos de José Juracy Pereira, propriedade que permanece na posse da mesma família há cerca de dois séculos (segundo informação do proprietário). A Fazenda Morrinhos é oficialmente uma Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN). A sesmaria de Balthazar era vizinha à Poço Grande que pertencia a seu sogro Francisco Gonçalves Leite. Poço grande hoje é um povoado do município de Araci e está instalado às margens do grande açude de mesmo nome. O Sertão do Tiuiu foi descrito em 1755 pelo vigário da Freguesia de Sant'Anna e Santo Antônio de Tucano, Padre Francisco Cabral de Souza e no Alvará de Concessão da Sesmaria a Balthazar de 12 de dezembro de 1753 (APEB – Livro Patentes e Provisões Reais 1751-1757). As descrições de limites são imprecisas, pois em meados do século XVIII a região era mal conhecida, não mapeada e bastante despovoada principalmente por conta das secas periódicas e da falta de corpos d'água permanentes. Acredito que foi publicada por Dantas Júnior num livro da genealogia da Família Dantas. (Osmar Borges, 2022).

Participações como essas legitimam o MVICM como um instrumento de mediação do conhecimento se tornando um espaço por excelência de difusão do conhecimento, de compartilhamento de informações e de múltiplas interconexões. Com tudo isso o debate historiográfico é enriquecido e a

solução digital vai constantemente sendo aprimorada de acordo com a função estabelecida pela história pública de aplicabilidade.

Acompanhando a frequência das participações, as peças do acervo que mais chamaram a atenção e provocaram interação dos visitantes foram a zabumba, o sobrado do Camuciatá, construído pelo barão de Jeremoabo; a doceira fazendo doce no tacho, Mãe Nena rezando a trineta contra mau olhado, a árvore dos enforcados, José Maria Bento narrando a passagem de Lampião, Mário de Ângelo recitando o ABC da cheia do rio, as pescadoras na aguada do pasto da Porta, a Casa de Farinha. É um conjunto de personagens, edificações, objetos, práticas culturais que foram tirados do contexto histórico que fundamentou a construção do museu.

Algumas participações são mais pontuais, em outras, os visitantes se envolvem com a reflexão, informação ou problematização feita pelo personagem e desenvolvem um diálogo sólido com o tema instigado pelo sujeito histórico presente no museu. Como exemplo trazemos a problematização trazida por um visitante a partir da realidade apresentada pelo trabalhador rural Carlos Augusto de Jesus Souza representada na fotografia da roça de milho e feijão no Povoado do Manco com os trabalhadores

Observamos no povoado do Manco práticas comunitárias que são compatíveis com a filosofia de vida dos povos indígenas. Os moradores têm o hábito de se reunir em grupo para se ajudar mutuamente no momento da limpeza da roça do feijão, na hora de arrancar o milho e em outros contextos da cultura de subsistência. O trabalho é feito para ajudar o dono da roça e esse movimento é chamado de "Mutirão". Este trabalho não é remunerado e está inserido dentro de um contexto de economia solidária que devia servir de base para outros da comunidade inclusive na linha do Turismo de Base Comunitária. (Turismólogo, 2022).

Essa participação nos leva a levantar a hipótese que caso os outros visitantes pudessem visualizar as contribuições compartilhadas com o museu provavelmente haveria uma interação entre eles no sentido de trocar ideias,

apresentar novas problematizações ou até discordar das opiniões postadas. Essa impossibilidade de que todos os usuários tenham acesso as discussões enviadas para os links de interação se configuram como uma limitação do instrumento que poderá ser revista na terceira versão do MVICM para que as socializações possam estar disponíveis para todos.

São muitos e ilustrativos os exemplos referentes a participação do visitante na categoria de análise história pública. Não pretendendo ser uma avaliação direcionada ao usuário, através dos links de interação, utilizando-se de sua autonomia muitas vezes não respondeu ou complementou o que estava sugerida na questão-problema, principalmente no link “Dialogue com o museu”. Optando por não responder a reflexão sugerida coletamos registros com simples comentários, perguntas e expressões de sentimento e alegria com a presença dos personagens visualizados no museu. O comentário de Ana Adelaide Dantas, bisneta do barão de Jeremoabo demonstra essa percepção: “Gostei tanto da foto de Dinda Romana, me deu muita saudade”.

A expectativa de que os visitantes participassem trazendo à tona suas experiências de vida, seus saberes e fazeres, através da memória coletiva foi alcançada. A partir da interação com o museu e compreendendo o seu perfil de mediação visitantes sugeriram a inclusão de novas imagens, documentos, mapas, entre outros, o que nos leva a concluir que desde a sua primeira versão o MVICM alcançou o retorno desejável, tendo os seus usuários acessado em busca de conhecimento, mas também com o objetivo de colaborar com aprimoramento da representação histórica do museu, como o enriquecimento do acervo de um modo geral, como na observação abaixo

Faltou uma foto de João de Naninha. Vou procurar
e te mando. (Ana Adelaide Dantas, 2022).

Nessa mesma linha, outro usuário demonstra o mesmo senso de colaboração e de enriquecer o acervo enviando uma imagem de uma casa bandeirista de São Paulo dos séculos XVII e XVIII, para comparar com a arquitetura de uma construção de Itapicuru e analisar se ambas têm as

mesmas características construtivas apesar de estarem situadas em espaços e contextos diferentes. Assim, ele se expressa a respeito

No acervo de fotos (Coleção cultura africana) aparece uma casa azul de portas verdes com amplo alpendre central (homens tocam pandeiro na frente). Esta edificação tem planta muito similar às casas bandeiristas de São Paulo do século XVII e XVIII. Vale a pena fazer um estudo detalhado para verificar se esta tradição construtiva é de raízes antigas. (Osmar Borges, Geógrafo, 2022)

As sugestões acima propostas pelos usuários serão colocadas em prática na 3ª versão do museu onde iremos coletar outras que estão surgindo com o mesmo perfil. Sendo o museu em sua essência de teor histórico recebeu muitas contribuições nesse sentido. A maior parte delas pertinentes e, portanto, serão selecionadas para integrar o MVICM nas suas próximas versões. Entretanto, algumas devido a sua relevância já foram inseridas na 2ª versão como os mapas históricos que localizam a região que o museu representa. A título de socialização e difusão do conhecimento citamos alguns documentos postados e sugeridos pelos usuários para enriquecer o acervo do museu, como o mapa do Estado de Sergipe e da parte nordeste do Estado da Bahia pelo engenheiro Ralph H. Soper. Julho de 2014; escritura de terra das famílias Borges e Leite com a assinatura do Barão de Jeremoabo e da baronesa do mesmo título, em 1893; mapas do sertão do Tiuiu e sertão de Tucano (século XVIII) mostrando as sesmarias de Baltazar dos Reis Porto e Francisco Gonçalves Leite, trisavô e tetravô do barão de Jeremoabo, respectivamente; mapa geral das estradas das boiadas que partiam da Feira Velha dos Garcia d'Avila para a região do rio Itapicuru e do Vaza Barris até o São Francisco; Guia dos caminhantes-capitânia da Bahia, por Anástacio de Sata'Anna. Ano de 1817, entre outras contribuições. Todas as postagens acima foram feitas pelo geógrafo Osmar Barreto Borges (2022). Como existe muitos mapas na 3ª versão do museu iremos abrir uma coleção "Mapas" para abrigar essa importante documentação histórica.

A história de uma antiga vila da Bahia colonial, de uma fazenda engenho pioneira na região e um povoado formado por descendentes de índios, negros e portugueses despertou a atenção de um grande público. Se tivéssemos tido mais tempo para a realização do ciclo de aplicação certamente teríamos tido muitas outras contribuições. Entretanto, seguindo a metodologia DBR foi feita uma 2ª aplicação até a defesa da tese e outras serão feitas para que o museu seja continuamente aperfeiçoado e siga na sua função de solução mediadora do conhecimento da região estudada. Neste momento, o mais importante é que o MVICM está dentro dos critérios de análise elencados no quadro 00 sobre os indicadores da categoria história pública, quando observamos o senso de coautoria, o sentimento de autonomia e a elaboração de construção de interpretação própria diante do contexto trabalhado, a valorização e diálogo com os saberes comunitários, a colaboração através da memória coletiva, a interconexão entre os personagens dos séculos XVIII e XIX com os da atualidade, o compartilhamento de imagens e fontes documentais, o desejo de participar da construção coletiva da história.

14.1.3 Museu Virtual X Turismo de Base Comunitária (TBC)

Para a análise direcionada à conscientização e mobilização do TBC, as principais questões são: o museu virtual provocou reflexões e criticidade sobre a comunidade do povoado do Manco e/ou a comunidade do visitante? Essa solução mediadora ajudará as comunidades que desejam organizar o TBC? A difusão sobre a história de Itapicuru, fazenda engenho Camuciatá e povoado do Manco ajudou pessoas a pensarem e atuarem em outras comunidades?

As questões encontram-se associadas às subcategorias sobre a participação comunitária dos moradores da fazenda engenho Camuciatá e povoado do Manco e região na construção e aplicação, a valorização da vivência e ativismo comunitário. Dito isto, iniciamos a análise por saber como comunitários da fazenda engenho Camuciatá e povoado do Manco ajudaram no aperfeiçoamento do museu e na legitimação ou melhoria dessa solução mediadora.

a) Participação comunitária da Fazenda Engenho Camuciatá e Povoado do Manco e região na construção e aplicação

A participação da comunidade na construção do museu ficou comprovada durante todo processo. Nos capítulos do contexto que registram a trajetória histórica da fazenda engenho Camuciatá, discutem o processo de decadência da propriedade e a partir daí a formação do povoado do Manco, foi imprescindível a participação dialógica dos agentes sociais que migraram do Camuciatá e aos poucos foram fazendo suas roças no Manco. Área que, outrora, pertenceu as poderosas famílias dos Garcia d'Avila e Dantas, sendo também um engenho de açúcar, gradativamente, foram recebendo moradores da antiga fazenda colonial que se misturaram com os membros da família Borges, descendentes dos Dantas e proprietários do engenho Manco. Aos poucos eles foram ocupando a área de uma forma espontânea e desordenada. Foram esses antigos moradores que contribuíram, por meio dos relatos de memórias, para que fosse possível um detalhamento do acervo, principalmente referente ao espaço, sociabilidades, meios de vivências, práticas e edificações que encontraram e construíram no local. Tais participações já foram trabalhadas nesta tese, no referido capítulo do contexto do povoado do Manco.

Nessa perspectiva, relacionada à fase de aplicação, destacamos a participação de comunitários da fazenda Camuciatá e do povoado do Manco de duas formas. A primeira empreendida como diálogos de retornos do MVICM, quando o pesquisador voltou a algumas residências desses antigos moradores para socializar o museu que ajudaram a construir, nesta tese estamos denominando de “visitas guiadas”. Dos 10 colaboradores da comunidade da fase de construção do museu, entramos em contato com todos, mas conseguimos agendar o retorno com apenas 03 residentes. Isso mostra que o tempo da comunidade não corresponde ao tempo demandado pela academia. Mesmo perante essa dificuldade na aplicação, constatamos que as contribuições legitimaram a autenticidade do MVICM, conforme pode ser observada na análise do tópico anterior sobre a relação entre conhecimento acadêmico/saber comunitário e colaboração da memória coletiva/interconexões entre os sujeitos do século XIX e XXI.

A segunda forma de colaboração comunitária foi por meio do acesso ao museu de forma autônoma. Dos 46 visitantes, além dos 03 moradores antigos que realizaram a visita guiada, 07 moravam no povoado e na fazenda Camuciatá e 00 indicaram endereços vinculados a comunidades semelhantes ao povoado do Manco e a cidades do interior com o mesmo perfil de formação sócio-histórica que Itapicuru, totalizando a participação de 10 comunitários, sendo 25,64%.

Como se observa a participação de comunitários, que deveriam ser os principais interessados na solução, nessa primeira fase de aplicação foi tímida. Isso pode ter sido ocasionado pela fraca divulgação do museu em função das dificuldades que a pandemia causou no processo de escrita da tese e de aplicação da pesquisa de campo terminando desestruturando o planejamento do cronograma de trabalho e impactando de forma negativa no tempo que ficamos para a finalização do trabalho como um todo.

As escolas, tanto do povoado do Manco, como de Itapicuru seriam uma das principais instituições difusoras deste trabalho, mas a primeira versão só foi lançada no final do ano de 2022 (novembro), período de fechamento do ano letivo das instituições de ensino básico e superior, início de férias escolares. A falta de tempo para uma aplicação mais estendida prejudicou a aquisição dos dados quantitativos, mas não influenciou na qualidade das participações – dados qualitativos).

Pretende-se ampliar essa participação comunitária com o convite a Secretária de Educação de Itapicuru para realização de um projeto em parceria com o objetivo de disponibilizar o MVICM para ser utilizado como instrumento didático-pedagógico nas salas de aula da rede municipal de ensino. Uma das ideias é que os alunos que participem se tornem coautores do museu narrando as vozes de alguns personagens históricos ou gravando suas próprias sugestões e de outros visitantes registrados nos tópicos sobre rede virtual e história pública. Além dessa ação, novas propostas de divulgação são almejadas para contemplar a terceira versão do MVICM, como a ampliação da aplicação na rede municipal de ensino de Olindina, área que está também incluída no território representado pelo museu como um antigo Mucambo. Em uma perspectiva maior defendemos que essa solução poderá ser utilizada

pelas escolas dos municípios do entorno do museu região que abrange cidades do agreste e sertão da Bahia como, Crisópolis, Inhambupe, Nova Soure, Cipó, Ribeira do Pombal, Tucano, Cícero Dantas, Jeremoabo, Canudos, entre outras, bem como por grupos que estão organizando o TBC na área do sertão da Bahia, como no povoado do Alto, em Tucano (Bahia). Este modelo já começou a ser implantando a partir do projeto desenvolvido pela historiadora Juliana Andrade do Carmo Martins desenvolvido em sua dissertação de mestrado e pela semelhança do perfil do povoado com o do Manco e de seus moradores poderá ser um grande parceiro na elaboração de projetos e de troca de experiências em relação a prática do TBC.

b) Valorização da vivência e ativismo comunitário

Uma das premissas do TBC diz respeito a valorização da vivência comunitária por aqueles que habitam e atuam em prol da melhoria do coletivo. Nesse contexto, o conhecimento e apropriação da história local é primordial e não há pretensão de que os visitantes identifiquem apenas a historicidade do Camuciatá e do povoado do Manco, mas que possam tecer associações críticas com outras histórias da cultura, dos fazeres e saberes, das lutas e resistências de classes sociais, inclusive com a de seu local de vivência e atuação, para que signifiquem as possíveis relações entre passado e presente, considerando nesse bojo os sujeitos das diferentes épocas e os contextos que estão inseridos.

No trajeto de visita ao MVICM, em suas salas, coleções, videografia, nota-se que ocorreram momentos em que visitantes demonstraram o sentimento de identificação e senso crítico ao relacionar passado e presente, como já foi analisado no subcapítulo sobre rede virtual - qualidade da representação digital -, e na colaboração de outros quando associa a conjuntura histórica do museu ao movimento de luta da sua comunidade em específico, como no comentário abaixo

A coleção de fotos e os vídeos referentes ao povoado do Manco me incentivaram a pesquisar sobre a história do bairro São Caetano, em Salvador, local onde resido. Descobrir algumas semelhanças entre a origem do bairro e o contexto histórico do Manco desde sua formação até a sua realidade atual. A formação histórica é a mesma, pois o “São Caetano era uma fazenda e começou a crescer em função da antiga estrada das boiadas para Feira de Santana. Nos anos de 1947, o bairro era um aglomerado de poucas casas espalhadas, cercadas por roças de mandioca, bananeiras, jaqueiras, frutas em abundância. Sua gente era de trabalhadores rurais, caçadores, carpinteiros, lavadeiras, parteiras, benzedadeiras, pedreiros (...)”. Vendo as fotos da coleção “Povoado do Manco”, especificamente as fotos da casa da professora Arlete e da rua do povoado do Manco que mostram a cultura material e a estrutura fundiária da localidade formada por roças e ruas de areia imagino como era o São Caetano na década de 1940 e ainda hoje vejo traços dessa estrutura precária em alguns locais do bairro. (Professor de História, 2022).

Ao que indica o comentário do usuário, a solução museológica o instigou a pensar historicamente sobre seu bairro. Perante essa análise, verifica-se que a proposta do museu com seu acervo e debates, além de mostrar o contexto dos séculos XVIII e XIX, fez os sujeitos refletirem sobre sua atual condição na contemporaneidade. Destarte, dos critérios elencados no quadro 02 dos indicadores da categoria de análise TBC, podemos apontar que na primeira versão do museu alguns critérios foram atendidos, uma vez que alguns visitantes associaram o momento remoto ao contemporâneo de forma crítica, e houve comentários relativos a outras comunidades com princípios e historicidades próximas, apesar da distância geográfica.

Entretanto, outros critérios ainda não foram alcançados nessa versão, como a oferta de sugestões dos visitantes para valorização local; apresentação de projetos de estudo/ação sobre o saber, história, cultura, desenvolvimento

local e a criação de referências, atrativos, roteiros, possibilidade de receptivo, outras situações ligadas ao turismo, valorização e autoestima comunitária. A solução museológica já apresentou através do seu acervo uma série de produtos oriundos dos saberes e fazeres dos comunitários e também manifestações culturais como, o mel produzido por João Ângelo de Souza (Bisuga), a farinha feita na Casa de Farinha do produtor José Claro da Gama (Zé Grilo), os versos recitados por Mário Ângelo de Souza, os doces fabricados pela doceira Maria José Alves Santana Batista, as bolachinhas de goma da senhora Arlete Souza Silva, as histórias de trancoso do morador José Maria Romano Bento, entre outros atrativos que após um projeto bem estruturado poderão fomentar a prática do TBC no povoado. Essa ação está na pauta para ser inserida no museu a partir da 3ª versão com a participação ativa dos comunitários com o foco em ações de sustentabilidade pautadas em uma economia solidária.

14.1.4 Museu Virtual X Socioconstrutivismo

A teoria socioconstrutivista permeia toda concepção do MVICM, iniciando na fase de pesquisas e construção até esse momento da aplicação. É esse o princípio basilar desta tese, pois encontramos implicados nele o dialogismo/polifonia, a colaboração, interatividade e mediação da aprendizagem, características que já foram analisadas ao longo das discussões sobre a rede virtual, história pública e TBC.

No socioconstrutivismo o conhecimento é proveniente do conjunto de ações e operações conceituais fruto da experiência e experimentação dos indivíduos. (BOIKO e ZAMBERLAN, 2001). Nesse caso, imergir no museu que contextualiza os séculos XVIII, XIX e primeiras décadas do XX possibilita compreender sobre práticas, vivências e conflitos enfrentados pelos sujeitos sociais daquele momento histórico, mas oferece a oportunidade, através dos elos dialógicos, de reflexões sobre nossas questões contemporâneas, porque o visitante que imerge busca identificações, indícios de pertencimento à história socializada.

A proposta do dialogismo e polifonia bakhitiniana reforça a ideia de autonomia e independência interior dos personagens históricos, que expuseram aos visitantes a sua realidade e significação recorrendo às suas tradições, culturas e historicidades, como se percebe nos depoimentos que seguem

Que maravilha! Tem relação com Ciência Cidadã, conhecimento, preservação da nossa história etc. está tudo conectado. (Adriana Caribé Marques, professora de biologia na comunidade quilombola de Remanso, em Lençóis, 2022).

Reconhecemos o valor (...)pela importância que tem o fomento da história através de cada item exposto aos visitantes que tem a oportunidade de conhecer e viajar pelos detalhes de cada objeto; dos manuscritos, vídeos e outros elementos que nos retrocede a outras épocas e suas peculiaridades. O Museu sempre será um guardião da história de seu povo. Em sua diversidade estão garantidas a memória, os costumes, raízes dos hábitos, crenças e tradições. (Oviedo Abreu de Santana, produtor cultural, Povoado Borda da Mata, Tobias Barreto-Sergipe, 2022).

A legitimação do acervo museológico foi também confirmada pelos depoimentos de antigos moradores da localidade, como foi analisado nos tópicos anteriores. De tal maneira, que como foi visto, houve uma demanda considerável, por parte dos visitantes, em dinamizar mais o museu, aumentando a interação através da disponibilização de outros links como “Reclame aqui”; (...), “uma pré-entrada mais interativa com um ‘vamos navegar’” (Zenaide Carneiro, professora de linguística, 2022); “Precisa ser mais imersivo e atrativo, de modo a despertar mais no usuário a curiosidade pela navegação no ambiente virtual”. (Kleber Freitas, professor, 2022). São as vozes dos visitantes que conectados ao acervo do museu através da imersão no contexto se engajaram com os sujeitos do presente e do passado em busca de mais interatividade e ampliação do diálogo com as múltiplas vozes presentes no MVICM.

A colaboração e interatividade fez o entrelaçamento das vivências pois, se por um lado o museu mostrou a história regressa de aspectos da vila de Nossa Senhora de Nazaré de Itapicuru de Cima, a fazenda engenho Camuciata e o povoado do Manco, por outro, apresentou propostas e ofereceu espaços para relatos de experiências e conhecimentos prévios dos visitantes, em uma relação direta entre acervos - cenários, personagens, objetos e eventos - com seus usuários, o que significa ser o MVICM uma solução mediadora autônoma de aprendizagens, na qual coube ao pesquisador a função de planejar, desenvolver em colaboração, observar e promover desafios.

Colocando em prática a função de pesquisador procurei realizar as demandas solicitadas e os ajustes que foram possíveis para esse primeiro ciclo. Aproveitando as contribuições dos sujeitos colaboradores e refletindo sobre o contexto e quadros do acervo elaborados a partir deles senti a necessidade de aproveitar também o 1º ciclo de aplicação para, na qualidade de pesquisador, mas também de sujeito visitante engajado no contexto do museu modificar o layout da primeira versão da página do museu para ser apresentando já na segunda. Neste sentido a mudança principal foi de criar abas/links de acordo com os seis principais ambientes do museu a saber, Missão de Nossa Senhora da Saúde e Estrada da Casa da Torre e das Boiadas, Aldeia da Serra Velha, Caminho do Candomblé de Durvalina e do Mucambo, Vila de Nossa Senhora de Nazaré de Itapicuru de Cima, Fazenda Engenho Camuciatá através da Estrada Real, Povoado do Manco. Dentro de cada uma delas distribuir as coleções do acervo de fotos e a videografia de acordo com as temáticas de cada grupo que estavam espalhadas pelo museu por ordem alfabética das coleções. Apesar do layout da primeira versão ter agradado de um modo geral aos visitantes, interpretando o conjunto das contribuições como um todo senti a necessidade de repaginar o design do layout de modo que ficasse mais didático e de acordo com o contexto e quadros de acervo produzidos que serviram de alicerce para o desenho do MVICM.

Concluindo, afirmamos que a partir desse momento da aplicação as futuras relações dos visitantes e seus usos do museu independem da atuação

do pesquisador, uma vez que o espaço do museu já realiza essa mediação entre os personagens históricos, os objetos, eventos e cenários que informam e instigam um diálogo e os visitantes do século XXI, que colaboram fortalecendo a construção com suas considerações textuais, envios de documentos e imagens. Em suma, na concepção epistemológica socioconstrutivista a aprendizagem não é mais localizada apenas nas mentes dos sujeitos sociais, mas se constitui em meio aos contextos, relacionamentos e interações.

14.1.5 Resultado do Primeiro Ciclo de Aplicação

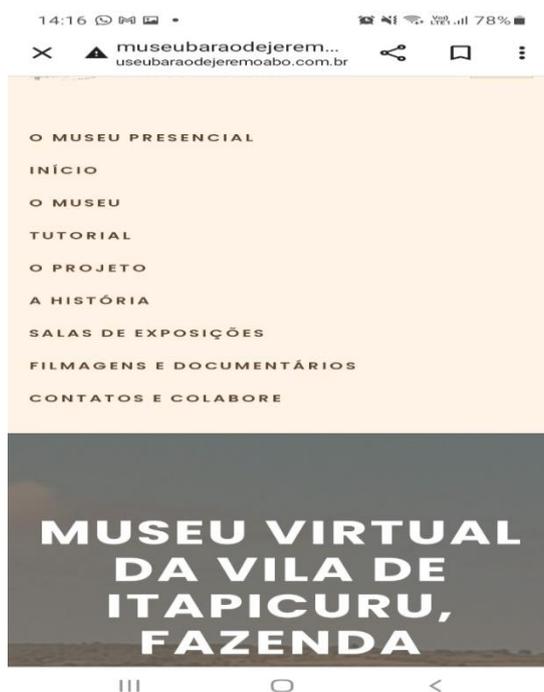
A primeira fase da aplicação, com a colaboração dos visitantes, conduziu a alguns ajustes possíveis no MVICM para o lançamento da segunda versão. Neste tópico serão apresentadas as principais mudanças que foram sinalizadas ao longo da análise deste capítulo e que optamos por sistematizá-las:

Na categoria de análise rede virtual - uma das falhas sinalizadas pelos usuários foi que ao acessar o instrumento pelo celular não conseguiam visualizar a página em sua totalidade e com isso não podiam acessar todas as abas do menu principal. Foi possível, para o segundo ciclo de aplicação, fazer a correção e disponibilizar a versão do MVICM para ser aberto de forma completa nos aparelhos de celular, como indicam as imagens do site abertas pelo celular:

Figura 131 – Layout 01 do site do MVICM pelo celular.



Figura 132 – layout 02 do site do MVICM pelo celular.



Fonte: MVICM, 2022.

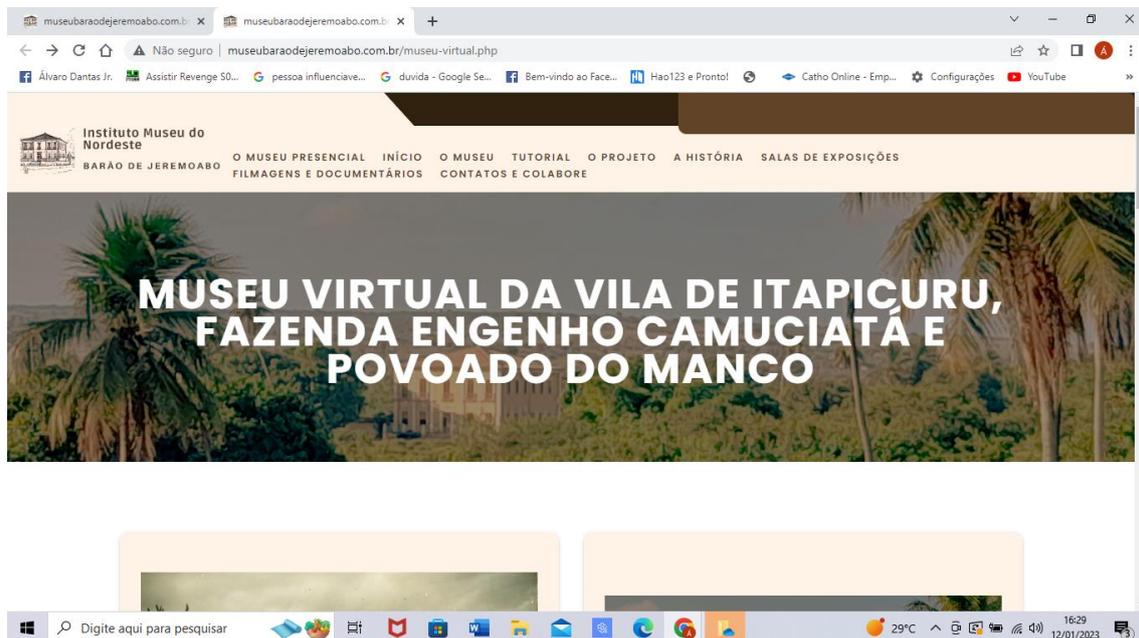
Com esse ajuste, é importante registrar que as informações, participações e reclamações são encaminhadas para os mesmos bancos de dados: “Contatos e colabore” e “Dialogue com o Museu”, uma vez que neste trabalho não interessa saber o suporte tecnológico utilizado pelos usuários, mas sim seu teor de contribuição e interação.

Prosseguindo com as modificações vinculadas à rede virtual, dessa vez com a subcategoria usabilidade no MVICM, os fatores apontados pelos visitantes que mais dificultaram a mobilidade no museu foram ausência de um tutorial de visita do site do museu.) Para atender esta pertinente sugestão, inserimos um tutorial, para ser acessado na segunda versão do MVICM, que apresenta um passo a passo de acordo com os ambientes do museu. A demanda dos usuários conduziu à modificação indicadas abaixo, onde no menu principal, na barra de rolagem horizontal já está incluído o link do “tutorial”.

Figura 133 – Mudança na usabilidade do MVICM – Inserção do tutorial – 1ª versão – sem tutorial.



Figura 134 – Mudança na usabilidade do MVICM – Inserção do tutorial – segunda versão – com tutorial.



Fonte: MVICM, 2022.

Acreditamos que a partir dessa mudança os visitantes sintam-se mais seguros para transitar no museu, de maneira a reduzir o índice de abandono na fase inicial da visita.

Para melhorar a qualidade da representação digital, terceira subcategoria da rede virtual, decidimos por inserir mapas na segunda versão. Como sinalizado pelos visitantes a ausência de mapas dificultou a localização dos territórios trabalhados, principalmente para os visitantes que não são da região que o museu representa. De acordo com a sugestão inserimos na página inicial do museu quatro mapas a saber, do Brasil, da Bahia, da região do agreste e sertão da Bahia e do território propriamente dito do museu, todos eles situando o MVICM, como podem ser observados na imagem.

Figura 135 – Mudanças para melhorar a qualidade da representação digital do MVICM – Inserção de mapas.

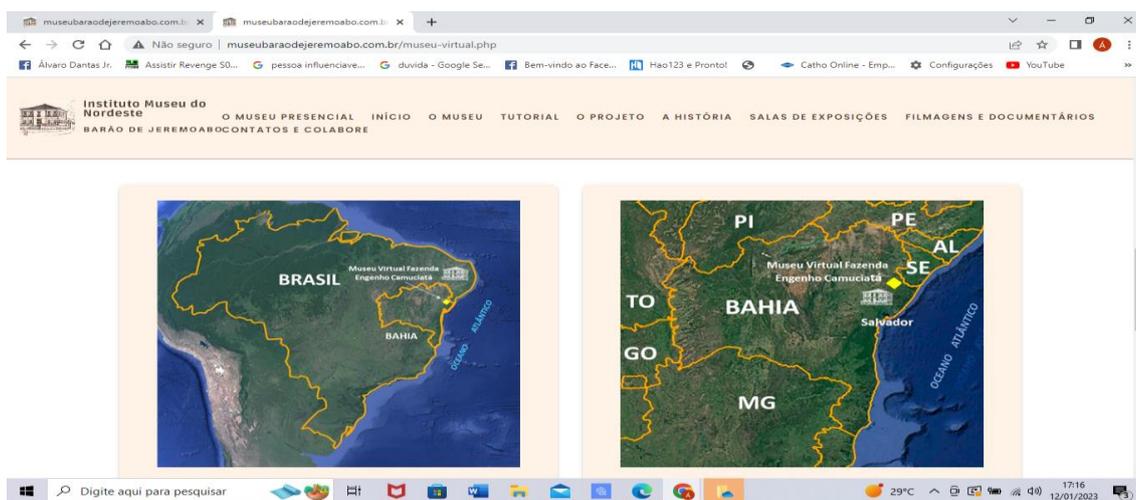
Primeira versão – Cenário sem mapas.



Fonte: MVICM, 2022

Figura 136 – Mudanças para melhorar a qualidade da representação digital do MVICM – Inserção de mapas.

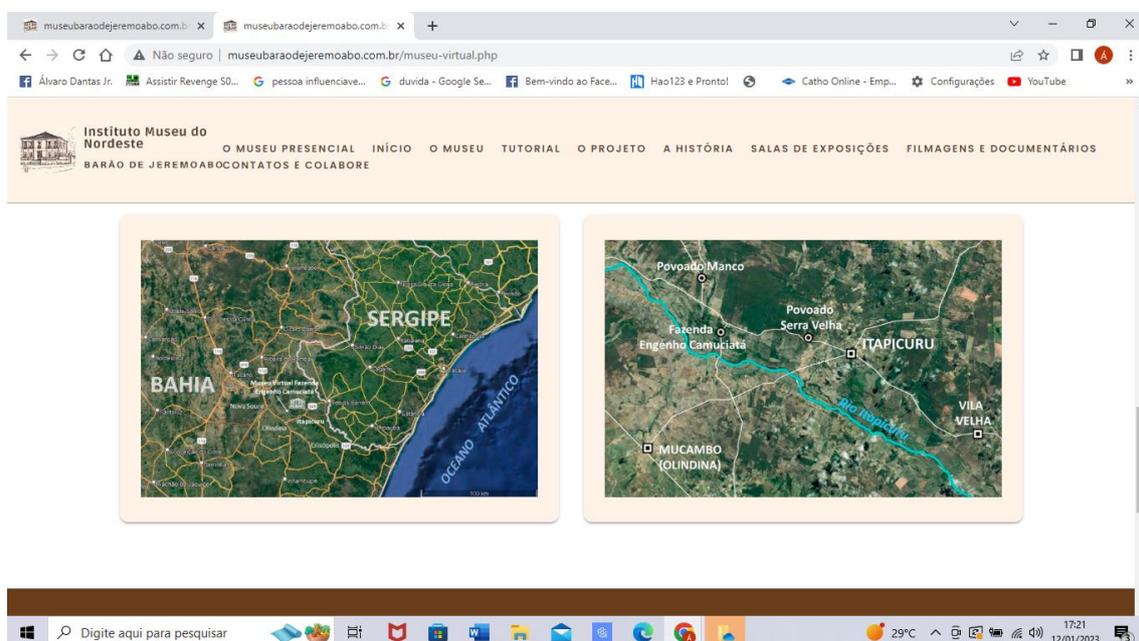
Segunda versão – Cenário com mapas do Brasil e da Bahia situando o MVICM



Fonte: MVICM, 2022.

Figura 137 – Mudanças para melhorar a qualidade da representação digital do MVICM: Inserção de mapas.

Terceira versão – Cenário com mapas da região do agreste e sertão da Bahia e da área territorial do MVICM



Fonte: MVICM, 2022.

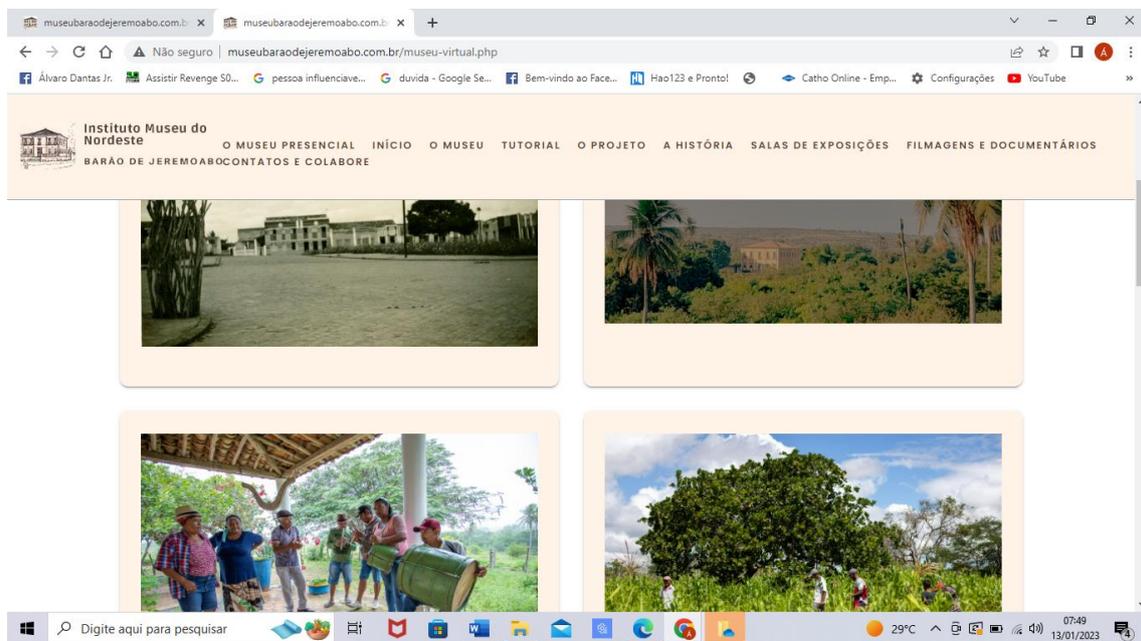
Outra importante orientação realizada pelos visitantes foi quanto o aumento da interatividade, com sugestões voltadas para a reformulação no layout do museu com uma página inicial de abertura com a logo do casarão e um texto falando sobre o museu. Complementamos a sugestão da visitante com a inclusão de 06 (seis) abas que dão acesso as salas que correspondem aos principais ambientes do território do museu e ao invés de colocar a logomarca do sobrado como foto da página principal da abertura do museu optamos por fazer uma composição com 04 (quatro) fotos que representem a pluralidade cultural presente no MVICM. As imagens abaixo mostram a primeira versão e como ficou a segunda após as modificações.

Figura 138 – Mudança no layout do MVICM – com a foto do Camuciá – Primeira versão.



Fonte: MVICM, 2023.

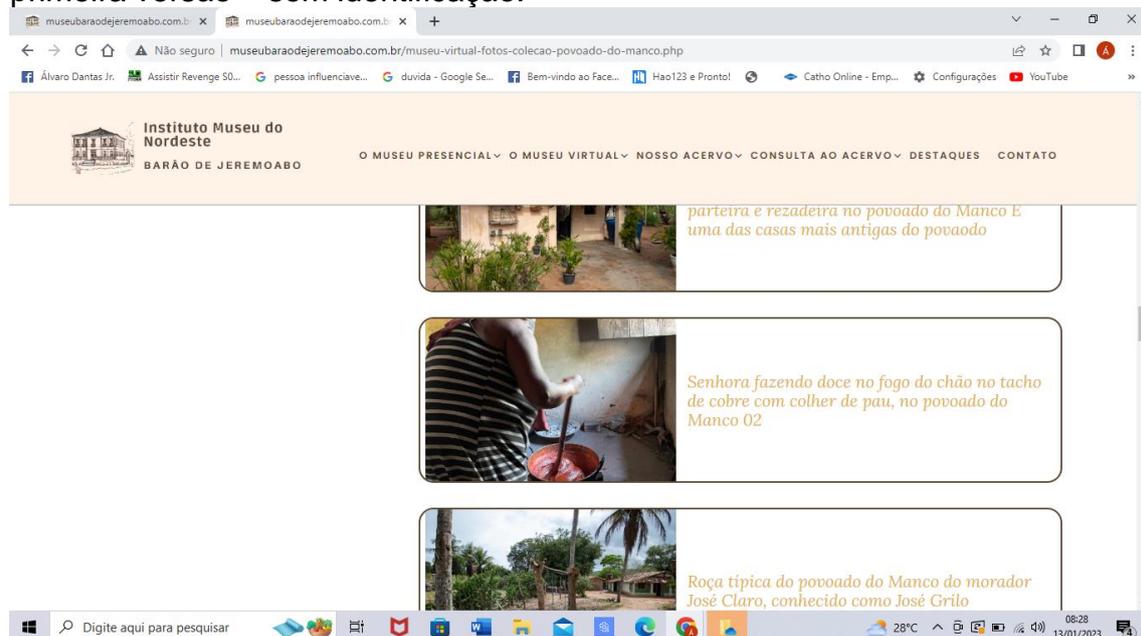
Figura 139 – Mudança do layout do MVICM – com a foto dos principais ambientes do museu – 2ª versão.



Fonte: MVICM, 2023.

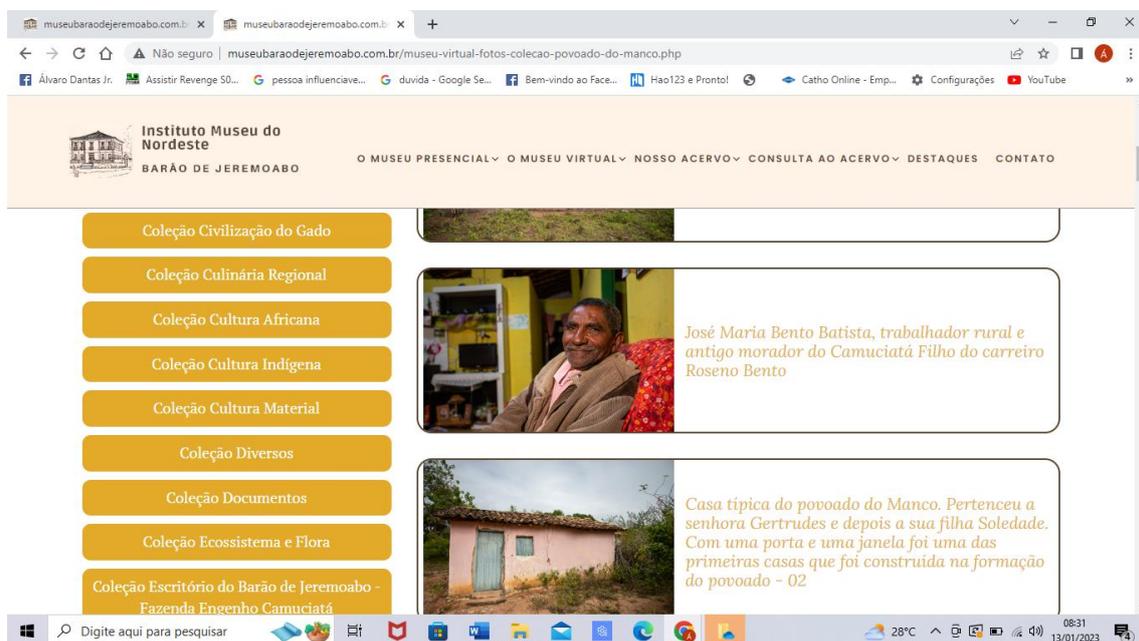
Outro ponto importante que levamos em consideração foi a sugestão de registramos no museu, ao lado das imagens ou vídeos, os nomes de todos os membros da comunidade do povoado do Manco que participaram ativamente da construção dele. Na primeira versão não tínhamos colocado os nomes, na segunda já inserimos alguns e na terceira já estarão todos identificados. Para ilustrar os ajustes segue as imagens abaixo

Figura 140 – mudança do layout do MVICM – Identificação do personagem – primeira versão – sem identificação.



Fonte: MVICM, 2023

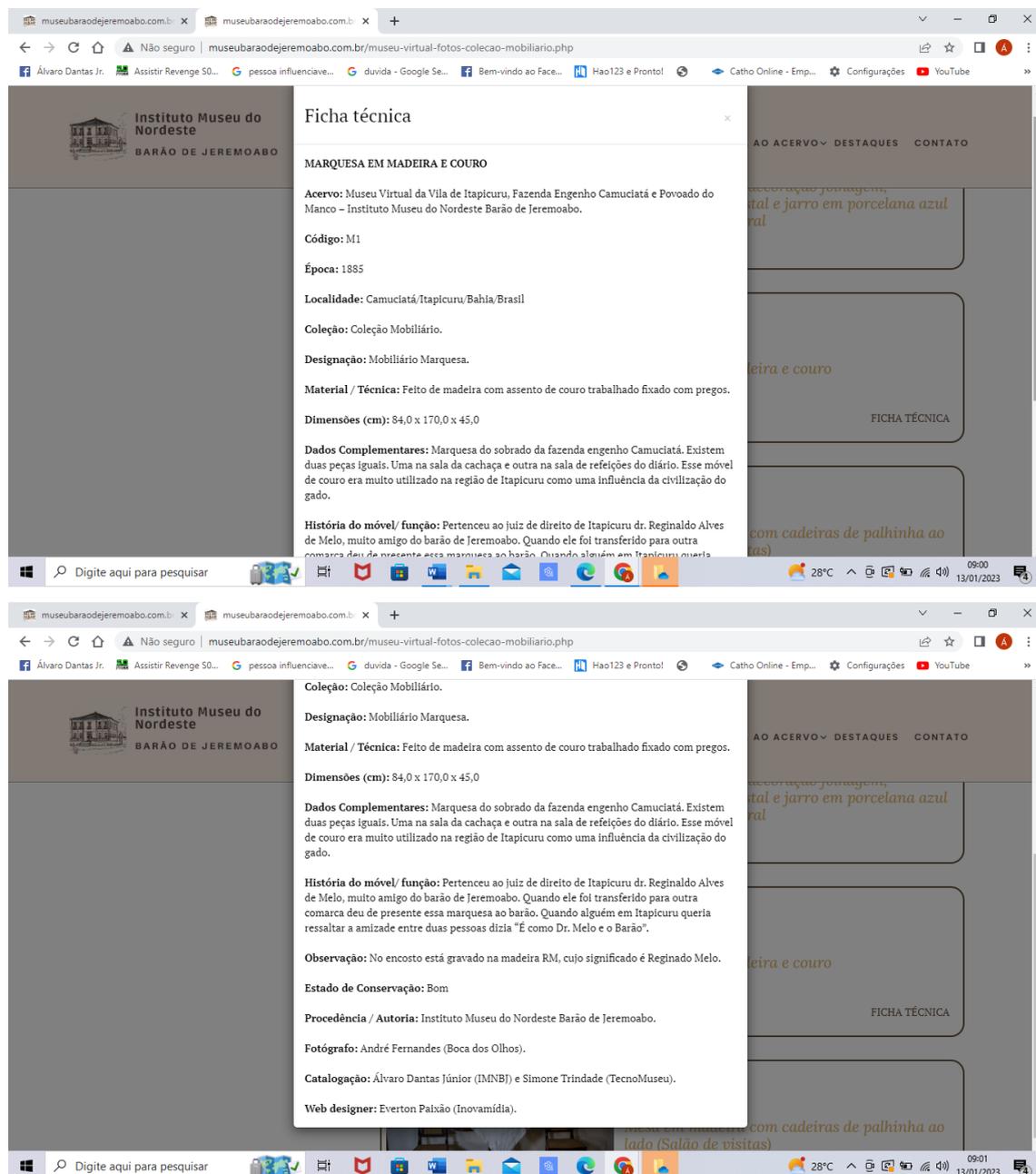
Figura 141 – mudança do layout do MVICM – Identificação do personagem – segunda versão – com identificação.



Fonte: MVICM, 2023.

A ausência de fichas técnicas das peças do museu foi outra ausência sentida pelos usuários. Acatamos a sugestão para que a ferramenta fique apresentada de acordo com as normas técnicas das teorias de museologia. Visto o exposto a imagem abaixo mostra este ajuste

Figura 142 – Qualidade de Representação Digital – Inserção de Ficha Técnica – 2ª Versão.



Fonte: MVICM, 2023.

A inserção das fichas técnicas fora iniciada já para a 2ª versão do museu, mas o trabalho só será finalizado na 3ª versão por não termos tempo hábil para a conclusão até a defesa da tese devido a grande quantidade de peças do acervo.

Na categoria História Pública - as participações estão mais relacionadas as reflexões e comentários feitos pelos usuários elaborando hipóteses relacionadas aos objetos e temáticas apresentadas no museu, bem como contribuições que dizem respeito a interpretações próprias do contexto apresentado. Além disso tivemos também algumas contribuições que estão no âmbito da memória coletiva e as práxis concretas da vida dos participantes e coautores do desenvolvimento do museu. Nesse sentido, foram sugeridos pelos participantes inserção da foto de um cajueiro na “Coleção Ecossistema e Flora” informando que era semelhante ao que existia no entroncamento entre a estrada da Serra Velha com o começo da Estrada Real; inserção de foto da cruz que assinala o local onde o administrador da fazenda engenho Camuciá foi morto por Lampião; inclusão de texto sobre o contexto da resistência escravocrata, ao lado da árvore Murtaíba, conhecida como árvore dos enforcados, onde escravos se suicidaram; Inserção da letra de uma reza contra mau olhado e de uma história de Trancoso; inserção da foto do sr. João de Naninha, na “Coleção Tipos Humanos”; inclusão de foto de casa bandeirista do século XVII; compartilhamento de fontes documentais e imagens. Vale registrar que os acréscimos e sugestões solicitadas não entrarão na segunda versão, pois precisa de um tempo maior para a realização da pesquisa, organização dos dados coletados e ajuste no designe do museu.

Na Categoria TBC - observamos que a participação foi um pouco fraca e não esteve voltada de uma forma mais sistemática para o propósito do tipo de turismo a ser implantado. Essa realidade se deu por conta da escassez do tempo que ficou pequeno em função das dificuldades que a pandemia causou para a realização da pesquisa de campo, divulgação e socialização do trabalho em todas as suas etapas. Com isso não tivemos condições de divulgar com a comunidade do povoado como um todo, nem com os órgãos de educação e cultura de Itapicuru, Olindina e cidades do entorno, as participações foram pontuais. Com o objetivo de solucionar essa pendência traçamos uma estratégia que apresenta 04 (quatro) ações proativas: a) divulgar o MVICM com a secretária de educação do município de Itapicuru para que possa ser socializado nas escolas da rede municipal; b) entrar em contato com secretárias de educação e turismo das cidades do entorno do museu; c)

estabelecer parcerias com outros grupos que estão desenvolvendo o TBC na área do sertão da Bahia.

Com tudo isso, apesar de não ter sido ainda feito um projeto de estudo de forma efetiva sobre a implantação do TBC no povoado do Manco e Camuciatá, a solução museológica já apresentou através do seu acervo uma série de produtos que podem instigar os comunitários a pensarem em atrativos, roteiros e outras possibilidades de realização de um TBC, como o mel, a casa de farinha e seu produto, os doces feitos no tacho de cobre, as bolachinhas de goma, os versos recitados e “causos” e histórias de Trancoso.

Por serem atividades que requerem um planejamento e aplicabilidade mais a longo prazo deixamos para efetivá-la após a defesa desta tese, onde iremos nos debruçar de forma sistemática na continuidade do projeto de implantação do TBC no povoado do Manco e Camuciatá com a parceria e autogestão da comunidade.

14.2 Análise do segundo ciclo de aplicação.

Esse ciclo de aplicação iniciou após alguns ajustes da primeira versão e com o lançamento da segunda versão do MVICM. Contou com um período curto de apenas 26 dias, a partir do dia 21 de dezembro de 2022 até 15 de janeiro de 2023, quando fechei a escrita dessa tese. Por isso, a análise realizada não alcançará o aprofundamento empregado no ciclo anterior. Pretende-se neste subcapítulo, sistematizar as principais ocorrências e contribuições dos visitantes.

No total foram 16 (doze) participantes desse segundo ciclo de aplicação, com profissão/atuação e faixa etária próximas ao público anterior, ressaltando apenas a presença de uma variedade maior de atividades dos membros da comunidade do povoado do Manco. O local de origem é variado: Salvador, Alagoinhas, Paulo Afonso, Itapicuru, Olindina, Tobias Barreto, Lençóis, Aracaju, Nova Soure, Canudos, Cícero Dantas, dentre outros.

Tabela 03 – Segundo Ciclo de aplicação –
 Perfil dos visitantes do MVICM - Profissões que exercem

Profissões	Total
Artesão (a)	01
Estudante/ Estudante de História	02
Geógrafo (a)	02
Museólogo (a)	01
Parteira	01
Professor (a)	03
Produtor rural	01
Trabalhador da roça	02
Turismólogo	02
Vaqueiro	01

Pelo que indica a tabela, o público que mais acessou e participou do MVICM foi de professores, dentre os quais, alguns são historiadores, seguidos pelos estudantes, principalmente os que cursam história. No entanto, ainda que em menor quantidade, a participação e visita de sujeitos pertencentes a outras atuações já demonstra um ganho considerável para o campo da história pública, pois é um sinal de que os espaços que trabalham aspectos da história social e memória, começam a despertar interesse em públicos mais amplos.

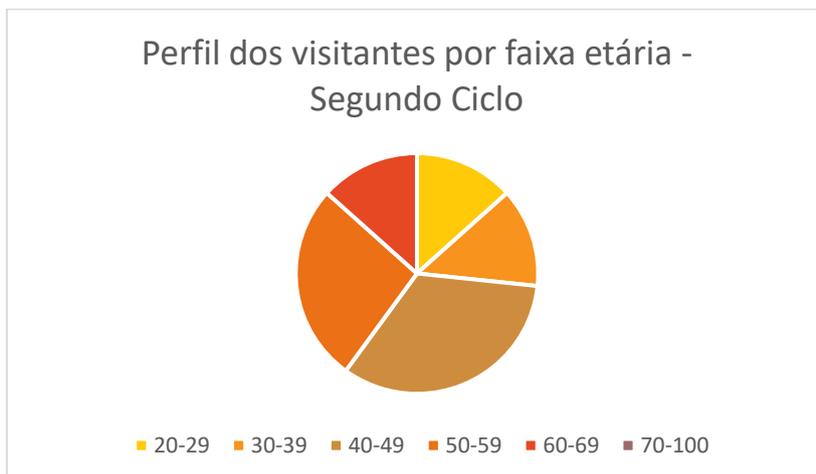
Referente a faixa etária desse público, ratifica-se os dados da primeira aplicação do museu, ao observar que os visitantes que mais visitaram o museu, fazendo o trajeto completo, está na faixa entre 40 a 49 anos.

Tabela 04 – Segundo Ciclo de aplicação –
 Perfil dos visitantes do MVQC - faixa etária

	Quantidade de participantes
20 – 29 anos	02
30 – 39 anos	02

40 – 49 anos	05
50 – 59 anos	04
60 – 69 anos	02
70 – 100 anos	01

Gráfico 05: perfil dos visitantes por faixa etária (segundo ciclo).



Fonte: Análise do MVICM, 2022

Como se nota, foi significativa a participação de pessoas mais jovens que aumentaram o índice de visitas nesta versão, provavelmente pelo trabalho de divulgação nas redes sociais, seguidas de idosos que representa o público da comunidade do Manco e que foram ex-moradores da fazenda engenho Camuciatá e membros da família Dantas. É possível que sejam os estudantes e professores os que utilizarão o museu com mais afinco, embora o enfoque seja também para grupos de TBC que em breve estarão em processo de mobilização e organização.

14.2.1 Sistematização das colaborações para a categoria Rede Virtual.

Sobre as subcategorias de análise pertencentes a rede virtual, a saber: vínculo interativo web, usabilidade e qualidade da representação digital. A que mais instigou comentários e sugestões dos visitantes dessa etapa, foi referente a última subcategoria. Acreditamos que os ajustes realizados para a segunda versão resolveram os problemas ligados ao vínculo interativo e usabilidade.

Muitas foram as sugestões ofertadas para melhorar aspectos no MVICM, que podem ser observadas no gráfico abaixo.

Tabela 05 – Segundo ciclo - qualidade da representação digital

Sugestões	Ocorrências	Percentual
Aumentar a interação	13	4,6%
Acrescentar informações sociodemográficos no mapa do povoado do Manco.	ok	1,5%
Aperfeiçoar links informativos: ao clicar em cada coleção do acervo disponibilizar resumo geral da coleção.	ok	9,2%
Inserir fichas técnicas das peças do acervo.	ok	15,4%
Inserir mapa localização do povoado do Manco.	ok	1,5%
Inserir mapa do site para facilitar a navegação	Para o final	13,8%
Inserir na linha do tempo mapas que ilustrem os conteúdos postados. Ex: mapa da Estrada da Torre (Caminho das boiadas).	ok	10,8%
Inserir nos instrumentos de pesquisa listagem do acervo museológico.	ok	10,8%
Melhorar o conteúdo e a objetividade das informações nas salas e coleções do acervo.	16	1,5%
Organização dos documentos de forma mais sistemática em séries e subséries.	ok	18,5%
Quadros informativos nos mapas de localização do museu com informações: geográficas, climáticas, bioma, distâncias para principais cidades.	ok	6,2%
Retificar problemas técnicos: fotos e links que não abrem, tamanho e cor das fontes, fotos a serem ajustadas, ausência de links de mobilidade, ajustes em textos em caixa alta.		4,6%
Revisão geral: ortografia, alinhamento de textos, gramática, concordância.		1,5%
Visita guiada.		
Inserção de fotos de ervas e árvores da região.		
Total		100,0%

Analisando as informações contidas, verificamos que nessa segunda versão do museu, as principais pendências a serem sanadas no intuito de garantir a melhoria na representação digital estão vinculadas ao teor informativo e interativo. Portanto, é preciso melhorar informações nos diversos ambientes do MVICM. Os participantes mencionaram que é prioritário a inserção de mais informações e discussões históricas sobre alguns objetos, personagens, cenários e manifestações culturais tanto para difundir o

conhecimento, como para instigar a interação. Algumas das principais peças do acervo que levaram os visitantes a sentirem essa necessidade de mais esclarecimentos foram: a estrada das boiadas, que atravessando o rio Itapicuru se bifurcava no entroncamento da estrada real que passava em frente ao Camuciatá e no outro braço seguia pela missa da Saúde até a Vila Velha rumo ao norte; a área da antiga aldeia indígena da Serra Velha, que atualmente é o povoado do mesmo nome, as terras do Mucambo, onde hoje situa-se a cidade de Olindina e as terras do Camuciatá. Como se observa nos questionamentos que seguem:

- “Tem como refazer a estrada das boiadas desde a Casa da Torre até chegar em Itapicuru?” (Estudante de História, 2022).
- É possível elaborar um mapa com o traçado da estrada das boiadas pelo sertão da Bahia e nordeste do Brasil? Quais as fontes? (Geografo, 2022).
- Tem algum indício material que a Serra Velha foi aldeia indígena? Não tem mais índio nenhum na região? (Historiador, 2022).
- Porque o nome Camuciatá? (Estudante de Letras,2022).
- O que tem de resquícios de comunidade quilombola no Mucambo, atual Olindina? (Historiador, 2022).

Tais questionamentos nos fizeram refletir, inicialmente, sobre como é positivo o interesse dos visitantes em conhecer mais sobre os locais, trajetos, a história propriamente dita que pode despertar significados para a região. Nessa perspectiva, é de fundamental importância atender aos anseios e questionamentos aqui expostos.

Seguindo com a análise da tabela, uma das principais reclamações foi em prol do aumento da interatividade. Isso implica em não utilizarmos apenas a estratégia dialógica por meios textuais. A grande maioria dos visitantes que interagiram utilizando o instrumento “Contato-Colabore”, tanto da primeira aplicação, quanto da segunda, deram algumas sugestões simples que poderão auxiliar na qualidade da representação digital. Como se observa nos comentários:

- “Ter um espaço também onde o visitante registre suas impressões. Tornar a visita virtual em algo mais próximo do presencial. Tipo: o que você achou da

visita? o que lhe fez falta? sugira eventos e atividades! fazer divulgação no insta e no face. (Professor, 2022).

- “Tem que manter o foco do visitante no museu; e o foco do museu no visitante. criar um espaço do museu escola, onde o museu possa interagir com alunos da educação básica; criar eventos onde estejam estudantes da E.B. e da pós também é bacana. aproxima as duas instâncias. e pode ser virtual. criar um espaço para as atividades: palestras, encontros online; debates etc. atividades de formação para professores da rede sobre a temática, também é bem bacana. divulgar tudo nas redes. até mesmo uma palestra sobre a construção do museu, com um vídeo etc. É isto. (Professor de História, 2022).

- “Falta um convite ao visitante na primeira página. despertar a vontade do visitante em percorrer as ofertas do museu. despertar a curiosidade sobre a temática: um evento histórico (meio que notícia da época; uma ocorrência ou coisa assim) para instigar o visitante. uma interação também: vamos lá conhecer? você vai se encantar com... etc. fazer promessas, chamadas tete a tete para o visitante se interessar”. (Estudante de História, 2022)

- “Precisa ser mais imersivo e atrativo, de modo a despertar mais no usuário a curiosidade pela navegação no ambiente virtual. Com relação a questão socioconstrutivista o ambiente é pouco mediador e carente de interatividade. Precisa introduzir mais elementos interativos e de multimídia que despertem nos usuários um maior desejo de participar e se envolver com o contexto e conhecimentos históricos apresentados.” (Professor de História, 2022).

- “Uma página de abertura com o logo do casarão, uma pré-entrada mais interativa, com “vamos navegar”. (Professora de Linguística, 2022).

As justificativas e sugestões para adequação e aperfeiçoamento do MVICM são variadas, aprimorar o espaço para registro de impressões, inserção de eventos e atividades, link com as redes sociais, espaço museu escola, interação alunos da escola básica, espaço para atividades como, palestras, encontros, debates; espaço com atividades didático-pedagógicas; convites ao usuário, como “Vamos lá! você vai se encantar com....! Vamos navegar!”; mais elementos multimídias. Resumindo, como essas questões vêm sendo postas desde a primeira etapa, reafirmamos aqui que vamos levar em consideração as contribuições e iremos incluir para a terceira versão do museu,

na expectativa de atingir e expandir as discussões históricas para públicos mais amplos e com isso aumentar a interação tão desejada.

Na sequência, registramos as solicitações de inserção com o objetivo de enriquecer o acervo do museu e sua interação. Começamos com a solicitação referente a inclusão de mapas que vem desde o primeiro ciclo de aplicação. Dessa vez é em relação a inclusão de um mapa específico do povoado do Manco, incluindo ao lado dele um quadro com informações sociodemográficas ao estilo do que vemos em algumas páginas da Wikipédia. Para a segunda versão já foi realizada a inserção de alguns mapas, mas ao que indica os comentários dos visitantes, faz-se necessário novas inserções. De acordo com as questões levantadas, no momento a principal carência foi a do principal povoado registrado no museu, comprovado na sugestão a seguir:

- “Olhei o Museu. Parabéns pelo início do primeiro ciclo. Gostei das cores. Algumas sugestões - o Menu poderia ter outra organização, a exemplo: o povoado; localização, contexto, dados sociodemográficos”. (Professora, turismóloga, 2022).

Dando prosseguimento a essa percepção da necessidade de inserção de documentos de localização, alguns mapas já foram incluídos, mas continuamos atentos as sinalizações dos usuários e procurando atendê-los para a 3ª versão. A partir das participações, pretende-se incluir outros mapas, principalmente alguns que mostrem os caminhos da estrada da Casa da Torre, também chamado Caminho das Boiadas passando por vários povoados e vilas do interior da Bahia. Não temos muitos mapas deste período pois a cartografia é escassa em relação a essa temática, mas alguns são significativos para registrar a solicitação expressa na mensagem abaixo:

- Senti falta de mapas que melhor representasse os locais trabalhados. Um exemplo, foi quando aborda a linha do tempo e trabalha o contexto, no qual trata dos caminhos das boiadas e chega a Itapicuru, caberiam ótimos mapas ou cartogramas (antigos) com legendas que pode nos ajudar na localização. (Historiadora, pesquisadora, 2022).

Ainda nesse âmbito, o conjunto de solicitações referentes a inserção de mapas ganha um significado mais amplo quando os usuários apontam para a necessidade de acrescentar informações sobre o mapa e o contexto que ele representa. As críticas dizem respeito a ausência de fontes e dados que possam situar melhor o visitante do museu no tempo e no espaço. De fato, nota-se que a contextualização ficou empobrecida, portanto, intenciona-se elaborar pequenos quadros ao lado das imagens que possam fornecer dados concretos sobre o que está sendo representado. Os comentários dos internautas demonstram essa necessidade:

- Senti falta na página inicial de um mapa informando a localização e a descrição das características físicas. Indiciando o bioma do local e a distância para Salvador e demais cidade importantes. é muito importante estes dois elementos para quem não conhece, daí facilita a interpretação de seu contexto. (Geografo, 2022).

- Os links e hiperlinks indicados na barra superior facilitam o entendimento do conteúdo e da proposta do museu, contudo, senti falta de mapas que pudessem ajudar ao usuário a identificar a localização do museu, a partir de várias regiões do nordeste e as fronteiras com outras cidades. (Historiador, 2022).

Outra crítica importante diz respeito a qualidade das informações e a importância de se levar em consideração a organização técnica do acervo de um museu de acordo com as teorias da museologia. Nesse sentido três contribuições foram contundentes ao afirmarem a necessidade de inserção de fichas técnicas nas peças do acervo, porque caso contrário os objetos seriam meros elementos figurativos de exposição. Nessa mesma linha de pensamento a sugestão foi para que as coleções sejam também contextualizadas com um resumo geral do que se contém nela, as características e definições. Para finalizar esse grupo de sugestões a proposta de inserção de instrumentos de pesquisa sempre com o objetivo maior de que o museu fique mais interativo e informativo. Assim se expressam os visitantes a esse respeito:

- “Acrescentar REGISTRO às fotos do museu, de forma que o museu fique mais propriamente apresentado conforme as teorias da arquivologia e museologia.” (Historiador, 2022)
- “Também seria interessante pensar em disponibilizar nos instrumentos de pesquisa, uma listagem do Acervo Museológico, já que há As Listagens do acervo do Arquivo e da biblioteca.” (Museóloga, 2022).

As outras críticas de um modo geral se referem a problemas técnicos de fotos que não abrem estão e no expostas de uma forma errada, questões referentes a estética visual como cor e tamanho das fontes, ausência de links de mobilidade interna do museu e no final uma revisão geral de todos os textos, legendas, títulos do museu postados na página inicial, nos diversos links informativos e nas coleções. Tal requisições começaram a ser feitas desde a aplicação da primeira versão, como não foi possível atender para o lançamento dessa segunda versão, repetiu-se, dessa vez com mais intensidade. Pretende-se solucionar essa pendência na terceira versão do MVICM.

Dando continuidade à análise na busca pela qualidade da representação digital, uma solicitação nos chamou a atenção. Foi o pedido de inclusão de uma visita guiada, “Após aprazível visita, sugiro duas propostas de melhorias :a primeira é uma opção de visita guiada, que funciona como meio de acessibilidade, mas também de praticidade”. (Historiadora, 2022). Já tínhamos incluído para a segunda versão um tutorial da visita. Com a defesa da tese vamos planejar a como operacionalizar essa visita. A visitante não sugeriu o formato, mas pensamos poderá ser uma visita narrada, o que tornaria o museu mais interativo, dialógico e atrativo.

Notamos que não tiveram sugestões de inserção de registros de fotos ervas medicinais, ritualísticas e outros exemplares da flora da região. Mas consideramos ser uma demanda importante, por perceber que também os antigos moradores relataram a riqueza em quantidade e variedade de tais ervas, ainda na fase de construção do museu, além de nas rodas de conversa citarem os nomes de uma grande quantidade de árvores e plantas típicas do agreste e sertão da Bahia. Infelizmente não será possível pesquisar informações sobre tais ervas, árvores e suas funcionalidades, e incluir a tempo de ser inserido no museu para defesa.

Mesmo com todas as observações, e ciente de que os ajustes serão necessários, conclui-se que a representação socializada foi validada pelo público mais amplo, principalmente no que diz respeito a historicidade da região, ao sentimento de imersão e pertencimento ao contexto representado, a satisfação pela construção dessa ferramenta de difusão e socialização do conhecimento da região conforme relata um dos visitantes:

“Considero um museu muito bem estruturado e rico em informações históricas e com coleções e seus acervos IMPRESSIONANTES. Confesso que levei horas mergulhada nas coleções que nos conduz a uma imersão na história que conecta o local ao regional e Brasil. Cada coleção instiga a visita de outras. Ressalto ainda que a visita virtual desperta a curiosidade e vontade de poder conhecer o museu físico, porque o grau de preservação de objetos, espaços arquitetônicos e iconográfico são incríveis.” (Historiadora, 2022).

Outro visitante complementa: “Adorei a ideia de museu, assim podemos conhecer mais sobre a região. Fiquei impressionada com os detalhes e quantidade de material disponibilizado. Realmente devo dizer que é o site/museu favorito. Fiquei encantada com os detalhes das fotos, descrição e valorização das pessoas que ainda residem na região. Muito incrível. Parabéns pelo lindo trabalho e obrigado por compartilhar conosco.” (Estudante de História de Itapicuru, 2023). São aproximações que fornecem significado a história local e principalmente potencializam o diálogo e relações entre presente e passado.

14.2.2 Sistematização das Colaborações para a categoria História Pública

Sobre a relação entre conhecimento acadêmico/saber comunitário e estratégias de difusão do conhecimento, isso é, saber se houve colaboração da memória coletiva/ interconexões entre os sujeitos do século XIX e XXI, concluímos que esse movimento e dinamismo, que é defendido pela dimensão da história pública e que tem respaldo no socioconstrutivismo, ocorre

naturalmente e constantemente. Sobretudo quando há um esforço em compreender as discussões históricas, a tendência é estabelecer um raciocínio pautado nas aproximações contextuais, ou de aprendizagens adquiridas no meio de vivência.

No que tange as participações aludidas no museu, foi perceptível essa tentativa de aproximações a partir de algumas peças do acervo, de forma que comprova que no campo do conhecimento não há barreiras de instituições acadêmicas, nem entre outras formas de saberes. Assim, ao visualizar as fotos da “coleção acervo fotográfico”, a maioria do século XIX, um visitante interagiu com a documentação histórica e fez uma constatação histórica da realidade feminina na época e em seguida um questionamento no sentido de provocar e colaborar com possíveis mudanças de mentalidade na tentativa de ajudar:

A mulher no século XIX tinha um papel de submissão. Ao analisar as fotos da “Coleção Acervo Fotográfico” observamos que ela aparece apenas na presença dos filhos e do marido. Nas fotografias que retratam reuniões políticas, encontros de amigos e eventos públicos só vemos a presença masculina. As imagens registram uma realidade onde a mulher da elite era criada para as prendas do lar: cuidar da família, ler, costurar e tocar piano. Tendo se passado 200 anos, no século XXI, a mulher conseguiu ocupar o mercado de trabalho, ter sua liberdade financeira e poder de decisão sobre sua vida, entretanto, muito da mentalidade machista e patriarcal continua presente na atualidade. O que fazer para mudar essa realidade e avançar nas conquistas de gênero? (Historiador, 2023).

Foram variadas as formas e estratégias de pleitear a igualdade de gênero no mundo e no Brasil durante o século XX, inclusive com avanços e retrocessos. Embora o visitante tenha feito um resumo superficial do contexto da trajetória da mulher na história do país, não desqualifica a participação dele na busca em colaborar com o combate ao machismo e outras práticas nocivas a mulher. Através da difusão do conhecimento e da socialização do seu pensamento crítico ele termina participando dessa luta.

Por outro lado, outra visitante apresenta uma visão romantizada da questão, quando transcreve versos românticos enaltecendo a mulher esposa e

mãe. Essa participação daria espaço para um diálogo produtivo e crítico houvesse instrumentos no museu que permitissem um fórum de discussões.

Esposa

A mulher abriu o coração aos perfumes do amor. Acolheu os perfumes do coração de um homem que Ihe Deus Ihe destinou. A mulher passou assim de filha a esposa. Devia estar preparada pelas salutares lições domésticas para esta nova, importante, responsável fase da sua existência. Já não é passageira no barco doméstico, é piloto em o mar de casa! Não perdeu os seus encantos, mas criou trabalhos; passou de princesa a rainha. Doce, meiga e suave com o homem a quem deu o coração e do qual recebeu o nome e toda proteção, deve ao mesmo tempo, superintender no complexo e variado governo da sua casa. Assim será feliz o marido, assim ela também será feliz, querida, amada, idolatrada, respeitada e apontada como modelo digno de seguir-se o exemplo a produzir invejas. Assim cumprirá sua missão! (Pianista, 2023).

O importante nas experiências citadas é perceber que o espaço do museu instiga o pensar histórico, pois a partir de peças do acervo foi levantada uma realidade e um problema concreto vivenciado pelos sujeitos do início do século XIX, onde o primeiro visitante fez uma reflexão crítica e o segundo reproduziu a mentalidade da época registrada no museu. A partir daí os sujeitos do século XXI poderão refletir sobre processos e sociabilidades que não devem ser ofuscadas pelas sociedades contemporâneas.

Em outros momentos da análise do primeiro e desse segundo ciclo, ficou claro a interação de públicos que não são necessariamente do campo da história, demonstrando saberes que significaram a construção desta produção histórica na tese e na solução museu virtual, dito isto, apenas reforçamos a importância do historiador como mediador e organizador do processo produtivo.

No que compete à construção coletiva da história, para essa segunda etapa, percebemos contribuições no sentido de encaminhamento de imagens antigas e documentos que se referem a região de Itapicuru e seu entorno, apenas para exemplificar algumas: fotos da família Borges, primeiros

proprietários do engenho Manco; documentos de sesmarias no sertão da Bahia; mapas originais diversos do século XIX; mapas das sesmarias do sertão Tiuiú e do sertão de Tucano, da fazenda engenho Camucitá, da Vila Velha Velha, Itapicuru, Mucambo (Olindina) e povoado do Manco, todos projetados sobre imagens do Google Earth; foto de casa bandeiristas do século XVII, entre outros. Completa-se com a ampliação/complementariedade das ideias incitadas, inicialmente, nos espaços interativos do museu. Assim como na etapa anterior, as colaborações ocorreram espontaneamente em quase todas as coleções dos museus, reafirmando ser essa solução digital como um espaço aberto e que respeita a autonomia dos seus visitantes. A relação entre visitante e o acervo do museu como um todo atende à história pública, uma vez que houve contribuições para ampliação do contexto sócio-histórico do início do século XIX.

14.2.3 Sistematização das colaborações para a categoria TBC

Reafirmando as questões que nortearam a investigação das ações dos visitantes vinculada à mobilização do TBC, temos: o museu virtual provocou reflexões e criticidade sobre a comunidade do povoado do Manco e fazenda Camuciatá e/ou a comunidade do visitante? A solução mediadora contribuirá com comunidades que desejam organizar o TBC? A difusão sobre a história do povoado do Manco e da fazenda engenho Camuciatá ajudou pessoas a pensarem e atuarem em outras comunidades?

Respondendo ao primeiro questionamento, averiguamos que alguns visitantes refletiram e aprenderam sobre a história da região de Itapicuru e especialmente da fazenda engenho Camuciatá e povoado do Manco, principalmente referindo-se aos aspectos de sociabilidades e vivência em uma fazenda engenho que representa o modelo clássico do poder senhorial e um povoado que foi formado a partir da desagregação dessa propriedade com a migração dos descendentes de índios e negros para lá. No entanto, as principais contribuições dessa segunda aplicação foram direcionadas ao olhar para o seu lugar, como na socialização realizada por um usuário:

O povoado de Paramirim foi no século XIX um engenho de açúcar e até meados do século XX uma fazenda que se originou de antigas sesmarias da região do Recôncavo baiano. Por volta da década de 1950 as terras dessa propriedade foram sendo loteadas e vendidas a roceiros, carreiros, vaqueiros, entre outros trabalhadores rurais. As terras mais férteis do antigo engenho e próximas de riachos e fontes de água foram preservadas por algum tempo para os descendentes dos primeiros proprietários. Já às terras arenosas e sem irrigação foram divididas em pequenas glebas por famílias pobres oriundas de antigos moradores da propriedade e de descendentes de escravos dos antigos engenhos vizinhos. Com o ajuntamento de pessoas o povoado terminou se formando sem nenhum planejamento e infraestrutura de água encanada, luz elétrica etc. O patrimônio material praticamente não existe mais, o engenho, a casa grande e as senzalas ruíram. Pelo menos temos o samba de roda, a zabumba, o reisado como prova de resistência e sobrevivência de uma cultura secular. (O estudante, 2023).

De acordo com a contribuição, é perceptível o esforço do estudante em tecer associações críticas com outra história de luta e resistência em conjuntura próxima ao que foi apresentada no museu. Aborda-se a história do seu local de vivência, mas conectado a fazenda Camuciatá e ao povoado do Manco, concluindo que na realidade a questão é mais ampla, não se restringe às temáticas particularizadas, porque trabalhamos na concepção dialética em que a conjuntura geral e específica estão implicadas.

Sobre a colaboração da solução mediadora para atender às comunidades que desejam organizar o TBC, continuamos notando que não houve interesse revelado pelos visitantes dessa segunda etapa, assim como ocorreu na primeira aplicação. Isso pode ser em função do público prioritário desses dois momentos, isto é, a maioria professores e estudantes. Pelo que se conclui, as comunidades da fazenda Camuciatá e povoado do Manco e de outras localidades ainda não se apropriaram do museu enquanto solução mediadora para o TBC, o que pode ser um problema de divulgação da pesquisa e de realização de atividades que exijam maiores aproximações entre

academia e as comunidades, por isso, espera-se que essa solução possa contribuir para mobilizar o TBC. Entretanto, sabe-se que a construção dessas afinidades não respeita o calendário acadêmico e atua na longa duração.

O terceiro questionamento indaga se a difusão sobre a história da fazenda engenho Camuciatá e o povoado do Manco ajudou pessoas a pensarem e atuarem em outras comunidades. Segundo a análise aqui realizada, já se constata a afirmação a esse questionamento. Conquanto, o que melhor expressa esse quesito é a proposta pedagógica do professor de história, ao alertar que:

Os professores da rede pública municipal de Itapicuru deveriam trabalhar com seus alunos sobre a história do município, dos seus povoados e das antigas fazendas. Seria uma grande contribuição para os estudantes. Lembro que até a nível de universidade a história regional e local é pouco estudada e valorizada. Penso que se os docentes passarem a ter um olhar mais atento para a história e cultura local poderão inspirar os mais jovens a se interessarem a estudar e pesquisar as suas origens. O museu passa a ser um grande incentivador dessas práticas, principalmente no que se refere as manifestações culturais e saberes e fazeres da população local. (Professora de história, 2022).

Ao que indica, o museu despertou a reflexão sobre a necessidade de olhar para a história de locais os quais estamos imersos. Essa perspectiva alimenta o TBC, bem como motiva o senso de comprometimento, conscientização, preservação do espaço e dos bens culturais locais, instigando nas lutas por melhorias.

14.2.4 Resultados do Segundo Ciclo da Aplicação

Os resultados desse ciclo irão originar a terceira versão do MVICM que serão implantadas após a defesa desta tese. Sendo assim, indicaremos nesta seção os encaminhamentos de alterações que ocorrerão no museu.

AJUSTES TÉCNICOS

- Baixar Google Analytics para coletar dados de estatística para saber as peças de acervo mais acessadas e quantas vezes foram visitadas.
- Inserir áudio com descrição das salas e coleções do museu para a inclusão de deficientes visuais.
- Inserir “Tour Virtual” para algumas edificações, como a igreja de Itapicuru e casa de morador do povoado.
- Elaborar pequenos roteiros para visitas guiadas, que irá facilitar a acessibilidade.
- Ajustar os links das fotos de maneira que abra na tela principal do usuário.
- Colocar um mapa do site para facilitar a navegação.
- Ajustar fotos que são em formato paisagem e estão publicadas em formato retrato.
- Disponibilizar em cada coleção de acervo um resumo geral do perfil dele.
- Ajustar o link do Livro de Nascimentos, Batizados, Casamentos e óbitos da família e amigos que não abre.
- Digitalização e inclusão do acervo das fontes primárias no site.
- Reprogramar o espaço de inserção de mensagens (Contato-Colabore) que só permite a digitação em caixa alta.
- Disponibilizar nos instrumentos de pesquisa, uma listagem do Acervo Museológico.
- Organizar a documentação dentro dos padrões das normas da arquivologia.
- Reformular o espaço de interação inserindo perguntas mais instigantes, como: o que você achou da visita? O que lhe fez falta? Sugira eventos e atividade!!
- Fazer links com as redes sociais como Instagram e face book.
- Criar um espaço para as atividades: palestras, encontros online; debates sobre atividades de formação para professores da rede sobre a temática.
- Criar um espaço do museu escola, onde o museu possa interagir com alunos da educação básica.
- Introduzir mais elementos de multimídia que despertem nos usuários um maior desejo de participar e se envolver com o contexto e conhecimentos históricos apresentados.
- Inserir link com página sobre Programa Educativo.

AJUSTES DE CONTEXTO HISTÓRICO

- **PÁGINA INICIAL**

- Inserir mapa do povoado Manco.

- Ao lado dos mapas inserir quadro com informações sociodemográficas.

- **HISTÓRIA – LINHA DO TEMPO**

- Colocar mapa que mostre o roteiro da estrada Casa da Torre, também chamada de estrada das boiadas.

- **MISSÃO DE NOSSA SENHORA DA SAÚDE E ESTRADA DA CASA DA TORRE RUMO A VILA VELHA**

- Inserir texto informativo sobre a localização das sesmarias de Francisco Gonçalves Leite e Baltazar dos Reis Porto, tetravô e trisavô do Barão de Jeremoabo respectivamente, e primeiros responsáveis pela formação do patrimônio de terras da família Dantas.

- Inserir Alvará de concessão da sesmaria a Baltazar dos Reis Porto de 12 de dezembro de 1753.

- Inserir foto da ave pernalta que frequenta lagoas temporárias no sertão quando da época das chuvas: o Tuiuiu, cujo nome foi utilizado para denominar a sesmaria de Baltazar dos Reis Porto (trisavô do barão de Jeremoabo e procurador da Casa da Torre).

- **CAMINHO DO CANDOMBLÉ DE DURVALINA E DO MUCAMBO**

- Incluir imagens de casas bandeiristas de São Paulo do século XVII e XVIII na Coleção Cultura Africana ao lado da foto da casa da lalorixá Durvalina – fornecida pelo visitante.

- **FAZENDA ENGENHO CAMUCIATÁ ATRAVÉS DA ESTRADA REAL**

- Incluir foto de João de Naninha na fazenda engenho Pau Ferro com o coronel Anibal da Costa Pinto Dantas e outros moradores.

- Inserir fotos da fazenda engenho Santo Antônio do Catu, da senhora Neuza Dantas Fontes e na “Coleção Indumentária” o vestido de casamento e de baile de princesa do carnaval do clube Fantoches.

- Narração do personagem José Maria Bento descrevendo a rotina de trabalho no sobrado do Camuciatá, na fazenda e no engenho, lembrando os nomes dos trabalhadores antigos como Zé Castigo e outros. – Sugestão de moradora do povoado do Manco.

- Narração de antigas professoras da escola do Camuciatá (Vilma Gama e outras) onde a maioria dos moradores mais velhos da região aprenderam a ler. – Sugestão de moradora do povoado do Manco.

- **COLEÇÃO POVOADO DO MANCO**

- Incluir uma filmagem da plantação de feijão ou mandioca mostrando todas as

etapas, desde a limpeza da terra, passando pela plantação até a colheita. – Sugestão de moradora do povoado do Manco.

- **COLEÇÃO DOCUMENTOS**

- Abrir uma aba intitulada “Periódicos” para inserir recortes de jornais, revistas, etc, com assuntos referentes a história de Itapicuru, do Camuciatá e da família Dantas.

- **COLEÇÃO ACERVO FOTOGRÁFICO**

- Imagens da fazenda Caritá onde o barão nasceu, da casa do barão em salvador e em Cícero Dantas, esta última ainda existe - imagens do túmulo do barão na igreja de Cícero Dantas e da baronesa na igreja de Itapicuru, bem como do MAUSOLÉU. - Imagens do solar do barão do Rio Real em salvador- Fotografias de Mariana da Costa Pinto Dantas (madre Teresinha do menino Jesus Dantas) com os papas Paulo VI e João Paulo II - fotografia do governador Francisco Marques de Goes Calmon no Camuciatá

AJUSTES NO TEXTO

- Alinhamento dos textos da página inicial, das salas de exposição e das coleções.
- Revisão de ortografia e concordância.
- Revisar fotos repetidas e de locais errados.
- Melhorar o design de forma geral em relação as letras, pois estão pequenas e cinzas o que pode dificultar a leitura para pessoas idosas e crianças.

14.3. Algumas considerações sobre aplicação do Museu Virtual com metodologia DBR

Segundo a abordagem DBR, mais produtivo seria testar e redesenhar o museu a partir de outras aplicações na longa duração, porque as aplicações não funcionam apenas para constatar a funcionalidade ou teor de participação dos sujeitos engajados no processo de pesquisa. É imprescindível a colaboração responsiva e dialógica, com vistas no redessigne da solução mediadora que se coloca em constante desenvolvimento.

No entanto, mesmo com um número reduzido de ciclos de aplicações, percebe-se, ao longo das análises, que o MVICM conseguiu cumprir seu papel de solução mediadora da aprendizagem. A partir dos aportes do socioconstrutivismo Vygotskyano e dialogismo Bakhtiniano, constata-se que esta ferramenta cognitiva contribuiu, substancialmente, para legitimar a dimensão da história pública, trazendo à luz a memória de um momento

histórico e uma região pouco estudada pela historiografia baiana e brasileira, mas que por meio desta pesquisa e museu a história local e regional foi valorizada considerando a diversidade e participação dos sujeitos históricos do passado e do presente, sendo possível, dessa forma, difundir e socializar o conhecimento histórico do território representado no museu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do contexto histórico e dos quadros de acervo que compuseram o museu virtual da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciatá e Povoado do Manco foi envolvida por muita complexidade. O território que o museu abrangeu envolve uma área geográfica muito grande, que apesar de interligadas entre si no seu contexto histórico, social, cultural e econômico tem suas especificidades próprias. Pesquisar, estudar, analisar uma vila da Bahia do período colonial e imperial, uma fazenda de gado e engenho de açúcar e um povoado formado por descendentes de índios, portugueses e africanos por si só justificaria a elaboração de dois ou três museus. No entanto, optamos pela construção de uma única ferramenta virtual que contemplasse um pouco do contexto de cada um desses espaços que estão intimamente conectados entre si. Por entendermos que o surgimento de uma vila no século XVIII muitas vezes está relacionada a presença de uma sesmaria e uma fazenda, já que essas através de seus currais se tornavam o espaço de um povoamento que gradativamente iam originando as vilas que passavam a ser o local de convergência dos grupos sociais que compunham aquela sociedade decidimos construir o contexto e quadros de acervo do museu a partir do conjunto desses territórios que no seu todo irão melhor explicar as unidades. O povoado é, em parte, fruto das contradições internas daquela sociedade e estão presentes praticamente na estrutura de todas as vilas do interior da Bahia.

Visto o exposto, o contexto histórico construído e os quadros de acervo que integraram o museu buscam retratar uma realidade rica, plural e diversificada a partir da contribuição dos diferentes grupos étnicos que no cotidiano da vida moldaram suas existências a partir de suas necessidades

materiais concretas e que foram simbolizadas, significadas e ressignificadas através de seus costumes, saberes, fazeres que formaram uma cultura plural que ao mesmo tempo que convergiu em suas trocas para pontos comuns, produziu manifestações materiais e imateriais que refletem as desigualdades e contradições internas daquela sociedade. O contexto e os quadros de acervo do Museu virtual em foto e vídeo expressam as múltiplas vozes e realidades retratadas, muitas vezes caminhado na mesma direção e em outros momentos em sentidos opostos, traduzindo a dialética da vida.

Como sistema educacional de aprendizagem o museu virtual apresentado nessa tese se torna um importante instrumento para publicizar o contexto histórico pesquisado que tem reflexos na contemporaneidade. Através do estudo e construção pormenorizada do contexto da região do entorno da vila de Nossa Senhora de Nazaré de Itapicuru de Cima buscamos inseri-lo dentro da história da Bahia como um todo, mostrando que o estudo das partes não significa um isolamento do todo, muito pelo contrário é a partir delas que trazemos os elementos fundamentais para compreensão da complexidade de um contexto mais abrangente de uma Bahia rural, escravocrata e formada por uma sociedade plural, densa e muito rica nos seus aspectos culturais.

Para alcançar esse objetivo desde o primeiro momento trabalhamos juntos com os sujeitos que fazem parte dos espaços do futuro museu para construirmos o contexto, melhor dizendo contextos que envolviam a todos, tanto o pesquisador, como os moradores de Itapicuru, ex-moradores do Camuciatá e atuais residentes do Manco. Nessa união de esforços, dialogando também com as fontes historiográficas construímos um contexto que buscou refletir a realidade social, política, econômica e cultural da Bahia setecentista e do XIX e o cotidiano de uma pequena vila, sua principal fazenda engenho e o povoado surgido depois, já no século XX. Apesar dessa construção ter sido feita em parceria com os sujeitos envolvidos precisou passar pela aprovação da comunidade local e do público-alvo para que se tornasse legítima e representativa do modo de ser e viver daquele povo e só assim pudesse efetivamente permanecer como peça do acervo do museu. A abordagem socioconstrutivista e a metodologia DBR adotada nesse trabalho foram os pressupostos teóricos que nortearam essa nossa conduta.

Com tudo isso o acervo do museu retrata uma vila, uma fazenda engenho e um povoado com muitas nuances e com uma enorme riqueza de detalhes incluindo suas singularidades e especificidades. Nos quadros de acervo vemos uma missão indígena, a estrada da Casa da Torre, origem das rotas das nossas rodovias do interior da Bahia e parte das do Nordeste brasileiro; casas de taipa dos escravos e agregados da fazenda até o majestoso sobrado do engenho; a praça quadrangular de inspiração portuguesa de Itapicuru e sua feira que tem origens medievais; a doceria portuguesa, o aipim e a batata tirados no brejo; vaqueiros, carreiros, roceiros, padres, políticos e barões, gente do povo e da elite senhorial; o batuque do samba e o som da zabumba misturados com os cânticos da missa na capela neoclássica da casa grande; tudo isso tendo a vila de Itapicuru como polo e centro aglutinador dos múltiplos atores sociais que conviveram naqueles espaços e no cotidiano com o seu trabalho e nas suas lutas, nos momentos de descanso e lazer, formando um grande tecido social que por ser plural podemos comparar com uma colcha de retalhos feita pela moradora Isabel, no povoado do Manco. É com o que ficou parecido o nosso museu na riqueza da dinâmica das trocas culturais e relações sociais que apresenta através das fotos e vídeos distribuídos em suas respectivas coleções: colorido, retalhado e emendado pela contribuição e coparticipação das múltiplas vozes.

Após a introdução, no primeiro capítulo focamos no contexto do museu que abrange três ambientes independentes mais na sua essência conectados entre si: a vila, a fazenda-engenho e o povoado. Como já afirmamos a construção foi coletiva e coparticipativa com os atores sociais do presente, mas também embasada e dialogada com autores de livros sobre as temáticas, das teorias que escolhemos para fundamentar a nossa tese e de acordo com as correntes historiográficas adotadas. Tanto na introdução, como no decorrer do texto dos capítulos contextuais e nos capítulos, especificamente teóricos, podemos acompanhar os pensamentos de Vygotsky, Bakhtin, Gramsci, Martineu, Matta, Juniele Almeida e Francisca de Paula Silva, entre outros, onde através de suas ideias e abordagens direcionaram esse trabalho a partir de pensamentos que nortearam o método da pesquisa, a construção do texto, a seleção do acervo do museu e a coparticipação dos atores sociais na validação do referido acervo. Através deles percebemos a importância e possibilidade de

usar a teoria para aplicar na prática e se for necessário incentivar a transformação através do conhecimento difundido. Nesse sentido, a própria construção do contexto em que o indivíduo faz a mediação através de sua realidade e conhecimento prévio; o dialogismo e a polifonia, o pensar histórico, em que o sujeito assume sua história a partir de reflexões autônomas e críticas; a preocupação com a difusão do conhecimento considerando todos os saberes; a valorização da história e cultural local em busca do autodesenvolvimento, são princípios que permeiam o presente museu da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciata e Povoado do Manco e que o possibilita a se tornar uma solução mediadora da aprendizagem, instrumento de história pública e agente facilitador e motivador da implantação do TBC.

É importante lembrar nessas considerações finais a importância que a tecnologia digital e o uso das novas linguagens na História tiveram no processo de construção desse trabalho, principalmente nos capítulos do planejamento do designer cognitivo do museu, no roteiro da disposição do acervo, na produção efetiva da ferramenta tecnológica e na avaliação dos ciclos de aplicação. Na concepção e desenvolvimento da programação do MVICM foi contratado um web designer que com a orientação deste pesquisador montou a página do software na sua primeira versão e acompanhou os dois ciclos de aplicação até chegar ao momento da defesa da tese. Este trabalho técnico foi respaldado teoricamente a partir de autores já consagrados que defendem o uso das tecnologias em prol da difusão do conhecimento, a saber Matta (2006) e Casteells (1999).

Anterior ao nosso trabalho observamos como na prática os resultados têm sido favoráveis a produção de instrumentos tecnológicos a favor da aprendizagem e da difusão do conhecimento. Por exemplo, a partir do grupo de pesquisa Sociedade em Rede coordenado pelo Prof. Dr. Alfredo Matta temos uma vasta produção de tecnologias digitais que estão a serviço dessa proposta. São jogos, sites, simulações históricas, museus virtuais, entre outros. Na linha dos museus destacamos o do Quilombo do Cabula, de Luciana Martins (2017) e o Teatro São João, de Maria Antônio Gomes (2017). No âmbito geral diversas instituições culturais guardiãs de acervos históricos, museus presenciais e órgãos de cultura se utilizam das novas tecnologias para

difundirem os seus acervos de uma forma inovadora, dinâmica e eficaz. O presente museu também se insere nessa proposta.

Com essa inovação na forma de trabalhar os conteúdos históricos podemos atingir a um público mais amplo que vai para além daqueles que frequentam os bancos da academia e as bibliotecas dos institutos históricos. O conhecimento trabalhado através das tecnologias digitais permite o diálogo com todas as comunidades de saber, sejam elas acadêmicas ou não. O MVICM que já se encontra disponível na internet pode estar acessível a qualquer grupo social que seja orientado para utilizá-lo e com isso se democratiza a difusão ao conhecimento histórico na medida em que o acesso se torna mais amplo e pode-se contar com a participação de todos no processo de coleta e análise de dados desde sua concepção, seja através da memória coletiva, seja nos elementos da própria práxis das comunidades. Mais uma vez chamamos a atenção para a presença dos princípios da dimensão da História Pública no processo de construção desse instrumento de inovação tecnológica.

Não podemos deixar de falar da metodologia DBR que foi adotada e consolida esse trabalho como uma proposta inovadora que cada vez mais vem ganhando novos adeptos, na Bahia especificamente, através do trabalho desenvolvido por Matta desde 2013 seguindo a linha da corrente internacional de estudos da pesquisa aplicação em educação como uma abordagem de pesquisa, como Plomp (2009) e Van Den Akker (1999). A partir das características dessa metodologia ressaltamos a sua orientação para o envolvimento dos participantes da comunidade de práxis e do público alvo selecionado através dos ciclos de aplicação realizados nas duas primeiras versões de construção e redesigne desse museu virtual, demonstrando o passo a passo da pesquisa realizada.

A construção do MVICM se deu em etapas que são interligadas e que se complementam. A abordagem socioconstrutivista e a metodologia adotada são compatíveis na medida em que valorizam e trabalham com a prática dos sujeitos históricos envolvidos, dos visitantes e participantes. A própria dinâmica dos princípios da história pública adotados na construção do museu são responsáveis por envolver os colaboradores que começaram a se sentir corresponsáveis pela difusão dos quadros de acervo, onde a partir daí, depois da elaboração da primeira versão do museu seguimos para o desenvolvimento

da pesquisa aplicação através de dois ciclos que foram possíveis de serem realizados. Foi nessas etapas que o acervo do museu virtual da vila de Itapicuru, fazenda engenho Camuciatá e povoado do Manco ganhou legitimidade na medida em que foi avaliado e reconhecido como elementos importantes que refletem os saberes e fazeres da cultura, da história das pessoas, objetos, espaços e práticas culturais representadas. A participação da coletividade com o retorno que deram através das rodas de conversa e entrevistas, dos diálogos estabelecidos com os sujeitos históricos do presente através dos pontos de interação colocados a disposição dos visitantes do museu deram resultados científicos que foram mensurados através de categorias e subcategorias de análise que deixaram claro a utilização da abordagem socioconstrutivista e o uso da metodologia pesquisa aplicação.

A dinâmica dos ciclos de aplicação levou aos participantes a elaborarem outras demandas que foram surgindo a partir das questões problemas colocados no link “Dialogue com o museu” a medida em que foram visitando os diferentes ambientes e coleções que compõem o acervo virtual. As participações provocadas através dos links de interação, em torno das peças do acervo do museu, proporcionaram o desenvolvimento do pensamento crítico e autônomo onde muitos dos comunitários passaram a se identificar com a realidade representada e a partir daí propor soluções concretas para a superação das lacunas e falhas encontradas. O Turismo de Base Comunitária passou a ser uma alternativa possível que já no decorrer desse trabalho começou a ser planejado, mas que por conta do prazo de entrega da tese não foi possível ainda ser realizado. A presente ferramenta pretende ser um instrumento mediador e incentivador do TBC.

O contexto do museu, o acervo e as suas duas versões já apresentadas despertaram a comunidade do Manco para conhecer um pouco mais de sua história. Afora os moradores mais idosos que ainda viveram na fazenda engenho Camuciatá e que ainda conheceram Itapicuru com a praça principal de areia e o Mucambo com apenas uma rua de casas, os mais jovens se deram conta que pouco sabem sobre suas origens e sua história. Essa demanda levou a constatação da inexistência de uma solução mediadora no formato de museu virtual que pudesse difundir o conhecimento entre os comunitários e para o público em geral. Com a construção do MVICM e o

engajamento dos sujeitos do presente, a percepção de que essa solução mediadora poderia ser também utilizada para o amadurecimento de uma proposta de TBC foi uma consequência que na qualidade de pesquisador iremos buscar incentivar.

Constatamos também que o aprofundamento no conhecimento da história de Itapicuru, do Camuciatá e do Manco levou aos membros da comunidade a pensarem e refletirem sobre sua realidade de vida atual, na sua própria história e no contexto que está inserido. Em relação a comunidade do Manco eles perceberam que a presença física deles no povoado é muito recente, aproximadamente 55 anos, se for comparada com o período temporal que o museu foi pensado abrangendo 320 anos de história. Nesse sentido passaram a se conscientizar da importância de conhecer cada vez mais a trajetória de vida dos seus antepassados, onde viveram, em que trabalhavam, como moravam, e o que mais faziam no seu cotidiano. Através do contexto do museu com suas peças do acervo começaram a perceber também que apesar das transformações espaciais terem sido mais marcantes, o modo de vida e as práticas culturais permanecem iguais em muitos dos seus aspectos. Nesse sentido vemos o princípio da polifonia reverberando através do contexto do museu e em seus participantes.

A importância desse trabalho especificamente para a comunidade do Manco e para outros povoados com o contexto histórico semelhante foi o de levar a reflexão sobre as permanências da cultura dos seus ancestrais apesar das mudanças geográficas, sociais e econômicas que foram acontecendo através dos séculos. O parâmetro do espaço temporal que o museu abarcou não foi baseado meramente nas informações históricas tradicionais das datas de chegada das primeiras boiadas em Itapicuru e dos missionários jesuítas, nem o ano da criação da vila de Itapicuru no século XVIII. O que norteou o período a ser contextualizado e incluído no museu foi exatamente os indícios de elementos que poderiam fomentar o diálogo entre os sujeitos do presente e do passado através daquilo que ainda reverbera e está vivo em cada um deles e na história da região. Nesse sentido, tudo que se refere a presença do índio no local, a dominação do português e a chegada do negro dão sentido a existência dos atores do presente na medida em que trazem em si um pouco de cada uma das características dessas etnias e reverberam nas suas práticas

culturais. A adoção dos princípios da história pública neste trabalho deu conta dessas interconexões do passado e presente através da memória coletiva.

Com tudo isso podemos afirmar que o objetivo geral pensado pelo pesquisador e compartilhado com a comunidade e seu público-alvo foi realizado de forma processual no decorrer da construção de cada capítulo dessa tese. O meu papel foi o de mediar a proposta na medida em que a abordagem socioconstrutivista e a metodologia adotada foram os fundamentos teóricos e práticos para o desenvolvimento da tecnologia virtual em foto e vídeo que foi utilizada na construção do museu transformando-o em um instrumento de mediação do contexto histórico da vila de Itapicuru, da fazenda engenho Camuciatá e do povoado do manco, que se coloca a serviço da difusão do conhecimento e está em consonância e pode colaborar com a possibilidade da implantação de um Turismo de Base Comunitária na região e em outras comunidades que a partir dele reconheçam similaridades e possíveis potencialidades.

A proposta da criação desse instrumento mediador do conhecimento foi possível principalmente porque o contexto construído se deu através da interconexão da práxis do pesquisador unida a práxis dos coparticipantes que trouxeram consigo a concretude da vida em que estavam inseridos. Nesse sentido, cada capítulo e subcapítulo foi elaborado levando em consideração a necessidade de levar em conta a compreensão das realidades vividas no presente que eram um reflexo de contextos históricos do passado, sejam eles recentes ou mais remotos. Visto o exposto, após a introdução, buscou-se desenvolver a narrativa dos elementos históricos, sociais, econômicos e culturais de Itapicuru, do Camuciatá e do Manco que foram coletados e utilizados na construção do contexto desses territórios que apesar de diferentes estão intimamente ligados entre si. Essa trajetória que permitiu a construção do presente museu virtual foi fundamentada a partir de uma vasta bibliografia existente sobre o sertão e agreste da Bahia, a vila de Itapicuru, fazendas de gado e engenhos de açúcar, especificamente sobre o Camuciatá, objeto de pesquisa de muitos estudiosos a nível nacional e internacional, bem como em fontes documentais primárias e secundárias existentes em um dos maiores arquivos históricos privados do Brasil que se encontra fisicamente abrigado no escritório do barão de Jeremoabo no sobrado que construiu em 1894. Devido a

riqueza e pluralidade de fontes históricas que foram dialogando também com depoimentos orais dos colaboradores e coparticipantes produzimos os capítulos do contexto e a partir daí fomos tirando os elementos para compor os quadros do acervo e a montagem do museu na sua primeira versão.

Seguindo a estrutura da tese que já foi apresentada na introdução passamos a fazer algumas considerações a respeito do resultado dos ciclos de aplicação onde a partir das contribuições dos visitantes observamos que o acervo não estava completo e nem finalizado, pela simples constatação de que se tivemos tantas participações em apenas dois ciclos iniciais é certo que a continuidade do uso da metodologia adotada vá suscitar novas intervenções e, portanto, mais sugestões e ajustes a serem feitos na terceira versão do museu e em outras que virão e nesse processo o MVICM poderá ser constantemente retroalimentado. Seguindo essa linha metodológica reafirmamos mais uma vez a presença e importância da histórica pública nesse trabalho pois ela defende o uso da memória coletiva como importante instrumento e caminho para a construção e difusão da história. Visto o exposto, o designe da primeira versão do museu virtual se tornou também um laboratório de análise de pesquisa onde a partir dos resultados apresentados podemos chegar à conclusão que se tornou um instrumento de coleta das contribuições que chegarão na medida em que continue disponível na rede, passando a ser não só uma ferramenta mediadora do conhecimento, mais um catalisador das dúvidas que surgirão, dos erros e dificuldades apontadas e das críticas e questionamentos que se tornarão matéria prima, por excelência, para desenharmos novas versões do presente museu.

Estivemos o tempo todo abertos e atentos as críticas apresentadas pelos participantes. Consciente de que o museu construído não é só meu, mas da coletividade que ele representa e que participou da construção de seu contexto, da seleção das peças do acervo e do seu designe é natural que tudo que foi apontado como importante para ser acrescentado nele tenha sido acolhido e registrado para que nas futuras versões possamos estudar a possibilidade de implantarmos. Apesar das dificuldades e ausências apresentadas não terem inviabilizado a proposta do museu, nem prejudicado a sua função mediadora do conhecimento é imperioso que sejam, na medida do possível, implementadas já que são legítimas pois vieram da participação

concreta do público que interagiu com o acervo nas rodas de conversas, entrevistas e na contação de histórias.

Vamos concluindo essas considerações finais trazendo algumas reflexões importantes que surgiram a partir da socialização e retorno dos visitantes nos ciclos de aplicação cujas contribuições serão gradativamente utilizadas para o refinamento do museu nas suas próximas versões. Certo de que alcançamos o objetivo dessa tese de criar uma solução mediadora no formato de museu virtual em foto e vídeo, socioconstrutivista, como instrumento de difusão do conhecimento, apresentamos algumas possibilidades de ações positivas que podem ser desenvolvidas a partir do MVICM.

O museu virtual poderá contribuir para a dinamização das atividades do museu presencial do Instituto Museu do Nordeste Barão de Jeremoabo que tem como sede o sobrado do Camuciatá, construído em 1894, que existe fisicamente e será também, posteriormente, modelado em 3D. Apesar de contar com grande parte do seu acervo original composto de móveis, imagens sacras, quadros, louça, documentos, objetos pessoais, muitas dessas peças se perderam por conta do desgaste do tempo. A participação e interação no MVICM dos membros da família Dantas que viveram e frequentaram a casa grande poderá possibilitar, através da memória coletiva, reconstituir alguns espaços com objetos que não mais existem. As informações trazidas permitirão que através de um projeto museográfico se possa fazer o registro dessas peças através de fotografias, desenhos ou outro tipo de suporte de outras semelhantes. O acesso ao museu virtual irá também despertar o visitante a conhecê-lo presencialmente, já que ele permanece lá no mesmo local que foi edificado pelo barão de Jeremoabo.

Seguindo no campo das possibilidades o MVICM reconstituiu parte da atmosfera de um engenho de açúcar, registrando com fotografias e vídeos as principais edificações do conjunto arquitetônico do complexo da economia açucareira. No museu presencial aparentemente só sobreviveram a casa grande e uma casa de agregado. As visitas virtuais poderão incentivar os proprietários e pesquisadores a buscar elementos arqueológicos no local e através de escavações recuperar vestígios podendo ser construída uma maquete reconstituindo o que existia de construções no sítio histórico do Camuciatá. É a possível reconstrução de mais um espaço cultural que busca

rememorar um patrimônio histórico não mais existente com a colaboração do que foi representando nesse instrumento educacional.

Os bons resultados se farão presentes através das múltiplas experiências que o museu virtual poderá proporcionar, seja no campo cultural, social e educacional. Nesse último, se tornará em instrumento didático pedagógico que poderá ser utilizado nas aulas de história da Bahia, seja nas escolas de Itapicuru, como dos municípios vizinhos e até na rede de ensino do Estado. Os benefícios serão muitos na medida em que o estudante local desenvolverá o sentimento de pertencimento reconhecendo elementos da práxis de sua família, de seu grupo, bem como se sentirá imerso em um ambiente que é dele. Com isso a conscientização da importância de conhecer e valorizar a sua história será despertada fazendo com que os sujeitos históricos do presente queiram estudar mais sobre o contexto em que vive, aprofundando a sua própria historicidade.

Seguindo na perspectiva de avançar nos resultados positivos que o museu virtual construído poderá trazer lembramos mais uma vez que o turismo terá grandes chances de ser concretizado e incrementando. Seja o turismo tradicional ou o TBC que começou a ser pensado a partir do contato dos comunitários do Manco com a proposta do museu virtual e do seu acervo, através de rodas de conversa feitas a partir deles. É o caso de incentivar estudos, continuar a dinâmica das rodas de conversa no sentido de se analisar coletivamente as melhores formas de utilização dessa ferramenta virtual a favor do planejamento e organização dessa prática que começou a ser pensada pelos moradores do Manco. Uma das possibilidades, para as duas modalidades de turismo acima citadas é o uso do museu como um atrativo a mais através da realização de visitas ao local, cujo contexto histórico foi forjado nos primórdios da colonização, até chegar aos dias atuais, para que o visitante possa conhecer o contexto da história da região estudada aprofundando seus conhecimentos e refletindo sobre sua historicidade. Como já dissemos no capítulo do TBC, o museu também possibilitará que participantes de comunidades distantes, mas semelhantes, reconheçam a ferramenta como um meio de pensar a sua localidade a partir dos princípios teóricos que nortearam a proposta da construção do software e com isso possam também organizar ações similares em prol do desenvolvimento local.

Colaborar com a proposta dos museus virtuais já existentes buscando a realização de projetos em comum é uma meta a ser alcançada com a conclusão desse trabalho. Na Bahia, a produção de museus nessa modalidade, a nível de doutoramento, ainda é pequena e, portanto, essas ferramentas se tornam extremamente inovadoras na difusão do conhecimento e aprimoramento do processo de ensino e aprendizagem. Como já dissemos, sob a coordenação do Prof. Dr. Alfredo Matta, alunos do grupo Sociedade em Rede estão sendo pioneiros na produção dessas tecnologias. Até o presente temos os seguintes museus: do Quilombo do Cabula, da profa. Dra. Luciana Martins; do Teatro São João, da profa. Dra. Maria Antônia Gomes e da escola parque da década de 1950, do prof. dr. Ednei Otávio da Purificação. O Museu virtual da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciatá e Povoado do Manco vem se unir a essas ferramentas já existentes e com isso contribuirá com futuras pesquisas e trabalhos utilizando a tecnologia digital e as novas linguagens em História.

Em relação a importância do patrimônio histórico da região retratada e da Bahia como um todo o MVICM poderá também se tornar um instrumento de conscientização para sua preservação. O visitante conhecendo através do acervo apresentando edificações, objetos, personagens e manifestações culturais que não existem mais perceberá a lacunas existentes no ambiente físico que estão inseridos e como a ausência deles diminui as possibilidades de um entendimento mais completo do contexto histórico do qual faziam parte. Nesse sentido o museu virtual deverá alcançar dois objetivos: o de tornar conhecido patrimônios que se perderam ou foram destruídos pela ação do tempo e o de oportunizar, através dessa ferramenta, que eles sejam vistos, estudados e pesquisados.

Mais uma vez no campo educacional a criação desse instrumento tecnológico museu virtual formado por novas linguagens da História, na medida em que for sendo apresentado com seu contexto, roteiro e peças do acervo poderá motivar trabalhos de pesquisa nas escolas do ensino médio e nas faculdades regionais e com isso o interesse pelo estudo da cultura local se ampliar. A proposta do museu gradativamente foi despertando o interesse a medida em que foi sendo apresentada e se tornou disponível para ser analisada e avaliada, mesmo que ainda em forma embrionária. A ideia é

estabelecer parcerias com as secretárias de educação e de Turismo de Itapicuru, diretores e professores das escolas estaduais dos municípios do entorno de modo que se tornem interlocutores do projeto e passem a utilizá-lo como um recurso didático para aulas, cursos, palestras e outros eventos relacionados com a história local.

Essa inserção nas instituições educacionais locais deverá se ampliar para o nível estadual e mesmo nacional a medida em que o MVICM for sendo divulgado e visitado.

A propósito a proposta do museu virtual para a utilização no ensino poderá ser ampliada já na terceira versão do museu virtual a partir do momento que instituições de ensino e cultura de outras cidades e de Salvador se engajarem no projeto. A Universidade Católica do Salvador e o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia são possíveis parceiros que já demonstraram interesse pela proposta do museu virtual se colocando à disposição para colaborar no aperfeiçoamento do mesmo à medida em que foram se inteirando da metodologia utilizada, bem como estabelecer parcerias e formar redes colaborativas para tê-lo disponível como solução de mediação e difusão do conhecimento.

Na Educação a Distância as possibilidades se ampliam porque terá à disposição mais uma ferramenta cognitiva que poderá ser utilizada como recurso didático. Os professores poderão selecionar trechos do museu para expor nas aulas de disciplinas como História da Bahia, História do Brasil, História da Cultura Afro-Brasileira e Indígena, entre outras. Além disso é possível também que use o museu como uma atividade avaliativa para o aluno, indicando que ele realize a visita e depois faça um resumo, resenha ou apresente individualmente ou em grupo as suas considerações. Essa atividade o docente pode deixar que seja feita livremente ou passar um roteiro prévio para o aluno se basear e realizar seu trabalho. A riqueza do museu virtual e de outros instrumentos tecnológicos criados pelo grupo Sociedade em Rede, como jogos e sites, apresentam múltiplas possibilidades na área da educação.

Desde sua concepção o projeto do museu virtual da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciata e Povoado do Manco envolveu a participação de muitas pessoas. Na sua perspectiva socioconstrutivista conseguiu com que os coparticipantes e colaboradores imergissem no seu contexto e passassem a

interagir através do diálogo formando uma rede colaborativa onde todos os sujeitos se sentiram engajados. Para ilustrar relembramos as contribuições da Prof.^a Dra. Luciana Conceição Martins que com a experiência da sua tese sobre o museu virtual do Quilombo do Cabula deu importantes sugestões para a realização desse trabalho. A Prof.^a Dra. Francisca de Paula Santos da Silva com o seu trabalho sobre o turismo de base comunitária e cooperativismo, que articulou pesquisa, ensino e extensão no Cabula e seu entorno inspirou a possibilidade de implantação do TBC no povoado do Manco e norteou as primeiras ações para o começo do seu planejamento na comunidade. Registramos a experiência da viagem a Canudos realizada em 2017 com o prof. dr. Miguel Monteiro, com Dionísio Nobrega e com o prof. dr. Alfredo Matta. A viagem foi uma oportunidade única de aprendizado onde através das conversas com o prof. Monteiro pude aprender sobre a história de Portugal e o que é mais importante, aquilo que reverberou da metrópole na colônia brasileira nos aspectos políticos, sociais, econômicos e culturais e influenciou na formação da vila de Itapicuru, da fazenda engenho Camuciatá e no povoado do Manco. De Dionísio Nobrega tivemos a oportunidade de perceber a importância dos depoimentos orais e do conhecimento que está para além da academia. Como um filho do sertão, da cidade do Cumbe, atual Euclides da Cunha e um grande pesquisador sobre a genealogia das famílias da região e com isso conhecedor da cultura e costumes locais nos transmitiu importantes relatos sobre as tradições locais recheados por muitas históricas e “causos” tão comuns na comunicação do homem sertanejo.

Escrever uma tese de doutorado se torna uma rotina tanto pelo tempo de sua duração como pelo envolvimento que se faz necessário para a sua concretização. Essa rotina do pesquisador termina envolvendo também todos os que são seus colaboradores e os que passam a se interessar por ela. Percebemos que aos poucos o engajamento foi aumentando e com isso a interação e o diálogo. A proposta do museu na perspectiva socioconstrutivista permitiu que cada um que teve um contato mais próximo com seu contexto, roteiro e depois com o próprio acervo passasse a se ver parte dele ou pelo menos identificando alguém ligado à sua história de vida, de sua família ou da sua região de origem. A polifonia se fez presente, por exemplo, quando o prof. José Nilton Carvalho Pereira, filho de Araci, cidade que tem semelhanças

com o contexto histórico de Itapicuru afirmou que descende dos índios da região e nos trouxe muitas informações sobre a cultura indígena da localidade, bem como também de aspectos da influência portuguesa na região. Considerando a interdisciplinaridade do trabalho, só para exemplificar, contamos com as ricas contribuições do professor e arquiteto Francisco Senna que nos transmitiu informações técnicas sobre o traçado arquitetônico da casa grande, das senzalas e casinhas, das ocas indígenas, da fábrica do engenho, da vila de Itapicuru, destacando as influências culturais das etnias que utilizavam cada um desses equipamentos. Para finalizar exemplos de coautoria citamos a participação ativa do geógrafo Osmar Barreto Borges, nascido em Olindina (antigo Mucambo) e atual morador de Paulo Afonso. Em uma espécie de simbiose com o contexto e o acervo do museu se sentiu motivado a participar de forma ativa enviando mapas históricos da região, documentos originais e textos informativos sobre o contexto da formação sócio-histórica de Itapicuru, através de suas sesmarias e estradas e currais de gado. Nele e em muitos outros observamos a realização da dimensão da história pública na medida em que utilizaram os seus princípios a saber, senso de coautoria, compartilhamento, construção de interpretação própria da história.

Em relação ao público-alvo mais próximo que foi selecionado para participar efetivamente da pesquisa aplicação podemos observar uma imersão no tema e no contexto pesquisado que foi construído coletivamente. Apesar de cada grupo ter sua individualidade, suas características próprias e viver em territórios diferentes, através do diálogo, formaram uma rede colaborativa onde as práticas foram compartilhadas e todas as contribuições foram consideradas, sejam elas acadêmicas ou de cunho mais popular. Registramos como coautores diretos desse trabalho os membros do grupo Sociedade em Rede, os moradores do povoado Manco, os membros da família Dantas e o habitantes de Itapicuru. Todos se sentiram parte da história contada e recontada no contexto e no acervo apresentado museu, onde eles foram ao mesmo tempo atores/sujeitos e narradores das histórias ali lembradas e vividas através dos registros feitos em fotos, vídeos, gravações, filmagem com drone e outros recursos utilizados.

O meu orientador Prof. Dr. Alfredo Matta foi um grande incentivador desse trabalho. Desde o começo acreditou no potencial dele como uma

possibilidade de se tornar uma solução mediadora do conhecimento do contexto histórico da região estudada para com a comunidade local e o público em geral. Através da utilização da abordagem socioconstrutivista que adotou na orientação recomendou a presença de conceitos importantes como o dialogismo, a polifonia e a representação da concretização da práxis através do acervo representado no museu. A metodologia da DBR permitiu o engajamento de todos, onde o sentimento de pertencimento cresceu e cada participante se sentiu responsável e parte integrante daquela história. Esse reconhecimento deve ser feito.

Devemos dizer também que o presente museu virtual já está contribuindo no aprofundamento dos estudos de assuntos referentes a região do agreste e sertão da Bahia, ainda pouco estudados em relação ao Recôncavo e Salvador. O estudo da história local ganhará um importante instrumento a seu favor, tanto no seu conteúdo, como em termo de recurso tecnológico que traz territórios esquecidos no tempo e no espaço para o centro das atenções de uma forma inovadora.

Algumas lacunas existiram por conta da exiguidade do tempo para concluir o trabalho e outras circunstâncias já citadas que dificultaram o seu cumprimento, mas o museu virtual no seu processo contínuo de retroalimentação dará a oportunidade de ampliar a sua divulgação nos meios que não foram possíveis até o momento. Nesse sentido, após o final da tese e para as próximas versões pretendemos divulgá-lo na imprensa; em outros eventos acadêmicos, como seminários, simpósios, congressos e revistas científicas. Também inseri-lo nas redes sociais, como face book, Instagram, blogs, que serão criados a partir da proposta e dinâmica do museu virtual com o objetivo de dialogar com ele e assim ampliar a rede de difusão do conhecimento e da informação.

Apesar de já termos feito nos agradecimentos e na introdução, mais uma vez registramos aqui na conclusão o reconhecimento a todos os parceiros, colaboradores, participantes, ao povo do Manco (ex-moradores do Camuciatá), que em todos os momentos se colocaram à disposição para contribuir, bem como os Itapicuruenses, membros da família Dantas e o público em geral que tiveram acesso as informações durante a construção do contexto e as primeiras duas versões do museu e participaram ativamente dos ciclos de

aplicação contribuindo dessa forma para que o museu fosse aprimorado. Graças a participação de todos temos pronto o MVICM na sua segunda versão. Apesar de não estar finalizado, pois a proposta é que permaneça em contínuo aperfeiçoamento, já representa e simboliza um significativo contexto histórico e acervo da região pesquisada a partir das contribuições da diversidade dos envolvidos, seja na representação dos sujeitos históricos do passado, nos objetos da cultura matéria, nas manifestações da cultura imaterial, seja nos aspectos que foram destacados para serem redefinidos ou ajustados.

Com todas essas reflexões e considerações finais que apresentaram algumas das inúmeras possibilidades de contribuições que o presente MVICM pode continuar a dar nos sentimos motivados a seguir em frente de acordo com a proposta da metodologia adotada, promovendo novas aplicações para serem implementadas na terceira versão e depois seguir com os novos ciclos de interação para outras versões. Minha contribuição foi e está sendo dada processualmente, porém, é válido afirmar que a construção da proposta, contexto, roteiro, quadros de acervo e designe do museu em nenhum momento dependeu só desse pesquisador, mas muito mais da coletividade envolvida como um todo. De agora em diante dependerá menos ainda pois a proposta é que com a disponibilização para o acesso do público na rede a abertura dos contínuos ciclos de aplicação seja autogerido e se torne cada vez mais um instrumento da comunidade que representa.

É desafiador compreender que o Museu Virtual da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciatá e Povoado do Manco não esteja concluído no seu processo de construção ao final dessa tese. O que temos são apenas as primeiras versões que estarão a todo tempo recomeçando e em processo de reconstrução permanente. Nesse sentido estará aberto a novas participações, que através dos links de interação já existentes e de rodas de conversa e entrevistas confirma o seu perfil dinâmico, interativo e de instrumento sujeito a contínuas transformações refletindo a práxis dialética da vida concreta.

Podemos dizer que o objetivo foi atingido. O percurso da caminhada da elaboração do contexto, roteiro, quadros de acervo e a abertura do museu virtual na rede é nosso e de cada um que participou desde o começo de sua construção, mais também dos que entraram no meio do processo, bem como dos que estão chegando agora. Por ser socioconstrutivista e ter tido

representando por acervos registrados em foto e vídeo a partir das realidades concretas do cotidiano de um passado e presente em constante diálogo e interconectados, se retroalimenta e traz em sua representação as riquezas e contradições da vida, a pluralidade da nossa sociedade, incluindo a todos e formando uma rede de conhecimentos múltiplos que se complementam entre si. Como já dissemos, mas achamos importante repetir, o Museu Virtual da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciatá e Povoado do manco, à medida que for sendo redesenhado e modificado se tornará parecido com uma das peças do seu acervo - a colcha de retalhos feita pelas moradoras do povoado do Manco - que no seu colorido, nos diferentes tecidos que a compõem, nos remendos e costuras que garantem a sua unidade, representa, sobretudo, a beleza das variadas culturas da comunidade local e a riqueza da diversidade que se propõem a registrar, difundir e mediar.

REFERÊNCIAS

ABREU, J. Capistrano de. *Capítulos da História Colonial (1500-1800)*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Briguiet, 1969.

ACCIOLI (de Cerqueira e Silva), Ignácio & AMARAL, Braz H. do. *Memórias históricas e políticas da província da Bahia*. Salvador: Imprensa Oficial do Estado, 1919-1940. 6v.

AGUIAR, Durval Viera de. *Descrições práticas da província da Bahia: com declaração de todas as distâncias intermediárias das cidades, vilas e povoações*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1979.

ALBIERI, Sara. História pública e consciência histórica. In: ALMEIDA, J.R; ROVAI, M.G.O. (Org.). *Introdução à história pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

ALVES, Katiane. Turismo de Base Comunitária: fundamento histórico e abordagens conceituais. In: SILVA, Francisca de Paula (Org.). *Turismo de Base Comunitária e cooperativismo: articulando pesquisa e ensino no Cabula e entorno*. Salvador: EDUNEB, 2013.

AMARAL, Braz H. do. "Colonização da Bahia". In p. 93-98 da *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*. Ano XXIV, nº 43, 1918.

_____. Braz. H. do. *História da Bahia do Império à República*. Salvador: Imprensa Oficial do Estado, 1923.

_____. *Resenha histórica da Bahia*. Salvador: Tipografia Naval, 1941.

AMARAL, José Álvares do. *Resumo cronológico e noticioso da província da Bahia desde o seu descobrimento em 1500*. 2ªed. Salvador: Imprensa Oficial do Estado, 1922.

ANDERSON, Perry. *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo*. Porto: Edições Afrontamento, 1982.

ANJOS, Rafael Sânzio Araújo dos. *Territorialidade quilombola: fotos & mapas*. Brasília: Mapas, 2011.

ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. São Paulo: Editora Nacional, 1967.

ARGOLO, Miguel de Teive e. *Memória sobre as estradas de ferro do estado da Bahia*. Bahia: Lito-Tipografia Reis & Companhia., 1908.

ASTHON, Paul; KEAN, Hilda. *People and their pasts*. Public History Today. London: Palgrave Macmillan, 2009.

AYROSA, Plínio. (Coord.). *Vocabulário na língua brasílica. Português-tupi do século XVII*. São Paulo: Departamento de Cultura, 1938.

AZEVEDO, Fábio Palácio de. "O Conceito de cultura em Raymon Williams". *Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS)* São Luís, Vol. 3, número especial jul./dez. 2017

BAHIA. Secretaria da Cultura e Turismo. IPAC-BA: *Inventário de proteção do acervo cultural da Bahia; monumentos e sítios das mesorregiões Nordeste, vale São Francisco e extremo oeste baianos*. Salvador, 2002.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Dialogismo e construção do sentido*. Organização de Beth Brait. São Paulo: Campinas, 2005.

_____. *Problemas da poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2010.

BANDEIRA, Maria de Lurdes. *Os Kariri de Mirandela*. Bahia, 1973.

BARBOSA, A. Lemos. Pe. *Pequeno vocabulário tupi-português*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1955.

BARCA, Isabel et al (Org.). *Jorn Rusen e o ensino de História*. Paraná: Editora UFPR, 2010.

BARICKMAN, B.J. "Até a véspera: o trabalho escravo e a produção de açúcar nos engenhos do recôncavo baiano (1850-1881)". Salvador: *Afro-Ásia*. Vol. 21-22, 1998-1999.

BARROS, Francisco Borges de. *Bandeirantes e sertanistas baianos*. Salvador: Imprensa Oficial, 1919/1920.

_____. *Dicionário geográfico e histórico da Bahia*. Salvador: Imprensa Oficial do Estado, 1923.

_____. *Às margens da história da Bahia*. Salvador: Imprensa Oficial, 1934.

BARTHOLLO, Roberto. Sobre o sentido da proximidade: implicações para um turismo situado de base comunitária. In: In: BARTHOLLO, R.; SANSOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Orgs). *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

BASTIDE, Roger. *O candomblé da Bahia: rito nagô*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1961.

BEJAMIM, José Botelho. *Breve notícia sobre o estado da Bahia*. Salvador: tipografia do Diário da Bahia, 1894.

BOAVENTURA, Eurico Alves. *Fidalgos e vaqueiros*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1989.

BOCCANERA JR, Sílio. *Bahia histórica; reminiscências do passado, registro do presente; anotações, 1549-1920*. Salvador: Tipografia Bahiana, 1921.

BURNHAM, Teresinha Fróes. Sociedade da informação, sociedade do conhecimento, sociedade da aprendizagem: implicações ético-políticas no limiar do século. In: Lídia Maria Batista Brandão; Nídia Linaert Lubisco. (Org.). *Informação e informática*. Salvador: Edufba, 1999, p. 130-150.

BURSZTYN, I. (Orgs). *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

CAEIRO, Francisco da Gama. Livros e livreiros franceses em Lisboa em fins de setecentos e no primeiro quartel do século XIX. *Boletim Bibliográfico da Universidade de Coimbra*, Lisboa, v.35, p.139-168, 1980.

CAETANO DE SOUZA, Antônio. *Memórias históricas e genealógicas dos grandes de Portugal*. 3ª ed. 1755. Disponível em: https://books.google.com/books/about/Memorias_historicas.html?id=8tcFAA AAQAAJ&redir_esc=y. Acesso em: 09/10/2019.

CALASANS, Brandão da Silva José. *A santidade de Jaguaripe*. Salvador: Artes Gráficas, 1952.

CALDAS, José Antônio. *Notícia geral de toda esta capitania da Bahia desde o seu descobrimento até o presente ano de 1759*. Salvador: tipografia Beneditina, ed. fac-similar, 1959.

CALMON, Pedro. *História da Casa da Torre. Uma dinastia de pioneiros*. Rio Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1939.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; tradução da introdução Gênese Andrade. 4.ed. São Paulo: EDUSP, 2008. p.169.

CARNEIRO, Edison. *Ladinos e crioulos; estudos sobre o negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964.

CARNEIRO, Edison. O quilombo dos Palmares. 2ªed. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1947. p. 20. In: *Brasiliana da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, 2001. p. 145. Disponível em: <http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/obras/253/o-quilombo-dos-palmares>. Acesso em: 23/08/2018.

CARVALHO JR, Álvaro Pinto Dantas de. “A Posição do Barão de Jeremoabo na guerra de Canudos”. In: SAMPAIO, Consuelo Novais. (org.). *Canudos. Cartas para o barão*. São Paulo: Edusp/ Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

_____. *O Barão de Jeremoabo e a política do seu tempo: trajetória de um líder conservador na Bahia*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 2006.

_____. DANTAS, Tourinho Maurício. *Descendência do capitão - mor. João Dantas dos Imperais Itapicuru: ramo do barão de Jeremoabo*. 2ª ed. Salvador: Étera, 2014.

_____. Porto FILHO, Ubaldo Marques. *2 de julho: independência da Bahia e do Brasil*. Salvador: Casa de Cultura Carolina Taboada, 2015.

CARVALHO, Ana Verena; MATTA, A. E. R. Interatividade - definindo o conceito para educação contextualizada e socioconstrutivista. In: 14º Congresso Internacional de Educação a Distância da ABED, 2008, Santos. Mapeando o impacto da EAD na cultura do ensino/aprendizagem. São Paulo: Associação Brasileira de Educação a Distância, 2008.

CARVALHO, André Monteiro Pinto Dantas de. *Velho Itapicuru. A História de um passado de glórias*. 2ª ed. Salvador: ALBA, 2021.

CARVALHO, Kátia de. "A leitura nos Engenhos de Cana-de-Açúcar: Recôncavo Baiano (1800-1850): contribuição dos estudos históricos sobre livro e leitura". *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*. Salvador, v.113, p. 227-242, jan./dez. 2018.

CASAL, Aires de. *Corografia Brasílica ou relação histórico-geográfica do reino do Brasil*. Edição do Instituto Nacional do Livro; Fac-símile da edição de 1817. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint S.A., 1972.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Tradução de Roneide Venâncio Majer. 6. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Os falares africanos na interação social do Brasil colônia*. Salvador: UFBA: Centro de Estudos Baianos, nº 89, 1980.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia. Um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras: Toopbooks, 2001.

CENTRO DE ESTUDOS BAIANOS. *Catálogo de obras raras e valiosas: Biblioteca Frederico Edelweiss*. Salvador: Centro de Estudos Baianos, 1981.

CERRI, Luís Fernando. *Ensino de História e Consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

CHERNOVIZ, Pedro L. Napoleão. *Dicionário de medicina popular e das ciências assessórias para o uso das famílias*. 6ª ed. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890. 2v.

COBB, P.; CONFREY, J.; DISESSA, A.; LEHRER, R.; SCHAUBLE, L. Design experiments in education research. *Educational Researcher*, v.32, n.1, p. 9-13, 2003.

COSTA, Luís Menezes Monteiro da. *Na Bahia colonial*. Salvador: Editora Livraria Progresso, 1958.

COVA, A. Guimarães. *Municípios da Bahia*. Salvador: Tipografia Bahiana, 1913.

CUNHA, Manoela Carneiro da. (Org.). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia da Letra, 1992.

DANTAS JR, João da Costa Pinto. “O capitão – mor João Dantas dos Imperiais Itapicuru. In *Revista do Instituto Genealógico da Bahia*. Número 15. Salvador: Editora Mensageiro da Fé, 1967.

DANTAS, Monica Duarte. *Fronteiras movediças: relações sociais na Bahia do século XIX: (a comarca de Itapicuru e a formação do arraial de Canudos)*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild: Fapesp, 2007.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE OBRAS CONTRA SECA. Salvador. *Projeto de Irrigação do vale do Itapicuru*. Salvador, 1971. p.177.

DIEGUES JÚNIOR, Manuel. *O engenho de açúcar no Nordeste*. Publicação do Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura do Brasil, nº 01, da série Documentário da Vida Rural. Rio de Janeiro: 1952.

EDELWEISS, Frederico. *Tupis e guaranis*. Salvador: Museu do Estado da Bahia, 1947.

ELLIS, Myriam. “A capitania da Bahia nos meados do século XVIII”. *Revista de História*. São Paulo: Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, jan/mar. 1953.

FERDANI, D; PEGANO, A; MORAMED, F. *Terminology, Definitions and Types for Virtual Museums*. {S.l:s.n}, 2014. Disponível em: http://www.academia.edu/6090456/Terminology-definitions_and_types_of_Virtual_Museums. Acesso em 21 de junho de 2021.

FERNANDES, Etelvina Rebouças. *Do mar da Bahia ao rio do Sertão. Bahia and San Francisco Railway*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 2006.

FERREIRA, Manuel Jesuíno. *A província da Bahia*. Rio de Janeiro: Tipografia Naval, 1875.

FERRARI, A. T. *Os Kariri, o crepúsculo de um povo sem história*. São Paulo: 1957.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: nascimento do ocidente*. 2ª ed. rev. e ampliada. São Paulo: Brasiliense, 2001.

FREITAS, Décio. *Insurreições escravas*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1976.

FREIRE, G. H. A. (Org.). A responsabilidade social da Ciência da Informação - ENANCIB 2009 (10) Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. 1ed. João Pessoa: Ideia; ANCIB, 2009, p. 2451-2468.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1951.

GOFF, Jacques Le. *O homem medieval*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

_____. *A civilização do ocidente medieval*. Tradução José Rivair de Macedo. Bauru, SP: Edusc, 2005.

GOMES, Flávio dos Santos. “Um Recôncavo, dois Sertões e vários mocambos: quilombos na Capitania da Bahia (1575 - 1808)”. *Revista de História Social*. Campinas - SP. nº 02, 1995. pp. 25-54.

_____. *Mocambos e Quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil*. São Paulo: Claro Enigma, 2015. - (Coleção Agenda brasileira).

GOMES, Maria Antônia. *Museu Virtual para o Antigo Teatro São João da Bahia, através de uma abordagem socioconstrutivista*. 2007. 427f. Tese (Doutorado em educação) – Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GRAMSCI, Antônio. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. SP: Companhia das Letras, 2001.

HENRIQUES, Rosali Maria Nunes. *Memória, museologia e virtualidade: um estudo sobre o Museu da Pessoa*. 2004. 187f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Geografia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2004.

HOHENTHAL, J.W.D. "As tribos indígenas do médio e baixo São Francisco". *Revista do Museu Paulista*. Nova Série, 12 (1960) 37-86.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. "Algumas técnicas rurais no Brasil colonial". In *Revista Anhembi*. Números 8, 10 e 14. São Paulo, 1951-52.

HUHTAMO, Erkki. Virtual Museums and Public Understanding of Science and Culture. Nobelprize.org, California, maio de 2002. Disponível em: http://www.nobelprize.org/nobel_organizations/nobelfoundation/symposia/interdisciplinary/ns120/about.html. Acesso em: 28/03/2015.

IGLÉZIAS, Francisco de Assis. *Caatingas e chapadões*. Vol. 271. Coleção Brasileira. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1951.

IHERING, Rodolfo Von. *Dicionários dos animais do Brasil*. São Paulo, 1940.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto (o município e o regime representativo no Brasil)*. 2ª ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.

LEITE, Serafim (S.I.). *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa/ Rio de Janeiro: Livraria Portugália/ Civilização Brasileira, 1938-1950. 10t.

LEVY, P. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

LIMA Diana Farjalla Correia. O que se pode denominar como Museu Virtual segundo os museus que assim se apresentam.... In: UFPB; ANCIB. (Org.). FREIRE, G. H. A. (Org.). *A responsabilidade social da Ciência da Informação - ENANCIB 2009 (10) Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*. 1ed. João Pessoa: Ideia; ANCIB, 2009, p. 2451-2468.

LIMA, Vivaldo da Costa. *A família-de-santo nos candomblés jeje-nagôs da Bahia; um estudo de relações intergrupais*. Salvador: Editora da Universidade Católica, 1977.

LINS, Wilson. *O médio São Francisco: uma sociedade de pastores e guerreiros*. 3ª ed. São Paulo: Ed. Nacional/ Brasília: INL, Fundação Pró Memória, 1983.

LOPES, Nei. *Bantos, Malês e identidade negra*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. *Dicionário escolar afro-brasileiro-brasileiro*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2006.

_____. LOPES, Ney. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. 4ª ed. São Paulo: Selo Negro, 2011.

LOPES, Valter Frank de Mesquita. *O museu virtual como ecossistema comunicativo: um estudo da semiose dos processos comunicativos do Google art Project*. 2011.98f. Dissertação (Mestrado) – UFAM, Manaus, 2011.

MAIA, Carlos Vasconcelos. *ABC do Candomblé*. Bahia: Carlito Ed. 1978.

MARCUZZO, Patrícia. *Diálogo inconcluso: os conceitos de dialogismo e polifonia na obra de Mikhail Bakhtin*. Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 36, junho de 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/cadernosdoil/>.

MARTINS, Luciana Conceição de Almeida. *Colaboração, tecnologia e ensino de História: O pensar histórico e a autoria de hipermídia em rede*. 2009. 137f. Dissertação (Mestrado) – Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2009.

_____. *História Pública do quilombo do Cabula: representações de resistências em museu virtual 3D aplicada à mobilização do turismo de base comunitária*. 311f. il. 2017. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

_____. ; SILVA, F. P. S. ; DÉJARDIN, Isabelle P. Reflexões Sobre a Importância da Investigação Histórica para o Ecoturismo e o Turismo de Base Comunitária. *El Periplo Sustentable, México*. v. 14, p. 187-207, 2013.

MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues. *Procedimentos de autoria hipermídia em rede de computadores: um ambiente mediador para o ensino aprendizagem de História*. Salvador, 2001. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia.

_____. Tecnologias para a colaboração. *Revista FAEEBA*, Salvador. V. 13, nº 22, p.431-440, 2005.

_____. *Tecnologias de aprendizagem em rede e ensino de história: utilizando comunidades de aprendizagem e hiper composição*. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.

_____. Desenvolvimento de metodologia de design socioconstrutivista para a produção do conhecimento. In: GURGEL, Paulo; SANTOS, Wilson. (Org.). *Saberes plurais, difusão do conhecimento e práxis pedagógicos*. 1ed. Salvador: EDUFBA, 2012, v. 1, p. 237-258.

_____. *História da Bahia*: licenciatura em História. Salvador: Eduneb, 2013.

_____. Novas Linguagens para a História. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, v. 175, p. 267-290, 2014.

_____. Apresentação. *Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 23, n. 42, jul./dez. 2014.

_____. MATTA, A; SILVA, F; BOAVENTURA, E. Design-based Research ou Pesquisa de Desenvolvimento: metodologia para pesquisa aplicada de inovação na educação no século XXI. *Revista da FAEEBA*. Salvador, v.23, n.42, p.23-36, jan/dez. 2014.

MATTOSO, Kátia. M. de Queiróz. “Os escravos da Bahia no alvorecer do século XIX (estudo de um grupo social)”. *Revista de História*, nº 97. 1974.

_____. *Ser escravo no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

_____. *Família e sociedade na Bahia do século XIX*. São Paulo: Corrupio/ Brasília: CNPq, 1988.

_____. *Bahia século XIX, uma província do Império*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1992.

_____. “O filho de escrava” In PRIORE, Mary Del (org.) *História da criança no Brasil*. 4ª ed., São Paulo: Contexto, 1996.

MEDRADO, Joana. *Terra de vaqueiros: relações de trabalho e cultura política no Sertão da Bahia, 1880-1990*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

MEIHY, José Carlos Sebe. *Memórias e narrativas: história oral aplicada*. São Paulo: Ed. Contexto, 2020.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *Para que serve um Museu Histórico? Como explorar um museu histórico*. São Paulo: Museu Paulista: USP, 1992.

_____. *Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-104, 1998.

_____. *Educação e museus: sedução, riscos e ilusões*. Ciências & Letras. Educação e Patrimônio. Histórico-Cultural. N.27. p.91-101, Edição Jan/jun. 2000.

MILLET, Henrique Augusto. *A lavoura da cana de açúcar*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco-Massangana, 1989.

MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

MOURA, Clóvis. *Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas*. São Paulo: Zumbi, 1959.

_____. Clóvis. *Dicionário da Escravidão Negra no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2004.

NEVES, Erivaldo Fagundes. *Escravidão e Policultura*. Clio. Série História do Nordeste (UFPE), Recife, v. 15, p. 74-89, 1994.

_____. *Uma Comunidade Sertaneja: da Sesmaria ao Minifúndio (um Estudo de História Regional e Local)*. 2. ed. rev. e ampl. Salvador e Feira de Santana: EDUFBA e UEFS Editora, 2008. v. 1. 386p.

NICOLIN, Janice de Sena. *Ecos que entoam uma mata africano-brasileira*. Salvador: EDUFBA, 2014.

NINA RODRIGUES, Raimundo. *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1932.

NORA, Pierre. *Entre história e memória: a problemática dos lugares*. *Revista Projeto História*. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

NUNES, Antonietta de Aguiar. "Diversos grupos negros africanos que vieram para a Bahia desde o século XVI". In: *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*. Vol. 150, nº 364, julho/setembro 1989.

_____, Antonietta d'Aguiar. *Conhecendo a História da Bahia: da pré-história a 1815*. Salvador: Quarteto, 2013.

OLIVEIRA, Maria Inês Cortes de. *O liberto: o seu mundo e os outros*. Salvador: 1790/ 1890. São Paulo: Corrupio/ Brasília: CNPq, 1988.

_____. Maria Inês Côrtes de. "Quem eram os "negros da Guiné? A origem dos africanos na Bahia". *Revista Afro-Ásia*, n. 19/20 (1997).

OLIVEIRA, Waldir Freitas. *Os primeiros tempos medievais: os reinos germanos*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1988.

PANG, Eul-Soo. *Coronelismo e oligarquias, 1889-1943. A Bahia na primeira República brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. "A Política Indigenista no Século XIX". *Revista de História* (Porto), São Paulo, p. 153-156, 1992. (Resenha de Manuela Carneiro da CUNHA).

_____. "De como se obter Mão-de-obra Indígena na Bahia entre os Séculos XVI e XVIII". *Revista de História* (Porto), São Paulo, v. 129-31, p. 179-208, 1994.

_____. "A visão indígena e portuguesa na descoberta do Brasil: a formação da primeira família brasileira". *Revista da Fundação Pedro Calmon*, Salvador - Bahia, v. 05, n.05, p. 79-86, 2000.

_____. Formando trabalhadores: missões e missionários capuchinhos na Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo (1845-1890). In: Lígia Bellini, Antônio Luigi Negro e Everton Sales Souza. (Org.). *Tecendo histórias. Espaço, política e identidade*. Salvador: Edufba, 2010, v. 1, p. 20-35.

PEDREIRA, Pedro Tomás. *Os quilombos brasileiros*. Salvador: Departamento de Cultura, S. MEC., 1973.

PIERSON, Donald. Brancos e pretos na Bahia: Estudo do contacto racial. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945. In *Brasiliana da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, 2001. p. 105. Disponível em: <http://www.brasiliana.com.br/obras/brancos-e-pretos-na-bahia-estudo-de-contato-racial/pagina/3/texto>. Acesso em: 17/11/2019.

PINHO, Wanderley. *História de um engenho do Recôncavo*: Matoim, Novo Caboto, Freguesia: 1552-1944. 2ª ed., il. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1982.

_____. "Era assim o Recôncavo". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio Janeiro, V.147, n.351, p.391-396, abril/junho. 1986.

PINTO, Alfredo Moreira. *Dicionário Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1896.

PINTO, E. *Os indígenas do Nordeste*. São Paulo, 1938.

POLLAK, Michael. "Memória e Identidade Social". *Estudos históricos*, Rio Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, p. 200-212.

PONDÉ, Adriano de Azevedo. *Contribuições para o estudo das águas minero-medicinais de Itapicuru*. Salvador: Livraria Duas Américas, 1923. 1v. (Tese-Faculdade de Medicina da Bahia).

_____. "Radioatividade das águas minero-medicinais do Itapicuru". *Brasil Médico*. Rio de Janeiro, 39 (1): 58-62, 1925.

QUERINO, Manoel. *A raça africana e seus costumes na Bahia*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1917.

----- Manoel. *O africano como colonizador*. Salvador: Progresso, 1954.

RAMOS, Artur. *O negro brasileiro; etnografia religiosa*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1951.

RAMOS, Hugo de Carvalho. *Tropas e boiadas*. 4ª ed. São Paulo: Companhia Editora Panorama, 1950.

RAMOS, Paula; GIANNELLA, Tais Rabetti e STRUCHINER, Miriam. *A pesquisa baseada em design em artigos científicos sobre o uso de ambientes*

de aprendizagem mediados pelas tecnologias da informação e da comunicação no ensino de ciências: uma análise preliminar. VII Enpec - Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciência. Florianópolis, 08 de novembro de 2009.

REGO, André de Almeida. *Trajetórias de vidas rotas: terra, trabalho e identidade indígena na Província as Bahia (1822 – 1862).* Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em História Social-PPGH. Salvador, 2014.

REGO, José Lins do. *Menino de Engenho.* Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1932.

REGO, Waldeloir. *Candomblé.* Salvador. Departamento de Turismo, ed. mimeografada.

REGO, Teresa Cristina. Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 18 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p.73 – (Educação e conhecimento).

REIS, João José e SILVA, Eduardo. *Negociação e Conflito: a resistência negra no Brasil escravista.* São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *A morte é uma festa. Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. *Escravos e coiteiros no quilombo do Oitizeiro-Bahia, 1806.* In. REIS e GOMES (Org.). *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *Domingos Sodré, um sacerdote africano: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX.* São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil.* 6ª ed. São Paulo: Nacional; Brasília: Ed. da Univ. de Brasília, 1982.

RUCQUOI, Adeline. *História Medieval da Península Ibérica.* Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

SAMPAIO, Consuelo Novais (Org.). *Canudos: cartas para o Barão.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

SAMPAIO, Theodoro. *O tupi na geografia nacional*. Introd.e notas de Frederico G. Edelweiss. Salvador: Câmara Municipal, 1955.

SANTOS, Aline de Assis. Ancestralidade e história no recôncavo baiano: Construção do Conhecimento Ancestral no Povoado de São Braz em Santo Amaro. Salvador, 2014. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia.

SANTOS FILHO, Licurgo. *Uma Comunidade Rural do Brasil Antigo (Aspectos da Vida Patriarcal no Sertão da Bahia nos Séculos XVIII e XIX)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

SCHITTINO, Renata. O conceito de público e o compartilhamento da história. In. SANTIAGO, R. (Org.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e voz, 2016.

SCHWARTZ, Stuart B. *Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550 -1835*; tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 97.

_____. *Escravos, Roceiros e Rebeldes*. Trad. Jussara Simões. Bauru (SP): Edusc, 2001. 306p. (História).

SENA, Consuelo Pondé de. *Introdução ao estudo de uma comunidade do agreste baiano. Itapicuru, 1830/1892*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1979.

SILVA, Alberto da Costa e. *A Enxada e a Lança: a África antes dos portugueses*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SILVA, Francisca de Paula Santos Silva. (Org.). *Turismo de base comunitária e cooperativismo: articulando pesquisa e ensino no Cabula e entorno*. Salvador: EDUNEB, 2013.

SIQUEIRA, B. *Os cariris do Nordeste*. Rio de Janeiro, 1978.

SLENES, Robert. W. "The Brazilian Slave Trade, 1850-1888: Regional Economies, Slave Experience and the politics of a peculiar Market, in: W. Walter Johnson (ed.) *The chattel principle. Internal slave trends in the*

Americas. Foreword by David Brion Davis. New-Haven-Londres: Yale University Press, 2004.

SOUSA, Avanete Pereira. *A Bahia no século XVIII: poder político local e atividades econômicas*. São Paulo: Alameda, 2012.

SOUZA, Bernardino José de. *Ciclo do carro de bois no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

SOUZA, Gabriel Soares de. *Notícia do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1974.

SPIX, Johan Baptiste Von. *Através da Bahia*. 3ª ed. Salvador: Assembleia Legislativa, 2016.

TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. 10.ed. São Paulo: Ed. UNESP/ Salvador: EDUFBA, 2001.

TEIXEIRA, Cid. *Bahia: Caminhos, estradas, rodovias*. Notas para a história. Salvador: Sinduscon, 1998.

THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria: ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

TINHORÃO, José Ramos. *Música popular de índios, negros e mestiços*. Petrópolis: Vozes, 1972.

VERGER, Pierre. *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o golfo do Benim e a Bahia de Todos os Santos dos séculos XVII a XIX*. 3ed. Tradução de Tasso Gadzanis. São Paulo: Corrupio, 1987.

VIANA, Hélio. *Primeiros povoados do Brasil*. São Paulo: Nacional, 1948.

VIANA, Larissa. *O idioma da mestiçagem*. São Paulo: Unicamp, 2007.

VIANA, Urbino. *Sobre o gado curraleira. Notas históricas, informações e dados para conhecimento e estudo das raças formadoras dos nossos bovinos*. Rio de Janeiro, 1927.

VIANNA, Francisco Vicente & FERREIRA, José Carlos. *Memória sobre o estado da Bahia*. Salvador: Tipografia do Diário de Notícias, 1893.

VIANNA FILHO, Luiz. *O Negro na Bahia: um ensaio clássico sobre a escravidão*. Salvador: EDUFBA, 2008.

VILHENA, Luís dos Santos. *A Bahia no século XVIII*. Salvador: Ed. Itapuã, 1968. 3v.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *A construção do pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

WILLIAM, Raymond. *Cultura e sociedade: de Coleridge a Orwell*. São Paulo: Vozes, 2011.

ZAOUAL, Hassan. Do turismo de massa ao turismo situado, quais as transições? In: In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Orgs). *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

ZORZO, Francisco Antônio. *Sitientibus. Retornando à história da rede viária baiana: o estudo dos efeitos do desenvolvimento ferroviário na expansão da rede rodoviária da Bahia (1850 – 1950)*. Feira de Santana, nº 22, p.99-115, jan (jun.2000).

FONTES:

- **Fontes manuscritas**

ABJ. *Caderno para lançamento dos animais desta fazenda e de outras notas relativas à casa do Camuciatá*. Camuciatá, 17 de novembro de 1902.

ABJ. *Caderno para o lançamento das despesas da fazenda e prestação de conta com os vaqueiros*.

ABJ. *Caderno referente ao rol de partilha das fazendas de 1900 em diante*.

ABJ. *Lista com as despesas com o açude do Riacho Direito*. 1903.

ABJ. *Cartas do arquivo do Barão de Jeremoabo (1865-1903)*.

ABJ. Cartas do arquivo do Barão de Jeremoabo sobre Canudos (1894-1899)

ABJ, Ata da inauguração do palacete da fazenda Santo Antônio do Camuciatá. 10 de março de 1894.

ABJ. Cartas sobre Lampião do arquivo de João da Costa Pinto Dantas (1920-1939).

AHFEC. Documentos do arquivo da fazenda engenho Camuciatá (1754-1965).

ABJ. Jeremoabo, Barão. *Livro de notas (Assentamentos de nascimentos, batizados, casamentos e óbitos de minha família, parente e amigo)*. Camuciatá, 24 de janeiro de 1895.

AHFEC.VELHO, Domingos; REIS, João Dantas dos. *2º Livro de registros de patentes do comando Superior dos municípios de Monte Santo e Santo Amaro*. 14 de março de 1867.

APEB, Série Judiciária. *Auto de inventário e Partilha do Barão de Jeremoabo*, 1903.

APEB, Livro de Patentes e Provisões Reais. (1751-1757). Alvará de confirmação de sesmaria concedida a Baltazar dos Reis Porto. 12 de dezembro de 1753.

APEB, Livro de Patentes e Provisões Reais. (1751-1757). *Alvará de confirmação de sesmaria concedida a Manoel Alves Aranha*. 19 de agosto de 1756.

APEB, Livro de Atas da Câmara de Vereadores de Itapicuru. *Termo de posse de João D'Antas dos Reis Portátil no posto de Capitão Mór de Itapicuru*. 24.10.1819.

APEB, Testamento do Capitão-mor João D'Antas dos Imperiais Itapicuru. 1830.

APEB, *Termo de posse de João D'Antas no Conselho Interino do governo da província da Bahia*, 05.11.1822.

BN, *Provisão de medição e demarcação das terras da missão da Saúde*. Rio, 05 de março de 1827.

AIHS, *Carta do general Pedro Labatut a João D'Antas*. 22.10.1822.

Biblioteca Nacional, manuscrito de 17/05/1886.

- **Viajantes, cronistas, escritores que escreveram sobre Itapicuru, a fazenda engenho Camuciatá e a família Dantas.**

AGUIAR, Durval Viera de. *Descrições práticas da província da Bahia: com declaração de todas as distâncias intermediárias das cidades, vilas e povoações*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1979.

CARVALHO, Álvaro Pinto Dantas de. *O Barão de Jeremoabo e a política do seu tempo: trajetória de um líder conservador na Bahia*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 2006.

CARVALHO, André Monteiro Pinto Dantas de. *Velho Itapicuru. A História de um passado de glórias*. 2ª ed. Salvador: ALBA, 2021.

DANTAS, Monica Duarte. *Fronteiras movediças: relações sociais na Bahia do século XIX: (a comarca de Itapicuru e a formação do arraial de Canudos)*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild: Fapesp, 2007.

Llosa, Mário Vargas. *A guerra do fim do mundo*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1981.

Martius, Carl Friedrich Philipp von e Spix, Johann Baptist von. *Através da Bahia: excreptos da obra Reise in Brasilien*. Tradução Drs. Pirajá da Silva e Paulo Wolf. 3ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. In. *Brasiliana da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, 2001. p. 112. Disponível em: <http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/obras/16/Atraves-da-Bahia-excertos-da-obra-Reise-in-Brasilien>. Acesso: 20/02/2015.

REMOND, René. “Do político”, in René Remond. *Por uma breve história política*. Rio de Janeiro: FGV/UFRJ, 1996.

SAMPAIO, Consuelo Novais (Org.). *Canudos: cartas para o Barão*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

SENA, Consuelo Pondé de. *Uma introdução ao estudo de uma comunidade do agreste baiano. Itapicuru, 1830-1892*. Bahia: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1979.

VILHENA, Luís dos Santos. *A Bahia no século XVIII*. Vol I. Bahia: Editora Itapuã, 1969.

_____. *A Bahia no século XVIII*. Vol II. Bahia: Editora Itapuã, 1969.

- **Coleção e fontes impressas**

Anais do Parlamento Brasileiro. Câmara dos Deputados. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve & C., 1869-1877; 1886-1889.

Anais do Senado do Estado Federado da Bahia. Bahia: Typographia do Diário da Bahia. 1891-1895.

Assembleia Geral Legislativa. *Lei da organização municipal de 20 de outubro de 1891*. Bahia: Typographia e Encadernação do Diário da Bahia, 1891.

Ata da instalação da Câmara Municipal da Vila de Nossa Senhora de Bom Conselho dos Montes do Boqueirão. Posse do Barão de Jeremoabo no cargo de vereador da Câmara Municipal de Bom Conselho). 28 de março de 1876.

Ata do termo de juramento e posse do barão de Jeremoabo no cargo de intendente municipal de Itapicuru, 1893.

Circular pedindo voto para as eleições da Câmara Temporária (deputados gerais). Camuciatá, outubro de 1894.

JEREMOABO, Barão de. “A liga da lavoura e do comércio de Santo Amaro”. Jornal não identificado. 13 de dezembro de 1894.

_____. “A eleição do 9º distrito”. *Gazeta da Bahia*. 18 de dezembro de 1884.

_____. “Manifesto ao Partido Conservador da Bahia e aos eleitores do 9º distrito”. Bahia, 29 de abril de 1886.

_____. “Manifesto recomendando a candidatura do conselheiro Rui Barbosa ao senado federal”. Bahia, 31 de maio de 1892.

Reforma Eleitoral. *Lei nº 3029 de 9 de janeiro de 1881*. Rio de Janeiro: Livraria Econômica de Tolentino Alvares & Irmão, 1881.

- **Fontes orais.**

ALVES, Maria Luzinete. (50 anos/ feirante). Entrevista XXIV (agosto.2022). Concedida a Álvaro Pinto Dantas de Carvalho Júnior. Itapicuru-Ba, 2022.

BATISTA, Antônio Roseno Bento. (92 anos, trabalhador rural). Entrevista XXV (set.2022). Concedida a Álvaro Pinto Dantas de Carvalho Júnior. Povoado do Manco, Itapicuru-Ba, 2022.

BATISTA, Carmem Lúcia Bento. (56 anos/ aposentada). Entrevista XXVI (set.2022). Concedida a Álvaro Pinto Dantas de Carvalho Júnior. Povoado do Manco, Itapicuru-Ba, 2022.

BATISTA, João Moura (João de Dobe). (60 anos/ vaqueiro). Entrevista XIII (maio.2022). Concedida a Álvaro Pinto Dantas de Carvalho Júnior. Fazenda Pau Ferro, Itapicuru-Ba, 2022.

BATISTA, Madalena Bento (mãe Nena). (99 anos/ parteira e rezadeira). Entrevista IV (fev.2022). Concedida a Álvaro Pinto Dantas de Carvalho Júnior. Povoado do Manco, Itapicuru-Ba, 2022.

BATISTA, Maria José Alves Santana (Bizé). (54, doceira). Entrevista XV (maio.2022). Concedida a Álvaro Pinto Dantas de Carvalho Júnior. Povoado do Manco, Itapicuru-Ba, 2022.

BATISTA, Marizete Santos (Dete). (67 anos/ artesã). Entrevista I (jan.2022). Concedida a Álvaro Pinto Dantas de Carvalho Júnior. Povoado do Manco, Itapicuru-Ba, 2022.

BATISTA, Nilvanete (Nete). (45 anos/ trabalhadora rural). Entrevista II (jan.2022). Concedida a Álvaro Pinto Dantas de Carvalho Júnior. Fazenda Camuciatá, Itapicuru-Ba, 2022.

BENTO, José Maria Romano (78 anos, serviços da casa grande da fazenda Santana do Camuciatá). Entrevista XXVII (outubro.2022). Concedida a Álvaro Pinto Dantas de Carvalho Júnior. Fazenda Camuciatá, Itapicuru-Ba, 2022.

CARVALHO, Álvaro Pinto Dantas de. (89, advogado, bisneto do barão de Jeremoabo). Entrevista XXIX (junho.2019). Concedida a Álvaro Pinto Dantas de Carvalho Júnior. Fazenda Camuciatá, Itapicuru-Ba, 2019.

CARVALHO, Marlene Monteiro Pinto Dantas de. (79, professora, bisneta do barão de Jeremoabo). Entrevista XXXIII (jan.2020). Concedida a Álvaro Pinto Dantas de Carvalho Júnior. Fazenda Camuciatá, Itapicuru-Ba, 2020.

CRUZ, Ronilson Batista da. (28 anos/ zabumbeiro). Entrevista XXII (Agost.2022). Concedida a Álvaro Pinto Dantas de Carvalho Júnior. Fazenda Camuciatá, Itapicuru-Ba, 2022.

DANTAS, Maria Mercedes Tourinho. (89, historiadora, bisneta do barão de Jeremoabo). Entrevista XXX (jan.2020). Concedida a Álvaro Pinto Dantas de Carvalho Júnior. Fazenda Camuciatá, Itapicuru-Ba, 2020.

DANTAS, Otávio Tourinho. (91, Médico, bisneto do barão de Jeremoabo). Entrevista XXXII (jan.2020). Concedida a Álvaro Pinto Dantas de Carvalho Júnior. Salvador-Ba, 2020.

DANTAS NETO, João da Costa Pinto. (87, advogado, bisneto do barão de Jeremoabo). Entrevista XXXI (jan.2020). Concedida a Álvaro Pinto Dantas de Carvalho Júnior. Salvador, 2020.

GAMA, José Claro da. (76 anos, produtor de farinha). Entrevista XVIII (junho.2022). Concedida a Álvaro Pinto Dantas de Carvalho Júnior. Povoado do Manco, Itapicuru-Ba, 2022.

MARIA FILHA, Adelina (Adelininha). (55 anos/ doceira). Entrevista XXI (julho.2022). Concedida a Álvaro Pinto Dantas de Carvalho Júnior. Povoado do Manco, Itapicuru-Ba, 2022.

MATOS, Alice Silva. (05 anos/ estudante). Entrevista VIII (marc.2022). Concedida a Álvaro Pinto Dantas de Carvalho Júnior. Povoado do Manco, Itapicuru-Ba, 2022.

OLIVEIRA, Carlos Eduardo Gama de (Kadu). (17 anos/ estudante). Entrevista XIX (julho.2022). Concedida a Álvaro Pinto Dantas de Carvalho Júnior. Povoado do Manco, Itapicuru-Ba, 2022.

RIBEIRO, Ana Vitória Batista. (10 anos/ Estudante). Entrevista III (jan.2022). Concedida a Álvaro Pinto Dantas de Carvalho Júnior. Povoado do Manco, Itapicuru-Ba, 2022.

RIBEIRO, Edvaldo Santos Ribeiro (Bicudo). (54 anos/ trabalhador rural). Entrevista XI (abril.2022). Concedida a Álvaro Pinto Dantas de Carvalho Júnior. Fazenda Camuciatá, Itapicuru-Ba, 2022.

SANTANA, Adelson Bento de. (32 anos, aboiador) Entrevista XXVIII (outubro.2022). Concedida a Álvaro Pinto Dantas de Carvalho Júnior. Fazenda Camuciatá, Itapicuru-Ba, 2022.

SANTANA, Celso Ricardo Alves de (46 anos, vaqueiro). Entrevista XII (abril.2022). Concedida a Álvaro Pinto Dantas de Carvalho Júnior. Fazenda Camuciatá, Itapicuru-Ba, 2022.

SANTOS, José Marcos Souza. (45 anos/ trabalhador rural). Entrevista X (abril.2022). Concedida a Álvaro Pinto Dantas de Carvalho Júnior. Fazenda Camuciatá, Itapicuru-Ba, 2022.

SILVA, Andira Souza. (42 anos/ Professora). Entrevista IX (marc.2022). Concedida a Álvaro Pinto Dantas de Carvalho Júnior. Povoado do Manco, Itapicuru-Ba, 2022.

SILVA, Andreia Souza Silva. (45 anos/ Dona de Casa). Entrevista VII (marc.2022). Concedida a Álvaro Pinto Dantas de Carvalho Júnior. Povoado do Manco, Itapicuru-Ba, 2022.

SILVA, Antônio da Silva (Saragaio). (72 anos/ Trabalhador rural). Entrevista VI (fev.2022). Concedida a Álvaro Pinto Dantas de Carvalho Júnior. Povoado do Manco, Itapicuru-Ba, 2022.

SILVA, Arlete Souza. (64 anos/ professora). Entrevista V (fev.2022). Concedida a Álvaro Pinto Dantas de Carvalho Júnior. Povoado do Manco, Itapicuru-Ba, 2022.

SOUZA, Carlos Augusto de Jesus (Cacá). (56 anos, produtor rural). Entrevista XVI (junho.2022). Concedida a Álvaro Pinto Dantas de Carvalho Júnior. Povoado do Manco, Itapicuru-Ba, 2022.

SOUZA, João Ângelo de (Bisuga). (75/ produtor de mel). Entrevista XIV (maio.2022). Concedida a Álvaro Pinto Dantas de Carvalho Júnior. Povoado do Manco, Itapicuru-Ba, 2022.

SOUZA, João Batista de Jesus (João do Gás). (50 anos, Carreiro). Entrevista XVII (junho.2022). Concedida a Álvaro Pinto Dantas de Carvalho Júnior. Povoado do Manco, Itapicuru-Ba, 2022.

SOUZA, Mário Ângelo de. (76 anos/ serviços da casa grande da fazenda Pau Ferro). Entrevista XX (julho.2022). Concedida a Álvaro Pinto Dantas de Carvalho Júnior. Fazenda Pau Ferro, Itapicuru-Ba, 2022.

SOUZA, Valter de. (48 anos/ zabumbeiro). Entrevista XXIII (agosto.2022). Concedida a Álvaro Pinto Dantas de Carvalho Júnior. Povoado do Manco, Itapicuru-Ba, 2022.

- **Fontes cartográficas.**

Carta topográfica e Administrativa da Província da Bahia publicada por J. Viliers de L'le Adam. 1848.

Guia dos Caminhantes – capitânia da Bahia por Anastácio de Santa'Anna. Ano de 1817. Reproduzido em Lorelay Brilhante Kury e. aljan (Org.). Sertões de Dentro – Viagens nas caatingas. Século XVI ao XIX. Rio de Janeiro: Andrea Jakobson, 2012.

Mapa do Estado da Bahia publicado pelo governo do Estado, desenhado por Teodoro Sampaio. 1925.

Mapa de Itapicuru (Arquivo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia). Década de 1940.

Mapa do Estado de Sergipe e da parte Nordeste do Estado da Bahia pelo engenheiro Ralph H. Soper. Julho de 1914.

Os mapas utilizados como base cartográfica para situar o museu da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciata e Povoado do Manco no Brasil, na Bahia, na região nordeste do Estado, bem como o seu território entre fazendas e povoados do entorno foram gentilmente elaborados e cedidos para compor o acervo desse museu pelo geografo Osmar Barreto Borges que os projetou a partir do Google Earth.

ANEXO A

Quadros do Design do acervo do museu virtual, em foto e vídeo, da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciatá, Povoado do Manco (MVICM)

Quadro 01 – Design do Museu Virtual da Vila de Itapicuru, Fazenda-Engenho Camuciatá, Povoado do Manco: missão de Nossa Senhora da Saúde e Santo Antônio.

Ambientes, objetos, personagens e edificações a serem projetados.	Soluções utilizadas para a projeção em foto e vídeo com câmera Canon 6D Mark II e Drone.	
<p>▣ Espaços/ Ambientes</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ponto de partida da visita do museu, que é representado pelo território da antiga Missão de Nossa Senhora da Saúde e Santo Antônio. - Praça da vila de Itapicuru no começo do século XX. – - Paisagem panorâmica do entorno da área da antiga missão franciscana. - Morro da Serra Velha, que será avistado, descendo a ladeira da missão, rumo ao sul, roteiro para terras indígenas. - Estrada da Casa da Torre, rumo ao 	<p>▣ Soluções técnicas</p> <ul style="list-style-type: none"> - A referência que será usada para projetar a área de uma missão jesuítica e depois franciscana foi uma imagem de uma planta padrão que reproduz uma típica missão da época encontrada no seguinte endereço: https://projetoriograndetche.weebly.com/missotildees-jesuiacuteticas.html - Foto do arquivo histórico do Barão de Jeremoabo. - A reconstituição da paisagem do entorno, foi feita de acordo com filmagem feita por drone. 	<p>▣ Soluções cognitivas</p> <ul style="list-style-type: none"> - O visitante/ participante sendo transportado para o cenário do aldeamento indígena se sentirá imerso em uma missão indígena jesuítica dos séculos XVII e XVIII. Isso será possível graças ao suporte tecnológico em foto e filmagem com drone. - Objetiva-se que a partir da visualização do espaço geográfico do museu, os visitantes poderão refletir sobre as permanências e mudanças ocorridas no meio ambiente após terem transcorridos três séculos de existência. Essa possibilidade está de acordo com a interdisciplinaridade adotada nesse trabalho.

<p>norte, roteiro para a Vila Velha.</p>	<p>- Esses dois espaços/ambientes serão projetados de acordo com imagens aéreas feitas por mapeamento aéreo com Drone.</p>	
<p>. Edificações</p> <p>- Convento dos jesuítas.</p> <p>Capela/igreja dos franciscanos com a planta baixa da igreja do Bom Jesus da Glória, na cidade de Jacobina.</p> <p>-Habitações indígenas em uma aldeia missionária.</p>	<p>- A localização do convento na Missão da Saúde foi possível a partir de uma imagem do século XVIII reproduzida pelo heraldista capitão Vitor Hugo. Seguindo padrão de construção jesuítico iremos projetamos na terceira versão do museu duas imagens de igreja e convento que com pequenas diferenças se espalharam por todo o Brasil. As imagens foram pesquisadas no seguinte endereço eletrônico: Novo Milênio: Histórias e Lendas de Santos: O colégio e a igreja que os jesuítas criaram (novomilenio.inf.br)</p> <p>- Para representar a capela/igreja construída pelos franciscanos utilizaremos uma imagem antiga: a pintura feita pelo heraldista Victor Hugo, do século XVIII. A planta baixa da igreja do Bom Jesus da Glória.</p> <p>- As referências utilizadas foram as imagens de habitações indígenas registrados pela historiografia no período dos séculos XVII e XVIII. Fonte: Os índios no século XIX em Sergipe.: Os aldeamentos (osindiosemsergipe.blogspot.com)</p>	<p>- A partir da visualização da presença do convento na Missão e da capela dos franciscanos, o visitante será inserido no conteúdo do processo de catequização dos índios no período colonial e poderá melhor compreender o contexto histórico da época.</p> <p>-Essas edificações projetadas permitirá o conhecimento do visitante sobre a temática da presença da etnia indígena no museu virtual e possibilitará a criação de hipóteses investigativas, de acordo com o princípio do pensar histórico.</p>
<p>Personagens:</p> <p>- Pe. Franciscano</p>	<p>- A imagem projetada é de um típico padre</p>	<p>- A presença da</p>

<p>- Índio da tribo Kiriri.</p>	<p>franciscano com o traje da ordem. Imagem será incluída na 3ª versão do museu virtual. Fonte: https://www.researchgate.net/figure/FIGURA-2-Frei-Rogerio-Neuhaus-</p> <p>- Para ilustrar um índio Kiriri utilizamos fotografia tirada por José Balbino de Santana Júnior em 2019, presente em sua dissertação de mestrado “Kiriri tem Voz! Tecnologias e mídias livres na retomada étnico-cultural do povo Kiriri através da formação e desenvolvimento da Rádio Kiriri FM”, pela Universidade Federal da Bahia.</p>	<p>imagem dos dois personagens foi proposital no sentido de dar voz tanto ao representante oficial da igreja católica no Brasil, como ao índio que sempre foi relegado ao um segundo plano na historiografia oficial. A imagem dos dois, lado a lado, reforça o princípio de compartilhamento de práticas pelos sujeitos, onde o próprio contato de diferentes etnias traz a possibilidade da circularidade cultural.</p>
---------------------------------	--	---

Fonte: quadro elaborado pelo autor (2020), adaptado de MATTA, Alfredo E. R. ,2012; MARTINS, Luciana, C.A, 2017.

Quadro 02 – Design do Museu Virtual da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciata e Povoado do Manco: estrada da Casa da Torre rumo a Vila Velha.

Ambientes, objetos, personagens e edificações a serem projetados.	Soluções utilizadas para a projeção em foto e vídeo com câmera Canon 6D Mark II e Drone.	
<p>▣ Espaços/ Ambientes</p> <p>- Estrada da Casa da Torre: trilha estreita de terra vermelha e pedregosa em alguns trechos ardeada da vegetação típica do agreste.</p> <p>- Estradas da Casa da Torre no Nordeste da Bahia.</p>	<p>▣ Soluções técnicas</p> <p>- A estrada que ainda existe atualmente foi registrada através do mapeamento aerofotogramétrico feito por drone.</p> <p>- As referências encontradas são mapas do século XVIII que identificam algumas dessas estradas reproduzidas no livro <i>O Feudo (2000)</i>, de Luiz Alberto Moniz Bandeira.</p>	<p>▣ Soluções cognitivas</p> <p>- A visualização da trilha da Estrada da Casa da Torre permite que o visitante do museu interaja com o meio ambiente local e amplie conhecimentos sobre o contexto histórico da Bahia colonial, de acordo com o uso da interdisciplinaridade.</p> <p>- A utilização de mapas traz a perspectiva da diversidade de fontes, destacando-se a importância da cartografia para o estudo da história.</p>

<p>- Terras das sesmarias do Catu.</p> <p>- Vila Velha</p>	<p>- Para projetar essa área foi utilizado filmagem feitas por drone.</p> <p>- Para projetar o ambiente da Vila Velha foram feitas imagens áreas com drone da atual vila que hoje é distrito de Itapicuru.</p>	<p>- A importância do destaque dessa área é o de incentivar a inserção do sujeito/participante no contexto histórico da época, de acordo com todo o contexto que embasa a construção do museu.</p> <p>- A projeção da Vila Velha permite ao sujeito visitante conhecer a estrutura de uma vila da Bahia colonial já que a disposição geográfica do atual distrito da Vila é o mesmo de 300 anos atrás. Com isso ele está sendo inserido no contexto do século XVIII e imerso no conteúdo da época.</p>
<p>▪ Edificações:</p> <p>- Capelinha de uma vila do começo da colonização.</p>		
<p>▪ Objetos:</p> <p>- Urna funerária indígena de barro.</p>	<p>- A imagem a ser projetada é do modelo mais comum de urnas funerárias indígenas encontradas nas pesquisas arqueológicas realizadas na Bahia. A referência bate com a descrição feita por Raimundo de Virgílio, antigo morador da Vila Velha, que encontrou uma urna no local, mas que infelizmente não conseguimos encontrar.</p>	<p>- A escolha para projetar esse objeto tem como objetivo representar os usos e costumes de povos indígenas que viveram na região e cujos moradores atuais são seus descendentes. Além da imagem representada o visitante pode pesquisar em outras representações imagéticas que constam reproduzidas na historiografia indígena. Consideramos, assim, o princípio do compartilhamento de práticas por sujeitos.</p>
<p>▪ Personagens:</p> <p>- 02 vaqueiros caboclos montados a cavalo, com roupa de couro, tangendo uma boiada.</p>	<p>- A cena dos vaqueiros conduzindo uma boiada foi feita através de filmagem com drone e fotos.</p> <p>- Não encontramos pintura do Francisco Leite que chegou a</p>	<p>- A projeção desses personagens reforça e legitima os princípios do dialogismo, da interação e o pensar histórico. O visitante poderá interagir com eles a partir da leitura das</p>

<p>- 01 homem branco, montado a cavalo, representando o português e sesmeiro Francisco Gonçalves Leite.</p>	<p>Itapicuru vindo de Portugal no começo do século XVIII A referência utilizada para ilustrar esse personagem é uma imagem típica de um português com trajes da época montado a cavalo. Fonte: <u>HISTOBLOG HISTOBLOG - História Geral: A sociedade colonial (histoblogsu.blogspot.com)</u></p>	<p>caixas de texto e diálogo que estarão disponíveis podendo conduzir a reflexões problematizadoras a partir das suas realidades de vida.</p>
<p>■ Objetos de interação</p> <p>- Caixa de texto narrativo/ explicativo sobre a Casa da Torre e a importância das suas estradas.</p> <p>- Caixa de texto comunicando o destino do gado que passava pela estrada da Casa da Torre.</p> <p>- Caixa de diálogo onde o sesmeiro Francisco Gonçalves Leite explica o que é uma sesmaria e informa que todas as terras da redondeza pertenciam a ele e seus familiares.</p> <p>- Caixa de texto com a transcrição do Alvará de</p>	<p>- As informações sobre a Casa da Torre e sesmarias foram coletas nas obras de Pedro Calmon, <i>História da Casa da Torre</i> (1939) e de Luiz Alberto Moniz Bandeira, <i>O Feudo</i>. (2000).</p> <p>- Esse documento será inserido na terceira versão do museu virtual. (DANTAS JR, 1967).</p>	<p>- Para obter a interação com os ambientes da estrada da Casa da Torre, das sesmarias e da Vila Velha o visitante terá a possibilidade de clicar nos textos narrativos / explicativos, que estarão disponíveis em caixas de texto e de diálogo intituladas como “História Viva”</p> <p>- A partir do diálogo e informação trazida pelo sesmeiro Francisco Gonçalves Leite, o visitante, como sujeito historiador de si mesmo, através de uma síntese interpretativa, oriunda do contexto visitado, poderá refletir sobre a situação da distribuição da terra no século XXI no interior da Bahia.</p>

<p>conformação de sesmaria concedida a Baltazar dos Reis Porto (1753).</p> <p>- Caixa de texto informando para que serve uma funerária e como é utilizada, revelando dessa forma aspectos da cultura indígena.</p> <p>- Espaço interativo “Conheça o local no século XXI” contendo fotos da Vila Velha na atualidade.</p>	<p>- O espaço “Conheça o local no século XXI” permitirá que o visitante visualize imagens contemporâneas da localidade.</p>	<p>- A caixa de texto informando elementos da cultura indígena, possibilitará o reconhecimento de práticas culturais que continuam presente no cotidiano da população local, gerando o princípio da polifonia, onde somos, em parte, tudo que nos foi transmitido pelas gerações que nos antecederam.</p>
---	---	---

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Quadro 03 – Design da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciatá e Povoado do Manco: aldeia da Serra Velha.

<p>Ambientes, objetos, personagens e</p>	<p>Soluções utilizadas para a projeção em foto e vídeo com câmera Canon 6D Mark II e Drone.</p>
---	--

edificações a serem projetados.		
<p>■ Espaços/ Ambientes</p> <ul style="list-style-type: none"> - Trilha da Vila Velha até o caminho das “Areias Gordas” cercada por vegetação do agreste e da caatinga. - Riacho do Catuzinho, afluente do rio Itapicuru. -Serra Velha. - Clareira indígena. 	<p>■ Soluções técnicas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Para fazer a projeção da trilha, do riacho e da Serra Velha vamos utilizar imagens captadas pelo mapeamento aerofotogramétrico feito por drone. - A clareira indígena foi representada baseada em pesquisas em livros sobre a historiografia indígena e de acordo com fotos coletadas em sites de pesquisa sobre o assunto. Fonte: aldeia.jpg (640x426) (wordpress.com) 	<p>■ Soluções cognitivas</p> <ul style="list-style-type: none"> - A filmagem da trilha, do riacho e da Serra Velha tem o objetivo de inserir o visitante no ambiente físico, geográfico e ambiental desse espaço do museu, levando em conta o princípio da interdisciplinaridade e a proposta de imersão no ambiente. - A projeção da clareira está dentro da perspectiva de contextualização dos ambientes para que os visitantes possam ter uma compreensão mais próxima da realidade histórica vivida.
<p>Edificações:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Casas indígenas típicas da região e da aldeia da Serra Velha. - Interior de uma oca. 	<ul style="list-style-type: none"> - A organização socioespacial das residências indígenas do entorno de Itapicuru e sua projeção foram baseadas nas pesquisas de campo realizadas, em leituras na bibliografia específicas até chegar à conclusão da melhor fotografia a ser projetada no museu. Fonte: https://iree.org.br/a-visita-a-aldeia-da-cacica-maria-quajajara/ - Projetada através de fotografia respaldada com bibliografia 	<ul style="list-style-type: none"> - A projeção das residências através de fotografias permitirá a imersão dos visitantes em um contexto e ambiente do século XIX, criando, através da tecnologia possibilidades de encontro e zonas de aproximação,

	sobre história indígena.	gerando a possibilidade de comunicação de temporalidades diferentes.
<p>Objetos:</p> <p>- Rede de Crauá.</p> <p>Tubérculos de batata.</p> <p>-Mãos indígenas lavando ervas nativas para fazer uma beberagem e sendo cozinhadas em um fogão a lenha.</p>	<p>- A confecção de redes fazia parte da tecnologia indígena e representa um hábito cultural desses povos.</p> <p>- A batata será retratada por fazer parte da dieta básica das comunidades indígenas.</p> <p>- As ervas e plantas serão projetadas no processo de preparação das “beberagens” por serem os recursos materiais utilizados pelos índios para curar suas doenças. Utilizou-se fotos feitas pelo autor de plantas e folhas existentes no local e outras selecionadas em sites de pesquisa sobre o assunto.</p>	<p>- Os objetos que serão projetados irão contribuir para o engajamento dos sujeitos, a interação e a difusão do conhecimento.</p>
<p>Personagens:</p> <p>-Dois homens caboclos com trajes rurais do século XIX e com chapéu de palha tangendo burros com cangalhas carregadas com batata, aipim e raiz de mandioca.</p>	<p>- Os personagens serão registrados de acordo com as características dos índios Kiriris retratados na obra de Maria de Lurdes Bandeira e o capitão-mor de acordo com a representação feita por Vilhena.</p>	<p>- A presença dos personagens projetados no museu possibilita a transmissão de conhecimentos do modo de vida e dos saberes e fazeres da aldeia na região. Além disso, através das caixas de diálogo eles provocam a</p>

<p>-Capitão-mor João Dantas dos Imperiais Itapicuru maior proprietário de terras da região e herdeiro do poder dos Garcia d'Avila, da Casa da Torre.</p>	<p>- A ilustração desse personagem foi projetada por Rick Nunes e produzida por Ademir Leal. Por não termos pintura desse sujeito histórico falecido em 1832, época em que ainda não existia a fotografia, a imagem desenhada foi feita a partir de uma reconstrução facial baseada nas fotografias de seus dois filhos: José Dantas Itapicuru e João Dantas dos Reis.</p>	<p>reflexão crítica sobre o contexto da atualidade no local. Dessa forma estão presentes o princípio polifônico e dialógico. Nessa aproximação de tempos diferentes os personagens, a partir das tensões que reverberam através de suas falas e no contexto que estão inseridos, lançam questões-problemas solicitando a colaboração e incentivando o engajamento dos sujeitos envolvidos respaldados nos princípios do pensar histórico e também utilizando-se da interdisciplinaridade.</p>
<p>-José Dantas Itapicuru, filho do Capitão-mor. Diretor-geral dos índios da Comarca de 31 de julho de 1847 a 1862.</p>	<p>- O diretor geral de índios segue a representação das imagens dos fazendeiros e coronéis do período. A imagem do diretor geral dos índios será reproduzida a partir da tela pintada a óleo do personagem que se encontra no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.</p>	<p>reflexão crítica sobre o contexto da atualidade no local. Dessa forma estão presentes o princípio polifônico e dialógico. Nessa aproximação de tempos diferentes os personagens, a partir das tensões que reverberam através de suas falas e no contexto que estão inseridos, lançam questões-problemas solicitando a colaboração e incentivando o engajamento dos sujeitos envolvidos respaldados nos princípios do pensar histórico e também utilizando-se da interdisciplinaridade.</p>
<p>-Índio Tupinambá</p>	<p>- A foto do índio Tupinambá projetado representa o índio Manuel, um dos reclamantes no documento que protesta contra a solicitação do capitão-mor João Dantas dos Imperiais Itapicuru em demarcar as terras indígenas. Fonte: https://m.facebook.com/pg/%C3%8Dndio-tupinamb%C3%A1-107436884325451/posts/</p>	<p>reflexão crítica sobre o contexto da atualidade no local. Dessa forma estão presentes o princípio polifônico e dialógico. Nessa aproximação de tempos diferentes os personagens, a partir das tensões que reverberam através de suas falas e no contexto que estão inseridos, lançam questões-problemas solicitando a colaboração e incentivando o engajamento dos sujeitos envolvidos respaldados nos princípios do pensar histórico e também utilizando-se da interdisciplinaridade.</p>
<p>-Onça Sussuarana.</p>	<p>- A onça Sussuarana foi projetada a partir de pesquisa nas obras de pinturas de animais no Brasil, em Frans Post e Albert Eckhout. A imagem reproduzida é do seguinte site: https://www.infraestruturaambiente.sp.gov.br/pesm/especie/susuarana/</p>	<p>reflexão crítica sobre o contexto da atualidade no local. Dessa forma estão presentes o princípio polifônico e dialógico. Nessa aproximação de tempos diferentes os personagens, a partir das tensões que reverberam através de suas falas e no contexto que estão inseridos, lançam questões-problemas solicitando a colaboração e incentivando o engajamento dos sujeitos envolvidos respaldados nos princípios do pensar histórico e também utilizando-se da interdisciplinaridade.</p>

<p>■ Objetos de interação</p> <p>- Caixa de texto que traz um verbete com o significado do "Crauá".</p> <p>-Caixa de texto informando a denominação de algumas plantas e ervas medicinais existentes na região e para que serve.</p> <p>-Caixa de texto contendo documento do Capitão Mor João d'Antas dos Imperiais Itapicuru para provisão de medição e demarcação das terras da missão de Santo Antônio da Saúde (05 de março de 1827).</p> <p>-Caixa de texto com a transcrição do documento dos índios reclamando dos limites de demarcação das suas</p>	<p>- Esse documento será reproduzido na íntegra porque está inserido no contexto da política indígena adotada pela coroa portuguesa. Manuscrito transcrito a partir do original que se encontra no Arquivo Público do Estado da Bahia na pasta da Vila de N.S.de Nazaré de Itapicuru de Cima. Ano 1827, caixa 117.</p> <p>- Transcrito do original que se encontra no arquivo histórico do Barão de Jeremoabo.</p>	<p>- A informação sobre o tipo de erva e sua finalidade permite um compartilhamento de práticas.</p> <p>- Os objetos projetados e as caixas de texto dos documentos serão instrumentos de interação e consequente engajamento dos sujeitos do passado e do presente. Acessando as imagens, caixas de texto e de diálogo o visitante terá a oportunidade de ter a experiência de conhecer um pouco o cotidiano de uma aldeia indígena e o seu contexto através de uma abordagem socioconstrutivista onde estarão presentes os princípios da interação,</p>
--	--	---

<p>terras solicitada pelo Capitão mor João Dantas dos Imperiais Itapicuru.</p> <p>-Caixa de dialogo ao lado do índio Tupinambá Manoel onde encontra-se o seguinte questionamento e solicitação: "Qual a sua opinião a respeito da forma como as terras indígenas foram demarcadas?"</p> <p>-Caixa de texto informando a existência da Sussuarana na região e a constatação de sua extinção no entorno de Itapicuru no século XXI, podendo trazer reflexões sobre o meio os problemas que afetam a ecologia e o meio ambiente no mundo atual.</p>	<p>- Os documentos inseridos nas caixas de texto irão possibilitar e facilitar o diálogo entre os personagens e os visitantes, de acordo com as questões e desafios propostos pelos primeiros, que poderão ser respondidas por postagem de textos e imagens, em um espaço criado especialmente para este fim.</p>	<p>colaboração, pensar histórico, metacognição, e o engajamento dos sujeitos, tudo isso voltado para possíveis soluções pedagógicas.</p>
--	---	--

<p>- Caixa de texto com a relação de nomes de origem indígena ainda presentes em Itapicuru.</p>		
---	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020

Quadro 04 – Design da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciatá e Povoado do Manco: caminho do candomblé de Durvalina e do Mucambo.

<p>Ambientes.,</p>	
---------------------------	--

objetos, personagens e edificações a serem projetados.	Soluções utilizadas para a projeção em foto e vídeo com câmera Canon 6D Mark II e Drone.	
<p> ■ Espaços/Ambientes - Estrada Real no seu primeiro trecho mostrada no museu. -Rio Itapicuru. Mucambo </p>	<p> ■ Soluções técnicas - Será projetada através de filmagem feita pelo drone. - O rio Itapicuru foi projetado a partir de filmagem feitas por drone através de um mapeamento aerofotogramétrico. - Para pesquisarmos imagens que retratassem com mais proximidade um Mucambo embasamos nossa busca na historiografia sobre o assunto como, o livro Negociação e Conflito: a resistência negra no Brasil escravista (1989), do historiador João José Reis e Eduardo Silva. Fonte: https://sme.goiania.go.gov.br/conexaoescola/ensino_fundamental/comunidade-kalunga-o-maior-quilombo-remanescente-do-brasil/ </p>	<p> ■ Soluções cognitivas - A proposta de representação do rio Itapicuru pretende inserir o visitante no ecossistema da região, respaldado na interdisciplinaridade. - Projetando um Mucambo o visitante será inserido no contexto do século XVIII e XIX, se aproximando do ambiente da sócio-histórico da época, levando em conta o princípio da interação. </p>
<p> ■ Edificações: - Casa de Santo da lalorixá Durvalina - Cabanas simples, descritas da seguinte forma: térreas, com </p>	<p> - A projeção da casa de santo foi feita a partir de fotografia da fachada no local da edificação. - A descrição física das moradias típicas de um mucambo estão descritas em obras do historiador João José Reis e a partir dela se buscou imagens para serem projetadas no museu. Fontes: </p>	<p> - A projeção da casa de santo e das cabanas do Mucambo dentro de uma perspectiva sócio construtivista, está respaldada em alguns princípios fundamentais que legitimam o registro dessas edificações </p>

<p>paredes de estaca de madeira, entremeada de barro batido e cobertas por palha de coqueiro ou palmeira.</p> <p>- Povoado de Nova Olinda, distrito de Itapicuru, no começo de sua formação depois que deixou de ser a fazenda Mucambo.</p>	<p>https://www.curtamais.com.br/goiania/concurso-incentiva-projetos-de-habitacao-quilombola-em-goias</p> <p>- O povoado será projetado a partir de fotos antigas da cidade de Olindina. Fonte: https://climaonline.com.br/olindina-ba/foto/avenida-doutor-otavio-mangabeira-olindina-ba-8-21541</p>	<p>dentro da proposta deste museu, como a polifonia e o dialogismo, aproximação do visitante nos referidos ambientes fazendo a mediação entre aquela realidade do seu tempo, interagindo com os personagens que ali habitaram e consequentemente se engajando a partir da conscientização de ser um sujeito histórico capaz de entender e analisar sua própria realidade a partir de sua imersão no contexto da época.</p>
<p>Objeto:</p> <p>- Cajueiro frondoso, que se tornou local de parada e descanso dos moradores quando retornavam da feira a partir de 1831 quando a vila de Itapicuru foi transferida para as terras da antiga missão. A árvore se encontrava no final da</p>	<p>- Esse cajueiro será projetado não mais com a imagem da mesma árvore, mas a partir de fotografia pesquisada de acordo com a descrição de antigos moradores que o alcançaram antes dele morrer. Fonte: http://www.florestaaguadonorte.com.br/galeria-da-pagina-inicial/fruta-da-amazonia/caju/caju-amarelo/</p>	<p>- Entrando em contato com o meio ambiente da região o visitante se sentirá inserido no contexto ecológico da região, considerando o princípio da imersão no contexto ambiental.</p>

<p>aldeia da Serra Velha em um entroncamento que vai desembocar na estrada real.</p> <p>Tambores e atabaques</p> <p>- Pratos e moringas de barro com comidas: farofa, galinha, bebida.</p>	<p>- Os tambores e atabaques, como instrumentos musicais de origem africana, serão projetados a partir da fotografia com os originais ainda existentes.</p> <p>- Os utensílios utilizados para a alimentação são feitos a partir do barro, matéria prima abundante encontrada na região e utilizado tanto pelos negros, como pelos índios. Serão projetados junto com os alimentos típicos usados no candomblé a partir de fotografias tiradas com os descendentes da casa de santo.</p>	<p>- Os visitantes poderão conhecer a origem de cada instrumento a partir de caixas de áudio e ouvir os sons, dos instrumentos, gerando uma aproximação, pelo desenvolvimento sensorial do visitante, e com isso estimulando o compartilhamento de práticas culturais.</p>
<p>Personagens</p> <p>- lalorixá Durvalina.</p> <p>- Homens e mulheres participando do candomblé.</p> <p>- Escravo</p>	<p>- A lalorixá Durvalina será projetada a partir de uma fotografia existente em mãos dos seus descendentes.</p> <p>- Os personagens caboclos e negros serão projetados a partir de imagens pesquisadas pelo autor/pesquisador desse trabalho. Fonte: https://pbvale.com.br/brasil/terreiros-de-candomble-em-salvador-passam-a-ter-mesmo-direito-de-igrejas/</p>	<p>-A observação por parte dos visitantes e o contato estabelecido pelos personagens por caixas de diálogo no ambiente da casa de santo e do mucambo possibilitam uma imersão no contexto</p>

<p>africano nagô.</p>	<p>- O negro nagô será projetado a partir de fotografia do século XIX do acervo do Museu Histórico Nacional. Fonte: https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasilliana/handle/20.500.12156.1/6502</p>	<p>social e histórico dos referidos espaços confirmando a abordagem socioconstrutivista e alguns dos seus princípios básicos como a mediação, a interação e o engajamento dos sujeitos na medida em que o visitante se sentirá parte daquele contexto. A polifonia e o dialogismo também estão presentes entre todos os personagens envolvidos, pois todos transmite através do corpo e voz a sua cultura e o seu pensamento.</p>
<p>▣ Objetos de interação</p> <p>-Caixa de áudio com sons dos atabaques e tambores vindos da casa de santo da lalorixá Durvalina.</p> <p>- Caixa de diálogo com áudio com o depoiment</p>	<p>- Os sons serão gravados e reproduzido na caixa de áudio com os próprios participantes do Candomblé, descendentes da lalorixá.</p> <p>- A gravação será feita com os filhos da matriarca que faleceu em 2019.</p>	<p>- Com a disponibilização dos sons em uma caixa de áudio o visitante poderá sentir o clima do ritual do candomblé, ressaltando-se nessa possibilidade o princípio do compartilhamento de práticas pelos sujeitos históricos.</p> <p>- A interação se dará pela apropriação do conteúdo pelo visitante e pela</p>

<p>o dos descendentes da ialorixá Durvalina que iram explicar como acontece o ritual e apresentar á as comidas utilizadas e suas funções, como: farofa, a galinha, a bebida.</p>	<p>-</p>	<p>voz dos descendentes da ialorixa que através de sua fala abre a possibilidade do diálogo e com isso traz diversos princípios socioconstrutivistas, a saber: o engajamento dos sujeitos, a mediação, a interatividade, compartilhamento de práticas.</p>
<p>-Caixa de Texto contendo trecho do livro "O Candomblé na Bahia", descrevendo o ritual do candomblé no século XIX.</p>	<p>- O trecho do livro será reproduzido na íntegra e a fala da ialorixa se dará através do depoimento dos seus filhos que trarão a voz da matriarca do candomblé.</p>	<p>- Com a aproximação dos visitantes na Casa de Santo a interação acontecerá pelo contato cultural, onde haverá o compartilhamento de práticas, a polifonia e o dialogismo levando o visitante a perceber a diversidade cultural existente na região. O personagem irá levantar uma questão problema, pedindo ao visitante que reflita porque havia tão poucas casas de santo na região, já que a maioria da população era formada por caboclos e negros. O princípio do sujeito historiador de si mesmo se faz</p>
<p>-Caixas de texto onde o visitante irá conhecer a tecnologia indígena e africana da utilização do barro para a fabricação de utensílios do uso cotidiano.</p>		

<p>Será explicado também a importância dos alimentos para o culto do candomblé.</p> <p>- Caixa de texto com o resumo da história do Mucambo até chegar a atual cidade de Olindina.</p> <p>-Caixa de diálogo com o negro nagô contando a história do Mucambo, como se deu aquele ajuntamento, onde trabalhava e o nome do seu proprietário .</p> <p>- Caixa de texto com a relação dos escravos do capitão-mor João Dantas dos Imperiais Itapicuru.</p> <p>- Caixa de texto com a</p>	<p>-</p>	<p>presente. A observação de presença de caboclos e negros mostra a diversidade do rito, que apresenta características de crenças africanas, como também a presença dos rituais indígenas.</p> <p>- Com isso observa-se os princípios da interação, mediação e contextualização.</p> <p>- A interação será provocada pelo personagem negro que através da caixa de diálogo irá constatar a divisão desigual das terras onde no meio dos enormes latifúndios dos Garcia d'Avila e dos Dantas estava encravado um pequeno arraial habitado por escravos, forros e libertos. Ele perguntará ao visitante se ainda hoje é assim.</p>
--	----------	--

<p>transcrição da carta de alforria de Justina do Amor Divino.</p> <p>- Caixa de texto com a relação de algumas palavras de origem africana ainda utilizadas na comunidade e do Manco.</p>		
--	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020

Quadro 05 – Design da Vila de Itapicuru, Fazenda Engenho Camuciatá e Povoado do Manco: vila de Nossa Senhora de Nazaré de Itapicuru de Cima.

<p>Ambientes, objetos, personagens e edificações a projetar</p>	<p>Soluções utilizadas para a projeção em foto e vídeo com câmera Canon 6D Mark II e Drone.</p>
--	--

<p>▣ Espaços/ Ambientes</p>	<p>▣ Soluções técnicas</p>	<p>▣ Soluções cognitivas</p>
<p>-Visão panorâmica da vila de Itapicuru.</p> <p>-Feira Semanal de Itapicuru com suas barracas e tabuleiros repletos de verduras, frutas, peixes frescos e salgados, farinha, feijão, milho, rapadura, mel, castanha, artigos de couro, esteiras.</p> <p>-Praça quadrilátera da igreja matriz inspirada no traçado das aldeias e cidades portuguesas que tinha a capela ou igreja no centro e um grande terreiro de areia se expandindo na frente arrodado de casas.</p> <p>- Arraial do Belo Monte, em Canudos.</p> <p>- Caminho/avenida do Fervente e casas esparsas.</p> <p>-Fonte Araticum, Quibumgo, Quipampam.</p>	<p>- Para projetar a vila de Itapicuru utilizou-se filmagem feita por Drone.</p> <p>- Para projetar a feira de Itapicuru e seus produtos utilizou-se a filmagem feita por drone com o detalhamento das barracas e tabuleiros com os mais diversos gêneros alimentícios, utensílios, roupas, entre outros. Além disso foi captado também a movimentação das pessoas.</p> <p>- Para projetar a praça da igreja matriz utilizou-se a filmagem feita por drone e fotografias do século XIX do arquivo histórico do barão de Jeremoabo.</p> <p>- Será projetado através de fotografia do acervo de Flávio de Barros (1897).</p> <p>- A projeção desse caminho, que depois se torna avenida foi feita a partir de fotografias e filmagem áreas feita pelo drone, pois sua paisagem, tendo se passado 188 anos continua praticamente inalterada.</p> <p>- Essas fontes de onde eram tirado água para abastecer a população da cidade, foram projetadas a partir de</p>	<p>- Projetando os referidos espaços / ambientes objetivamos problematizar, provocar reflexões e validações, considerando o pensar de Vygotsky e Bakhtin, a partir do momento que o visitante visualizar, por exemplo, a filmagem da vila de Itapicuru. Essa ação permitirá a sua interação com o museu, a aproximação dos espaços que serão projetados e o contato com o contexto histórico e o cotidiano do século XIX, que o possibilitará a refletir sobre sua realidade atual.</p>

	filmagem aérea feita por drone.	
<p>■ Edificações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Açougue e matadouro municipal. - Mercado municipal em quatro águas, tendo em cada lado uma loja de miudezas, bebidas e produtos diversos. Entre as lojas um enorme salão quadrado com um pé direito alto para comercialização de farinha, mandioca, milho, castanha, requeijão e outros produtos típicos. - Igreja de 	<ul style="list-style-type: none"> - A projeção do matadouro foi feita pela filmagem feita pelo Drone. - O mercado foi projetado a partir de fotografia do arquivo histórico do município de Itapicuru e da descrição feita por antigos moradores da cidade que o alcançaram antes de ser derrubado. - 	<ul style="list-style-type: none"> - A projeção das edificações que irão compor o cenário do museu será feita dentro de uma abordagem socioconstrutivista, cujos princípios irão dar sentido a esses elementos e permitir que sejam instrumentos para uma aprendizagem significativa. A visita a cada espaço desse irá proporcionar a imersão no contexto e a interseção no espaço e nos diferentes tempos históricos representados.

<p>Nossa Senhora de Nazaré de Itapicuru de Cima.</p> <p>- Cemitério de Itapicuru, cujo muro foi construído por Antônio Conselheiro.</p> <p>- Igreja e cruzeiro do arraial do Bom Jesus.</p> <p>- Prédio da prefeitura, câmara dos vereadores e poder judiciário.</p> <p>- Casas que compõem a praça quadrangular em meados do século XIX, conservando a arquitetura do período, sendo a maioria térreas e no mesmo formato: estreitas na frente e cumpridas, com uma porta e uma ou duas janelas, com exceção da do chalé do Barão e duas casas com jardim e varanda na frente. Para dar uma ideia do estilo e da representatividade de social dos residentes da praça destacamos as seguintes que poderão ser visualizadas externamente: o</p>	<p>- A igreja será projetada a partir de fotografia do começo do século XX, do arquivo do Barão de Jeremoabo, e com a filmagem feita por drone de seu aspecto atual.</p> <p>- O cemitério foi projetado a partir de imagens atuais feitas pelo autor.</p> <p>- A igreja de Crisópolis foi feita projetada a partir da imagem reproduzida do livro de José Calasans Brandão da Silva, <i>Cartografia de Canudos</i> (1997).</p> <p>- O casarão que abrigava a prefeitura, a câmara dos vereadores e o judiciário foi projetado a partir de filmagem feita por drone.</p> <p>- O conjunto arquitetônico da praça da matriz será projetado por fotos dos arquivos históricos do Barão de Jeremoabo, do arquivo histórico de Itapicuru, tendo a escolha das imagens sido feitas a partir de depoimentos dos antigos moradores da cidade e por membros da família Dantas que lá viveram.</p>	
---	---	--

<p>chale do barão, a casa de Zazá Caldas, de José Nate Batista, a casa dos juizes, a de Francisco Batista, a casa comercial 25 de março, a casa de Epaminondas Tavares e a pensão Três Irmãos.</p> <p>- Casa de banhos nas fontes da Missão da Saúde: tanque do fervente.</p>	<p>- A Casa de Banhos, depois chamada de Fervente e atualmente de Balneário foi projetada a partir de fotografia e descrição feita por André Dantas de Carvalho, no seu livro "O velho Itapicuru...". A projeção do tanque foi feita a partir da descrição de antigos moradores de Itapicuru.</p>	
<p>■ Objetos:</p> <p>- Produtos de couro em barraca típica de feira.</p> <p>- Carne seca salgada.</p> <p>- Mangaba, umbu, seriguela, banana, feijão, milho, farinha, aipim, rapadura, mel, caldo de cana, requeijão, doces, panelas de barro, produtos de couro, fumo, rede de crauá, esteira, bocapios e sacolas de</p>	<p>- Os artefatos de couro serão projetados a partir de fotografia de feira do interior. Fonte: https://tobiasbarreto.wordpress.com/2016/09/27/tobias-barreto-e-a-capital-sergipana-dos-bordados-e-confeccoes-em-geral/</p> <p>- A representação da carne seca salgada, alimento presente na dieta do homem do sertão, foi projetada a partir de fotografias do livro "A cozinha sertaneja", de Guilherme Radell.</p> <p>- Os alimentos e utensílios encontrados em uma feira de uma cidade do Nordeste da Bahia serão fotografados nas barracas e tabuleiros e projetados no museu.</p>	<p>- Os produtos de couro colocarão o visitante em contato com o contexto da civilização do couro que surgiu nos primórdios da colonização brasileira e estão presentes até os dias de hoje na cultura do homem sertanejo.</p> <p>- Os visitantes poderão conhecer os alimentos típicos consumidos na vila, na fazenda e na região e os utensílios vendidos em uma feira sendo inseridos no contexto cultural da época. Através da mediação através do</p>

<p>palha.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Lâmpião a gás preso em poste de madeira na praça matriz. 	<ul style="list-style-type: none"> - Para representar como se dava a iluminação na praça da matriz de Itapicuru nos baseamos no depoimento oral de Alvito Dantas. Os lâmpioes ficavam pendurados em postes de madeira. As 18:00 hs o funcionário ia acendendo as lamparinas com um pequeno chumaço de algodão e retalhos de pano embebido de álcool amarrado na ponta de uma vara. Fonte: 	<p>contato com a farinha, o aipim, doces, o couro, o visitante poderão refletir sobre a origem desses alimentos e produtos e com isso se conscientizar de sua historicidade e perceber a influência do índio, do negro e do branco nos seus hábitos alimentares.</p>
<p>Personagens:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Marchante cortando carne na frente do açougue e matadouro de Itapicuru. - Seleiro em uma sala com a janela aberta para o pasto tratando o couro para fabricar sapato, relógio, alpercatas, bornais, perneiras, luvas e sela. - Zé de Deca vendendo peixe em uma banquinha, Lusinete em uma barraca comercializando verduras e Maria Isabel vendendo caldo de cana. Todos na feira de Itapicuru. - Atores sociais do povo circulando pela vila em dia de feira, como agricultores, vaqueiros, 	<ul style="list-style-type: none"> - O personagem será projetado através de pesquisa iconográfica de marchantes em feiras do interior da Bahia. Fonte: yba.com.br/registro/cd287_211.JPG/ Carne-de-bode-a-venda-em-barraca-na-feira-livre- - O personagem e a cena serão projetados a partir de fotografia selecionada de acordo com a descrição do ambiente feita em Boaventura (1989). Fonte: https://farolnews.com.br/povoado-em-tucano-vai-realizar-vi-feira-de-artesanato-de-couro/ - Os personagens serão projetados a partir de fotografias tirada pelo autor. - Para projetar essa cena usamos a mesma filmagem feita pelo drone captando o cotidiano de uma feira, onde é válido registrar também a população circulando entre as barracas e tabuleiros, retratando a pluralidade cultural da região. 	<ul style="list-style-type: none"> - O contato do visitante, através de foto e vídeos, com os personagens que estarão presentes no cotidiano de Itapicuru evidenciará a polifonia, o dialogismo e a mediação. A visualização do artesanato de couro irá inserir o visitante em um contexto secular por ser essa atividade uma sobrevivência e influência da civilização do couro que foi implantada na Bahia com a expansão do gado pelos Garcia d'Avila, da Casa da Torre. - O contato com Zé de Deca vendendo peixe, Lusinete Verduras e Maria Isabel caldo de cana levarão o usuário compreender o

<p>roceiros, verdureiros, marchantes, agregados.</p> <p>- Conego Agripino da Silva Borges e monsenhor Antônio da Costa Gaito, o primeiro era o pároco na época que Antônio Conselheiro passou em Itapicuru.</p> <p>-Antônio Conselheiro.</p> <p>- Grupo de coronéis e jagunços armados.</p> <p>- Coronel da guarda nacional João Dantas dos Reis, do Partido Conservador.</p> <p>- José Dantas Itapicuru e João Gualberto Dantas, 1º e 2º Barão do Rio Real respectivamente, membros do partido Liberal.</p> <p>-Prefeito, vereadores, chefes políticos, fazendeiros e coronéis reunidos em sessão na câmara municipal de Itapicuru, no salão nobre.</p>	<p>- Ambos os párocos serão projetados a partir das fotografias originais que pertencem ao arquivo histórico do Barão de Jeremoabo.</p> <p>- Antônio Conselheiro será projetado através de fotografia do acervo fotográfico de Flávio de Barros (1897).</p> <p>- A pesquisa iconográfica foi feita tomando como referência os trajes típicos da elite imperial brasileira. Os jagunços e eleitores são semelhantes a descrição feita por Walfrido Moraes (1953), na obra Jagunços e Heróis.</p> <p>- Essa imagem será projetada a partir de fotografia do arquivo histórico do barão de Jeremoabo.</p> <p>- Essas imagens serão projetadas a partir de fotografia do arquivo histórico do barão de Jeremoabo.</p> <p>- Essa imagem será postada a partir de fotografia pertencente ao arquivo histórico do Barão de Jeremoabo.</p>	<p>porquê desses alimentos fazerem parte ainda hoje de uma forma tão presente na dieta alimentar da população local.</p> <p>- O contato do visitante com Antônio Conselheiro permitirá que ele tenha contanto com as múltiplas vozes do povo sertanejo que chegaram até ele, evidenciando a polifonia. Em caixa diálogo o conselheiro dirá que o povo que o segue em Itapicuru e no arraial do Bom Jesus está em busca de melhores condições de vida, pois não tem terra e trabalho e quando tem é explorado e subjugado, além de ser controlado nas suas práticas culturais. No final ele pergunta ao visitante se essa situação mudou ou a relação de exploração continua. Nessa participação temos fortemente</p>
--	--	--

<p>- Prefeito Artur da Costa Pinto Dantas na porta do chalé construído por seu avô o barão de Jeremoabo.</p> <p>- Prefeito Artur da Costa Pinto Dantas inaugurando uma estrada em Itapicuru com o governador Antônio Carlos Magalhães. O primeiro uma das maiores lideranças políticas da história da antiga vila e o segundo a maior liderança política da Bahia no século XX.</p> <p>- Arthur, Anibal e Jesuína da Costa Pinto Dantas na festa de Nossa Senhora de Nazaré, padroeira de Itapicuru.</p> <p>- Zazá Caldas, comerciante Francisco Batista (Chico Batista), dono da loja 25 de março, ao lado de sua loja; chefe político major José Nate Batista; Juiz de direito Anfilóbio</p>	<p>- Entre tantos prefeitos que Itapicuru já teve escolhemos esse porque durante 52 anos foi a maior liderança política que o município já teve, em um exemplo de perpetuação do poder político da família Dantas. Ele será projetado a partir de fotografia doada por suas filhas Celeste Maria Melo Pinto Dantas e Ana Adelaide Dantas Dias da Silva.</p> <p>- Com o objetivo de representar no museu um grupo de pessoas que retratem a sociedade de uma vila do interior da Bahia no século XIX, projetamos o chefe político da região, José Nate Batista; um comerciante e coletor estadual, Hermínio Reis e Silva; e um chefe</p>	<p>evidenciados os princípios do dialogismo, pensar histórico, gerando zonas de desenvolvimento imediato.</p> <p>- O contato com os personagens políticos e as cenas descritas transportam o visitante para o contexto político da época. Através de caixas de diálogo o personagem pergunta ao visitante se existe fraude nas eleições no século XXI. Com esse questionamento está evidenciado o princípio do dialogismo e o visitante será provocado a criar metacognição ao comparar as eleições do século XIX, com as atuais, trazendo à tona também o pensar histórico, onde cada visitante poderá elaborar suas sínteses interpretativas.</p> <p>- O objetivo da projeção dos personagens da típica elite local de uma vila do interior da Bahia, foi o de permitir ao visitante uma aproximação e imersão no contexto social e</p>
--	---	---

<p>Leal de Carvalho, ao lado da casa dos juizes, no ano de 1920; Hermínio Reis e Silva na porta da loja 25 de março.</p> <p>- Chefes político Epaminondas Tavares, de tradicional família do povoado da Tapera do Lima; José Apolinário de Andrade, João Gualberto Dantas, esses três últimos ex-prefeitos.</p> <p>- O caboclo Pedro Vaqueiro e um negro vindo das fontes Araticum, Quibungo e Quipampam, tangendo burros com barris pendurados na cangalha, carregando água para abastecer a cidade.</p>	<p>político distrital Epaminondas Tavares., ex-prefeitos. Serão projetados a partir de fotografias coletadas com seus descendentes.</p> <p>- Esses personagens, animais e cenário serão projetados de acordo com a representação de trabalhadores conduzindo água do livro de Rugendas.</p>	<p>econômico da época. O comerciante Francisco Batista dirá ao visitante que na praça da igreja matriz só reside as pessoas ricas e importantes da cidade. A partir dessa voz, o visitante, como sujeito historiador de si mesmo, será provocado a refletir sobre sua condição social e econômica e se teria condições de morar na praça ou não, criando hipóteses e interpretações de acordo com sua história de vida.</p> <p>- A observação por parte do visitante do caboclo e do negro transportando água da fonte irá provocar a reflexão sobre a divisão social do trabalho. Em caixa de diálogo o personagem dirá que trabalho manual é de negro e caboclo e perguntará ao visitante quem coloca água e limpa a casa dele, evidenciando os princípios do dialogismo, da interação e do pensar histórico.</p>
---	---	---

<p>■ Objetos de interação</p> <p>- Caixa de Texto com a Carta Régia, assinada em Lisboa Ocidental, pelo rei D. João V, em 24 de abril de 1727, que passou a ser considerada a certidão de nascimento da vila de Nossa Senhora de Nazaré de Itapicuru de Cima.</p> <p>- Caixa de diálogo onde o seleiro explica a utilidade do couro para a confecção da roupa de trabalho dos vaqueiros, carreiros e muitos homens da roça, além dos outros artefatos utilizados.</p> <p>-Caixa de texto contando origem das feiras medievais e portuguesas, cujas feiras das cidades do interior do Brasil são uma continuidade.</p> <p>- Caixa de diálogo onde o próprio Antônio Conselheiro conta que que entrou na Bahia pelo município de Itapicuru no ano de 1874, foi preso nessa cidade em 1876 e em 1882</p>	<p>- Esse documento será reproduzido no museu a partir do original que se encontra no Arquivo Ultramarino de Lisboa, que está transcrito no livro <i>O velho Itapicuru: um passado de glórias</i>, de André Dantas de Carvalho (2021).</p> <p>- Esse texto será reproduzido da obra de Jaques Le Goff, <i>O apogeu da cidade Medieval</i>.</p> <p>- O pensamento será transcrito na caixa de diálogo a partir dos apontamentos de Antônio Conselheiro reunidos no livro <i>Antônio Conselheiro. Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso senhor Jesus Cristo, para a salvação dos homens</i>. (2017).</p>	<p>- A interação entre o visitante e o contexto da época se dará também através de documentos e textos que irão explicar os acervos selecionados no museu, procurando dá uma aprendizagem significativa, com fins didáticos. O engajamento se dará tanto pela leitura dos documentos, como se ouvindo as múltiplas vozes que reverberam no contexto descrito, mais uma vez o princípio do pensar histórico será evidenciado através do contato e conscientização dos visitantes a respeito das realidades descritas.</p>
--	--	--

<p>estava de volta construindo o muro do cemitério da vila por se encontrar quase todo destruído. Explica que as pessoas o seguiam por devoção e também por falta de oportunidade de trabalho e em busca de melhores condições de vida.</p> <p>- Caixa de diálogo onde o visitante terá acesso ao pensamento do beato Antônio Conselheiro.</p> <p>- Caixa de texto contendo um resumo da histórica de Canudos.</p> <p>- Caixa de texto com o relato do conselheiro José Antônio Saraiva sobre a fraude nas eleições de 1869. p. 118 do livro do livro O Barão de Jeremoabo e política do seu tempo.</p> <p>- Caixa de texto irá informar que na praça da matriz só reside as pessoas brancas, ricas e importantes da cidade em uma clara demonstração da divisão socioeconômica dos moradores</p>	<p>-</p> <p>O resumo será feito a partir da rica bibliografia existente sobre Canudos.</p> <p>- O relato foi transcrito da p. 118 do livro <i>O Barão de Jeremoabo e a política de seu tempo</i>, de Carvalho Jr, Álvaro (2000).</p>	<p>- A transcrição do documento possibilitará uma reflexão sobre as permanências históricas em relação a mentalidade política coronelística do Brasil império e republicano que continua presente em muitas cidades do interior da Bahia.</p>
---	--	---

<p>distribuídos pelo espaço da cidade.</p> <p>- Caixa de diálogo ao lado do personagem negro que explicará como se dava o abastecimento de água na cidade.</p>		
--	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020

Quadro 06 – Design da vila de Itapicuru, fazenda engenho Camuciatá e povoado do Manco: fazenda engenho Camuciatá através da estrada real.

<p>Ambientes, objetos, personagens e edificações a projetar</p>	<p>Soluções utilizadas para a projeção em foto e vídeo com câmera Canon 6D Mark II e Drone.</p>	
<p>■ Espaços/ Ambientes</p> <p>- Estrada Real que conduz o visitante da vila de Itapicuru até a fazenda engenho Camuciatá.</p> <p>- Fazenda Mamão</p> <p>- Vista aérea da fazenda engenho Santo Antônio do Camuciatá.</p> <p>- Vista aérea do raso e sua vegetação: Aroeira, Velande, Alecrim Cheiroso, Jarrinha, Catinga de Cheiro, Marianinha, Pau de Rato.</p> <p>- Vista aérea da beira do rio, com massapê e árvores frondosas como quixabeira, Jabuticabas, Itapicuru, Caraíba e animais da fauna local como caburé, coelho silvestre, preá, cotia, camaleão, teiú, caititu, pombos.</p>	<p>■ Soluções técnicas</p> <p>- Para projetar os espaços geográficos utilizamos fotos feitas pelo autor/pesquisador e imagens de drone. Como os ambientes ainda estão praticamente como eram, os pastos, lagoas, brejos e a árvore dos enforcados que foram capturados através de imagens áreas representam bem o cenário do museu. Para a estrada real, a flora e a fauna utilizamos também na pesquisa obras de referência sobre os temas. O drone será um importante instrumento para captura desses espaços. O diálogo com os ex-moradores contribuirá para a fidedignidade das representações feitas. As entrevistas foram fundamentais nesse processo.</p>	<p>■ Soluções cognitivas</p> <p>- Para a projeção dos ambientes que conduzirão o visitante ao Camuciatá e a própria área do engenho/ fazenda foi fundamental a inserção no contexto histórico e social da região. Com esse intuito a pesquisa se deu em via dupla, na bibliografia existente sobre os temas e com a contribuição dos moradores atuais, utilizando-se desse modo o princípio da colaboração. Conseqüentemente o princípio da interação também está presente O conhecimento da fauna e da flora da região levará a necessidade de se buscar outros saberes oriundos da ecologia e da geografia legitimando o princípio da interdisciplinaridade.</p>

<ul style="list-style-type: none">- Pasto da Lagoa Cumprida. - Aguada de Sinhá Naninha. - Vista área do entorno do Sobrado e Pasto da Porta (tamarinos, mangueira, coqueiros, cajueiros e oitis), aguada do pasto da Porta, sobrado, casinhas e senzalas, engenho e cobocó. - Brejo das Canas ao lado do pasto da Ilha - Pasto da ilha com juazeiros, pau de leite, araticum, mandacaru e o gado de cria e carneiros pastando. - Pasto do Pau de Cedro com emas, coborés, espanta boiadas, camaleões e teiús compondo o ambiente da fauna local. - A beira do Rio com arvores frondosas no massapê. - Pasto dos enforcados com a centenária a árvore Jatobá, onde alguns escravos se enforcaram. - Passagem da Lavandeira, na beira do rio, com uma enorme canoa amarrada, no chamado porto da Canoa. - Ambiente do riacho Camuciatá, pouco antes do engenho Pau Ferro e já no caminho do povoado do Manco, com um dos seus braços que através de levadas, canais feitos de terra nos próprios pastos, canalizavam as águas por toda a fazenda, criando um		
---	--	--

<p>sistema de irrigação natural.</p>		
<p>■ Edificações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Casa da fazenda Mamão. Digitalizar foto. - Casas de taipa feitas de madeira e barro, a maior parte delas com uma porta e duas janelas. Algumas cobertas de palha de coqueiro ou pindoba e outras de telha de barro cozido. - Cemitério da fazenda engenho. - Sobrado - Arquitetura externa do sobrado: estrutura - pilastras, gradil, colunas, cornijas, formato em caixa retangular. - Fachada principal, escada frontal para acesso a Casa grande, varanda; laterais do 	<ul style="list-style-type: none"> - Para organizar a disposição da fazenda Mamão, das casas de taipa, do cemitério, do sobrado, das casas e senzalas no seu entorno e as edificações dos meios de produção da fazenda engenho as referências que foram utilizadas são fotografias de época e depoimentos de antigos moradores da fazenda que viveram inseridos nesse ambiente, bem como dos antigos proprietários. - Para a projeção da parte externa e interna do sobrado a própria edificação que ainda existe será a referência, complementada pela fala dos descendentes dos proprietários em relação a construções que já não mais existem, como por 	<ul style="list-style-type: none"> - A visita as diferentes construções facilitarão aproximações e mediações. Seja no sobrado do Barão ou na casinha de José de Floro ou na senzala os visitantes poderão compartilhar diferentes práticas e vivências proporcionando o engajamento de sujeitos de ontem e de hoje. - As edificações são instrumentos concretos de diálogo entre o tempo que elas foram construídas, sua função social e histórica e o que reverbera na prática na atualidade, permitindo que personagens e visitantes interajam com suas múltiplas vozes

<p>lado oeste, com vista para o jardim e a Casa de Baixo; lateral do lado leste, com vista para o engenho, curral e senzala; no fundo a varanda térrea e varanda do 2º pavimento sustentada por colunas arredondadas em estilo neoclássico.</p> <p>- Quintal arrodado por um grosso muro de adobo, com árvores frutíferas, como goiabeira, sapoti, umbuzeiro, pinha, pitanga, amora, entre outras. No seu interior as seguintes edificações: a garagem do carro de boi; cozinha de fogão a lenha, quarto de Bia, quarto de engomar, açougue, casa dos cágados e coelhos.</p> <p>- Jardim lateral: dois viveiros com pombos correios e pés de Murtas e Jasmins.</p> <p>- Primeiro Pavimento, parte interna do sobrado: um hall de entrada para acesso e convívio social; três salas, duas para o lado direito, a sala da cachaça e a de se fazer manteiga e requeijão e uma no esquerdo, a de refeições do diário; escritório; quatro quartos, dois para o lado direito e dois para o esquerdo, no primeiro onde faleceu a baronesa; no fundo, varanda coberta com a cozinha do lado esquerdo e o banheiro do lado direito; escada social com dois lances para acesso ao segundo pavimento.</p> <p>- Segundo pavimento: capela situada no centro da casa, logo em frente a escada principal; hall ligando a capela a varanda do fundo; três salões, o de banquetes e da copa no lado direito e o de visitas no lado esquerdo; quatro quartos, um para o lado direito e três para o lado esquerdo, sendo o último o do barão; uma adega; varanda do fundo coberta e a cozinha do lado direito.</p>	<p>exemplo a cozinha a lenha. Na arquitetura externa teremos a referência trazida pelo professor Donato Melo Júnior (1994).</p> <p>-</p>	<p>gerando a interatividade.</p>
--	--	----------------------------------

<p>- No entorno do sobrado, ainda no pasto da Porta: Casa de Baixo, Venda, casa do vaqueiro e seleiro Júlio Bento e casa de Maria Delfina (Bá), neta do coronel João Dantas dos Reis; 05 casinhas, alpendre comum a todas as casas, sustentados por colunas de madeira.</p> <p>- Interior de uma casinha: sala, quarto, cozinha, dispensa,</p> <p>- Senzalas.</p> <p>- Edificações dos meios de produção de uma fazenda/engenho: olaria, Curral dos bois de carro, alambique / fábrica de requeijão; cobocó, estrutura semicircular feita de tijolinho (adobo) para acompanhar e proteger o curso da água que alimentava a roda de água do engenho; engenho de açúcar com roda de água / Engenho de açúcar; caixaria; curral das vacas de estaca de candeias; curral da ferra de gado; engehoca.</p> <p>- Currais e casas queimadas belo bando de Lampião nas fazendas do Dr. João da Costa Pinto Dantas.</p>	<p>- Em relação a projeção das casinhas e seus cômodos internos, bem como os espaços de produção da cana de açúcar e seus derivados e do manejo do gado o depoimento de ex-moradores e proprietários definirá todos os ambientes, tanto interno, como externos. Para complementar e representar as descrições feitas serão utilizadas obras de referência que descrevem o conjunto arquitetônico de um engenho de açúcar, como a obra <i>Segredos Internos</i> de Stuart Schwartz (2001) e para as casas camponesas obras descritivas da paisagem do sertão nordestino da Bahia, como "Os Sertões", de Euclides da Cunha (2016).</p>	
<p>■ Objetos:</p> <p>- Macaca</p> <p>- Pedra gravada com as iniciais S.A (Santo Antônio), do rumo Oeste, marco divisório da aldeia indígena da Serra Velha com as terras da família Dantas.</p> <p>- Plantas e arbustos da catinga: Aroeira, Velande, Alecrim Cheiroso, Jarrinha,</p>	<p>- Os objetos serão projetados por representarem a cultura da época e muitos deles estão presentes no cotidiano dos moradores do povoado do Manco. Outros serão expostos porque fazem parte da vida concreta dos índios e negros e da tecnologia de um engenho de açúcar e fazenda de gado, conforme relatam as obras historiográficas sobre</p>	<p>- Para a projeção dos mais variados objetos que serão representados no museu fizemos uma pesquisa de campo no próprio ambiente da fazenda/engenho juntamente com o que foi possível resgatar a partir de entrevistas com ex-moradores. Essa prática confirma o princípio da colaboração e engajamento dos sujeitos,</p>

<p>Catinga de Cheiro, Marianinha, Pau de Rato, mandacaru.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Árvores frondosas no Massapê - Umbuzeiro e umbu. - Cassuá - Arado - Carro de boi da baronesa - Árvores típicas que se plantavam nos quintais e no entorno das moradias rurais do agreste e sertão da Bahia: coqueiros, mangueira, tamarineiros, cajueiros, sapoti, pinha, oitis. - Fogão a lenha - Porrão de barro. - Ferro de passar - Cesto de palha de palmeira - Tachos e caixotes. - Tijolo de adobo - Telha de barro (01 foto) - Gradil da varanda da fachada principal. - Planta da casa. - Cabideiro para chapéu, bengala com chapéu de couro, 	<p>os temas citados nas referências bibliográficas. O registro de muitos desses objetos será feito de acordo com a descrição feita pelos moradores e outros por fotografias do acervo histórico do museu e tiradas pelo autor. Elementos do meio ambiente (fauna e flora) serão representados fidedignamente como estão presentes na natureza.</p>	<p>que com isso poderão desenvolver um sentimento de pertencimento em relação as peças que serão representadas.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Na riqueza e variedade de objetos projetados vários princípios oriundos da confluência do pensar de Vygotsky, Bakhtin, Gramsci, Martineau estão presentes em cada clique que o visitante fizer no acervo do museu. A Interdisciplinaridade na interação com a fauna e a flora; de uma forma abrangente a imersão no contexto sócio-histórico e econômico em que cada objeto foi produzido; o pensar histórico na reflexão e interpretação da forma como objetos do século XIX eram usados e quais os substituíram no século XXI; o dialogismo e a polifonia a partir da observação da rede do índio presente na casa do barão; dos doces portugueses feitos pela senhora negra Isabelenga; o couro utilizado na indumentária e o carro de boi fruto da civilização fundada pela Casa da Torre onde o boi era peça chave da sua engrenagem.
---	--	--

<p>jaleco, bainha de facão.</p> <ul style="list-style-type: none">- Coluna de sustentação da escada principal;- Lâmpadas e lâmparinas.- Sofá de couro e madeira de Dr. Melo. (Reginaldo Alves de Melo)- Mausoléu da Família Dantas- Mesa de jacarandá e tampo de mármore; cadeiras de palhinha, garrafão de cachaça, jogo.- Imagem do quadro "Jogadores de Cartas", de Paul Cézanne.- Caixa de jogos do barão de Jeremoabo.- Móveis de Pau de Cetim do quarto de João da Costa Pinto Dantas e Ana Adelaide, filho mais velho e nora do barão.- Escada de uso íntimo.- Móveis de jacarandá com palhinha: cadeira de balanço e cadeiras de braço para costura.- Quadro do Coração de Jesus.- Papel de parede dourado, estante com livros, mesa de trabalho do barão, livros, documentos, objetos pessoais de utilidade, xícara do barão; balança para pesar carta; máquina francesa de fazer cigarro; vinho do batizado de Totônio, pena, tinteiro e mata		
--	--	--

<p>borrão; cartas, soqueira, objetos de couro (perneira, chapéu, bainha, luvas, sela e botas do barão); instrumentos musicais como violino, violoncelo, sanfona.</p> <p>- Mesa da sala de refeições do diário, filtro de pedra.</p> <p>- Lavatório com bacia e gomil de louça inglesa com motivo de pavão.</p> <p>- Redes</p> <p>- Baú (Arca)</p> <p>- Gamela e cuia.</p> <p>- Planta da casa para uma ideia geral da disposição dos cômodos do 2º pavimento.</p> <p>- Santo Antônio do Camuciatá, imagens barrocas, objetos de uso na missa, castiçais de prata, instrumento de apagar vela</p> <p>- 24 cadeiras austríacas, louça inglesa monograma "CDM" da marca Copeland, louça francesa branca de marca Limoges, talheres de prata e da Christophe, copos de cristal; dois aparadores, compoteiras de cristal com doces; pia de madeira; quartinheiras com copos de barro e móvel guarda comida.</p> <p>- Gradil do parapeito das portas do salão de banquetes; ferro para os gradis das varandas e do parapeito das sacadas.</p> <p>- Berço de ferro, pendurado em uma haste</p>		
---	--	--

<ul style="list-style-type: none">- Adega do Barão: bebidas, petiscos, vinho do Barão. - Caixa de imagem com a foto do Vinho do Barão produzido por João Carlos Tourinho Dantas Filho, seu trineto, na Argentina (Mendoza), em 2020. - Fogão de ferro com gás canalizado. - Papel de parede com desenhos representando o conto do suíço Guilherme Tell, lustre de cristal, piano Schidmayer; retrato do velho coronel; marquesa com conjunto de cadeiras de jacarandá; escarradeira, console, jarros decorativos de opalina com flores, quadros do barão, família e amigos. - Gradil do parapeito das portas do salão de festas - Cama, armário, mesa de cabeceira, berço de ferro e berço de jacarandá, penteadeira, urinol de louça inglesa, - Paramentos dos padres,- Redes de pano e crauá -Pé de Bode (sanfona Oito Baixos). - Fogueira na frente do sobrado - Sela de couro e indumentária do vaqueiro. - Banco comprido de uma peça única de madeira.		
---	--	--

<ul style="list-style-type: none"> - Altar feito de tijolo e cal, com os santos de devoção - Mala de couro, cama sustentada por forquilhas e com estrado de candeia (girau) trançado coberto com um colchão de palha ou de capim Burrão; fogão a lenha, potes de barro encaixados em uma peça de madeira, - Utensílios pendurados na parede por uma cordinha de licuri (canecas esmaltadas, colher de pau), panelas, prato e bules de barro, aribés, cestos, cassuá, balaio, bocapio, feitos de cipó e pindoba; mochila de aio, feita de Caroá e a cabaça para carregar água para roça. - Zabumba - 02 fogueirinhas - Vassoura de Velandinho - Tamarineiros centenários. - Pilão de madeira. - Carro de bois todos castanhos, representando o carro do carreiro Mercê cujos bois se chamavam Pazandu, Maita, Guaporé, Amapá, Belo Horizonte e Bogotá. - Carro do carreiro Euzébio cheio de lenha para a fornalha ao lado do engenho. - Ferro "TC", que significava "Tenente Coronel" tendo pertencido ao coronel João Dantas dos Reis - . Engenhoca que ficava no pasto do Outeiro - Cancela de ferro que dava acesso ao pasto da Porta, onde aquartelou-se o bando de Lampião e de lá atirou no sobrado. - Fuzil, chamado de mosquetão. - Caixa de fósforo que 		<ul style="list-style-type: none"> - O princípio do engajamento dos múltiplos sujeitos e sua mediação através dos instrumentos da zabumba, de origem africana, onde brancos, negros e mulatos se misturavam na hora da diversão. - Essencialmente os objetos projetados ajudarão na interação do museu virtual, onde cada visitante que se aproximar poderá conhecer sua origem, tecnologia e função, e trazer suas reflexões sobre o seu uso e importância.
--	--	--

<p>pertenceu ao grupo de Lampião.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Canoa na beira do Rio Itapicuru. - Badoque. 		
<p>■ Personagens/ seres vivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Tropeiro com tropa de burros comandando a burra madrinha. - Os naturalistas e botânicos alemães Spix e Martius passando a cavalo pela estrada real rumo ao Camuciatá para solicitar ao coronel João Dantas dos Reis novas montarias para seguir até Monte Santo para verem o meteorito de Bendegó. - Baltazar dos Reis Porto, procurador da Casa da Torre. - Imagem de um Tatu. - Imagem de animais da fauna local como caburé, coelho silvestre, preá, cotia, camaleão, teiú, caititu, pombos. - Caixa de imagem com a foto de vaqueiros encourados montados a cavalo correndo atrás do boi embrenhado na vegetação representando os antigos vaqueiros do Camuciatá Julio Bento e Batista. - Caixa de imagem contendo um senhor montando em um burro com um cassuá carregando umbus. Esse senhor representa Arnaldo Moura, antigo morador do Camuciatá. - Moradores do Camuciatá, sendo representados no exercício de suas respectivas funções laborais, a saber: dois senhores plantando feijão, representando João Lourenço e Vitório; um jovem conduzindo um arado cortando terra puxado por 	<ul style="list-style-type: none"> - A maior parte dos personagens serão projetados de acordo com as fotografias do acervo do museu e do registro da imagem de ex-moradores ainda vivos. Também foram reproduzidas imagens de personagens históricos presentes em obras historiográficas. Para uma maior aproximação da realidade seguiremos também as referências dos povos negros e índios representados na obra de Rugendas (1835), de Teodoro Sampaio (1955), Eurico Boaventura (1989), entre outros. Destacaremos alguns personagens dos diferentes grupos étnicos que moravam no Camuciatá, juntamente com suas práticas culturais e de resistência, saberes e fazeres com o objetivo de mostrar a pluralidade cultural existente no espaço que o museu virtual representará. 	<ul style="list-style-type: none"> - Os personagens projetados legitimarão o princípio dialógico e polifônico. A partir de suas práticas culturais, seus saberes e fazeres, suas crenças, formas de ver e pensar a existência entrarão em diálogo com o visitante compartilhando o seu cotidiano, suas vivências, experiências e formas de se posicionar no mundo. Eles contarão as suas histórias individuais e coletivas, a partir de múltiplas vozes, mas nesse diálogo levantarão hipóteses e farão questões em busca da colaboração e contribuições dos sujeitos históricos do mundo contemporâneo.

bois, representando Badu; um senhor sentado em um tamborete na porta de uma casinha mascando fumo, representando Rozendo Bento; uma senhora assando castanha em um caco de flandres embaixo de uma árvore, representando Dobe; trabalhadores da roça com enxadas, cavadeiras e foices, roçando pasto, plantando capim e fazendo cerca, representando Paulinho Bento, Paulo de Dão, Nelsinho e Graça; Duas senhoras catando maxixe e língua de vaca na roça para o almoço, representando Maria de Zé de Floro e Jovem Bento.

- Grupo de moradores realizando uma pescaria na aguada de Sinhá Naninha após uma cheia do rio Itapicuru, pegando com aios, traíras, Caboge, Jundiá, Lampreia, Chira, Piau, Corro e Eiu.

- Valquíria pescando na aguada de Sinhá Naninha.

- O carreiro Cirilo Moura carreando o carro de boi da baronesa.

- Baronesa de Jeremoabo, Mariana da Costa Pinto Dantas.

- Senhora Gaída embaixo de uma mangueira na beira de um riacho lavando roupa.

- General Pedro Labatut e tropas vindas de Alagoas na passagem pela fazenda engenho e quartel general do Camuciatá na guerra da independência da Bahia.

- Capitão Mor João Dantas dos Imperiais Itapicuru com uma tropa de 500 cavaleiros, composta por índios, caboclos, negros e descendentes de portugueses partindo do quartel general Camuciatá para lutar na

<p>guerra da independência da Bahia.</p> <ul style="list-style-type: none">- A velha Isabelenga, cozinheira do sobrado.- Felismina Borges – Bia, filho de escravo nagô.- O Barão, seus filhos João e Antônio Dantas e amigos na sala da Cachaça.- Imagem de uma senhora em uma cadeira de balanço costurando com sua filha ao lado.- Foto de Ana Adelaide, Mariana, Jesuína e Adelaide.- Barão de Jeremoabo, José Gonçalves da Silva e outros políticos.- Grupo de 60 vaqueiros encourados das fazendas do barão do sertão em visita ao barão no Camuciatá.- Vaqueiro Manezinho.- Senhora Romana, ama de leite de Arthur Dantas, bisneto do barão.- Otávio, Joãozinho, Zelito, Alvito, Dantinhas e Silvaninho (bisnetos do barão e o filho de um morador).- O monsenhor Antônio da Costa Gaito.- José Maria e Isabel, moradores do Camuciatá, sentados na marquesa da sala de visita do sobrado após a cerimônia do casamento na capela da casa grande.- Fotografia de João da Costa Pinto Dantas, Cícero Dantas Martins, João da Costa Pinto Dantas Jr, Francisco Marques de Góes Calmon.- Ana Adelaide, Adelaide e Carmelita Bahia Monteiro Dantas.		
--	--	--

<ul style="list-style-type: none">- Martinha, “mãe preta” de Alvito Dantas, bisneto do barão.- Cena de um forró pé de serra em uma casa da zona rural.- José Mania, ao lado da foto da “Venda”- Vaqueiro Júlio Bento encourado.- Galeria de personagens com a exposição das seguintes fotos de moradores que habitaram as casinhas do fundo do sobrado: Manezinho, Rozendo, Graça, João Batista, Marta, José Castigo, Mara de Zé Castigo.- Senhora, representando Maria de Zé Floro, colocando lenha de candeia no fogão para preparar um caruru de mamão verde com leite de coco e dendê.- Imagens de senhoras, representando Adelaide, Vitalina, Maria Lã, Nazaré, Chica, Bicota e Soledade, realizando uma reza de devoção.- Descendentes dos primeiros tocadores da centenária zabumba que tocava no engenho Camuciatá.- Senhora varrendo o chão de barro com vassoura de Velandinho, representando a senhora Tapuia.- Os moradores da senzala: Gaida, Rosa, João Veloso e Regina, Manoel Venâncio, João de Epifânio, Zé Gaudêncio e Tapuia, Sinhá Joana Cassussú, Manelão e Maria, Zé Mania e Isaura.- Samba de roda com Erenilda, Badu, Hilda, José Maria e José Castigo no terreiro das senzalas, em noite		
---	--	--

de lua cheia.

- Senhora representando dobe torrando café no pilão.

- Moradores em dia de domingo reunidos em torno de um tamarineiro centenário cortando carne de boi.

- Carreiro Mercê no carro de boi levando uma carga de cana para moer no engenho com a junta de bois vermelha Pazandu, Maita, Guaporé, Amapá, Belo Horizonte e Brogotá e o carreiro Euzébio com sua junta de bois preta e Branca Resolvido, Rouxinol (...) e Virgílio em outro carro levando lenha para a fornalha. Já tenho foto.

-Imagem de escravos congo/angolanos, do grupo linguístico Banto, do plantel do capitão mor João Dantas dos Imperiais Itapicuru, fazendo açúcar e mel no engenho de roda de água.

- Imagem de uma ferra de gado com a presença de vaqueiros e peões derrubando bezerras.

- Coronel Annibal Dantas ao lado do tronco do curral comandando a ferra de gado e dos vaqueiros Júlio Bento, João Batista e José de Ângelo.

- O coronel Aníbal Dantas com sua esposa Carmelita, sentados na varanda do sobrado no final da tarde, arrodados pelos moradores das casinhas sentados na escadaria que dá acesso ao hall de entrada.

- Dois escravos nagôs/ iorubá fazendo rapadura, em uma

<p>engenhoca, movida por dois bois.</p> <p>- Caboclo canoeiro sentado na canoa amarrada por uma corda em uma estaca de madeira.</p> <p>- Lampião, acompanhado dos cangaceiros Massarico, Esperança, Lamparina, Labareda, Azulão, Zé Baiano, Pancada e Cajazeira.</p> <p>- Paulo Correia, filho do administrador do Camuciá, morto por Lampião</p> <p>- Moradores, escondidos no canavial e no capim, atirando contra Lampião.</p> <p>- Negro sentado embaixo da árvore dos enforcados.</p> <p>- Juracy Montenegro Magalhães, Interventor federal da Bahia, dirigindo um carro Chevrolet para João da Costa Pinto Dantas indo para Itapicuru.</p>		
<p>Objetos de interação:</p> <p>- Caixa de diálogo, onde o usuário poderá ler a fala do tropeiro informando que está transportando cargas de farinha e feijão das vilas do sertão de cima para Itapicuru, Barracão e povoados situados no caminho da praia. Ele pergunta também como é feito o transporte de alimentos na época atual e se continua sendo transportado nos lombos dos animais. Já tenho pronto.</p>	<p>- Os documentos e textos serão acessados através das indicações referenciadas a saber: “Caixa de Texto, “Caixa de Diálogo, Caixa de Áudio” Foram selecionados de acordo com a presença e atuação dos personagens inseridos nos seus específicos contextos. A leitura de cada documento ajudará ao visitante compreender melhor as questões e reflexões levantadas de acordo com o contexto histórico que o museu está inserido.</p>	<p>- Os objetos apresentados como possibilidade de interação estarão disponíveis através das caixas de texto, diálogo e áudio que caso o visitante opte por acessar terá a oportunidade de melhor entender o contexto histórico, social, econômico de uma antiga fazenda de gado e engenho de açúcar e viver a experiência de se inserir no modus vivendi dos diferentes grupos étnicos que habitam no cenário do museu representado, seja na sua</p>

<p>- Caixa de texto onde será narrada a passagem dos botânicos alemães Spix e Martius pela fazenda Camuciatá, do coronel João Dantas dos Reis, onde o proprietário lhes ofereceu novas montarias e mantimentos para que pudessem seguir até Monte Santo para verem o local onde caiu o meteorito de Bendegó.</p> <p>- Caixa de texto ao lado da imagem trará a explicação que a pedra com as iniciais S.A. (Santo Antônio) é o marco da divisa das terras indígenas com a fazenda Mamão de propriedade de Francisco Dantas, descendente do capitão mor João Dantas dos Imperiais Itapicuru. Essa pedra foi colocada no ano de 1827, ano em que o capitão Mór solicitou ao governo imperial que fossem demarcados os limites das terras indígenas. Essa demarcação foi feita à revelia dos índios através da pressão do referido proprietário de terras.</p> <p>- Caixa de diálogo onde Baltazar dos Reis Porto irá explicar que todas aquelas terras pertenceram a Garcia d'Avila, da poderosa Casa da Torre e que muitos membros da família dele arrendavam terras a eles e que em 1754 ele resolveu comprar o Camuciatá por ser uma das melhores terras da região.</p> <p>- Caixa de texto com alvará de confirmação de sesmaria concedida a Balthazar dos Reis Porto, em 1753.</p> <p>- Caixa de texto com a foto do original e transcrição do documento de arrendamento de terras da Casa da Torre, do começo do século XIX.</p> <p>- Caixa de texto com a foto e</p>	<p>- Esse texto será construído a partir dos escritos deixados pelos botânicos em diários e publicados em várias edições. SPIX (2016), <i>Através da Bahia</i>.</p> <p>- Esse documento já foi transcrito no quadro 02 do acervo deste museu virtual.</p>	<p>cultura material como imaterial. Através desses objetos de interação estão presentes estratégias de uma aprendizagem significativa e abrem a possibilidade para soluções pedagógicas que poderão ser construídas a partir deste sistema educacional digital.</p>
---	---	---

<p>transcrição da escritura de compra do Camuciatá a Casa da Torre, em 15 de outubro de 1754.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Caixa de diálogo onde Baltazar dos Reis Porto informará que aquelas terras originalmente foram também dos índios e que o próprio nome da propriedade comprova isso, de origem indígena, significando “camussi – pote, vaso; etá – muitos”, ou seja, o que no fundo significava que era uma terra abundante de águas. Na própria caixa de diálogo o procurador da Casa da Torre fará um questionamento se todos tem acesso a terras boas, com água e de qualidade no Brasil atual. - Caixa de texto onde está transcrita a letra de um aboio. - Caixa de diálogo onde o sr. montando em um burro carregando umbus vai informar que essa fruta nasce no umbuzeiro, árvore considerada sagrada no sertão, muito útil pelo fruto saboroso que produz, como também por armazenar água em suas raízes que podem ser utilizadas para se beber em períodos de grande estiagem. - Caixa de diálogo onde o personagem Badu, descendente de africanos, explica que arar a terra é um trabalho que precisa de muita força física para que o arado corte a terra e que “branco” não tem força para fazer isso. Complementando a fala o trecho de André João Antonil (1711) afirmando que os “escravos são as mãos e os pés do senhor de engenho” fecha o parágrafo. - Caixa de texto com o cordel sobre a enchente do rio Itapicuru, em 1989. - A moradora Valquíria 		
--	--	--

<p>explica, em uma caixa de diálogo, que não importa a quantidade de peixes que cada uma pega em uma pescaria, tudo é dividido por todos de forma igualitária como na cultura indígena.</p> <p>- Caixa de áudio com música cantada nas pescarias.</p> <p>- Caixa de áudio com a música do canto de aboio.</p> <p>- Caixa de diálogo irá acompanhar a sequência de fotos onde a baronesa contará que está indo para a vila de Itapicuru assistir a missa e a procissão em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré, padroeira de Itapicuru. Explicará que esse é o meio de transporte das mulheres da elite da época e que veio de Portugal e apesar de em menor quantidade continua presente nas estradas do interior do Brasil.</p> <p>- Caixa de texto informando que esse cemitério foi construído mais ou menos no mesmo local onde os escravos foram sepultados em 1855, no tempo da epidemia do Cólera. Neste local são sepultados os moradores da fazenda Camuciatá, do povoado Manco e da Serra Velha até os dias atuais.</p> <p>- Caixa de texto, onde a senhora Gaída informará que é a lavadeira do sobrado e que está lavando a roupa dos moradores, que esse é o trabalho dela e pergunta ao visitante em que riacho ele lava a roupa dele.</p> <p>- Caixa de texto onde os dois personagens, general Labatut e capitão Mór João Dantas explicam ao visitante que as tropas para combater os portugueses são arregimentadas com os homens da terra, pertencentes aos diferentes grupos étnicos</p>	<p>- Nas caixas de áudio o visitante poderá escutar um aboio, uma música de samba de roda e seu batuque; a voz de uma senhora rezando e cantando, entre outros sons capturados no contexto do museu virtual.</p>	
--	--	--

formadores do povo brasileiro e que sem a presença deles seria impossível formar uma força efetiva que pudesse reforçar as tropas oficiais enviadas pelo governo central.

- Caixa de textos com documento da guerra da independência da Bahia.

- Caixa de texto com reprodução de trechos do livro de patentes da Guarda Nacional.

- Caixa de diálogo com Felismina Borges (Bia) dizendo que é filha de escravo nagô e por estar na casa dos seus senhores desde a adolescência, mora em um quarto dentro dos muros do sobrado.

- Caixa de texto informando que era pela escada do fundo da casa que as escravas e depois empregadas da casa desciam com os urinóis de louça dos quartos de cima para fazer a limpeza depois do uso da noite pelos seus senhores. Essa informação pode gerar uma expectativa de reflexão e problematização por parte do visitante a partir do contexto histórico da escravidão.

- Caixa de diálogo onde a personagem Jesuína irá explicar que as mulheres da elite não trabalhavam e essa atividade fazia parte do cotidiano das senhoras da época e perguntará se as mulheres do século XXI continuam costurando, bordando e aprendendo a tocar piano.

- Caixa de diálogo onde visitante irá ler o barão de Jeremoabo contar que do seu escritório escrevia cartas para o governador da Bahia José Gonçalves da Silva, para alguns senadores, deputados, políticos da corte, no Rio de

Janeiro, prefeitos, juizes e padres de cidades do sertão da Bahia. O personagem irá explicar que era dessa forma que os políticos se comunicavam no século XIX e no começo do XX.

- Caixa de texto com o Manifesto do Barão ao Partido Conservador e a carta do Barão de Jeremoabo ao governador José Gonçalves da Silva.

- Caixa de texto onde será informado que nessa sala o barão almoçava com os vaqueiros de suas fazendas do sertão. Todos encourados, porém, sem os chapéus de couro na cabeça e o facão na bainha. Temos o depoimento do vaqueiro Manezinho, decano do grupo que vai explicar ao visitante que ninguém entra no sobrado sem tirar o chapéu e o facão em sinal de respeito e de reconhecimento da hierarquia social da família do barão.

- Caixa de diálogo, onde o monsenhor Antônio da Costa Gaito explica que é sua missão trazer a fé católica e seus ritos para os descendentes dos índios e dos negros, celebrando semanalmente a missa na capela do engenho e realizando batizados e casamentos dos moradores do Camuciatá, como por exemplo, o de José Maria Bento Batista e Isabel Alves Batista.

- Caixa de texto informará que no salão de banquetes do sobrado João da Costa Pinto Dantas, filho mais velho do barão e seus filhos deputados Cícero e João ofereceram um almoço ao governador da Bahia Francisco Marques de Góes Calmon, sua comitiva e chefes políticos locais quando de sua visita ao Camuciatá em 1924.

<ul style="list-style-type: none">- Imagem de um almoço representando o banquete oferecido por João da Costa Pinto Dantas e seus filhos ao governador Francisco Marques de Góes Calmon quando de sua visita ao engenho Camuciatá. - Caixa de diálogo onde o dr. João Dantas contará que sua família mantém alianças políticas e de amizade com os representantes do círculo do poder desde o século XVIII e que esses laços continuam presentes no século XX, daí ser uma prática comum esses banquetes e reuniões políticas em uma fazenda secular e tradicional. - Caixa de texto onde será disponibilizada a relação dos itens da adega do barão com bebidas e mantimentos que existem ainda hoje nos tempos atuais. - Caixa de texto onde será informado ao internauta visitante que no salão de festas Ana Adelaide (nora do barão), Adelaide (neta) e Carmelita (casada com o neto Anibal) tocavam a ópera o Guarani e o Gondoleiro do Amor no piano Schidmayer que ficava em um canto do salão, expressando a musicalidade europeia através das músicas tocadas, um baile familiar, com os convidados dançando minueto e valsa. - Em uma caixa de som o visitante poderá ouvir o Gondoleiro do Amor, de Castro Alves. - Caixa de imagem projetando uma senhora tocando piano. Não é original da casa, mas representa o cenário descrito. - Caixa de texto que trará o contexto das amas de leite, chamadas também de mãe preta e que foram		
---	--	--

personagens importantes no sobrado. Através da memória oral duas delas foram lembradas: Justina do Amor Divino, chamada de Instim ou vó Tiná e Martinha.

- Caixa de texto contendo a descrição do interior da Casa de Baixo: estreita na frente e cumprida, na sua fachada tinha apenas uma porta e duas janelas. Adentrando a porta chega-se um corredor cumprido ladeado por dois quartos de cada lado. No final do corredor se chega a um enorme salão de estar e de refeições. Saindo do salão uma cozinha no fundo e um cômodo ao lado que servia de dispensa, em seguida o quintal.

- Caixa de áudio onde poderá ser ouvido o som da sanfona.

- Caixa de texto informando que as festas de São João no Camuciatá eram feitas na Casa de Baixo com a presença dos sanfoneiros Natanael, José de Mié, João Gaito, tocando "Pé de Bode" (sanfona Oito Baixo) e de Adelaide, neta do Barão. Ao lado da Casa de Baixo era acesa uma enorme fogueira na frente do sobrado. Na varanda da Casa Grande e no entorno de um cercado a família do barão com os moradores das casinhas e senzalas se reuniam para realizar a novena de São João.

- Caixa de texto contendo documento que vai mostrar a organização da novena, com suas respectivas noites e os participantes de acordo com a função laboral que cada grupo realizava na fazenda.

- Caixa de texto descrevendo o interior da "venda": com apenas um balcão dividindo o ambiente, na parede do fundo prateleiras com produtos de

consumo dos moradores do Camuciatá: café, açúcar, farinha, bolacha, cachaça, mel, rapadura, feijão cuja maioria são produzidos na propriedade.

- Caixa de diálogo onde o vaqueiro Júlio Bento irá informar que um dos seus ofícios é fazer artefatos de couro, como a sela. Ele explicará que seus bisavós, que eram boiadeiros e tropeiros, já tinham essa técnica e o couro era usado praticamente para tudo.

- Caixa de diálogo onde uma senhora mulata chamada Maria Delfina (Bá) informará ao visitante que é neta do coronel João Dantas dos Reis e que seu nome foi colocado em homenagem a uma condessa de Santo Amaro, mãe da baronesa de Jeremoabo, mas, no entanto, por seu avô ser branco e não ter casado com sua avó que era negra ela não morava no sobrado e era conhecida juntamente com suas irmãs, como “as mulatinhas da baronesa”.
Já tenho pronta.

- Caixa de texto descrevendo o ambiente interno de uma “casinha” de morador da fazenda engenho Camuciatá.

- Caixa de diálogo onde será dado voz a personagem Marta que ajudará na descrição do interior das casas dos moradores do Camuciatá informando que os potes de barro guardam água para lavar os “trens”, e explicará que eles usam muitas palavras antigas que são oriundas de Portugal.

- Caixa de diálogo dará voz a dois personagens emblemáticos do Camuciata: o casal Zé Castigo e Maria. A informação trazida por eles se

<p>refere a uma prática cultural que congrega elementos da cultura e da pluralidade de costumes dos diversos grupos étnicos que moram na fazenda engenho: é a festa de Santa Luzia.</p> <ul style="list-style-type: none">- Caixa de áudio reproduzindo o conjunto vozes das senhoras Adelaide, Vitalina, Maria Lã, Nazaré, Chica, Bicota e Soledade cantando a “reza” na sala de uma “casinha”.- Caixa de texto com a letra de uma reza e o “Senhor Deus”.- Caixa de áudio com o som da zabumba, da caixa e das flautas vindo do terreiro sendo tocada pelos descendentes dos personagens Floro, Manelão, José Santana e José Castigo.- Caixa de diálogo onde a senhora Tapuia informará que varre o chão batido de barro de sua casa com uma vassoura de veladinho. A personagem dirá que não troca essa vassoura pelas que vendem na feira de Itapicuru e aprendeu fazer com sua bisavó que era índia, daí esse nome que ela tem. Perguntará ao visitante se ele tem uma dessas para varrer sua casa.- Caixa de diálogo onde José Maria irá informar que o samba de roda é uma forma de lazer para eles e que muitas vezes terminam o trabalho na roça, sambam a noite toda e sem dormir vão direto para o trabalho. Ele conta que esses sambas e batuques sempre aconteceram nas senzalas e depois nas casinhas espalhadas pelo Camuciatá.- Caixa de texto listando as construções que faziam parte da estrutura de uma fazenda de gado e um engenho de açúcar presentes no		
--	--	--

Camuciatá: Visualizando o sobrado de frente, do seu lado direito, logo após a última casa desse corredor tinha a olaria; depois o curral dos bois de carro, feito de madeira de candeia; em seguida o alambique; o cobocó, canal de pedra e adobo, de onde vinha a água do riacho Camuciatá que movia a roda d'água do engenho; já mais para o meio do pasto o engenho com a roda d'água e depois movido a vapor, coberto de telha com colunas de tijolo; a caixaria, vizinha de muro ao engenho coberta de telha para guardar o açúcar produzido e suas barcaças sobre os trilhos para serem colocados para secar. Em seguida o curral das vacas de leite, de um lado colado com uma parte do engenho. No fundo um curral para ferrar o gado, entre o pasto da porta e o pasto do Outeiro, pegando pela metade a sombra do centenário tamarineiro, a garagem para o caminhão e o carro e em seguida as senzalas já descritas.

- Caixa de diálogo onde um escravo informará ao visitante que sua carga horária de trabalho nunca é menor que 10 horas e perguntará se ele trabalha tanto.

- Caderno de notas do velho coronel João Dantas dos Reis.

- Caixa de texto trará para o visitante algumas informações e curiosidades sobre a ferra informando que os bezerros eram marcados pelo ferro "TC", que significava "Tenente Coronel" tendo pertencido ao coronel João Dantas dos Reis.

- Caixa de diálogo onde o vaqueiro Manezinho dirá ao visitante que se ferrava mais de 3.000 cabeças de bezerros, mas que em cada 05 bezerros ferrados 01 era ferrado para o vaqueiro.

<ul style="list-style-type: none"> - Cartas dos cangaceiros Balão e Corisco pedindo dinheiro ao Dr. João da Costa Pinto Dantas, - Cartas de fazendeiros relatando o ataque dos cangaceiros as suas propriedades. -Transcrição da reportagem da imprensa da época relatando o ataque ao Camuciatá. - Caixa de diálogo onde José Maria Bento contará a história da “árvore dos enforcados” dizendo que ela é muito importante pois nela se enforcaram escravos pendurados pelo pescoço e por isso o local se chama “enforcados”. Ele perguntará ao visitante o que ele acha a respeito do motivo que levou a essas pessoas tirarem sua própria vida. - Caixa de diálogo onde um canoeiro caboclo informará ao visitante que na beira do rio Itapicuru sempre teve uma canoa que os índios kiriris que habitavam a região usavam para pescar e se transportar pelo rio - Mapa dos trabalhadores da fazenda Camuciatá. 		
--	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020

Quadro 07 – Design da vila de Itapicuru, engenho fazenda Camuciatá e povoado do Manco: povoado do Manco.

<p>Ambientes, objetos, personagens e edificações a serem projetados.</p>	<p>Soluções utilizadas para a projeção em foto e vídeo com câmera Canon 6D Mark II e Drone.</p>
---	--

■ Espaços/ Ambientes	■ Soluções técnicas	■ Soluções cognitivas
<p>- Fazenda Pau Ferro e casa do engenho.</p> <p>- Povoado do Manco com suas terras vizinhas e o limite com a parte norte da fazenda Pau Ferro do Camuciatá, anteriormente fazenda Umbuzeiro.</p> <p>- Riacho Camuciatá e sua nascente na localidade da Nascença, onde seu minante surge de uma pequena serra chamada de Pedra d'água.</p> <p>- Estrada de tropa e caminho das boiadas que vinha do sertão, passa pelo Manco e conduz até Itapicuru passando pela antiga fazenda Tijucu.</p> <p>- Vegetação, arbustos e mata no entorno do povoado.</p> <p>- Curso do riacho Camuciatá e alguns brejos feitos em sua margem com plantação de batata, aipim e hortaliças.</p> <p>- Vista aérea da comunidade do Manco, desde a margem do riacho, subindo a ladeira de areia, capim e vegetação rasteira até chegar a praça principal onde visualizará quatro ruas estreitas e casas em roças espalhadas no entorno, com a vizinha fazenda Juá de propriedade de Antipas Dantas Portátil (Dantinhas) e do povoado Periperi, também de origem indígena.</p> <p>- A rua de Madalena Bento Batista, conhecida como mãe Nena, 98 anos e parteira da maior parte dos moradores do povoado.</p> <p>- Rua José Claro, conhecido como Zé Grilo (Rua principal).</p> <p>- Rua da profa. Arlete, professora mais antiga da região e do sr. Antônio de Rosendo (morador mais idoso,</p>	<p>- Para projetar os espaços geográficos, ambientais e arquitetônico como as ruas e praça do povoado utilizamos fotos feitas pelo autor/pesquisador, sendo que as imagens aéreas o equipamento do drone foi fundamental. Como os ambientes da comunidade são recentes e alguns deles praticamente contemporâneos serão reproduzidos de acordo com as imagens feitas no local. Para a estrada real, e as roças utilizamos também obras de referência que retratam os ambientes selecionados para fazerem parte do museu. O diálogo com os moradores contribuirá para a fidedignidade das representações feitas. As entrevistas serão fundamentais nesse processo.</p>	<p>- A projeção dos ambientes do povoado do Manco, como estradas, praça, ruas, roças ajudarão a inserir o visitante na realidade da comunidade aproximando o mesmo do cotidiano da população na medida em que ele estará imerso em seu espaço físico e geográfico. A projeção dos ambientes citados irá legitimar o princípio da mediação.</p> <p>- O princípio da interação também se dará na medida em que o sujeito/usuário coexistirá em interação e interatividade a partir do momento que se sentir imerso no conteúdo apresentado.</p> <p>- O princípio da interdisciplinaridade vai estar presente com a projeção dos aspectos geográficos e ambientais do povoado.</p> <p>- Para a imersão do visitante nos espaços do povoado a contextualização histórica foi fundamental através de pesquisa de campo, sempre com a presença dos moradores da localidade. Princípio da colaboração.</p>

<p>com 92 anos).</p> <ul style="list-style-type: none"> - A quarta e última rua é a da artesã D. Marizete Bento Batista (67), guardiã de muitos hábitos da cultura material e imaterial do Camuciatá e do Manco. - Roça de feijão e milho. - Roça de mandioca. 		
<p>■ Edificações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Levada que conduz as águas do riacho Camuciatá para irrigar os pastos da propriedade. - Casa grande da fazenda Santana do Camuciatá, construída por Jesuína Dantas, neta do barão. Em estilo colonial, arredada de largas varandas sustentadas por colunas arredondadas, destacando-se a enorme sala de visita e refeições quase do tamanho do salão de banquetes do sobrado, com quatro largas portas de madeira e com um alto pé direito, de 06 metros de altura. - Casa grande da fazenda Pau Ferro, situada entre o Camuciatá e o Manco. - Casa e engenhoca de Joãozinho Borges 	<ul style="list-style-type: none"> - Para organizar a disposição da praça, das casas dos moradores, casa de farinha existentes tomaremos como parâmetro fotografias feitas pelo autor/pesquisador no local de cada edificação. Para possibilitar uma visão bidimensional das edificações imagens feitas com drone irão ajudar. Para confirmar e contextualizar as construções o testemunho dos moradores mais antigos será fundamental. -As poucas edificações não mais existentes como a casa de Joãozinho Borges e sua engenhoca serão projetadas de acordo com 	<ul style="list-style-type: none"> - A modelagem das edificações irá colocar em evidência alguns dos princípios que emergem da confluência do pensar de Vygotsky, Bakhtin, Gramsci, Marineau, como a aproximação, quando entrar nas casas dos moradores e o compartilhamento de diferentes práticas a partir da observação de aspectos da cultura material e das vivências por ela proporcionadas, permitindo o engajamento dos sujeitos de ontem e de hoje. - As edificações são instrumentos concretos de diálogo na medida em que refletem a cultura, os saberes e fazeres e o

<ul style="list-style-type: none"> - Igrejinha e a escola com o posto de saúde. - Casas rurais de tijolo e de taipa espalhadas desordenadamente pelo povoado do Manco. - Casa da doceira Adelininha. - Casa de Bisuga, produtor de mel de abelha - Casa da parteira Mãe Nena. - Quintal cercado por cerca de madeira de candeia enfileirada na posição vertical com um poleiro com galinhas, capão e galinha de Angola, comendo milho e ciscando. Do lado oposto um chiqueiro com um casal de porcos. - Casa do cantador de prosas Mário de Ângelo. - Oficina de Carpintaria de Nilton. - Casa de Chico de Anísio, um dos primeiros moradores da região. - Casa do vaqueiro José de Ângelo. - Casa da senhora Arlete, profa. mais antiga do povoado. - Casa de Taipa da senhora Marcelina. - Casa do sr. Antônio de Rozendo (Tota), atual morador mais antigo do povoado. - Casa da senhora Ana de Agapito. - Casa de farinha de José Claro (Zé Grilo). - Interior da Casa de Farinha. - Casa de Isabel - Casa da artesã Marizete Souza Batista. - Cisterna feitas de barro, que já existiam na zona rural da Europa e do Oriente médio desde a antiguidade, onde se cavava o solo até encontrar água, muitas vezes com mais de 10 metros de profundidade e na entrada um tripé armado com uma roldana com um 	<p>a descrição dos moradores mais antigos que a conheceram.</p> <p>- Em relação a simulação de um quintal de casas camponesas da zona rural da Bahia utilizaremos como parâmetro a observação em lócus dos próprios espaços existentes no fundo das casas do povoado, aproveitando alguns detalhes trazidos pela descrição dos moradores. Os cômodos internos, na sua arquitetura, material de construção e outros detalhes serão simulados também pela observação de campo acompanhada do depoimento oral dos moradores. Para aproveitar elementos do contexto e do ambiente que edificações foram construídas utilizaremos algumas obras clássicas que descrevem casas sertanejas da zona rural.</p> <p>- A levada do riacho, a cisterna e o tanque foram</p>	<p>modo de vida dos moradores do Manco, de ontem e de hoje, sua função social e histórica e o que reverbera na prática na atualidade, permitindo que personagens e visitantes interajam com suas múltiplas vozes gerando a interatividade.</p>
--	---	--

<p>balde amarrado com uma corda para tirar a água.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Tanque com capacidade de 16.000 litros, em formato circular, de tijolo e cimento, arrodado com bicas para receber a água da chuva para o uso da população local para lavar roupa, utensílios domésticos e beber água. 	<p>registrados a partir de fotografias feitas pelo autor/pesquisador.</p>	
<p>■ Objetos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cumbuca. - Frutas do raso: murta, pitomba, murici, capa rosa, mangaba. - Pote de Barro para carregar água de riacho para o consumo doméstico. - Batata, aipim. - Colher de pau - Tacho de cobre - Feixe de lenha de candeia. - Doces de banana e goiaba. - Cortiços de mel. - Vassoura de veladinho. - Boneca de pano de Chita. - Plantas e ervas típicas para se fazer chás e beberagens, como erva-cidreira, quebra pau, pau de rato e capim santo. - Tocos de pau com a extremidade arredondada, espalhados no terreiro embaixo de um tamarineiro servindo de assento. - Banco cumprido com uma peça só de madeira no alpendre da casa. - Placa de madeira com o nome Madalena Bento Batista. - Chapéu de couro, jaleco e bainha de facão. - Couro de boi curtido. 	<ul style="list-style-type: none"> - Os objetos serão modelados por representarem a cultura da época e muitos deles estão presentes no cotidiano dos moradores do povoado do Manco. - Outros serão simulados porque foram utilizados pelos antepassados dos atuais habitantes que moraram no Camuciata e nas aldeias de índios do entorno e atualmente fazem parte da vida cotidiano dos moradores do Manco, como o tacho de cobre, de contribuição portuguesa; a rede do índio e a vassoura de veladinho do africano. Como são encontrados nas residências do povoado faremos fotografias dos objetos que estarão presentes no museu. 	<ul style="list-style-type: none"> - Na perspectiva da modelagem do Museu Virtual em uma abordagem socioconstrutivista a simulação dos objetos proporciona a imersão do visitante/ usuário no contexto cultural da época. - Vários princípios serão legitimados como por exemplo a polifonia, onde múltiplas vozes serão ouvidas com a presença de objetos da cultura material dos índios (a rede), dos negros (o veladinho) e a boneca de pano (do português). - Os objetos da tecnologia social, como o forno de fazer farinha, fogão a lenha, cortiço, entre outros, gerando o princípio da aprendizagem significativa com o contato do visitante a elementos da sobrevivência material dos moradores do Manco. - Os objetos de couro ressaltam o princípio do contexto e dialogismo na medida em que colocam em contato diferentes

<ul style="list-style-type: none"> - Casca de Angico. - Carro de Boi. - Bolachinha de goma - Pote de barro indígena. - Barreiro. - Mandiocas e manibas - Forno de fazer farinha. - Fifó. - Nincho de madeira com algumas imagens de madeira e barro em uma pequena mesa. - Colcha de retalhos - Fogão à lenha construído dentro de uma pequena cozinha no fundo de uma casa. - Carne seca pendurada em cordas no sol. - Pilão de café. - Ferramentas de trabalho: enxada, gadanho, cavadeira, arado. - Juazeiro - Cabaças cheias de água para beber, tampada com capuco de milho. - Fogueirinha feita de gravetos de madeira e uma carne salgada sendo torrada, com uma mochila cheia de farinha ao lado e rapadura. - Passagem feita de arame e estaca chamada de "vira bunda." - Rede de crauá, de pano e Imbé, aio para a pescaria e bocapios de pindoba e sacolas de palha de palmeira. - Artesanato com material reciclável. - Cacimba feita de barro com um tripé armado com uma roldana com um balde amarrado com uma corda para tirar a água. 	<ul style="list-style-type: none"> - Os objetos que se referem a tecnologia social e do trabalho e estão relacionados a sobrevivência dos moradores, como forno de fazer farinha, o fogão a lenha, pilão do café, o barreiro, a modelagem será feita baseada em fotografias, complementadas pela descrição dos atores históricos contemporâneos. Também utilizaremos imagens tiradas de obras regionais que retratam esses objetos. - Elementos do meio ambiente (fauna e flora), frutas típicas, raízes, alimentos serão representados fidedignamente como estão presentes na natureza e na forma como foram transformados e produzidos de acordo com as práticas culturais de cada etnia presente nos costumes, saberes e fazeres dos atuais moradores. 	<p>épocas que se interligam e reverberam na cultura material dos atuais moradores.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Essencialmente os objetos modelados ajudarão na interação do museu virtual, onde cada visitante que se aproximar poderá conhecer sua origem, tecnologia e função, e trazer suas reflexões sobre o seu uso e importância.
--	---	---

<p>■ Personagens:</p> <ul style="list-style-type: none"> - João Alfredo Dantas e coronel Anibal Dantas Filho sentados na varanda da frente da casa do Pau Ferro. - O velho Ângelo sentado de cócoras na varanda do Pau Ferro. - Joãozinho Borges e Maria de Bemém. - Cavaleiro pela estrada de tropa do Manco dando as alvíssaras pela realização de um casamento. - Personagem carregando duas cumbucas cheia de frutas do raso, como murta, pitomba, murici, capa rosa, mangaba, cobertas com folhas de mangueira. - Mário de Ângelo. - Lavadeiras no riacho lavando roupa ao lado do brejo do Manco. - Senhora nas margens do riacho Camuciatá carregando um pote de água apoiado em uma rodilha de pano na cabeça. Do outro lado morador tomando seu banho diário. - Hilda de Mário. - O casal Ana e Agapito e Marina e Nelsinho. - José Marcos e Celso Santana, na frente de uma cavalgada na pracinha do Manco. - Doceira Adelininha com colher de pau fazendo doce de banana, de goiaba e de leite em um tacho de cobre. - Bissuga vistoriando os cortiços de madeira para colher o mel da abelha Europa. - Parteira "Mãe Nena", senhora de 98 anos. - Senhora abençoando o neto. 	<ul style="list-style-type: none"> - A maior parte dos personagens serão representados através de fotografias selecionadas e com fotografias dos que já faleceram. - Destacaremos personagens envolvidos em algumas práticas culturais remanescentes dos antigos moradores da fazenda Camuciatá, que são originárias tanto da aldeia da Missão da Saúde, em Itapicuru, da casa grande e das senzalas do engenho. Esses saberes e fazeres, como as senhoras fazendo doce, os negros sambando, José Grilo e família fazendo farinha e os homens na roça, serão projetados através de filmagem e fotografia para que o visitante possa visualizar melhor como essas atividades são realizadas e ter uma aproximação maior da realidade. - 	<ul style="list-style-type: none"> - Os personagens simulados legitimarão o princípio dialógico e polifônico. A partir de suas práticas culturais, seus saberes e fazeres, suas crenças, formas de ver e pensar a existência entrarão e diálogo com o visitante compartilhando o seu cotidiano, suas vivências, experiências e formas de se posicionar no mundo. Eles contarão as suas histórias individuais e coletivas, em um coro de múltiplas vozes, mas nesse diálogo levantarão hipóteses e farão questões buscando colaboração e contribuições dos sujeitos históricos do mundo contemporâneo.
--	---	--

<ul style="list-style-type: none"> - Andrea com uma vassoura de velandinho varrendo o chão do quintal. - Alice sentada em uma esteira de taboa, embaixo de uma mangueira, brincando com uma bonequinha com roupa de chita. - Senhoras em procissão descendo a ladeira no sentido do rio Itapicuru carregando a imagem de São José entoando cantos e rezas para pedir chuva. - Senhora Soledade Lustosa. - Mário de Ângelo recitando o ABC do rio Itapicuru. - Carpinteiro João Lão e Nilton. - O senhor José Santana, contador de “estórias” - Vaqueiro José de Ângelo. - O carreiro João do gás, atrelando uma junta de bois para o carro de boi. - A profa. Arlete oferecendo uma bolachinha de gama e mostrando um pote de barro feito de forma artesanal. - Autor/pesquisador desse trabalho indo de carro de boi com sua avó Jesuína e seus irmãos do Camuciatá para o Manco para assistir a construção da casa de taipa da senhora Marcelina. - Grupo de homens e mulheres sambando e tocando pandeiro na porta da casa do sr. Antônio Rozendo. - As crianças Ana, Débora, Maria Eduarda, Rebeca e Alice brincando de cabra-cega, quebra pote, chicotinho queimado, roda, fita, entre outras, no terreiro da senhora Ana de Agapito. 		
---	--	--

<p>- O sr. José Grilo com a esposa Lurdes e as filhas Dica e Iraldice, com outros moradores do povoado, que sempre estão presentes, divididos nas tarefas da produção da farinha.</p> <p>- A senhora Bicota na sala de sua casa, iluminada por pequeno fifó, com folhas rezando uma criança contra mau olhado.</p> <p>- A senhora Isabel embaixo de uma rede pendurada em um cajueiro fazendo uma colcha de retalhos.</p> <p>- José Marcos, Nininho, Vicente, Marta, Joaquim, com enxadas na mão, plantando milho e feijão.</p> <p>- Homens, mulheres, crianças e idosos em outro mutirão fazendo a limpeza da plantação da mandioca.</p> <p>- Duas mulheres catando maxixe e língua de vaca na roça.</p> <p>- Roceiros embaixo de um juazeiro almoçando e com cabaças cheias de água para beber, tampada com capuco de milho, uma fogueirinha feita de gravetos de madeira e uma carne salgada sendo torrada, com uma mochila cheia de farinha ao lado e rapadura.</p> <p>- Cacá de Zé de Ângelo deitado em uma rede crauá pendurada na árvore descansando da labuta.</p> <p>- Senhora Marizete fazendo redes de crauá, de pano e Imbé, além de aio para a pescaria e bocapios de palha de pindoba e sacolas de palha de palmeira.</p> <p>- Armandina e Isabel fazendo esteira de Taboa.</p> <p>- Naura, Luiza e Núbia, filhas da senhora Marizete, em outra</p>		
---	--	--

<p>sala fazendo artesanato com material reciclável.</p> <p>- Senhor Nivaldo, marido da senhora Marizete e Sidmar comercializando carne de porco.</p>		
<p>■ Objetos de interação</p> <p>- Caixa de diálogo onde João Alfredo Dantas informa que durante certo tempo ele deu continuidade ao poder político da família que já tem 300 anos de tradição na região e que com o fechamento do sobrado e da casa da fazenda Mamão, com o falecimento de Arthur da Costa Pinto Dantas, a casa da fazenda Pau Ferro passou a ser o novo epicentro do poder político dos Dantas entre os anos de 2005 a 2015.</p> <p>- Caixa de diálogo onde o “velho Ângelo” expressa sua cultura perguntando ao visitante do museu se ele consegue ficar sentado de cócoras por mais de uma hora. Informa que os índios da região se sentavam dessa forma e não se cansavam.</p> <p>- Caixa de texto informando que era comum acontecer no Manco e na região uma prática cultural originária do medievo português que reverbera na contemporaneidade. Era o costume de se dar as “alvissaras”, que consistia em uma competição de cavaleiros para ver quem chegava na frente para primeiro anunciar a chegada de noivos, recém-casados, na casa dos pais. Aqueles que se dispunham a anunciar o casamento eram seguidos por um grupo grande de cavaleiros e amazonas e pelo próprio casal de noivos homenageados.</p> <p>- Caixa de diálogo onde visitante terá a oportunidade de ouvir o relato de João Borges neto do personagem</p>	<p>- Os documentos serão acessados através de caixas símbolo  devidamente indicadas. Foram selecionados de acordo com a presença e atuação dos personagens inseridos nos seus específicos contextos. A leitura de cada documento ajudará ao visitante compreender melhor as questões e reflexões levantadas pelos personagens no decorrer da visita do museu. O visitante terá a possibilidade de responder postando textos ou imagens.</p> <p>- Clicando no símbolo  o visitante poderá escutar um aboio, uma música de samba de roda e seu batuque; a voz de uma senhora rezando e cantando, o canto do mutirão.</p> <p>- Os quadros textos com a relação das palavras e falares de origem africana, indígena e portuguesa, bem como as toponímias dos povoados serão elaborados a partir de pesquisa de campo com os moradores da região, em rodas de conversa, onde serão coletados os dados. A construção dessa tabela irá proporcionar a percepção da linguagem como elemento de ligação e interação entre os atores históricos das diferentes épocas, ressaltando as</p>	<p>- Os objetos apresentados como possibilidade de interação estarão disponíveis através de símbolos que caso o visitante opte por acessar terá a oportunidade de melhor entender o contexto histórico, social, econômico do povoado do Manco e seus moradores e como ele reflete a cultura do engenho Camuciata, da vila de Itapicuru e o seu entorno. Também poderá vivenciar a experiência de se inserir no modus vivendi dos diferentes grupos étnicos que habitam no cenário do povoado representado, seja na sua cultura material como imaterial. Através desses objetos de interação se farão presente estratégias de uma aprendizagem significativa e soluções pedagógicas que estarão presentes nesse sistema educacional digital.</p>

<p>Joãozinho Borges contando como sua trisavó, descendente de escravos, recebeu as terras do povoado do Manco.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Caixa de diálogo onde será dado voz a Celso Santana, um dos últimos moradores do Camuciatá, e a José Marcos, morador do Manco. Eles irão explicar que a cavalgada é mais uma prática cultural que vem de Portugal medieval e reverbera na contemporaneidade, apenas com modificações nas suas motivações. O que há cinco séculos tinha uma função guerreira hoje é uma prática cultural de lazer comum a muitas cidades e povoados do interior da Bahia e do Brasil. - Caixa de texto contendo algumas receitas da doceria portuguesa, com ingredientes da terra. - Caixa de diálogo dará voz a personagem Andrea que dirá que sua vó aprendeu a varrer o terreiro com velandinho quando morava nas casinhas do Camuciatá. - Caixa de diálogo onde a senhora Soledade vai informar que a tradição de "Lavar os pés do santo" é de origem portuguesa, que sua mãe Getrudes já fazia e que contava que na grande seca de 1930 ela tinha saído em procissão para lavar os pés do santo no rio Itapicuru e que depois disso começou a chover. Ela diz também que é muito mais difícil para os moradores do Manco suportarem a seca, pois a maioria das roças não possuem riachos e fontes naturais, a não ser poços cartesianos, além das terras serem de baixa qualidade. - Caixa de áudio com o som dos benditos e rezas. 	<p>permanências.</p> <ul style="list-style-type: none"> - O mapa dos trabalhadores traz o nome dos antigos moradores da fazenda engenho Camuciatá que são os pais, avós e bisavós dos atuais moradores do Manco. Será um importante documento a ser modelado porque mostrará a continuidade da linha genealógico dos habitantes do povoado. A pesquisa e digitalização será feita a partir do original que se encontra no sobrado do Camuciatá. 	
--	--	--

- Caixa de texto informará que os “ABCS” recitados por alguns moradores da região são versos semelhantes a literatura de cordel e trovas portuguesas, de origem medieval, e que foram adaptadas pelo homem sertanejo e são ainda hoje feitos nos povoados da região por aqueles que tem habilidade para versos, prosas e repentes. Também explicará que muitas palavras utilizadas foram aprendidas por seus pais e avós e que praticamente só se usa lá na região, sendo consideradas como um português arcaico que não é mais utilizado na gramática atual.

- Caixa de diálogo onde José Santana conta que nos finais de semana se senta em um toco de madeira para contar históricas para crianças sentadas em esteira de taboa. O personagem perguntará ao visitante o que as crianças gostam de ouvir na atualidade.

- Caixa de diálogo onde será dado voz ao vaqueiro José de Ângelo que dirá que aprendeu com os mais velhos o uso da indumentária de couro e que nunca deixará de usar. Em seguida o jovem carreiro João dirá que seu pai carreava e seu avô também e que apesar de na atualidade muita gente no povoado de motocicletas ele faz questão de rodar com o carro de boi.

- Caixa de áudio onde poderá se ouvir o som de um aboio.

- Caixa de diálogo onde a professora Arlete dará a receita da bolachinha explicando que é um produto feito a partir da farinha de mandioca e que o pote de barro foi feito por índios.

-Caixa de áudio registrando o canto e batuque das pessoas no processo de construção de

<p>uma casa de taipa.</p> <p>- Caixa de diálogo onde José Maria explicará que no processo de construção de uma casa de taipa eles sapateiam em cima de um barreiro para que o barro desse a liga e ficasse no ponto de fazer o enchimento e grudar no “Pau do Oiteiro”. Em seguida ele perguntará ao visitante se ele costuma trabalhar de forma comunitária.</p> <p>- Caixa de diálogo onde o sr. Tota informará que o samba de pandeiro tocado no Manco é feito desde os tempos em que eles moravam nas senzalas no Camuciatá.</p> <p>- Caixa de diálogo onde a senhora Ana de Agapito informará que brincadeiras como cabra-cega, quebra pote, chicotinho queimado, roda, fita, entre outras existiam desde os tempos da fazenda engenho Camuciatá e que os ex-moradores transmitiram para seus netos e bisnetos e que apesar de menor frequência ainda servem de diversão para as crianças do povoado. A personagem perguntará quais as brincadeiras que as crianças brincam nos dias de hoje.</p> <p>- Caixa de diálogo onde José Grilo explicará que o trabalho em uma casa de farinha é sempre realizado de forma comunitária e em família configurando-se em uma prática muito antiga e que eles fazem questão de manter. Em seguida detalha o passo a passo da produção da farinha.</p> <p>- Caixa de diálogo dará voz</p>		
---	--	--

a D. Bicota que informará que aprendeu a reza para afastar o mal olhado com sua mãe e que essa oração é uma mistura de preces da igreja com rezas do povo. Também dirá que apesar de já ter luz elétrica no povoado, ela não dispensa o fifó e a vela. Em seguida recitará o trecho de uma reza.

- Povoados e localidades de Itapicuru com nomes com origem no vocábulo indígena e africano.

- Caixa de diálogo, onde o produtor de mel Bisuga dirá ao visitante que essa é uma tecnologia antiga que já era usada na casa do vaqueiro Manezinho situada ao lado do sobrado, há mais de cem anos atrás e que foi transmitida de geração em geração.

- Caixa de diálogo que dará voz a moradora Madalena Bento Batista, conhecida como "Mãe Nena". Ela tem 98 anos e é a parteira mais antiga da região. Ela vai informar que já fez mais de 100 partos e perguntará ao visitante se onde ele mora os partos são feitos por parteiras.

- Caixa de diálogo onde o personagem José Marcos dirá que a plantação de feijão e milho serve para o sustento das suas famílias e que praticamente não sobra excedente para venda.

- Caixa de diálogo trará Mário de Ângelo explicando que depois que a fazenda engenho Camuciatá foi sendo vendida faltou trabalho para os moradores do povoado e que com frequência todos procuram se unir em batalhão para se ajudar mutuamente. Ele informará que um roceiro e mondeiro ganha em média 50,00 reais por dia

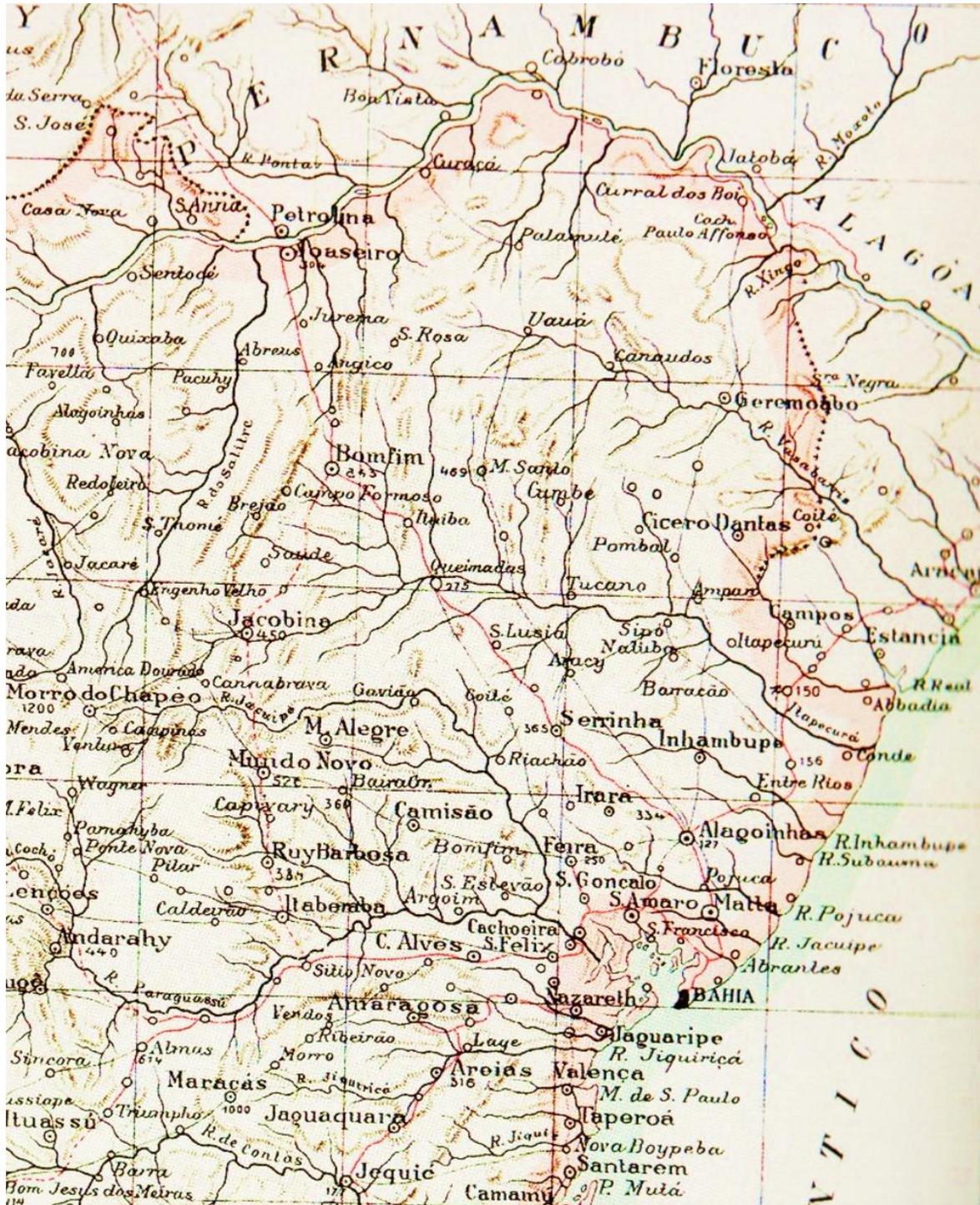
<p>trabalhando em uma fazenda. Se trabalhar os 05 dias da semana fará 250,00 por semana e 1.000,00 por mês. Essa renda é a única que tem muitas vezes para sustentar uma média de 06 a 08 filhos. Perguntará ao término de sua explanação quanto o visitante ganha por dia no seu trabalho.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Genealogia do ramo considerado “natural” da família Dantas que moram no Manco e possuem pequenas roças no povoado. Descendem da filha do coronel e comendador da Ordem da Rosa e de Cristo João Dantas dos Reis com uma escrava. – Genealogia do Velho Coronel. - Genealogia dos principais troncos familiares dos moradores do Camuciatá e atuais habitantes do Manco, como forma de registrar a historicidade desses sujeitos e atores históricos. - Toponímia dos povoados, localidades, estradas, sítios que estão no entorno do Manco, com nomes com origem no vocábulo indígena e africano. - Cantos para pedir chuva ao santo. - Calendário da divisão das águas do Camuciatá, seguindo o costume milenar que vem de Portugal. - ABC da Cheia do Rio feita por Mário de Ângelo. - Palavras e falares de origem indígena, português arcaico e africana usadas com mais frequência pelos moradores do Manco. - História de Trancoso. 		<ul style="list-style-type: none"> - A genealogia do ramo considerado “natural” dos Dantas será disponibilizada em um link onde o visitante poderá pesquisar e conhecer um exemplo clássico de união entre o descendente de português com uma escrava, gerando o tipo físico mestiço do povo brasileiro. - As receitas dos doces dadas pelas doceiras Bizé serão disponibilizadas no link “Elementos de nossa cultura”. - Esse calendário será disponibilizado no link “fontes para a história” para que o visitante possa ter contato com prática milenar que atravessou o Brasil colônia e império e está presente no século XXI. - A relação das palavras e falares será organizada em um quadro que está inserido no link “conheça nossa história” para ajudar o visitante a ter uma melhor compreensão dos contextos que serviram de base para a montagem do museu. - A narrativa da história de Trancoso contada pelo Sr José Santana (88) será colocada no link conheça nossa história para que o visitante possa ter contato com elementos da cultura local. - A melodia e a letra dos
--	--	--

<ul style="list-style-type: none"> - Aboio - Canto de batalhão na casa de Taipa. - Letra do samba de roda. - Canto e versos de plantação. - Canto de mutirão na roça - Mapa dos trabalhadores do Camuciatá e antepassados dos atuais moradores do Manco. 		<p>sambas, dos cantos e versos cantados no momento das plantações serão disponibilizadas no link “Elementos de nossa cultura” onde o visitante poderá ter contato com elementos da cultura local.</p> <p>- Esse documento será disponibilizado no link “conheça a nossa história”, onde o visitante poderá conhecer o cotidiano e as relações de trabalho e a economia de uma antiga fazenda da Bahia.</p>
--	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020

ANEXO B

ANEXO B1 – Mapa do Estado da Bahia publicado pelo Governo do Estado, desenhado por Theodoro Sampaio, 1925. – Observa-se a vila de Itapicuru nas margens do rio do mesmo nome e Canudos ao lado do rio Vaza Barris.



Fonte: Governo do Estado da Bahia. 1925.

Anexo B2 – Mapa do Estado de Sergipe e de parte do Nordeste da Bahia. Observa-se as cidades, povoados, fazendas, tabuleiros, rios e riachos no entorno da vila de Nossa Senhora de Nazaré de Itapicuru de Cima, inclusive a nascente do riacho Camuciata.



Fonte: Ministério da Viação e Obras Públicas. Inspetoria de Obras Conta a Seca. 1914.

Anexo B3 – Arquitetura típica das casas de Itapicuru e Olindina (Mucambo), no século XIX até meados do XX.



Fonte: Arquivo particular do geógrafo Osmar Barreto Borges.

Anexo B4 – 2ª igreja de Olindina (antigo Mucambo) no mesmo local da capela primitiva construída por incentivo de Antônio Conselheiro.



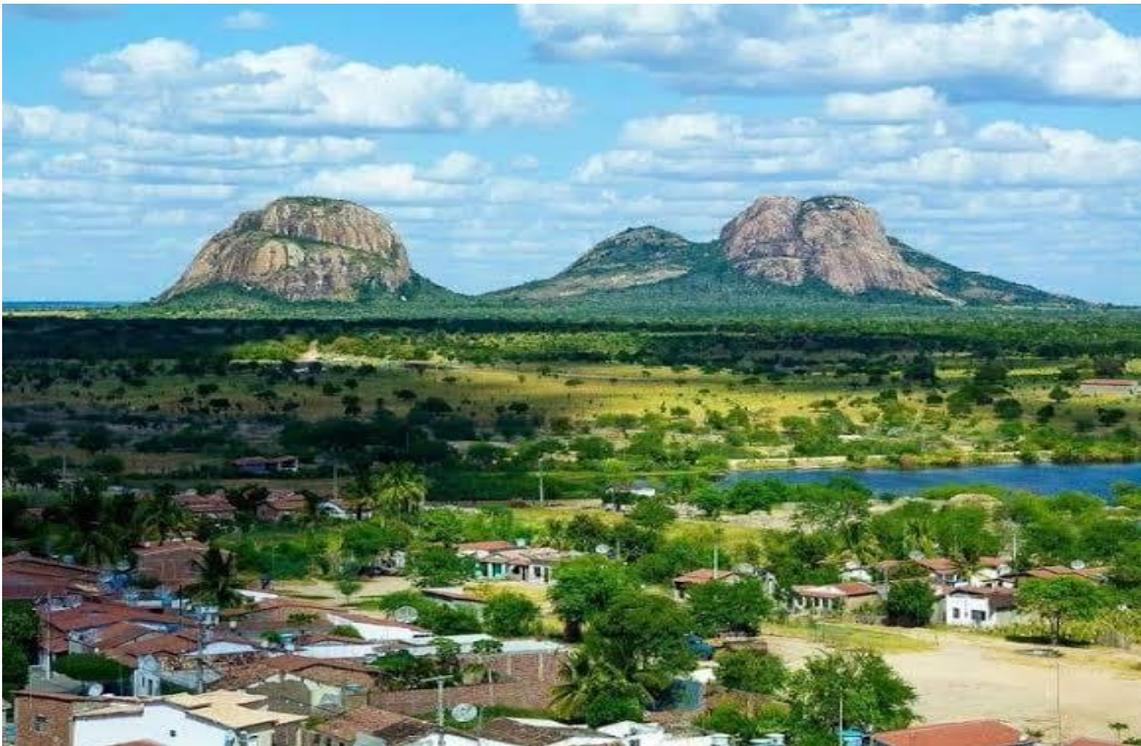
Fonte: Arquivo particular de Osmar Barreto Borges.

Anexo B5 – Ave Tiuiu que habita lagoas do sertão da Bahia. Por causa da presença dela esse sertão ficou conhecido como “Sertão do Tiuiu”. Era neste local que se situava a sesmaria de Baltazar dos Reis Porto, trisavô do Barão de Jeremoabo, procurador da Casa da Torre de Garcia d’Avila e que comprou a fazenda engenho Camuciatá, em Itapicuru.



Fonte: foto de Ronaldo Francisco.

Anexo B6 - Serra das Três Irmãs ao lado do rio do Peixe, afluente do Itapicuru, onde a ave Tiuiu habitava e deu o nome ao grande Sertão. Nesse local Baltazar dos Reis Porto, comprador do Camuciatá, tinha uma sesmaria.



Fonte: foto do arquivo privado do geógrafo Osmar Barreto Borges.

Anexo B7 – Sítio dos Reis, em Olindina, de propriedade do geógrafo Osmar Barreto Borges. Na frente passa a estrada construída pelo Barão de Jeremoabo em 1890 até a Estação de trem de Timbó.



Fonte: Arquivo particular do geógrafo Osmar Barreto Borges.

Anexo B8 – Oratório dos Santos Reis, no Sítio dos Reis, em Olindina (antigo Mucambo), onde acontece anualmente a festa do reisado.



Fonte: Arquivo particular do geógrafo Osmar Barreto Borges.

Anexo B9 – Sobrado da fazenda engenho Camuciatá, onde residia o barão de Jeemoabo e sua família. Desenhado em nanquim. – 1980.



Fonte: Maia, Tom. Velha Bahia. 1980.

Anexo B10 – Casa típica do povoado do Manco, semelhante as casas dos moradores e trabalhadores da fazenda engenho Camuciatá.



Fonte: fotografia de André Fernandes (2022).

ANEXO B11 – Relatório de algumas participações no link “Contato-Colabore: Deixe-nos uma mensagem”.

Você não identificou as pessoas dos depoimentos orais com os seus nomes.
Olhei o Museu. Parabéns pelo início do primeiro ciclo. Gostei das cores.
O Menu poderia ter outra organização, a exemplo: - Quem somos - algo institucional - O Povoado; localização, contexto, dados sociodemográficos - O Museu: - Acervo
Os vídeos foram elaborados por sua equipe? Se sim, não vi o nome das pessoas.
Lembrando da necessidade de ter o Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética, com os termos de consentimento livre.
Compartilhamento de relevância e felicidade. Obrigada por esse momento me escolher para tanto. Orgulho possuí-lo como um ente querido e familiar. Sinta-se abraçado com muito carinho e afeto.
Fantástico trabalho, parabéns pela dedicação a História da nossa família!!! Tenho que certeza de que Pai onde estiver, está vibrando com o seu trabalho E se aqui estivesse diria. “uma beleza “.
Sensacional a sua ideia, tema e iniciativa de trabalho. Ainda não acessei, mas farei com calma à noite. Depois que fizer, lhe darei um retorno.
Desde já gostaria de já lhe dar os parabéns pelo belíssimo e difícil trabalho a que se propôs. Mantendo viva a história e a memória da nossa família, da fazenda e do sobrado. Parabéns pela sua dedicação, comprometimento e competência! Terei um prazer imenso em assistir o conteúdo, que sabemos foi cuidadosamente preparado. Que você tenha muito sucesso na defesa da tese do seu doutorado.
Parabéns pela página. Divulguei em vários grupos até poro pessoal de Rio de Contas. Todos acharam fantástico! Espero que deixem manifestações.
Que maravilha! Tem relação com Ciência Cidadã, conhecimento, preservação da nossa história, etc. tá tudo conectado!
Fazer uma revisão geral.
As cores estão ótimas, a logo também.
Inserir uma aba “Sobre o Museu”, que vai falar do Museu Virtual, uma apresentação mais direta do museu que não vi. Não é sobre o projeto, mas o museu em si.
Revisão geral é preciso.
No resumo do projeto, os dois primeiros parágrafos estão praticamente iguais.
Nas fotos do curral de madeira, está escrito “colinização” ao invés de “colonização”.
Nas fotos de objetos de móveis, há muitas fotos repetidas.
Olá. parabéns pelo seu belo trabalho. solicito instruções para acesso aos

documentos. grato
A pesquisa histórica está muito rica e consistente. Gostei bastante da seção "Consulta ao Acervo -> Instrumentos de pesquisa.
Sugestões de Melhorias Achei com pouco aspecto de Museu, introduzir mais arte na apresentação do portal, das informações e dos acervos. Precisa ser mais imersivo e atrativo, de modo a despertar mais no usuário a curiosidade pela navegação no ambiente virtual.
Com relação a questão socioconstrutivista o ambiente é pouco mediador e carente de interatividade. Precisa introduzir mais elementos interativos e de multimídia que despertem nos usuários um maior desejo de participar e se envolver com o contexto e conhecimentos históricos apresentados.
No final da página Resumo do Projeto e o Museu poderia ter um botão Voltar para retornar à página anterior. No final da página Museu Virtual - História poderia ter um botão Voltar para retornar à página anterior.
Escurecer a fonte dos textos que ficam à direita das fotos nos acervos. Pode também aumentar um pouco o tamanho da fonte nas partes que contêm textos com fontes menores.
Muito bom este site. gostei e está de parabéns.
Antes de mais nada, parabéns pelo seu belo trabalho. Gostei muito da estética do site do museu e sobretudo da apresentação. O texto que apresenta o resumo do museu está muito bom e descreve bem o seu trabalho. Consigo perceber a difusão desse conhecimento sobre a história do Barão de Jeremoabo e do sobrado que construiu, preservado agora virtualmente com seu trabalho. A difusão dessa história é importante para futuras pesquisas sobre história do Brasil, do nordeste brasileiro, da Bahia, do local e sobre as diversas ações que o Barão se enveredou, como empresário do ramo açucareiro, político e escritor, entre outros.
O museu virtual possui uma visitação do tipo "museu digital de conteúdo", igual ao museu do terreiro de tumbeci, do Louvre e o "navegando nos mares da educação" do histedbr. É uma boa solução e está muito bem-organizada a fototeca, as coleções do seu contexto. O seu museu avança em relação a estes modelos anteriores, trazendo tanto as informações do museu virtual quanto do presencial.
Seria interessante, mas sei que também seria trabalhoso, que assim que a gente abrisse uma foto, que aparecesse mais detalhes, em texto, sobre a foto, caso tenha. Do modo como está, a solução que você deu está muito boa, de qualquer maneira.
Uma pergunta é: Você consegue realizar a estatística de acesso de cada documento acessado? Tipo, saber qual dos acervos é mais acessado e quantas vezes foi acessado e baixado? É uma informação estatística para ver qual o maior atrativo do museu para seus visitantes. Aliás, sugiro que nessa fase da pesquisa em que você se encontra, de aplicação do museu, que você já fizesse esse vendo o percurso que cada visitante faz ao acessar o site, qual página é mais acessada, qual é menos acessado, quais páginas atraem mais ou menos. Acredito que o google analytics ajuda nisso, caso seja previsto na metodologia e aplicabilidade do museu
Senti a falta de um mapa do site, isso facilita a navegação dentro do site. outra coisa também é um destaque para o mapa da região de Itapicuru, que está na primeira página. Apesar de já ter o "Localize o Museu" em todas as abas da navegação, poderia transformar o "localize o museu" num link para o mapa mostra para aqueles que não são da Bahia e queiram fazer uma visita presencial as distancias, um clique direto para o google maps.
Quando clico no link do criador do site, evertonpaixao.com.br , seria mais legal abrir em uma outra aba, mantendo a visitação do site aberta.
Os valores de R\$3 e R\$5 são para a visitação presencial correto?

Uma sugestão para o futuro seria usar uma câmera panorâmica (a maioria dos celulares tem o modo panorama em fotos) e fazer um visita virtual tipo "passeio virtual" como as que tem no site do museu do Louvre (<https://www.louvre.fr/visites-en-ligne>). Acredito que deva ter um campo na sua tese chamada "futuros ciclos de aplicação" e isso seria bom de você escrever na sua tese.

Eu sugiro colocar um tutorial de visita do site do museu. Eu senti muita facilidade em visitar cada uma das abas e links do museu, e acredito que nossos outros colegas devem ter sentido a mesma facilidade e tranquilidade. Mas, por mais intuitivo e fácil que está a visitação, um pequeno texto explicando cada um dos links do site traz uma nova dimensão a outros públicos que irão visitar, e imagino que a presença de um documento como esse é bom pra sua tese acadêmica. Parabéns!

Parabenizo este belo trabalho de resgate e valorização histórica. Cicero, foi um homem que viveu além do seu tempo, apesar das Condições estruturais de acesso a Itapicuru e seu belo palacete, ele demonstrou que vivemos hoje o melhor possível, mas deixar legados para gerações futuras, nos faz diferentes dos demais, são essas pessoas que impulsionam nosso planeta para algo maior e melhor. Tenho certeza de que Alvaro, tem se destacado em mostrar esse grande homem. Que o museu do Nordeste frutifique e muito!

Parabéns pelo trabalho!!! A única dificuldade que tive (não vi o tutorial, fui direto...) foi que como abri no celular, ao clicar no item do acervo, não via que as fotos abriam lá embaixo já que o índice é grande. Parecia carregando, mas eu não via as fotos. Até que insistindo acabei clicando num dos últimos itens e aí percebi que a foto abria embaixo. A minha SUGESTÃO é que as FOTOS abram logo abaixo do TÍTULO. Sucesso!!!

Gostei tanto da foto de Dinda Romana, me deu muita saudade.

Muito bom ter nossa história preservada e demonstrada neste belo trabalho Parabéns.

Fantástico! Inenarrável ler todo o texto e acessar ao Museu. A família Dantas só agradece e enriquece seus corações com tamanha beleza e amorosidade a todos nós e ancestrais. Parabéns!

Esse trabalho é muito importante para preservar a memória da história Brasileira. Consiste também em fazer história. Parabéns.

Reconhecemos o valor do instituto museu do nordeste Barão de Jeremoabo pela importância que tem o fomento da história através de cada item exposto aos visitantes que tem a oportunidade de conhecer e viajar pelos detalhes de cada objeto; dos manuscritos, vídeos e outros elementos que nos retrocede a outras épocas e suas peculiaridades. O Museu sempre será um guardião da história de seu povo. Em sua diversidade estão garantidas a memória, os costumes, raízes e tradições dos hábitos, crenças e TRADICÕES.

Adorei a ideia de museu. Assim podemos conhecer mais sobre a região. Fiquei impressionada com os detalhes e quantidade de material disponibilizado. Realmente devo dizer que é o site/museu favorito. Fiquei encantado com os detalhes das fotos, descrição e valorização das pessoas que ainda residem na região. Muito incrível. Parabéns pelo lindo trabalho e obrigada por compartilhar conosco. Muito sucesso.

Em nome de todos os filhos de Itapicuru/Ba venho agradecer o tema do seu

<p>TRABALHO de DOUTORADO. Muitas pessoas não conhecem a história da nossa cidade, e através deste trabalho não só os Itapicuruenses irão conhecer, mas agora o mundo inteiro. Gratidão!</p>
<p>Parabéns por contar a nossa história, por mostrar a história de Itapicuru para o mundo. Esse seu trabalho vai possibilitar que muitas pessoas tenham conhecimento da importância de Itapicuru dentro do contexto do processo de independência da Bahia e do Brasil. Parabéns e um grande abraço!</p>
<p>O Museu virtual do Instituto museu do nordeste barão de Jeremoabo, não é apenas um instrumento de divulgação, também é uma fonte de pesquisa sobre a historiografia e a cultura baiana, sobretudo do município de Itapicuru.</p>
<p>Parabéns por essa iniciativa. Já visitei o instituto museu do nordeste Barão de Jeremoabo fiquei encantada, uma obra magnífica e preservada. Fico muito feliz que com essa possibilidade do museu on-line outras pessoas no Brasil e no mundo poderão conhecer uma PARTE riquíssima da história do nordeste brasileiro, especificamente na Bahia. Muito obrigada.</p>
<p>A estrutura do site é bastante fluída e de fácil compreensão. Realmente da vontade de observar todos os detalhes expostos nele.</p>
<p>Só é possível digitar aqui em caixa alta, seria bom rever isso.</p>
<p>O site está muito bom. Seria interessante colocar o link do museu no google para quando acessar pelo google maps, por exemplo, conseguir entrar direto na página do museu.</p>
<p>Felicito pelo belíssimo trabalho.</p>
<p>Existem fotos que são em formato paisagem e estão publicadas em formato retrato.</p>
<p>Além disso não existe descrição sobre a fotografia quando clica nelas. O Usuário navega, mas precisa fechá-las para ler a descrição.</p>
<p>Algo que, logo na página inicial, convide para uma visita ao museu. um texto de apresentação mesmo, ainda que sucinto, mas sobre o museu especificamente.</p>
<p>Na primeira página tem logo de cara: sobre o projeto. isto poderia ficar mais adiante, pois não é estimulante a não ser que você seja aluno da pós. mais tem que manter o foco do visitante no museu; e o foco do museu no visitante.</p>
<p>Criar um espaço do museu escola, onde o museu possa interagir com alunos da educação básica; criar eventos onde estejam estudantes da E.B. e da pós também é bacana. aproxima as duas instâncias. e pode ser virtual.</p>
<p>Criar um espaço para as atividades: palestras, encontros online; debates etc. atividades de formação para professores da rede sobre a temática, também é bem bacana. divulgar tudo nas redes. até mesmo uma palestra sobre a construção do museu, com um vídeo etc. é isto. um abraço e parabéns</p>
<p>A página é visualmente impecável. Fácil de interagir e intuitiva. A sugestão de melhora seria ao carregar o link da imagem que você quer ver, ele carrega na parte de baixo da página. Penso que poderia ser melhor se, ao clicar, a imagem carregasse na tela principal do usuário.</p>
<p>Outra questão importante seria o domínio não ser .com que é comercial e sim estar ligado a uma página oficial ou .org. No país, trabalho maravilhoso!</p>
<p>Queria parabenizar pelo projeto, o museu está bem estruturado, mostra uma</p>

<p>organização bem elaborado, os tons claros do museu deixam a visualização mais nítida, a organização foi bem feita e apresenta em sua estrutura uma pesquisa bem elaborada junto a isso, as imagens e vídeos ajudam a complementar toda a estrutura do projeto.</p>
<p>Gostei muito da organização do Museu. As cores, a disposição das informações etc. As informações básicas, a beleza das fotos é atraente ao visitante.</p>
<p>O presente museu virtual é um projeto com uma interface de fácil manuseio, didática e intuitiva. A impressão era que estava acompanhando uma aula de História. Os links e hiperlinks indicados na barra superior facilitam o entendimento do conteúdo e da proposta do museu.</p>
<p>Senti falta de mapas que pudessem ajudar ao usuário a identificar a localização do museu, a partir de várias regiões do nordeste e as fronteiras com outras cidades.</p>
<p>Senti falta de um esclarecimento sobre a natureza do museu, tendo em vista que a primeira impressão é que se abrirá alguma aba para visualização de um museu virtual 3D, e o que está exposto (e muito bem-feito) é uma proposta virtual (diferente de digital) pois expõe apenas os acervos históricos.</p>
<p>Parabéns! O museu é um grande instrumento educativo carregado de história, identidade e saberes do povo. Esse será um grande legado para comunidade local e para a história brasileira.</p>
<p>O material está bem didático, ATRATIVO e de fácil navegação. Poderia APENAS, no Futuro, incluir uma linha do tempo.</p>
<p>Também seria interessante pensar em disponibilizar nos instrumentos de pesquisa, uma listagem do Acervo Museológico, já que há As Listagens do acervo do Arquivo e da biblioteca. Em contato seria um facilitador incluir um mapa de geolocalização tipo googlemaps.</p>
<p>Eu gostei muito do museu. Mesmo morando aqui, aprendi muitas coisas novas sobre a história da região.</p>
<p>Acervo muito rico. PARABÉNS pelo trabalho desenvolvido. Esse trabalho proporciona uma fonte de investigação para a sociedade.</p>
<p>O layout está muito bonito e funcional. O acervo tem seu destaque. Com um conteúdo bem aprofundado, é impossível não se envolver com a história da Vila de Itapicuru, Engenho Camuciata e Povoado do Manco.</p>
<p>Deveria ter um link no menu superior para ele, assim como as demais páginas. Sugestão: Colocar âncoras (link que redireciona para alguma parte da página - a utilização das âncoras facilita a navegabilidade na página, pois não o usuário precisa ficar utilizando a barra de rolagem para ir para o início da página, por exemplo) nas páginas: http://museubaraodejeremoabo.com.br/museu-virtual-fotos.php http://museubaraodejeremoabo.com.br/museu-virtual-videos.php</p>
<p>Gostaria de parabenizar o trabalho desenvolvido. Está muito bem estruturado, a parte estética do site está muito bonita e organizada. O conteúdo é bastante relevante e rico.</p>
<p>Parabéns pelo lindo projeto, muito bem-organizado e didático e gostei muito das cores. O layout está lindo demais.</p>

Seu trabalho sobre o museu do barão de Jeremoabo está encantador e retrata com muita fidedignidade a sensação de visitar o meu presencialmente. a organização do conteúdo do museu digital está muito bem-disposto e atrativo, bem como a organização de todo o acervo.

Primeiramente gostaria de parabenizar pela construção deste belíssimo espaço de aprendizagem, permitindo conhecer ainda mais sobre a história da vila de Itapicuru e os seus desdobramentos

O espaço do museu virtual há quatro colunas de interação (sobre o projeto, história, o acervo de fotos e galeria de vídeos), ao acessar cada ambiente desse, o visitante (ao final da leitura) pode ou voltar a tela pelo navegador ou acessar o painel superior. acredito que seria interessante (e mais fluido) ao final de cada texto, ter hiperlinks que leve o visitante aos demais ambientes, no qual ele pode acessar de modo linear ou de modo livre, sem precisar voltar a página ou acessar o painel geral que fica ao superior da tela.

No acervo de fotos, não vejo a importância de ter na página principal deste ambiente o menu lateral com as mesmas informações dos ambientes em que o visitante pode acessar, haja vista, que na lateral direita há as mesmas informações com fotos e legendas. acho válido esse menu lateral, mas dentro de cada acervo, como forma de transitar entre as "salas virtuais", como já existe.

Ao clicar nas fotos para ampliar, seria interessante também ter a legenda da foto na versão ampliada da foto, pois como o layout induz o usuário a transitar entre as fotos no modo ampliado (através das setas), se ele assim o fizer, não tem como visualizar a legenda, precisando assim, fechar, ler a legenda e depois abrir a foto novamente (espero que tenha entendido o comentário rsrsrs)

ANEXO B12 – Relatório de algumas participações no link “Dialogue com o Museu”.

<p>Sistematizar os dados organizando os documentos com mais objetividade em suas respectivas séries.</p>
<p>Acrescentar registro às fotos do museu, de forma que o museu fique mais propriamente apresentado conforme as teorias da arquivologia e museologia.</p>
<p>Acrescentar mais socioconstrutivismo ao museu, criando, por exemplo, uma capacidade do visitante passar e-mails sobre suas impressões, contribuições e críticas ao museu.</p>
<p>Uma página de abertura com o logo do casarão, uma pré-entrada mais interativa, com “vamos navegar”.</p>
<p>Achei muito bom também as coleções de vídeos, bem filmados, inclusive as feitas com um drone. Muito legal.</p>
<p>O arquivo histórico está muito bom também. Dentro do Programa Aldir Blanc Bahia está prevista a transcrição dos textos de cada um dos documentos históricos? Isso seria muito interessante de ter. A divulgação do índice da Biblioteca Joao da Costa Pinto Dantas Junior é fantástica. É uma grande ação para a difusão desse material.</p>
<p>Considero um museu muito bem estruturado e rico em informações históricas e com coleções e seus acervos impressionantes. Confesso que levei horas mergulhada nas coleções que nos conduz a uma imersão na história que conecta o local ao regional e Brasil. Cada coleção instiga a visita de outras. Ressalto ainda que a visita virtual desperta a curiosidade e vontade de poder conhecer o museu físico, porque o grau de preservação de objetos, espaços arquitetônicos e iconográfico são incríveis.</p>
<p>Após Aprecível visita, sugiro duas propostas de melhorias: A primeira é uma opção de visita guiada, que funciona como meio de acessibilidade, mas também de praticidade. A segunda é que senti falta de mapas que melhor representasse os locais trabalhados. Um exemplo, foi quando aborda a linha do tempo e trabalha o contexto, no qual Trata dos caminhos das boiadas e chega a Itapicuru, caberiam ótimos mapas ou cartogramas (antigos) com legendas que pode nos ajudar na localização.</p>
<p>Faltou uma foto de João de Naninha.</p>
<p>Está muito boa a página! Parabéns! Gostei do detalhe da construção da "Estrada do Barão"... na seção de Documentos o link para o Livro de Nascimentos, Batizados, Casamentos e óbitos da família e amigos infelizmente não abre...</p>
<p>No acervo de fotos (Coleção cultura africana) aparece uma casa azul de portas verdes com amplo alpendre central (homens tocam pandeiro na frente). Esta edificação tem planta muito similar às casas bandeiristas de São Paulo do século XVII e XVIII. Vale a pena fazer um estudo detalhado para verificar se esta tradição construtiva é de raízes antigas.</p>
<p>Uma possível contribuição geográfica-histórica: A sesmaria concedida a Balthazar dos Reis Porto (antepassado do Barão de Jeremoabo) localiza-se no antigo Sertão do Tiuiu entre os municípios de Santaluz e Queimadas. Sobe da margem direita do Rio Itapicuru pelo Rio do Peixe (ainda existe um povoado Rio do Peixe de Santaluz às margens deste rio intermitente, é cortado pela Ferrovia Centro Atlântica) com 6km de largura e 18 km de comprimento (cerca de 12.000 ha) até as Serras das</p>

Três Irmãs (hoje Serra da Caraconha em Santaluz) próximo ao atual povoado Riacho da Onça (Queimadas). Nesta área atualmente encontramos a Fazenda Morrinhos de de José Juracy Pereira, propriedade que permanece na posse da mesma família há cerca de dois séculos (segundo informação do proprietário). A Fazenda Morrinhos é oficialmente uma Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN). A sesmaria de Balthazar era vizinha à Poço Grande que pertencia a seu sogro Francisco Gonçalves Leite. Poço grande hoje é um povoado do município de Araci e está instalado às margens do grande açude de mesmo nome. O Sertão do Tiuiu foi descrito em 1755 pelo vigário da Freguesia de Sant'Anna e Santo Antônio de Tucano, Padre Francisco Cabral de Souza e no Alvará de Concessão da Sesmaria a Balthazar de 12 de dezembro de 1753 (APEB – Livro Patentes e Provisões Reais 1751-1757). As descrições de limites são imprecisas, pois em meados do século XVIII a região era mal conhecida, não mapeada e bastante despovoada principalmente por conta das secas periódicas e da falta de corpos d'água permanentes. Acredito que foi publicada por Dantas Júnior num livro da genealogia da Família Dantas.

A sesmaria concedida a Balthazar dos Reis porto (antepassado do Barão de Jeremoabo) deve sua denominação muito provavelmente à ave pernalta que frequenta lagoas temporárias no sertão quando da época das chuvas. é o tuiuiu que popularmente pode designar duas espécies aparentadas: o jaburu (*Jabiru mycteria*) e o Cabeça-seca (*Mycteria americana*). A ave já é assinalada na Bahia por Gabriel soares de Souza em 1587 com a grafia tuyuyú. Na Fazenda Morrinhos (localizada nas proximidades do limite sul da sesmaria) há uma lagoa temporária onde foram observadas estas aves em várias ocasiões.

A estrada das boiadas dos Garcia d'ávila Vinha de Salvador por Abrantes (Camaçari), passava por Capuame (dias Dávila), alagoinhas, Inhambupe, mocambo (Olindina), Natuba (nova Soure), Canabrava (ribeira do pombal), Jeremoabo, glória e pambu, já no rio São Francisco. O frei capuchinho francês Martinho de Nantes percorreu esta estrada em 1672 para reclamar ao governador geral da violência dos Garcia d'ávila contra as missões de índios. Deixou um relato publicado com o título relação de uma missão no rio São Francisco. Não sei se havia um desvio desta estrada para passar na vila de Itapicuru atravessando o rio de mesmo nome.

Tem algumas questões que me chamam atenção no projeto, por exemplo, a intenção dele. Se a intenção for criar um instrumento de pesquisa focado apenas na disponibilização do catálogo dos documentos relacionados ao Barão, então está maravilhoso. Agora, eu deixo aqui como sugestão, fazer desse museu um instrumento de pesquisa que foque não só não disponibilização do acervo de forma mais rápida, mas que pense na preservação e conservação do acervo. Logo, a sugestão é de ampliar a proposta e fazer algo como o Family Search, Projeto Resgate, Documenta Palmares, Atom (FPC) e etc., que são acervos digitais. Onde a disponibilização do acervo é facilitada através da digitalização e inclusão do acervo no site, o que contribui para preservação do documento e na conservação, já que o acesso ao documento seria limitado justamente para condicionar os devidos cuidados de restauração e acondicionamento do documento de forma adequada.

Abrir um espaço com recortes de periódicos digitalizados referentes a família do barão e descendentes

Imagens do chalé (antiga residência do barão na sede do município de Itapicuru

<p>(atual fórum barão de Jeremoabo). - Imagens da fazenda Caritá onde o barão nasceu, da casa do barão em Salvador e em Cícero Dantas, esta última ainda existe - imagens do túmulo do barão na igreja de Cícero Dantas e da baronesa na igreja de Itapicuru, bem como do MAUSOLÉU. - Imagens do solar do barão do rio real em Salvador, seria interessante para os pesquisadores associarem o parentesco e questões políticas relacionadas a época. - Fotografias de Mariana da Costa Pinto Dantas (madre Teresinha do menino Jesus Dantas) com os papas Paulo VI e João Paulo II o tema envolve também a história das ursulinas no Brasil de autoria da mãe que foi a autora do livro do mesmo título. - Fotografia de Góes Calmon no Camuciá.</p>
<p>Senti falta na página inicial de um mapa informando a localização e a descrição das características físicas. Indiciando o bioma do local e a distância para Salvador e demais cidades importantes. É muito importante estes dois elementos para quem não conhece, daí facilita a interpretação de seu contexto.</p>
<p>Falta um convite ao visitante na primeira página. despertar a vontade do visitante em percorrer as ofertas do museu. despertar a curiosidade sobre a temática: um evento histórico (meio que notícia da época; uma ocorrência ou coisa assim) para instigar o visitante. uma interação também: vamos lá conhecer? você vai se encantar com... etc. fazer promessas, chamadas tete a tete para o visitante se interessar. percebo que está feito muito para o âmbito acadêmico e acho que um museu desta natureza deve deslocar um público mais amplo. t</p>
<p>Ter um espaço também onde o visitante registre suas impressões. tornar a visita virtual em algo mais próximo do presencial. Tipo: o que você achou da visita? o que lhe fez falta? sugira eventos e atividades! fazer divulgação no Insta e no Face.</p>
<p>Indico, se possível que a cor da fonte usada fosse preta automática, e se possível tivesse áudio descrição para as pessoas que não podem visualizá-lo. No mais, parabéns pelo trabalho.</p>
<p>Vocês podem falar sobre os trabalhadores antigos do sobrado, como Zé Castigo e outros. Contar o pouco sobre eles e os trabalhos que eles faziam.</p>
<p>O museu está muito bom. Como sugestão vocês podem filmar uma época de plantação, como feijão ou mandioca. Podem mostrar limpando a terra, plantando e colhendo.</p>
<p>Adorei o museu. Deixo a sugestão de falar sobre a escola que ficava ao lado do sobrado e a maioria dos moradores mais velhos da região aprenderam a ler lá.</p>
<p>Deixo como sugestão a modelagem do ambiente para plataformas mobile. Bem como, quando ao clicar em cada categoria de ACERVO, seja disponibilizado um resumo geral do ACERVO que será desdobrado nas fotos.</p>
<p>Alterar a imagem do menu Coleção Vila de Nossa Senhora de Nazaré de Itapicuru de Cima, pois tem a mesma imagem que a Coleção Utensílios de Couro e Corda.</p>
<p>Penso que na parte que tem a "linha do tempo" poderia ter mais informações, um aprofundamento teórico maior. Não sei se existem condições materiais (fontes, recursos etc.) para tal ou se foge da proposta do trabalho, mas quando li tive a sensação de que poderia ter mais conteúdo. Parabéns pelo trabalho.</p>
<p>Acho que seria interessante, também, ter um livro virtual de assinaturas, tal como</p>

ainda existe em alguns museus físicos. Seria uma opção para registro do nome, cidade e país no qual reside o visitante, caso ele não queira registrar uma mensagem. Sugiro que data de nascimento e endereço completo sejam itens opcionais aqui nesse espaço.

Salvador é um museu a céu aberto. Hoje em dia o seu Centro Histórico se encontra em um grau de conservação bem melhor do que já foi em um passado recente. Lá podemos encontrar diversos casarões em boas condições de uso, igrejas, construções governamentais e as famosas rodas de capoeira.

Quando eu era menino morei no Bairro da Cidade Nova e lá era abundante um melão pequeno amarelo com as sementes vermelhas. Nós chamávamos de Melão do Mato, mas é conhecido também como Melão de São Caetano.

Penso que poderia inserir algumas imagens na parte da cronologia história de Itapicuru, assim como, nas demais partes textuais do trabalho.

O ano de 1573 é o marco inicial da linha e tu cita a presença dos tupinambás neste local, eles são os primeiros povos dessa região? houve alguma outra etnia além dos tupinambás antes da chegada dos Garcia d'ávila? fiquei curioso rrsrrsrs

Em 1602 você cita os primeiros mocambos, fiquei curioso em saber nesta região, quais etnias do continente africano era comum nesta região, se eram bantus, gêges ou outros, de modo que tenha uma noção maior de quais povos e etnias se interagiram e que fizeram parte (e fazem ainda através dos seus descendentes) da região. no mais, achei muito rico o trabalho, com um acervo fotográfico, histórico e midiático fantástico. congratulo pela dedicação, cuidado e esmero por construir esse maravilhoso trabalho e preservar uma parte da história do nosso estado. sucesso!!!

